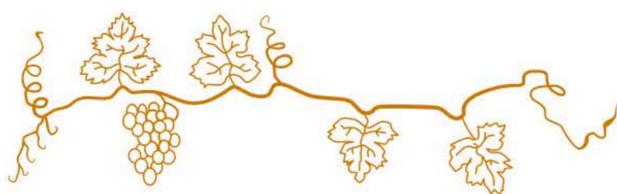
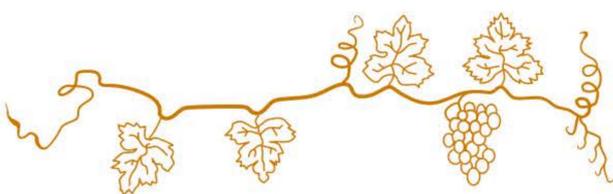




O Evangelho
Redivivo

 **LIVRO IV** 

**ESTUDO INTERPRETATIVO DO
EVANGELHO SEGUNDO LUCAS**



O EVANGELHO **REDIVIVO**

LIVRO IV
ESTUDO INTERPRETATIVO DO
EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

Organização-Coordenação

Marta Antunes Moura

O EVANGELHO REDIVIVO

LIVRO IV
ESTUDO INTERPRETATIVO DO
EVANGELHO SEGUNDO LUCAS



Copyright © 2022 by
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

1ª edição – 1ª impressão – 1,5 mil exemplares – 1/2023

ISBN 978-65-5570-433-4

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB
SGAN 603 – Conjunto F – Av. L2 Norte
70830-106 – Brasília (DF) – Brasil
www.febeditora.com.br
editorial@febnet.org.br
+55 61 2101 6161

Pedidos de livros à FEB
Comercial
Tel.: (61) 2101 6161 – comercial@febnet.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Federação Espírita Brasileira – Biblioteca de Obras Raras)

M929e Moura, Marta Antunes de Oliveira de (Org.), 1946–

O evangelho redivivo: estudo interpretativo do evangelho segundo Lucas / organização de Marta Antunes de Oliveira de Moura. – 1. ed. – 1. imp. – Brasília: FEB, 2023.

V. 4; 410 p.; 25cm

Inclui referências

ISBN 978-65-5570-433-4

1. Espiritismo. I. Federação Espírita Brasileira. II. Título.

CDD 133.9

CDU 133.7

CDE 60.07.01

SUMÁRIO

Agradecimentos	9
O Evangelho e o futuro	10

LIVRO IV

Estudo Interpretativo do Evangelho segundo Lucas 15

TEMA 1 – O EVANGELHO DE LUCAS	16
-------------------------------------	----

PARTE I

Nascimento e vida oculta de João Batista e de Jesus 33

TEMA 2 – PRÓLOGO. ANÚNCIO DO NASCIMENTO DE JOÃO BATISTA. A ANUNCIAÇÃO. A VISITAÇÃO (LC 1:1 A 45)	34
TEMA 3 – O CÂNTICO DE MARIA. NASCIMENTO DE JOÃO BATISTA E VISITA DE VIZINHOS. CIRCUNCISÃO DE JOÃO BATISTA. O <i>BENEDICTUS</i> E VIDA OCULTA DE JOÃO BATISTA (LC 1:46 A 80) ..	44
TEMA 4 – NASCIMENTO DE JESUS E VISITA DOS PASTORES. CIRCUNCISÃO E APRESENTAÇÃO DE JESUS NO TEMPLO. O CÂNTICO DE SIMEÃO (LC 2:1 A 32)	50
TEMA 5 – PROFECIA DE SIMEÃO. PROFECIA DE ANA. VIDA OCULTA DE JESUS EM NAZARÉ. JESUS ENTRE OS DOUTORES. AINDA A VIDA OCULTA EM NAZARÉ (LC 2:33 A 52)	59

PARTE II

Preparação do Ministério de Jesus..... 67

TEMA 6 – PREGAÇÃO E PRISÃO DE JOÃO BATISTA. BATISMO E GENEALOGIA DE JESUS (LC 3:1 A 38).....	68
--	----

PARTE III

Ministério de Jesus na Galileia 79

TEMA 7 – TENTAÇÃO NO DESERTO. JESUS INAUGURA SUA PREGAÇÃO. JESUS EM NAZARÉ (LC 4:1 A 30).....	80
TEMA 8 – JESUS ENSINA EM CAFARNAUM E CURA UM ENDEMONIADO. CURA DA SOGRA DE SIMÃO. DIVERSAS CURAS. JESUS DEIXA SECRETAMENTE CAFARNAUM E PERCORRE A JUDEIA (LC 4:31 A 44).....	89
TEMA 9 – VOCAÇÃO DOS QUATROS PRIMEIROS DISCÍPULOS. CURA DE UM LEPROSO E DE UM PARALÍTICO. VOCAÇÃO DE LEVI. REFEIÇÃO COM OS PECADORES NA CASA DE LEVI. DISCUSSÃO SOBRE O JEJUM (LC 5:1 A 39)	96

TEMA 10 – AS ESPIGAS ARRANCADAS. CURA DE UM HOMEM COM A MÃO ATROFIADA. ESCOLHA DOS DOZE. AS MULTIDÕES SEGUEM JESUS (LC 6:1 A 19).....	108
TEMA 11 – DISCURSO INAUGURAL. AS BEM-AVENTURANÇAS. AS AMEAÇAS. O AMOR AOS INIMIGOS. MISERICÓRDIA E GRATUIDADE. CONDIÇÕES DO ZELO. NECESSIDADE DA PRÁTICA (LC 6:20 A 49)	115
TEMA 12 – CURA DO SERVO DE UM CENTURIÃO. RESSURREIÇÃO DO FILHO DA VIÚVA DE NAIM (LC 7:1 A 17).....	126
TEMA 13 – PERGUNTA DE JOÃO BATISTA E TESTEMUNHO QUE LHE PRESTA JESUS. JULGAMENTO DE JESUS SOBRE SUA GERAÇÃO. A PECADORA PERDOADA E QUE AMA (LC 7:18 A 50)	132
TEMA 14 – A COMPANHIA FEMININA DE JESUS. PARÁBOLA DO SEMEADOR. POR QUE JESUS FALA EM PARÁBOLAS. A EXPLICAÇÃO DA PARÁBOLA DO SEMEADOR. COMO RECEBER E TRANSMITIR O ENSINAMENTO DE JESUS (LC 8:1 A 18).....	140
TEMA 15 – OS VERDADEIROS PARENTES DE JESUS. A TEMPESTADE ACALMADA. O ENDEMONIADO GERASENO (LC 8:19 A 39)	149
TEMA 16 – CURA DE UMA HEMORROÍSSA. A RESSURREIÇÃO DA FILHA DE JAIRO (LC 8:40 A 56)	159
TEMA 17 – MISSÃO DOS DOZE. HERODES E JESUS. VOLTA DOS APÓSTOLOS E MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES. PROFISSÃO DE FÉ DE PEDRO. PRIMEIRO ANÚNCIO DA PAIXÃO. CONDIÇÕES PARA SEGUIR JESUS. A VINDA PRÓXIMA DO REINO (LC 9:1 A 27).....	166
TEMA 18 – A TRANSFIGURAÇÃO. O ENDEMONIADO EPILÉTICO. SEGUNDO ANÚNCIO DA PAIXÃO. QUEM É O MAIOR. USO DO NOME DE JESUS (LC 9:28 A 50).....	177

PARTE IV

A subida para Jerusalém 187

TEMA 19 – MÁ ACOLHIDA NUM POVOADO DA SAMARIA. EXIGÊNCIAS DA VOCAÇÃO APOSTÓLICA. A MISSÃO DOS SETENTA E DOIS DISCÍPULOS. QUAL É O MOTIVO DE ALEGRIA PARA OS APÓSTOLOS. O EVANGELHO REVELADO AOS SIMPLES. O PAI E O FILHO. O PRIVILÉGIO DOS DISCÍPULOS (LC 9:51 A 62; LC 10:1 A 24).....	188
TEMA 20 – O GRANDE MANDAMENTO. PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO. MARTA E MARIA (LC 10:25 A 42)	201
TEMA 21 – O PAI-NOSSO. O AMIGO IMPORTUNO. A EFICÁCIA DA ORAÇÃO. JESUS E BEELZEBU. INTRANSIGÊNCIA DE JESUS (LC 11:1 A 23).....	209
TEMA 22 – RETORNO OFENSIVO DO ESPÍRITO IMPURO. A VERDADEIRA BEM-AVENTURANÇA. O SINAL DE JONAS. DOIS DITOS SOBRE A LÂMPADA. CONTRA OS FARISEUS E OS LEGISTAS (LC 11:24 A 54)	217

TEMA 23 – FALAR ABERTAMENTE E SEM TEMOR. NÃO ENTESOURAR. ABANDONAR-SE À PROVIDÊNCIA. VENDER OS BENS E DISTRIBUIR AOS POBRES (LC 12:1 A 34)	226
TEMA 24 – PRONTIDÃO PARA O RETORNO DO MESTRE. JESUS DIANTE DE SUA PAIXÃO. JESUS, CAUSA DE DIVISÕES. DISCERNIR OS SINAIS DOS TEMPOS (LC 12:35 A 59)	235
TEMA 25 – CONVITES PROVIDENCIAIS À PENITÊNCIA. PARÁBOLA DA FIGUEIRA ESTÉRIL. CURA DA MULHER ENCURVADA, EM DIA DE SÁBADO. PARÁBOLA DO GRÃO DE MOSTARDA (LC 13:1 A 19)	240
TEMA 26 – PARÁBOLA DO FERMENTO. A PORTA ESTREITA, A REJEIÇÃO DOS JUDEUS INFIÉIS E O CHAMADO DOS PAGÃOS. HERODES, UMA RAPOSA. PALAVRA SOBRE JERUSALÉM (LC 13:20 A 35)	249
TEMA 27 – CURA DE UM HIDRÓPICO EM DIA DE SÁBADO. A ESCOLHA DOS LUGARES. A ESCOLHA DOS CONVIDADOS. OS CONVIDADOS QUE RECUSAM O BANQUETE. RENUNCIAR AO QUE TEMOS DE MAIS CARO. RENUNCIAR A TODOS OS BENS. NÃO SE TORNAR INSOSSO (LC 14:1 A 35).....	258
TEMA 28 – AS TRÊS PARÁBOLAS DA MISERICÓRDIA. A OVELHA PERDIDA. A DRACMA PERDIDA. O FILHO PERDIDO E O FILHO FIEL: O “FILHO PRÓDIGO” (LC 15:1 A 32)	269
TEMA 29 – O ADMINISTRADOR INFIEL. O BOM EMPREGO DO DINHEIRO. CONTRA OS FARISEUS, AMIGOS DO DINHEIRO. ASSALTO AO REINO. PERENIDADE DA LEI. INDISSOLUBILIDADE DO MATRIMÔNIO. O MAU RICO E O POBRE LÁZARO (LC 16:1 A 31)	276
TEMA 30 – O ESCÂNDALO. CORREÇÃO FRATERNA. A FÉ DO SERVIDOR. SERVIR COM HUMILDADE. OS DEZ LEPROSOS. A VINDA DO REINO DE DEUS. O DIA DO FILHO DO HOMEM (LC 17:1 A 37).....	286
TEMA 31 – O JUIZ INÍQUO E A VIÚVA INOPORTUNA. O FARISEU E O PUBLICANO. JESUS E AS CRIANCINHAS (LC 18:1 A 17)	295
TEMA 32 – O RICO NOTÁVEL. O PERIGO DAS RIQUEZAS. RECOMPENSA PROMETIDA AO DESAPEGO. TERCEIRO ANÚNCIO DA PAIXÃO. O CEGO NA ESTRADA DE JERICÓ (LC 18:18 A 43).....	303
TEMA 33 – Zaqueu. A PARÁBOLA DAS MINAS (LC 19:1 A 27)	311

PARTE V

Ministério de Jesus em Jerusalém 319

TEMA 34 – ENTRADA MESSIÂNICA EM JERUSALÉM. JESUS APROVA AS ACLAMAÇÕES DE SEUS DISCÍPULOS. LAMENTAÇÃO SOBRE JERUSALÉM. OS VENDEDORES EXPULSOS DO TEMPLO. ENSINAMENTO NO TEMPLO (LC 19:28 A 48).....	320
--	-----

TEMA 35 – QUESTÃO DOS JUDEUS SOBRE A AUTORIDADE DE JESUS. PARÁBOLA DOS VINHATEIROS HOMICIDAS. O TRIBUTO A CÉSAR. A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS. CRISTO, FILHO E SENHOR DE DAVI. JESUS JULGA OS ESCRIBAS (LC 20:1 A 47).....	328
TEMA 36 – A OFERTA DA VIÚVA. DISCURSO SOBRE A RUÍNA DE JERUSALÉM. INTRODUÇÃO. OS SINAIS PRECURSORES. O CERCO. A CATÁSTROFE E OS TEMPOS PAGÃOS. AS CATÁSTROFES CÓSMICAS E A MANIFESTAÇÃO GLORIOSA DO FILHO DO HOMEM. PARÁBOLA DA FIGUEIRA. VIGIAR PARA NÃO SER SURPREENDIDO. OS ÚLTIMOS DIAS DE JESUS (LC 21:1 A 38).....	338

PARTE VI

A Paixão..... 351

TEMA 37 – CONSPIRAÇÃO CONTRA JESUS E TRAIÇÃO DE JUDAS. ANÚNCIO DA TRAIÇÃO DE JUDAS. PREPARATIVOS DA CEIA PASCAL. A CEIA PASCAL. INSTITUIÇÃO DA EUCARISTIA. QUEM É O MAIOR? RECOMPENSA PROMETIDA AOS APÓSTOLOS. A HORA DO COMBATE DECISIVO (LC 22:1 A 6; 21 A 23; 7 A 20; 24 A 30; 35 A 38).....	352
TEMA 38 – ANÚNCIO DA NEGAÇÃO E DA CONVERSÃO DE PEDRO. NEGAÇÕES DE PEDRO. NO MONTE DAS OLIVEIRAS. PRISÃO DE JESUS. PRIMEIROS ULTRAJES. JESUS PERANTE O SINÉDRIO (LC 22:31 A 34; 54 A 62; 39 A 53; 63 A 71).....	363
TEMA 39 – JESUS PERANTE PILATOS. JESUS PERANTE HERODES. JESUS NOVAMENTE DIANTE DE PILATOS. A CAMINHO DO CALVÁRIO (LC 23:13 A 32).....	373
TEMA 40 – A CRUCIFICAÇÃO. JESUS NA CRUZ, SUJEITO À ZOMBARIA E A ULTRAJES. O “BOM LADRÃO”. A MORTE DE JESUS. APÓS A MORTE DE JESUS. O SEPULTAMENTO (LC 23:33 A 56).....	381

PARTE VII

Após a ressurreição..... 393

TEMA 41 – O SEPULCRO VAZIO. MENSAGEM DOS ANJOS. OS APÓSTOLOS RECUSAM O TESTEMUNHO DAS MULHERES. PEDRO JUNTO AO TÚMULO. OS DOIS DISCÍPULOS DE EMAÚS (LC 24:1 A 35).....	394
TEMA 42 – JESUS APARECE AOS APÓSTOLOS. ÚLTIMAS INSTRUÇÕES AOS APÓSTOLOS. A ASCENSÃO (LC 24:36 A 53).....	402

AGRADECIMENTOS

Dirigimos a nossa profunda gratidão à equipe que, dedicadamente, realizou a revisão gramatical dos textos e a conferência das Referências do quarto livro da série *O Evangelho Redivivo*, intitulado *Estudo Interpretativo do Evangelho segundo Lucas*: Dalva Silva Souza, Janice Luzia Oliveira Schultz Barbosa, Jorge Leite de Oliveira, Manoel de Medeiros Rodrigues Craveiro, Nilva Polônio Craveiro e Wagna Carvalho.

Agradecemos, igualmente, a valiosa contribuição do confrade Severino Celestino da Silva que faz a abertura geral dos temas propostos para o estudo do livro de *Lucas*, o quarto evangelista, transmitindo-nos informações seguras e propondo-nos um roteiro evangélico-doutrinário de fácil assimilação pelos estudiosos das lições imorredouras de Jesus, nosso Mestre e Senhor.

A nossa sincera gratidão se estende a Carlos Roberto Campetti e equipe que realizam a tradução dos livros de *O Evangelho Redivivo* para a língua espanhola e, ao mesmo tempo, desenvolve, o dedicado trabalho de organizar e capacitar equipes de estudo, no Brasil e alhures, pelo sistema de ensino a distância (EaD).

Endereçamos o nosso sincero “muito obrigado” a todos os dirigentes, coordenadores e trabalhadores do movimento espírita nacional e internacional que atuam como verdadeiros focos de luz pelo estudo, prática e difusão de *O Evangelho de Jesus, à luz da Doutrina Espírita*.

Acima de tudo, somos profunda e imensamente agradecidos a Deus, Pai e Criador, a Jesus, o amado Senhor, Guia e Modelo da humanidade terrestre, e a Francisco Leite de Bittencourt Sampaio que, do Plano Espiritual, coordena a equipe de devotos benfeitores espirituais incumbidos de levar a mensagem do Cristo aos habitantes do planeta. Sem o permanente e devotado auxílio desses benfeitores espirituais, que agem em nome do Mestre Nazareno, absolutamente nada poderíamos realizar.

Brasília (DF), 4 de novembro de 2021.

MARTA ANTUNES DE O. DE MOURA
(Organizadora e coordenadora)

O EVANGELHO E O FUTURO*

EMMANUEL

Um modesto esforço da História faz entrever os laços eternos que ligam todas as gerações nos surtos evolutivos do planeta.

Muita vez, o palco das civilizações foi modificado, sofrendo profundas renovações nos seus cenários, mas os atores são os mesmos, caminhando, nas lutas purificadoras, para a perfeição d'Aquele que é a Luz do princípio.

Nos primórdios da Humanidade, o homem terrestre foi naturalmente conduzido às atividades exteriores, desbravando o caminho da natureza para a solução do problema vital, mas houve um tempo em que a sua maioria espiritual foi proclamada pela sabedoria da Grécia e pelas organizações romanas.

Nessa época, a vinda do Cristo ao planeta assinalaria o maior acontecimento para o mundo, de vez que o Evangelho seria a eterna mensagem do Céu, ligando a Terra ao reino luminoso de Jesus, na hipótese da assimilação do homem espiritual, com respeito aos ensinamentos divinos. Mas a pureza do Cristianismo não conseguiu manter-se intacta, tão logo regressaram ao plano invisível os auxiliares do Senhor, reencarnados no globo terrestre para a glorificação dos tempos apostólicos.

O assédio das trevas avassalou o coração das criaturas.

Decorridos três séculos da lição santificante de Jesus, surgiram a falsidade e a má-fé adaptando-se às conveniências dos poderes políticos do mundo, desvirtuando-se-lhe todos os princípios, por favorecer doutrinas de violência oficializada.

Debalde enviou o Divino Mestre seus emissários e discípulos mais queridos ao ambiente das lutas planetárias. Quando não foram trucidados

* XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 38. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2013. cap 25.

pelas multidões delinquentes ou pelos verdugos das consciências, foram obrigados a capitular diante da ignorância, esperando o juízo longínquo da posteridade.

Desde essa época, em que a mensagem evangélica dilatava a esfera da liberdade humana, em virtude da sua maturidade para o entendimento das grandes e consoladoras verdades da existência, estacionou o homem espiritual em seus surtos de progresso, impossibilitado de acompanhar o homem físico na sua marcha pelas estradas do conhecimento.

É por esse motivo que, ao lado dos aviões poderosos e da radiotelefonía, que ligam todos os continentes e países da atualidade, indicando os imperativos das leis da solidariedade humana, vemos o conceito de civilização insultado por todas as doutrinas de isolamento, enquanto os povos se preparam para o extermínio e para a destruição. É ainda por isso que, em nome do Evangelho, se perpetram todos os absurdos nos países ditos cristãos.

A realidade é que a civilização ocidental não chegou a se cristianizar. Na França temos a guilhotina, a forca na Inglaterra, o machado na Alemanha e a cadeira elétrica na própria América da fraternidade e da concórdia, isto para nos referirmos tão somente às nações supercivilizadas do planeta. A Itália não realizou a sua agressão à Abissínia, em nome da civilização cristã do Ocidente? Não foi em nome do Evangelho que os padres italianos abençoaram os canhões e as metralhadoras da conquista? Em nome do Cristo espalharam-se, nestes vinte séculos, todas as discórdias e todas as amarguras do mundo.

Mas é chegado o tempo de um reajustamento de todos os valores humanos. Se as dolorosas expiações coletivas preludiam a época dos últimos “ais” do Apocalipse, a espiritualidade tem de penetrar as realizações do homem físico, conduzindo-as para o bem de toda a Humanidade.

O Espiritismo, na sua missão de Consolador, é o amparo do mundo neste século de declives da sua história; só ele pode, na sua feição de Cristianismo Redivivo, salvar as religiões que se apagam entre os choques da força e da ambição, do egoísmo e do domínio, apontando ao homem os seus verdadeiros caminhos. No seu manancial de esclarecimentos, poder-se-á beber a linfa cristalina das verdades consoladoras do Céu, preparando-se as almas para a nova era. São chegados os tempos em que as forças do mal serão compelidas a abandonar as suas derradeiras posições de domínio nos ambientes terrestres, e os seus últimos triunfos são bem o penhor de uma

reação temerária e infeliz, apressando a realização dos vaticínios sombrios que pesam sobre o seu império precível.

Ditadores, exércitos, hegemonias econômicas, massas versáteis e inconscientes, guerras inglórias, organizações seculares passarão com a vertigem de um pesadelo.

A vitória da força é uma claridade de fogos de artifício.

Toda a realidade é a do Espírito, e toda a paz é a do entendimento do Reino de Deus e de sua Justiça.

O século que passa efetuará a divisão das ovelhas do imenso rebanho. O cajado do pastor conduzirá o sofrimento na tarefa penosa da escolha, e a dor se incumbirá do trabalho que os homens não aceitaram por amor.

Uma tempestade de amarguras varrerá toda a Terra. Os filhos da Jerusalém de todos os séculos devem chorar, contemplando essas chuvas de lágrimas e de sangue que rebentarão das nuvens pesadas de suas consciências enegrecidas.

Condenada pelas sentenças irrevogáveis de seus erros sociais e políticos, a superioridade europeia desaparecerá para sempre, como o império Romano, entregando à América o fruto das suas experiências, com vistas à civilização do porvir.

Vive-se agora, na Terra, um crepúsculo, ao qual sucederá profunda noite; e ao século XX compete a missão do desfecho desses acontecimentos espantosos.

Todavia, os operários humildes do Cristo ouçam a sua voz no âmago de nossa alma:

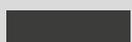
Bem-aventurados os pobres, porque o reino de Deus lhes pertence!
Bem-aventurados os que têm fome de justiça, porque serão saciados!
Bem-aventurados os aflitos, porque chegará o dia da consolação!
Bem-aventurados os pacíficos, porque irão a Deus! (*Mateus*, 5).

Sim, porque depois da treva surgirá uma nova aurora. Luzes consoladoras envolverão todo o orbe regenerado no batismo do sofrimento. O homem espiritual estará unido ao homem físico para a sua marcha gloriosa no Ilimitado, e o Espiritismo terá retirado dos seus escombros materiais a alma divina das religiões, que os homens perverteram, ligando-as no abraço acolhedor do Cristianismo restaurado.

Trabalhemos por Jesus, ainda que a nossa oficina esteja localizada no deserto das consciências.

Todos somos dos chamados ao grande labor, e o nosso mais sublime dever é responder aos apelos do Escolhido.

Revido os quadros da História do mundo, sentimos um frio cortante neste crepúsculo doloroso da civilização ocidental. Lembremos a misericórdia do Pai e façamos as nossas preces. A noite não tarda e, no bojo de suas sombras compactas, não nos esqueçamos de Jesus, cuja misericórdia infinita, como sempre, será a claridade imortal da alvorada futura, feita de paz, de fraternidade e de redenção.



O EVANGELHO REDIVIVO

LIVRO IV

Estudo Interpretativo do Evangelho segundo Lucas

O EVANGELHO DE LUCAS

CONSIDERAÇÕES GERAIS. ESTRUTURA
LITERÁRIA E LINGUÍSTICA DE *LUCAS*. ROTEIRO
INTERPRETATIVO E TÓPICOS PARA O ESTUDO

POR SEVERINO CELESTINO DA SILVA

1.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

Médico, grego e historiador, *Lucas* é o último evangelista dos Sinópticos que, além de ter escrito seu *evangelho*, também escreveu o livro *Atos dos apóstolos*. Afirmam os historiadores que ele teria nascido em Antioquia da Síria e que poderia ser irmão de Tito.

Originariamente o seu *evangelho* e o livro *Atos dos apóstolos* compunham um único volume, sendo o livro de *Atos* uma continuação do seu *Evangelho*. A linguagem e estilo que *Lucas* aplica ao seu *evangelho* demonstram ter sido ele um homem de elevada cultura.

O símbolo do seu *evangelho* é um touro em virtude do sacerdote Zacarias, no desempenho de suas funções, oferecer incenso e animais ao templo. Esse acontecimento marcou o prenúncio da chegada de João, o Batista, que é tema do primeiro capítulo do seu *Evangelho*.

Lucas foi companheiro de *Paulo* em grande parte do seu ministério. Isto pode ser evidenciado nas citações de *Atos*, 16:10 a 17; 20:5 e 6; 21:17 e 18; 27:1 a 8 e 28:16. A sua convivência com *Paulo* resultou em uma grande influência deste sobre aquele, e, por isso, *Lucas* adotou em sua obra a salvação pela fé e pelo perdão.

Segundo Ernest Renan, *Lucas* é um discípulo moderado de *Paulo* e, portanto, partidário da adoção na igreja dos pagãos, dos publicanos, dos pecadores, dos pobres e heréticos de toda natureza. E justifica citando que,

no seu *evangelho*, as palavras misericordiosas do bom samaritano, do filho pródigo, da ovelha desgarrada e da dracma perdida colocam a posição do pecador arrependido acima da palavra do justo sem mácula.

Ainda segundo Renan, a mais audaz das extrapolações de *Lucas* foi a conversão do bom ladrão na tragédia do Calvário. Enquanto *Mateus* e *Marcos* apresentam os ladrões insultando a Jesus (*Mateus*, 27:44 e *Marcos*, 15:32), *Lucas* faz nascer bons sentimentos em um dos ladrões: “Nós o merecemos, mas este é justo”, ao que Jesus replicou: “Hoje, estarás comigo no paraíso” (*Lucas*, 23:43).

No *Evangelho de Lucas*, todos são bem aceitos e bem-vindos, pois ele se evidencia como o *evangelho* do perdão alcançado pela fé. Assim, é que suas histórias são baseadas em fatos de pecadores reabilitados. Samaritanos, publicanos, centuriões, mulheres perdidas, pagãos e todos os desprezados pelo farisaísmo constituem a sua melhor clientela. A mulher pecadora e o publicano Zaqueu são transformados em filhos de Abraão de forma surpreendente.

Ninguém pode discutir a beleza do *Evangelho de Lucas*, e há, ainda, os que o consideram o mais amado dos livros.

Rushansky,^{**} 2013, afirma que *Lucas*, o único gentio entre os evangelistas, faz uma descrição minuciosa dos milagres de cura, dando ênfase à precisão histórica e cronológica dos fatos. E acrescenta que, em *Lucas*, Jesus aparece como um homem perfeito que veio trazer salvação para a Humanidade.

Lucas não conviveu com Jesus e, por isso, utilizou fontes escritas e orais para elaboração do seu *evangelho*. Assim, é que ele declara no prólogo do seu livro, que fez um intenso estudo da narrativa evangélica a fim de ser capaz de escrever uma narrativa digna de confiança e convincente da verdade sobre a grandeza de Jesus.

É provável que muitos dos incidentes registrados no seu *evangelho*, e que não se encontram nos *evangelhos de Marcos* e *Mateus*, tal como o aparecimento de Jesus aos discípulos em Emaús, logo após a sua ressurreição. Foram acontecimentos registrados com base em apenas uma ou duas testemunhas. Deve ter havido muitas outras narrativas e afirmativas de Jesus, sugeridas a *Lucas*, por diferentes testemunhas oculares.

No seu *evangelho*, *Lucas* tem a preocupação de apresentar Jesus como um judeu autêntico. Assim é que ele apresenta um Jesus que cumpre todas as exigências sacerdotais do Judaísmo. Por isso, encontramos Maria

^{**} RUSHANSKY, Efraim. *O palco da história: as raízes judaicas e o cristianismo*. [S.l.: s.n.] 2013.

e José levando Jesus ao sacerdote para a circuncisão (*Brit-milá*) aos oito dias de nascido (*Lucas 2:21*). Depois, Jesus sendo apresentado ao Templo aos 45 dias, para a cerimônia do resgate do primogênito (*Pidion há-bem*), (*Lucas, 2:22 a 24*).

O *Evangelho de Lucas* não possui um registro exato de sua escrita, por isso, sua composição permanece no campo das conjecturas. *Lucas* foi um itinerante, e como companheiro de *Paulo*, pode ter escrito seu *evangelho* durante suas viagens, como se fora a História de Jesus, um diário que resultou na elaboração do livro de *Atos dos apóstolos*.

O personagem Teófilo, para quem *Lucas* se dirige no início do seu *evangelho*, pode ter sido um alto oficial romano, segundo alguns estudiosos, ou poderia ser dirigido para os “amigos de Deus”, segundo o próprio significado da palavra. É possível também, que Teófilo não fosse o único destinatário, porque *Lucas* pode ter tido o interesse de construir um *evangelho* completo para leitores não cristãos.

Eusébio de Cesareia informa-nos, que *Lucas* conviveu com os apóstolos e com eles aprendeu a cura das almas, conforme comprovou em seus dois livros. No *evangelho*, ele se baseia nos relatos dos que conviveram com Jesus, enquanto que, no livro *Atos dos apóstolos*, ele foi testemunha ocular, narrando tudo que presenciou na convivência com os apóstolos.

1.2 ESTRUTURA LITERÁRIA E LINGUÍSTICA DE LUCAS

SEGUNDO ANDRÉ CHOURAQUI (1917-2007)***

Ao apresentar sua versão da vida de Jesus, *Lucas* pretende não apenas fazer dela uma crônica fiel, mais ainda, fazer uma obra de criação literária. Ele dispõe, para isso, de fontes abundantes, tendo, seguramente, utilizado *Marcos* e, senão *Mateus*, pelo menos a fonte comum de onde *Mateus* se alimentou, cuja sigla é Q (do alemão *Quelle*). *Marcos* e Q dão, assim, toda a substância ao *Evangelho de Lucas*. A partir dos dados de suas fontes escritas e orais, *Lucas* estrutura sua obra em quatro blocos distintos:

- » O evangelho da infância: capítulos 1 e 2;
- » Preparação do ministério e a missão na Galileia: capítulos 3 a 9:27;

*** CHOURAQUI, André: Advogado, magistrado, escritor, acadêmico e político francês-argelino-israelense, doutor em Direito, conhecedor profundo da Lei e Estudos Rabínicos.

- » Os ensinamentos de Jesus: capítulos 9:51 a 19:27;
- » Ministério em Jerusalém, paixão, morte e ressurreição; capítulos 19 a 24:53.

Homem de letras, *Lucas* tem a preocupação de inserir os fatos, os quais se inserem no quadro da História universal e da história de Israel, que ele conhece pelas suas fontes e, melhor ainda, pela Bíblia, lida e citada mais comumente segundo a versão dos LXX (*Septuaginta*).

Lucas narra, assim, a vida de Jesus como constituindo um documento histórico centrado na História universal. Para ele, Jesus e seu evangelho abrem para a Humanidade a porta da salvação. O Messias veio, de fato, enviado por seu pai, *Iahweh*, para salvar aqueles que estão perdidos, isto é, todos os homens. No processo da salvação, a cruz não tem para Lucas a importância central que ela ganhará na tradição cristã posterior: ele só fala do caráter sacrificial da morte de Jesus, em Lc 22:19 e At 20:28. O essencial, na marcha em direção à salvação, é acolher e cumprir os ensinamentos do Messias, à espera da *parusia* (do grego *parousía* = crença na segunda vinda do Cristo à Terra) e da instauração do Reino de Jesus na glória.

Chouraqi ressaltou que o estilo de *Lucas* era semelhante ao do historiador Flávio Josefo (século I depois da Era Cristã) que, como ele, estava impregnado da cultura da Bíblia e de hebraísmos, ou, ainda, entre os gregos, ao estilo do historiador Políbio (século II antes da Era Cristã). Dirigindo-se preferencialmente aos pagãos, *Lucas* evita empregar palavras hebraicas: *Amèn*, “eu adoro”, não se encontra senão seis vezes nele, contra trinta vezes em *Mateus* e treze vezes em *Marcos*. Ele cultiva, mais que os outros evangelistas, a pureza de estilo, não evitando, no entanto, em 28 ocorrências, empregar palavras que serão posteriormente proscritas do “bom uso” da língua grega por Frínico (século II da Era Cristã).

Enquanto *Marcos* usa muito o presente histórico, *Lucas*, mais preocupado com o rigor gramatical, o evita, com apenas uma exceção: ele prefere utilizar largamente as ricas fontes da conjugação grega para conseguir seus efeitos literários.

Apesar disso, revelam-se numerosos semitismos em seu estilo. Nos discursos de Jesus, principalmente, *Lucas* emprega múltiplos hebraísmos ou aramaísmos, geralmente os mesmos usados por *Mateus* e *Marcos*.

Ao longo de toda sua obra, *Lucas* tem uma constante preocupação com a composição. Estamos longe da explosão rude e espontânea de *Marcos* e

Mateus. *Lucas* compõe seu livro com uma evidente preocupação com o classicismo. Observou-se que 180 versículos dos 1.149 de seu *evangelho* são dedicados a introduções ou a ligações, ou seja, 15 por cento do seu texto; é nesse momento, aliás, que ele é mais pessoal, revelando seu verdadeiro estilo: 29 por cento dos 715 *lucanismos* concentram-se aí.

Procedidos por introduções, seus desenvolvimentos terminam, muitas vezes, com conclusões onde ele acentua, com um traço pessoal, o essencial de sua mensagem. Nesse sentido, a comparação das passagens paralelas de *Marcos* e *Lucas* é significativa. *Lucas* apresenta-se, assim, como um escritor munido de um vocabulário denso que ele utiliza com arte, visando, constantemente, a tocar o coração de seus leitores e a convencê-los da autenticidade, da beleza trágica e da incomparável grandeza de sua narração.

Os capítulos 1 e 2, dedicados ao nascimento e à infância de João e Jesus, são característicos da narração *lucaniana*: ele tem o cuidado de localizar o tempo e o lugar onde se situam os acontecimentos que descreve. Ele dá vida a seus personagens que entram, vêm, sobem, saem ou partem; as cenas não são simplesmente representadas, mas dialogadas e, por assim dizer, cantadas em ações de graças e cânticos, como os de Isabel (Lc 1:42 a 45), de Maria (Lc 1:46 a 55), e de Zacarias (Lc 1:68 a 79), dos mensageiros (Lc 2:14), de Simeão (Lc 2:29 a 32). O conjunto surge da matriz bíblica, de onde o relato parece emanar diretamente. Para o biblista, os capítulos 1 e 2 são um mosaico de citações explícitas ou implícitas da Bíblia hebraica: destacam-se, somente nestes dois capítulos, 26 referências bíblicas. Desde a infância, Jesus é apresentado como o Filho de Deus, o Rei, o Salvador, o Senhor, o Messias; tudo n'Ele é grandeza, luz, glória...

A segunda parte do *Evangelho de Lucas* é dedicada à vida de Jesus na Galileia (3 a 9:27), sob o signo das realidades políticas e religiosas do império, do qual a Judeia é uma colônia. Biógrafo aplicado, *Lucas* retoma relatos dos dois primeiros *Evangelhos*: o encontro com João, o Batista (3:1 a 20); a imersão de Jesus e a descida do Espírito divino sobre Jesus (3:21 e 22); a genealogia de Jesus (3:23 a 38); o relato da Provação (4:1 a 13). A genealogia *lucaniana*, com 77 nomes (11x7), faz os ancestrais de Jesus remontarem até Adão, enraizando o Messias não somente no mais glorioso passado de Israel, mas no passado de toda a Humanidade. O segredo messiânico, caro a *Marcos*, é eliminado: Jesus, desde o início de sua vida pública, é saudado como Messias e filho de Deus. *Lucas* atribui, assim, à Galileia as primícias dos ensinamentos de Jesus. Ele situa logo no início a visita e a pregação feita em

Nazaré, que qualifica de cidade, ao passo que era um simples vilarejo (4:14 a 30). Menciona por três vezes *Kephar-Nahoum* (Cafarnaum), que apresenta como o centro de onde irradia o Messias (4:23 a 31; 7:1): Jesus caminha, assim, nas cidades e vilarejos, muitas vezes habitados por refugiados que fogem da repressão do ocupante romano (Lc 8:1). Ele está cercado pelos Doze e por mulheres, *Mariâm de Magdala* (Maria de Madalena), Joana, *Shoshaná* (Susana) e outras ainda “que o assistiam com seus bens”.

O verdadeiro movimento da narração é dado pela pregação do Reino mais do que pelas viagens do Mestre através dos caminhos, quase sempre floridos, da Galileia.

A entrada de Jesus na vida pública é acompanhada pelo relato da prisão e da decapitação de João, o Batista: para *Lucas*, chegamos, então, a um momento decisivo da história do mundo; resta a Jesus uma breve carreira pública para ensinar seus adeptos, como enfrentar os poderes públicos e morrer na cruz.

Os grandes temas tratados pelos dois primeiros evangelistas são retomados por *Lucas*. Ele evoca a tríplice prova de Jesus tentado por Satã (4:1 a 13), precedendo seu relato por uma breve introdução que lhe dá um sentido mais profundo. As três provas são apresentadas de maneira uniforme: o ataque de Satã seguido da réplica de Jesus, que se apoia sempre na Escritura, sabendo que esta é eficaz até mesmo contra o diabo. No correr do texto, discursos e milagres são misturados, uns reforçando a autoridade dos outros. Após a jornada de *Kephar-Nahoum* (Cafarnaum), onde as virtudes taumatúrgicas do Messias são exercidas contra os demônios e contra a doença, *Lucas* passa a descrever os itinerários de Jesus, através da Galileia (4:42 a 5:16). Seguem-se cinco confrontações com os fariseus e os repetidores da *Torá* (5:17 a 6:11). Em sua conclusão (6:11), *Lucas*, sabiamente, omite a frase segundo a qual os fariseus e os partidários de Herodes haviam decidido reunir-se para discutir o que fazer contra Ele: “para matá-lo”. De fato, sua pregação e a repercussão que tinha no país eram o bastante para encaminhar Jesus à morte certa; por crime de blasfêmia e de rebelião contra o imperador e o império.

O problema dos fariseus e mesmo dos partidários de Herodes era outro. A instituição dos Doze (6:12 a 16) e o discurso que ele situa, não numa montanha, como *Mateus*, mas em uma planície (6:20 a 26) – resumem as intenções e o sentido dos ensinamentos de Jesus. A alternância das bênçãos e das maldições se inspiram nos discursos morais da *Torá* e numa tradição

constante entre os inspirados e entre os rabis, e que se encontra enfatizada, igualmente, em muitos escritos de *Qumrân*. A multidão entusiasta, diferentemente dos doutores inquietos com o futuro, vê em Jesus um grande profeta, enquanto João, o Batista (7:18 a 35), se interroga: “É ele aquele que vem?” *Lucas* administra seus efeitos e cria, assim, uma emoção proposital.

Parábolas e milagres pontuam a estrada de Jesus na Galileia: o relato culmina, então, no envio dos Doze em missão (9:1 a 6), na confissão de Pedro (9:46 a 50), e precedem a subida de Jesus e dos Doze em direção a Jerusalém, onde todos os esperam.

A subida em direção a Jerusalém é um longo intermédio no relato *lucaniano*, em que o autor introduz em sua obra tudo o que não pôde, ou não poderá inserir em outra parte (9:5 a 19:27). Cada versículo acrescenta algo à extrema riqueza de fatos ou de pensamentos ao conjunto. E esse conjunto é denominado, pela importância excepcional, de parábolas: ninguém melhor que *Lucas* sabe fazer uso desse gênero em que Jesus se sobressai. Na primeira parte de sua obra, o autor já tinha apresentado seis parábolas (5:36 a 39; 6:39 a 42; 47 a 49; 8:4 a 8; 16 a 18). Dos capítulos 8:14 a 19:27, *Lucas* introduz um conjunto de 25 novas parábolas de Jesus. Sente-se que o escritor rejubila-se em nos transmitir um tesouro de palavras, de ideias e de imagens onde a Igreja beberá, abundantemente, durante vinte séculos sem conseguir esgotá-lo: as palavras de Jesus n’Ele permanecem tão novas, tão verdadeiras e tão fecundas como foram quando saíram pela primeira vez de seus lábios, na Galileia ou na Judeia. *Lucas*, um homem de letras, triunfa não sem razão: sua pena redige aqui uma das páginas mais inesquecíveis da literatura universal.

A última parte do terceiro *evangelho* situa-se, como não podia deixar de ser, em Jerusalém (19:28 a 24:53). *Lucas* divide seu texto em duas grandes partes: a pregação no Templo (19:28 a 21:38) e, em seguida, a paixão e a ressurreição de Jesus (22:1 a 24:53).

A cronologia de *Lucas* é mais imprecisa que a de *Marcos* ou de *Mateus*. Sabemos apenas que, após sua entrada triunfal em Jerusalém, Jesus ensina diária e publicamente no Templo. O sucesso de sua pregação inquieta os saduceus, encarregados da administração do Templo: eles começam a interrogá-lo sobre a fonte de sua autoridade (20:1). Seguem-se, então, quatro discursos inquisitoriais (20:9 a 20). A cronologia da paixão, nos quatro *evangelhos*, oferece somente um fato preciso: ela aconteceu numa sexta-feira, à véspera do *shabat* (Mt 28:1; Mc 15:42; Lc 23:56; Jo 19:31). Com exceção dessa certeza,

a crítica se perde em hipóteses para estabelecer com rigor a estrita sucessão dos fatos. Não esqueçamos que *Lucas*, assim como os outros três evangelistas, não é um historiador: o que lhe interessa encerra-se no sentido da história que conta e não nas exigências de uma cronologia rigorosa.

E eis que a narração *lucaniana* desemboca na paixão, na morte e na ressurreição de Jesus (Lc 22:1 a 24:53). O processo do inocente perseguido e do servo sofredor demonstra, aos olhos de *Lucas*, que por trás da fachada política e humana dos fatos estão forças espirituais que se enfrentam, as de Deus, em busca de seu Reino, por intermédio de Jesus; e as dos ídolos, movidos por Satã, ávidos de todo o poder imperial. A *Lex Julia Laesae Majestatis* conduz inevitavelmente Jesus à cruz, enquanto entre os dois (Jesus e os ídolos movidos por Satã) se agita a multidão dos agentes desse drama: seria reducionista ver aí uma tragédia em branco e preto, com os bons de um lado – todos cristãos – e do outro os maus – todos judeus. Dominando a tragédia, há a fatalidade do destino de Jesus, Rei-Messias de um reino cujo rei, ele também de essência divina, é Tibério. O verdadeiro conflito opõe o Deus de Jerusalém, de quem Jesus é o filho, aos deuses de Roma de quem Tibério é a implacável emanção, ele também divino.

Diante desse combate cósmico, o que fazem os pobres homens? Pilatos e Caifás, assim como todos os funcionários romanos e hebreus, ultrapassados pela amplitude do drama, temem por sua pele ou por seu posto; com razão, já que no ano 36, da Era Cristã, ambos serão destituídos de seus cargos e exilados, provavelmente na Gália: Pilatos, paradoxalmente venerado nos altares da Etiópia, como santo Pôncio Pilatos, ter-se-ia convertido sob a influência de sua mulher, Prócula; segundo outra tradição, ele teria cometido suicídio em Viena, às margens do Ródano, para onde teria sido deportado, após o assassinato de Tibério.

Lucas, em seu relato da paixão, despreza detalhes significativos: omite a unção de Jesus em *Béit-Hananyah* (Betânia) e encurta e suaviza o relato que *Marcos* faz do episódio do Monte das Oliveiras (Mc 14:39 a 46). Por caridade ou por ter consciência da verdadeira amplitude do drama, *Lucas* silencia sobre a fuga dos discípulos e, depois, sobre a do homem nu, no momento da prisão de Jesus (Mc 14:51 e 52). Elimina também os falsos testemunhos de depoentes por ocasião de comparecimento diante dos *sanhédrin* (Sinédrio) (Mc 14:66 a 71). E não diz nada sobre as ironias nem sobre a agressividade dos soldados que o conduzem em direção à cruz (Mc 15:16 a 20). A oferta de vinho adulterado a Jesus, em *Marcos*, 15:34, é substituída por um testemunho mais sereno, mais filial: *Pai, nas tuas mãos entrego meu sopro*.

Lucas acrescenta ao relato da paixão detalhes que os outros evangelistas omitem, mas, ao introduzir mais sobriedade em sua narração, ele apenas dá maior grandeza à tragédia que dilacera Jerusalém.

O relato da ressurreição e da ascensão de Jesus, *Lucas*, 24:1 a 53, introduz os discípulos no Reino de Deus, ou reino de *Elohîm*, em grego *Basileia tou Theou*, que *Lucas* evoca 32 vezes no seu Anúncio. Assim, conclui-se em glória o retrato *luciano* de (Jesus filho de José) *Iéshoua' bèn Iosseph*, filho do homem (*benei adam*) e filho de *Elohîm*, profeta e Salvador.

1.3 ROTEIRO INTERPRETATIVO E TÓPICOS PARA O ESTUDO

Obs.: O roteiro para o estudo de cada tópico será realizado seguindo-se a tradução, a análise, a exegese e a extração do conteúdo existente nos versículos.

Capítulo 1

- 1) Prólogo;
- 2) Anúncio do nascimento de João Batista;
- 3) A anunciação;
- 4) A visitação;
- 5) O cântico de Maria;
- 6) Nascimento de João Batista e visita dos vizinhos;
- 7) Circuncisão de João Batista;
- 8) O *Benedictus*;
- 9) Vida oculta de João Batista.

Capítulo 2

- 1) Nascimento de Jesus e visita dos pastores;
- 2) Circuncisão de Jesus;
- 3) Apresentação de Jesus no Templo;
- 4) O cântico de Simeão;

- 5) Profecia de Simeão;
- 6) Profecia de Ana;
- 7) Vida oculta de Jesus em Nazaré;
- 8) Jesus entre os doutores;
- 9) Ainda a vida oculta em Nazaré.

Capítulo 3

- 1) A pregação de João Batista;
- 2) Prisão de João Batista;
- 3) Batismo de Jesus;
- 4) Genealogia de Jesus.

Capítulo 4

- 1) Tentação no deserto;
- 2) Jesus inaugura sua pregação;
- 3) Jesus em Nazaré;
- 4) Jesus ensina em Cafarnaum e cura um endemoniado;
- 5) Cura da sogra de Simão;
- 6) Diversas curas;
- 7) Jesus deixa secretamente Cafarnaum e percorre a Judeia.

Capítulo 5

- 1) Vocação dos quatro primeiros discípulos;
- 2) Cura de um leproso;
- 3) Cura de um paralítico;
- 4) Vocação de Levi;
- 5) Refeição com os pecadores na casa de Levi;
- 6) Discussão sobre o jejum.

Capítulo 6

- 1) As espigas arrancadas;
- 2) Cura de um homem com a mão atrofiada;
- 3) A escolha dos Doze;
- 4) As multidões seguem a Jesus;
- 5) Discurso inaugural “As Bem-aventuranças”;
- 6) As ameaças;
- 7) O amor aos inimigos;
- 8) Misericórdia e gratuidade;
- 9) Condições do zelo;
- 10) Necessidade da prática.

Capítulo 7

- 1) Cura do servo de um centurião;
- 2) Ressurreição do filho da viúva de Naim;
- 3) Pergunta de João, o Batista e testemunho que lhe presta Jesus;
- 4) Julgamento de Jesus sobre sua geração;
- 5) A pecadora perdoada e que ama.

Capítulo 8

- 1) A companhia feminina de Jesus;
- 2) Parábola do Semeador;
- 3) Por que Jesus fala em parábolas;
- 4) Explicação da Parábola do Semeador;
- 5) Como receber e transmitir o ensinamento de Jesus;
- 6) Os verdadeiros parentes de Jesus;
- 7) A tempestade acalmada;
- 8) O endemoniado de Geraseno;
- 9) Cura de uma hemorroíssa e a ressurreição da filha de Jairo.

Capítulo 9

- 1) Missão dos doze;
- 2) Herodes e Jesus;
- 3) Volta dos apóstolos e multiplicação dos pães;
- 4) Profissão de fé de Pedro;
- 5) Primeiro anúncio da paixão;
- 6) Condições para seguir a Jesus;
- 7) A vinda próxima do Reino;
- 8) A transfiguração;
- 9) O endemoninhado epiléptico;
- 10) Segundo anúncio da paixão;
- 11) Quem é o maior;
- 12) O uso do nome de Jesus;
- 13) Má acolhida num povoado da Samaria;
- 14) Exigências da vocação apostólica.

Capítulo 10

- 1) Missão dos setenta e dois discípulos;
- 2) Qual é o motivo da alegria para os apóstolos;
- 3) O Evangelho revelados aos simples. O Pai e o Filho;
- 4) O privilégio dos discípulos;
- 5) O grande mandamento;
- 6) Parábola do Bom Samaritano;
- 7) Marta e Maria.

Capítulo 11

- 1) O Pai-Nosso;
- 2) O amigo importuno;

- 3) Eficácia da oração;
- 4) Jesus e Beelzebu;
- 5) Intransigência de Jesus;
- 6) Retorno ofensivo do espírito impuro;
- 7) A verdadeira bem-aventurança;
- 8) O sinal de Jonas;
- 9) Dois ditos sobre a lâmpada;
- 10) Contra os fariseus e os legistas.

Capítulo 12

- 1) Falar abertamente e sem temor;
- 2) Não entesourar;
- 3) Abandonar-se à Providência;
- 4) Vender os bens e distribuir aos pobres;
- 5) Prontidão para o retorno do Mestre;
- 6) Jesus diante de sua paixão;
- 7) Jesus, causa de divisões;
- 8) Discernir os sinais dos tempos.

Capítulo 13

- 1) Convites providenciais à penitência
- 2) Parábola da Figueira Estéril;
- 3) Cura da mulher encurvada, em dia de sábado;
- 4) Parábola do Grão de Mostarda;
- 5) Parábola do Fermento;
- 6) A porta estreita, a rejeição dos judeus infiéis e o chamado dos pagãos;
- 7) Herodes, uma raposa;
- 8) Palavra sobre Jerusalém.

Capítulo 14

- 1) Cura de um hidrópico em dia de sábado;
- 2) A escolha dos lugares;
- 3) A escolha dos convidados;
- 4) Os convidados que recusam o banquete;
- 5) Renunciar ao que temos de mais caro;
- 6) Renúncia de todos os bens;
- 7) Não se tornar insosso.

Capítulo 15

- 1) As três parábolas da misericórdia;
- 2) A ovelha perdida;
- 3) A dracma perdida;
- 4) O filho perdido e o filho fiel: o “filho pródigo”.

Capítulo 16

- 1) O administrador infiel;
- 2) O bom emprego do dinheiro;
- 3) Contra os fariseus, amigos do dinheiro;
- 4) Assalto ao Reino;
- 5) Perenidade da Lei;
- 6) Indissolubilidade do matrimônio;
- 7) O mau rico e o pobre Lázaro.

Capítulo 17

- 1) O escândalo;
- 2) Correção fraterna;
- 3) A fé do servidor

- 4) Servir com humildade
- 5) Os dez leprosos;
- 6) A vinda do Reino de Deus;
- 7) O dia do Filho do Homem.

Capítulo 18

- 1) O juiz iníquo e a viúva importuna;
- 2) O fariseu e o publicano;
- 3) Jesus e as criancinhas;
- 4) O rico de notável;
- 5) O perigo das riquezas;
- 6) Recompensa prometida ao desapego;
- 7) Terceiro anúncio da paixão;
- 8) O cego na estrada de Jericó.

Capítulo 19

- 1) Zaqueu;
- 2) Parábola das Minas;
- 3) Entrada messiânica em Jerusalém;
- 4) Jesus aprova as aclamações de seus discípulos;
- 5) Lamentação sobre Jerusalém;
- 6) Os vendedores expulsos do Templo;
- 7) Ensino no Templo.

Capítulo 20

- 1) Questão dos judeus sobre a autoridade de Jesus;
- 2) Parábola dos Vinhateiros Homicidas;
- 3) O tributo a César;

- 4) A ressurreição dos mortos;
- 5) Cristo, filho e Senhor de Davi;
- 6) Jesus julga os escribas.

Capítulo 21

- 1) A oferta da viúva;
- 2) Discurso sobre a ruína de Jerusalém. Introdução;
- 3) Os sinais percussores;
- 4) O cerco;
- 5) A catástrofe e os tempos dos pagãos;
- 6) As catástrofes cósmicas e a manifestação gloriosa do Filho do Homem;
- 7) A Parábola da Figueira;
- 8) Vigiar para não ser surpreendido;
- 9) Os últimos dias de Jesus.

Capítulo 22

- 1) Conspiração contra Jesus e traição de Judas;
- 2) Preparativos da ceia pascal;
- 3) A ceia pascal;
- 4) Instituição da Eucaristia;
- 5) Anúncio da traição de Judas;
- 6) Quem é o maior?
- 7) Recompensa prometida aos apóstolos;
- 8) Anúncio da negação e da conversão de Pedro;
- 9) A hora do combate decisivo;
- 10) No Monte das Oliveiras;
- 11) Prisão de Jesus;
- 12) Negações de Pedro;

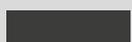
- 13) Primeiros ultrajes;
- 14) Jesus diante do Sinédrio.

Capítulo 23

- 1) Jesus perante Pilatos;
- 2) Jesus perante Herodes;
- 3) Jesus novamente diante de Pilatos;
- 4) A caminho do Calvário;
- 5) A crucifixão;
- 6) Jesus na cruz, sujeito à zombaria e a ultrajes;
- 7) O “bom ladrão”;
- 8) A morte de Jesus;
- 9) Após a morte de Jesus;
- 10) O sepultamento.

Capítulo 24

- 1) O sepulcro vazio. Mensagem dos anjos;
- 2) Os apóstolos recusam o testemunho das mulheres;
- 3) Pedro junto ao túmulo;
- 4) Os dois discípulos de Emaús;
- 5) Jesus aparece aos apóstolos;
- 6) Últimas instruções aos apóstolos;
- 7) A ascensão.



PARTE I

Nascimento e vida oculta de João Batista e de Jesus

PRÓLOGO

ANÚNCIO DO NASCIMENTO DE JOÃO BATISTA. A ANUNCIAÇÃO. A VISITAÇÃO (LC 1:1 A 45)

Os três itens indicados para o presente estudo foram citados por *Mateus* e *Marcos*, de forma mais ou menos extensa, conforme as anotações dos referidos evangelistas, e podem ser relidas, respectivamente, nos Livros II e III de *O programa de O Evangelho Redivivo*. A organização do *Evangelho de Lucas* é similar à de *Marcos* em vários aspectos, esclarece o estudioso Russell Norman Champlin:

[...] Introdução: Nascimento de João Batista e infância de Jesus — caps.1-2; batismo e tentação de Jesus — caps. 3.1-4.13; ministério na Galileia — caps. 4.14-9.50; ministério na Pereia — caps. 9.51-10.28; ministério na Judeia — caps.19.28-22.38; aprisionamento, julgamento, crucificação, ressurreição e ascensão de Jesus — caps. 22.39-24-53.¹

Importa destacar que, em relação ao quesito *milagres*, no “[...] *evangelho de Lucas* são narrados 20 *milagres*. Desses, 15 aparecem em *Mateus*, em *Marcos*, ou em ambos. Um desses *milagres* (a pesca milagrosa) é contado exclusivamente por *Lucas* e *João*”.¹ Há, porém, quatro feitos de Jesus considerados milagrosos que só foram “[...] historiados por *Lucas*: a ressurreição do filho da viúva de Naim (7:11 a 17); a cura da mulher defeituosa (13:10 a 17); a cura do homem com hidropsia (14:1 a 6); e a cura dos dez leprosos (17:11 a 19)”.¹

2.1 PRÓLOGO (LC 1:4)²

¹Visto que muitos já tentaram compor uma narração dos fatos que se cumpriram entre nós — ²conforme no-los transmitiram os que, desde o princípio, foram testemunhas oculares e ministros da Palavra — ³a mim também pareceu conveniente, após acurada investigação de tudo desde o princípio, escrever-te de modo ordenado, ilustre Teófilo,⁴ para que verifiques a solidez dos ensinamentos que recebeste.

Diferente dos registros dos demais evangelistas, o *Evangelho segundo Lucas* inicia-se com um *prólogo* ou *introdução*, prática que era comum nos escritos dos autores clássicos eruditos da Antiguidade.³ Essa introdução atendia a diferentes finalidades: uma simples apresentação do assunto que seria desenvolvido em seguida; uma saudação e/ou homenagem a alguém considerado importante, para o autor ou pela comunidade:⁴ “[...] O terceiro evangelho começa com uma saudação introdutória formal, equilibrada na forma e clássica na linguagem, a um certo Teófilo. É composta de uma sentença contínua com seis orações principais [...]”⁴

Quanto a Teófilo, não se sabe, com certeza, quem ele teria sido. Há, porém, algumas hipóteses:

- (a) um indivíduo com esse nome [alguém conhecido de Lucas/comunidade];
- (b) um funcionário público a quem Lucas se dirigiu com um pseudônimo; (c) uma figura completamente simbólica, *amado por Deus* (*precioso para Deus*). Esta última é a mais improvável das possibilidades. A designação *excelentíssimo Teófilo* [ou *ilustre Teófilo*] sugere um oficial de elevada posição ou um equestre [cavaleiro] na hierarquia romana; corresponde ao nosso “Vossa Excelência”⁵

A *Bíblia de Jerusalém* informa que “[...] Teófilo não seria um cristão que se procura confirmar na fé, mas um alto funcionário, que se deseja fique bem informado”⁶ a respeito do que acontecia na comunidade.

2.2 ANÚNCIO DO NASCIMENTO E DA VIDA OCULTA DE JOÃO BATISTA (LC 1:5 A 25)⁷

⁵Nos dias de Herodes, rei da Judeia, houve um sacerdote chamado Zacarias, da classe de Abias; sua mulher, descendente de Aarão, chamava-se Isabel. ⁶Ambos eram justos diante de Deus e, de modo irrepreensível, seguiam todos os mandamentos e estatutos do Senhor. ⁷Não tinham filhos, porque Isabel era estéril e os dois eram de idade avançada.

⁸Ora, aconteceu que, ao desempenhar ele as funções sacerdotais diante de Deus, no turno de sua classe, ⁹coube-lhe por sorte, conforme o costume sacerdotal, entrar no Santuário do Senhor para oferecer o incenso. ¹⁰Toda a assembleia do povo estava fora, em oração, na hora do incenso.

¹¹Apareceu-lhe, então, o Anjo do Senhor, de pé, à direita do altar do incenso. ¹²Ao vê-lo, Zacarias perturbou-se, e o temor apoderou-se dele. ¹³Disse-lhe; porém, o Anjo: “Não temas, Zacarias, porque a tua súplica foi ouvida, e Isabel, tua mulher, te dará um filho, ao qual porás o nome de João. ¹⁴Terás alegria e regozijo, e muitos se alegrarão com o seu nascimento,¹⁵ pois ele será grande diante do Senhor; não beberá vinho, nem bebida embriagante; ficará pleno do Espírito Santo ainda no seio de sua mãe ¹⁶e converterá muitos dos filhos

de Israel ao Senhor, seu Deus. ¹⁷Ele caminhará à sua frente, com o espírito e o poder de Elias, *a fim de converter os corações dos pais aos filhos* e os rebeldes à prudência dos justos, para preparar ao Senhor um povo bem disposto”. ¹⁸Zacarias perguntou ao Anjo: “*De que modo saberei disso?* Pois eu sou velho, e minha esposa é de idade avançada”. ¹⁹Respondeu-lhe o Anjo: “Eu sou Gabriel; assisto diante de Deus e fui enviado para anunciar-te essa boa nova. ²⁰Eis que ficarás mudo e sem poder falar até o dia em que isso acontecer, porquanto não creste em minhas palavras, que se cumprirão no tempo oportuno”. ²¹O povo esperava por Zacarias, admirado com sua demora no Santuário. ²²Quando ele saiu, não lhes podia falar; e compreenderam que tivera alguma visão no Santuário. Falava-lhes com sinais e permanecia mudo. ²³Completados os dias do seu ministério, voltou para casa. ²⁴Algum tempo depois, Isabel, sua esposa, concebeu e se manteve oculta por cinco meses, ²⁵dizendo: “Isto fez por mim o Senhor, quando se dignou retirar o meu opróbrio perante os homens!”

O anúncio do nascimento de João Batista apresenta três importantes informações que merecem ser destacadas:

- » **O renascimento do profeta Elias:** que passaria a ser conhecido como João Batista, o precursor da missão de Jesus, como consta nos versículos 13,16 e 17:

Disse-lhe; porém, o Anjo: “Não temas, Zacarias, porque a tua súplica foi ouvida, e Isabel, tua mulher, te dará um filho, ao qual porás o nome de João;

[...]

e converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus. Ele caminhará à sua frente, com o espírito e o poder de Elias, *a fim de converter os corações dos pais aos filhos* e os rebeldes à prudência dos justos, para preparar ao Senhor um povo bem-disposto”.

- » **A ocorrência usual de manifestações mediúnicas de efeitos inteligentes e físicos:** a vidência de Zacarias (ou, no mínimo, a materialização de um Espírito que, inclusive, se identificou como o Anjo Gabriel), seguida de sua mudez (versículos 11 a 13 e 19):

¹¹Apareceu-lhe, então, o Anjo do Senhor, de pé, à direita do altar do incenso.

¹² Ao vê-lo, Zacarias perturbou-se, e o temor apoderou-se dele. ¹³ Disse-lhe, porém, o Anjo: “Não temas, Zacarias, porque a tua súplica foi ouvida, e Isabel, tua mulher, te dará um filho, ao qual porás o nome de João.

[...]

Respondeu-lhe o Anjo: “Eu sou Gabriel; assisto diante de Deus e fui enviado para anunciar-te essa boa nova.

O Anjo Gabriel anunciaria também o nascimento de Jesus a Maria, poucos meses depois, e, iria aparecer em sonhos a José, em diferentes

ocasiões: “Embora o judaísmo tenha elaborado uma lista completa de nomes de anjos, o Novo Testamento limita-se a nomear dois, que também ocorrem no Antigo Testamento: Gabriel (Dn 8:15-16; 9:21) e Miguel (Dn 10:13, 21; 12:1)”⁸

Das mais antigas tradições de Israel, Deus era percebido como que administrando o cosmo com um cortejo de assistentes divinos. Os membros desse conselho divino eram em geral identificados como “filhos de Deus” e “estrelas matutinas”, “deuses” ou a “hoste do céu”, e atuavam como vice regentes e administradores de Deus, numa burocracia hierárquica acima do mundo [...].⁹

Para a Doutrina Espírita não há uma hierarquia celestial, como fora definida pela mitologia greco-romana, posteriormente pelo Judaísmo e, mais à frente, pela teologia católica. O Espiritismo conceitua *anjos* como “[...] Espíritos puros: os que se acham no mais alto grau da escala [evolutiva] e reúnem todas as perfeições”¹⁰

- » **Necessidade de João Batista levar uma vida de renúncia e devoção para cumprir fielmente a missão que lhe fora destinada:** a reencarnação de Elias, um dos grandes profetas hebreus, como João Batista, não se resumia a ser o precursor ou preparador dos caminhos do Cristo, o que, por si só, é extraordinária missão. Há outras implicações: com João Batista encerra-se o ciclo dos profetas hebreus; Batista deveria passar pela reparação espiritual de ter, enquanto Elias, mandado degolar os sacerdotes de Baal (1Reis, 18:40). Assim, é possível que João Batista tenha sido educado pelos seus pais de forma austera e frugal, preparando-o para exercer o seu ministério, como indica o versículo 15: pois ele será grande diante do Senhor; não beberá vinho, nem bebida embriagante; ficará pleno do Espírito Santo ainda no seio de sua mãe.

Humberto de Campos informa que, efetivamente, a personalidade de João Batista — “o maior dos nascidos de mulher” (Lc 7:28), como afirmaria Jesus, mais tarde —, era incomum e manifestada desde a mais tenra idade, como consta na seguinte informação de Isabel, sua mãe, que o autor do livro *Boa nova* nos transmite:

O que me espanta, dizia Isabel com caricioso sorriso, é o temperamento de João, dado às mais fundas meditações, apesar da sua pouca idade. Não raro, procuro-o inutilmente em casa, para encontrá-lo, quase sempre, entre as figueiras bravas, ou caminhando ao longo das estradas adustas [ardentes], como se a pequena frente estivesse dominada por graves pensamentos.¹¹

Quando o valoroso precursor atingiu a idade adulta, adotou um estilo de vida muito diferente do que se observava entre os habitantes à época, mesmo entre os sacerdotes e religiosos:

Transcorridos alguns anos, vamos encontrar o Batista na sua gloriosa tarefa de preparação do caminho à verdade, precedendo o trabalho divino do amor, que o mundo conheceria em Jesus Cristo.

João, de fato, partiu primeiro, a fim de executar as operações iniciais para grandiosa conquista. Vestido de peles e alimentando-se de mel selvagem, esclarecendo com energia e deixando-se degolar em testemunho à Verdade, ele precedeu a lição da Misericórdia e da bondade. [...].¹²

Amélia Rodrigues por sua vez, fornece-nos outros importantes esclarecimentos:

Tudo na sua vida transcorrerá de modo incomum. O berço fora-lhe oferecido em circunstâncias transcendentais. Seus pais receberam-no, quando já não o esperavam. Conhecia o fato narrado pelo próprio Zacarias.

[...]

Depois ...

Ao seguir para o deserto, vestiu-se como o antigo profeta Elias: uma pele de camelo no corpo; em volta dos rins, um cinto de couro...

Iniciara o ministério por volta do ano 15 do império de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos governador da Judeia e Herodes Antipas, tetrarca da Galileia...

Descera os chapadões rochosos e duros da Pereia e viera a Bethabara, perto da embocadura do Mar Morto, onde o Jordão enseja um vau de fácil acesso para as caravanas, e ali começara pregando e lavando as impurezas com a água do rio; expectante, porém, quanto àquele que conduziria os homens, assinalando-os com o fogo da verdade, *o sinal da vida eterna*. [...].¹³

2.3 A ANUNCIAÇÃO (LC 1:26 A 38)¹⁴

²⁶No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, ²⁷a uma virgem desposada com um varão chamado José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. ²⁸Entrando onde ela estava, disse-lhe: “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!” ²⁹Ela ficou intrigada com essa palavra e pôs-se a pensar qual seria o significado da saudação. ³⁰O Anjo, porém, acrescentou: “Não temas, Maria! Encontraste graça junto de Deus. ³¹Eis que conceberás no teu seio e darás à luz um filho, e tu o chamarás com o nome de Jesus. ³²Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; ³³ele reinará na casa de Jacó para sempre, e o seu reinado não terá fim”. ³⁴Maria, porém, disse ao Anjo: “Como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum?”. ³⁵O anjo lhe respondeu: “O Espírito Santo

virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus.³⁶Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na velhice, e este é o sexto mês para aquela que chamavam de estéril.³⁷*Para Deus, com efeito, nada é impossível.*”³⁸Disse, então, Maria: “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra!”. E o Anjo a deixou.

Craig S. Keener, teólogo, professor e historiador estadunidense, transmite-nos alguns esclarecimentos úteis à contextualização histórico-cultural da *Anunciação*:

Nessa passagem, Lucas estabelece um contraste entre a fé simples de uma moça adolescente, Maria, e a fé genuína, porém menos profunda, de um sacerdote idoso, Zacarias [quando do anúncio do nascimento de João Batista]. [...] Maria foi chamada para cumprir o papel de mãe de Jesus.

[...]

Pelo fato de José ser da linhagem de Davi e Jesus ser legalmente seu filho, esse se qualificava como descendente da casa real de Davi. No judaísmo, “as virgens” eram moças jovens, em geral, de catorze anos ou menos. O termo que Lucas usa aqui para “virgem” também indica que ela ainda não havia tido relação sexual com um homem (1:34-35) [...].¹⁵

Sem intenção de considerar as condições da em que ocorreu a gestação de Maria de Nazaré, sobretudo porque qualquer tentativa a respeito cai, necessariamente, no campo das hipóteses, preferimos destacar que, somente um Espírito de elevada hierarquia espiritual poderia, sem dúvida, ser a mãe de Jesus, ainda que ela desconhecesse a grandeza espiritual que possuía e a missão que deveria executar. Desde o momento em que Gabriel lhe anunciou a vinda do Messias Divino por seu intermédio, até o imenso sofrimento que lhe traspassou o coração ao ver o filho amado ser crucificado, Maria sempre agiu com simplicidade e humildade, devoção e aceitação da vontade do Pai Celestial, como nos esclarece Irmão X (Humberto de Campos):

Sim... Jesus era seu filho, todavia, antes de tudo, era o Mensageiro de Deus. Ela possuía desejos humanos, mas o Supremo Senhor guardava eternos e insondáveis desígnios. O carinho materno poderia sofrer, contudo, a Vontade Celeste regozijava-se. Poderia haver lágrimas em seus olhos, mas brilhariam festas de vitória no Reino de Deus. Suplicara aparentemente em vão, porquanto, certo, o Todo-Poderoso atendera-lhe os rogos, não segundo os seus anseios de mãe, e sim de acordo com seus planos divinos!...¹⁶

Ante à grandeza desse Espírito que, das regiões infinitas da vida, optou em socorrer os que mais sofrem, dirigimos a ela a nossa eterna gratidão, fazendo nossa essa prece de Anália Franco:

Prece à Mãe Santíssima!¹⁷

Mãe Santíssima!...

Enquanto as mães do mundo são reverenciadas, deixa te recordemos a pureza incomparável e o exemplo sublime. . .

Soberana, que recebeste na palha singela o Redentor da Humanidade, sem te rebelares contra as mães felizes, que afagavam espíritos criminosos em palácios de ouro, ensina-nos a entesourar as bênçãos da humildade.

Lâmpada de ternura, que apagaste o próprio brilho para que a luz do Cristo fulgurasse entre os homens, ajuda-nos a buscar na construção do bem para os outros o apoio de nossa própria felicidade.

Benfeitora, que te desvelaste, incessantemente, pelo Mensageiro da Eterna Sabedoria, sofrendo-lhe as dores e compartilhando-lhe as dificuldades, sem qualquer pretensão de furtá-lo aos propósitos de Deus, auxilia-nos a extirpar do sentimento as raízes do egoísmo e da crueldade com que tantas vezes tentamos reter na inconformação e no desespero os corações que mais amamos.

Senhora, que viste na cruz da morte o Filho divino, acompanhando-lhe a agonia com as lágrimas silenciosas de tua dor, sem qualquer sinal de reclamação contra os poderes do Céu e sem qualquer expressão de revolta contra as criaturas da Terra, conduze-nos para a fé que redime e para a renúncia que eleva.

Missionária, salva-nos do erro.

Anjo, estende sobre nós as néveas asas! . . .

Estrela, clareia-nos a estrada com teu lume . . .

Mãe querida, agasalha-nos a existência em teu manto constelado de amor! . . .

E que todas nós, mulheres desencarnadas e encarnadas em serviço na terra, possamos repetir, diante de Deus, cada dia, a tua oração de suprema fidelidade: – “Senhor, eis aqui tua serva, cumpra-se em mim segundo a Tua palavra”.

2.4 A VISITAÇÃO (LC 1:39 A 45)¹⁸

³⁹Naqueles dias, Maria pôs-se a caminho para a região montanhosa, dirigindo-se apressadamente a uma cidade de Judá. ⁴⁰Entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel. ⁴¹Ora, quando Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança lhe estremeceu no ventre, e Isabel ficou repleta do Espírito Santo. ⁴²Com um grande grito, exclamou: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto de teu ventre! ⁴³Donde me vem que a mãe do meu Senhor me visite? ⁴⁴Pois quando tua saudação chegou aos meus ouvidos, a criança estremeceu de alegria em meu ventre. ⁴⁵Feliz aquela que creu, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido!”.

Em termos históricos, Isabel (no hebraico, *Elisheba*, “Deus é um pacto”, *i.e.*, “que faz um pacto”) é conhecida como uma piedosa mulher, filha da casa de Arão, esposa do sacerdote Zacarias e mãe de João Batista,

concebido quando ela estava em idade avançada. Isabel e Maria de Nazaré eram aparentadas.¹⁹

Carlos Torres Pastorino justifica a reação de Isabel quando Maria a saudou, em decorrência da emoção que o próprio filho, em seu ventre, lhe transmitiu:

[...] Dada a grande evolução espiritual de Elias, era-lhe possível manter a consciência desperta mesmo durante a formação de seu corpo físico no ventre de Isabel.

[...]

Ora, o Espírito Elias sabia de tudo o que estava ocorrendo, e tinha visão espiritual ampla, ao passo que Isabel não podia, humanamente, descobrir a gravidez de Maria, que não tinha nem um mês, e, portanto, não aparecia externamente.

[...].

O Espírito Elias, conhecedor dos fatos, saúda Maria como “bendita entre as mulheres”, e acrescenta: “bendito é o fruto que está em teu ventre”.

[...]

Isabel, consciente das palavras que tinham sido ditas por sua boca, comenta o fato, dizendo que, logo que ouviu a voz de Maria, a criança deu saltos de alegria em seu ventre. E conclui abençoando Maria, porque nela se cumpriram as promessas antigas de *Yahveh* [ou Deus, segundo o Judaísmo], e também porque ela deu crédito ao anjo que lhe participara a notícia.²⁰

Essa tese de Pastorino encontra ressonância no pensamento de Cairbar Schutel que afirma: “Por ocasião da visita de Maria, mãe de Jesus, à sua prima Isabel, o Espírito saudou Maria, como se depreende da narrativa, e esta, também envolta nos fluidos dos divinos mensageiros, pronunciou a inspirada prece que corre o mundo com o título *Magnificat* [...]”;²¹ a ser estudado no próximo Tema.

REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. it. 5, conteúdo, p. 6.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 1:1-4, p. 1.786.

- 3 KEENER, Craig. S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. v. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo, SP: Vida Nova, 2017. it. Lucas, 1:1-4, p. 206.
- 4 BRUCE, Frederick Fyvie. *Comentário bíblico NVI: antigo e novo testamentos*. Trad. Valdemar Kroker. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Vida, 2012. it. Prefácio, p. 1.132.
- 5 _____. _____. p. 1.133.
- 6 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, nota de rodapé “c”, p. 1.786.
- 7 _____. _____. *Evangelho segundo Lucas*, 1:5-25, p. 1.786 e 1.787.
- 8 KEENER, Craig. S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. v. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo, SP: Vida Nova, 2017. it. Lucas, 1:19, p. 208.
- 9 METZGER, Bruce M.; COOGAN, Michael. (Orgs.). *Dicionário da bíblia*. v. 1 – As pessoas e os lugares. Trad. Maria Luísa X. de A. Borges. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editora, 2002. verbete: Anjos, p. 14.
- 10 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 4. ed. 9. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. q. 128.
- 11 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília, DF: FEB: 2020. cap. 2.
- 12 _____. _____.
- 13 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador, BA: LEAL, 2001. cap. 2, p. 40 e 41.
- 14 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 1:26-38, p. 1.787.
- 15 KEENER, Craig. S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. v. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo, SP: Vida Nova, 2017. it. Lucas, 1:26-8, p. 209.
- 16 XAVIER, Francisco Cândido. *Lázaro redivivo*. Pelo Espírito Irmão X. 13. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 2.
- 17 _____. *Vozes do grande além*. Por diversos Espíritos. Org. Arnaldo Rocha. 6. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2013. cap. 47 (Espírito Anália Franco).
- 18 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores.

- Nova ed. rev. e ampl.13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 1:39-45, p. 1.787 a 1.788.
- 19 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo, SP: Hagnos, 2005. verbete: Isabel, p. 601.
- 20 PASTORINO, Carlos Torres. *Sabedoria do evangelho*. v. 1. Rio de Janeiro, RJ: Sabedoria, 1964. it. Visita a Isabel, p. 43 e 44.
- 21 SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e ensinios de Jesus*. 28. ed. Matão, SP: O Clarim, 2016. cap. *O precursor do cristianismo*, p. 324.

O CÂNTICO DE MARIA

NASCIMENTO DE JOÃO BATISTA E VISITA DOS VIZINHOS.
CIRCUNCISÃO DE JOÃO BATISTA. O *BENEDICTUS*.
VIDA OCULTA DE JOÃO BATISTA (LC 1:46 A 80)

O nascimento e infância de Jesus, assim como episódios da vida de João Batista, são encontrados com mais detalhes em *Mateus* e *Lucas*. Nos demais evangelistas as informações são mais resumidas. Da mesma forma, *Lucas* apresenta consideráveis declarações de Maria, como o seu *magnificat* (= o espelho da alma de Maria, celebrando a grandeza de Deus), enquanto José é o foco das descrições de *Mateus*.¹ Como *Mateus* associa Jesus às previsões do Messias anunciadas no Antigo Testamento, entre as quais consta que o Messias seria descendente da tribo de Davi, todo o seu *evangelho* transcorre em torno dessa tese: Jesus é o Cristo aguardado pelo povo judeu. Razão pela qual traça toda a genealogia de Jesus a partir de José. *Lucas*, contudo, tem como foco Maria de Nazaré.

3.1 O CÂNTICO DE MARIA (LC 1:46 A 56)²

⁴⁶ Maria, então, disse: “*Minha alma engrandece o Senhor,⁴⁷ e meu espírito exulta em Deus em meu Salvador,⁴⁸ porque olhou para a humilhação de sua serva. Sim! Doravante as gerações todas me chamarão de bem-aventurada,⁴⁹ pois o Todo-Poderoso fez grandes coisas em meu favor. Seu nome é santo⁵⁰ e sua Misericórdia perdura de geração em geração, para aqueles que o temem.* ⁵¹ Agiu com a força de seu braço, dispersou os homens de coração orgulhoso.⁵² Depôs poderosos de seus tronos, e a humildes exaltou.⁵³ Cumulou de bens a famintos e despediu ricos de mãos vazias.⁵⁴ Socorreu Israel, seu servo, lembrado de sua Misericórdia⁵⁵ — conforme prometera a nossos pais — em favor de Abraão e de sua descendência, para sempre!”⁵⁶ Maria permaneceu com ela mais ou menos três meses e voltou para casa.

Os cânticos são peças entoadas ou recitadas frequentemente na liturgia dos serviços eclesiais cristãos. Trata-se de uma “[...] composição poética, em geral pouco extensa, capaz de ser colocada música, para ser entoada.

[...] Os cânticos serviam a fins religiosos ou seculares [...] em louvor dos homens ou de Deus [...] e para imprimir profundas emoções de gratidão e reconhecimento [...].³ *O cântico de Maria*, também conhecido como *magnificat*, “[...] inspira-se no cântico de Ana (ISm 2:1-10) — [mãe de Samuel] — e em muitas passagens do At,⁴ como esclarece Pastorino:

Em resposta a Isabel [à saudação de Isabel], Maria entoava um cântico maravilhoso, que muito nos ensina. Conhecidíssimo em toda a Cristandade por sua primeira palavra latina, o “Magnificat”.

Todo o cântico reproduz pensamentos do *Velho Testamento*, sobretudo dos Salmos.

Logo no primeiro versículo, temos preciosa lição: “Minha alma engrandece o Senhor, pois meu Espírito alegrou-se em Deus”.

Temos, portanto, nítida distinção entre *alma* (*psychê* [...]) e *espírito* (*pneuma* [...]), que Paulo também distingue, de acordo com a filosofia platônica. Por exemplo, em 1 Tess. 5:3, quando suplica a Deus que “nos santifique o *espírito* (*pneuma*), a *alma* (*psiquê*) e o *corpo* (*soma*)”.

[...]

Maria pôs toda a clareza filosófica (podia não ter cultura, mas era sábia); emprega corretamente os tempos dos verbos [...].

A razão da alegria é o prêmio recebido com a descida do Grande Espírito em seu ventre; manifestação espontânea de humildade verdadeira, Maria transfere toda a benevolência à Graça Divina que “baixou seus olhos à pequenez de sua escrava”, e de tal forma a exaltou “que todas as gerações a denominarão bem-aventurada” [...].⁵

É possível que Maria tenha permanecido com Isabel (versículo 56) pelo período de aproximadamente três meses e presenciado o nascimento e a circuncisão de João Batista, como indica nota inserida na *Bíblia de Jerusalém*: “Maria permaneceu provavelmente com Isabel até o nascimento e a circuncisão de João. [...]”⁶

3.2 NASCIMENTO DE JOÃO BATISTA E VISITA DE VIZINHOS. CIRCUNCISÃO DE JOÃO BATISTA (LC 1:57 A 66)⁷

⁵⁷ Quanto a Isabel, completou-se o tempo para o parto, e ela deu à luz um filho.⁵⁸ Os vizinhos e os parentes ouviram dizer que Deus a cumulava com sua Misericórdia e com ela se alegraram.

⁵⁹No oitavo dia, foram circuncidar o menino. Queriam dar-lhe o nome de seu pai, Zacarias,⁶⁰ mas a mãe, tomando a palavra, disse: “Não, ele se chamará João”.

⁶¹Replicaram-lhe: “Em tua parentela não há ninguém que tenha este nome!”⁶² Por meio de sinais, perguntavam ao pai como queria que se chamasse.⁶³ Pedindo uma tabuinha, escreveu “Seu nome é João”, e todos ficaram admirados.⁶⁴ E a boca imediatamente se lhe abriu, a língua desatou-se e ele falava, bendizendo a Deus.⁶⁵ O temor apoderou-se então de todos os seus vizinhos, e por toda a região montanhosa da Judeia comentavam-se esses fatos.⁶⁶ E todos os que ouviam gravavam essas coisas no coração, dizendo: “Que virá a ser esse menino?” E, de fato, a mão do Senhor estava com ele.

Lucas destaca a importância do nascimento de João Batista, sobretudo quando a criança foi levada ao templo para a circuncisão: a indicação do nome do filho por Isabel, confirmado gestualmente e por escrito por Zacarias [ele estava mudo] — fato que foi questionado pelos circunstantes, por ser um nome incomum na família —, a cessação da mudez de Zacarias e toda a atenção que os eventos despertaram entre os membros da comunidade. A circuncisão, prática que tem como objetivo remover o prepúcio do órgão de reprodução masculino, tem significado especial para a tradição do Judaísmo, cuja origem estaria relacionada a um sinal ou acordo divino estabelecido com *Abraão* (*Gênesis*, 17:11): “*Fareis circuncidar a carne de vosso prepúcio, e esse será o sinal da aliança entre mim e vós*”. Acordo que que teria sido reforçado posteriormente, segundo *Josué* (5:2 a 4), quanto aos judeus que foram libertados do cativo egípcio: *Naquele tempo disse o Senhor a Josué: Faze facas de pedra e torna a circuncidar segunda vez aos filhos de Israel. Então Josué fez para si facas de pedra e circuncidou aos filhos de Israel no monte dos prepúcios. E foi esta a causa porque Josué os circuncidou: todo o povo que tinha saído do Egito.*

O capítulo dezessete de *Gênesis* exibe a circuncisão primeiramente como algo espiritual, e somente então a considera um sinal secundário, nacional [...], significando a união da nação israelita, e não pode ser negado [...]; [mas] a circuncisão é identificada com a aliança estabelecida com Abraão. [...]. Além disso, o NT se refere à circuncisão como um “selo” (Rm 4:11) do dom da justiça de Deus. [...]. A circuncisão, portanto, é o sinal daquela obra da graça mediante a qual seleciona e marca homens para serem seus.⁸

O Espiritismo, sem dúvidas, respeita as tradições de todas as religiões e culturas, enfatizando como essas foram, e são, importantes no âmbito da organização social de um povo e de uma nação; entretanto, os postulados espíritas nos estimulam a considerar a mensagem espiritual que se encontra por trás dos símbolos, rituais e das práticas religiosas. Allan Kardec esclarece a respeito:

Seria formar ideia muito falsa do Espiritismo quem julgasse que ele haure suas forças na prática das manifestações materiais e que, impedindo-se tais

manifestações, é possível minar-lhe a base. Sua força está na sua Filosofia, no apelo que dirige à razão, ao bom senso. Na Antiguidade, era objeto de estudos misteriosos, que cuidadosamente se ocultavam do vulgo. Hoje, ele não tem segredos para ninguém. Fala uma linguagem clara, sem ambiguidades. Nada há nele de místico, nada de alegorias suscetíveis de falsas interpretações. Quer ser compreendido por todos, porque são chegados os tempos de fazer-se que os homens conheçam a verdade. Longe de se opor à difusão da luz, ele a quer para todo o mundo. Não exige crença cega; quer que o homem saiba por que crê. Apoiando-se na razão, o Espiritismo será sempre mais forte do que os que se apoiam no nada.⁹

Ante tais esclarecimentos espíritas e não espíritas, entendemos que o texto de *Lucas* traz informações relacionadas ao renascimento do profeta Elias e a missão que ele deveria cumprir, agora, sob o nome de João Batista.

3.3 O *BENEDICTUS* E VIDA OCULTA DE JOÃO BATISTA (LC 1:67 A 80)¹⁰

⁶⁷Zacarias, seu pai, repleto do Espírito Santo, profetizou: ⁶⁸Bendito seja o Senhor Deus de Israel, porque visitou e redimiu o seu povo,⁶⁹ e suscitou-nos uma força de salvação na casa de Davi, seu servo,⁷⁰ como prometera desde tempos remotos pela boca de seus santos profetas,⁷¹ salvação que nos liberta dos nossos inimigos e da mão de todos os que nos odeiam;⁷² para fazer misericórdia com nossos pais, lembrado de sua aliança sagrada,⁷³ do juramento que fez ao nosso pai Abraão, de nos conceder⁷⁴ que — sem temor, libertos da mão dos nossos inimigos — nós o sirvamos⁷⁵ com santidade e justiça, em sua presença, todos os nossos dias.⁷⁶ E tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo; pois irás à frente do Senhor, para preparar-Lhe os caminhos,⁷⁷ para transmitir ao seu povo o conhecimento da salvação, pela remissão de seus pecados.⁷⁸ Graças ao Misericordioso coração do nosso Deus, pelo qual nos visita o Astro das alturas,⁷⁹ para iluminar os que jazem nas trevas e na sombra da morte, para guiar nossos passos no caminho da paz”.

⁸⁰ O menino crescia e se fortalecia em espírito. E habitava nos desertos, até o dia em que se manifestou a Israel.

Benedictus é palavra latina que corresponde à expressão *ação de graças*. Etimologicamente quer dizer bendito: “Como o *Magnificat* [veja o Tema 2], esse cântico é uma peça poética que Lc adota e põe nos lábios de Zacarias, acrescentando os vv. 76-77 para adaptá-lo à situação. Não o inseriu na narrativa em prosa (v. 64), mas depois dela. [...]”.¹¹ O *Benedictus* é um cântico citado apenas por *Lucas*, considerado uma canção de agradecimento a Deus que fora proferida por Zacarias por ocasião do nascimento do seu filho, João Batista. O *Benedictus* ou *Cântico de Zacarias* foi incluído no *Livro de*

Odes, uma antiga coletânea litúrgica encontrada em alguns manuscritos da *Septuaginta*.¹² O *Livro de Odes*, citado apenas como *Odes*, é encontrado apenas nas bíblias ortodoxas ou como um apêndice dos *Salmos*.¹³ A prática de utilizar orações de graças pela Igreja de Roma, cantadas durante a missa ou recitadas nos funerais, só aconteceu muito tempo depois da Igreja Ortodoxa.

O certo é que Elias ou João Batista foi cercado de todos os cuidados pelos seus pais que, conscientes da missão que o filho deveria realizar, o mantinha mais isolado, como assinala *Lucas* (1:80): *O menino crescia e se fortalecia em espírito. E habitava nos desertos, até o dia em que se manifestou a Israel.*

Na mensagem que se segue, Emmanuel faz considerações a respeito do versículo 79 de *Lucas*, parte integrante do Cântico de Zacarias:

Substitutos¹⁴

Para alumiar os que estão assentados em trevas e sombra de morte, a fim de dirigir os nossos pés pelo caminho da paz. (Lucas, 1:79.)

É razoável que o administrador distribua serviço e responda pela mordomia que lhe foi confiada.

Detendo encargos da direção, o homem é obrigado a movimentar grande número de pessoas.

Orientará os seus dirigidos, educará os subalternos, dar-lhes-á incumbências que lhes apurem as qualidades no serviço.

Ainda assim, o dirigente não se exime das obrigações fundamentais que lhe competem.

Se houve alguém que poderia mobilizar milhões de substitutos para o testemunho na Crosta da Terra, esse alguém foi Jesus.

Disponha o Senhor de legiões de emissários esclarecidos, mantinha incalculáveis reservas ao seu dispor. Poderia enviar ao mundo iluminados filósofos para renovarem o entendimento das criaturas, médicos sábios que curassem os cegos e os loucos, condutores fiéis, dedicados a ensinar o caminho do bem.

Em verdade, desde os primórdios da organização humana mobiliza o Senhor a multidão de seus cooperadores diretos, a nosso favor, mesmo porque suas Mãos Divinas enfeixam o poder administrativo da Terra, mas urge reconhecer que, no momento julgado essencial para o lançamento do Reino de Deus entre os homens, veio, Ele mesmo, à nossa esfera de sombras e conflitos.

Não enviou substitutos ou representantes. Assumiu a responsabilidade de seus ensinamentos e, sozinho, suportou a incompreensão e a cruz.

Inspiremo-nos no Cristo e atendamos pessoalmente ao dever que a vida nos confere.

Perante o Supremo Senhor, todos temos serviço intransferível.

REFERÊNCIAS

- 1 BRUCE, Frederick Fyvie. *Comentário bíblico NVI: antigo e novo testamentos*. Trad. Valdemar Kroker. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Vida, 2012. it. 2, Ascendência e infância, p.1.133.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl.13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 1: 46-56, p. 1.788.
- 3 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo, SP: Hagnos, 2005. verbete: Cântico, p. 224.
- 4 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 1:48, nota de rodapé “c”, p. 1.788.
- 5 PASTORINO, Carlos Torres. *Sabedoria do evangelho*. v. 1. Rio de Janeiro, RJ: Sabedoria, 1964. it. Visita a Isabel, p. 44 e 45.
- 6 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 1:56, nota de rodapé “d”, p. 1.788.
- 7 _____. _____. *Evangelho segundo Lucas*, 1: 57-66, p. 1.788 e 1.789.
- 8 DOUGLAS, J.D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. rev. São Paulo, SP: Vida Nova, 2006. verbete: Circuncisão, p. 236.
- 9 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 4. ed. 9. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. *Conclusão VI*.
- 10 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 1:67-80, nota de rodapé “b”, p. 1.789.
- 11 _____. _____. *Evangelho segundo Lucas*, 1:67-79, nota de rodapé “b”, p. 1.789.
- 12 BENEDICTUS: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Benedictus>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- 13 LIVRO DE ODES: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Benedictus>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 15. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 85.

NASCIMENTO DE JESUS E VISITA DOS PASTORES

CIRCUNCISÃO E APRESENTAÇÃO DE JESUS NO TEMPLO. O CÂNTICO DE SIMEÃO (LC 2:1 A 32)

O nascimento de Jesus é assinalado por *Lucas* como significativo marco histórico para a Humanidade, ainda que alguns historiadores, respeitáveis nos estudos que realizam, cometam o equívoco de rejeitarem os registros do terceiro evangelista que constam do seu evangelho e/ou do livro *Atos dos apóstolos*. Dentre esses estudiosos há, até mesmo, quem defenda a absurda tese de que Jesus não teria existido. Ambas as conclusões (registros de *Lucas* e a inexistência de Jesus) são precipitadas, em geral criadas pelo excesso de intelectualismo (ou até pelo excesso de zelo teológico), que se prendem mais aos aspectos da historicidade, desconsiderando o sentido moral do Evangelho.

Lucas faz quatro assertivas logo no início do capítulo 2: (1) o recenseamento sob César Augusto [imperador romano], durante o reinado de Herodes; (2) envolveu a volta de todos à terra dos seus antepassados [judeus que viviam no exílio]; (3) fez parte de um arrolamento mundial (isto é, do império romano); (4) ocorreu durante o primeiro termo do governo de Quirino sobre a província da Síria. Argumentos longos e complicados têm sido apresentados por eruditos teológicos e históricos, procurando desacreditar essas declarações. Os autores antigos não apoiam *Lucas*; mas desde as pesquisas de Sir William Ramsay, agora largamente admitidas, é que *Lucas* teria razão em todas as quatro assertivas [...].¹

A contextualização histórica que *Lucas* nos transmite é importante, pois afastam dúvidas expressas por alguns acadêmicos sobre a historicidade dos fatos. Modernamente, contudo, após a iniciativa de alguns estudiosos de checar os fatos, inclusive do ponto de vista arqueológico, e de pesquisar mais profundamente o assunto, sem revelarem ideias preconcebidas, os registros de *Lucas* passaram a ser aceitos pela comunidade científica. Tais

conclusões se devem, em grande parte, ao dedicado e incansável trabalho do respeitado pesquisador e arqueologista escocês, Sir William Ramsay (1851–1939), professor da Universidade de Oxford-Inglaterra e especialista no Novo Testamento.

Após minuciosas e reflexivas análises, o determinado pesquisador realizou, junto com a sua equipe, inúmeras viagens para localidades citadas por *Lucas* — refez, inclusive, os caminhos percorridos pelo apóstolo *Paulo*. Ele viajou para a Ásia Menor e, por meio de pesquisas arqueológicas apuradas,² concluiu que a “[...] obra de *Lucas* é extremamente precisa quando se refere aos costumes, lugares e personagens do I século d.C. Ramsay, ao longo de seus trabalhos, considerou o livro de *Atos* autoridade em assuntos como topografia, antiguidades e sociedades da Ásia Menor e [...] um aliado útil em escavações obscuras e difíceis”.²

4.1 NASCIMENTO DE JESUS E VISITA DOS PASTORES (LC 2:1 A 20)³

¹Naqueles dias, apareceu um edito de César Augusto, ordenando o recenseamento de todo o mundo habitado.² Esse recenseamento foi o primeiro enquanto Quirino era governador da Síria.³ E todos iam se alistar, cada um na própria cidade.⁴ Também José subiu da cidade de Nazaré, na Galileia, para a Judeia, na cidade de Davi, chamada Belém, por ser da casa e da família de Davi,⁵ para se inscrever com Maria, desposada por ele, que estava grávida.⁶ Enquanto lá estavam, completaram-se os dias para o parto,⁷ e ela deu à luz o seu filho primogênito, envolveu-o com faixas e reclinou-o numa manjedoura, porque não havia um lugar para eles na sala.⁸ Na mesma região havia uns pastores que estavam nos campos e que durante as vigílias da noite montavam guarda a seu rebanho.⁹ O Anjo do Senhor apareceu-lhes e a glória do Senhor envolveu-os de luz; e ficaram tomados de grande temor.¹⁰ O Anjo, porém, disse-lhes: “Não temais! Eis que eu vos anuncio uma grande alegria, que será para todo o povo:¹¹ Nasceu-vos hoje um Salvador, que é o Cristo-Senhor, na cidade de Davi.¹² Isto vos servirá de sinal: encontrareis um recém-nascido envolto em faixas deitado numa manjedoura”.¹³ E de repente juntou-se ao anjo uma multidão do exército celeste a louvar a Deus dizendo:¹⁴ “Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens que Ele ama!”¹⁵ Quando os anjos os deixaram, em direção ao céu, os pastores disseram entre si: “Vamos já a Belém e vejamos o que aconteceu, o que o Senhor nos deu a conhecer”.¹⁶ Foram então às pressas, e encontraram Maria, José e o recém-nascido deitado na manjedoura.¹⁷ Vendo-o, contaram o que lhes fora dito a respeito do menino;¹⁸ e todos os que os ouviam ficavam maravilhados com as palavras dos pastores.¹⁹ Maria, contudo, conservava cuidadosamente todos esses acontecimentos e os meditava em seu coração.²⁰ E

os pastores voltaram, glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham visto e ouvido, conforme lhes fora dito.

César Augusto, mais precisamente, Caio Júlio César Otávio Augusto (do latim, *Caius Julius Caesar Octavianus Augustus*), foi o imperador romano que reinou durante o período de 30 a.C. a 14 d.C., e que, supostamente, teria ordenado um recenseamento somente em relação aos judeus. Há, pois, contradições entre as informações de *Lucas* e as de *Mateus* a respeito do assunto.

Uma vez que Josefo data o recenseamento sob Quirino [governador da Síria] em 6 d.C.; a cronologia do nascimento de Jesus fornecida por Lc não se concilia com a de Mt, na qual Jesus nasceu antes da morte de Herodes Magno [ou Grande] (4 a.C.), talvez desde o ano 8-6. Com efeito, o recenseamento da Judeia sob Quirino fez fama: sua ocasião foi a reorganização do país como província procuratorial depois da deposição do etnarca Arquelau, filho de Herodes, e provocou a insurreição de Judas Galileu que é mencionado em At 5:17 [...].⁴

O nascimento de Jesus acontece no momento propício, não há dúvidas a respeito. Primeiro, porque fazia parte dos planos de Deus enviar o seu Messias à comunidade terrestre, tendo em vista o futuro da Humanidade. Segundo, porque, a despeito da ideia de domínio e subjugação de povos estivessem presentes, havia sido construída uma boa base moral por Moisés e os profetas do Antigo Testamento, necessária à manifestação da Lei de Amor que o Cristo anunciaria e vivenciaria. Assim, a vinda do Cristo impregnou a atmosfera do planeta Terra de elevadas vibrações, fornecendo, de certa forma, uma trégua às desarmonias reinantes. Neste sentido, o governo do imperador romano se apresenta perante a História como uma era de beleza e realizações nobres, conforme assinala Humberto de Campos:

É que os historiadores ainda não perceberam, na chamada época de Augusto, o século do Evangelho ou da Boa-Nova.

[...]

É por essa razão que o ascendente místico da era de Augusto se traduzia na paz e no júbilo do povo que, instintivamente, se sentia no limiar de uma transformação celestial.

Ja chegar à Terra o Sublime Emissário. Sua lição de verdade e de luz ia espalhar-se pelo mundo inteiro, como chuva de bênçãos magníficas e confortadoras. A Humanidade vivia, então, o século da Boa-Nova. Era a “festa do noivado” a que Jesus se referiu no seu ensinamento imorredouro.

Depois dessa festa dos corações, qual roteiro indelével para a concórdia dos homens, ficaria o Evangelho como o livro mais vivaz e mais formoso do mundo, constituindo a mensagem permanente do Céu, entre as criaturas em trânsito

pela Terra, o mapa das abençoadas altitudes espirituais, o guia do caminho, o manual do amor, da coragem e da perene alegria.⁵

O nascimento de Jesus foi cercado de acontecimentos notáveis, como registram os versículos 8 a 14: o aparecimento de um anjo que transmitiu o seguinte anúncio aos pastores, que se encontravam no campo cuidando do rebanho: ¹⁰“Não temais! Eis que eu vos anuncio uma grande alegria, que será para todo o povo: ¹¹Nasceu-vos hoje um Salvador, que é o Cristo-Senhor, na cidade de Davi. ¹²Isto vos servirá de sinal: encontrareis um recém-nascido envolto em faixas deitado numa manjedoura” (Lc 2:10 a 12). Ato contínuo, e para a surpresa dos pastores, uma multidão de mensageiros celestiais pronunciaram um ardoroso louvor ao Messias recém-chegado no plano físico: ¹³E de repente juntou-se ao anjo uma multidão do exército celeste a louvar a Deus dizendo: ¹⁴“Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens que ele ama!” (Lc 2:13 a 14).

Ante tais acontecimentos, faz-se necessário enfatizar três pontos:

» **Aparecimento do anjo aos pastores**

O Espiritismo nos oferece duas possibilidades para o fenômeno: a) vidência mediúnica dos pastores; b) materialização do Espírito puro (anjo). Quanto à primeira, em *O livro dos médiuns* consta este esclarecimento: “Os médiuns videntes são dotados da faculdade de ver Espíritos. Alguns gozam dessa faculdade em estado normal, quando perfeitamente acordados, e conservam lembrança precisa do que viram. [...]”. Aos vários pastores dotados da mediunidade de vidência não seria impossível, mas nos parece ser incomum. Por outro lado, há pessoas que só conseguem ver Espíritos quando estão adormecidas — o que nos parece improvável em relação aos pastores que se encontravam em estado de vigília, cuidando do rebanho —, como bem esclarece Allan Kardec: “Outros [médiuns] só a possuem em estado sonambúlico ou próximo do sonambulismo. [...] A possibilidade de ver os Espíritos quando sonhamos não deixa de ser uma espécie de mediunidade, mas não constitui, propriamente falando, a mediunidade de vidência. [...]”⁶

A materialização do anjo seria a hipótese mais provável, pois independe da vidência mediúnica (qualquer pessoa, vidente ou não, pode ver a entidade espiritual materializada), mas utilizando o fluido vital, ou bioenergia, denominado *ectoplasma*, doado pelos homens, plantas e animais. Com a absorção do *ectoplasma*, o Espírito produz a própria materialização e tangibilidade: “[...] Pela combinação dos fluidos, o perispírito assume uma disposição especial [...] que o torna perceptível”⁷

» **O fenômeno das vozes dos anjos soando no ar**

Da mesma forma que um Espírito pode materializar-se e tornar-se visível aos circunstantes, a sua voz pode, igualmente, ser materializada. As materializações de um ser espiritual, de objetos e sons, desde ruídos até sentenças, melodias, entre outros, são conhecidas como *fenômenos de efeitos físicos*, cujos médiuns são assim conceituados por Allan Kardec: “[...] os que têm o poder de provocar efeitos materiais ou manifestações ostensivas”.⁸

» **O teor do louvor emitido pelas vozes celestiais**

Após a materialização do anjo aos pastores, anunciando-lhes o nascimento de Jesus e o local onde Ele seria encontrado, um clamor de vozes se materializou na atmosfera, e os pastores ouviram o seguinte louvor dos emissários celestiais: “*Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens que ele ama*” (Lc 2:14).

Esse louvor aparece escrito de diferentes formas, conforme as traduções do Novo Testamento. Permanece, porém, o sentido central: glorificar a Deus por nos ter enviado Jesus, o Messias do amor e da paz. A respeito, a *Bíblia de Jerusalém* registra: “A tradução corrente ‘Paz aos homens de boa vontade’, baseada na *Vulgata*, não reproduz o sentido usual do termo grego [...]”⁹

Emmanuel analisa o cântico dos anjos com a sabedoria que lhe é inerente no texto *Mensagem de Natal*, da qual citamos os seis primeiros parágrafos:

O cântico das legiões angélicas, na Noite Divina, expressa o programa do Pai acerca do apostolado que se reservaria ao Mestre nascente.

O louvor celeste sintetiza, em três enunciados pequeninos, a plataforma do Cristianismo inteiro.

Glória a Deus nas Alturas, significando o imperativo de nossa consagração ao Senhor Supremo, de todo o coração e de toda a alma.

Paz na Terra, traduzindo a fraternidade que nos compete incentivar, no plano de cada dia, com todas as criaturas.

Boa Vontade para com os homens, definindo as nossas obrigações de serviço espontâneo, uns à frente dos outros, no grande roteiro da Humanidade.

O Natal exprime renovação da alma e do mundo, nas bases do Amor, da Solidariedade e do Trabalho.¹⁰

Os pastores partiram para a cidade de Davi (Belém), buscaram a manjedoura e, como lhes anunciara o anjo, encontraram Jesus, recém-nascido, com os seus pais. Proferiram glorificações e louvores a Deus, espalhando a todas as pessoas as notícias alvissareiras (Lc 2:15 a 18, 20).

Destacam-se, porém, a prudência e humildade de Maria de Nazaré ao tomar ciência dos acontecimentos relatados pelos pastores: *Maria, contudo, conservava cuidadosamente todos esses acontecimentos e os meditava em seu coração* (Lc 2:19). Intuitivamente, é possível que Maria pressentisse a vida de renúncia e sacrifícios que lhe estava destinada desde o momento do nascimento do Messias de Deus. Amélia Rodrigues fala a respeito: “De certo modo seriam assim as vidas de todas as mães, em particular daquelas que doariam ao mundo os mártires, os heróis, os santos...”²¹

4.2 CIRCUNCISÃO DE JESUS. APRESENTAÇÃO DE JESUS NO TEMPLO. O CÂNTICO DE SIMEÃO (LC 2:21 A 32)⁴

²¹ Quando se completaram os oito dias para a circuncisão do menino, foi-lhe dado o nome de Jesus, conforme o chamou o Anjo, antes de ser concebido.

²² Quando se completaram os dias para a purificação deles, segundo a Lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém a fim de apresentá-lo ao Senhor;²³ conforme está escrito na Lei do Senhor: Todo macho que abre o útero será consagrado ao Senhor,²⁴ e para oferecer em sacrifício, como vem dito na Lei do Senhor, um par de rolas ou dois pombinhos.²⁵ E havia em Jerusalém um homem chamado Simeão que era justo e piedoso; ele esperava a consolação de Israel, e o Espírito Santo estava nele.²⁶ Fora-lhe revelado pelo Espírito Santo que não veria a morte antes de ver o Cristo do Senhor.²⁷ Movido pelo Espírito, ele veio ao Templo, e quando os pais trouxeram o menino Jesus para cumprir as prescrições da Lei a seu respeito,²⁸ ele o tomou nos braços e bendisse a Deus, dizendo:²⁹ Agora, Soberano Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra;³⁰ porque meus olhos viram Tua salvação,³¹ que preparaste em face de todos os povos,³² luz para iluminar as nações, e glória de teu povo, Israel.

A despeito das previsões e sinais que envolveram a vida de Jesus – seu nascimento, pregação, crucificação e ressurreição –, a sagrada família cumpria todas as ordenações prescritas pela religião e cultura judaica, ainda que o Cristo tenha destacado continuamente a necessidade de servir à Lei de Deus. Assim, o Mestre Nazareno foi submetido à circuncisão (veja o estudo anterior no Tema 2, mais informações a respeito) e à apresentação no Templo, em Jerusalém. Essa apresentação indicava o momento exato em que a criança recém-nascida seria, efetivamente, apresentada a Deus (*Yahweh*). Seguia-se, então, um ritual específico, reproduzido desde os tempos antigos, instituído por Moisés (Êx 13:2,12 e Lv 12:8), e que incluía, além da circuncisão, a purificação com sacrifício de animais (no caso, duas pombas) e a informação do nome que a criança passaria a ser conhecida.

[...] Os pais de Jesus cumprem a lei de Moisés de forma correta e fiel. O sacrifício específico que oferecem [duas rolinhas] indica que são pobres (Lv 12:8). Seguindo o costume, Maria imporia as mãos sobre os pombinhos, depois, um sacerdote os levaria ao canto sudoeste do altar, torcendo o pescoço de uma das aves como oferta pelo pecado e queimando a outra como holocausto.¹²

As expressões ritualísticas, principalmente as que prescrevem sacrifícios de animais, não apresentam significado nem relevância atualmente. Contudo, por integrarem as tradições culturais dos povos devem ser respeitadas. O Evangelho e os postulados espíritas ensinam que os sacrifícios devem ser entendidos não como uma ação material, mas moral ou espiritual, conforme ensina Allan Kardec: “[...] os judeus ofereciam sacrifícios materiais [...]. O cristão não oferece dons materiais, já que espiritualizou o sacrifício; mesmo assim, o preceito ganha ainda mais força. Ele oferece sua alma a Deus, e essa alma tem de ser purificada. [...]”¹³ Assim, o sacrifício que Deus espera do ser humano é o esforço que ele pode empregar para desenvolver virtudes, combatendo as próprias imperfeições ou as más tendências. O combate ao egoísmo e ao orgulho, duas chagas da Humanidade, transforma-o, pouco a pouco, em pessoas de bem, sobretudo pela prática da caridade e do amor ao próximo.

Nos versículos 25 a 32, *Lucas* relata breve história de Simeão, um homem justo e piedoso que, segundo uma revelação que lhe fora dada, veria o Messias aguardado pelos judeus, antes de morrer. Ao se deparar com Jesus no Templo, o reconheceu como o Cristo de Deus e, emocionado, profere um cântico de louvor ao Senhor, possivelmente repetindo as palavras do profeta Isaías: “*Agora, Soberano Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque meus olhos viram tua salvação, que preparaste em face de todos os povos, luz para iluminar as nações, e glória de teu povo, Israel*” (Lc 2:29 a 32).

Diversamente dos cânticos anteriores, esse cântico parece ter sido composto pelo próprio Lucas em particular com a ajuda de textos de Isaías. Depois do primeiro trístico, referente a Simeão e à sua morte próxima, o segundo define a salvação universal trazida pelo Messias Jesus: iluminação do mundo pagão que, partindo do povo eleito, reverterá a glória para esse último.¹²

O cântico de Simeão e os registros da *Bíblia de Jerusalém* nos transmitem uma certeza: “O Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai senão por Ele” (Jo 14:6).

Emmanuel dá destaque especial a esta frase do cântico de Simeão: *luz para iluminar as nações*. A página do venerável benfeitor espiritual,

psicografia do saudoso Chico Xavier, cala-nos fundo e revela, uma vez mais, a importância de nos transformarmos em pessoas de bem.

Página do Natal¹⁵

Luz para alumiar as nações. (Lucas, 2:32.)

Há claridade nos incêndios destruidores que consomem vidas e bens.
 Resplendor sinistro transparece nos bombardeiros que trazem a morte.
 Reflexos radiosos surgem do lança-chamas.
 Relâmpagos estranhos assinalam a movimentação das armas de fogo.
 No Evangelho, porém, é diferente.
 Comentando o Natal, assevera Lucas que o Cristo é a luz para alumiar as nações.
 Não chegou impondo normas ou pensamento religioso.
 Não interpelou governantes e governados sobre processos políticos.
 Não disputou com os filósofos quanto às origens dos homens.
 Não concorreu com os cientistas na demonstração de aspectos parciais e transitórios da vida.
 Fez luz Espírito eterno.
 Embora tivesse o ministério endereçado aos povos do mundo, não marcou a sua presença com expressões coletivas de poder, quais exércitos e sacerdócios, armamentos e tribunais.
 Trouxe claridade para todos, projetando-a de si mesmo.
 Revelou a grandeza do serviço à coletividade, por intermédio da consagração pessoal ao Bem Infinito.
 Nas reminiscências do Natal do Senhor, meu amigo, medita no próprio roteiro.
 Tens suficiente luz para a marcha?
 Que espécie de claridade acendem no caminho?
 Foge ao brilho fatal dos curtos-circuitos da cólera, não te contentes com a lanterninha da vaidade que imita o pirilampo em voo baixo, dentro da noite, apaga a labareda do ciúme e da discórdia que atira corações aos precipícios do crime e do sofrimento.
 Se procurares o Mestre Divino e a experiência cristã, lembra-te de que na Terra há clarões que ameaçam, perturbam, confundem e anunciam arrasamento...
 Estarás realmente cooperando com o Cristo, na extinção das trevas, acendendo em ti mesmo aquela sublime luz para alumiar?

REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. cap. 2, it. d, Nascimento de Jesus, 2:1-20, p. 35.

- 2 Disponível em: <http://www.arqueologia.criacionismo.com.br/2007/04/sir-william-ramsay-o-ctico-ideal.html> Acesso em: 18 fev. 2021. In: RAMSAY, William M. *St. Paul: the Traveller and the Roman Citizen*. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1962. p. 8.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 2:1-20, p. 1.789 e 1.790.
- 4 _____. _____. *Evangelho segundo Lucas*, 2:1-2, nota de rodapé “I”, p. 1.789 e 1.790.
- 5 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília, DF: FEB, 2020, cap. 1.
- 6 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 6. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. 2ª pt., cap. 14, it. 167.
- 7 _____. _____. cap. 6, it. 100, q. 23.
- 8 _____. _____. cap. 16, it. 187.
- 9 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 2:1-2, nota de rodapé “d”, p.1.790.
- 10 XAVIER, Francisco Cândido. *Antologia mediúnica do Natal*. Por diversos Espíritos. 6. ed. Brasília, DF: FEB, 2009. cap. 2 (mensagem de Emmanuel).
- 11 FRANCO, Divaldo Pereira. *Quando voltar a primavera*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 2, p. 25.
- 12 KEENER, Craig. S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. v. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo, SP: Vida Nova, 2017. it. O bebê e suas testemunhas, p. 216.
- 13 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 10, it. 8.
- 14 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 2:29-32, nota de rodapé “c”, p.1.790.
- 15 XAVIER, Francisco Cândido. *Antologia mediúnica do Natal*. Por diversos Espíritos. 6. ed. Brasília, DF: FEB, 2009. cap. 4.

PROFECIA DE SIMEÃO

PROFECIA DE ANA. VIDA OCULTA DE JESUS EM NAZARÉ. JESUS ENTRE OS DOUTORES. AINDA A VIDA OCULTA EM NAZARÉ (LC 2:33 A 52)

No estudo anterior, vimos o cântico proferido por Simeão, que, após conhecer Jesus, o abençoar e também aos seus pais, anuncia uma profecia que, a bem da verdade, reporta-se ao profeta Isaías:

As figuras usadas aqui se baseiam em Isaías, 8:14-15, em que Deus põe uma pedra de tropeço para Israel [*o menino foi posto para a queda* – v. 34], ao passo que a “elevação” [*soerguimento* – v. 34] remete a Isaías 28:16 (“ponho em Sião, *fortaleza a sudeste de Jerusalém*, uma pedra como alicerce, pedra aprovada, pedra angular preciosa, de firme fundamento”). A conexão entre as duas passagens *isaiânicas* aparece também em outros textos cristãos primitivos. [...].¹

5.1 PROFECIA DE SIMEÃO (LC 2:33 A 35)²

³³Seu pai e sua mãe estavam admirados com o que diziam dele. ³⁴Simeão abençoou-os e disse a Maria, sua mãe: “Eis que este menino foi posto para a queda e para o soerguimento de muitos em Israel, e como um sinal de contradição — ³⁵e a ti, uma espada traspassará tua alma! — para que se revelem os pensamentos íntimos de muitos corações”.

Em outras palavras, a missão de Jesus seria altamente desafiante: se considerarmos, de um lado, o excesso de rituais e manifestações de cultos externos do Judaísmo, em detrimento dos ensinamentos, e sobretudo, da inobservância das leis morais transmitidas por Moisés e pelos profetas. Por outro, a sociedade da época era predominantemente politeísta, não só da parte dos invasores romanos, mas também dos povos gentílicos. Jesus aparece então nesse cenário como pedra de tropeço, pois iria trazer uma nova ordenação ao mundo, não somente no que se refere à aplicação da Lei de Deus, isto é a Lei Moral, mas também revelar aos gentílicos que só

existe um só Deus, Pai e Criador. Em consequência, surgiriam hostilidades e perseguições dos adversários contra a luz do mundo, que conduziria a Humanidade ao progresso espiritual.³

5.2 PROFECIA DE ANA (LC 2:36 A 38)⁴

³⁶Havia também uma profetisa chamada Ana, de idade muito avançada, filha de Fanuel, da tribo de Aser. Após a virgindade, vivera sete anos com o marido;³⁷ficou viúva e chegou aos oitenta e quatro anos. Não deixava o Templo, servindo a Deus dia e noite com jejuns e orações. ³⁸Como chegasse nessa mesma hora, agradecia a Deus e falava do menino a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém.

A profetiza Ana confirma as informações de Isaías recordadas por Simeão: Jesus seria a redenção de Jerusalém. Importa considerar, porém, o significado de certas palavras-chave que aparece implícito ou explicitamente nas manifestações de Simeão e de Ana, quais sejam: profeta e profecia, Israel e Jerusalém.

» Profeta/Profecia

A palavra “profeta” vem do grego *profetes*, de *pro* (“antes” ou “por”) e *phemi* (“fala”). O profeta, portanto, é aquele que fala antes, no sentido de proclamar, ou aquele que fala, *i.e.*, em nome de Deus.

No AT há três termos que significam “profeta”: *rōʾeh*, *nābi* e *hōzeh*. O primeiro e o último são distinguidos entre si por nuances que dizem respeito ao caráter habitual ou temporário da visão. *Nābi* (aquele que testemunha ou testifica) adapta-se melhor à caracterização da missão do profeta.

[...]

Os profetas são bem conhecidos. Os profetas escritores do AT. Geralmente são divididos em quatro profetas maiores (Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel) e em doze profetas menores (Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias), de acordo com o tamanho de seus respectivos escritos.⁵

Para o Espiritismo, profeta é pessoa portadora de um tipo de mediunidade:

Variedade dos médiuns inspirados ou de pressentimentos. Recebem com a permissão de Deus e com mais exatidão do que os médiuns de pressentimentos, a revelação das coisas futuras de interesse geral. Estão encarregados de transmitir-las aos homens, em benefício da instrução destes.⁶

Ao complementar essas informações, recordemos, aqui, o conceito espírita de médiuns inspirados e médiuns de pressentimentos:

- » **Médiuns inspirados:** “São aqueles cujos pensamentos são sugeridos pelos Espíritos à revelia do medianeiro, seja com relação aos atos comuns da vida, seja os que dizem respeito aos grandes trabalhos da inteligência”.⁶
- » **Médiuns de pressentimentos:** “Pessoas que, em certas circunstâncias, têm uma vaga intuição de coisas vulgares que ocorrerão no futuro”.⁶

Parece-nos oportuno lembrar as orientações de bom senso de Allan Kardec quando ele esclarece a respeito das profecias, sobretudo as que são relacionadas a acontecimentos futuros que, imprudente e precipitadamente são, vez por outra, divulgados no Movimento Espírita. Uma coisa são as profecias proferidas pelos profetas do Antigo Testamento, Espíritos respeitáveis que renasceram com a missão de lançar os fundamentos da formação moral da Humanidade planetária. Base essa que foi esclarecida e ampliada pelo Cristo. Jesus, mesmo, proferiu algumas profecias a respeito das quais não temos a menor dúvida. O cuidado que devemos ter são com os falsos profetas, encarnados e desencarnados que abundam na atualidade. Eis o que o Codificador nos diz a respeito: “Se há profetas verdadeiros, há também os falsos, muito mais numerosos, que consideram revelações os devaneios da própria imaginação, e isto quando não são embusteiros que, por ambição, se apresentam como tais”.⁷

» **Israel/Jerusalém**

Ambas as palavras devem ser consideradas como um símbolo ou alegoria. *Israel* representa a Terra prometida ou *Canaã* dos israelitas. *Jerusalém* é considerada pelos judeus como divina, porque foi o local onde se estabeleceu a capital do reino de Davi. Cidade onde o rei Salomão construiu ali um Templo para guardar a Arca da Aliança. No sentido amplo, Israel é o planeta Terra, onde vive a humanidade terrestre, não uma nação, especificamente. Jerusalém é a sede desse reino terrestre, ou seja, o coração de todos os habitantes que professarem a crença em Deus Único, Pai e Criador supremos. Há, inclusive, uma explicação histórico-cultural, como esclarece Allan Kardec:

Era crença comum entre os judeus daquela época que a nação deles devia conquistar a supremacia sobre todas as outras. Com efeito, Deus não havia prometido a Abraão que a sua posteridade cobriria a Terra inteira? Mas, como sempre, tomando a forma pelo fundo, eles acreditavam tratar-se de uma dominação efetiva e material.

Antes da vinda do Cristo, com exceção dos hebreus, todos os povos eram idólatras e politeístas. Se alguns homens superiores ao vulgo conceberam a ideia da unidade divina, essa ideia permaneceu no estado de sistema pessoal, não sendo aceita em parte alguma como verdade fundamental, a não ser por alguns iniciados que ocultavam seus conhecimentos sob um véu misterioso, impenetrável às massas. Os hebreus foram os primeiros a praticar publicamente o monoteísmo; é a eles que Deus transmite a sua Lei, primeiramente por Moisés, depois por Jesus. Foi daquele pequenino foco que partiu a luz destinada a espalhar-se sobre o mundo inteiro, a triunfar do paganismo e a dar a Abraão uma posteridade *espiritual* “tão numerosa quanto as estrelas do firmamento”. Os judeus, porém, repelindo de todo a idolatria, haviam desprezado a lei moral, para se dedicarem à prática mais fácil do culto exterior. [...].⁸

Sem dúvida, o povo judeu apresenta méritos inestimáveis, em especial por ser o Judaísmo a primeira religião monoteísta da Humanidade, cujos fundamentos estão assentados na revelação dos Dez Mandamentos transmitidos por Deus (*Yahweh*) a Moisés. O Decálogo é considerado o evento fundador da religião de Israel. Religião que tem como princípio a ideia da existência de Deus Único e Criador Supremo. Emmanuel esclarece a respeito: “Dos Espíritos degredados na Terra, foram os hebreus que constituíram a raça mais forte e mais homogênea, mantendo inalterados os seus caracteres através de todas as mutações.[...]”⁹ Prosseguindo em suas edificantes considerações, o benfeitor acrescenta: “Todas as raças da Terra devem aos judeus esse benefício sagrado, que consiste na revelação do Deus Único, Pai de todas as criaturas e Providência de todos os seres”.¹⁰

5.3 VIDA OCULTA DE JESUS EM NAZARÉ. JESUS ENTRE OS DOUTORES. AINDA A VIDA OCULTA EM NAZARÉ (LC 2:39 A 52)¹¹

³⁹Terminando de fazer tudo conforme a Lei do Senhor, voltaram à Galileia, para Nazaré, sua cidade. ⁴⁰E o menino crescia, tornava-se robusto, enchia-se de sabedoria; e a graça de Deus estava com ele.

⁴¹Seus pais iam todos os anos a Jerusalém para a festa da Páscoa. ⁴²Quando o menino completou doze anos, segundo o costume, subiram para a festa.

⁴³Terminados os dias, eles voltaram, mas o menino Jesus ficou em Jerusalém, sem que seus pais o notassem. ⁴⁴Pensando que ele estivesse na caravana, andaram o caminho de um dia, e puseram-se a procurá-lo entre os parentes e conhecidos. ⁴⁵E não o encontrando, voltaram a Jerusalém à sua procura.

⁴⁶Três dias depois, eles o encontraram no Templo, sentado em meio aos doutores, ouvindo-os e interrogando-os; ⁴⁷e todos os que o ouviam ficavam extasiados com sua inteligência e com suas respostas. ⁴⁸Ao vê-lo, ficaram surpresos, e sua

mãe lhe disse: “Meu filho, por que agiste assim conosco? Olha que teu pai e eu, aflitos, te procurávamos”.⁴⁹ Ele respondeu: “Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo estar na casa de meu Pai?”.⁵⁰ Eles, porém, não compreenderam a palavra que ele lhes dissera.

⁵¹Desceu então com eles para Nazaré e era-lhes submisso. Sua mãe, porém, conservava a lembrança de todos esses fatos em seu coração.⁵² E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e diante dos homens.

Jesus revela a sua precocidade desde a mais tenra idade: não seria isso a se esperar do Messias de Deus, ainda que Ele levasse uma vida simples e humilde, vivendo no anonimato na cidade de Nazaré, como assinala o versículo 40? *E o menino crescia, tornava-se robusto, enchia-se de sabedoria; e a graça de Deus estava com ele.* Aos 13 anos quando vai ao Templo como os seus pais para cumprir os ritos judaicos, Ele dialoga com os doutores da lei de Moisés (ou *Torah*), revelando-lhes a sabedoria que abundava em seu Espírito.

Humberto de Campos resume o conteúdo dos registros de *Lucas*, 2:41 a 52, ora citados. Trata-se de um diálogo entre Maria de Nazaré e sua parenta Isabel, a mãe de João Batista, que reflete a preocupação e o zelo de uma mãe em relação às evidentes características da personalidade de Jesus, seu filho, as quais lhe permitiam se destacar, naturalmente, onde quer que Ele se encontrasse:

[...] Por vezes, vou encontrá-lo a sós, junto das águas, e, de outras, em conversação profunda com os viajantes que demandam a Samaria ou as aldeias mais distantes, nas adjacências do lago. Quase sempre, surpreendo-lhe a palavra caridosa que dirige às lavadeiras, aos transeuntes, aos mendigos sofredores... Fala de sua comunhão com Deus com uma eloquência que nunca encontrei nas observações dos nossos doutores e, contentemente, ando a cismar, em relação ao seu destino.

[...]

Ainda há alguns dias, estivemos em Jerusalém, nas comemorações costumeiras, e a facilidade de argumentação com que Jesus elucidava os problemas, que lhe eram apresentados pelos orientadores do templo, nos deixou a todos receosos e perplexos. Sua ciência não pode ser deste mundo: vem de Deus, que certamente se manifesta por seus lábios amigos da pureza. Notando-lhe as respostas, Eleazar chamou a José, em particular, e o advertiu de que o menino parece haver nascido para a perdição de muitos poderosos em Israel.

Com a prima a lhe escutar atentamente a palavra, Maria prosseguiu, de olhos úmidos, após ligeira pausa:

– Ciente desse aviso, procurei Eleazar, a fim de interceder por Jesus, junto de suas valiosas relações com as autoridades do templo. Pensei na sua infância

desprotegida e receio pelo seu futuro. Eleazar prometeu interessar-se pela sua sorte; todavia, de regresso a Nazaré, experimentei singular multiplicação dos meus temores. Conversei com José, mais detidamente, acerca do pequeno, preocupada com o seu preparo conveniente para a vida!... Entretanto, no dia que se seguiu às nossas íntimas confabulações, Jesus se aproximou de mim, pela manhã, e me interpelou: – “Mãe, que queres tu de mim? Acaso não tenho testemunhado a minha comunhão com o Pai que está no Céu!”. Altamente surpreendida com a sua pergunta, respondi-lhe, hesitante: – Tenho cuidado por ti, meu filho! Reconheço que necessitas de um preparo melhor para a vida... Mas, como se estivesse em pleno conhecimento do que se passava em meu íntimo, ponderou Ele: – “Mãe, toda preparação útil e generosa no mundo é preciosa; entretanto, eu já estou com Deus. Meu Pai, porém, deseja de nós toda a exemplificação que seja boa, e eu escolherei, desse modo, a escola melhor.”¹²

Emmanuel entende, porém, que desde a infância o Mestre Nazareno demonstrava aos circunstantes interesse pelos assuntos do Pai, os únicos que, efetivamente, têm o poder de transformar o ser humano em pessoa melhor, ainda que todos, inclusive os seus amorosos pais, estivessem mais preocupados com os negócios do mundo e nem sempre compreendesse as ações do filho. A resposta que Jesus deu à sua mãe foi exemplar, e não poderia ser outra, como assinala *Lucas* (2:49 e 50): *Ele respondeu: “Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo estar na casa de meu Pai?”. Eles, porém, não compreenderam a palavra que ele lhes dissera”*.

Negócios¹³

E ele lhes disse: Por que me procuráveis? não sabíeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai? (Lucas, 2:49.)

O homem do mundo está sempre preocupado pelos negócios referentes aos seus interesses efêmeros.

Alguns passam a existência inteira observando a cotação das bolsas. Absorvem-se outros no estudo dos mercados.

Os países têm negócios internos e externos. Nos serviços que lhes dizem respeito, utilizam-se maravilhosas atividades da inteligência. Entretanto, apesar de sua feição respeitável, quando legítimas, todos esses movimentos são precários e transitórios. As bolsas mais fortes sofrerão crises; o comércio do mundo é versátil e, por vezes, ingrato.

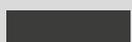
São muito raros os homens que se consagram aos seus interesses eternos. Frequentemente, lembram-se disso, muito tarde, quando o corpo permanece a morrer. Só então, quebram o esquecimento fatal.

No entanto, a criatura humana deveria entender na iluminação de si mesma o melhor negócio da Terra, porquanto semelhante operação representa o interesse da Providência Divina, a nosso respeito.

Deus permitiu as transações no planeta, para que aprendamos a fraternidade nas expressões da troca, deixou que se processassem os negócios terrenos, de modo a ensinar-nos, por meio deles, qual o maior de todos. Eis por que o Mestre nos fala claramente, nas anotações de Lucas: – “Não saibéis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?”

REFERÊNCIAS

- 1 BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (Orgs.). *Comentário do uso do antigo testamento no novo testamento*. Trad. C. E. Lopes, E. Medeiros, R. Malkomes e V. Kroker. São Paulo, SP: Vida Nova, 2014. it. 2:34, p. 343.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed., rev. e ampl, 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 2:33-35, p.1.791.
- 3 _____. _____. *Evangelho segundo Lucas*, 2:34, nota de rodapé “d”, p.1.791.
- 4 _____. _____. *Evangelho segundo Lucas*, 2:36-38, p. 1.971.
- 5 ELWELL, Walter A. (Editor). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. v. 3. Trad. Gordon Chown. 2. ed. 1. imp. São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1992. verbete: Profecia, Profeta, p. 188 e 189.
- 6 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 6. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. 2ª pt., cap. 16, it. 190.
- 7 _____. _____.
- 8 _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 18, it 2.
- 9 XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 38. ed. 1. ed. Brasília, DF: FEB, 2013. cap. 7, it. Israel.
- 10 _____. _____. it. O monoteísmo.
- 11 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed., rev. e ampl, 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 2:39-52, p. 1.791 e 1.792.
- 12 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília, DF: FEB: 2020. cap. 2.
- 13 _____. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 27.



PARTE II

Preparação do Ministério de Jesus

PREGAÇÃO E PRISÃO DE JOÃO BATISTA

BATISMO E GENEALOGIA DE JESUS (LC 3:1 A 38)

A conclusão da missão de João Batista assinala o início da missão de Jesus. Aliás, era prática comum entre os governantes enviar um mensageiro antes deles mesmos viajarem para realizarem qualquer atividade nos seus domínios, como nos lembra a escritora espírita Theresinha de Oliveira (1930–2013):

Na Antiguidade, um rei que viajasse para lugares pouco percorridos do seu reino enviava antes os precursores, a fim de aplainarem o caminho e encherem as depressões, de modo que não encontrasse obstáculos e viajasse em segurança.

Um precursor também precederia o Messias, preparando o povo para recebê-lo: *“Eis que eu envio diante de tua face o meu mensageiro, o qual preparará o teu caminho diante de ti”* (Ml 3:1). Faria isso esperando os humildes, abatendo os orgulhosos, corrigindo os desviados e abrandando os agressivos: *“Todo vale será exaltado, e todo monte e todo outeiro serão abatidos; e o que está torcido se endireitará, e o que é áspero se aplainará”* (Isaías, 40:4).

Foi João esse precursor. Nos quatro evangelhos, os autores, antes de falarem da tarefa de Jesus, contam como João surgiu antes Dele na Palestina, anunciando ao povo que o Messias chegaria em breve, e que todos se preparassem espiritualmente para recebê-Lo.¹

6.1 PREGAÇÃO E PRISÃO DE JOÃO BATISTA (LC 3:1 A 20)²

¹No ano décimo quinto do império de Tibério César, quando Pôncio Pilatos era governador da Judeia, Herodes, tetrarca da Galileia, seu irmão Filipe, tetrarca da Itureia e da Traconítide, Lisânias, tetrarca de Abilene, ²sob o pontificado de Anás e Caifás, a palavra de Deus foi dirigida a João, filho de Zacarias, no deserto. ³E ele percorreu toda a região do Jordão, proclamando um batismo de arrependimento para a remissão dos pecados, ⁴conforme está escrito no livro das palavras do profeta Isaías:

*Voz do que clama no deserto;
Preparai o caminho do Senhor;
tornai retas suas veredas;
⁵todo vale será aterrado,
toda montanha ou colina será abaixada;
as vias sinuosas se transformarão em retas
e os caminhos acidentados serão nivelados.
⁶E toda a carne verá a salvação de Deus!*

⁷Ele dizia às multidões que vinham para ser batizadas por ele: “Raça de víboras! Quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir? ⁸Produzi, então, frutos dignos do arrependimento e não comeceis a dizer em vós mesmos: “Temos por pai a Abraão”. O machado já está posto à raiz da árvore; e toda a árvore que não produzir bom fruto será cortada e lançada ao fogo”. Pois eu vos digo que até mesmo destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão! ⁹O machado já está posto à raiz das árvores; e toda a árvore que não produzir bom fruto será cortada e lançada ao fogo”. ¹⁰E as multidões o interrogavam: “Que devemos fazer?”. ¹¹Respondia-lhes: “Quem tiver duas túnicas, reparta-as com aquele que não tem, e quem tiver o que comer, faça o mesmo”. ¹²Alguns publicanos também vieram para ser batizados e disseram-lhe: “Mestre, que devemos fazer?”. ¹³Ele disse: “Não deveis exigir nada além do que vos foi prescrito”. ¹⁴Os soldados, por sua vez, perguntavam: “E nós, que precisamos fazer?”. Disse-lhes: “A ninguém molesteis com extorsões; não denunciéis falsamente e contentai-vos com o vosso soldo”.

¹⁵Como o povo estivesse na expectativa, e todos cogitassem em seus corações se João não seria o Cristo, ¹⁶João tomou a palavra e disse a todos: “Eu vos batizo com água, mas vem Aquele que é mais forte do que eu, do qual não sou digno de desatar a correia das sandálias; Ele vos batizará com o Espírito Santo e com o fogo. ¹⁷A pá está em Sua mão; limpará a Sua eira e recolherá o trigo em Seu celeiro; a palha, porém, Ele a queimará num fogo inextinguível”. ¹⁸E, com muitas outras exortações, continuava a anunciar ao povo a Boa-Nova.

¹⁹O tetrarca Herodes, admoestado por causa de Herodíades, mulher de seu irmão, e por causa de todas as más ações que havia cometido, ²⁰acrescentou a tudo ainda isto: pôs João na prisão.

6.1.1 CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL

A contextualização histórico-cultural que *Lucas* assinala tem a importância de situar no tempo e no espaço os acontecimentos. Importa considerar, porém, que o relato de *Lucas* apresenta uma cronologia invertida: a sequência utilizada pelo evangelista indica a pregação e prisão de João Batista, seguida do batismo e da genealogia de Jesus. Parece-nos que a ordem mais plausível

seria: a pregação de João Batista, o batismo de Jesus, a prisão de João Batista e a genealogia de Jesus.

Feitas essas considerações, o registro histórico de *Lucas* indica que, na ocasião, João Batista e Jesus já eram adultos, pois muitos anos se passaram desde a apresentação de ambos no Templo para a circuncisão e purificação, logo após o nascimento de ambos. Ou ainda, desde que localizamos o jovem Jesus confabulando com os doutores da lei, anos mais tarde. Para alguns estudiosos, Jesus deveria ter aproximadamente 30 anos, e João Batista, um pouco mais, quando ambos iniciaram a pregação. Segundo a História e as anotações de *Lucas*, os fatos se deram durante o décimo quinto ano do reinado de Tibério César, no ano 28 ou 29 d.C., sucessor de César Augusto, o imperador romano que governava quando Jesus nasceu. Após o diálogo de Jesus com os doutores da lei, nada mais sabemos sobre o Cristo. Há um espaço de tempo significativo entre essa conversa do Senhor com os doutores, quando Ele ainda era um jovem (13 anos, possivelmente) e sua apresentação a João Batista para ser batizado. A data indicada pelo evangelista é, portanto, muito importante porque serve de base para calcular a provável idade que Jesus tinha quando foi batizado e iniciou a sua pregação: “Essa é a única data fixa, na cronologia dos evangelhos, pelo que é muito importante para o nosso conhecimento sobre as datas dos acontecimentos da vida de Jesus”,³ afirma o estudioso R. N. Champlin.

Reflitamos a respeito destas outras informações históricas suscitadas pelo relato histórico de *Lucas*:

César Augusto foi o primeiro imperador romano, e no seu tempo é que nasceu Jesus. Morreu em 14 d.C. Seu genro e filho adotivo, *Tibério*, sucedeu-o ao trono, tendo reinado até 37 d.C. É mencionado especificamente por nome, no NT, em *Lucas*, 3:1. [...]. Sob Tibério, a Judeia foi governada por procuradores e não por reis subalternos, como sucedeu com os Herodes [Herodes, o Grande, e seus filhos Herodes Arquelau, Herodes Antipas e Herodes Filipe]. Pôncio Pilatos foi um desses procuradores, e governou de 26 a 36 d.C. Os procuradores ordinariamente residiam em Cesareia, mas, se necessário, tomavam residência temporária em Jerusalém.

[...].

Conforme nos mostra este versículo [Lc 3:1], *fora da Judeia, os Herodes ainda exerciam autoridade. Herodes Antipas, filho mais novo de Herodes, o Grande, governou a Galileia e a Pereia, enquanto Filipe (Herodes Filipe II), usualmente denominado Filipe, o Tetrarca, filho de Herodes o Grande e de Cleópatra de*

*Jerusalém, governou as áreas de Gaulonite, Traconite, Bataneaia e Paneia, a leste da Galileia. [...].*⁴

Os judeus e gentílicos do Oriente Médio estavam submetidos, à época de Jesus, a três níveis de poder: a) o *político*, exercido pelos invasores romanos, era absoluto e superior a todos os demais poderes. Definia-se uma espécie de instância superior; b) o *administrativo* cabia aos três filhos de Herodes, o Grande, respectivamente, nas diferentes províncias. Quando Herodes ainda era vivo, cada um dos seus filhos governavam as províncias como reis. Entretanto, a partir do governo do imperador Augusto, o poder deles foi reduzido e transformado em *administração provincial* ou *governadoria*, como assinala *Lucas*, 3:1. Seria a segunda instância; c) o *religioso* tinha à frente o sumo sacerdote, ao qual estava subordinado os demais membros do clero. Era a primeira instância. Cada uma dessas instâncias de poder estava organizada em graus de subordinação hierárquica, cujos governantes eram zelosos no cumprimento da parte que lhes cabiam. Havia muita intriga e bajulação. Assim, o imperador romano nomeava os procuradores que agiam em seu nome e supervisionavam os governadores e o clero.⁵

Em síntese: no período da pregação de Jesus, o imperador romano era Tibério. Israel era governada pelo interventor/procurador ou governador geral Pôncio Pilatos, pelos filhos de Herodes nas províncias, e pelos sumos pontífices Anás e Caifás: “Lucas acrescenta à sua cronologia os seguintes dados eclesiásticos: [...] *sendo sumos sacerdotes Anás e Caifás ... [Lc 3:2]. Anás era sogro de Caifás. Teve ele cinco filhos, todos os quais foram sumo sacerdotes. Anás figura destacadamente no julgamento de Jesus [...].*”⁶

Na verdade, o sumo sacerdote era, de fato, Caifás, pois Anás foi deposto pelos romanos. Mas, segundo a tradição do Judaísmo, o cargo de sumo sacerdote era vitalício, sendo substituído por morte, idade muito avançada ou doença grave. Como Caifás era genro de Anás, ambos exerciam o mandato em conjunto, um oficialmente, outro extraoficialmente. Ao povo judeu e gentílico cabia-lhes a obrigação de obedecer e pagar impostos e taxas nos diferentes níveis hierárquicos do poder. A insatisfação era, pois, enorme, e as revoltas não eram incomuns.⁶

Obs.: Informações mais detalhadas a respeito dos assuntos que integram este item 6 e os seus subitens, em seguida enumerados, são encontradas no Livro II — *Estudo Interpretativo do Evangelho segundo Mateus*, Temas 7 e 8.

6.1.2 A PREGAÇÃO DE JOÃO BATISTA. JOÃO BATISTA, O PRECURSOR DO MESSIAS

Entre os versículos 2 e 14, *Lucas* descreve, em detalhes, a missão de João Batista como precursor do Messias: o local de atuação (em toda a região do vale do Jordão) e como ele realizava a sua pregação (na forma de batismo). Batismo, palavra de origem grega *baptisma*, é forma ritualística iniciática tradicionalmente utilizada por diferentes interpretações religiosas, do passado e do presente. Indica o marco da conversão a uma fé religiosa, “[...] que deve ser assinalada formal e solenemente, por meio de práticas ritualísticas, subentendidas como o momento de transformação espiritual que deve acontecer subsequentemente. [...]”. Prática muito utilizada pelas igrejas cristãs, sob a justificativa de que o batismo é o momento da tomada de consciência do crente que, a partir desse instante, deve-se renovar totalmente para Deus e considerar como *morta* a vida que levava até então.⁷

É uma forma de entendimento, respeitável por si mesmo, sobretudo quando se consideram as tradições religiosas e culturais. A orientação espiritual, porém, ensina a respeito da importância de o indivíduo libertar-se de simbolismos e cultos externos que, se em excesso, podem até dificultar ou limitar a capacidade pensante da pessoa. Neste sentido, estimula os adeptos a conhecer e vivenciar a essência ou sentido espiritual dos ensinamentos das Escrituras Sagradas, sobretudo os do Evangelho de Jesus.

Quanto à pregação de João Batista, visualizamos três características: a) o papel que João Batista entendia dever cumprir; b) o conteúdo da pregação, propriamente dito; e c) a importância do batismo.

Quanto à primeira característica, João Batista não se via como o Messias aguardado pelos judeus, como conta nestes versículos: *Como o povo estivesse na expectativa e todos cogitassem em seus corações se João não seria o Cristo, João tomou a palavra e disse a todos: “Eu vos batizo com água, mas vem aquele que é mais forte do que eu, do qual não sou digno de desatar a correia das sandálias; ele vos batizará com o Espírito Santo e com o fogo. A pá está em sua mão; limpará a sua eira e recolherá o trigo em seu celeiro; a palha, porém, ele a queimará num fogo inextinguível”*. (Lc 3:15 a 17). O Batista via-se como “a voz que clama no deserto” que veio para “aplinar os caminhos do Senhor”, conforme as palavras do profeta *Isaias*, 40:3 e 4 reproduzidas por *Lucas*, 3:4 a 6: “*Voz do que clama no deserto; Preparai o caminho do Senhor; tornai retas suas veredas; todo vale será aterrado, toda montanha ou colina será abaixada;*

as vias sinuosas se transformarão em retas e os caminhos acidentados serão nivelados. E toda a carne verá a salvação de Deus”.

Em suma, João Batista tinha consciência absoluta do papel que deveria executar: “Seu espírito, preparado para o testemunho, não acalentava ilusões. Forjara a esperança nos foles, fornos, bigornas do ascetismo, da dedicação, da confiança totais”⁸

A segunda característica da pregação de João Batista era o uso de uma linguagem áspera e direta, para que não surgissem quaisquer dúvidas aos ouvintes: *Ele dizia às multidões que vinham para ser batizadas por ele: “Raça de víboras! Quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir? Produzi, então, frutos dignos do arrependimento e não comeceis a dizer em vós mesmos: “Temos por pai a Abraão”. O machado já está posto à raiz da árvore; e toda a árvore que não produzir bom fruto será cortada e lançada ao fogo”.*

A segunda característica da pregação de João Batista era o uso de uma linguagem áspera e direta, para que não surgissem quaisquer dúvidas aos ouvintes: *Ele dizia às multidões que vinham para ser batizadas por ele: “Raça de víboras! Quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir? Produzi, então, frutos dignos do arrependimento e não comeceis a dizer em vós mesmos: “Temos por pai a Abraão”. O machado já está posto à raiz da árvore; e toda a árvore que não produzir bom fruto será cortada e lançada ao fogo”. Pois eu vos digo que até mesmo destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão! O machado já está posto à raiz das árvores; e toda a árvore que não produzir bom fruto será cortada e lançada ao fogo” (Lc 3:7 a 9).*

João Batista sabia que o povo precisava ouvir com clareza e, ao citar acontecimentos da vida e da obra dos antigos profetas, procurava romper a couraça da indiferença e da descrença que os envolvia, inclusive os religiosos, por efeito das viciações e apego às práticas do culto externo. Contudo, no mais profundo de si mesmo, sabia como se comportar perante o Messias, assim que Ele se revelasse ao mundo: “[...] É necessário que Ele cresça e que eu diminua ... Ele é a palmeira verdejante, e eu sou a relva crestada que será arrancada e posta no fogo. Ele é o relâmpago que risca os céus escuros da ignorância, e eu sou como a débil lamparina que se extingue por falta de óleo”⁹

A terceira característica focaliza o rito do batismo a quem o desejasse, que nada mais era do que mergulhar a cabeça da pessoa nas águas do rio Jordão, como registra *Lucas, 3:16: João tomou a palavra e disse a todos: “Eu vos batizo com água [...]”.* Contudo, perante as dúvidas manifestadas por

muitos de como agir, com ou sem o compromisso do batismo, orientava-os a buscar seguir os caminhos retos da vida, registra *Lucas, 3:10 a 14*: *E as multidões o interrogavam: “Que devemos fazer?”. Respondia-lhes: “Quem tiver duas túnicas, reparta-as com aquele que não tem, e quem tiver o que comer, faça o mesmo”. Alguns publicanos também vieram para ser batizados e disseram-lhe: “Mestre, que devemos fazer?”. Ele disse: “Não deveis exigir nada além do que vos foi prescrito”. Os soldados, por sua vez, perguntavam: “E nós, que precisamos fazer?”. Disse-lhes: “A ninguém molesteis com extorsões; não denunciéis falsamente e contentai-vos com o vosso soldo”.*

A respeito, Emmanuel esclarece na mensagem *Executar o Bem*, de onde extraímos o seguinte trecho, o que cabe ao discípulo fazer, em qualquer época e contexto:

A advertência de João Batista à massa inquieta é dos avisos mais preciosos do Evangelho.

A ansiedade é inimiga do trabalho frutuoso. A precipitação determina desordens e recapitulações consequentes.

Toda atividade edificante reclama entendimento.

[...]

Não basta multiplicar as promessas ou pedir variadas tarefas ao mesmo tempo. Antes de tudo, é indispensável receber a ordenação do Senhor, cada dia, e executá-la do melhor modo.¹⁰

6.1.3 A PRISÃO DE JOÃO BATISTA

João Batista foi, sem dúvida, um Espírito excepcional, ainda que, à primeira vista, tenha sido visto como pessoa excêntrica: perambulava pelo deserto, cobria-se com peles de animais e se alimentava frugalmente. Por ter um temperamento incisivo e direto, não agradava a todos, ainda que possuísse uma legião de seguidores fiéis. Assim, não se constrangia em apontar erros de interpretação da lei de Moisés ou comportamentos considerados imorais. Eis o que Humberto de Campos tem a dizer do ardoroso profeta:

[...] O Mestre dos mestres quis colocar a figura franca e áspera do seu profeta no limiar de seus gloriosos ensinamentos e, por isso, encontramos em João Batista um dos mais belos de todos os símbolos imortais do Cristianismo [...]. João era a verdade, e a verdade, na sua tarefa de aperfeiçoamento, dilacera e magoa, deixando-se levar aos sacrifícios extremos. Como a dor que precede as poderosas manifestações da luz no íntimo dos corações, ela recebe o bloco de mármore bruto e lhe trabalha as asperezas para que a obra do amor surja,

em sua pureza divina. João Batista foi a voz clamante do deserto. Operário da primeira hora, é ele o símbolo rude da verdade que arranca as mais fortes raízes do mundo, para que o reino de Deus prevaleça nos corações. Expressando a austera disciplina que antecede a espontaneidade do amor, a luta para que se desfaçam as sombras do caminho, João é o primeiro sinal do cristão ativo, em guerra com as próprias imperfeições do seu mundo interior, a fim de estabelecer em si mesmo o santuário de sua realização com o Cristo. Foi por essa razão que dele disse Jesus: “Dos nascidos de mulher, João Batista é o maior de todos”.¹¹

Entretanto, a incisiva pregação de João Batista, a movimentação daí decorrente e as críticas que o profeta endereçava, em especial, à administração herodiana, visto que Herodes, o Tetrarca, tinha relacionamento próximo com a cunhada, Herodíades. Tais críticas, publicamente declaradas, o conduziram à prisão, pouco tempo depois do batismo de Jesus: *O tetrarca Herodes, admoestado por causa de Herodíades, mulher de seu irmão, e por causa de todas as más ações que havia cometido, acrescentou a tudo ainda isto: pôs João na prisão* (Lc 3:19 e 20).

6.2 BATISMO E GENEALOGIA DE JESUS (LC 3:21 A 38)¹²

²¹Ora, tendo todo o povo recebido o batismo, e no momento em que Jesus, também batizado, achava-se em oração, o céu se abriu ²² e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corporal, como pomba. E do céu veio uma voz: “*Tu és o meu Filho; eu, hoje, te gerei!*”.

²³Ao iniciar o ministério, Jesus tinha mais ou menos trinta anos e era, conforme se supunha, filho de José, filho de Eli, ²⁴filho de Matat, filho de Levi, filho de Melqui, filho de Janai, filho de José, ²⁵filho de Matatias, filho de Amós, filho de Naum, filho de Esli, filho de Nagai, ²⁶filho de Maat, filho de Matatias, filho de Semein, filho de Josec, filho de Jodá, ²⁷filho de Joanã, filho de Ressa, filho de Zorobabel, filho de Salatiel, filho de Neri, ²⁸filho de Melqui, filho de Adi, filho de Cosã, filho de Elmadã, filho de Her, ²⁹filho de Jesus, filho de Eliezer, filho de Jorim, filho de Matat, filho de Levi, ³⁰filho de Simeão, filho de Judá, filho de José, filho de Jonã, filho de Eliacim, ³¹filho de Meléia, filho de Mená, filho de Matatá, filho de Natã, filho de Davi, ³²filho de Jessé, filho de Obed, filho de Booz, filho de Salá, filho de Naassom, ³³filho de Aminadab, filho de Admin, filho de Arni, filho de Ebron, filho de Farés, filho de Judá, ³⁴filho de Jacó, filho de Isaac, filho de Abraão, filho de Taré, filho de Nacor, ³⁵filho de Seruc, filho de Ragau, filho de Faleg, filho de Eber, filho de Salá, ³⁶filho de Cainã, filho de Arfaxad, filho de Sem, filho de Noé, filho de Lamec, ³⁷filho de Matusalém, filho de Henoc, filho de Jared, filho de Malaleel, filho de Cainã, ³⁸filho de Enós, filho de Set, filho de Adão, filho de Deus.

O batismo de Jesus é apresentado de forma resumida por *Lucas*, que destaca rapidamente a passagem do surgimento da pomba da paz e o fenômeno de voz direta, conforme consta em (Lc 3:21 e 22): *21No momento em que Jesus, também batizado, achava-se em oração, o céu se abriu, 22e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corporal, como pomba. E do céu veio uma voz: “Tu és o meu Filho; eu, hoje, te gerei!”.*

Obs.: Para não tornar repetitivo a descrição dos fenômenos de materialização, o surgimento da pomba e da voz celestial, pedimos ao leitor que releia o Tema 4, item 4.1, deste Livro IV – *Estudo Interpretativo do Evangelho segundo Lucas*.

A genealogia de Jesus é apresentada com detalhes apenas pelos evangelistas *Mateus* e *Lucas*. Mesmo assim, mas há diferenças significativas entre ambos, que podem ser assim resumidas: a) *Lucas* constrói uma genealogia de Jesus com 56 nomes que vai além de Abraão, até Adão. Na genealogia de *Mateus* há 42 nomes que retrocede até Abraão; b) em *Lucas*, o pai de José aparece com o nome de Heli; já em *Mateus*, surge com o nome de Jacó, de *Mateus*; *Lucas* identifica sete antepassados imediatos a Zorobabel que não são citados por *Mateus*; c) a genealogia organizada por *Lucas* procura apresentar uma linhagem simples e mais humana, enquanto *Mateus* destaca a origem real de Jesus como descendente da tribo de Davi, de onde, segundo as profecias antigas, surgiria o Messias.¹³

Os estudos de genealogia de Jesus apresentam caráter meramente informativo, considerando ser Ele o Messias de Deus. Jesus é, acima de tudo, o Trabalhador divino por excelência, no qual devemos nos ilustrar, como analisa Emmanuel a respeito da instrução de João Batista transmitida aos convertidos à Lei de Deus: *A pá está em sua mão; limpará a sua eira e recolherá o trigo em seu celeiro; a palha, porém, ele a queimará num fogo inextinguível*” (Lc 3:17).

O Trabalhador divino¹⁴

Ele tem a pá na sua mão; e limpará a sua eira, e ajuntará o trigo no seu celeiro, mas queimará a palha com fogo que nunca se apaga. – JOÃO BATISTA (Lucas, 3:17.)

Apóstolos e seguidores do Cristo, desde as organizações primitivas do movimento evangélico, designaram-no através de nomes diversos.

Jesus foi chamado o Mestre, o Pastor, o Messias, o Salvador, o Príncipe da Paz; todos esses títulos são justos e veneráveis; entretanto, não podemos esquecer, ao lado dessas evocações sublimes, aquela inesperada apresentação do Batista. O Precursor designa-o por trabalhador atento que tem a pá nas

mãos, que limpará o chão duro e inculto, que recolherá o trigo na ocasião adequada e que purificará os detritos com a chama da justiça e do amor que nunca se apaga.

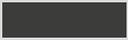
Interessante notar que João não apresenta o Senhor empunhando leis, cheio de ordenações e pergaminhos, nem se refere a Ele, de acordo com as velhas tradições judaicas, que aguardavam o Divino Mensageiro num carro de glórias magnificentes. Refere-se ao trabalhador abnegado e otimista. A pá rústica não descansa ao seu lado, mas permanece vigilante em suas mãos, e em seu espírito reina a esperança de limpar a terra que lhe foi confiada às salvadoras diretrizes.

Todos vós que viveis empenhados nos serviços terrestres, por uma era melhor, mantende aceso no coração o devotamento à causa do Evangelho do Cristo. Não nos cerceiem dificuldades ou ingratidões. Desdobremos nossas atividades sob o precioso estímulo da fé, porque conosco vai à frente, abençoando-nos a humilde cooperação, aquele Trabalhador Divino que limpará a eira do mundo.

REFERÊNCIAS

- 1 OLIVEIRA, Theresinha. *Estudos espíritas do evangelho*. Coleção Estudos e Cursos. v. 6. 6. ed. Campinas, SP: Editora Allan Kardec, 2010. cap. 10, p. 135.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 3:1-20, p.1.792 e 1.793.
- 3 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. cap. 3, p. 51.
- 4 _____. _____. it. 3.1 Introdução ao ministério público de Jesus, p. 51.
- 5 FRANCO, Divaldo Pereira. *Trigo de Deus*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 6. ed. Salvador, BA: LEAL, 2014. cap. 22, p. 138 e 139.
- 6 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. cap. 3, it. 3.2, p. 51.
- 7 BECKER, Udo. *Dicionário de símbolos*. Trad. Edwino Royer. 1. ed. São Paulo, SP: Paulus, 1990. verbete: Batismo, p. 151.
- 8 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador, BA: LEAL, 2001. cap. 2, p. 44.
- 9 _____. *Até o fim dos tempos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 9, p. 65.

- 10 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 15. imp. Brasília, BA: FEB, 2020. cap. 19.
- 11 _____. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 12. imp. Brasília, BA: FEB: 2018. cap. 2.
- 12 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 3:21-38, p. 1.793 e 1.794.
- 13 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. cap. 3, it. 3.23, p. 55.
- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 90.



PARTE III

Ministério de Jesus na Galileia

TENTAÇÃO NO DESERTO

JESUS INAUGURA SUA PREGAÇÃO. JESUS EM NAZARÉ (LC 4:1 A 30)

O capítulo 4 do *Evangelho segundo Lucas* inicia com o registro de dois grandes temas: a tentação de Jesus por um espírito do mal, denominado diabo; e os desafios do início da pregação do Mestre Nazareno. A tentação de Jesus necessita ser entendida no sentido alegórico, visto ser inconcebível que um Espírito da evolução cósmica como Jesus, o Messias Divino, possa estar sujeito a tentações, sobretudo as que são descritas no texto evangélico, e que refletem o apego às coisas materiais.

Este relato sobre a tentação de Jesus, segundo o encontramos no evangelho de Lucas, em algumas traduções, conta com acréscimos extraídos da narrativa de Mateus,⁴. Essas adições têm por fim harmonizar as duas narrativas, e foram adicionadas por escribas posteriores ao texto original de Lucas [...].¹

7.1 TENTAÇÃO NO DESERTO. JESUS INAUGURA SUA PREGAÇÃO (LC 4:1 A 15)²

¹Jesus, pleno do Espírito Santo, voltou do Jordão; era conduzido pelo Espírito através do deserto ²durante quarenta dias e tentado pelo diabo. Nada comeu nesses dias e, passado esse tempo, teve fome. ³Disse-lhe, então, o diabo: “Se és filho de Deus, manda que esta pedra se transforme em pão”. ⁴Replicou-lhe Jesus: “Está escrito: *Não só de pão vive o homem*”.

⁵O diabo, levando-O para mais alto, mostrou-lhe num instante todos os reinos da terra ⁶e disse-lhe: “Eu te darei todo este poder com a glória destes reinos, porque ela me foi entregue e eu a dou a quem eu quiser. ⁷Por isso, se te prostrares diante de mim, toda ela será tua”. ⁸Replicou-lhe Jesus: “*Está escrito: Adorarás ao Senhor teu Deus, e só a ele prestarás culto*”.

⁹Conduziu-O depois a Jerusalém, colocou-o sobre o pináculo do Templo e disse-lhe: “Se és Filho de Deus, atira-te para baixo,¹⁰ porque está escrito:

*Ele dará ordem a seus anjos a teu respeito,
para que te guardem.*

¹¹ainda:

*E eles te tomarão pelas mãos,
para que não tropeces em nenhuma pedra”.*

¹²Mas Jesus lhe respondeu: “Foi dito:

Não tentarás ao Senhor, teu Deus».

¹³Tendo acabado toda a tentação, o diabo o deixou até o tempo oportuno.

¹⁴Jesus voltou então para a Galileia, com a força do Espírito, e sua fama espalhou-se por toda a região circunvizinha. ¹⁵Ensinava em suas sinagogas e era glorificado por todos.

Esses quinze versículos apresentam duas ordens gerais de ideias, as quais merecem ser analisadas: a tentação de Jesus e o jejum.

7.1.1 A TENTAÇÃO DE JESUS

Trata-se de um episódio relatado apenas nos evangelhos sinóticos (Mt 4:1 a 11; Mc 1:12 e 13; Lc 4:1 a 13). Evangelhos Sinóticos é a denominação dada aos Evangelhos de *Mateus*, *Marcos*, *Lucas* por conterem uma grande quantidade de histórias em comum, na mesma sequência, e algumas vezes utilizando exatamente a mesma estrutura de palavras. Desta maneira, há quatro evangelhos canônicos, dos quais três são sinóticos. O evangelista *João* não se pronuncia a respeito. O relato do *Evangelho segundo Marcos* é muito breve, registrando apenas a ocorrência do episódio. *Mateus* e *Lucas* descrevem a tentação com detalhes, inserindo o diálogo ocorrido entre Jesus e o ser denominado *diabo*. Em *Lucas*, 4:1 e 2, Jesus teria jejuado por quarenta dias e quarenta noites no deserto da Judeia, para onde se retirou logo após ter sido batizado por João Batista nas águas do Jordão. Consta também (Lc 4:3 a 12) que durante o período passado no deserto, o Senhor teria sido tentado pelo diabo, mas não se submeteu a ele.

O significado da palavra “diabo” faz oposição aos conceitos transmitidos pela teologia cristã, que transmite a ideia da existência de uma entidade maléfica, um anjo decaído, um poder que age contra Deus. *Satã* e *demônio* são outros nomes atribuídos ao diabo.

Diabo (gr. *Diabolos* = caluniador: provocador de discórdia; hebr.: *satã*). Segundo a doutrina [ou teologia] cristã, trata-se de anjos que se rebelaram contra Deus, especialmente o mais elevado entre eles, *Lúcifer*, que seduziu o primeiro casal humano ao pecado e, desde então, é o “príncipe do mundo”. No cristianismo

antigo o diabo era representado como serpente, dragão, leão, basilisco, áspide; no séc. IX como anjo negro nu; a partir do séc. XI até o séc. XVI, sua representação evoluiu para demônios e hermafroditas fantásticos, grotescos, semelhantes a sátiros. [...] Na Renascença italiana e no Barroco predomina a forma humana do diabo. A partir do séc. XIX, observa-se crescente psicologização.³

O Espiritismo entende que *diabo*, *demônio* ou *satã* são figuras alegóricas representativas das forças do mal, que atuam em oposição às do bem. Compreende, igualmente, que por força da Lei do Progresso, o ser humano evolui continuamente, até chegar ao topo da escala evolutiva, quando é alçado à condição de anjo, cujo significado espírita é o seguinte: “[...] são Espíritos puros: os que se acham no mais alto grau da escala espírita e reúnem todas as perfeições”.⁴ Sendo assim, é inconcebível supor que um Espírito puro, que chegou ao ponto máximo da sua evolução, rebele-se contra o Criador e se transforme em “anjo caído”, agindo contra a sua Justiça e Misericórdia.

A evolução do Espírito é sempre ascendente. Ele jamais retroage. Pode permanecer algum tempo estacionário, mas não há retroação. Daí os orientadores da Codificação entenderem, que o conceito teológico de *demônio* ou *diabo* não mais se aplica atualmente.

“Se houvesse demônios, seriam obra de Deus. E Deus seria justo e bom se tivesse criado seres eternamente votados ao mal e infelizes para sempre? Se há demônios, é em teu mundo inferior e em outros semelhantes que eles residem. São esses homens hipócritas que fazem de um Deus justo um Deus mau e vingativo e que julgam agradá-lo pelas abominações que cometem em seu nome”.⁵

A tentação de Jesus deve ser, portanto, entendida como a batalha permanente entre o bem e o mal, condição comum aos habitantes dos mundos inferiores. Allan Kardec elucida a respeito: “Jesus, transportado pelo diabo ao pináculo do templo, depois ao cume de uma montanha e tentado por ele, constitui uma daquelas parábolas que lhe eram familiares e que a credulidade pública transformou em fatos materiais”.⁶

Jesus não foi arreatado. Ele apenas quis fazer que os homens compreendessem que a Humanidade se acha sujeita a falir e que deve manter-se sempre vigilante contra as más inspirações a que, pela sua natureza fraca, é impelida a ceder. A tentação de Jesus é, pois, uma figura e fora preciso ser cego para tomá-la ao pé da letra. Como pretenderíeis que o Messias, o Verbo de Deus encarnado, tenha estado submetido, por algum tempo, por mais curto que fosse, às sugestões do demônio e que, como diz o Evangelho de Lucas, o demônio o houvesse deixado por algum tempo, o que levaria a supor que o Cristo continuou submetido ao poder daquela entidade maléfica? Não; compreendi melhor os ensinamentos que

vos foram dados. O Espírito do mal não teria nenhum poder sobre a essência do bem. Ninguém diz ter visto Jesus no cume da montanha, nem no pináculo do Templo. Sem dúvida, tal fato teria se espalhado por todos os povos. A tentação, portanto, não constituiu um ato material e físico. Quanto ao ato moral, admitiríeis que o Espírito das trevas pudesse dizer Àquele que conhecia sua própria origem e o seu poder: ‘Adora-me, que te darei todos os reinos da Terra?’ Então o demônio desconheceria aquele a quem fazia tais oferecimentos? Não é provável. Ora, se o conhecia, suas propostas eram uma insensatez, pois ele sabia perfeitamente que seria repellido por Aquele que viera destruir o seu império sobre os homens.⁷

Importa considerar que, no início da narrativa de *Lucas*, consta a informação: *Jesus, pleno do Espírito Santo* [ou Espírito de Deus], *voltou do Jordão; era conduzido pelo Espírito através do deserto*, (Lc 4:1). Durante a Sua estada no deserto aparece o tentador, que tenta subjugar o Senhor com três tentações que, diga-se de passagem, são muito ingênuas, considerando a grandeza do Cristo; admitida, inclusive, pelo próprio demônio que o reconhece como Filho de Deus.

As tentações indicadas por *Lucas* são as seguintes:

» **Tentação 1: Jesus deveria transformar pedra em pão (Lc 4:3 e 4)**

Segundo o texto evangélico, Jesus estava com fome após o jejum prolongado. O diabo desafiou-o a provar que, se de fato, Ele era Filho de Deus, transformaria pedra em pão. O que Jesus teria replicado: “Está escrito: *Não só de pão vive o homem*”.

» **Tentação 2: Jesus receberia poder sobre todos os reinos da Terra (Lc 4:5 a 8)**

O tentador teria levado Jesus a um ponto muito alto e fez Ele, o Cristo, visualizar todas as regiões habitadas do planeta, que, caso o Senhor o adorasse, poderia desfrutar do poder e da glória dos povos e nações. Jesus, por sua vez, informou-lhe: “Está escrito: *Adorarás ao Senhor teu Deus, e só a Ele prestarás culto*”.

» **Tentação 3: Jesus jogar-se-ia do alto do monte onde se encontrava o Templo de Jerusalém e nada lhe aconteceria (Lc 4:9 a 12)**

O Espírito maligno teria conduzido ao topo do monte onde estava erguido o Templo de Jerusalém, e, desafiando Jesus, disse-lhe: “Se és Filho de Deus, atira-te para baixo, porque está escrito: *Ele dará ordem a seus anjos a teu respeito, para que te guardem. E ainda: E eles te tomarão pelas mãos,*

para que não tropeces em nenhuma pedra”. Contudo, Jesus lhe respondeu: “Foi dito: *Não tentarás ao Senhor, teu Deus*”.

A interpretação espírita procura ir além da literalidade dos registros evangélicos: o *deserto* pode ser compreendido como a *aridez da alma humana que ainda não possui suficientes conquistas morais*:

O deserto da imperfeita alma humana que o Cristo se depararia durante a sua estadia estada entre nós; a sua convivência próxima com perturbadores encarnados e desencarnados; e com o significativo número de pessoas sofredoras. Em outro aspecto [...], o deserto também traduz vida espiritual para cujos habitantes [...] o Cristo também consagrou sua orientação, admitindo-se viver, simultaneamente, as duas dimensões [...].⁸

O *período de tempo* passado no deserto, assim como os *elementos usados pelo tentador*, representam tantos outros simbolismos, muito a gosto das tradições religiosas; mas que passam a ter outro significado quando se adentra a intimidade da mensagem espiritual:

Símbolo do tempo, que assinala a sua presença neste plano, os 40 dias e 40 noites traduzem o período em que, paralelamente, o Cristo vive em duas dimensões da vida, compreendidas no mundo físico e no extrafísico, o que revela por conversar com o “tentador desencarnado”, que lhe propõe a multiplicação de pães [...].

A narrativa não faz referência a montanhas físicas, de onde se localizam os reinados e as suas respectivas glórias, mas à imaginação das criaturas, no domínio das suas fantasias e da própria ambição.

[...]

O mundo íntimo pode traduzir, pois, o *deserto*, dando origem à *fome* que compreende, invariavelmente, às maiores aspirações do homem. Para atendê-las, não raro, compromete o futuro espiritual, não só pelos escusos meios *tentadores* inescrupulosos, encarnados e desencarnados, num símbolo da venda da alma ao *diabo*, por se esquecer de que “nem só de pão vive o homem”.⁹

Nesse clima de ódios de toda a espécie, entre os sofrimentos mais diversos, Jesus disseminou o amor, a liberdade, a paz, conclamando o Reino de Deus e pregando a “não violência” até o próprio sacrifício. Sintetizando os objetivos da vida no “amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”, fez esse legado de amor, em torrentes luminosas e soberanas.¹⁰

Concluído o período de tempo no deserto, Jesus volta para a Galileia, com a *força do Espírito* — como relata o texto evangélico —, e sua *fama espalhou-se por toda a região circunvizinha*. *Ensinava em suas sinagogas*

e era glorificado por todos. (Lc 4:14-15). Foi assim que Ele iniciou o seu Ministério Divino.

7.1.2 O JEJUM DE JESUS

O jejum que Jesus teria imposto a si mesmo por quarenta dias e quarenta noites, é outro simbolismo, considerado, na verdade, como um jejum espiritual. Não se trata, obviamente, de uma prática material, utilizada por diferentes tradições religiosas – que consiste na abstinência parcial ou total de alimentos por um determinado período de tempo –, mais focadas nos ritos do que na essência da mensagem espiritual.

Quase todas as religiões promovem ou sancionam o jejum de alguma forma. Nas religiões primitivas, é frequentemente um meio de controlar ou aplacar os deuses, de produzir a virilidade ou de fazer os preparativos para uma observância cerimonial – tal como a iniciação ou o luto. O jejum era praticado pelos gregos antigos quando consultavam os oráculos, por índios norte-americanos para obterem o seu totem particular e por xamãs africanos para entrarem em contato com os espíritos. Muitas religiões orientais o praticam para obter clareza de visão e entendimento místico. O judaísmo, vários ramos do cristianismo e o islamismo, todos eles têm os seus dias fixos de jejum, e geralmente associam a disciplina da carne com o arrependimento pelo pecado. [...].¹¹

7.2 JESUS EM NAZARÉ (LC 4:16 A 30)¹²

¹⁶Ele foi a Nazara [ou Nazaré], onde fora criado, e, segundo seu costume, entrou em dia de sábado na sinagoga e levantou-se para fazer a leitura. ¹⁷Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías; desenrolou-o, encontrando o lugar onde está escrito:

¹⁸*O Espírito do Senhor está sobre mim,
porque ele me consagrou pela unção
para evangelizar os pobres;
enviou-me para proclamar a remissão aos presos
e aos cegos a recuperação da vista,
para restituir a liberdade aos oprimidos
¹⁹e para proclamar um ano de graça do Senhor.*

²⁰Enrolou o livro, entregou-o ao servente e sentou-se. Todos na sinagoga olhavam-no, atentos. ²¹Então começou a dizer-lhes: “Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura”. ²²Todos testemunhavam a seu respeito, e admiravam-se das palavras cheias de graça que saíam de sua boca.

E diziam: “Não é este o filho de José?”²³ Ele, porém, disse: “Certamente me citareis o provérbio: Médico, cura-te a ti mesmo. Tudo o que ouvimos dizer que fizeste em Cafarnaum, faze-o também aqui em tua pátria.”²⁴ Mas em seguida acrescentou: “Em verdade vos digo que nenhum profeta é bem recebido em sua pátria.

²⁵De fato, eu vos digo que havia em Israel muitas viúvas nos dias de Elias, quando por três anos e seis meses o céu permaneceu fechado, e uma grande fome devastou toda a região; ²⁶*Elias, no entanto, não foi enviado a nenhuma delas, exceto a uma viúva, em Sarepta, na região de Sidônia.*²⁷ Havia igualmente muitos leprosos em Israel no tempo do profeta Eliseu; todavia, nenhum deles foi purificado, a não ser o sírio Naamã”.

²⁸Diante dessas palavras, todos na sinagoga se enfureceram.²⁹ E, levantando-se, expulsaram-no para fora da cidade e o conduziram até um cimo da colina sobre a qual a cidade estava construída, com a intenção de precipitá-lo de lá.

³⁰Ele, porém, passando pelo meio deles, prosseguia seu caminho...

A missão de Jesus teve como marco inicial a cidade onde Ele vivera: Nazaré. Entretanto, foi ali que Ele recebeu de seus conterrâneos, a primeira rejeição; sobretudo e por causa do tom dado à sua fala durante a pregação na sinagoga local: “[...] fez a ousada asseveração de que Ele mesmo cumpria a mensagem que fora lida de *Isaías*, 61:1 e 2, e de parte de *Isaías*, 58:6. [...]”¹³ A reação dos presentes à pregação de Jesus foi, certamente, exagerada: a expulsão da cidade e a intenção de jogá-lo de cima de uma colina (Lc 4:28 e 29). Ainda que, antes do Mestre apontar as dificuldades da comunidade, *todos testemunhavam a seu respeito, e admiravam-se das palavras cheias de graça que saíam de sua boca.* (Lc 4:22).

Tais acontecimentos confirmam a correção da fala de Jesus, ao afirmar que a nação de Israel rejeitou muitos dos seus profetas. Por exemplo: “[...] *Jeremias* foi perseguido até pela cidade de sacerdotes em que vivia, isto é, em Anatote, (Jr.1:1) [...]”¹⁴

Durante a interpretação do texto da *Torá* (ou *Torah*), Jesus faz referências às pessoas vulneráveis (as viúvas) e aos marginalizados (os leprosos) que, desde os tempos antigos eram submetidos ao desprezo e ao abandono. Cita os nomes dos profetas Elias e Eliseu que, respectivamente, amparam uma viúva (de Serepta) ou um leproso (Naamã), e, por isso, foram perseguidos pelos judeus; Jesus toca na ferida moral dos presentes que reagem com ira. Essa reação está vinculada a dois motivos principais: primeiramente porque as pessoas curadas pelos citados profetas eram gentílicas e, segundo, pela demonstração de falta de caridade aos seguidores da *Torá*, ainda que essa fosse mecanicamente repetida pelos crentes.¹⁵ Na verdade, Jesus agiu como a voz da consciência dos ouvintes,

demonstrando que eles, em sua maioria, sabiam pronunciar, apenas de forma decorada, os textos da *Torá*, mas não praticavam a Lei de Deus.

Foi uma oportunidade perdida para aqueles religiosos que, ao invés de se rebelarem contra Jesus, poderiam ter mantido o silêncio e aceitado com humildade as admoestações do Senhor.

Emmanuel esclarece com sabedoria a respeito, na mensagem que se segue:

Pior para eles¹⁶

Então começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos. (Lucas, 4:21.)

Tomando lugar junto dos habitantes de Nazaré, exclamou Jesus, após ler algumas promessas de Isaías: “Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos”.

Os agrupamentos religiosos são procurados, quase sempre, por investigadores curiosos que, à primeira vista, parecem vagabundos itinerantes; todavia, é forçoso reconhecer que há sempre ascendentes espirituais compelindo-lhes o espírito ao exame e à consulta; eles próprios não saberiam definir essa convocação sutil e silenciosa que os obriga a ouvir, por vezes, grandes preleções, longas palestras, exposições e elucidações que, aparentemente, não os interessam.

Em várias circunstâncias, afirmam tolerar o assunto, em vista do código de gentileza e do respeito mútuo; entretanto, não é assim. Existe algo mais forte, além das boas maneiras que os compelem a ouvir.

É que soou o momento da revelação espiritual para eles.

Muitos continuam indiferentes, irônicos, recalcitrantes, mas a responsabilidade do conhecimento já lhes pesa nos ombros e, se pudessem sentir a verdade com mais clareza, albergariam a carinhosa admoestação do Mestre no íntimo da alma: “Hoje se cumpre esta Escritura em vossos ouvidos”.

A misericórdia foi dispensada. Deu Jesus alguma coisa de sua bondade infinita. Cumpriu-se a divina palavra. Se os interessados não se beneficiarem com ela, pior para eles.

REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. it. cap. 4, p. 57.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 4:1-15, p. 1.794.

- 3 BECKER, Udo. *Dicionário de símbolos*. Trad. Edwino Royer. 1. ed. São Paulo, SP: Paulus, 1990. verbete: Diabo, p. 88.
- 4 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 4. ed. 9. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. q. 128.
- 5 _____. _____. q. 131.
- 6 _____. *A gênese*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 15, it. 52.
- 7 _____. _____. it. 53.
- 8 MOUTINHO, João de Jesus. *O evangelho sem mistérios nem véus*. 1. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2015. cap.13.
- 9 _____. _____.
- 10 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador, BA: LEAL, 2001. cap. *Respingos históricos*, p. 29.
- 11 ELWELL, Walter A. (Editor). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. Trad. Gordon Chown. v. II. 2. ed. 1. imp. São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1992. verbete: Jejum, p. 360.
- 12 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 4:16-30, p. 1.795.
- 13 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. it. 4:16, p. 62.
- 14 KEENER, Craig. S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. v. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo, SP: Vida Nova, 2017. it. 4:23-24, p. 222.
- 15 _____. _____. it. 4:25-27, p. 222.
- 16 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap.141.

JESUS ENSINA EM CAFARNAUM E CURA UM ENDEMONIADO

CURA DA SOGRA DE SIMÃO. DIVERSAS CURAS.
JESUS DEIXA SECRETAMENTE CAFARNAUM
E PERCORRE A JUDEIA (LC 4:31 A 44)

A passagem de Jesus, entre nós, apresentou dois aspectos fundamentais: os seus sublimes ensinamentos a respeito do Reino de Deus e as curas. Curava os doentes do corpo e do espírito:

De todos os fatos que dão testemunho do poder de Jesus, os mais numerosos são, incontestavelmente, as curas. Ele queria provar, dessa forma, que o verdadeiro poder é o daquele que faz o bem; que o seu objetivo era ser útil e não satisfazer à curiosidade dos indiferentes, por meio de coisas extraordinárias.

Aliviando os sofrimentos, prendia a si as criaturas pelo coração e fazia prosélitos mais numerosos e sinceros do que se apenas os maravilhasse com espetáculos para os olhos. Daquele modo, fazia-se amado, ao passo que se houvesse se limitado a produzir surpreendentes fatos materiais, como o exigiam os fariseus, a maioria das pessoas não teria visto nele senão um feiticeiro ou um hábil prestidigitador, que os desocupados buscariam para se distrair [...].¹

8.1 JESUS ENSINA EM CAFARNAUM E CURA UM ENDEMONIADO (LC 4:31 A 37)²

³¹Desceu então a Cafarnaum, cidade da Galileia, e ensinava-os aos sábados.

³²Eles ficavam pasmados com seu ensinamento, porque falava com autoridade.

³³Encontrava-se na sinagoga um homem possesso de um espírito de demônio impuro, que se pôs a gritar fortemente: ³⁴“Ah! Que queres de nós, Jesus Nazareno? Vieste para arruinar-nos? Sei quem tu és: o Santo de Deus”. ³⁵Mas Jesus o conjurou severamente: “Cala-te, e sai dele!”. E o demônio, lançando-o no meio de todos, saiu sem lhe fazer mal algum. ³⁶O espanto apossou-se de todos, e falavam entre si: “Que significa isso? Ele dá ordens com autoridade e poder aos espíritos impuros, e eles saem!”. ³⁷E sua fama se propagava por todo lugar da redondeza.

Após a sua pregação inicial em Nazaré, Jesus viaja para a cidade de Cafarnaum, ainda na Galileia, interpretando a *Torah* e os ensinamentos das escrituras segundo os preceitos da Lei de Deus. Atraía a admiração dos ouvintes, pois pregava com autoridade, como assinala *Lucas*, 4:32: *Eles ficavam pasmados com seu ensinamento, porque falava com autoridade: “A verdadeira autoridade é a do ser em si mesmo, que vem de Deus. Não se utiliza de violência, não se impõe. Irradia-se e todos a sente. Respeita-se, desconhecendo as razões. Portadora de estranha e peculiar força, predomina e convence.”*³

Várias cidades da Galileia serviram de palco para a pregação de Jesus: Tiberíades, Cafarnaum, Magdala, Cesareia de Filipe, Betsaida, assim como Nazaré, cidade onde Jesus passou a sua infância. Mas em termos de localização geográfica, a Galileia é uma região muito heterogênea: essencialmente um planalto cercado por todos os lados por planícies, com exceção do extremo norte, que constitui a *Galileia superior*. Está localizada a quase 1.000 metros acima do nível do mar que, à época do NT, era uma área coberta de florestas e esparsamente habitada. Na *Galileia inferior* encontra-se o nível mais baixo da região, entre 500 e 700 metros acima do nível do mar que, em seguida, declina pronunciadamente até atingir cerca de 200 metros abaixo do nível do mar, local onde se encontra o lago da Galileia. A maioria das narrativas contidas no Evangelho aconteceram na Galileia inferior.⁴

Outra característica importante da Galileia é a heterogeneidade histórico-cultural e racial dos habitantes, que é constituída de judeus e não judeus:

Galileia (heb. *Galil*, “anel, círculo”, ou seja, “distrito, região”) – o nome regional da parte norte da Palestina, que foi a cena da meninice do Cristo e do princípio de seu ministério. A origem desse nome, conforme aplicado. [...]: originalmente fazia parte das terras distribuídas entre as doze tribos, mas, devido à pressão de povos mais do norte, a sua população judaica se encontrava numa espécie de saliência norte, rodeada por três lados por povos não israelitas. [...].⁴

Lucas faz referência à cura de um endemoniado subjugado por um *espírito impuro* que, além de saber quem era Jesus, o provocou, justamente no momento em que o Mestre Nazareno pregava na sinagoga de Cafarnaum:

Encontrava-se na sinagoga um homem possesso de um espírito de demônio impuro, que se pôs a gritar fortemente: “Ah! Que queres de nós, Jesus Nazareno? Vieste para arruinar-nos? Sei quem tu és: o Santo de Deus?” Mas Jesus o conjurou severamente: “Cala-te, e sai dele!” E o demônio, lançando-o no meio de todos, saiu sem lhe fazer mal algum. (Lc 4:33-35).

Para o Espiritismo, o episódio reflete um processo obsessivo grave, denominado *subjugação*, usualmente conhecido como possessão. Em *O livro dos médiuns* consta: “A subjugação é uma opressão que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir contra a sua vontade. Numa palavra, o paciente fica sob um verdadeiro *jugo*”.⁵ O espírito impuro ou demônio, não mais é do que um perseguidor espiritual ou *obsessor* que causava a “[...] *obsessão*, isto é, o domínio que alguns Espíritos exercem sobre as pessoas. É praticada unicamente pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar, pois os Espíritos bons não impõem nenhum constrangimento.”⁶

As libertações de possesores, juntamente com as curas, figuram entre os mais numerosos atos de Jesus. [...] Provavelmente, naquela época, como ainda hoje acontece, atribuía-se à influência dos demônios todas as doenças cuja causa não se conhecia, principalmente a mudez, a epilepsia e a catalepsia. Outros há, todavia, em que a ação dos Espíritos maus não deixa dúvida. Esses casos guardam tão frisante analogia com os de que somos testemunhas, que neles se reconhecem todos os sintomas de tal gênero de afecção. A prova da participação de uma inteligência oculta, em tal caso, ressalta de um fato material: são as numerosas curas radicais obtidas, em alguns centros espíritas, tão só pela evocação e doutrinação dos Espíritos obsessores, sem magnetização, nem medicamentos e, muitas vezes, na ausência do paciente e à grande distância deste. A imensa superioridade do Cristo lhe dava tal autoridade sobre os Espíritos imperfeitos, então chamados demônios, que bastava a Ele ordenar que se retirassem para que se vissem obrigados a não resistir a essa ordem formal [...].⁷

8.2 CURA DA SOGRA DE SIMÃO. DIVERSAS CURAS (LC 4:38 A 41)⁸

³⁸Saindo da sinagoga, entrou na casa de Simão. A sogra de Simão estava com febre alta, e pediram-lhe por ela. ³⁹Ele se inclinou para ela, conjurou severamente a febre, e essa a deixou; imediatamente ela se levantou e se pôs a servi-los.

⁴⁰Ao pôr do sol, todos os que tinham doentes atingidos de males diversos traziam-nos, e ele, impondo as mãos sobre cada um, curava-os. ⁴¹De um grande número também saía demônios gritando: “Tu és o Filho de Deus!”. Em tom ameaçador, porém, ele os proibia de falar, pois sabiam que ele era o Cristo.

A cura da sogra de Pedro e de outros doentes, citadas no texto evangélico, podem ser entendidas como algo simples, banal mesmo, quando se considera curas prodigiosas realizadas por Jesus, a ponto de serem denominadas milagrosas. Na verdade, o Espiritismo explica que, pela doação fluídica, é possível a realização de processos curativos. Trata-se de um meio natural de transmissão da energia vital encontrada em todos os seres vivos,

também conhecida como *bioenergia* ou *fluido vital*. O fluido vital, originário do fluido cósmico universal, produz vitalidade às células e tecidos corporais e perispirituais e pode ser usualmente absorvido por pessoas enfermas. Allan Kardec esclarece a respeito:

[...] Pela identidade da sua natureza, esse fluido, condensado no perispírito, pode oferecer princípios reparadores ao corpo; o Espírito, encarnado ou desencarnado, é o agente propulsor que infiltra num corpo deteriorado uma parte da substância do seu envoltório fluídico. A cura se opera mediante a substituição de uma molécula malsã por uma molécula sã. O poder curativo estará, pois, na razão direta da pureza da substância inoculada; mas depende, também, da energia da vontade, que provoca uma emissão fluídica mais abundante e dá, ao fluido, maior força de penetração. Depende ainda das intenções daquele que deseja realizar a cura, seja homem ou Espírito. Os fluidos que emanam de uma fonte impura são quais substâncias medicamentosas alteradas.⁹

A poderosa ação magnética de Jesus e o seu amor por todos produziam resultados imediatos, libertando os enfermos do jugo de dominadores espirituais, ou, curando os males do corpo físico de todos que lhe buscavam auxílio. Até mesmo os Espíritos obsessores revelavam-se admirados e não deixavam de repetir: “*Tu és o Filho de Deus!*” (Lc 4:41).

Os efeitos da ação fluídica por parte dos doentes são muito variáveis; e envolvem vários fatores: capacidade receptiva do próprio beneficiário, poder e pureza dos fluidos doados, planejamento reencarnatório etc. Eis o que Kardec tem a dizer:

Os efeitos da ação fluídica sobre os doentes são extremamente variados, de acordo com as circunstâncias. Algumas vezes é lenta e reclama tratamento prolongado, como no magnetismo ordinário; de outras vezes é rápida, como uma corrente elétrica. Há pessoas dotadas de tal poder, que operam curas instantâneas em alguns doentes, por meio apenas da imposição das mãos ou, até, exclusivamente, por ato da vontade. Entre os dois polos extremos dessa faculdade, há infinitas gradações. Todas as curas desse gênero são variedades do magnetismo e só diferem pela intensidade e pela rapidez da ação. O princípio é sempre o mesmo: o fluido, a desempenhar o papel de agente terapêutico e seu efeito se acha subordinado à sua qualidade e a circunstâncias especiais.¹⁰

Importa considerar, também, que a doação fluídica não se restringe a mera movimentação da energia magnética do doador. Todas ações humanas, boas ou más, são secundadas por desencarnados. Em se tratando de ação benemérita, como a doação de energias vitais para auxiliar um enfermo, há, corriqueiramente, auxílio de benfeitores espirituais. Neste sentido, os fluidos doados são mistos, pois procedem do encarnado e do desencarnado.

O Codificador esclarece que o processo de doação fluídica tem origem em três fontes básicas:

1º) Pelo próprio fluido do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito, ou *magnetismo humano*, cuja ação se acha subordinada à força e, sobretudo, à qualidade do fluido;

2º) Pelo fluido dos Espíritos, atuando diretamente e *sem intermediário* sobre um encarnado; seja para o curar ou acalmar um sofrimento, seja para provocar o sono sonambúlico espontâneo, seja para exercer sobre o indivíduo uma influência física ou moral qualquer. É o *magnetismo espiritual* cuja qualidade está na razão direta das qualidades do Espírito;

3º) Pelos fluidos que os Espíritos derramam sobre o magnetizador, ao qual este serve de condutor. É o magnetismo *misto, semiespiritual*, ou, se o preferirem, *humanoespiritual*. Combinado com o fluido humano, o fluido espiritual lhe imprime qualidades que lhe faltam. Em tais circunstâncias, o concurso dos Espíritos é, algumas vezes, espontâneo, porém é provocado, com mais frequência, por um apelo do magnetizador.¹¹

As curas realizadas por Jesus eram operadas diretamente por Ele, produzindo ações benéficas e imediatas aos doentes. Ele não precisava de intermediários.

A fama de Jesus já corria por toda a Galileia, e, com certeza, a sua pregação já devia ter maravilhado a assistência que enchia a sinagoga local; a repercussão da sua Palavra deveria ter-se feito ao longe, pois, no mesmo dia, ao pôr do sol, inúmeros enfermos, e outros possuídos de espíritos malignos, enchiam a parte fronteira à casa de Pedro, a fim de receberem daquelas mãos benditas pelos Céus, e que distribuíam por toda a parte os tesouros do Seu amor, a cura para os seus corpos e a libertação para as suas almas. Os enfermos, diz *Lucas*, não eram só nervosos, epiléticos e histéricos, porque as moléstias eram *várias*, inclusive a *obsessão*, ou seja, a *possessão* [subjugação] *por espíritos malignos*, que outros chamavam *demônios*, como acontece atualmente. E Jesus curou a todos.¹²

8.3 JESUS DEIXA SECRETAMENTE CAFARNAUM E PERCORRE A JUDEIA (LC 4:42 A 44)¹³

⁴² Ao raiar do dia, saiu e foi para um lugar deserto. As multidões puseram-se a procurá-lo e, tendo-o encontrado, queriam retê-lo, impedindo-o que as deixasse.⁴³ Ele, porém, lhes disse: “Devo anunciar também a outras cidades a Boa Nova do Reino de Deus, pois é para isso que fui enviado”.⁴⁴ E pregava pelas sinagogas da Judeia.

Concluídos a pregação e o auxílio aos necessitados, Jesus afasta-se da multidão e busca um local deserto. Mesmo assim, as multidões o procuram

incessantemente. Entretanto, o Amigo Maior, porém, informa-lhes, segundo consta em *Lucas*, 4:43 e 44: “Devo anunciar também a outras cidades a Boa-Nova do Reino de Deus, pois é para isso que fui enviado”. E pregava pelas sinagogas da Judeia.

A missão do Senhor estava apenas iniciando.

A benfeitora Joanna de Ângelis aponta-nos informações a respeito da missão atemporal de Jesus:

Ele vem buscar o ser humano no abismo em que se encontra, priorizando os valores éticos e espirituais e deixando à margem as compensações egoicas, porque aquele que já desfrutou da felicidade e não soube repartir com o seu próximo, terá menos possibilidade de fruí-la depois da vida física.

Todos os objetivos da Boa Nova que Ele trouxe centram-se no futuro do Espírito, na sua emancipação total, na sua incessante busca de Deus.

Tornando-se o *Caminho*, a Sua é a *Verdade* que conduz à *Vida*, à plenitude, ao armazenamento de Sabedoria e de Amor.

[...]

Todo o Seu verbo está exarado em linguagem programada para resistir aos tempos de evolução do pensamento e abrir espaços para as repercussões sociológicas e espirituais, éticas essenciais e morais seguras através dos diferentes períodos da Humanidade.¹⁴

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 15, it. 27.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 4:31-37, p. 1.795.
- 3 FRANCO, Divaldo Pereira. *Trigo de Deus*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 6. ed. Salvador, BA: LEAL, 2014. cap. 16, p.103.
- 4 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. rev. São Paulo, SP: Vida Nova, 2006. verbete: Galileia, p. 534.
- 5 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 6. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. 2ª pt., cap. 23, it. 240.
- 6 _____. _____. it. 237.
- 7 _____. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 15, it. 33.

- 8 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 4:38-41, p. 1.795 e 1.796.
- 9 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 14, it. 31.
- 10 _____. _____. it. 32.
- 11 _____. _____. it. 33.
- 12 SCHUTEL, Cairbar. *O espírito do cristianismo*. 8. ed. Matão, SP: O Clarim, 2001. cap. 55, p. 287.
- 13 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 4:42-44, p. 1.796.
- 14 FRANCO, Divaldo Pereira. *Jesus e o evangelho à luz da psicologia profunda*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 1. ed. Salvador, BA: LEAL, 2000. cap. *Soberanas leis*, p. 18 e 19.

VOCAÇÃO DOS QUATROS PRIMEIROS DISCÍPULOS

CURA DE UM LEPROSO E DE UM PARALÍTICO. VOCAÇÃO DE LEVI. REFEIÇÃO COM OS PECADORES NA CASA DE LEVI. DISCUSSÃO SOBRE O JEJUM (LC 5:1 A 39)

No capítulo 5 do *Evangelho segundo Lucas* fornece detalhes às informações transmitidas por *Mateus* e *Marcos*, sobretudo em relação à vocação dos primeiros apóstolos. O evangelista informa que Jesus prossegue com as sábias pregações a respeito do Reino de Deus e a realização de inúmeras curas — como a de um leproso e a de um paralítico. Tais ações despertam a admiração do povo, que o segue por todos os lados, mas também a crescente hostilidade dos fariseus. Estes questionam a autoridade do Cristo nas mínimas coisas: desde a escolha de pescadores para integrar o núcleo central da sua atuação até as curas: *É nesse ponto que aparecem os fariseus e mestres da lei procedentes de todos os povoados da Galileia, Judeia e de Jerusalém (5:17), sem dúvida para descobrir exatamente o que estava acontecendo.*¹

9.1 VOCAÇÃO DOS QUATROS PRIMEIROS DISCÍPULOS (LC 5:1 A 11)²

¹Certa vez em que a multidão se comprimia ao redor Dele para ouvir a palavra de Deus, à margem do lago de Genesaré, ²viu dois pequenos barcos parados à margem do lago; os pescadores haviam desembarcado e lavavam as redes. ³Subindo num dos barcos, o de Simão, pediu-lhe que se afastasse um pouco da terra; depois, sentando-se ensinava do barco às multidões.

⁴Quando acabou de falar, disse a Simão: “Faze-te ao largo; lançaí vossas redes para a pesca”. ⁵Simão respondeu: “Mestre, trabalhamos a noite inteira sem nada apanhar; mas, porque mandas, lançarei as redes”. ⁶Fizeram isso e apanharam tamanha quantidade de peixes que suas redes se rompiam. ⁷Fizeram então sinais aos sócios do outro barco para virem em seu auxílio. Eles vieram e encheram os dois barcos, a ponto de quase afundarem. ⁸À vista disso, Simão

Pedro atirou-se aos pés de Jesus, dizendo: “Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um pecador!”⁹ O espanto, com efeito, se apoderara dele e de todos os que estavam em sua companhia, por causa da pesca que haviam acabado de fazer;¹⁰ e também de Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram companheiros de Simão.” Jesus, porém, disse a Simão: “Não tenhas medo! Doravante serás pescador de homens”.¹¹ Então, reconduzindo os barcos à terra e deixando tudo, eles o seguiram.

Esse texto evangélico (Lc 5:1 a 11) faz referência apenas a três discípulos (Simão Pedro e os irmãos João e Tiago), ainda que o título fornecido pela *Bíblia de Jerusalém* indique *A vocação dos quatro primeiros discípulos*. O quarto discípulo a ser escolhido por Jesus para pertencer ao colégio apostolar está descrito em *Lucas*, 5:27 e 28, na passagem analisada, em seguida, no item 9.3. Sabemos, contudo, que a escolha dos quatro primeiros discípulos e de todos os Doze não foi por acaso. Ao contrário, fazia parte de um planejamento estabelecido anteriormente, muito antes do renascimento dos apóstolos e do advento do Cristo. Assim, naquele dia, depois de ter realizado uma pregação e algumas curas, Jesus dirige-se à praia, entra no barco de Pedro e, daí, continua falando ao povo: “Está bem claro que Simão já era um amigo de Jesus, que visitou a sua casa (Lc 4:38) e pregou no seu barco (Lc 5:3); aliás, em Jo 1:37 a 42, conta-se de um encontro [ocorrido entre ambos] durante a missão de João Batista [...]”³

Após esclarecer a multidão que, da praia, o ouvia atentamente, Jesus passa a observar o árduo trabalho dos pescadores que, desde a noite anterior, não conseguiram pescar qualquer peixe. Compadecendo-se deles, diz a Simão: “*Faze-te ao largo; lançai vossas redes para a pesca*” (Lc 5:4). Emmanuel amplia o sentido dessa instrução do Cristo e a compara à batalha cotidiana do “ganha-pão” de todos nós, em geral, regada por frustrações e sacrifícios:

Este versículo nos leva a meditar nos companheiros de luta que se sentem abandonados na experiência humana.

Inquietante sensação de soledade lhes corta o coração.

[...]

Entretanto, essas horas amargas pertencem a todas as criaturas mortais.

[...]

Em surgindo, pois, a tua época de dificuldade, convence-te de que chegaram para tua alma os dias de serviço em “mar alto”, o tempo de procurar os valores justos, sem o incentivo de certas ilusões da experiência material. Se te encontras sozinho, se te sentes ao abandono, lembra-te de que, além do túmulo, há companheiros que te assistem e esperam carinhosamente.

O Pai nunca deixa os filhos desamparados, assim, se te vês presentemente sem laços domésticos, sem amigos certos na paisagem transitória do planeta, é que Jesus te enviou a pleno mar da experiência, a fim de provares tuas conquistas em supremas lições.⁴

Ao ouvir a instrução de Jesus, o dedicado pescador replica-lhe: “*Mestre, trabalhamos a noite inteira sem nada apanhar; mas, porque mandas, lançarei as redes*” (Lc 5:5). Destaca-se na passagem evangélica a pronta obediência de Pedro à orientação de Jesus, a despeito dele e dos demais terem trabalhado exaustivamente a noite inteira e não terem conseguido apanhar nenhum peixe. De forma espontânea, Simão Pedro revela as qualidades necessárias para seguir a liderança de Jesus: confiança e humildade, mesmo sob condições adversas. Cairbar Schutel pondera, inclusive, por que Pedro e os apóstolos apresentavam as condições necessárias para seguir o Mestre Nazareno:

Quem melhor que essas almas humildes e desinteressadas, destituídas de vanglória e de saber poderiam seguir aqueles passos sagrados, e como servos obedientes fazer tudo o que seu Senhor mandasse?

Quem melhor que Pedro e André, exercitados na constância da pesca e na paciência que os fazia esperar os peixes e procurá-los onde se achassem; quem melhor que estes pescadores poderia pescar, retirar desse mar bravio da vida, revoltos de paixões, homens que se destinassem à vida superior e ao culto dos sagrados deveres humanos, para, entre as tramas dessa rede da parábola, erguê-los das trevas para a luz, da “região da morte” à região da Vida bem-aventurada e divina!⁵

Lançadas as redes, *Lucas* descreve que a pescaria foi abundante, causando profunda admiração aos pescadores:

Fizeram isso e apanharam tamanha quantidade de peixes que suas redes se rompiam. Fizeram então sinais aos sócios do outro barco para virem em seu auxílio. Eles vieram e encheram os dois barcos, a ponto de quase afundarem. À vista disso, Simão Pedro atirou-se aos pés de Jesus, dizendo: “Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um pecador!”. O espanto, com efeito, se apoderara dele e de todos os que estavam em sua companhia, por causa da pesca que haviam acabado de fazer; e também de Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram companheiros de Simão (Lc 6 a 10).

As palavras e o sentimento de Pedro (Lc 5:8) demonstram que, na verdade, o pescador obedeceu a Jesus, mas tinha dúvidas se conseguiria pescar algum peixe. A propósito, pondera Amélia Rodrigues:

Pedro remou com desconfiança e rebeldia, e atirou as redes às águas encrespadas. Imediatamente começou a gritar, solicitando auxílio aos amigos que se encontravam em outro barco e correram em sua direção, deslizando rapidamente sobre as ondas.

Reunidos, notaram o peso das redes, que mal podiam puxar, conseguindo repletar ambos os barcos com peixes.⁶

Perplexo, Simão atira-se aos pés de Jesus e pede-lhe perdão, pois, no íntimo, duvidara do Senhor, contudo Jesus aproveita aquele momento no qual o pescador reconhece, com humildade, o próprio equívoco, para informar-lhe e aos irmãos Boanerges (João e Tiago) o que esperava deles: *Jesus, porém, disse a Simão: “Não tenhas medo! Doravante serás pescador de homens”.* Então, reconduzindo os barcos à terra e deixando tudo, eles o seguiram (Lc 5:10 e 11).

O fechamento desse estudo, conhecido como *a pesca milagrosa*, encontra ressonância na seguinte análise de Allan Kardec:

Estes fatos nada apresentam de surpreendente para quem conheça o poder da dupla vista e a causa, muito natural, dessa faculdade. Jesus a possuía em grau supremo e pode-se dizer que ela constituía o seu estado normal, conforme o atesta grande número de atos da sua vida, e o que explicam hoje os fenômenos magnéticos e o Espiritismo.

A pesca qualificada de miraculosa igualmente se explica pela dupla vista. Jesus não produziu peixes de modo espontâneo onde não os havia; Ele viu, com a vista da alma, como teria podido fazê-lo um lúcido vigeil, o lugar onde se achavam os peixes e disse com segurança aos pescadores que lançassem ali suas redes.⁷

9.2 CURA DE UM LEPROSO E DE UM PARALÍTICO (LC 5:12 A 26)⁸

¹²Estava ele numa cidade, quando apareceu um homem cheio de lepra. Vendo a Jesus, caiu com o rosto por terra e suplicou-lhe: “Senhor, se queres, tens poder para purificar-me”. ¹³Ele estendeu a mão e, tocando-o, disse: “Eu quero. Sê purificado!”. E imediatamente a lepra o deixou. ¹⁴E ordenou-lhe que a ninguém o dissesse: “Vai, porém, mostrar-te ao sacerdote, e oferece por tua purificação conforme prescreveu Moisés, para que lhes sirva de prova”. ¹⁵A notícia a seu respeito, porém, difundia-se cada vez mais, e acorriam numerosas multidões para ouvi-lo e serem curadas de suas enfermidades. ¹⁶Ele, porém, permanecia retirado em lugares desertos e orava.

¹⁷Certo dia, enquanto ensinava, achavam-se ali sentados fariseus e doutores da Lei, vindos de todos os povoados da Galileia, da Judeia e de Jerusalém; e ele tinha um poder do Senhor para operar curas. ¹⁸Vieram então alguns homens carregando um paralítico numa maca; tentavam levá-lo para dentro e colocá-lo diante dele. ¹⁹E como não encontravam um jeito de introduzi-lo, por causa da multidão, subiram ao terraço e, através das telhas, desceram-no com a maca no

meio dos assistentes, diante de Jesus.²⁰ Vendo-lhes a fé, ele disse: “Homem, teus pecados estão perdoados”.²¹ Os escribas e os fariseus começaram a raciocinar: “Quem é este que diz blasfêmias? Não é só Deus que pode perdoar pecados?”.²² Jesus, porém, percebeu seus raciocínios e respondeu-lhes: “Por que raciocinai em vossos corações? ²³Que é mais fácil dizer: Teus pecados estão perdoados, ou: Levanta-te e anda? ²⁴Pois bem! Para que saibais que o Filho do Homem tem o poder de perdoar pecados na terra, eu te ordeno — disse ao paralítico — levanta-te, toma tua maca e vai para tua casa”.²⁵ E no mesmo instante, levantando-se diante deles, tomou a maca onde estivera deitado e foi para casa, glorificando a Deus.²⁶ O espanto apoderou-se de todos e glorificavam a Deus. Ficaram cheios de medo e diziam: “Hoje vimos coisas estranhas!”.

A fama de Jesus se espalhou por toda Galileia, Judá e Jerusalém. Doentes do corpo e do espírito chegavam até Ele em busca da cura. No trecho de *Lucas*, 5:12 a 26, ora citado, consta a descrição de duas curas: de um leproso e a de um paralítico. Destaca-se também que, ao mesmo tempo que Jesus curava os doentes dos seus males, também os libertava dos pecados cometidos, anteriormente, em existências pretéritas. Tal fato, o de perdoar os pecados, serviu de motivo a críticas e atitudes intransigentes por parte dos escribas e fariseus, que diziam entre si: “*Quem é este que diz blasfêmias? Não é só Deus que pode perdoar pecados?*” (Lc 5:21).

Por desconhecerem as ideias da reencarnação e da manifestação da Lei de Causa e Efeito, os membros do clero judaico indignaram-se contra Jesus. Caso contrário, entenderiam que “o perdoar os pecados” indicava que a infração contraída contra a Lei de Deus fora quitada, e, por isso, Jesus os curava. O Mestre Nazareno agia em nome de Deus, com conhecimento das causas geradoras do mal. Analisemos, pois, as duas curas realizadas por Jesus.

9.2.1 CURA OU PURIFICAÇÃO DE UM LEPROSO

Lepra — hanseníase ou Mal de Hansen, segundo a terminologia moderna — (no hebraico, ou *çara 'at*, no grego *lepra*): moléstia terrível, que no hebraico chamava *saraath*, quer dizer *açoite*, cujos sintomas se descrevem em *Levítico*, 13:1 a 46 e que poderiam confundir-se com outras moléstias da pele. A enfermidade tinha profundas raízes. Começava com uma pústula, ou alguma coisa luzente com tendência a se expandir embranquecendo a pele, penetrando na carne [...], e abrindo chaga vermelha semelhante à queimadura pelo fogo. [...]. O leproso devia separar-se por determinação do sacerdote e morar no campo, e clamar que era imundo e sujo (Lv 13:45 e 46), também se apresentar com frequência ao sacerdote que se pronunciava sobre o caráter da moléstia (Lv 13:1 a 44), e logo que fosse declarado

limpo, passava a um processo de purificação, acompanhado de sacrifícios (Lv 14:1 a 32) [...].⁹

Isolados da sociedade e desprezados por todos, os leprosos ou hanseniáticos deveriam, “[...] obrigatoriamente, habitar lugares desertos e, quando da aproximação de gente, tinham que gritar: *imundo, sujo*. Tal fato vem demonstrar que a lepra, mais do que uma doença, era tida como uma impureza”.¹⁰

Espiritualmente falando, podemos dizer que a lepra é a exteriorização de resíduos enquistados no perispírito; ou seja, no decorrer das existências, vamos atraindo para o corpo espiritual tudo aquilo que criamos para os outros. Quando tais criações são negativas, geradoras de dores, e, mesmo avisados que somos do erro, insistimos na rebeldia, vamos desse modo adoecendo o nosso Ser espiritual. O corpo físico, como elemento a drenar tais moléstias, exterioriza males a que denominamos, lepra, câncer, epilepsia etc. [...].¹¹

Tais esclarecimentos demonstram por que o leproso suplica para ser purificado e por que Jesus, após a cura, recomenda a ele buscar o sacerdote, conforme o texto de *Lucas* (5:12 a 14):

Estava ele numa cidade, quando apareceu um homem cheio de lepra. Vendo a Jesus, caiu com o rosto por terra e suplicou-lhe: “Senhor, se queres, tens poder para purificar-me”. Ele estendeu a mão e, tocando-o, disse: “Eu quero. Sê purificado!”. E imediatamente a lepra o deixou. Ordenou-lhe que a ninguém o dissesse: “Vai, porém, mostrar-te ao sacerdote, e oferece por tua purificação, conforme prescreveu Moisés, para que lhes sirva de prova”.

9.2.2 CURA DE UM PARALÍTICO

Essa cura, citada e estudada anteriormente por *Mateus* e *Marcos* como o *paralítico de Cafarnaum*, segue um roteiro caracterizado pela superação de vários obstáculos por parte dos amigos do paralítico, os quais se empenharam em auxiliá-lo, até colocá-lo à frente de Jesus. A tenacidade demonstrada pelos amigos do enfermo demonstra, claramente, como ocorre a intercessão espiritual, ação que, usualmente, extrapola o simples desejo de auxiliar alguém, como assinala o instrutor Alexandre ao Espírito André Luiz: “[...] André, o serviço intercessório, para ser completo, exige alguma coisa de nós mesmos. [...]. Quem dá o bem é o primeiro beneficiado, quem acende uma luz é o que se ilumina em primeiro lugar”.¹²

É comum a intercessão espiritual ser desencadeada a partir de uma prece que foi proferida pela própria pessoa necessitada de auxílio, ou mesmo por outra pessoa, como ensinam os orientadores da Codificação: “O Espírito de quem ora atua pela vontade de fazer o bem. Pela prece, ele atrai

para si os Espíritos bons, e estes se associam ao bem que desejem fazer”.¹³
Ante essa resposta, Kardec complementa:

Possuímos em nós mesmos, pelo pensamento e pela vontade, um poder de ação que se estende muito além dos limites da nossa esfera corpórea. A prece pelos outros é um ato dessa vontade. Se for ardente e sincera, pode chamar os Espíritos bons em auxílio daquele por quem oramos, a fim de lhe sugerirem bons pensamentos e lhe darem a força de que precisam seu corpo e sua alma. Mas, ainda aqui, a prece do coração é tudo, a dos lábios nada vale.¹⁴

É possível que o paralítico e/ou os amigos tenham orado, suplicando a Deus auxílio. Nada sabemos a respeito, pois o texto evangélico não registra, entretanto o que ficou declarado foi o esforço dos amigos para conduzir o paralítico até Jesus, transportando-o em uma maca pelo telhado. Podemos também supor que a multidão e todos os demais obstáculos que surgiram para, finalmente, obter-se a cura, poderiam indicar os desafios existenciais, provações e expiações, a fim de que possamos reparar os delitos cometidos contra a Lei de Deus. Outra suposição, considerando-se a lei de causa e efeito, é que, talvez, aqueles dedicados amigos estivessem, de alguma forma, envolvidos na paralisia do doente. É algo para pensar, uma vez que nada acontece por acaso na vida!

Eis o que Emmanuel nos ensina a respeito, porém reportando-se à citação do evangelho de *Marcos*, que é a mesma registrada por *Lucas*:

O paralítico¹⁵

E não podendo aproximar-se dele, por causa da multidão, destelharam a casa onde Jesus estava e, feita uma abertura, baixaram o leito em que jazia o paralítico.
(*Marcos*, 2:4.)

Muitas pessoas confessam sua necessidade do Cristo, mas frequentemente alegam obstáculos que lhes impedem a sublime aproximação.

Uns não conseguem tempo para a meditação, outros experimentam certas inquietudes que lhes parecem intermináveis.

Todavia, para que nos sintamos na vizinhança do Mestre, como legítimos interessados em seus benefícios imortais, faz-se imprescindível estender a capacidade, dilatar os recursos próprios e marchar ao encontro d’Ele, sob a luz da fé viva.

Relata-nos o *Evangelho de Marcos* a curiosa decisão do paralítico que, localizando a casa em que se achava o Senhor, plenamente sitiada pela multidão, longe de perder a oportunidade, amparou-se no auxílio dos amigos, deixando-se resvalar por um buraco, levado a efeito no telhado, de maneira a beneficiar-se no contato do Salvador, aproveitando fervorosamente o ensino divino.

Recorda o parálítico de Cafarnaum e, na hipótese de encontrares grandes dificuldades para gozar a presença do Cristo, pelos teus impedimentos de ordem material, dirige-te para o Alto, com o amparo de teus amigos espirituais, e deixa-te cair aos seus pés divinos, recebendo forças novas que te restabeleçam a paz e o bom ânimo

9.3 VOCAÇÃO DE LEVI. REFEIÇÃO COM OS PECADORES NA CASA DE LEVI (LC 5:27 A 32)¹⁶

²⁷Depois disso, saiu, viu um publicano, chamado Levi, sentado na coletoria de impostos e disse-lhe: “Segue-me!”. ²⁸E, levantando-se, ele deixou tudo e O seguia.

²⁹Levi ofereceu-lhe então uma grande festa em sua casa, e com eles estava à mesa numerosa multidão de publicanos e outras pessoas. ³⁰Os fariseus e seus escribas murmuravam e diziam aos discípulos d’Ele: “Por que comeis e bebeis com os publicanos e com os pecadores?”. ³¹Jesus, porém, tomando a palavra, disse-lhes: “Os sãos não têm necessidade de médico, e sim os doentes; ³²não vim chamar os justos, mas sim os pecadores, ao arrependimento”.

Essa passagem evangélica e a seguinte (discussão sobre o jejum) são muito semelhantes entre si e com as citações de *Mateus* e *Marcos*. Assim, sugerimos ao leitor reportar-se aos seguintes conteúdos: a) Livro II (*Estudo Interpretativo do Evangelho segundo Mateus*), Tema 33, que analisa *Mateus*, 9:9-17; b) Livro III (*Estudo interpretativo do Evangelho segundo Marcos*), Tema 5 (Mc 2:1-14) e Tema 6 (Mc 2:15-28), que contêm outras informações pertinentes.

O que podemos acrescentar é que *Mateus*, também conhecido como Levi, não era pessoa estimada pelo povo, em razão da profissão de publicano que exercia. Como sabemos, os publicanos era o nome dado aos *coletores* nos domínios do império romano. Os judeus, em geral não gostavam deles, até porque muitos estavam envolvidos em corrupção, em acúmulo ilícito de bens, cobrando das pessoas além do que elas deveriam pagar. Mesmo assim, havia alguma relação entre os publicanos e os representantes do clero judaico, sobretudo entre os fariseus e escribas, mesmo considerando as características do trabalho, executado mais em benefício dos romanos.

Mateus, ao ser convidado por Jesus para ser seu discípulo direto (membro do colégio apostolar), largou tudo o que fazia e o seguiu, porque percebeu, de imediato, a sua bondade e o seu amor, livre de críticas e de julgamentos costumeiros. Aceitando o convite do Mestre, feliz, ofereceu um banquete, no qual constavam numerosas pessoas, e também outros

publicanos e fariseus que não pouparam críticas aos discípulos do Cristo, também presentes à refeição, dizendo-lhes: “*Por que comeis e bebeis com os publicanos e com os pecadores?*” (Lc 5:30). Ao ouvir as críticas, Jesus respondeu-lhes, silenciando-os: “*Os sãos não têm necessidade de médico, e sim os doentes; não vim chamar os justos, mas sim os pecadores, ao arrependimento*” (Lc 5:31 e 32).

O amado Mestre Nazareno afirmava, naquela breve resposta, qual era a Sua missão, e, ao mesmo tempo, conduziu os críticos presentes a uma autorreflexão a respeito das suas próprias dificuldades. De qualquer forma, ante os desafios existenciais, não esqueçamos da afirmativa de Jesus.

Eis porque, disse-nos o Mestre: — “Eu não vim chamar os justos, mas sim os pecadores”.

Quando a dor e a ansiedade surgirem violentando-nos o ser, saibamos contrapor a pureza de nossa fé e a chama de nosso ideal às condições exíguas e superficiais dos testemunhos terrestres, convictos de que o ensino do Mestre é esclarecimento para as mentes ensombrecidas e ensejo bendito de passarmos da condição de injustos e transviados para entendedores das Leis Divinas e cooperadores leais da Obra da Criação.¹⁷

9.4 DISCUSSÃO SOBRE O JEJUM (LC 5:33 A 39)¹⁸

³³Disseram-lhe então: “Os discípulos de João jejuam frequentemente e recitam orações, os dos fariseus também, ao passo que os teus comem e bebem!”. ³⁴Jesus respondeu-lhes: “Acaso podeis fazer que os amigos do noivo jejuem enquanto o noivo está com eles?”. ³⁵Dias virão, porém, em que o noivo lhes será tirado; e, naqueles dias, jejuarão”. ³⁶Dizia-lhes ainda uma parábola: “Ninguém rasga um retalho de uma roupa nova para colocá-lo numa roupa velha; do contrário, rasgará a nova e o remendo tirado da nova ficará desajustado na roupa velha. ³⁷Ninguém põe vinho novo em odres velhos; caso contrário, o vinho novo estourará os odres, derramar-se-á, e os odres ficarão inutilizados. ³⁸Coloque-se, antes, vinho novo em odres novos. ³⁹Não há quem, após ter bebido vinho velho, queira do novo. Pois diz: O velho é que é bom!”.

A questão sobre o jejum foi amplamente tratada nos textos de *Mateus* e *Marcos*, nos Livros II e III do programa de *O Evangelho Redivivo*, citados na Introdução, no item anterior (Vocação de Levi e a refeição com os Pecadores), ora analisado.

Podemos acrescentar aos estudos realizados anteriormente, nos livros citados, algo mais relacionado ao jejum: primeiro, trata-se de uma prática milenar (cerca de cinco mil anos) usual das interpretações religiosas, cristãs

e não cristãs, que priorizam cultos e rituais. Indica o ato de ficar sem comer e beber por motivos relacionados à fé, inclusive como meio de afastar o domínio dos “demônios” ou de “Espíritos impuros”. “A bem da verdade — esclarece o estudioso espírita João de Jesus Moutinho —, essa prática nenhum proveito acarreta ao Espírito. Considere-se ainda o preceito do Cristo que assegura “não é o que entra pela boca que contamina o homem, mas o que sai da boca, porque procede do coração”.¹⁹

Jesus não preconizava o jejum físico como recurso de purificação ou de melhoria do Espírito, condição que o tornava alvo de críticas por parte dos religiosos e dos adeptos que seguiam as regras das práticas ritualísticas. Na verdade, em termos da tradição do Judaísmo, Jesus procurava amenizar a prática do jejum que, por certo, era exagerada!

Daí contra-argumentar com estas comparações:

Jesus respondeu-lhes: “Acaso podeis fazer que os amigos do noivo jejuem enquanto o noivo está com eles? Dias virão, porém, em que o noivo lhes será tirado; e naqueles dias jejuarão”. Dizia-lhes ainda uma parábola: “Ninguém rasga um retalho de uma roupa nova para colocá-lo numa roupa velha; do contrário, rasgará a nova e o remendo tirado da nova ficará desajustado na roupa velha. Ninguém põe vinho novo em odres velhos; caso contrário, o vinho novo estourará os odres, derramar-se-á, e os odres ficarão inutilizados. Coloque-se, antes, vinho novo em odres novos. Não há quem, após ter bebido vinho velho, queira do novo. Pois diz: O velho é que é bom! (Lc 5:34 a 39).

Jesus destacava a necessidade do aprimoramento espiritual, que são valores eternos e verdadeiros. O jejum espiritual, no entanto, era ensinado por Jesus e se resume a três aspectos:

- a) O primeiro se refere ao jejum alimento espiritual, de que Jesus é o dispenseiro, na condição de “noivo”, enquanto os apóstolos figuram como convidados. Nenhuma criatura, em juízo perfeito, irá escolher o momento da festa — período que assinala a presença do Cristo na Terra — para praticar o jejum. O Evangelho, significando a alma de sua Doutrina, constitui o alimento do Espírito, ou a “palavra que sai da boca de Deus”, do que, na ausência do Cristo, os apóstolos deveriam jejuar.
- b) O segundo aspecto, ainda sobre o jejum do Espírito, relaciona-se ao processo de pureza de pensamentos, a que a criatura conscientizada se impõe, não só por imperativo da evolução espiritual como igualmente por ser um dos recursos mais eficazes nos processos de desobsessão própria ou de terceiros. [...].

- c) Finalmente, a terceira versão refere-se ao alimento que cada criatura recolhe entre os seres que respiram na mesma frequência moral evolutiva, onde se situa a fonte de alegria que acalenta os melhores anseios.²⁰

Em síntese:

“Ninguém rasga um retalho de uma roupa nova para colocá-lo numa roupa velha; do contrário, rasgará a nova, e o remendo tirado da nova ficará desajustado na roupa velha” (Lc 5:36).

Em outras palavras: o que está roto ou que se encontra ultrapassado precisa ser substituído ou atualizado. Atualização que não priorize apenas aquisição de conhecimentos, mas, sobretudo, de aprimoramento moral.

- » *Ninguém põe vinho novo em odres velhos; caso contrário, o vinho novo estourará os odres, derramar-se-á, e os odres ficarão inutilizados. Coloque-se, antes, vinho novo em odres novos. Não há quem, após ter bebido vinho velho, queira do novo. Pois diz: O velho é que é bom!” (Lc 5:37 a 39).*

Da mesma forma, não se mistura vinho novo com o velho, porque o primeiro fica deteriorado, transformando-se em vinagre. Torna-se, portanto, impróprio para o consumo. No processo evolutivo do Espírito, é necessário renunciar aos conceitos que não nos impulsionam à melhoria moral-intelectual. Não devemos, por força dos atavismos, por exemplo, misturar o conhecimento novo, que renova e aperfeiçoa, com os que mantêm o ser humano estacionário.

REFERÊNCIAS

- 1 BRUCE, Frederick Fyvie. *Comentário bíblico NVI: antigo e novo testamentos*. Trad. Valdemar Kroker. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Vida, 2012. it. 5, Milagres e discursos (5:1-11), p. 1.141.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 5:1-11, p. 1.796.
- 3 BRUCE, Frederick Fyvie. *Comentário bíblico NVI: antigo e novo testamentos*. Trad. Valdemar Kroker. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Vida, 2012. it. 5.a (Lc 5:1-11), A pesca miraculosa, p. 1.141.
- 4 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 21.

- 5 SCHUTEL, Cairbar. *O espírito do cristianismo*. 8. ed. Matão, SP: O Clarim, 2001. cap. 2, p. 42.
- 6 FRANCO, Divaldo Pereira. *Até o fim dos tempos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 10, p. 70.
- 7 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 15, it. 9.
- 8 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 5:12-26, p. 1.796 e 1.797.
- 9 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo, SP: Hagnos, 2005. verbete: Lepra, p. 741.
- 10 FAJARDO, Claudio. *Jesus terapeuta*. v. 1.1. ed. Belo Horizonte, MG: AME-BH, 2002. cap.1, p. 27.
- 11 _____. _____. p. 27 e 28.
- 12 XAVIER, Francisco Cândido. *Missionários da luz*. Pelo Espírito André Luiz. 45. ed. 14. imp. Brasília, DF: FEB, 2013. cap.11.
- 13 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 9. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. q. 662.
- 14 _____. _____. comentário de Kardec à q. 662.
- 15 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 118.
- 16 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 5:27-32, p. 1.797.
- 17 XAVIER, Francisco Cândido. *Ideal espírita*. Por diversos Espíritos. 11. ed. Uberaba, MG: CEC, 1991. cap. 60, p. 148 e 149.
- 18 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 5:33-39, p. 1.797.
- 19 MOUTINHO, João de Jesus. *O evangelho sem mistérios nem véus*. 1. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2015. cap.11.
- 20 _____. _____. _____.

AS ESPIGAS ARRANCADAS

CURA DE UM HOMEM COM A MÃO ATROFIADA. ESCOLHA DOS DOZE. AS MULTIDÕES SEGUEM JESUS (LC 6:1 A 19)

Há indicações de que, nesse texto e em todos os demais do capítulo 6, *Lucas* teve como fonte o protomarcos (o texto de *Marcos* foi o que serviu de fonte para as escrituras de *Mateus* e *Lucas*, tendo ele próprio, por sua vez, utilizado outras fontes), descrevendo os acontecimentos de forma resumida, enquanto *Mateus*, utilizando a mesma fonte, acrescenta detalhes.¹ A questão suscitada nesse capítulo refere-se ao que era permitido fazer no sábado, segundo a tradição do Judaísmo. Tal condição limitava o legítimo entendimento das leis de Deus: “As religiões dogmáticas prendem seus adeptos a rígidas práticas exteriores e colocam o culto a Deus na observância exclusiva de fórmulas vãs, sem cogitarem de melhorar o íntimo de seus fiéis.”²

Outro ponto, não menos importante desse relato de *Lucas*, é a escolha de mais outros discípulos para completar o número dos doze que comporiam o colégio apostolar. A interpretação do simbolismo relacionada aos números, com ou sem caráter religioso, é prática comum a diversos povos, que remonta à Antiguidade. E não era diferente na cultura judaica: “O ano, entre os hebreus, estava dividido em doze meses; o dia em doze horas (Jo 11:9); Israel teve doze filhos (Gn 35:22-27; 42:13, 32), e houve doze tribos em Israel [...]; Cristo selecionou doze apóstolos (Mt 10:1s). Doze, portanto, é ligado aos propósitos eletivos de Deus.”³

10.1 AS ESPIGAS ARRANCADAS (LC 6:1 A 5)⁴

¹Certo sábado, ao passarem pelas plantações, seus discípulos arrancavam espigas e as comiam, debulhando-as com as mãos. ²Alguns fariseus disseram: “Por que fazeis o que não é permitido em dia de sábado?” ³Jesus respondeu-lhes: “Não lestes o que fez Davi, ele e seus companheiros, quando tiveram fome?”

⁴Entrou na casa de Deus, tomou os pães da proposição, comeu-os e deu aos

companheiros — esses pães dos quais só aos sacerdotes podem comer”.⁵ E dizia-lhes: “O Filho do Homem é senhor do sábado!”

O conhecido espírita Honório Onofre Abreu (1930–2007) considera que o tradicionalismo encontrado em certas interpretações religiosas indica um certo grau de cristalização de ideias, “[...] que é sempre uma posição bastante triste. Muitos, apesar de toda uma gama de informações recebidas, a cultivam num atestado de petrificação da alma, mantendo-se preso ao convencionalismo, aos valores materiais e ao culto do personalismo”.⁵

A referida cristalização no campo da interpretação das escrituras, seja pelos membros do clero seja pelos espíritas, é algo que merece reflexões mais aprofundadas. Uma coisa é o religioso seguir as ordenações da religião/igreja à qual está vinculado, em geral pautada por dogmas e políticas eclesiais. Outra coisa — bem diferente — é o espírita que, *a priori*, não estando preso a cultos externos nem a simbolismos literais, deixar-se conduzir pelas manifestações atávicas e interpretar as orientações evangélicas, em especial, de forma superficial e voltadas ao culto do personalismo.

Lucas registra no texto a importância do sábado para a tradição do Judaísmo — considerado *dia santo* ou *do shabat*, que é uma lembrança do sétimo dia do *Gênesis*, após os seis dias da Criação. Nesse dia, é proibida a execução de qualquer atividade que caracterize trabalho. De forma semelhante, mas não tão rígida, o dia do descanso das igrejas cristãs (*Dominus Dei* — Dia do Senhor) é o domingo, assim como para os seguidores do Islã é a sexta-feira.

O simples fato de alguns discípulos colher algumas espigas de milho para aplacar a fome foi considerado, por membros do clero judaico, como uma violação do dia santo (*shabat*). Tal fato fez Jesus assinalar o perigo da rigidez interpretativa, ao lembrar que, conforme as circunstâncias, a regra pode ser desconsiderada, tal como aconteceu ao rei Davi e companheiros, que se alimentaram do pão da proposição porque estavam com fome. Ora, os pães da proposição são considerados sagrados, pois, além de fazerem parte dos serviços religiosos judaicos, indicam que tais pães eram colocados no Templo *perante a face de Deus* (Êx. 25:30; 35:13), e que, somente após esse ato devocional, pessoas específicas — os sacerdotes — poderiam utilizá-los como alimento (Lc 6:4).

Essas são as condições que envolvem as práticas das religiões dogmáticas, o que fez o Cristo afirmar, enfaticamente: “O Filho do Homem é senhor do sábado!”. (Lc 6:5). Essa declaração de Jesus, por sua vez, mereceram as

seguintes considerações de Emmanuel ao conceituar o sentido que se deva dar ao descanso semanal, em especial ao dia de domingo, definido pela ortodoxia cristã:

O descanso dominical deve ser sagrado pelo homem, não por se tratar de um domingo, mas em virtude da necessidade de se estabelecer uma pausa semanal aos movimentos da vida física, para o recolhimento espiritual da alma em si mesma, no caminho das atividades terrestres. O repouso dominical substitui perfeitamente o sábado antigo, salientando-se que a rigidez da sua observância foi instituída pelos legisladores hebreus, em virtude da ambição e da prepotência dos senhores de escravos, numerosos na época, e que, somente desse modo, atendiam à medida de Humanidade, concedendo uma trégua ao esforço exaustivo que costumava aniquilar a existência de servos fracos e indefesos.

O descanso semanal deve ser sempre consagrado pelo homem às expressões de espiritualidade da sua vida, sem se dar, porém, a qualquer excesso no domínio da letra, nesse particular, porque, após a palavra de Moisés, devemos ouvir a lição do Senhor, esclarecendo que “o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado”.⁶

10.2 CURA DE UM HOMEM COM A MÃO ATROFIADA (LC 6:6 A 11)⁷

⁶Em outro sábado, entrou ele na sinagoga e começou a ensinar. Estava ali um homem com a mão direita atrofiada. ⁷Os escribas e os fariseus observavam-no para ver se Ele o curaria no sábado, e assim encontrar com que O acusar. ⁸Ele, porém, percebeu seus pensamentos e disse ao homem da mão atrofiada: “Levanta-te e fica de pé no meio de todos”. Ele se levantou e ficou de pé. ⁹Jesus lhes disse: “Eu vos pergunto se, no sábado, é permitido fazer o bem ou o mal, salvar uma vida ou arruiná-la”. ¹⁰Correndo os olhos por todos eles, disse ao homem: “Estende a mão”. Ele o fez, e a mão voltou ao estado normal. ¹¹Eles, porém, se enfureceram e combinavam o que fariam a Jesus.

A prática do bem jamais deveria ser motivo de discussões. Entretanto, Jesus mais uma vez entra em conflito com os escribas e fariseus porque não só curou um homem que tinha uma mão atrofiada como também realizou a cura no sábado.

Um dos maiores empecilhos que temos da efetivação da mensagem cristã no mundo é o tradicionalismo e o medo do novo.

Muitos de nós, não só em relação às questões espirituais, mas mesmo no atendimento aos interesses materiais, temos verdadeiro pavor de mudanças, chegando até mesmo a dizer que: “realizamos tal coisa e do mesmo modo há tanto tempo. Para que mudar?”

Dessa forma, se hoje usamos elementos que atrasam a implantação da Boa-Nova devido a posturas reacionárias, é imperioso, no que concerne à nossa própria evolução, identificarmos o espírito de *escribas e fariseus* dentro de nós mesmos; pois só através do mecanismo do autoconhecimento conseguiremos liberta-nos de nossas imperfeições, tornando-nos mais próximos do Sábio Maior de todos os tempos.⁸

Os escribas e fariseus ficaram enfurecidos com a cura realizada no sábado, e, por meio de intrigas, procuravam uma forma de condenar Jesus. Tudo isso reflete o comportamento típico dos religiosos que seguem o rigor das interpretações religiosas dogmáticas que, por terem obscurecida a capacidade de pensar, não conseguem agir com bom senso. A propósito, afirma Amélia Rodrigues:

O farisaísmo pretendia restabelecer a pureza e a prática exagerada da Lei, vivendo de forma subterrânea, que não fosse detestada pelos governantes, exigindo, porém, subserviência e entrega total ao prescrito, mesmo que de forma hipócrita, na qual a aparência se fazia mais importante do que a realidade.

Exigia o cumprimento dos mínimos comportamentos estabelecidos, desde o número de passos que se podia dar em um Sábado, até o tamanho e peso de qualquer volume a ser conduzido, a forma de preservar a água para as abluções, os alimentos e o vestuário, imprimindo, a marca odienta da fiscalização contra os erros alheios, cerrando os olhos às próprias indignidades que se permitiam aos seus membros.⁹

Jesus, porém, não deu a mínima importância às perseguições dos escribas e fariseus, pois a prática do bem era (e é) a prioridade. Tudo o mais é secundário:

Não se reveste o ensinamento de Jesus de quaisquer fórmulas complicadas. Guardando embora o devido respeito a todas as escolas de revelação da fé com os seus colégios iniciáticos, notamos que o Senhor desce da Altura, a fim de libertar o templo do coração humano para a sublimidade do amor e da luz, através da fraternidade, do amor e do conhecimento.

Para isso, o Mestre não exige que os homens se façam heróis ou santos de um dia para outro. Não pede que os seguidores pratiquem milagres, nem lhes reclama o impossível.

Dirige-se a palavra d'Ele à vida comum, aos campos mais simples do sentimento, à luta vulgar e às experiências de cada dia.

Contrariamente a todos os mentores da Humanidade, que viviam, até então, entre mistérios religiosos e dominações políticas, convive com a massa popular, convidando as criaturas a levantarem o santuário do Senhor nos próprios corações. Ama a Deus, Nosso Pai — ensinava Ele —, com toda a tua alma, com todo o teu coração e com todo o teu entendimento.

Ama o próximo como a ti mesmo.¹⁰

10.3 ESCOLHA DOS DOZE. AS MULTIDÕES SEGUEM JESUS (LC 6:12 A 19)¹¹

¹²Naqueles dias, foi à montanha para orar e passou a noite inteira em oração a Deus. ¹³Depois que amanheceu, chamou os discípulos e dentre eles escolheu doze, aos quais deu o nome de apóstolos: ¹⁴Simão, a quem impôs o nome de Pedro, seu irmão André, Tiago, João, Filipe, Bartolomeu, ¹⁵Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu, Simão, chamado Zelota, ¹⁶Judas, filho de Tiago, e Judas Iscariot, que se tornou um traidor.

¹⁷Desceu com eles e parou num lugar plano, onde havia numeroso grupo de discípulos e imensa multidão de pessoas de toda a Judeia, de Jerusalém e do litoral, de Tiro e Sidônia. ¹⁸Tinham vindo para ouvi-Lo e ser curados de suas doenças. Os atormentados por espíritos impuros também eram curados. ¹⁹E toda a multidão procurava tocá-lo, porque dele saía uma força que a todos curava.

A escolha dos doze apóstolos define o início, propriamente dito, da missão de Jesus. A partir desse momento e por três anos consecutivos, Ele pregaria o advento do Reino de Deus, e o que devemos fazer para alcançá-lo. A missão dos apóstolos seria executada efetivamente após a crucificação e ressurreição de Jesus, como lembra Cairbar Schutel:

A Missão Apostólica é de conversão sob os ditames básicos do Amor, síntese da Doutrina do Cristo. A missão religiosa, como se nos depara, não está afeta aos sacerdotes, e sim aos Apóstolos de todos os tempos. A esses cabe a representação do Cristo, de acordo com a sua Doutrina, em que o espírito sobrepuja a letra. ¹²

Emmanuel, por sua vez, orienta-nos a respeito da força da personalidade de Jesus e o Seu divino propósito de encaminhar a humanidade terrestre aos píncaros da evolução espiritual, a despeito de todos os obstáculos do caminho.

Magnetismo pessoal¹⁴

E toda a multidão procurava tocar-lhe porque dele saía uma virtude que os curava a todos. (Lucas, 6:19.)

Na atualidade, observamos toda uma plêiade de espiritualistas eminentes, espalhando conceitos relativos ao magnetismo pessoal, com tamanha estranheza, qual se estivéssemos perante verdadeira novidade do século XIX.

Tal serviço de investigação e divulgação dos poderes ocultos do homem representa valioso concurso na obra educativa do presente e do futuro; no entanto, é preciso lembrar que a edificação não é nova.

Jesus, em sua passagem pelo planeta, foi a sublimação individualizada do magnetismo pessoal, em sua expressão substancialmente divina. As criaturas disputavam-lhe o encanto da presença, as multidões seguiam-lhe os passos,

tocadas de singular admiração. Quase toda gente buscava tocar-lhe a vestidura. Dele emanavam irradiações de amor que neutralizavam moléstias recalcitrantes. Produzia o Mestre, espontaneamente, o clima de paz que alcançava quantos lhe gozavam a companhia.

Se pretendes, pois, um caminho mais fácil para a eclosão plena de tuas potencialidades psíquicas, é razoável aproveites a experiência que os orientadores terrestres te oferecem; nesse sentido, mas não te esqueças dos exemplos e das vivas demonstrações de Jesus.

Se intentas atrair, é imprescindível saber amar. Se desejas influência legítima na Terra, santifica-te pela influência do Céu.

Obs.: Para mais informações a respeito dos apóstolos de Jesus, inclusive dados biográficos e características da missão que executaram, sugerimos a releitura do Livro I (*Introdução ao estudo de O evangelho redivivo*), programa *O Evangelho Redivivo*. Tema 4.4 (Os apóstolos de Jesus. A missão dos apóstolos).

REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. cap. 6, p. 76.
- 2 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo, SP: Pensamento, 2018. cap. 12, p. 90.
- 3 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. rev. São Paulo, SP: Vida Nova, 2006. verbete: 3, números significativos, p. 943.
- 4 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 6:1-5, p. 1.797.
- 5 ABREU, Honório. (Coord.). *Luz imperecível: estudo interpretativo do evangelho à luz da doutrina espírita*. Belo Horizonte, MG: Grupo Espírita Emmanuel, 1997. cap. 9, p. 39.
- 6 XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. q. 130.
- 7 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 6:6-11, p. 1.798.

- 8 FAJARDO, Claudio. *Jesus terapeuta*. v. 1. 1. ed. Belo Horizonte, MG: AME-BH, 2002. cap. 11, p. 287.
- 9 FRANCO, Divaldo Pereira. *Até o fim dos tempos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 11, p. 73 e 74.
- 10 XAVIER, Francisco Cândido. *Roteiro*. Pelo Espírito Emmanuel. 14. ed. 7. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap.13.
- 11 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 6:12-19, p. 1.798.
- 12 SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e ensinios de Jesus*. 28. ed. Matão, SP: O Clarim, 2016. 2ª pt., cap. *Ensinios de Jesus. Os apóstolos*, p. 140.
- 13 _____. _____. p. 180.
- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 110.

DISCURSO INAUGURAL

AS BEM-AVENTURANÇAS. AS AMEAÇAS. O AMOR AOS INIMIGOS. MISERICÓRDIA E GRATUIDADE. CONDIÇÕES DO ZELO. NECESSIDADE DA PRÁTICA (LC 6:20 A 49)

Com a organização do colégio apostolar, Jesus inicia Sua missão, propriamente dita, proferindo um sermão que representa, sem dúvida, a plataforma dos ensinamentos evangélicos que Ele irá transmitir e exemplificar ao longo dos três anos seguintes. Segundo *Mateus*, o discurso inaugural foi proferido em uma montanha ou monte. *Lucas*, porém, faz referência a uma planície: “Esse último trecho é frequentemente designado de Sermão da Planície porque teria sido proferido numa planura (Lc 6:17), e, não num monte (Mt 5:1). Porém ambas as expressões provavelmente denotam o mesmo lugar, acessível por dois caminhos diferentes [...]”¹

Amélia Rodrigues lembra-nos que é irrelevante o local onde Jesus inaugurou a sua pregação: O evangelista *Mateus* assevera: “E Jesus, vendo a multidão, subiu o monte...”, enquanto *Lucas* informa: “E descendo com eles parou em um lugar plano ...”. Subir ou descer! Não importa. [...]”²

Reunido com os apóstolos e a multidão que O seguia, profere as *bem-aventuranças*, palavra que na *Bíblia de Jerusalém* é traduzida por *felizes*, considerando-se o significado linguístico original. A *Bíblia Sagrada*, de João Ferreira de Almeida, utiliza o termo *beatitudes* para referir-se às *bem-aventuranças*: “A forma desse discurso é mais breve do que em Mt, porque Lc não fez as mesmas adições que Mt e até suprime aquilo que teria menos interesse para leitores não-judeus, especialmente com referência à Lei (cf., Mt 5:1+)”³ Após o discurso inaugural e as *bem-aventuranças*, Jesus transmite um conjunto de ensinamentos que, em *Mateus*, abrange os capítulos 5, 6 e 7. A plataforma dos ensinamentos do Mestre orienta como devemos pôr em prática a Lei de Deus.

11.1 DISCURSO INAUGURAL. AS BEM-AVENTURANÇAS (LC 6:20 A 23)⁴

²⁰Erguendo então os olhos para os seus discípulos, dizia:

“Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus.

²¹Felizes vós, que tendes fome, porque sereis saciados.

Felizes vós, que agora chorais, porque haveis de rir.

²²Felizes sereis quando os homens vos odiarem, quando vos rejeitarem, insultarem e proscreverem vosso nome como infame, por causa do Filho do Homem.

²³Alegrai-vos naquele dia e exultai, porque no céu será grande a vossa recompensa; pois do mesmo modo seus pais tratavam os profetas.

Percebe-se algumas diferenças significativas entre o texto de *Mateus* e o do Evangelista *Lucas* quanto às bem-aventuranças:

Em Mt. há oito bem-aventuranças. Em Lc., quatro bem-aventuranças e quatro ameaças. As de Mt (Mt 5:3-12+) traçam um programa de vida cristã com promessa de recompensa celeste; as de Lc anunciam a mudança de situações entre esta vida e a futura (cf. Lc 16:25). Em Mt., Jesus usa a terceira pessoa, em Lc, apostrofa [esconjura] o auditório.⁵

Humberto de Campos informa a respeito da multidão que acompanhou Jesus no local em que Ele pronunciou o Sermão do Monte, onde anunciou as *bem-aventuranças*:

O crepúsculo descia num deslumbramento de ouro e brisas cariciosas. Ao longo de toda a encosta, acotovelava-se a turba imensa. Muitas centenas de criaturas se aglomeravam ali, a fim de ouvirem a palavra do Senhor, dentro da paisagem que se aureolava dos brilhos singulares de todo o horizonte pincelado de luz. Eram velhinhos trêmulos, lavradores simples e generosos, mulheres do povo agarradas aos filhinhos. Entre os mais fortes e sadios, viam-se cegos e crianças doentes, homens maltrapilhos, exibindo as verminas que lhes corroíam as mãos e os pés. Todos se comprimiam ofegantes. Ante os seus olhares felizes, a figura do Mestre surgiu na eminência enfeitada de verdura, onde perpassavam brandamente os ventos amigos da tarde. Deixando perceber que se dirigia aos vencidos e sofredores do mundo inteiro [...], Jesus, pela primeira vez, pregou as bem-aventuranças celestiais. Sua voz caía como bálsamo eterno sobre os corações desditosos.⁶

Apresentamos, em seguida, uma síntese interpretativa das bem-aventuranças registradas pelo Evangelista *Lucas*. Contudo, recomendamos ao leitor releia as anotações de *Mateus* que apresentam detalhes a respeito do assunto, as quais constam do Livro II — *Estudo interpretativo do Evangelho segundo Mateus* —, Tema 12, item 12.2, subitem 12.2-1; e os Temas 13, 14, 15,

16 e 17. Importa considerar, ainda, que as traduções da *Bíblia de Jerusalém* utilizam o termo *felizes* para designar *as bem-aventuranças*, mais de acordo com o texto original grego em que o Novo Testamento foi redigido.

11.1.1 A INTERPRETAÇÃO ESPÍRITA DAS BEM-AVENTURANÇAS, SEGUNDO LUCAS

» Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus (Lc 6:20)

Mateus refere-se a essa bem-aventurança como “pobres de espírito”, que é a interpretação acatada por Allan Kardec: “Por *pobre* de espírito, Jesus não se refere aos homens desprovidos de inteligência, mas os humildes, e diz que o Reino dos Céus [ou de Deus] é para estes, e não para os orgulhosos”.⁷ O conceito dado por *Lucas* refere-se aos pobres, em geral. Amélia Rodrigues esclarece que o conceito de *pobres* aplica-se aos destituídos de bens materiais e aos humildes:

Os pobres, todos os conheciam. Eram maltrapilhos, malcheirosos, doentes. Distendiam a mão que a miséria estiola.

Eram pobres; no entanto, quantos deles portavam os tesouros da riqueza do espírito!

[...]

Os “pobres de espírito” são os livres de posses e ambições, amantes da liberdade, pugnadores dos direitos alheios, idealistas, cultores da verdade, preparados para a verdade.

Sem peias atadas à retaguarda, sem ímãs atraentes à frente.

Semelhantes aos simples, desataviados, e às crianças.

Inteiraente livres.

Candidatos ao Reino dos Céus e súditos dele, desde já.⁸

» Felizes vós, que tendes fome, porque sereis saciados (Lc 6:21)

Fome e sede de justiça!

A caravana dos criminosos não julgados é infinita e inacabada.

[...]

A injustiça veste os corações, e a indiferença dos legisladores como dos governantes é quase convivência.

O mundo arde em sede de justiça.

O homem tomba esfaimado às portas da Justiça.

[...]

Felizes os que experimentaram suas atrocidades.

Há uma esperança que é vida, para sedentos e esfaimados.

[...]

Justiçado pela consciência, corrigido pelo amor, preparado para a libertação.

“Serão saciados!”⁹

» Felizes vós, que agora chorais, porque haveis de rir (Lc 6:21)

Todos ali têm lágrimas acumuladas e muitos as vertem sem cessar, nas rudes
provações, oculta ou publicamente.

Longa é a estrada do sofrimento; rudes e cruéis os dias em que se vive.

Espíritos ferreteados pelo desconforto e desassossego, corações despedaçados,
enfermidades e expiações...

Todos choram e experimentam a paz refazente, que advém do pranto.

[...]

A lágrima é presença divina.

Quando alguém chora, a Lei está justificando, abrindo rotas de paz nas províncias
do espírito para o futuro.

O pranto, porém, não pode desatrelar os corcéis da rebeldia para as arrancadas
da loucura, nem conduzir, em caudal, as ribanceiras do equilíbrio, qual riacho
em tumulto semeando a destruição, esgalvando (*sin. de espanar, limpar*) as
searas.

Chorar é buscar Deus nas adustas (*ardentes*) regiões da soledade.

A sós e junto a Ele.

[...]

... “Serão consolados!”¹⁰

» Felizes sereis quando os homens vos odiarem, quando vos rejei-
tarem, insultarem e proscreverem vosso nome como infame, por
causa do Filho do Homem. Alegrai-vos naquele dia e exultai, porque
no céu será grande a vossa recompensa; pois do mesmo modo seus
pais tratavam os profetas (Lc 6:22 e 23).

O texto é também encontrado escrito desta forma: “Bem-aventurados
os que sofrem perseguição por causa da justiça, por que deles é o Reino
dos Céus!”¹¹

A ventura não é doação gratuita, assim como a paz não se revela adorno vão.
O sofrimento consequente à perseguição é dádiva que recama o Espírito de
paz e prodigaliza a ventura.

O perseguidor é infeliz infelicitador.

Enfermo, faz-se calceta. Desvairado, alicia os sequazes do próprio primitivismo
em que se enfurna e com que investe.

Em todas as épocas a honra sofre labéus e experimenta vitupérios.

Os heróis da verdade silenciam no potro a vibração do corpo que padece, enquanto o apuro ruge em ensurdecadora zombaria.

A Justiça tem seus mártires que fecundam a terra sáfara para a primícia da verdade. “Deles é o Reino dos Céus”, que inocentes sofreram por fidelidade à Justiça Divina.¹²

Emmanuel pondera a respeito do verdadeiro significado das *bem-aventuranças* transmitidas pelo Cristo na significativa mensagem que se segue.

Bem-aventuranças¹³

Bem-aventurados sereis quando os homens vos aborrecerem, e quando vos separarem, vos injuriarem e rejeitarem o vosso nome como mau, por causa do Filho do Homem. – JESUS (Lucas, 6:22.)

O problema das bem-aventuranças exige sérias reflexões, antes de interpretado por questão líquida, nos bastidores do conhecimento.

Confere Jesus a credencial de bem-aventurados aos seguidores que lhe partilham as aflições e trabalhos; todavia, cabe-nos salientar que o Mestre categoriza sacrifícios e sofrimentos à conta de bênçãos educativas e redentoras.

Surge, então, o imperativo de saber aceitá-los.

Esse ou aquele homem serão bem-aventurados por haverem edificado o bem, na pobreza material, por encontrarem alegria na simplicidade e na paz, por saberem guardar no coração longa e divina esperança.

Mas... e a adesão sincera às sagradas obrigações do título?

O Mestre, na supervisão que lhe assinala os ensinamentos, reportasse às bem-aventuranças eternas; entretanto, são raros os que se aproximam delas, com a perfeita compreensão de quem se avizinha de tesouro imenso. A maioria dos menos favorecidos no plano terrestre, se visitados pela dor, preferem a lamentação e o desespero; se convidados ao testemunho de renúncia, resvalam para a exigência descabida e, quase sempre, ao invés de trabalharem pacificamente, lançam-se às aventuras indignas de quantos se perdem na desmesurada ambição.

Ofereceu Jesus muitas bem-aventuranças. Raros, porém, desejam-nas. É por isto que existem muitos pobres e muitos aflitos que podem ser grandes necessitados no mundo, mas que ainda não são benditos no Céu.

11.2 AS AMEAÇAS. O AMOR AOS INIMIGOS (LC 6:24 A 35)¹⁴

²⁴Mas, ai de vós, ricos, porque já tendes a vossa consolação!

²⁵Ai de vós, que agora estais saciados, porque tereis fome!

Ai de vós, que agora rides, porque conhecereis o luto e as lágrimas!

²⁶Ai de vós, quando todos vos bendisserem, pois do mesmo modo seus pais tratavam os falsos profetas.

²⁷Eu, porém, vos digo, a vós que me escutais: Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, ²⁸bendizeis os que vos amaldiçoam, orai por aqueles que vos difamam. ^{29A} quem te ferir numa face, oferece a outra; a quem te arrebatar a capa, não recuses a túnica. ³⁰Dá a quem te pedir e não reclames de quem tomar o que é teu. ³¹Como quereis que os outros vos façam, fazei também a eles. ³²Se amais os que vos amam, que graça alcançais? Pois até mesmo os pecadores amam aqueles que os amam. ³³E se fazeis o bem aos que vo-lo fazem, que graça alcançais? Até mesmo os pecadores agem assim! ³⁴E se emprestais àqueles de quem esperais receber, que graça alcançais? Até mesmo os pecadores emprestam aos pecadores para receberem o equivalente. ³⁵Muito pelo contrário, amai vossos inimigos, fazei o bem e emprestai sem esperar coisa alguma em troca. Será grande a vossa recompensa, e sereis filhos do Altíssimo, pois ele é bom para com os ingratos e com os maus.

Importa destacar, que somente a *Bíblia de Jerusalém* considera as advertências de Jesus, inseridas no Sermão do Monte, como *maldições* (1. ed. 1. imp. 2002) ou *ameaças* (1. ed. 2002 ou a 13. imp. 2019). Todas as demais traduções bíblicas conhecidas nada registram a respeito, tais como: *Bíblia Sagrada*, de João Ferreira de Almeida; *Bíblia Thompson* e *Bíblia de Estudo Explicada*, ambas com base nos textos de Almeida; e a tradução de Haroldo Dutra Dias de *O novo testamento*.

As admoestações de Jesus, descritas no texto de *Lucas*, orientam como deve ser a conduta do cristão no dia a dia da existência:

- » Considerar a infelicidade a qual resulta do apego aos bens materiais, e que sempre são passageiros: *Mas, ai de vós, ricos, porque já tendes a vossa consolação!* (Lc 6:24).
- » Prudência no usufruto dos alimentos físicos e emocionais: *Ai de vós, que agora estais saciados, porque tereis fome! Ai de vós, que agora rides, porque conhecereis o luto e as lágrimas!* (Lc 6:25).
- » Ponderação quanto a certas manifestações dos que compartilham a jornada evolutiva que, se contrariados, mudam o tratamento: *Ai de vós, quando todos vos bem disserem, pois do mesmo modo seus pais tratavam os falsos profetas.* (Lc 6:26).
- » Amor ao próximo sob quaisquer condições: *Eu, porém, vos digo, a vós que me escutais: Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, bendizeis os que vos amaldiçoam, orai por aqueles que vos difamam. A quem te ferir numa face, oferece a outra; a quem*

te arrebatat a capa, não recuses a túnica. Dá a quem te pedir e não reclames de quem tomar o que é teu. [...] Muito pelo contrário, amai vossos inimigos, fazei o bem e emprestai sem esperar coisa alguma em troca. Será grande a vossa recompensa, e sereis filhos do Altíssimo, pois ele é bom para com os ingratos e com os maus. (Lc 6:27 a 30; 35).

- » Como agir com acerto perante os relacionamentos humanos, em todas as circunstâncias: *Como quereis que os outros vos façam, fazei também a eles. Se amais os que vos amam, que graça alcançais? Pois até mesmo os pecadores amam aqueles que os amam. E se fazeis o bem aos que vo-lo fazem, que graça alcançais? Até mesmo os pecadores agem assim! E se emprestais àqueles de quem esperais receber, que graça alcançais? Até mesmo os pecadores emprestam aos pecadores para receberem o equivalente. (Lc 6:34).*

De todos os alertas que o Senhor nos transmite, o amor ao inimigo reveste-se, ainda, de grande desafio para nós, Espíritos imperfeitos. A respeito, Allan Kardec reservou um capítulo em *O evangelho segundo o espiritismo*, do qual extraímos a citação que se segue, e que esclarece o sentido espírita de “Amai os vossos inimigos”.

Se o amor do próximo constitui o princípio da caridade, amar os inimigos é a mais sublime aplicação desse princípio, porque a posse dessa virtude é uma das maiores vitórias alcançadas contra o egoísmo e o orgulho.

Entretanto, geralmente há equívoco quanto ao sentido da palavra *amar*, nesta circunstância. Jesus não pretendeu, por essas palavras, que se tenha para com o inimigo a ternura que se dispensa a um irmão ou amigo. A ternura pressupõe confiança; ora, ninguém pode ter confiança numa pessoa, sabendo que esta lhe quer mal; ninguém pode ter para com ela expansões de amizade, já que ela pode abusar dessa atitude. Enfim, ninguém pode sentir, em estar com um inimigo, prazer igual ao que sente na companhia de um amigo.

[...]

Amar os inimigos é não lhes guardar ódio nem rancor, nem desejo de vingança; é perdoar-lhes, *sem segundas intenções e incondicionalmente* o mal que nos causem; é não opor nenhum obstáculo à reconciliação; é desejar-lhes o bem, e não o mal; é regozijar-se, em vez de afligir-se, com o bem que lhes advenha; é estender-lhes a mão que socorre, em caso de necessidade; é abster-se, *quer por palavras, quer por atos*, de tudo que os possa prejudicar; é, finalmente, restituir-lhes todo o mal com o bem, *sem intenção de os humilhar*. Quem age dessa forma preenche as condições do mandamento: Amai os vossos inimigos.¹⁵

11.3 MISERICÓRDIA E GRATUIDADE. CONDIÇÕES DO ZELO. NECESSIDADE DA PRÁTICA (LC 6:36 A 49)¹⁶

³⁶Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso. ³⁷Não julgueis, para não serdes julgados; não condeneis, para não serdes condenados; perdoai, e vos será perdoado. ³⁸Dai, e vos será dado; será derramada no vosso regaço uma boa medida, calcada, sacudida, transbordante, pois com a medida com que medirdes sereis medidos também”.

³⁹Disse-lhes ainda uma parábola: “Pode acaso um cego guiar outro cego? Não cairão ambos num buraco? ⁴⁰Não existe discípulo superior ao mestre; todo o discípulo perfeito deverá ser como o mestre. ⁴¹Por que olhas o cisco no olho de teu irmão, e não percebes a trave que há no teu? ⁴²Como podes dizer a teu irmão: ‘Irmão, deixa-me tirar o cisco do teu olho’, quando não vês a trave em teu próprio olho? Hipócrita, tira primeiro a trave de teu olho, e então verás bem para tirar o cisco do olho de teu irmão.

⁴³Não há árvore boa que dê fruto mau, e nem árvore má que dê fruto bom; ⁴⁴com efeito, uma árvore é conhecida por seu próprio fruto; não se colhem figos de espinheiros, nem se vindimam uvas de sarças. ⁴⁵O homem bom, do bom tesouro do coração tira o que é bom, mas o mau, de seu mal tira o que é mau; porque a boca fala daquilo de que está cheio o coração.

⁴⁶Por que me chamais ‘Senhor! Senhor!’, mas não fazeis o que eu digo?

⁴⁷Se alguém vem a mim, escuta as minhas palavras e as põe em prática.

⁴⁸Assemelha-se a um homem que, ao construir uma casa, cavou, aprofundou e lançou o alicerce sobre a rocha. Veio a enchente, a torrente deu contra essa casa, mas não a pôde abalar, porque estava bem construída. ⁴⁹Aquele, porém, que escutou e não pôs em prática é semelhante a um homem que construiu sua casa ao rés do chão, sem alicerce. A torrente deu contra ela, e imediatamente desabou; e foi grande a sua ruína!”.

A misericórdia, sentimento encontrado nas almas nobres, reflete a Misericórdia Divina que, nesse texto de *Lucas*, podemos extrair a seguinte ordem de ideias:

» **Misericórdia e perdão**

A misericórdia é o complemento da brandura, porque aquele que não for misericordioso não poderá ser brando, nem pacífico. Ela consiste no esquecimento e no perdão das ofensas. O ódio e o rancor denotam alma sem elevação e sem grandeza. O esquecimento das ofensas é próprio da alma elevada, que paira acima dos golpes que lhe possam desferir. Uma é sempre ansiosa, de sombria suscetibilidade e cheia de fel; a outra é calma, plena de mansidão e caridade.¹⁷

» **Misericórdia e julgamento**

Perante o companheiro que te parece malfeitor, silencia e ampara sempre.

Assim como existem pessoas, aparentemente sadias, carregando enfermidades que apenas no futuro se farão evidentes para a intervenção necessária, há criaturas supostamente normais, portadoras de estranhos desequilíbrios, aos quais se lhes debitam, os gestos menos edificantes.

Compadece-te, pois, e estende os braços para a obra do auxílio.

[...]

Para todos eles, os nossos irmãos caídos em delinquência, volvamos, assim, pensamento e ação tocados de simpatia, recordando Jesus, que não cogita de nossas imperfeições para sustentar-nos, e certos de que também nós, pela extensão das próprias fraquezas, não conseguimos, em verdade, saber em que obstáculos do caminho os nossos pés tropeçarão.¹⁸

» **Misericórdia e bons frutos**

Árvore alguma será conhecida ou amada pelas aparências exteriores, mas sim pelos frutos, pela utilidade, pela produção.

Assim também nosso espírito em plena jornada...

Ninguém que se consagre realmente à verdade dará testemunho de nós pelo que parecemos, pela superficialidade de nossa vida, pela epiderme de nossas atitudes ou expressões individuais percebidas ou apreciadas de passagem, mas sim pela substância de nossa colaboração no progresso comum, pela importância de nosso concurso no bem geral.

“Pelos frutos os conhecereis” — disse o Mestre.

“Pelas nossas ações seremos conhecidos” — repetiremos nós.¹⁹

» **Misericórdia e prudência (a casa construída sobre a rocha)**

É interessante verificar que o Mestre destaca, entre todos os discípulos, aquele que Lhe ouve os ensinamentos e os pratica. Daí se conclui que os homens de fé não são aqueles apenas palavrosos e entusiastas, mas os que são portadores igualmente da atenção e da boa vontade, perante as lições de Jesus, examinando-lhes o conteúdo espiritual para o trabalho de aplicação no esforço diário.

Reconforta-nos assinalar que todas as criaturas em serviço no campo evangélico seguirão para as maravilhas interiores da fé. Todavia, cabe-nos salientar, em todos os tempos, o subido valor dos homens moderados que, registrando os ensinamentos e avisos da Boa-Nova, cuidam, desvelados, da solução de todos os problemas do dia ou da ocasião, sem permitir que suas edificações individuais se processem longe das bases cristãs imprescindíveis.²⁰

Jesus ensina com bondade e autoridade, utilizando o recurso didático das parábolas e das associações de ideias, a fim de que os ensinamentos sejam impressos na mente e no coração dos discípulos. Contudo, Ele dirige a todos nós uma indagação que nos cala fundo, mesmo passados os milênios em

que foi pronunciada: “*Por que me chamais ‘Senhor! Senhor!’, mas não fazeis o que eu digo?*” (Lc 6:46). Emmanuel nos transmite a resposta à pergunta:

A grande pergunta²¹

E por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que eu digo? – JESUS (Lucas, 6:46.)

Em lamentável indiferença, muitas pessoas esperam pela morte do corpo, a fim de ouvirem as sublimes palavras do Cristo.

Não se compreende, porém, o motivo de semelhante propósito. O Mestre permanece vivo em seu Evangelho de Amor e Luz.

É desnecessário aguardar ocasiões solenes para que lhe ouçamos os ensinamentos sublimes e claros.

Muitos aprendizes aproximam-se do trabalho santo, mas desejam revelações diretas. Teriam mais fé, asseguram displicentes, se ouvissem o Senhor, de modo pessoal, em suas manifestações divinas. Acreditam-se merecedores de dádivas celestes e acabam considerando que o serviço do Evangelho é grande em demasia para o esforço humano e põem-se à espera de milagres imprevisíveis, sem perceberem que a preguiça sutilmente se lhes mistura à vaidade, anulando-lhes as forças.

Tais companheiros não sabem ouvir o Mestre Divino em seu Verbo imortal. Ignoram que o serviço deles é aquele a que foram chamados, por mais humildes lhes pareçam as atividades a que se ajustam.

Na qualidade de político ou de varredor, num palácio ou numa choupana, o homem da Terra pode fazer o que lhe ensinou Jesus.

É por isso que a oportuna pergunta do Senhor deveria gravar-se de maneira indelével em todos os templos, para que os discípulos, em lhe pronunciando o nome, nunca se esqueçam de atender, sinceramente, às recomendações do seu Verbo sublime.

REFERÊNCIAS

- 1 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. rev. São Paulo, SP: Vida Nova, 2006. verbete: Sermão da Montanha, p. 1.256.
- 2 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador, BA: LEAL, 2001. cap. 3, p. 54.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed., rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 6:20, nota de rodapé “c”, p. 1.798.
- 4 _____. _____. *Evangelho segundo Lucas*, 6:20-23, p. 1.798.
- 5 _____. _____. *Evangelho segundo Lucas*, 6:20, nota de rodapé “d”, p. 1.798.

- 6 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília, DF: FEB: 2020. cap. 11.
- 7 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 7, it. 2.
- 8 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador, DF: LEAL, 2001. cap. 3, p. 54 e 55.
- 9 _____. _____. p. 58.
- 10 _____. _____. p. 55 a 57.
- 11 _____. _____. p. 61 e 62.
- 12 _____. _____. p. 62.
- 13 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 89.
- 14 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed., rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 6:24-35, p. 1.798 e 1.799.
- 15 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 12, it. 3.
- 16 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed., rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 6:36-49, p. 1.799.
- 17 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 10, it. 4.
- 18 XAVIER, Francisco Cândido. *Livro da esperança*. Pelo Espírito Emmanuel. 20. ed. Uberaba, MG: CEC, 2008. cap. 33, p. 98 e 99.
- 19 _____. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 16. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 7.
- 20 _____. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 9.
- 21 _____. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 47.

CURA DO SERVO DE UM CENTURIÃO

RESSURREIÇÃO DO FILHO DA VIÚVA DE NAIM (LC 7:1 A 17)

Esses dois relatos de *Lucas* exemplificam duas ações de Jesus consideradas milagrosas, quando se desconhece a causas geradoras: uma foi a cura à distância do servo do centurião, outra foi a ressurreição do filho da viúva de Naim que, por ter sido declarado morto, estava sendo conduzido ao sepultamento. Os estudiosos acreditam que a fonte de pesquisa utilizada por *Lucas* tenha sido a Fonte “Q” (*Quelle*) — atualmente perdida, devido ao paralelo feito com as observações de *Mateus*.¹

12.1 CURA DO SERVO DE UM CENTURIÃO (LC 7:1 A 10)²

¹Quando acabou de transmitir aos ouvidos do povo todas essas palavras, entrou em Cafarnaum. ²Ora, um centurião tinha um servo a quem prezava e que estava doente, à morte. ³Tendo ouvido falar de Jesus, enviou-lhe alguns dos anciãos dos judeus para pedir-lhe que fosse salvar o servo. ⁴Estes, chegando a Jesus, rogavam-lhe insistentemente: “Ele é digno de que lhe concedas isso, ⁵ pois ama nossa nação, e até nos construiu a sinagoga”. ⁶ Jesus foi com eles. Não estava longe da casa, quando o centurião mandou alguns amigos lhe dizerem: “Senhor, não te incomodes, porque não sou digno de que entres em minha casa; ⁷ nem mesmo me achei digno de ir ao teu encontro. Dize, porém, uma palavra, para que o meu criado seja curado. ¹¹ Pois também eu estou sob uma autoridade, e tenho soldados às minhas ordens; e a um digo ‘Vai!’ e ele vai; e a outro ‘Vem!’ e ele vem; e a meu servo ‘Faze isto!’ e ele o faz”. ⁹ Ao ouvir tais palavras, Jesus ficou admirado e, voltando-se para a multidão que o seguia, disse: “Eu vos digo que nem mesmo em Israel encontrei tamanha fé”. ¹⁰ E, ao voltarem para casa, os enviados encontraram o servo em perfeita saúde.

Apresentada a plataforma dos ensinamentos do Evangelho aos membros do recém-constituído colégio apostolar e à multidão de pessoas oriundas de diferentes locais — Judeia, Jerusalém, Tito, Sidônia (Lc 6:17) — Jesus sai de Nazaré e vai para

Cafarnaum, cidade onde passa a residir no início do seu ministério.³ Cafarnaum (do hebraico, “aldeia de Naum” ou “de consolação”) é uma cidade que fica a noroeste do mar da Galileia (Lago de Genesaré), na região de Zabulon e Naftali. Era o centro de cobrança dos impostos e posto militar do império romano.³

Amélia Rodrigues destaca os grandes desafios da grandiosa missão de Jesus, que começa em Cafarnaum:

A seara é grande e os obreiros dispostos para trabalhá-la ainda são poucos. Ele terá que fazer tudo: encontrar o solo, prepará-lo, nele semear, cuidar no período da germinação para que as pragas não causem danos e seguir o crescimento das plântulas até que se robusteçam, tornando-se ricas de flores e doando frutos em abundância.

Os caminhos são longos e difíceis de ser vencidos. As multidões se revezam, e os tumultos não cessam.

Em menos de três anos Ele percorreu aqueles sítios áridos, passando pela Galileia várias vezes, de um a outro ponto; depois visitou a Jerusalém despótica por diversas ocasiões, especialmente para ver o lugar onde deveria ser executado; alongou os Seus passos pelas longínquas regiões de Tito e Sídon, na fronteira Fenícia; nas barcas enfunadas atravessou o lago de mais de dez quilômetros de largura e alcançou a Decápole, a Bataneaia, conseguindo levar a voz e o exemplo à Cesareia de Felipe. Nunca repousava. O tempo, queurgia, voava ao Seu lado, que o ultrapassava em atividades ininterruptas.

As batalhas são cruéis, e as armas que usavam os Seus inimigos gratuitos — os permanentes adversários da Humanidade — são a traição e a infâmia, o suborno dos sentimentos e a mentira, que se espalham como rastilhos de pólvora e são do agrado de todos quantos as aceitam.

A Sua fama precede-O e Ele não tem o direito a pouso de paz nem o repouso da recuperação, senão nos grandes silêncios com Deus.⁴

Ao chegar a Cafarnaum, Jesus cura o servo de um militar romano, que era centurião, que designa “[...] um oficial que tem o comando geral do exército [...] ou parte de uma divisão. [...]”⁵

É importante destacar que, a despeito de a Palestina e os povos gentílicos da região estarem submetidos ao domínio romano, havia entre os oficiais de diferentes hierarquias os que mantinham bom relacionamento com os povos dominados. É o caso do centurião citado por Lucas que, além de demonstrar estima pelo servo, era amigo dos membros do clero local, os anciãos, os quais intercederem junto a Jesus, dizendo: “*Ele é digno de que lhe concedas isso, pois ama nossa nação, e até nos construiu a sinagoga*” (Lc 7:4 e 5).

Centurião (do latim *centurio*) era “o nome de um posto do exército romano, cujo oficial comandava cem homens. [...] Dois desses são conhecidos pelo Novo

Testamento: Cornélio que tinha base em Cesareia, na qual evidenciou que o Espírito Santo era partilhado também pelos crentes que viam do gentilismo, At 10, e Júlio, que conduziu Paulo com outros prisioneiros para Roma, homem de espírito humanitário que tratou carinhosamente o apóstolo, At 27:1-3; 43). Há notícia de mais dois centuriões que se converteram em Cafarnaum e outro ao pé da cruz no Calvário. Mt 8:5-13; 27:54).⁶

A cura à distância do servo do centurião, analisada em detalhes nos estudos anteriores do programa *O Evangelho Redivivo*, é facilmente explicada pelo Espiritismo pelos esclarecimentos que transmite. Outro ponto relacionado aos grandiosos feitos de Jesus se prende, evidentemente, à superioridade do Seu Espírito:

[...] A superioridade de Jesus com relação aos homens não resultava das qualidades particulares do seu corpo, mas das do seu Espírito, que dominava a matéria de modo absoluto, e da do seu perispírito, hauridas da parte mais quintessenciada dos fluidos terrestres. [...] Sua alma não devia achar-se presa ao corpo senão pelos laços estritamente indispensáveis. Constantemente desprendida, ela decerto lhe dava *dupla vista*, não só permanente, como de excepcional penetração e muito superior à que comumente possuem os homens comuns. O mesmo havia de dar-se nele com relação a todos os fenômenos que dependem dos fluidos perispiríticos ou psíquicos. A qualidade desses fluidos lhe conferia imensa força magnética, secundada pelo desejo incessante de fazer o bem.⁷

A fé do centurião, destacada por Jesus, muito contribuiu para a cura, como assinala Hermínio Miranda:

Na sua aguda percepção, Jesus deve ter notado de imediato os méritos do homem tanto quanto a sinceridade do seu pedido em favor do criado doente. Mas, o que mais fundo tocou o coração do Mestre foi a fé que ele demonstrou no jovem profeta de Israel e no seu Deus, tão diferente dos deuses pagãos.

[...]

É, pois, digno de respeito, um comandante romano que tenha conquistado as boas graças do povo esmagado. E mais notável ainda que tenha tido a corajosa humildade de solicitar a ajuda de Jesus para salvar um servo modesto, figura social que naqueles tempos ásperos se colocava pouco acima do mendigo. É surpreendente que tenha levado tão alto o seu respeito pelo jovem pregador que nem mesmo a sua casa achou-a digna de recebê-lo. Podemos presumir que sua residência fosse bem melhor que a maioria das casas ocupadas pelos próprios judeus. Os invasores sempre tomam para si o que há de melhor. Acima de tudo, porém, o que ressalta deste episódio, tão profundamente humano, é a fé que o romano demonstrou em Jesus, a ponto de não achar nem mesmo necessário que ele viesse ver o servo doente; bastaria — como bastou — o poder do pensamento e da vontade daquele doce profeta da paz.⁸

12.2 RESSURREIÇÃO DO FILHO DA VIÚVA DE NAIM (LC 7:11 A 17)⁹

¹¹Ele foi em seguida a uma cidade chamada Naim. Seus discípulos e numerosa multidão caminhavam com ele. ¹²Ao se aproximar da porta da cidade, coincidiu que levavam a enterrar um morto, filho único de mãe viúva; e grande multidão da cidade estava com ela. ¹³O Senhor, ao vê-la, ficou comovido e disse-lhe “Não chores!”. ¹⁴Depois, aproximando-se, tocou o esquife, e os que o carregavam pararam. Disse ele, então: “Jovem, eu te ordeno, levanta-te!”. ¹⁵E o morto sentou-se e começou a falar. E Jesus *o entregou à sua mãe*. ¹⁶Todos ficaram com muito medo e glorificavam a Deus, dizendo: “Um grande profeta surgiu entre nós, e Deus visitou o seu povo”.¹⁷

E essa notícia difundiu-se pela Judeia inteira e por toda a redondeza.

Jesus, discípulos e uma multidão saem de Cafarnaum e vão para uma localidade próxima: “Naim (no hebraico “*deleite*”, “*beleza*”) — nome de uma cidade onde Jesus ressuscitou o filho único de uma viúva, Lc 7:11, 17. Ainda conserva o mesmo nome; [...] 9 Km de Nazaré. [...] Atualmente é composta de um povoado islâmico”.¹⁰

Na verdade, o filho da viúva não estava efetivamente morto, como esclarece Allan Kardec:

O fato de voltar à vida corpórea um indivíduo que se achasse realmente morto seria totalmente contrário às leis da natureza e, portanto, milagroso. Ora, não é preciso que se recorra a essa ordem de fatos para que se tenha a explicação das ressurreições realizadas pelo Cristo. Se, mesmo na atualidade, as aparências às vezes enganam os profissionais, quão mais frequentes não haviam de ser os acidentes daquela natureza, num país onde não se tomava nenhuma precaução contra eles e onde o sepultamento era imediato. É, pois, de todo provável que, nos dois casos acima, apenas houvesse síncope ou letargia. [...].

Considerando-se o poder fluídico que Jesus possuía, nada há de espantoso em que esse fluido vivificante, dirigido por uma vontade poderosa, haja reanimado os sentidos em torpor; que haja mesmo feito voltar o Espírito ao corpo, prestes a abandoná-lo, uma vez que o laço perispiritico ainda não se romperá definitivamente. Para os homens daquela época, que consideravam morto o indivíduo que tão logo deixasse de respirar, havia ressurreição em casos tais, de modo que o afirmavam de muito boa-fé; contudo, o que havia na realidade era cura e não ressurreição, na acepção legítima do termo.¹¹

Para que ocorra a desencarnação, propriamente dita, é necessário que o Espírito esteja totalmente desligado do corpo físico:

Durante a vida, o Espírito está preso ao corpo por seu envoltório semimaterial ou perispiritico. A morte é apenas a destruição do corpo, e não a desse segundo

envoltório, que se separa do corpo quando cessa neste a vida orgânica. A observação comprova que, no instante da morte, o desprendimento do perispírito não se completa subitamente; que se opera gradualmente e com uma lentidão muito variável conforme os indivíduos. [...].¹²

Do ponto de vista da Medicina, a morte caracteriza-se pela “cessação total das funções vitais, a perda dos reflexos tronco-cerebral e medula espinhal, e EEGs [Eletro Encefalograma] lineares ao longo de, pelo menos, 24 horas”.¹³ Contudo, a despeito dos avanços científicos e tecnológicos, ainda ocorre o sepultamento de pessoas que não estavam, efetivamente, mortas, cuja condição não foi detectada clinicamente nem pelos equipamentos médicos.

É possível que o filho da viúva de Naim estivesse sob o estado de letargia ou estupor, condição que indica inconsciência e torpor muito semelhante à morte. Jesus, porém, percebeu que o Espírito ainda se mantinha preso ao corpo e, após acalmar a desolada mãe, ordenou ao Espírito que retornasse ao corpo físico: *O Senhor, ao vê-la, ficou comovido e disse-lhe: “Não chores!”*. *Depois, aproximando-se, tocou o esquife, e os que o carregavam pararam. Disse ele, então: “Jovem, eu te ordeno, levanta-te!”*. *E o morto sentou-se e começou a falar. E Jesus o entregou à sua mãe (Lc 7:13 a 16)*.

Jesus operou inumeráveis prodígios, causando admiração e, ao mesmo tempo, temor. Todos os que o conheceram, amigos e adversários, sabiam que estavam diante de um Espírito elevadíssimo, contudo, lembra-nos o Codificador com muita propriedade:

O maior milagre que Jesus operou, o que verdadeiramente atesta a sua superioridade, foi a revolução que seus ensinamentos produziram no mundo, apesar da exiguidade dos seus meios de ação.

Com efeito, Jesus, obscuro, pobre, nascido na mais humilde condição, no seio de um povo pequenino, quase ignorado e sem preponderância política, artística ou literária, prega a sua doutrina apenas durante três anos; em todo esse curto espaço de tempo é desprezado e perseguido pelos seus concidadãos, caluniado, tratado de impostor; vê-se obrigado a fugir para não ser lapidado; é traído por um de seus apóstolos, renegado por outro, abandonado por todos no momento em que cai nas mãos de seus inimigos. Só fazia o bem, mas isso não o impedia de ser alvo da malevolência, que dos próprios serviços que Ele prestava tirava motivos para o acusar. Condenado ao suplício reservado aos criminosos, morre ignorado do mundo, visto que a História daquela época nada diz a seu respeito. Nada escreveu; entretanto, ajudado por alguns homens tão obscuros quanto Ele, sua palavra bastou para regenerar o mundo; sua doutrina matou o paganismo onipotente e se tornou o farol da civilização. Tinha contra si tudo o que causa o malogro das obras dos homens, razão por que dizemos que o triunfo alcançado pela sua doutrina foi o maior dos seus milagres,

provando, ao mesmo tempo, ser divina a sua missão. Se, em vez de princípios sociais e regeneradores, fundados sobre o futuro espiritual do homem, Ele só tivesse a oferecer à posteridade alguns fatos maravilhosos, talvez hoje mal o conhecêssemos de nome.¹⁴

REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. it. cap. 7, p. 91.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. ver. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 7: 1-10, p. 1.799 e 1.800.
- 3 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo, SP: Hagnos, 2005. verbete: Cafarnaum, p. 204.
- 4 FRANCO, Divaldo Pereira. *Até o fim dos tempos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 10, p. 68.
- 5 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo, SP: Hagnos, 2005. verbete: General, Capitães, p. 518 e 519.
- 6 _____. _____. verbete: Centurião, p. 248.
- 7 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 15, it. 2.
- 8 MIRANDA, Hermínio C. *Candeias na noite escura*. Por João Marcos [Pseudônimo de Hermínio C. de Miranda]. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: FEB: 1992. cap. 26, p.136 e 137.
- 9 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. ver. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 7:11-17, p. 1.800.
- 10 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo, SP: Hagnos, 2005. verbete: Naim, p. 857.
- 11 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 15, it. 39, p. 284.
- 12 _____. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 9. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. comentário de Kardec à q. 155-a.
- 13 THOMAS, Clayton L. (Coord.). *Dicionário médico enciclopédico Taber*. 17. ed. ilustr. Trad. Fernando Gomes do Nascimento. 1. ed. brasileira. Barueri, SP: 2000. verbete: Morte, p. 1.155.
- 14 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 15, it. 63.

PERGUNTA DE JOÃO BATISTA E TESTEMUNHO QUE LHE PRESTA JESUS

JULGAMENTO DE JESUS SOBRE SUA GERAÇÃO. A
PECADORA PERDOADA E QUE AMA (LC 7:18 A 50)

Os assuntos que fazem o fechamento do capítulo 7 do *Evangelho segundo Lucas* apresentam três ideias básicas: características da missão de João Batista e a de Jesus; o pensamento de Jesus a respeito no nível evolutivo da humanidade daquela época; e o poder do amor que jamais emite julgamentos.

13.1 PERGUNTA DE JOÃO BATISTA E TESTEMUNHO QUE LHE PRESTA JESUS (LC 7:18 A 30)¹

¹⁸Os discípulos de João informaram-no de tudo isso. João, chamando dois deles, ¹⁹enviou-os ao Senhor, perguntando: “És tu aquele que há de vir ou devemos esperar um outro?” ²⁰Os homens, chegando junto dele, disseram: “João Batista nos mandou perguntar: ‘És aquele que há de vir ou devemos esperar um outro?’” ²¹Nesse momento, ele curou a muitos de doenças, de enfermidades, de espíritos malignos, e restituiu a vista a muitos cegos. ²²Então, lhes respondeu: “Ide contar a João o que vedes e ouvís: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciado o Evangelho; ²³e feliz aquele que não ficar escandalizado por causa de mim!” ²⁴Tendo partido os enviados de João, Jesus começou a falar às multidões a respeito de João: “Que fostes ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? ²⁵Mas que fostes ver? Um homem vestido com vestes finas? Ora, os que usam vestes suntuosas e vivem em delícias estão nos palácios reais. ²⁶Então, que fostes ver? Um profeta? Eu vos afirmo que sim, e mais do que um profeta. ²⁷É dele que está escrito: *Eis que eu envio meu mensageiro à tua frente, ele preparará o teu caminho diante de ti.*

²⁸Digo-vos que dentre os nascidos de mulher não há um maior do que João; mas o menor no Reino de Deus é maior do que ele.” ²⁹Todo o povo que o ouviu,

e os próprios publicanos, proclamaram a justiça de Deus, recebendo o batismo de João;³⁰ os fariseus e os legistas, porém, não querendo ser batizados por ele, aniquilaram para si próprios o desígnio de Deus.

Sabemos que João Batista encontrava-se prisioneiro por ordem de Herodes. Mesmo assim recebia informações dos acontecimentos externos, trazidas por seus seguidores, sobretudo relacionadas às ações de Jesus. A despeito de João Batista sempre ter afirmado que ele era o que veio para preparar os caminhos do Senhor, alguns dos seus discípulos tinham dúvidas a respeito:

[...] João, subtende um conflito entre os primeiros cristãos com os discípulos da seita de João Batista; esta seita continuou existindo muito depois do início da era cristã. Muitos pensavam que João fosse o Messias. Esse capítulo de João é polêmico quanto a isso. Os evangelhos sinópticos também têm o cuidado de subordinar João a Jesus. Isso é não necessário para nós, agora; mas era questão vital quando os evangelhos foram escritos. Levantava-se naturalmente a pergunta: “O que João pensa de Jesus?”. Tais passagens como a que temos à frente, dão-nos a resposta. A seita de João Batista continuou em competição com a igreja cristã por quase um século. É natural, pois, que alguns textos dos evangelhos tentam mostrar a real relação entre Jesus e João.²

É possível que João quisesse sanar as dúvidas existentes entre os discípulos a respeito de quem seria o verdadeiro Messias, ao enviar dois emissários, que perguntaram a Jesus: *João Batista nos mandou perguntar: “És aquele que há de vir ou devemos esperar um outro?”*. (Lc 7:20). Jesus, porém, não responde de forma direta à pergunta, mas demonstra-lhes por meio de obras no bem que, efetivamente, Ele era o Messias e que João Batista foi o precursor, como esclarece Eliseu Rigonatti:

João dera testemunho de Jesus à multidão que o tinha procurado no deserto. Agora que os homens tinham presenciado as ações nobres de Jesus e lhe tinham ouvido a palavra da Vida Eterna, mais fácil seria a João confirmar a vinda do Enviado. E manda que dois discípulos seus interroguem Jesus perante testemunhas. A resposta de Jesus é clara e positiva; não responde: eu o sou; mostra-lhes simplesmente as obras generosas que vinha realizando, como a dizer-lhes: julgai-me pelas minhas obras.

Do mesmo modo serão reconhecidos os verdadeiros seguidores de Jesus: pelas suas obras. Ao discípulo, não serão as palavras que afirmarão sua qualidade de praticante do Evangelho; suas obras é que deverão testemunhar isso. Como Jesus, o discípulo sincero não deixa atrás de si uma longa esteira de palavras sonoras, porém vagas. Deixa, sim, uma sementeira substancial de amor cristão, à qual consagrou o espírito bem formado.³

Vinícius (Pedro de Camargo) enfatiza a forma como Jesus respondeu à indagação dos emissários de João:

O Mestre, antes de lhes responder, curou inúmeros enfermos de várias moléstias, aliviou muitos flagelados por maus espíritos, e, em seguida, disse-lhes: “Contai a João tudo que vistes e ouvistes: os cegos veem, os surdos ouvem, os paralíticos locomovem-se livremente, os leprosos ficam limpos, os mortos ressuscitam, e aos pobres anuncia-se-lhes o Evangelho; e bem-aventurado é aquele que em mim não achar motivo de tropeço”.

E assim se deu a conhecer o enviado do Céu. Se tal característico distingue o Cristo, tal característico deve distinguir a sua Igreja. O Cristianismo, portanto, é a religião do amor objetivada na solidariedade humana.⁴

Vinícius destaca também outro ponto, não menos importante, citado por *Lucas* no final do versículo 22: “e aos pobres é anunciado o Evangelho”.

É notório haver Jesus encartado no número das maravilhas da sua religião o anunciar-se o Evangelho aos pobres. Por tal devemos compreender, não as prédicas, as teorias anunciadas com mais ou menos habilidade dos púlpitos e das tribunas, mas o conceder-se aos humildes o bem-estar, as regalias e o conforto a que eles têm direito, abolindo-se os privilégios odiosos que vêm, através de todos os tempos, cavando abismos de separação entre as classes sociais.

Anunciar, pois, o Evangelho aos pobres significa assisti-los em suas necessidades morais e materiais, atendê-los em suas justas aspirações, contribuindo para melhorar a situação angustiosa em que eles, por vezes, se encontram: significa amá-los como a nós próprios, fazendo por eles o que queremos para nós mesmos, testemunhando assim a nossa solidariedade em atos de justiça e de misericórdia, conforme o exemplo de Jesus Cristo.⁵

Após a partida dos emissários, Jesus volta-se para o povo e, na forma de perguntas, revela-lhe o valor da missão de João Batista:

“Que fostes ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? Mas que fostes ver? Um homem vestido com vestes finas? Ora, os que usam vestes suntuosas e vivem em delícias estão nos palácios reais. Então, que fostes ver? Um profeta? Eu vos afirmo que sim, e mais do que um profeta”. (Lc 7:24 a 26).

A respeito, Emmanuel recorda que a realização das obras divinas não requer luxos ou condições especiais para a sua execução, apenas o servir incondicionalmente, pela exemplificação, como o fez João Batista:

Em toda a parte, repontam obras santuárias, solicitando moderação e corrigenda, para que o abuso de poucos não agrave as aflições e as necessidades de muitos.

[...]

Analisando essas empresas, na lógica do Espiritismo, somos, contudo, impelidos a reconhecer que os amigos afeiçoados ao supérfluo estarão agindo dessa forma por falta de esclarecimento e orientação.

A experiência terrestre na atualidade não desconhece que é preciso ensinar aos homens a arte de alimentar e vestir, conversar e conviver, a fim de que haja saúde, euforia, compreensão e harmonia na Humanidade.

Disse Jesus, em várias ocasiões, aos seguidores: “Ide e pregai...”

Nada justo, assim, reprovar sem consideração os companheiros que ainda se encontram involuntariamente distantes das realidades do espírito.

Onde o desperdício apareça por flagelo da ignorância, iniciemos a construção da verdade pelo exemplo da sobriedade, na certeza de que, em toda tarefa de educação, exemplificar é explicar.⁶

Em seguida, Jesus recorda uma citação do Antigo Testamento para reafirmar o grande profeta que foi João Batista, o último enviado por Deus ao povo judeu, cuja missão fora a de preparar os caminhos do Messias: “*Então, que fostes ver? Um profeta? Eu vos afirmo que sim, e mais do que um profeta. É dele que está escrito: Eis que eu envio meu mensageiro à tua frente, ele preparará o teu caminho diante de ti. Digo-vos que dentre os nascidos de mulher não há um maior do que João; mas o menor no Reino de Deus é maior do que ele*”. (Lc 7:26 a 28).

O ministério de João é diferente do ministério de Jesus, mas os dois são válidos — e ambos são rejeitados pela comunidade religiosa [do Judaísmo].

[...]

Ao cumprir Malaquias, 3:1, João é mais do que um simples arauto de Deus; ele é o anunciador direto do Senhor, que agirá de forma nova e decisiva ao liderar seu povo em um novo êxodo. (o novo êxodo, uma libertação do cativo, é um dos temas de Isaías).⁷

13.2 JULGAMENTO DE JESUS SOBRE SUA GERAÇÃO (LC 7:31 A 35)⁸

³¹A quem, pois, compararei os homens desta geração? Com quem se parecem?

³²São como crianças sentadas numa praça, a se desafiarem mutuamente:

*‘Nós vos tocamos flauta,
mas não dançastes!*

*Nós entoamos lamentações,
mas não chorastes!’*

³³Com efeito, veio João Batista, que não come e não bebe vinho, e dizeis: “o demônio está nele!”.³⁴Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizeis: “eis aí um glutão e beberão, amigo de publicanos e pecadores”.³⁵ Mas a Sabedoria é justificada por todos os seus filhos.

A missão do Messias divino não se limitou a trazer mais uma interpretação da lei dos profetas, nem de revogá-la, como nos alerta Cairbar Schutel:

As palavras de Jesus excluem antecipadamente todas as ideias falsas que se possam fazer sobre Ele e o seu escopo primordial.

O motivo exclusivo da sua vinda a este mundo foi, como profetizou Isaías, fazer raiar a Luz aos que se achavam na região da morte: dar crença aos que não a tinham, guiar os que se haviam perdido e se achavam desviados da Estrada da Vida, animá-los e vivificá-los, finalmente, apresentar-se a todos como o Modelo, o Paradigma, o Enviado de Deus, o único Mestre capaz de legar um ensino puro e perfeito, o verdadeiro representante da Verdade que redime e salva. Daí a sua sentença: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; ninguém vai ao Pai senão por mim”.

Querendo excluir de si mesmo toda a primazia divina, Ele não se apresenta, apesar da sua incomparável missão, como sendo Deus, o Pai, mas, sim, como um seu Enviado o Cristo.⁹

Perante tais propósitos, Jesus foi rejeitado, perseguido e crucificado por Espíritos ainda muito presos ao imediatismo da existência material: “[...] somente registram o que corresponde à esfera dos interesses imediatos e pueris do plano físico, onde predominam os instintos e as sensações da primitividade”.¹⁰ Daí Jesus compará-los a pessoas imaturas, como as crianças, que ainda não conseguem visualizar com precisão o horizonte espiritual da vida:

Espiritualmente surdos e cegos, denunciando adolescência [ou infância] espiritual, os seres terrenos correspondem à geração mencionada por Jesus, que não percebe o hino dos anjos nem a visão da estrela de Belém, sugerindo apenas adoração a ídolos condenados por vários profetas e por Moisés no primeiro Mandamento do Decálogo.¹⁰

Passados mais de dois mil anos, a Humanidade evoluiu, e, conforme Vinícius, já podemos entender os ensinamentos do Cristo em espírito e verdade:

Cumprido, portanto, deixar de lado as teorias, o escolasticismo, os dogmas, os rituais, e anunciar Jesus Cristo tal como Ele é, qual Ele próprio se apresentou aos emissários do Batista, sarando os enfermos e anunciando aos humildes o Evangelho do amor. E bem-aventurados aqueles que se não escandalizarem nesse Jesus que é o real e verdadeiro Cristo de Deus.

Não estamos nos tempos das teorias, mas na era dos fatos. O Cristianismo não é uma teoria: é o mesmo Cristo revelando as Leis Divinas à Humanidade. Jesus é um fato histórico e, ao mesmo tempo, uma necessidade de todos os momentos, porque ele sintetiza, na moral em si mesmo personificada, a solução de todos os problemas da vida humana: *Ecce Homo!*¹¹

13.3 A PECADORA PERDOADA E QUE AMA (LC 7:36 A 50)¹²

³⁶Um fariseu convidou-o a comer com ele. Jesus entrou, pois, na casa do fariseu e reclinou-se à mesa. ³⁷Apareceu então uma mulher da cidade, uma pecadora. Sabendo que ele estava à mesa na casa do fariseu, trouxe um frasco de alabastro com perfume. ³⁸E, ficando por detrás, aos pés dele, chorava; e com as lágrimas começou a banhar-lhe os pés, a enxugá-los com os cabelos, a cobri-los de beijos e a ungi-los com o perfume.

³⁹Vendo isso, o fariseu que o havia convidado pôs-se a refletir: “Se este homem fosse profeta, saberia bem quem é a mulher que o toca, porque é uma pecadora!”. ⁴⁰Jesus, porém, tomando a palavra, disse-lhe: “Simão, tenho uma coisa a dizer-te”. — “Fala, mestre”, respondeu ele. ⁴¹“Um credor tinha dois devedores; um lhe devia quinhentos denários e o outro cinquenta. ⁴²Como não tivessem com que pagar, perdoou a ambos. Qual dos dois o amará mais?” ⁴³Simão respondeu: “Suponho que aquele ao qual mais perdoou”. Jesus lhe disse: “Julgaste bem”.

⁴⁴E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: “Vês esta mulher? Entrei em tua casa e não me derramaste água nos pés; ela, ao contrário, regou-me os pés com lágrimas e enxugou-os com os cabelos. ⁴⁵Não me deste um ósculo; ela, porém, desde que eu entrei, não parou de cobrir-me os pés de beijos. ⁴⁶Não me derramaste óleo na cabeça; ela, ao invés, ungiu-me os pés com perfume. ⁴⁷Por essa razão, eu te digo, seus numerosos pecados lhe estão perdoados, porque ela demonstrou muito amor. Mas aquele a quem pouco foi perdoado mostra pouco amor”. ⁴⁸Em seguida, disse à mulher: “Teus pecados estão perdoados”. ⁴⁹Logo os convivas começaram a refletir: “Quem é este que até perdoa pecados?” ⁵⁰Ele, porém, disse à mulher: “Tua fé te salvou; vai em paz”.

Temos aqui, nesse registro de *Lucas*, uma importante lição relacionada à imprudência do julgamento dos atos alheios, sobretudo quando não se conhece, em profundidade, as causas geradoras. O texto indica também a oportunidade, sempre bem-vinda, de praticar a Lei de Amor.

A pecadora citada no texto revela-se como uma alma profundamente sofredora, amargurada, que recorreu a Jesus porque sabia, de antemão, que Ele a compreenderia e a aceitaria, independentemente dos equívocos cometidos. Ela não pronunciou uma palavra sequer, só reverenciou o Senhor da forma como sabia ou podia: untou-lhe os cabelos com bálsamo, um produto caríssimo, extraído da essência das plantas, lavou-lhe os pés com as suas lágrimas e secou-os com seus cabelos. Nada pediu ao Senhor, no entanto, Jesus compreendeu toda a dor que lhe transpassava na alma, perdoando-lhe os pecados. Perdoou-lhe os erros cometidos, não por uma dádiva ou graça divinas, mas porque a provação chegara ao término.

O julgamento das ações do próximo é sempre um risco, sobretudo quando se desconhece as causas geradoras, como assevera Joanna de Ângelis: “[...] O Mestre estabeleceu a formosa imagem do homem que tem *uma trave* dificultando-lhe a visão, e, no entanto, *vê o cisco no olho do seu próximo*. [...]”.¹³ A dedicada benfeitora aconselha-nos como agir com acerto:

Tem compaixão de quem cai. A consciência dele será o seu juiz.

Ajuda aquele que tomba. Sua fraqueza já lhe constitui punição.

Tolera o infrator. Ele é o teu futuro, caso não disponhas de forças para prosseguir no bem.

A tolerância que utilizares para com os infelizes se transformará na medida emocional de compaixão que receberás, quando chegar a tua vez, já que ninguém é inexpugnável, nem perfeito.¹⁴

REFERÊNCIAS

- 1 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 7:18-30, p.1.800.
- 2 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. it. 7:18, p. 96.
- 3 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. São Paulo, SP: Pensamento, 2018. cap. 11, p. 83.
- 4 VINÍCIUS (Pedro de Camargo). *Nas pegadas do mestre*. 12. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2015. cap. *A religião de Jesus*.
- 5 _____.
- 6 XAVIER, Francisco Cândido. *Palavras de vida eterna*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. e-book. Brasília, DF-Uberaba, MG: FEB-CEC, 2013. cap. 144.
- 7 KEENER, Craig. S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. v. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo, SP: Vida Nova, 2017. cap. 7:24-35, it. João é defendido, p. 231.
- 8 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 7: 1-35, p. 1.801.
- 9 SCHUTEL, Cairbar. *O espírito do cristianismo*. 8. ed. Matão, MG: O Clarim, 2001. cap. 1, p. 36 e 37.

- 10 MOUTINHO, João de Jesus. *O evangelho sem mistérios nem véus*. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2015. cap. 58.
- 11 VINÍCIUS (Pedro de Camargo). *Em torno do mestre*. 9. ed. 6. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. 1ª pt., cap. *Ecce Homo*.
- 12 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 7: 36-50, p. 1.801.
- 13 FRANCO, Divaldo Pereira. *Jesus e atualidade*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 12. ed. Salvador, BA: LEAL, 2005. cap. *Jesus e tolerância*, p. 33.
- 14 _____. _____. p. 33 e 34.

A COMPANHIA FEMININA DE JESUS

PARÁBOLA DO SEMEADOR. POR QUE JESUS FALA
EM PARÁBOLAS. A EXPLICAÇÃO DA PARÁBOLA
DO SEMEADOR. COMO RECEBER E TRANSMITIR
O ENSINAMENTO DE JESUS (LC 8:1 A 18)

O Tema 14 transmite ensinamentos de Jesus considerados inovadores, mesmo atualmente: apoio ao papel que a mulher deve ocupar na sociedade e o método educativo das parábolas. Nesse sentido, Amélia Rodrigues considera Jesus o libertador da mulher, que enfrentou os preconceitos da época, valorizando as suas contribuições: “[...] Nos seus passos e ministério sempre estavam presentes mulheres abnegadas, que constituíam apoio e nobreza, caracterizando a singularidade superior dos Seus ensinamentos”.¹

A Parábola do Semeador passou à posteridade não só como a primeira parábola ensinada e explicada por Jesus, mas também por conter a chave de interpretação das demais parábolas: por meio de linguagem simples, Jesus compõe uma história rica de elementos comuns encontrados na vida cotidiana, para transmitir profundos ensinamentos ao Espírito imortal. Emmanuel enfatiza que as parábolas do Cristo, a começar pela Parábola do Semeador, revestem-se de inestimáveis ensinamentos que, por serem atemporais, devem ser sempre lembrados por quantos estejam verdadeiramente empenhados na própria melhoria espiritual:

Não nos fala que o sementeiro deva agir utilizando-se do contato com terceiras pessoas, e sim que ele mesmo saiu a semear.

Transferindo a imagem para o solo do espírito, em que tantos imperativos de renovação convidam os obreiros da boa vontade à santificante lavoura da elevação, somos levados a reconhecer que o servidor do Evangelho é compelido a sair de si próprio, a fim de beneficiar corações alheios.²

14.1 A COMPANHIA FEMININA DE JESUS. PARÁBOLA DO SEMEADOR. POR QUE JESUS FALA EM PARÁBOLAS (LC 8:1 A 10)³

¹Depois disso, ele andava por cidades e povoados, pregando e anunciando a Boa Nova do Reino de Deus. Os Doze o acompanhavam, ² assim como algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e doenças: Maria, chamada Madalena, da qual haviam saído sete demônios, ³Joana, mulher de Cuza, o procurador de Herodes, Susana e várias outras, que o serviam com seus bens.

⁴Reunindo-se uma numerosa multidão que de cada cidade vinha até Ele, Jesus falou em parábola:

⁵” O semente saiu a semear sua semente. Ao semeá-la, uma parte da semente caiu ao longo do caminho, foi pisada e as aves do céu a comeram. ⁶Outra parte caiu sobre a pedra e, tendo germinado, secou por falta de umidade. ⁷Outra caiu no meio dos espinhos, e os espinhos, nascendo com ela, abafaram-na. ⁸Outra parte, finalmente, caiu em terra fértil, germinou e deu fruto ao centuplo”. E, dizendo isso, exclamava: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!”.

⁹Seus discípulos perguntavam-lhe o que significaria tal parábola. ¹⁰Ele respondeu: “A vós foi dado conhecer os mistérios do Reino de Deus; aos outros, porém, em parábolas, a fim de que *vejam sem ver e ouçam sem entender*.”

Esse texto de *Lucas* apresenta três ideias básicas que serão, respectivamente desenvolvidas em seguida: a) os acompanhantes usuais de Jesus em suas pregações pelas aldeias e cidade, destacando-se a presença feminina; b) a Parábola do Semeador; c) porque Jesus fala por parábolas.

14.1.1 A COMPANHIA FEMININA DE JESUS

A organização e os membros constituintes do colégio apostolar foram estudados nos Temas nove e dez deste Livro IV. Assim, julgamos oportuno transmitir, aqui, algumas informações a respeito das mulheres citadas neste texto de *Lucas* 8:2 e 3): *Doze o acompanhavam, assim como algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e doenças: Maria, chamada Madalena, da qual haviam saído sete demônios, Joana, mulher de Cuza, o procurador de Herodes, Susana e várias outras, que o serviam com seus bens*. Recordamos que Maria de Madalena ou Magdala — que não deve ser confundida com a pecadora —, é, segundo relatos evangélicos, alguém que fora obsidiada por sete Espíritos; Joana, esposa de Cuza, destacado servidor de Herodes, e Suzana, de quem nada sabemos. É possível que, além dos doze apóstolos, muitos outros discípulos e outras mulheres também seguissem Jesus de aldeia em aldeia.

As mulheres atuavam às vezes como benfeitoras, ou mantenedoras de associações ou de mestres religiosos no antigo Mediterrâneo [...]. A participação dessas mulheres na viagem com o grupo de Jesus seria considerada escandalosa, ao menos pelos oponentes dele. Com exceção de algumas escolas filosóficas gregas, a coeducação entre adultos era rara, e o fato de essas mulheres estarem aprendendo os ensinamentos de Jesus de forma tão próxima quanto os discípulos, certamente incomodaria algumas pessoas de fora. [...].⁴

A presença feminina durante o ministério de Jesus merece destaque por parte de *Lucas*, porque, pelo que se depreendia, algumas delas atuavam também como discípulas. *Lucas* fez questão de citar três mulheres, entre as demais, possivelmente porque eram as que mais se destacavam:⁵

» **Maria Madalena ou Maria de Magdala**

Seu apelido deriva-se de sua cidade natal, *Magdala*, a qual também era conhecida como *Tarichaea*, uma aldeia de pescadores na barriga do lago da Galileia. O ministério de Jesus a ela, ocasião em que Ele expulsou sete demônios que a possuíam, é mencionado nesse ponto. [...]. A menção do seu nome parece ser a primeira menção sobre ela, e disso colhemos uma pequena evidência positiva de que essa Maria não pode ser identificada com a mulher pecadora que aparece em *Lucas* 7:36-50. [*João*, 11:1 diz que essa mulher, a pecadora que ungiu Jesus com bálsamo, chamava-se Maria]. [...].⁵

A história do Cristianismo traz muitas lendas a respeito de Maria de Magdala. Algumas parecem que possuem um fundo de verdade, outras não podemos comprovar. Citamos algumas como exemplo:

[...] A presença de Maria Madalena junto à mãe de Jesus, perto da cruz (ver *Jo* 19:25), subentende algum laço especial de simpatia com Jesus, ou, pelo menos, alguma amizade profunda com Maria, sua mãe. Lendas criadas posteriormente dizem que ela, em companhia de Lázaro e Marta, fora a Marselha, tendo vivido durante trinta anos uma vida de penitência, em uma caverna de Arles. A forma oriental dessa mesma lenda revela que Maria de Madalena tenha ido para Éfeso, em companhia de Maria, mãe de Jesus, e de João, o discípulo amado, onde ela teria supostamente falecido.⁶

» **Joanna, esposa de Cuza, procurador de Herodes**

Joana também é mencionada, em companhia de Maria de Madalena, em *Lucas*, 24:10: Se o procurador de um soberano tão ímpio, cruel e licenciado, como Herodes Antipas, diferia tanto dele, então o seu posto não poderia ser fácil e nem invejável. É muito improvável que fosse discípulo de Jesus, embora talvez estivesse favoravelmente inclinado para com ele. [...] Alguns acreditam que esse procurador de Herodes é o mesmo nobre de *João*, 4:46-53, que veio a crer com toda a sua casa; mas não há certeza nenhuma acerca disso. A narrativa pelo menos mostra que Jesus tinha seguidores até mesmo no palácio de Herodes.

(Entre eles estava *Manaem*, irmão de criação de Herodes. Ver At 13:1). Joana, esposa de Cuza, uma das funcionárias de Herodes, sem dúvida era mulher de prestígio e influência social. Seu nome é a forma feminina de João. [...].⁷

O Espírito Humberto de Campos também nos transmite algumas informações a respeito de Joana de Cusa/Cuza:

Joana possuía verdadeira fé; contudo, não conseguiu forrar-se às amarguras domésticas, porque seu companheiro de lutas não aceitava as claridades do Evangelho. Considerando seus dissabores íntimos, a nobre dama procurou o Messias, numa ocasião em que ele descansava em casa de Simão, e lhe expôs a longa série de suas contrariedades e padecimentos. O esposo não tolerava a doutrina do Mestre. Alto funcionário de Herodes, em perene contato com os representantes do Império, repartia as suas preferências religiosas, ora com os interesses da comunidade judaica, ora com os deuses romanos, o que lhe permitia viver em tranquilidade fácil e rendosa. Joana confessou ao Mestre os seus temores, suas lutas e desgostos no ambiente doméstico, expondo suas amarguras em face das divergências religiosas existentes entre ela e o companheiro.

Após ouvir-lhe a longa exposição, Jesus lhe ponderou:

— Joana, só há um Deus, que é o Nosso Pai, e só existe uma fé para as nossas relações com o seu amor. Certas manifestações religiosas, no mundo, muitas vezes não passam de vícios populares nos hábitos exteriores. Todos os templos da Terra são de pedra; eu venho, em nome de Deus, abrir o templo da fé viva no coração dos homens. Entre o sincero discípulo do Evangelho e os erros milenários do mundo, começa a travar-se o combate sem sangue da redenção espiritual. Agradece ao Pai o haver-te julgado digna do bom trabalho, desde agora. Teu esposo não te compreende a alma sensível? Compreender-te-á um dia. É leviano e indiferente? Ama-o, mesmo assim. Não te acharias ligada a ele se não houvesse para isso razão justa. Servindo-o com amorosa dedicação, estarás cumprindo a vontade de Deus. Falas-me de teus receios e de tuas dúvidas. Deves, pelo Evangelho, amá-lo ainda mais. Os são não precisam de médico. [...].⁸

14.1.2 A PARÁBOLA DO SEMEADOR. POR QUE JESUS FALA POR PARÁBOLAS?

Essa parábola é relatada nos três evangelhos sinóticos: em *Mateus*, 13:3 a 9; *Marcos*, 4:3 a 9 e *Lucas*, 8:5 a 9. Os registros de cada um desses evangelistas são muito semelhantes, indicativos de fonte comum: proto-marcos. Sugerimos a releitura das explicações contidas no Livro II (*Estudo Interpretativo do Evangelho segundo Mateus*), Tema 41, item 41.2 e no Livro III (*Estudo Interpretativo do Evangelho segundo Marcos*), Tema 9, item 9.1.

Nessa primeira parábola ensinada por Jesus, Ele nos apresenta três símbolos e respectivas interpretações espirituais:

- » **O sementeiro** — que, no sentido maior, é o próprio Cristo e, no sentido restrito, qualquer pessoa que faz o bem, que cumpre as Leis de Deus.

Jesus é o Sementeiro da Terra, e a Humanidade é a Lavoura de Deus em Suas Mãos.
[...]

A frente do sementeiro sublime, não esmoreças ante os pesares da incompreensão e do isolamento, das tentações e das provas aflitivas e rudes. Crê no Poder Divino que te criou para a imortalidade e, no silêncio do trabalho incessante no bem a que foste trazido, ergue-te para a Luz Soberana, na certeza de que, através da integração com o amor que nos rege os destinos, chegarás sob a generosa proteção do Celeste Pomicultor, à frutificação da verdadeira felicidade.⁹

- » **A semente** — é a palavra de Deus que contém os ensinamentos imortais da lei do amor e do dever, ensinados por Jesus, o divino sementeiro. É, em suma, a ciência moral.¹⁰ A melhoria espiritual começa com a persistente sementeira de sementes do bem e, aos poucos, imensos campos serão cultivados, enobrecendo o Espírito:

Nos serviços da Natureza, a semente reveste-se, aos nossos olhos, do sagrado papel de sacerdotisa do Criador e da Vida.

Gloriosa herdeira do poder divino, coopera na evolução do mundo e transmite silenciosa e sublime lição, tocada de valores infinitos, à criatura.

Exemplifica sabiamente a necessidade dos pontos de partida, as requisições justas de trabalho, os lugares próprios, os tempos adequados.

[...]

Saber começar constitui serviço muito importante.

No esforço redentor, é indispensável que não se percam de vista as possibilidades pequeninas: um gesto, uma palestra, uma hora, uma frase podem representar sementes gloriosas para edificações imortais. Imprescindível, pois, jamais desprezá-las.¹¹

- » **Os diferentes solos da sementeira** — indicam os níveis de evolução moral e intelectual das pessoas e, em consequência, a capacidade de cada uma para compreender e aplicar os ensinamentos divinos.

A parte caída na estrada, nesse terreno endurecido, exposto a todos os azares, é a imagem daqueles que ouvem a palavra de Deus; mas, não compreendendo seu alto alcance, deixam de lhe ligar a importância devida. A semente fica à tona desses corações empedernidos; não penetra. Vem, então, o demônio e arrebatá-la; sabeis como? Substituindo a palavra da vida por quimeras e fantasias, que iludem o entendimento falando aos sentidos.

A semente caída no terreno pedregoso, cujas raízes ficaram à flor da terra, e por isso vieram a fenecer, é a figura das pessoas que ouvem a nova da salvação

e de pronto a aceitam com prazer; porém, como o fizessem superficialmente, sem se inteirarem do objeto da palavra de Deus, desmoralizam-se diante do primeiro obstáculo a vencer, e sucumbem. São os pusilânimes, a quem a luta acobarda: querem milagres.

A porção de sementes que, germinando no meio dos espinhos, se viu em dado tempo abafada pelos cardos, e por isso não atingiu o estado de produção, é o símbolo daqueles que, tendo ciência da lei de Deus, a aceitam e acolhem de boamente; mas, embevecidos nas fascinações do mundo, e nos deleites da matéria, deixam que o fogo das paixões lhes abraze as almas, calcinando ali a árvore do bem, cujos delicados ramos de balde procuram vencer os inimigos que se antepõem aos seus desenvolvimentos.

Enfim, a porção de sementes que atingiu terra arroteada e fértil, produzindo larga messe de frutos, é o emblema dos homens que escutam, assimilam e praticam a moral evangélica, pautando todos os seus atos segundo as normas daquela divina ciência. Resta agora sabermos que espécie de terreno temos sido nós [...].¹²

Allan Kardec analisa a Parábola do Semeador e correlaciona os ensinamentos de Jesus ao comportamento dos espíritas:

A Parábola do Semeador exprime perfeitamente os matizes existentes na maneira de serem utilizados os ensinamentos do Evangelho. De fato, quantas pessoas existem para as quais ele não passa de letra morta, à maneira da semente caída sobre pedregulhos, que não produz nenhum fruto!

Ela encontra uma explicação não menos justa nas diferentes categorias de espíritas. Não será ela o emblema dos que apenas atentam nos fenômenos materiais e não tiram nenhuma consequência deles, porque neles só veem fatos curiosos? Dos que não buscam senão o lado brilhante das comunicações dos Espíritos, pelas quais só se interessam quando lhes satisfazem à imaginação, e que, depois de as terem ouvido, se conservam tão frios e indiferentes quanto eram? Os que acham muitos bons os conselhos e os admiram, mas para serem aplicados aos outros, e não a si mesmos? Enfim, aqueles, para os quais essas instruções são como a semente que cai em terra boa e dá frutos?¹³

14.2 A EXPLICAÇÃO DA PARÁBOLA DO SEMEADOR (LC 8:11 A 15)¹⁴

¹¹Eis, pois, o que significa essa parábola: A semente é a Palavra de Deus. ¹²Os que estão ao longo do caminho são os que ouvem, mas depois vem o diabo e arrebatá-lhes a Palavra do coração, para que não creiam e não sejam salvos.

¹³Os que estão sobre a pedra são os que, ao ouvirem, acolhem a Palavra com alegria, mas não têm raízes, pois creem apenas por um momento e na hora da tentação desistem. ¹⁴Aquilo que caiu nos espinhos são os que ouviram, mas, caminhando sob o peso dos cuidados, da riqueza e dos prazeres da vida,

ficam sufocados e não chegam à maturidade. ¹⁵O que está em terra boa são os que, tendo ouvido a Palavra com coração nobre e generoso, conservam-na e produzem fruto pela perseverança.

A interpretação que Jesus deu à Parábola do Semeador indica, primeiramente, ser necessário analisarmos o significado espiritual de cada símbolo expresso, como o faz a Doutrina Espírita. A interpretação espiritual tem o poder de libertar o crente dos dogmas, dos “pontos de vista”, de buscar a essência da Palavra de Deus que, conhecida e vivenciada, nos transforma em pessoas melhores.

Foi nesse roteiro que o Divino Semeador pautou o ministério da luz, iniciando a celeste missão do auxílio entre humildes tratadores de animais e continuando-a através dos amigos de Nazaré e dos doutores de Jerusalém, dos fariseus palavrosos e dos pescadores simples, dos justos e dos injustos, ricos e pobres, doentes do corpo e da alma, velhos e jovens, mulheres e crianças.

Segundo observamos, o semeador do Céu ausentou-se da grandeza a que se acolhe e veio até nós, espalhando as claridades da Revelação e aumentando-nos a visão e o discernimento.

Humilhou-se para que nos exaltássemos e confundiu-se com a sombra a fim de que a nossa luz pudesse brilhar, embora lhe fosse fácil fazer-se substituído por milhões de mensageiros, se desejasse.

Afastemo-nos, pois, das nossas inibições e aprendamos com o Cristo a “sair para semear”.¹⁵

14.3 COMO RECEBER E TRANSMITIR O ENSINAMENTO DE JESUS (LC 8:16 A 18)¹⁶

¹⁶Ninguém acende uma lâmpada para a cobrir com um recipiente, nem para colocá-la debaixo da cama; ao contrário, coloca-a num candelabro, para que aqueles que entram vejam a luz. ¹⁷Pois nada há de oculto que não se torne manifesto, e nada em segredo que não seja conhecido e venha à luz do dia. ¹⁸Cuidai, portanto, do modo como ouvis! Pois ao que tem, será dado; e ao que não tem, mesmo o que pensa ter, lhe será tirado”.

Jesus ensina, aqui, que os ensinamentos das Leis de Deus não devem ser jamais obscurecidos. Ao utilizar a alegoria de que a *lâmpada* é a representação da Palavra de Deus, assim como a semente, deve ser colocada no candelabro, a fim de que a sua luminosidade alcance a todos. Da mesma forma, o Mestre declara que tudo o que se encontra oculto será descoberto, cedo ou tarde. E nos alerta, ao final do texto registrado por *Lucas*: “*Cuidai, portanto, do modo como ouvis! Pois ao que tem, será dado; e ao que não tem, mesmo o que pensa ter, lhe será tirado.*” (Lc 8:18).

Em outras palavras, devemos ser cuidadosos sobre o que ouvimos, aprendemos e divulgamos. A prudência é a medida de segurança que a vigilância impõe, naturalmente. Assim, como cristãos, espíritas ou não, devemos ouvir e divulgar os preceitos obviamente, fugindo das interpretações literais ou de pontos de vista que podem cobri-los de sombras ou, mesmo, apagar sua luz divina. Esse alerta de Jesus se reveste de grande responsabilidade para todos nós.

A respeito, Joanna de Ângelis aconselha:

A grande saga de Jesus em Seu Evangelho é o poema de Amor que Ele cantou e viveu até o momento sublime das últimas instruções, após a inesquecível ressurreição.

Até hoje ninguém amou à Sua semelhança.

Basta-lhe a memória e vive-a no teu dia a dia.

Se sentires necessidade de chorar, faze-o, porém, cantando o hino incomparável das Bem-aventuranças, mediante o qual Ele modificou as leis existentes e inaugurou o período da sublime imortalidade.¹⁷

REFERÊNCIAS

- 1 FRANCO, Divaldo Pereira. *Até o fim dos tempos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 15, p. 99.
- 2 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 16. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 64.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 8:1-10, p. 1.801 e 1.802.
- 4 KEENER, Craig. S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. v. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo, SP: Vida Nova, 2017. cap. 8:1-3, it. As discípulas, p. 233.
- 5 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. cap. 8, p.103 e 104.
- 6 _____. _____. it. 8.2, p. 104.
- 7 _____. _____. it. 8.3, p. 104.
- 8 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15 imp. Brasília, DF: FEB: 2020. cap. 15.

- 9 _____ . *Ceifa de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 2. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2019, cap. 51.
- 10 VINÍCIUS (Pedro de Camargo). *Nas pegadas do mestre*. 12. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2015. cap. *O semeador*.
- 11 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 7.
- 12 VINÍCIUS (Pedro de Camargo). *Nas pegadas do mestre*. 12. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2015. cap. *O semeador*.
- 13 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 17, it. 6.
- 14 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 8:11-15, p. 1.802.
- 15 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 16. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 64
- 16 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 8:16-18, p. 1.802.
- 17 FRANCO, Divaldo Pereira. *Momentos de sublimação*. Pelos Espíritos Vianna de Carvalho e Joanna de Ângelis. 1. ed. Salvador, BA: LEAL, 2018. cap. 30 – *Sublimidade do amor* [Joanna de Ângelis], p. 234.

OS VERDADEIROS PARENTES DE JESUS

A TEMPESTADE ACALMADA. O ENDEMONIADO GERASENO (LC 8:19 A 39)

Temos aqui, três episódios que ainda são considerados desafiantes para muitos estudiosos e cristãos, em geral:

Pensar nas pessoas da mesma religião como irmãos e irmãs era normal; respeitar os mais velhos como se fossem pai ou mãe, também. No entanto, permitir que as relações com pessoas que não eram do mesmo sangue fossem mais importantes que as da própria família era uma ideia que soaria culturalmente ofensiva.

[...]

Algumas histórias antigas [mitológicas] narravam os feitos de personagens capazes de dominar até mesmo as forças da natureza, mas eles eram quase sempre *deuses*, ou, mais raramente, heróis do passado distante. Na tradição judaica, quem dominava os ventos e o mar era o próprio Deus (Sl 107:29), embora alguns homens santos tivessem fama de ser capazes de persuadir Deus a enviar chuva. Portanto, a surpresa dos discípulos diante do poder de Jesus é fácil de entender.

[...]

A força que o endemoniado demonstra é equivalente ao à que consta em relatos de possessão espiritual em diferentes culturas atuais.¹

15.1 OS VERDADEIROS PARENTES DE JESUS (LC 8:19 A 21)²

¹⁹Sua mãe e seus irmãos chegaram até ele, mas não podiam abordá-lo por causa da multidão. ²⁰Avisaram-no então: “Tua mãe e teus irmãos estão lá fora, querendo te ver”. ²¹Mas ele respondeu: “Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática”.

O texto traz a questão controversa debatida entre católicos e protestantes: Jesus teve irmãos? A Igreja Católica defende a tese de que Maria era

virgem antes e após o nascimento de Jesus; a igreja reformada não apoia essa possibilidade. O certo, porém, é que, não somente *Lucas* faz referência aos irmãos de Jesus, mas também *Mateus*, 12:46 a 50 e *Marcos*, 3:31 a 35. Consta, inclusive, em *Mateus*, 13:55 e 56, até o nome da sua mãe e o dos irmãos. Há também, referências a irmãs de Jesus: *Não é ele o filho do carpinteiro? Não se chama a mãe dele Maria e os seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? E as suas irmãs não vivem todas entre nós? Donde então lhe vêm todas essas coisas?*

A questão da identidade dos irmãos de Jesus (v. 19, 20) é debatido com frequência. Quem eram eles? Teólogos católicos romanos, no seu desejo de salvar a doutrina (não bíblica) da virgindade perpétua de Maria, os consideram ou filhos de um casamento anterior de José, ou primos de Jesus. Mas parece não haver razão para não interpretar essas palavras no seu sentido natural, como o fez Tertuliano, e assim admitir que foram filhos que nasceram mais tarde a José e a Maria.³

O Espiritismo considera o assunto como secundário ou periférico, visto que a orientação espírita sempre procura focar os ensinamentos de Jesus. A suposição de que Jesus tivesse irmãos fora anteriormente sugerida por *Lucas*, quando, ao registrar o nascimento do Cristo, o evangelista insere a palavra *primogênito* no seguinte texto evangélico: *Também José subiu da cidade de Nazaré, na Galileia, para a Judeia, à cidade de Davi, chamada Belém, por ser da casa e da família de Davi, para se inscrever com Maria, desposada por ele, que estava grávida. Enquanto lá estavam, completaram-se os dias para o parto, e ela (deu à luz seu filho primogênito, envolveu-o com faixas e reclinou-o numa manjedoura, porque não havia um lugar para eles na sala).* (Lc 2:4 a 7).

A palavra *primogênito* transmite a ideia do nascimento do primeiro filho, e, considerando que o evangelista *Lucas* era pesquisador nato, não foi por acaso que ele destaca o fato. Essa e outras referências são utilizadas pelo pesquisador espírita Hermínio Correia de Miranda (1920–2013), que faz as seguintes argumentações:

A despeito dos esforços da tradição ortodoxa, prevalece, hoje, a convicção de que Jesus teve mesmo irmãos e irmãs, um dos poucos aspectos da sua vida, aliás, sobre o qual a evidência é relativamente abundante e conclusiva em face do pouco que se sabe da sua biografia pessoal.

Disso temos notícia logo no início do texto de *Lucas* [Lc 2:4 a 7], o evangelista por excelência da natividade, pois foi o que mais se estendeu sobre o assunto.

[...]

É lícito concluir-se, portanto, que não havia, ao tempo de *Lucas*, a tradição de que Jesus fosse filho único. De qualquer maneira, o emprego do termo

“primogênito”, em lugar de “unigênito”, deixa bem claro que *Lucas* não pretendeu “apresentar Jesus como filho único de Maria”.

Aliás, mesmo preservando-se a ideia de que, até o nascimento de Jesus, o casamento [de Maria e José] não se consumara, prevalece em *Mateus* (1:25) a implícita informação de que, após o parto, o relacionamento do casal foi normal, do que poderiam ter resultado outros filhos.

[...]

Ademais, tanto os sinóticos como o quarto Evangelho [de *João*] mencionam, livremente e sem hesitações ou subterfúgios, os irmãos de Jesus. [...].⁴

15.2 A TEMPESTADE ACALMADA (LC 8:22 A 25)⁵

²²Certo dia, ele subiu a um barco com os discípulos e disse-lhes: “Passemos à outra margem do lago”. E fizeram-se ao largo. ²³Enquanto navegavam, ele adormeceu. Desabou então uma tempestade de vento no lago; o barco se enchia de água e eles corriam perigo. ²⁴Aproximando-se dele, despertaram-no dizendo: “Mestre, Mestre, perecemos!” Ele, porém, levantando-se, conjurou severamente o vento e o tumulto das ondas; apaziguaram-se e houve bonança. ²⁵Disse-lhes então: “Onde está a vossa fé?” Com medo e espantados, eles diziam entre si: “Quem é esse, que manda até nos ventos e nas ondas, e eles lhe obedecem?”.

Allan Kardec faz alguns comentários em relação a essa passagem evangélica:

Ainda não conhecemos bastante os segredos da natureza para dizer se há ou não inteligências ocultas presidindo à ação dos elementos. Na hipótese de haver, o fenômeno em questão poderia ter resultado de um ato de autoridade sobre essas inteligências e provaria um poder que não é permitido a nenhum homem exercer.⁶

O certo é que Jesus não estava preocupado, destaca o Codificador: “Seja como for, o fato de Jesus dormir tranquilamente durante a tempestade, atesta, de sua parte, uma segurança que só se pode explicar pela circunstância de que seu Espírito não via haver perigo algum, e que a tempestade ia se acalmar”.⁶

Cairbar Schutel pondera, por sua vez:

A autoridade de Jesus é verdadeiramente universal.

Espírito Superior que preside os destinos do nosso planeta, conhece-lhe a natureza, bem como a atmosfera que o circunscreve, assim como os Espíritos que atuam nos elementos; é sabedor, portanto, de que todos os fenômenos sísmicos e atmosféricos são dirigidos por seres inteligentes encarregados das manifestações da Natureza.

O Mestre, contemplando o temporal que se desencadeara no mar da Galileia, deliberou fazê-lo cessar, a rogo de seus discípulos, e, para que estes não

perigassem, ordenou que o mar se acalmasse e os ventos não prosseguissem na sua faina destruidora!

Está claro que Jesus não se dirigiu ao mar e aos ventos, mas, sim, aos Espíritos que agitavam a atmosfera e encapelavam as águas. O vento e o mar não poderiam compreender, para obedecer às ordens do Mestre. Esses fenômenos obedecem sempre a uma causa, e Jesus, atuando sobre a causa, fez cessar o efeito!⁷

Após acalmar o furor dos ventos e das águas no Lago de Genesaré, Jesus dirige aos discípulos a pergunta que nos cala fundo, passados tantos séculos: “Disse-lhes então: ‘Onde está a vossa fé?’” (Lc 8:25). Emmanuel reflete a respeito quando considera na mensagem *Tempo de confiança*:

Onde está a vossa fé?

O quadro sugere ponderações de vasto alcance. A interrogação de Jesus indica claramente a necessidade de manutenção da confiança, quando tudo parece obscuro e perdido. Em tais circunstâncias, surge a ocasião da fé, no tempo que lhe é próprio.

[...]

Na atualidade dolorosa, inúmeros companheiros invocam a cooperação direta do Cristo. E o socorro vem sempre, porque é infinita a misericórdia celestial, mas, vencida a dificuldade, esperem a indagação:

— Onde está a vossa fé?

E outros obstáculos sobrevirão, até que o discípulo aprenda a dominar-se, a educar-se e a vencer, serenamente, com as lições recebidas.⁸

Amélia Rodrigues convida-nos a correlacionar as tempestades da vida com a que ocorreu no mar da Galileia:

Recordando a tempestade do mar da Galileia, merece que examinemos o mar da nossa alma e a tormenta das paixões que nos açoitam com frequência inesperada, intempestivamente, enquanto o Cristo, que deveríamos trazer internamente, jaz adormecido sem que as nossas ações o despertem.⁹

Podemos, então, concluir, que perante as tempestades da vida somos nós quem dormimos, efetivamente. Não o Cristo!

15.3 O ENDEMONIADO GERASENO (LC 8:26 A 39)¹⁰

²⁶Navegaram em direção à região dos gerasenos, que está do lado contrário da Galileia. ²⁷Ao pisarem terra firme, veio ao seu encontro um homem da cidade, possesso de demônios.

Havia muito que andava sem roupas e não habitava em casa alguma, mas em sepulturas.

²⁸Logo que viu a Jesus começou a gritar, caiu-lhe aos pés e disse em alta voz: “Que queres de mim, Jesus, filho do Deus Altíssimo? Peço-te que não me atormentes”. ²⁹Jesus, com efeito, ordenava ao espírito impuro que saísse do homem, pois se apossava dele com frequência. Para guardá-lo, prendiam-no com grilhões e algemas, mas ele arrebatava as correntes e era impelido pelo demônio para os lugares desertos. ³⁰Jesus perguntou-lhe: “Qual é o teu nome?” — “Legião”, respondeu, porque muitos demônios haviam entrado nele. ³¹E rogavam-lhe que não os mandasse ir para o abismo.

³²Ora, havia ali, pastando na montanha, numerosa manada de porcos. Os demônios rogavam que Jesus lhes permitisse entrar nos porcos. E ele o permitiu. ³³Os demônios então saíram do homem, entraram nos porcos, e a manada se arrojou pelo precipício, dentro do lago, e se afogou.

³⁴Vendo o acontecido, os que apascentavam os porcos fugiram, contando o fato na cidade e pelos campos. ³⁵As pessoas então saíram para ver o que acontecera. Foram até Jesus e encontraram o homem, do qual haviam saído os demônios, sentado aos pés de Jesus, vestido e em são juízo. E ficaram com medo. ³⁶As testemunhas então contaram-lhes como fora salvo o endemoninhado. ³⁷E toda a população do território dos gerasenos pediu que Jesus se retirasse, porque estavam com muito medo. E ele, tomando o barco, voltou. ³⁸O homem do qual haviam saído os demônios pediu para ficar com ele; Jesus, porém, o despediu, dizendo: ³⁹“Volta para tua casa e conta tudo o que Deus fez por ti”. E ele se foi proclamando pela cidade inteira tudo o que Jesus havia feito em seu favor.

Jesus e alguns discípulos atracam à margem oposta à Galileia, na terra habitada pelos *gerasenos*, também conhecidos como *gadarenos* e, ainda, por *gergesenos*, “habitantes naturais de Gadara, que Josefo diz ser a metrópole de Pereia, cidade grega opulenta e rica [...]. Eusébio disse que ela estava situada a oriente do Jordão, quase defronte de Tiberíades e de Citópolis [...], defronte de Magdala”.¹¹ Gadara fazia parte de um conjunto de dez cidades, denominado *Decápolis*, situado além do Jordão (Transjordânia), habitadas por gregos, onde desenvolviam intenso comércio, sobretudo entre Damasco e a Arábia.¹² Os gadarenos eram, portanto, judeus de ascendência grega, considerados, sob certos aspectos religiosos, gentios.

O relato de *Lucas* descreve o domínio espiritual nomeado pelo Espiritismo como *obsessão*. Isto é, “[...] o domínio que alguns Espíritos exercem sobre certas pessoas. É praticada unicamente pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar, pois os Espíritos bons não impõem nenhum constrangimento”.¹³ No texto evangélico há, porém, um agravante: a obsessão era provocada não só por um, mas por vários Espíritos, que a vítima denominou de *legião*.

Obsessão é uma grave enfermidade espiritual, que resulta em grandes sofrimentos psíquicos. Jesus não tinha a menor dificuldade para libertar os oprimidos do cativeiro espiritual em que viviam, como o fizera em tantas outras ocasiões: “[...] A imensa superioridade do Cristo lhe dava tal autoridade sobre os Espíritos imperfeitos, então chamados *demônios*, que bastava a Ele ordenar que se retirassem para que se vissem obrigados a não resistir a essa ordem formal”.¹⁴

A *obsessão* é um *processo* que envolve a ação persistente de um Espírito perseguidor (ou perseguidores), o *obsessor*; e também do indivíduo, denominado *obsidiado*, que é submetido a jugo obsidiante:

A obsessão apresenta características diversas, que é preciso distinguir e que resultam do grau do constrangimento e da natureza dos efeitos que produz. A palavra obsessão é, de certo modo, um termo genérico, pelo qual se designa esta espécie de fenômeno, cujas principais variedades são: a *obsessão simples*, a *fascinação* e a *subjugação*.¹⁴

Na *obsessão simples*, o obsessor interfere na vida do obsidiado, episodicamente. Provoca constrangimentos de maior ou menor gravidade. Entretanto, a pessoa que se acha sob essa influência obsidiante tem consciência da ação externa de um ou de mais Espíritos que procuram, a todo custo, administrá-la.¹⁵ Na *fascinação*, a ação obsessiva é mais contínua e intensa. O obsessor atua diretamente na mente do obsidiado, interferindo na capacidade pensante, a ponto de paralisar a sua capacidade de julgamento. A pessoa fascinada não acredita que esteja sendo enganada ou sob o domínio de Espíritos. Aí é que reside o grande perigo da fascinação: o obsessor conhece os pontos fracos e positivos da pessoa que persegue, e, por meio de artimanhas, consegue provocar-lhe ilusões ou distorções da verdade que o obsidiado acredita cegamente.¹⁶ Na *subjugação*, conhecida no passado e, nos textos religiosos como *possessão*, a situação já é gravíssima por se tratar de “[...] uma opressão que paralisa a vontade daquela que a sofre e o faz agir contra a sua vontade. Numa palavra, o paciente fica sob um verdadeiro *jugo*”.¹⁷

Há muitas causas relacionadas à instalação do processo obsessivo, mas todas elas não se justificam, pois estão fundamentadas na incapacidade de perdoar, em alimentar mágoas e vingança, permitindo, assim, o triunfo do mal. Há outro ponto, não menos importante, que merece ser destacado: os obsessores são Espíritos que possuem um certo grau de conhecimento, inteligência e outras habilidades que utilizam para a prática do mal. Em geral, revelam pouco escrúpulo, sabem utilizar falsas alegações, argumentações e

contra-argumentações para confundir e perturbar não só os que se encontram sob o seu jugo, mas, também, pessoas incautas e ingênuas.

Emmanuel destaca, na mensagem que se segue, a hipocrisia do obsessivo quando se vê frente a frente com o Mestre Nazareno: “Logo que viu a Jesus começou a gritar, caiu-lhe aos pés e disse em alta voz: ‘Que queres de mim, Jesus, filho do Deus Altíssimo? Peço-te que não me atormentes’” (Lc 8:28).

O caso do Espírito perturbado que sentiu a aproximação de Jesus, recebendo-lhe a presença com furiosas indagações, apresenta muitos aspectos dignos de estudo.

A circunstância de suplicar ao Divino Mestre que não o atormentasse requer muita atenção por parte dos discípulos sinceros.

Quem poderá supor o Cristo capaz de infligir tormentos a quem quer que seja? E, no caso, trata-se de uma entidade ignorante e perversa que, nos íntimos desvários, muito já padecia por si mesma. A vizinhança do Mestre, contudo, trazia-lhe clareza suficiente para contemplar o martírio da própria consciência, atolada num pântano de crimes e defecções tenebrosas. A luz castigava-lhe as trevas interiores e revelava-lhe a nudez dolorosa e digna de comiseração.¹⁸

Saber lidar com Espíritos obsessores é tarefa desafiante, sobretudo em se tratando de obsessão provocada por vários obsessores. Requer de quem se dispõe a auxiliar um certo grau de conhecimento, sobretudo o espírita; autocontrole emocional, paciência e fé nos Espíritos benfeitores, condições essas, que devem estar associadas à firme vontade de fazer o bem. É importante que exista alguma ascensão moral sobre o perseguidor e o perseguido. Diante desse panorama, Emmanuel transmite-nos algumas orientações, as quais foram dispostas na Introdução da obra *Desobsessão*, transmitida por André Luiz, psicografia de Chico Xavier e Waldo Vieira:

*“E perguntou-lhe Jesus, dizendo: ‘Qual é o teu nome?’
E Ele disse: ‘Legião’, porque tinham entrado nele muitos demônios.” (Lucas, 8:30.)*

Atendendo ao trabalho da desobsessão nos arredores de Gadara, vemos Jesus a conversar fraternalmente com o obsessivo que lhe era apresentado, ao mesmo tempo que se fazia ouvido pelos desencarnados infelizes.

Importante verificar que ante a interrogativa do Mestre, a perguntar-lhe o nome, o médium, consciente da pressão que sofria por parte das Inteligências conturbadas e errantes, informa chamar-se “Legião”, e o evangelista acrescenta que o obsidiado assim procedia *porque tinham entrado nele muitos demônios*. Sabemos hoje com Allan Kardec, conforme palavras textuais do Codificador da Doutrina Espírita, no item 6 do capítulo 12 “Amai os vossos inimigos”, de

O evangelho segundo o espiritismo, que “esses demônios mais não são do que as almas dos homens perversos, que ainda se não despojaram dos instintos materiais”.

No episódio, observamos o Cristo entendendo-se, de maneira simultânea, com o médium e com as entidades comunicantes, na benemérita empresa do esclarecimento coletivo, ensinando-nos que a desobsessão não é caça a fenômeno, e sim trabalho paciente do amor conjugado ao conhecimento e do raciocínio associado à fé.

Seja no caso de mera influência ou nas ocorrências da possessão profunda, a mente medianímica permanece jugulada por pensamentos estranhos a ela mesma, em processos de hipnose de que apenas gradativamente se livrará. Daí ressalta o imperativo de se vulgarizar a assistência sistemática aos desencarnados prisioneiros da insatisfação ou da angústia, por intermédio das equipes de companheiros consagrados aos serviços dessa ordem que, aliás, demandam paciência e compreensão análogas às que caracterizam os enfermeiros dedicados ao socorro dos irmãos segregados nos meandros da psicose, portas a dentro dos estabelecimentos de cura mental.¹⁹

Na conclusão desse estudo, não poderíamos deixar de comentar, ainda que brevemente, as citações destes versículos: *Ora, havia ali, pastando na montanha, numerosa manada de porcos. Os demônios rogavam que Jesus lhes permitisse entrar nos porcos. E ele o permitiu. Os demônios então saíram do homem, entraram nos porcos e a manada se arrojou pelo precipício, dentro do lago, e se afogou.* (Lc 8:32 e 33). É humanamente impossível que o Cristo, todo amor, piedade e bondade, pudesse atender o pedido de Espíritos obsessores para que transferissem os domínios aos porcos que por ali se encontravam, conduzindo os animais à morte.

Allan Kardec também pondera a respeito:

O fato de alguns Espíritos maus terem sido mandados meter-se em corpos de porcos, é contrário a todas as probabilidades. Aliás, seria difícil explicar a existência de tão numeroso rebanho de porcos num país onde esse animal inspirava horror e não oferecia nenhuma utilidade para a alimentação. Não é por ser mau que um Espírito deixa de ser um Espírito humano, embora tão imperfeito que continue a fazer o mal, depois de desencarnar, como o fazia antes, e é contrário a todas as leis da natureza que ele possa animar o corpo de um animal. É preciso, pois, ver nesse fato a existência de um desses exageros tão comuns nos tempos de ignorância e de superstição; ou, talvez, uma alegoria destinada a caracterizar os pendores imundos de certos Espíritos.²⁰

REFERÊNCIAS

- 1 KEENER, Craig. S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. v. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo, SP: Vida Nova, 2017. it. 8:19-21; 8:22-25 e 8:26-39, p. 234 e 235.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl, 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 8:19-21, p. 1.802.
- 3 BRUCE, Frederick Fyvie. *Comentário bíblico NVI: antigo e novo testamentos*. Trad. Valdemar Kroker. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Vida, 2012. it. 10. O protesto da família (8:19-21), p. 1.146.
- 4 MIRANDA, Hermínio C. *Cristianismo: a mensagem esquecida*. 1. ed. Matão, SP: O Clarim, 1988. cap. 3, it. 5, p. 54 e 55.
- 5 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 8:22-25, p. 1.802.
- 6 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 15, it. 46.
- 7 SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e ensinios de Jesus*. 28. ed. Matão, SP: O Clarim, 2016. 2ª pt., cap. *A tempestade acalmada*, p. 236 e 237.
- 8 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 40.
- 9 FRANCO, Divaldo Pereira. *Luz do mundo*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 2. ed. Salvador, BA: LEAL, 1989. cap.6, p. 43 e 44.
- 10 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019, *Evangelho segundo Lucas*, 8:26-39, p. 1.802 e 1.803.
- 11 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J.R. Carvalho Braga. São Paulo, SP: Hagnos, 2005. verbete: Gerasenos, gadarenos, p. 520 e 521.
- 12 _____. _____. verbete: Decápolis, p. 322.
- 13 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 6. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. 2ª pt., cap. 23, it. 237.
- 14 _____. *A gênese*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 15, it. 33.
- 15 _____. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 6. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. 2ª pt., cap. 23, it. 238.

- 16 _____. _____. it. 239.
- 17 _____. _____. it. 240.
- 18 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 19.
- 19 XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Desobsessão*. Pelo Espírito André Luiz. 28. ed. 12. imp. Brasília, DF: FEB, 2017. *Um livro diferente* [introdução de Emmanuel].
- 20 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 15, it. 34.

CURA DE UMA HEMORROÍSSA. A RESSURREIÇÃO DA FILHA DE JAIRO (LC 8:40 A 56)

Após sair da terra dos genezarenos, Jesus prossegue em Seu Ministério Divino de anunciar o advento do Reino de Deus; continua a atualizar a interpretação das Leis de Deus; e a realizar curas e outros tantos feitos considerados milagrosos, como a ressurreição de alguém considerado morto: Jesus retornara ao seu ponto de partida (v. 22), provavelmente nas circunvizinhanças de Cafarnaum.¹

Cafarnaum (no hebraico, *aldeia de Naum* ou de *consolação*) — nome de uma cidade, a noroeste do mar da Galileia, na região de Zebulon e Naftali, Mt 4:13-16, cf. Lc 4:31; Jo 6:17-24. Era um centro de cobrança de impostos, Mc 2:1,14 e posto militar do império romano, Mt 8:5-13; Lc 7:1-10. No princípio do seu ministério, Jesus Cristo se mudou de Nazaré para Cafarnaum onde centralizou suas operações miraculosas, a ponto de vir a chamar-se a sua cidade, Mt 9:1, cf. 2:1. [...]. Foi nessa cidade que Jesus chamou para o apostolado Mateus ou Levi, quando esse se achava sentado à mesa de cobrança, Mt (9:9-13, Mc 11:14-17; Lc 5:27-32; cf Mt 17:24. Não obstante os ensinamentos e milagres de Jesus, o povo não se arrependeu nem lhe deu crédito, pelo que Jesus predisse a sua total ruína, Mt 11:23,24; Lc 10:15. [...].²

16.1 CURA DE UMA HEMORROÍSSA (LC 8:40 A 48)³

⁴⁰Ao voltar, Jesus foi acolhido pela multidão, pois todos o esperavam. ⁴¹Chegou então um homem chamado Jairo, chefe da sinagoga. Caindo aos pés de Jesus, rogava-lhe que entrasse em sua casa, ⁴²porque sua filha única, de mais ou menos doze anos, estava à morte. Enquanto ele se encaminhava para lá, as multidões se aglomeravam a ponto de sufocá-lo.

⁴³Certa mulher, porém, que sofria de um fluxo de sangue, fazia doze anos, e que ninguém pudera curar, ⁴⁴aproximou-se por detrás e tocou a extremidade de sua veste; no mesmo instante, o fluxo de sangue parou. ⁴⁵E Jesus perguntou: “Quem me tocou?”. Como todos negassem, Pedro disse: “Mestre, a multidão te

comprime e te esmaga”.⁴⁶ Jesus insistiu: “Alguém me tocou; eu senti que uma força saía de mim”.⁴⁷ A mulher, vendo que não podia se ocultar, veio tremendo, caiu-lhe aos pés e declarou diante de todos por que razão o tocara, e como ficara instantaneamente curada.⁴⁸ Ele disse: “Minha filha, tua fé te salvou; vai em paz”.

Esse item inicia-se com o acolhimento de Jesus pela multidão em Cafarnaum, destacando-se que, entre as pessoas presentes, um chefe da sinagoga local, que implora a Jesus curar a sua única filha que se encontrava à beira da morte. No caminho para a casa da enferma, uma mulher, no meio da multidão, toca a extremidade das vestes de Jesus, e uma cura, também relatada por *Mateus*, 9:18 a 26 e *Marcos*, 5:21 a 43, acontece espontaneamente.

A cura da mulher hemorroíssa é uma história que reflete vergonha e tristeza, mas também demonstração de fé por parte de uma pessoa portadora de enfermidade crônica (havia doze anos): “[...] Refere-se a alguma constante e frequente perda de sangue, como hemorragia vaginal ou retal, daquela mulher. A condição pode ser provocada por distúrbios hormonais ou por algum tumor. Esse tumor pode ser de caráter maligno ou benigno”.⁴

Independentemente das causas geradoras da hemorragia, aquela mulher vivia em permanente estado de infelicidade: era considerada impura e, em consequência, deveria viver afastada do contato social, inclusive dos seus familiares. Nessas condições, ela estava impossibilitada de pedir auxílio diretamente a Jesus ou de se manifestar publicamente, como o fizera Jairo, o chefe da sinagoga. Contudo, movida por profunda fé em Jesus, ela acreditou que, se apenas tocasse de leve as vestes do Senhor, ela estaria curada e livre para retomar o convívio social. Aliás, a vida em sociedade da mulher é um traçado histórico de desafios permanentes, em que se destacam credices e processos de subalternidade. A menstruação, por exemplo, que é manifestação biológica natural, necessária até, era considerada um sinal de impureza pela rigorosa interpretação religiosa, algo que Jesus combatia continuamente.

A enfermidade dessa mulher era vista como uma menstruação que durava o mês inteiro [e todos os meses, havia 12 anos]. De acordo com a Lei, tal doença a tornava constantemente impura (Lv 15:19-33) — além do problema físico, havia o problema social. Na cultura judaica da época, casar-se era praticamente uma necessidade para uma mulher sem recursos; provavelmente ela não estava casada nesse momento (se é que já havia sido), pois era contrário à Lei um homem ter relações com alguém em tal condição. [...].⁵

Havia outros agravantes impostos pela interpretação literal da lei de Moisés, quanto ao período menstrual, e, mais especificamente quando

se considera as condições apresentadas pela enferma que, efetivamente, arriscou-me muito: “Se a [menstruada] tocasse em alguém ou mesmo nas vestes de uma pessoa, quem fosse tocado ficaria cerimonialmente impuro pelo restante do dia (cf. Lv 15:26-27). Assim, ela não deveria estar sequer no meio daquela multidão. [...]”⁶ E não só as pessoas tocadas pela mulher menstruada tornavam-se impuras: “Se ela tocasse em algum objeto ou se sentasse sobre alguma coisa, esse objeto seria considerado impuro, e quem se encostasse nele também era considerado impuro (Lv 15:19-24)”⁷

Sendo assim, Jesus não só curou espontaneamente uma doença física, mas, por acréscimo de misericórdia, reintegrou aquela sofredora à vida em sociedade, como merecidamente lhe cabia, com ou sem enfermidade. O apelo do bem sempre tem ressonância, como esclarece Allan Kardec:

Estas palavras: *conhecendo em si mesmo a virtude que dele havia saído*, são significativas. Expressam o movimento fluídico que se operava de Jesus para a doente; ambos experimentaram a ação que acabara de produzir-se. É de notar-se que o efeito não foi provocado por nenhum ato da vontade de Jesus; não houve magnetização nem imposição das mãos. Bastou a irradiação fluídica normal para realizar a cura.

Mas por que essa irradiação se dirigiu para aquela mulher e não para outras pessoas, uma vez que Jesus não pensava nela e estava cercado pela multidão? A razão é bem simples. Considerado como matéria terapêutica, o fluido tem que atingir a desordem orgânica, a fim de repará-la; pode então ser dirigido sobre o mal pela vontade do curador, ou atraído pelo desejo ardente, pela confiança, pela fé do doente, em suma. Com relação à corrente fluídica, o primeiro age como uma bomba premente, e o segundo como uma bomba aspirante. Algumas vezes, é necessária a simultaneidade das duas ações; de outras, basta uma só. O segundo caso foi o que ocorreu no fato de que tratamos.

Jesus tinha, pois, razão para dizer: *Tua fé te salvou*. [...].⁸

Amélia Rodrigues destaca o estado de ânimo e os pensamentos daquela infeliz mulher, pouco antes daquele momento inesquecível, que lhe proporcionou a cura e o reequilíbrio espiritual:

O *fluxo sanguíneo*, porém, não a deixava.

Via-se constrangida a esconder-se, ocultando a marca da sua desdita.

Tinha, agora, pela primeira vez, a oportunidade de falar com Ele.

Seu nome, Seus prodígios, conhecia-os através dos que, de Suas mãos, haviam recebido a saúde como doação máxima.

E Ele ali estava, a alguns passos.

[...]

Também ela estava entre os que O seguiam, a dois passos, tomada por ansiedade incomparável. Faltava-lhe coragem para falar-Lhe, tantos eram os ouvidos atentos. Conheciam-na, e as marcas da sua miséria orgânica denunciavam-lhe o *mal* que a fizera pusilânime em excesso. Vencida pela anemia, descarnada, até mesmo diante dos médicos sentia o constrangimento que lhe impunha a *doença*.

[...]

Em turbilhão mental aproximou-se emocionada, a medo.

Cria n'Ele. Sentia-O invadir-lhe o íntimo, como se todo Ele se desprendesse uma força ignota, miraculosa. Nos Seus olhos, no Seu porte, em todo Ele havia uma tão grande serenidade e grandeza! ...

[...]

Vencendo a agonia que a assaltava, com a visão turbada, num movimento irresistível, puxou-Lhe a fimbria dos vestidos, e... Oh! Ventura! O sangue estancara; [...].⁹

16.2 A RESSURREIÇÃO DA FILHA DE JAIRO (LC 8:49 A 56)¹⁰

⁴⁹Ele ainda falava, quando chegou alguém da casa do chefe da sinagoga e lhe disse: “Tua filha morreu; não perturbes mais o Mestre”. ⁵⁰Mas Jesus, que havia escutado, disse-lhe: “Não temas; crê somente, e ela será salva”. ⁵¹Ao chegar à casa, não deixou que entrassem consigo senão Pedro, João e Tiago, assim como o pai e a mãe da menina. ⁵²Todos choravam e batiam no peito por causa dela. Ele disse: “Não choreis! Ela não morreu; dorme”. ⁵³E caçoavam dele, pois sabiam que ela estava morta. ⁵⁴Ele, porém, tomando-lhe a mão, chamou-a dizendo: “Criança, levanta-te!”. ⁵⁵O espírito dela voltou e, no mesmo instante, ela ficou de pé. E ele mandou que lhe dessem de comer. ⁵⁶Seus pais ficaram espantados. Ele, porém, ordenou-lhes que a ninguém contassem o que acontecera.

Nem todos os religiosos apoiavam as críticas dirigidas a Jesus. Ao contrário, muitos acreditavam n'Ele, respeitavam-lhe os ensinamentos e o procurava sempre que necessário. É o caso de Jairo. Ele o ouvia e tinha fé no Senhor:¹¹ “[...] Tal fé em Cristo e os seus resultados, evidentes diante de todos os presentes, deixaram a multidão maravilhada. A maneira como Jairo foi a Jesus, em busca de ajuda somente n'Ele, tornou-se um claro exemplo de como todas as pessoas devem responder ao Cristo”.¹¹

Líder de uma sinagoga na região do mar da Galileia, é apresentado pelos evangelistas Marcos e Lucas como um homem de grande fé (Mc 5:22-23; 35-43. Lc 8:40-42; 49-56 e em Mt 9:18-19; 23-26, onde não é mencionado pelo nome). Existem pequenas variedades entre os relatos, mas a linha principal dos eventos é bem clara.

Jairo insistiu para que Jesus fosse à sua casa para ver a sua filha, que estava gravemente enferma. Cristo pôs-se a caminho, mas a sua jornada foi interrompida por uma mulher enferma que precisava de uma cura e por uma multidão que dificultava a sua caminhada. Antes que chegasse à casa do líder da sinagoga, alguns empregados vieram ao encontro de Jairo e de Jesus, com a notícia de que a menina havia morrido. Cristo respondeu: “Não temas: crê somente”. [...].¹²

Os estados de coma profundo e o de letargia podem, perfeitamente, simular a morte que, se não fora os recursos tecnológicos atuais, muitas pessoas seriam sepultadas ainda vivas (como ocorreu muito no passado). A morte só acontece quando o perispírito se desliga totalmente do corpo físico. E não era essa a situação da menina, filha de Jairo. Jesus percebeu, imediatamente, que ela estava viva, mesmo antes de vê-la, a despeito de seu corpo revelar condições similares às do estado de morte. Kardec esclarece melhor:

Em certos estados patológicos, em que o Espírito deixou o corpo, e o perispírito só se acha aderido a ele por meio de alguns pontos, o corpo apresenta todas as aparências da morte, de sorte que se enuncia uma verdade absoluta dizendo que a vida aí está por um fio. Tal estado pode durar mais ou menos tempo, podendo mesmo certas partes do corpo entrar em decomposição, sem que, no entanto, a vida se ache definitivamente extinta. Enquanto não está rompido o último fio, o Espírito pode, quer por uma ação enérgica da sua *própria* vontade, quer por um *influxo fluídico estranho, igualmente forte*, ser chamado de volta ao corpo. É como se explicam certos fatos de prolongamento da vida contra todas as probabilidades e algumas supostas ressurreições. É a planta a renascer, como às vezes acontece, de uma só fibrila da raiz. Quando, porém, as últimas moléculas do corpo fluídico já se destacaram do corpo carnal ou quando este último já chegou a um estado irreparável de degradação, o regresso à vida se torna impossível.¹³

A exortação de Jesus a Jairo simboliza uma grande lição que permanece atemporal: “Não temas: crê somente”. É o suficiente para a cura de todos os males que afligem a Humanidade, a despeito da zombaria das pessoas que nos cercam. E a fé não precisa ser grande, também ensinou Jesus em outra oportunidade, mas do *tamanho de um grão de mostarda* (Mt 17:20). Contudo a fé necessita ser exercitada diariamente, perante os pequenos e grandes desafios existenciais, como o desespero de um pai diante da morte de um ente querido. A filha de Jairo não estava morta, talvez bem próxima desta, mas o seu Espírito ainda permanecia ligado ao veículo físico. Daí a sentença de Jesus: “*Não choreis! Ela não morreu; dorme*”. (Lc 8:52).

Atualmente, mais do que nunca, precisamos nutrir a nossa fé, torná-la forte e produtiva. Devemos buscar mais a convivência de Jesus, trazê-lo mais para perto da nossa vida, como ensina Emmanuel:

Tua fé¹⁴

E Ele lhe disse: Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou; vai em paz. (Lucas, 8:48.)

É importante observar que o Divino Mestre, após o benefício dispensado, sempre se reporta ao prodígio da fé, patrimônio sublime daqueles que O procuram. Diversas vezes, ouvimo-Lo na expressiva afirmação: – “A tua fé te salvou”. Doentes do corpo e da alma, depois do alívio ou da cura, escutam a frase generosa. É que a vontade e a confiança do homem são poderosos fatores no desenvolvimento e iluminação da vida.

O navegante sem rumo e que em nada confia somente poderá atingir algum porto em virtude do jogo das forças sobre as quais se equilibra, desconhecendo, porém, de maneira absoluta, o que lhe possa ocorrer.

O enfermo, descrente da ação de todos os remédios, é o primeiro a trabalhar contra a própria segurança. O homem que se mostra desalentado em todas as coisas não deverá aguardar a cooperação útil de coisa alguma.

As almas vazias embalde reclamam o quinhão de felicidade que o mundo lhes deve. As negações em que perambulam transformam-nas, perante a vida, em zonas de amortecimento, quais isoladores em eletricidade. Passa corrente vitalizante, mas permanecem insensíveis.

Nos empreendimentos e necessidades de teu caminho, não te isoles nas posições negativas. Jesus pode tudo, teus amigos verdadeiros farão o possível por ti; contudo, nem o Mestre e nem os companheiros realizarão em sentido integral a felicidade que ambicionas, sem o concurso de tua fé, porque também tu és filho do mesmo Deus, com as mesmas possibilidades de elevação.

REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. it. 8:40, p. 111.
- 2 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo, SP: Hagnos, 2005. verbete: Cafarnaum, p. 204 e 205.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 8:40-48, p. 1.803.

- 4 CHAMPLIN, Russell Norman. *Novo dicionário bíblico Champlin*. Ampl. e atual. 1. ed. São Paulo, SP: Hagnos, 2018. it. 21, hemorragia, p. 539.
- 5 KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. v. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo, SP: Vida Nova, 2017. it. 8:43, p. 236.
- 6 _____. _____. it. 8:44-45, p. 236.
- 7 COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Trad. Miriam Talitha Lins. 2. ed. Curitiba, PR: Editora Betânia, 2017. verbete: Menstruação, p.126.
- 8 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 15, it. 11.
- 9 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador, BA: LEAL, 2001. cap.14, p. 153 e 154.
- 10 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 8:49-56, p. 1.803 e 1.804.
- 11 GARDNER, Paul. *Quem é quem na bíblia sagrada*. Trad. Josué Ribeiro. 1. ed. 24. imp. São Paulo, SP: Vida, 2005. verbete: Jairo, p. 297.
- 12 _____. _____. p. 296 e 297.
- 13 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 16, it. 30.
- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 113.

MISSÃO DOS DOZE

HERODES E JESUS. VOLTA DOS APÓSTOLOS E MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES. PROFISSÃO DE FÉ DE PEDRO. PRIMEIRO ANÚNCIO DA PAIXÃO. CONDIÇÕES PARA SEGUIR JESUS. A VINDA PRÓXIMA DO REINO (LC 9:1 A 27)

A subida cristã não está livre de desafios e sacrifícios. Ontem como hoje ainda sonhamos com a conquista do Reino dos Céus sem esforços e com escassa manifestação de amor a Deus e ao próximo, como nos recorda Irmão X (Humberto de Campos):

Desejávamos, Mestre, arrolar as edificações da fé, os serviços da esperança, os valores da caridade contudo, somos ainda muito poucos no setor de interesse pelos sonhos reveladores e pelas vozes do Céu. [...]

[...]

As estalagens do mundo estão ainda repletas de gente negociando bens transitórios e melhorando o inventário das posses exteriores. Os governos estão empenhados em orçamentos e tributos. Os crentes pousam molhos apressados em teu Evangelho de Redenção e repetem formulas verbais, como os judeus de outro tempo, que mastigavam a Lei sem diferi-la. [...].¹

As orientações de Jesus, entretanto, são claríssimas: sem o amor a Deus e ao próximo, que nos conduzem à vivência da Lei de Justiça, Amor e Caridade, nada acrescentaremos à nossa jornada evolutiva, permanecendo-nos estacionários em inúmeras reencarnações, até que os ventos da renovação espiritual nos alcance o entendimento, tal como aconteceu com os apóstolos e os discípulos sinceros de todas as épocas.

17.1 MISSÃO DOS DOZE. HERODES E JESUS (LC 9:1 A 9)²

¹Convocando os Doze, deu-lhes poder e autoridade sobre todos os demônios, bem como para curar doenças,² e enviou-os a proclamar o Reino de Deus e a curar.³E disse-lhes: “Não leveis para a viagem, nem bastão, nem alforje, nem pão, nem dinheiro; tampouco tenhais duas túnicas. ⁴Em qualquer casa em

que entrardes, permaneçei ali até vos retirardes do lugar. ⁵Quanto àqueles que não vos acolherem, ao sairdes da cidade sacudi a poeira de vossos pés em testemunho contra eles”. ⁶Eles então partiram, indo de povoado em povoado, anunciando a Boa Nova e operando curas por toda a parte. ⁷O tetrarca Herodes, porém, ouviu tudo o que se passava, e ficou muito perplexo por alguns dizerem: “É João que foi ressuscitado dos mortos” ⁸e outros: “É Elias que reapareceu” e outros ainda: “É um dos antigos profetas que ressuscitou”. ⁹Herodes, porém, disse: “A João, eu o mandei decapitar. Quem é esse, portanto, de quem ouço tais coisas?”. E queria vê-lo.

Temos aqui dois assuntos que, à primeira vista, não estão interligados: as instruções de como os discípulos deveriam agir na difusão do Evangelho, e as conjecturas de Herodes, o tetrarca, a respeito de quem seria, efetivamente, Jesus. Tanto um como o outro assunto estão relacionados às dificuldades de entendimento e de como superá-las: os apóstolos precisariam aprender a suportar a indiferença, descrença e perseguições quando estivessem anunciando o advento do Reino de Deus. Ao governador da Galileia, caber-lhe-ia renunciar à ambição pelo poder e ao apego pelas vantagens transitórias inerentes ao cargo que ocupava. Aquele momento fora, sim, decisivo na vida de ambos, dos Doze e do governador da Galileia. Eles poderiam perder o impulso evolutivo que se lhes manifestava oportunamente, por tropeçarem nos pequenos obstáculos e desafios existenciais, como assinala este pequeno trecho de um diálogo ocorrido entre Jesus e Filipe, registrado pelo Irmão X:

— Como reconheces, Filipe, não foi a claridade do alto que nos dificultou a marcha, e, sim, a pedrinha modesta do chão. O dia radioso nunca fez mal. Entretanto, muitas vezes, as questões pequeninas do mundo interrompem a viagem dos homens para Deus, Nosso Pai. Quase sempre, a fim de prosseguirmos na direção do dever elevado e soberano, nossa alma requisita a cooperação dos outros, tanto quanto os pés necessitam da sandália protetora nestes caminhos escabrosos... Toda dificuldade na ascensão reside nos problemas insignificantes da senda... Assim também, na caminhada humana, as questões mais ínfimas, se conduzidas pela imprudência, podem golpear duramente o coração. Observa o minuto de palestra, a opinião erradia, o gesto impensado... Podem converter-se em venenosas pedrinhas que cortam os pés, ameaçando-nos a estabilidade espiritual. Entendes, agora, a importância das bagatelas em nosso esforço diário?³

As instruções de Jesus aos seus discípulos diretos, inseridas no texto de *Lucas* (9:2 a 6), tinham como objetivo temperar-lhes o caráter para que não ocorressem desfalecimentos e fugas na difusão do Evangelho. Assim, curar os subjugados por obsessores — então designados “demônios” — e portadores de outras doenças (v. 2); optar pela simplicidade de vida, evitando

sobrecargas na viagem — bastão, alforje, pão, dinheiro e túnicas — (v. 3) e não se magoarem por não terem sido acolhidos em uma cidade ou comunidade (v. 5) indicam instruções básicas de sobrevivência, preparando-os para enfrentarem, mais tarde, os grandes desafios e testemunhos.

Cairbar Schutel faz outras considerações:

A primeira viagem evangélica que os doze fizeram, foi uma excursão preparatória, uma viagem de instrução que Jesus lhes fez empreender, para terem um exemplo do que seria depois sua vida pública no exercício do Apostolado. Essa excursão, pelo que se nos depara no Evangelho, foi rápida.

Premeditada por Jesus, que, certamente, lhes designara os lugares que deveriam visitar, e as casas em que deveriam hospedar-se, eles de nada teriam necessidade, pois seriam recebidos e obsequiados por amigos do Mestre, ou por pessoas de sua simpatia e que Dele, com certeza, teriam recebido benefícios.

[...]

Estas considerações são dignas de nota, para que não pareça que Jesus, ignorado e desconhecido de todos, mandasse aqui e ali seus discípulos, também desconhecidos de todos, a fazerem prodígios e se hospedarem na primeira casa que lhes aprouvesse.

[...]

Seja como for, devemos concluir que os doze Apóstolos eram médiuns de vários efeitos, do contrário não poderiam ser escolhidos por Jesus para produzirem fenômenos que só com o auxílio da mediunidade podem ser produzidos.

Quem será capaz de curar enfermos e expelir demônios sem ter mediunidade, desde que é por meio dessa faculdade que podem os Espíritos Superiores agir em benefício deste ou daquele?⁴

Obs.: Recomendamos a releitura do Livro III (*Estudo Interpretativo do Evangelho de Marcos*), deste programa de *O Evangelho Redivivo*, Tema 13, item 13.2, que fornece outros detalhes a respeito da missão dos doze apóstolos.

17.2 VOLTA DOS APÓSTOLOS E MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES (LC 9:10 A 17)⁵

¹⁰Ao voltarem, os apóstolos narraram-lhe tudo o que haviam feito. Tomou-os então consigo e retirou-se à parte, em direção a uma cidade chamada Betsaida.

¹¹As multidões, porém, percebendo isso, foram atrás dele. E, acolhendo-as, falou-lhes do Reino de Deus, e aos necessitados de cura restituiu a saúde. ¹²O dia começava a declinar. Aproximaram-se os Doze e disseram-lhe: “Despede a multidão, para que vão aos povoados e campos vizinhos procurar pousada

e alimento, pois estamos num lugar deserto”.¹³ Ele, porém, lhes disse: “Dai-lhes vós mesmos de comer”. Replicaram: “Não temos mais que cinco pães e dois peixes; a não ser que fôssemos comprar alimento para todo esse povo”.¹⁴ Com efeito, eram quase cinco mil homens. Ele, porém, disse a seus discípulos: “Fazei-os acomodar-se por grupos de uns cinquenta”.¹⁵ Assim fizeram, e todos se acomodaram.¹⁶ E tomando os cinco pães e os dois peixes, ele elevou os olhos para o céu, os abençoou, partiu-os e deu aos discípulos para que os distribuíssem à multidão.¹⁷ Todos comeram e ficaram saciados, e foi recolhido o que sobrou dos pedaços: doze cestos!

Depois de ouvir o relato da viagem realizada pelos apóstolos, Jesus foi para Betsaida (*do aramaico*, “casa de pesca” ou “casa do pescador”), acompanhado pelos discípulos e por multidões. Betsaida era aldeia situada às margens do mar da Galileia, no alto Jordão, construída por Filipe, um dos filhos de Herodes, o Grande. Foi a mesma cidade para onde Jesus se retirou quando soube da morte de João Batista. Tudo indica que o Mestre tomou o caminho do deserto, em oposição ao Lago de Genesaré (mar da Galileia),⁶ com o propósito de realizar mais um fenômeno extraordinário: a multiplicação dos pães e peixes, a fim de saciar a fome das inúmeras pessoas que o seguia. Craig Keener acrescenta outras informações:

De todo modo, a narrativa parece sugerir que Jesus levou a multidão para um lugar situado além de Betsaida. A região rural da Galileia era rica de vilarejos, mas Jesus se retirou com os seguidores para uma região a certa distância dos vilarejos mais próximos. Mesmo as cidades maiores não chegavam a três mil habitantes; alimentar a multidão nos vilarejos teria sido difícil (9:12). Betsaida era uma cidade conhecida e etnicamente diversificada; não ficava longe da região de Decápolis. Se avançassem mais no território de predomínio gentio, seria mais difícil contar com a hospitalidade dos habitantes da região.⁷

Perante tais informações, delineamos o panorama geral da situação: a noite aproximava-se, havia uma multidão faminta que seguia Jesus; os seguidores encontravam-se em uma região desértica, com o agravante de que não havia alimentos suficientes para todos, como bem relata o texto de *Lucas* (9:12 a 14):

O dia começava a declinar. Aproximaram-se os Doze e disseram-lhe: “Despede a multidão, para que vão aos povoados e campos vizinhos procurar pousada e alimento, pois estamos num lugar deserto”. Ele, porém, lhes disse: “Dai-lhes vós mesmos de comer”. Replicaram: “Não temos mais que cinco pães e dois peixes; a não ser que fôssemos comprar alimento para todo esse povo”. Com efeito, eram quase cinco mil homens.

Após ouvir esses relatos, Jesus procede como fizera anteriormente na região próxima à Magdala, em que alimentara grande número de pessoas:

multiplicação de pães e peixes. Em seguida, o Mestre Nazareno instrui os discípulos: *Ele, porém, disse a seus discípulos: “Fazei-os acomodar-se por grupos de uns cinquenta”. Assim fizeram, e todos se acomodaram* (Lc 9:14 e 15). E realiza a multiplicação do pães e peixes em quantidade suficiente, que não só saciou a fome de todos os presentes, como ainda sobraram vários cestos do alimento: *E tomando os cinco pães e os dois peixes, ele elevou os olhos para o céu, os abençoou, partiu-os e deu aos discípulos para que os distribuíssem à multidão. Todos comeram e ficaram saciados, e foi recolhido o que sobrou dos pedaços: doze cestos!* (Lc 9:16 e 17).

Essa passagem evangélica é rica de ensinamentos, dos quais destacamos dois: 1) Jesus ter, inicialmente, sugerido aos discípulos para eles, mesmos, alimentarem a multidão faminta; 2) o significado espírita da multiplicação dos pães e peixes.

Para esclarecer o primeiro item, recorremos a Emmanuel, que afirma:

Diante da multidão fatigada e faminta, Jesus recomenda aos apóstolos:

“— Dai-lhes vós de comer”.

A observação do Mestre é importante, quando realmente poderia Ele induzi-los a recriminar a multidão pela imprudência de uma jornada exaustiva até o monte, sem a garantia do farnel.

O Mestre desejou, porém, gravar no espírito dos aprendizes a consagração deles ao serviço popular.

Ensinou que aos cooperadores do Evangelho, perante a turba necessitada, compete tão somente um dever — o da prestação de auxílio desinteressado e fraternal.

Naquela hora do ensinamento inesquecível, a fome era naturalmente do corpo, vencido de cansaço, mas, ainda e sempre, vemos a multidão carente de amparo, dominada pela fome de luz e de harmonia, vergastada pelos invisíveis azorragues da discórdia e da incompreensão.

Os colaboradores de Jesus são chamados, não a obscurecê-la com o pessimismo, não a perturbá-la com a indisciplina ou a imobilizá-la com o desânimo, mas sim a nutri-la de esclarecimento e paz, fortaleza moral e sublime esperança.⁸

Quanto à interpretação espírita do chamado milagre da multiplicação dos pães e peixes, há duas possibilidades: a primeira é a de que não teria ocorrido, efetivamente, a materialização dos dois alimentos citados, e que Jesus teria transmitido os seus elevados fluidos e produzido a sensação de saciedade. A segunda hipótese seria a de que ocorreu a materialização de pães e peixes, independentemente do que, de fato, aconteceu, uma vez que Jesus poderia, perfeitamente, ter realizado ambas

as possibilidades. A condição de saciedade, encontra explicação nesta orientação de Allan Kardec:

[...] Para os Espíritos, o pensamento e a vontade são o que é a mão para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem àqueles fluidos tal ou qual direção, os aglomeram, combinam ou dispersam, organizando com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração determinadas; mudam-lhes as propriedades, como um químico muda a dos gases ou a de outros corpos, combinando-os segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da Vida Espiritual.

Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção; de outras, são produto de um pensamento inconsciente. Basta que o Espírito pense uma coisa para que esta se produza, como basta que module uma ária para que esta repercuta na atmosfera.⁹

A efetiva materialização dos pães e peixes encontra em Cairbar Schutel as seguintes explicações:

A “panificação do trigo”, sob as ordens e direção de Jesus Cristo, no deserto, não pode deixar de obedecer à lei da materialização dos corpos, tenham eles a natureza que tiverem, sejam de carne, de massa, de pedra.

O fenômeno da materialização tem como complemento o da desmaterialização, e se assenta justamente num princípio positivo proclamado pela ciência materialista, que é a existência, no Universo, da força e da matéria: *força e matéria são os princípios constitutivos do Universo*. Mas, como está mais que provado que a força e matéria não podem por si sós produzir fenômenos inteligentes, e todo o efeito inteligente deve forçosamente ter uma causa inteligente, o Espiritismo vem demonstrar a existência de Inteligências livres e individualizadas que presidem à direção da força e manipulam a matéria em suas múltiplas manifestações objetivas.¹⁰

E conclui as suas ideias com lucidez:

Encarando o fato pelo lado moral, poder-se-ia fazer dele uma parábola demonstrativa dos poderes de Jesus e das regalias que o Mestre oferece a quem desinteressadamente o segue.

[...]

Assim como o Mestre multiplicou, no deserto, os pães e os peixes, e saciou a multidão faminta, recolhendo-se ainda da sobra muitos cestos de pedaços de pães e de peixes, assim continuará Ele a fazer aos que buscarem a sua Palavra, aos que lhe obedecerem os preceitos, aos que tomarem vivo interesse pelo seu próprio progresso espiritual.

De duas naturezas eram os pães que Jesus ofertou à multidão, que, pressurosa, seguia seus passos: o pão para o corpo e o pão para a alma, o pão que sacia a fome do Espírito.¹¹

17.3 PROFISSÃO DE FÉ DE PEDRO. PRIMEIRO ANÚNCIO DA PAIXÃO (LC 9:18 A 22)¹²

¹⁸Certo dia, ele orava em particular, cercado dos discípulos, aos quais perguntou: “Quem sou eu, no dizer das multidões?” ¹⁹Eles responderam: “João Batista; outros, Elias; outros, porém, um dos antigos profetas que ressuscitou”. ²⁰Ele replicou: “E vós, quem dizeis que eu sou?”. Pedro então respondeu: “O Cristo de Deus”. ²¹Ele, porém, proibiu-lhes severamente de anunciar isso a alguém. ²²E disse: “É necessário que o Filho do Homem sofra muito, seja rejeitado pelos anciãos, chefes dos sacerdotes e escribas, seja morto e ressuscite ao terceiro dia”.

Em reunião com os discípulos, Jesus avalia que ideia as pessoas e os apóstolos tinham a Seu respeito. Não chega a ser surpresa o povo supor que Ele poderia ser um dos grandes profetas, como Elias. Já imaginar que poderia ser João Batista demonstrava falta de discernimento, uma vez que ambos foram contemporâneos e eram parentes. Emmanuel pondera a respeito da indagação do Mestre e Senhor dirigida aos membros do colégio apostolar: “*E perguntou-lhes: ‘E vós, quem dizeis que eu sou?’.*” (Lucas, 9:20):

Nas discussões propriamente do mundo, existirão sempre escritores e cientistas dispostos a examinar o Mestre, na pauta de suas impressões puramente intelectuais, sob os pruridos da presunção humana.

[...]

Entretanto, na intimidade dos aprendizes sinceros e fiéis, a pergunta de Jesus reveste-se de singular importância.

Cada um de nós deve possuir opiniões próprias, relativamente à sabedoria e à misericórdia com que temos sido agraciados.

Palestras vãs, acerca do Cristo, quadram bem apenas a espíritos desarvorados no caminho da vida. A nós outros, porém, compete o testemunho da intimidade com o Senhor, porque somos usufrutuários diretos de sua infinita bondade. Meditemos e renovemos aspirações em seu Evangelho de Amor, compreendendo a impropriedade de mútuas interpelações, com respeito ao Mestre, porque a interrogação sublime vem d’Ele a cada um de nós e todos necessitamos conhecê-lo, de modo a assinalá-lo em nossas tarefas de cada dia.¹³

Mas o que surpreende, verdadeiramente, é a inspirada resposta de Pedro que declara, mediunicamente, que Jesus era o Messias aguardado pelo povo judeu, quando afirma: *Pedro então respondeu: “O Cristo de Deus”.* (Lc 9:20). Essa resposta de Pedro é perfeitamente aceita e difundida pelo Espiritismo:

Sim! O Cristo é bem o Messias divino. A sua palavra é bem a palavra da verdade, e a religião fundada nessa verdade se torna inabalável, desde que siga e pratique os sublimes ensinamentos que ela contém e não faça do Deus justo e bom, que nela reconhecemos, um Deus parcial, vingativo e cruel.¹⁴

O povo judeu, até mesmo os sacerdotes e estudiosos das escrituras sagradas, não compreendiam com segurança o significado de ressurreição e de reencarnação, os quais, possivelmente, deveriam ter ideias muito vagas, sobretudo os judeus de ascendência grega.

A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de *ressurreição*. Somente os saduceus, que pensavam que tudo acabava com a morte, não acreditavam nisso. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque só tinham noções vagas e incompletas acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Acreditavam que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo *ressurreição* o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama *reencarnação*. Com efeito, a *ressurreição* pressupõe o retorno à vida do corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os *elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvido* [grifo nosso]. A *reencarnação* é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo, novamente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo. [...].¹⁵

17.4 CONDIÇÕES PARA SEGUIR JESUS. A VINDA PRÓXIMA DO REINO (LC 9:23 A 27)¹⁶

²³Dizia ele a todos: “Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz cada dia e siga-me. ²⁴Pois aquele que quiser salvar a sua vida a perderá, mas o que perder a sua vida por causa de mim, esse a salvará. ²⁵Com efeito, que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se ele se perder ou arruinar a si mesmo? ²⁶Pois quem se envergonhar de mim e de minhas palavras, o Filho do Homem dele se envergonhará, quando vier em sua glória e na do Pai e dos santos anjos. ²⁷Eu vos digo, verdadeiramente, que alguns dos que aqui estão presentes não provarão a morte até que vejam o Reino de Deus”.

Seguir Jesus não é tarefa difícil nem impossível para quantos estejam conscientes de que a vida não se restringe ao período transcorrido entre o berço e o túmulo. Somos seres imortais, existentes, preexistente e sobreviventes à morte do corpo físico. E mais: se já temos consciência de que a verdadeira vida é a que transcorre no Plano Espiritual, entenderemos que os bens, posições, cargos e destaques sociais são todos transitórios, cujo usufruto visa à melhoria do Espírito.

Assim, seguir Jesus é desenvolver a compreensão de que fomos criados por Deus para sermos felizes, para atingirmos os píncaros da evolução, moral e intelectual. Cedo ou tarde, seguiremos com Jesus, pois não há rota alternativa, considerando ser Ele o nosso Messias Divino, o mensageiro de

Deus e Governador Espiritual do planeta Terra. E, para atingir os planos da plenitude espiritual, aos quais estamos destinados por herança divina, cabe-nos trabalhar intensamente a própria ascensão espiritual, enfrentando e superando as provações da caminhada. Daí ser importante compreendermos, quanto antes, esta afirmativa de Jesus:

“Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz cada dia e siga--me. ²⁴Pois aquele que quiser salvar a sua vida a perderá, mas o que perder a sua vida por causa de mim, esse a salvará. ²⁵Com efeito, que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se ele se perder ou arruinar a si mesmo?” (Lc 9:23 a 25).

Mais uma vez recorremos ao benfeitor Emmanuel para nos esclarecer a respeito:

No roteiro da fé¹⁷

Se alguém quer vir após mim, negue a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me. – JESUS (Lucas, 9:23.)

O aviso do Senhor é insofismável.

“Siga-me” — diz o Mestre.

Entretanto, há muita gente a lamentar-se de fracassos e desilusões, em matéria de fé, nas escolas do Cristianismo, por não lhe acatarem o conselho.

Buscam Jesus, fazendo a idolatria em derredor de seus intermediários humanos e, como toda criatura terrestre, os intermediários humanos do Evangelho não podem substituir o Cristo, junto à sede das almas.

Aqui, é o padre católico, caridoso e sincero, contudo, incapaz de oferecer a santidade perfeita.

Ali, é o pastor da Igreja Reformada, atento e nobre, mas inabilitado à demonstração de todas as virtudes.

Acolá, é o médium espírita, abnegado e diligente, todavia distante da própria sublimação.

Mais além, surgem doutrinadores e comentaristas, companheiros e parentes, afeiçoados ao estudo e excelentes amigos, mas ainda longe da integração com o Benfeitor Eterno.

E quase sempre aqueles que o acompanham, na suposição de buscarem o Cristo, ante os mínimos erros a que se arrojam, por força da invigilância ou inexperiência, retiram-se, apressados, do serviço espiritual, alegando desapontamento e amargura. O convite do Senhor, no entanto, não deixa margem à dúvida.

Não desconhcia Jesus que todos nós, os Espíritos encarnados ou desencarnados que suspiramos pela comunhão com Ele, somos portadores de cicatrizes e aflições, dívidas e defeitos, muitas vezes escabrosos. Daí o recomendar-nos: — “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me”.

Se te dispõe, desse modo, a encontrar o Senhor para a edificação da tua felicidade, renuncia com desassombro às bagatelas da estrada, suporta corajosamente as consequências dos teus atos de ontem e de hoje e procura Jesus por Divino Modelo. Não olvides que há muita diferença entre seguir o Cristo e seguir os cristãos.

REFERÊNCIAS

- 1 XAVIER, Francisco Cândido. *Luz acima*. Pelo Espírito Irmão X. 11. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2013. cap. 50.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 9:1-9, p.1.804.
- 3 XAVIER, Francisco Cândido. *Luz acima*. Pelo Espírito Irmão X. 11. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2013. cap. 34.
- 4 SCHUTEL, Cairbar. *O espírito do cristianismo*. 8. ed. Matão, SP: O Clarim, 2001. cap. 11, p. 84 e 85.
- 5 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 9:10-17, p. 1.804.
- 6 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo, SP: Hagnos, 2005. verbete: Betsaida, p. 187.
- 7 KEENER, Craig. S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. v. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo, SP: Vida Nova, 2017. it. 9:10-17, a multidão é alimentada, p. 237.
- 8 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 16. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 131.
- 9 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 14, it. 14.
- 10 SCHUTEL, Cairbar. *O espírito do cristianismo*. 8. ed. Matão, SP: O Clarim, 2001. cap. 12, p. 92-93.
- 11 _____. _____. p. 96.
- 12 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 9:18-22, p. 1.804 e 1.805.

- 13 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 161.
- 14 KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. 1ª pt., cap. 10, it. 19.
- 15 _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 4, it. 4.
- 16 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 9:23-27, p. 1.805.
- 17 XAVIER, Francisco Cândido. *Palavras de vida eterna*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. e-book. Brasília, DF-Uberaba, MG: FEB-CEC, 2013. cap. 15.

A TRANSFIGURAÇÃO

O ENDEMONIADO EPILÉTICO. SEGUNDO ANÚNCIO DA PAIXÃO. QUEM É O MAIOR. USO DO NOME DE JESUS (LC 9:28 A 50)

Vários estudiosos das escrituras fazem conexão entre a transfiguração de Jesus e a subida de Moisés ao monte Sinai, ante os chamamentos da missão que deveriam cumprir: em ambos, verifica-se o fenômeno do resplandecimento facial decorrente da manifestação de Deus que, dessa forma, os prepara para os desafios que iriam surgir à frente, quando do cumprimento das respectivas missões. Com Jesus, porém, e por ser Ele o Messias, a ação divina reverbera de forma muito mais ampla e intensa, visível não apenas na transfiguração propriamente dita, mas também no fenômeno de voz direta, assim registrado por *Lucas: Da nuvem, porém, veio uma voz dizendo: “Este é o meu Filho, o Eleito; ouvi-O”*. (Lc 9:35).

Em Jesus a sua “[...] aparência é transfigurada com glória, e, dois visitantes celestiais, Moisés e Elias, conversam com Ele com respeito aos Seus sofrimentos vindouros. [...]”¹. Já Moisés, o admirável legislador hebreu, “[...] pediu para ver a glória de Deus, e mesmo que isso não lhe tenha sido concedido, sua face brilhou tanto que ele teve de cobrir o rosto com um véu para proteger o povo (Êx 33:12 a 23; 34:29 a 35)”¹. Jesus trazia a mensagem de salvação da Humanidade pelo conhecimento e vivência da Lei de Amor, consubstanciada em seu Evangelho; Moisés conduziu o povo hebreu para fora do Egito, definindo os fundamentos de uma religião monoteísta (o Judaísmo), formação sócio-cultural de um povo (judeus) e organização política de uma nação (Israel).

Após os acontecimentos da transfiguração, Jesus retoma as atividades cotidianas: pregação do Evangelho do Reino, realização de curas do corpo e do espírito. Por todos os meios, o Senhor procura libertar os ouvintes do estado de escravidão moral a que se encontravam submetidos. O Mestre Nazareno não desconhecia, porém, que seria alvo de

perseguições e sofrimentos atrozes. Anunciava acontecimentos futuros (Paixão, Crucificação e Ressureição), para que todos tomassem conhecimento dos fatos e pudessem optar pela mudança da rota evolutiva.

18.1 A TRANSFIGURAÇÃO (LC 9:28 A 36)²

²⁸Mais ou menos oito dias depois dessas palavras, tomando consigo a Pedro, João e Tiago, ele subiu à montanha para orar. ²⁹Enquanto orava, o aspecto de seu rosto se alterou, suas vestes tornaram-se de fulgurante brancura. ³⁰E eis que dois homens conversavam com ele: eram Moisés e Elias que, ³¹aparecendo envoltos em glória, falavam de sua partida que se consumaria em Jerusalém. ³²Pedro e os companheiros estavam pesados de sono. Ao despertarem, viram sua glória e os dois homens que estavam com ele. ³³E quando estes iam se afastando, Pedro disse a Jesus: “Mestre, é bom estarmos aqui; façamos, pois, três tendas, uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias”, mas sem saber o que dizia. ³⁴Ainda falava, quando uma nuvem desceu e os cobriu com sua sombra; e ao entrarem eles na nuvem, os discípulos se atemorizaram. ³⁵Da nuvem, porém, veio uma voz dizendo: “Este é o meu Filho, o Eleito; ouvi-O”. ³⁶Ao ressoar essa voz, Jesus ficou sozinho. Os discípulos mantiveram silêncio e, naqueles dias, a ninguém contaram coisa alguma do que tinham visto.

Antes de registrarmos algumas considerações espíritas a respeito da Transfiguração, é importante recordar o significado do registro que se encontra em *Lucas, 9:28*: “Mais ou menos oito dias depois dessas palavras, tomando consigo a Pedro, João e Tiago, ele subiu à montanha para orar”. O evangelista reporta-se às palavras pronunciadas por Jesus e que foram objeto de estudo no Tema 17, a saber: a) condições para segui-lo (*Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz cada dia e siga-me. Lc 9:23 e segs.*); b) anúncio da vinda próxima do Reino (*Eu vos digo, verdadeiramente, que alguns dos que aqui estão presentes não provarão a morte antes de terem visto o Reino de Deus (Lc 9:27).*)

Uma semana após, Jesus vai à montanha para orar, em companhia dos apóstolos Pedro e os irmãos João e Tiago. Enquanto o Senhor orava, ocorre o belíssimo fenômeno da transfiguração, que imprime alva e resplandecente luminosidade no seu rosto e em suas vestes. (Lc 9:29). Enquanto isso, os três apóstolos dormiam, possivelmente fornecendo fluidos ectoplásmicos para a materialização dos Espíritos Moisés e Elias (Lc 9:30). Com a materialização, os apóstolos acordam e, diante da perfeição do fenômeno, Pedro propõe que se construam três tendas, uma para Jesus, outra para Moisés e outra para Elias (Lc 9:33). A propósito, Emmanuel esclarece por que foram escolhidos Pedro, João e Tiago para presenciarem a Transfiguração:

Nem todos³

E aconteceu que, quase oito dias depois destas palavras, tomou consigo a Pedro, a João e a Tiago, e subiu ao monte a orar. (Lucas, 9:28.)

Digna de notar-se a atitude do Mestre, convidando apenas Simão e os filhos de Zebedeu para presenciarem a sublime manifestação do monte, quando Moisés e outro emissário divino estariam em contacto direto com Jesus, aos olhos dos discípulos.

Por que não convocou os demais companheiros?

Acaso Filipe ou André não teriam prazer na sublime revelação? Não era Tomé um companheiro indagador, ansioso por equações espirituais? No entanto, o Mestre sabia a causa de suas decisões e somente Ele poderia dosar, convenientemente, as dádivas do conhecimento superior.

O fato deve ser lembrado por quantos desejem forçar a porta do plano espiritual.

Certo, o intercâmbio com esse ou aquele núcleo de entidades do Além é possível, mas nem todos estão preparados, a um só tempo, para a recepção de responsabilidades ou benefícios.

Não se confia, imprudentemente, um aparelho de produção preciosa, cujo manejo dependa de competência prévia, ao primeiro homem que surja, tomado de bons desejos. Não se traiçoa impunemente a ordem natural. Nem todos os aprendizes e estudiosos receberão do Além, num pronto, as grandes revelações. Cada núcleo de atividade espiritualizante deve ser presidido pelo melhor senso de harmonia, esforço e afinidade. Nesse mister, além das boas intenções é indispensável a apresentação da ficha de bons trabalhos pessoais. E, no mundo, toda gente permanece disposta a querer isso ou aquilo, mas raríssimas criaturas se prontificam a servir e a educar-se.

A materialização de Moisés e Elias, seguida pela conversa que Jesus teve com eles, é ainda considerada por aqueles que desconhecem a realidade da imortalidade e sobrevivência do Espírito após a morte do corpo físico, ou por quem interpreta segundo a limitação de certas teologias, como: a) uma alegoria (não como um fato efetivo); b) uma manifestação de Espíritos maléficos, então denominados “demônios”. Emmanuel pronuncia-se a respeito:

Várias escolas religiosas, defendendo talvez determinados interesses do sacerdócio, asseguram que o Evangelho não apresenta bases ao movimento de intercâmbio entre os homens e os Espíritos desencarnados que os precederam na jornada do Mais-Além...

Entretanto, nesta passagem de *Lucas*, vemos o Mestre dos mestres confabulando com duas entidades egressas da esfera invisível de que o sepulcro é a porta de acesso. Aliás, em diversas circunstâncias encontramos o Cristo em contato com almas perturbadas ou perversas, aliviando os padecimentos de infortunados

perseguidos. Todavia, a mentalidade dogmática encontrou aí a manifestação de Satanás, inimigo eterno e insaciável.

Aqui, porém, trata-se de sublime acontecimento no Tabor. Não vemos qualquer demonstração diabólica, e sim dois Espíritos gloriosos em conversação íntima com o Salvador. E não podemos situar o fenômeno em associação de generalidades, porquanto os “amigos do outro mundo”, que falaram com Jesus sobre o monte, foram devidamente identificados. [...].⁴

Há ainda outro ponto que se destaca em *Lucas, 9: 34 a 36: Ainda falava, quando uma nuvem desceu e os cobriu com sua sombra; e ao entrarem eles na nuvem, os discípulos se atemorizaram. Da nuvem, porém, veio uma voz dizendo: “Este é o meu Filho, o Eleito; ouvi-O”. Ao ressoar essa voz, Jesus ficou sozinho. Os discípulos mantiveram silêncio e, naqueles dias, a ninguém contaram coisa alguma do que tinham visto.* Recorremos mais uma vez ao benfeitor Emmanuel que nos apresenta as ponderações de que, diante das sombras das provações terrestres, às quais usualmente estamos expostos, surge sempre, e oportunamente, uma nuvem de vibrações amorosas, em que a voz do Pai fala aos seus filhos:

Conta-nos o Evangelho a formosa história de uma nuvem.

Encontravam-se os discípulos deslumbrados com a visão de Jesus transfigurado, tendo junto de si Moisés e Elias, aureolados de intensa luz.

Eis, porém, que uma grande sombra comparece. Não mais distinguem o maravilhoso quadro. Todavia, do manto de névoa espessa, clama a voz poderosa da revelação divina: “Este é o meu amado Filho, a Ele ouvi!”.

Manifestava-se a palavra do Céu, na sombra temporária.

A existência terrestre, efetivamente, impõe angústias inquietantes e aflições amargas. É conveniente, contudo, que as criaturas guardem serenidade e confiança, nos momentos difíceis.

As penas e os dissabores da luta planetária contêm esclarecimentos profundos, lições ocultas, apelos grandiosos. A voz sábia e amorosa de Deus fala sempre através deles.⁵

18.2 O ENDEMONIADO EPILÉTICO (LC 9:37 A 43)⁶

³⁷No dia seguinte, ao descerem da montanha veio ao seu encontro uma grande multidão. ³⁸E eis que um homem da multidão gritou: “Mestre, rogo-te que venhas ver o meu filho, porque é meu filho único. ³⁹Eis que um espírito o toma e subitamente grita, sacode-o com violência e o faz espumar; é com grande dificuldade que o abandona, deixando-o dilacerado. ⁴⁰Pedi aos teus discípulos que o expulsassem, mas eles não puderam”. ⁴¹Jesus respondeu: “Ó geração incrédula e perversa, até quando estarei convosco e vos suportarei? Traze aqui teu filho”.

⁴²Estava ainda se aproximando, quando o demônio o jogou por terra e agitou-o com violência. Jesus, porém, conjurou severamente o espírito impuro, curou a criança e a devolveu ao pai. ⁴³E todos se maravilhavam com a grandeza de Deus.

O evangelista registra mais uma manifestação de processo obsessivo por subjugação, cujos conceitos básicos foram estudados no Tema 15, item 15.3 (O endemoniado geraseno – Lc 8:26 a 39). A obsessão manifestada, aqui, é produzida por um obsessão que conduz o obsidiado a crises de epilepsia, um tipo de convulsão, assim conceituada pela Medicina: “distúrbio paroxístico [convulsão/espasmo] recorrente da função cerebral, caracterizado por ataques súbitos e breves de alteração da consciência, atividade motora ou fenômenos sensoriais. [...]”⁷

Aprendizes do Mestre Nazareno, os discípulos ainda não apresentavam a necessária autoconfiança e fé nos poderes divinos, para afastar ou conter as ações nefastas de um Espírito obsessão. Daí Jesus afirmar: “*Ó geração incrédula e perversa, até quando estarei convosco e vos suportarei? Traze aqui teu filho*” (Lc 9:41). Contudo, importa destacar, os apóstolos e outros discípulos sinceros iriam operar com tranquilidade tais ações mais à frente, fortalecidos que estariam pelas provações que iriam enfrentar, após a crucificação e ressurreição do Cristo. Amelia Rodrigues traça considerações a respeito dessa passagem do Evangelho:

— “Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: sai dele e não entres mais nele” — exortou Jesus com firmeza na voz, na qual a piedade se misturava à energia.

Não houve debate. Tudo simples. A cena breve culminou no declínio do jovem que ficara prostrado como morto, banhado por álgido suor, desfigurado. O Mestre, comovido, curvou-se, tocou a fronte do ex-obsidiado e o levantou com gesto cativante.

Era quase um menino...

Sofria desde a mais tenra idade sob o jugo violento do impiedoso algoz desencarnado. As raízes do ódio nefando se perdiam nas sombras do passado, quando foram comensais da mesa farta da loucura e se enredaram em odienta cena de sangue... Agora a lei soberana, que jungia o criminoso não punido à justiça desrespeitada, manifestava-se sobranceira.

O parasito espiritual se imanara ao sofredor e reproduzia nele os esgares epiléticos em que se consumia, vítima de si mesmo, escravo do ódio. Na volúpia da vingança, atirava-o de encontro ao solo, ateava-lhe fogo às vestes, tentava afogá-lo, subjugava-o.⁸

No íntimo dos devotados discípulos, contudo, permanecia a indagação: por que não puderam expulsar o demônio (Espírito obsessão) que afligia o epilético? A resposta do Mestre alcançou-os de imediato:

Diante deles, nossos irmãos na sombra da ignorância, nenhuma força possui senão a força do amor. Não apenas expulsá-los daquele convívio a que se agregam parasitariamente, mas também socorrê-los, enlaçando-os com amor...

[...]

Diante, pois, deles — possessos e possesores — só a oração do amor infatigável e o jejum das paixões conseguem mitigar a sede em que se entredevoram, entregando-os aos trabalhadores da Obra de Nosso Pai, que, em toda parte, estão cooperando com o Amor, incessantemente.⁹

18.3 SEGUNDO ANÚNCIO DA PAIXÃO. QUEM É O MAIOR. USO DO NOME DE JESUS (LC 9:44 A 50)¹⁰

Enquanto todos se admiravam de tudo o que ele fazia, disse aos discípulos: ⁴⁴“Quanto a vós, abri bem os ouvidos às seguintes palavras: o Filho do Homem vai ser entregue às mãos dos homens”. ⁴⁵Eles, porém, não compreendiam tal palavra; era-lhes velada para que não a entendessem; e tinham medo de interrogá-lo sobre isso.

⁴⁶Houve entre eles uma discussão: qual deles seria o maior? ⁴⁷Jesus, porém, conhecendo o pensamento de seus corações, tomou uma criança, colocou-a a seu lado ⁴⁸e disse-lhes: “Aquele que receber uma criança como esta por causa do meu nome, recebe a mim, e aquele que me receber recebe aquele que me enviou; com efeito, aquele que no vosso meio for o menor, esse será grande”.

⁴⁹João tomou a palavra e disse: “Mestre, vimos alguém expulsar demônios em teu nome e quisemos impedi-lo porque ele não te segue conosco”.

⁵⁰Jesus, porém, lhe disse: “Não o impeçais, pois quem não é contra vós está a vosso favor”.

Concluída a ação desobsessiva, com a libertação espiritual do obsidiado e do obsessor, Jesus alerta, pela segunda vez, a respeito dos sofrimentos a que Ele iria ser submetido, cujos acontecimentos passariam à História com o nome de Paixão do Cristo. Tal anúncio, ora repetido, tinha a finalidade de preparar o ânimo dos seus discípulos e, ao mesmo tempo, conduzi-los ao entendimento do que é bem e do que é mal, a fim de eles pudessem estabelecer harmonia entre a fé e a razão. Condição, aliás, que ainda permanece desafiante na sociedade moderna. Contudo, o Espiritismo pode nos auxiliar, e muito, nesse aspecto, como pontua Vinícius (Pedro de Camargo):

O Espiritismo veio pôr termo a essa perturbação, demonstrando o perfeito ajuste, os liames indissolúveis que unem a fé à razão, e, conseqüentemente, a Religião à Ciência.

Kardec, compilando e concatenando os postulados espiritualistas à luz da revelação, estabeleceu este belo aforismo (máxima): “Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade”. Nem pode deixar de ser assim. A fé que teme confrontos não é fé, pois o caráter desta virtude, tão encarecida nas páginas evangélicas, é, precisamente, o destemor, a energia latente que encerra e transmite àqueles que a cultivam. Tal valor deriva da natureza íntima da fé que percebe e sente a sua própria força. Ora, perceber é ato de raciocínio, portanto, não pode afastar-se da razão que é o instrumento do qual o Espírito se serve para investigar e assimilar a Verdade.¹¹

Após o anúncio, inicia-se entre os apóstolos, uma discussão de qual deles seria o maior. Qual o que detinha maior autoridade ou liderança. Jesus, porém, vendo o que se passava no íntimo de cada um, fala-lhes por meio de um exemplo, como consta em *Lucas*, 9:47 e 48: *Jesus, porém, conhecendo o pensamento de seus corações, tomou uma criança, colocou-a a seu lado e disse-lhes: “Aquele que receber uma criança como esta por causa do meu nome, recebe a mim, e aquele que me receber recebe aquele que me enviou; com efeito, aquele que no vosso meio for o menor, esse será grande”*.

A questão de quem é o maior ou melhor é ideia vigente nos agrupamentos humanos atuais, religiosos ou não. Em geral, as pessoas não se contentam em realizar, efetivamente, os serviços de que a vida lhes encarregou, acumulando sobre si aflições desnecessárias quando buscam destacar-se dos demais. Emmanuel aconselha a propósito: “Atendamos aos imperativos do serviço divino que se localiza em nossa paisagem individual, não através de constrangimento, mas pela boa vontade espontânea, fugindo cada vez mais aos nossos interesses particularistas e de ânimo firme e pronto para servir ao bem, tanto quanto nos seja possível”.¹²

Ainda nessa passagem evangélica, registrada por *Lucas* nos versículos 49 e 50, há uma espécie de queixa de João a respeito de alguém, fora do grupo, que está “expulsando demônios”: João tomou a palavra e disse: “Mestre, vimos alguém expulsar demônios em teu nome e quisemos impedi-lo porque ele não te segue conosco” (Lc 9:49). A resposta do Mestre ao apóstolo, como sempre, é plena de sabedoria: “Jesus, porém, lhe disse: ‘Não o impeçais, pois quem não é contra vós está a vosso favor’” (Lc 9:50).

Vinícius apresenta-nos as seguintes considerações a respeito desse assunto, por ele entendido como *O magno problema*:

A renúncia pessoal constitui a condição indispensável para sermos cristãos. Sem a renúncia própria, ninguém pode estar com o Cristo nem militar nas fileiras dos seus.

Esta verdade ainda não penetrou o coração dos crentes e, por conseguinte, o seio das suas comunidades. As hostilidades que reinam entre os diversos grupos de crentes atestam esta asserção.

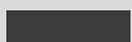
O Espírito do Cristo é de colaboração: nunca de rivalidades. No entanto, a atitude predominante entre as igrejas é aquela de João insurgindo-se contra certa pessoa que expelia demônios em nome de Jesus, alegando que tal indivíduo não fazia parte do seu grupo. E o que consta no Evangelho é que Jesus discordara de semelhante zelo incompatível com a natureza da fé universal que vinha ensinar e exemplificar na Terra.

Donde vinha aquele estrabismo de João? Provinha de se não haver ainda conformado com a regra áurea firmada pelo Cristo: negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. João se preocupava com o engrandecimento da grei a que se filiara, esquecendo o objetivo do Cristo: Dar-se a si mesmo pela causa da Humanidade.¹³

REFERÊNCIAS

- 1 BRUCE, Frederick Fyvie. *Comentário bíblico NVI: antigo e novo testamentos*. Trad. Valdemar Kroker. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Vida, 2012. it. 5 A transfiguração (9:28-36), p. 1.147.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 9:28-36, p. 1.805.
- 3 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 105.
- 4 _____. _____. cap. 67.
- 5 _____. _____. cap. 32.
- 6 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 9:37-43, p. 1.805 e 1.806.
- 7 THOMAS, Clayton L. (Coord.). *Dicionário médico enciclopédico Taber*. 17. ed. ilustr. Trad. Fernando Gomes do Nascimento. 1. ed. brasileira. Barueri, SP: 2000. verbete: Epilepsia, p. 609.
- 8 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador, BA: LEAL, 2001. cap. 11, p. 128.

-
- 9 _____ . _____ . p. 136.
- 10 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 9:44-50, p. 1.806.
- 11 VINÍCIUS (Pedro de Camargo). *Na seara do mestre*. 10. ed. 2. reimp. Brasília, DF: FEB, 2011. cap. *A razão e a fé à luz dos evangelhos*.
- 12 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 26.
- 13 VINÍCIUS (Pedro de Camargo). *Em torno do mestre*. 9. ed. 6. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. 1ª pt., cap. *O magno problema*.



PARTE IV

A subida para Jerusalém

MÁ ACOLHIDA NUM POVOADO DA SAMARIA

EXIGÊNCIAS DA VOCAÇÃO APOSTÓLICA. MISSÃO
DOS SETENTA E DOIS DISCÍPULOS. QUAL É O MOTIVO
DE ALEGRIA PARA OS APÓSTOLOS. O EVANGELHO
REVELADO AOS SIMPLES. O PAI E O FILHO. O PRIVILÉGIO
DOS DISCÍPULOS (LC 9:51 A 62; LC 10:1 A 24)

Nesse estudo, temos dois assuntos do capítulo 9 e 10 do *Evangelho segundo Lucas*, os quais apresentam uma variedade de fontes informativas, muito de acordo com o perfil de historiador do evangelista. Acredita-se que muitas dessas informações procederiam da *Fonte Q* — também conhecida como *Documento Q* —, que é uma abreviatura da palavra alemã *quelle* que significa “fonte”. A *Fonte Q* teria sido um texto utilizado por *Mateus* e *Lucas*, mas não por *Marcos*. Infelizmente, essa *Fonte Q* se perdeu ao longo da História. Por outro lado, como há muitas citações comuns nos registros de *Mateus* e *Lucas*, provenientes do texto de *Marcos* (denominada *Fonte Protomarcos*), e considerado o evangelho mais antigo, os estudiosos admitem, atualmente, que as escrituras dos evangelhos sinóticos têm como base a teoria das duas fontes (*Fonte Q* e *Protomarcos*).^{1,2}

Diante de tais considerações, é importante que o estudioso amplie a visão quanto ao estudo dos textos neotestamentais e das escrituras em geral, seja no aspecto metodológico ou histórico-cultural. Cada autor de um livro bíblico apresenta características próprias, informativas e formativas, que merecem ser, no mínimo, conhecidas. O fato de autores do *Antigo* e do *Novo Testamento* apresentarem ideias contrárias entre si, não deve ser considerado, *a priori*, como algo negativo ou que não deva ser analisado. Ao contrário, enriquece o estudo, quando se considera o nível de pesquisas realizadas e as referências utilizadas.

19.1 MÁ ACOLHIDA NUM POVOADO DA SAMARIA. EXIGÊNCIAS DA VOCAÇÃO APOSTÓLICA (LC 9:51 A 62)³

⁵¹Quando se completaram os dias de sua assunção, ele tomou resolutamente o caminho de Jerusalém ⁵² e enviou mensageiros à sua frente. Estes puseram-se a caminho e entraram num povoado de samaritanos, a fim de preparar-lhe tudo. ⁵³Eles, porém, não o receberam, pois caminhava para Jerusalém. ⁵⁴Em vista disso, os discípulos Tiago e João disseram: “Senhor, queres que ordenemos desça fogo do céu para consumi-los?”. ⁵⁵Ele, porém, voltando-se, repreendeu-os. ⁵⁶ E partiram para outro povoado.

⁵⁷Enquanto prosseguiram viagem, alguém lhe disse na estrada: “Eu te seguirei para onde quer que vás”. ⁵⁸Ao que Jesus respondeu: “As raposas têm tocas e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça”. ⁵⁹Disse a outro: “Segue-me”. Este respondeu: “Permite-me ir primeiro enterrar meu pai”. ⁶⁰Ele replicou: “Deixa que os mortos enterrem os seus mortos; quanto a ti, vai anunciar o Reino de Deus”. ⁶¹Outro disse-lhe ainda: “Eu te seguirei, Senhor, mas permite-me primeiro despedir-me dos que estão em minha casa”. ⁶²Jesus, porém, lhe respondeu: “Quem põe a mão no arado e olha para trás não é apto para o Reino de Deus”.

Os momentos decisivos que marcariam para a sempre a vinda do Cristo entre nós aproximavam-se, céleres. Era chegado o instante de seguir o caminho para Jerusalém, onde as acusações, prisão, julgamentos e crucificação aconteceriam de forma covarde e impiedosa. Com a Ressureição, porém, o Cristo é o vencedor que prevalece, jamais vencido. Assim, não causa nenhuma surpresa o não acolhimento aos discípulos na terra dos samaritanos que, em razão das próprias interpretações da lei de Moisés (eles só aceitavam os cinco livros de Moisés), mantinham-se isolados. Por outro lado, os demais praticantes do Judaísmo (que seguiam o pentateuco de Moisés e os demais livros do Antigo Testamento) também não se misturavam com os habitantes da Samaria.

Entretanto, a pergunta que se faz é: qual foi o verdadeiro motivo dos samaritanos não acolherem os discípulos? *Lucas, 9:51 a 53* informa que foi porque os mensageiros de Jesus demonstraram que se dirigiam a Jerusalém: *Quando se completaram os dias de sua assunção, ele tomou resolutamente o caminho de Jerusalém ⁵² e enviou mensageiros à sua frente. Estes puseram-se a caminho e entraram num povoado de samaritanos, a fim de preparar-lhe tudo. Eles, porém, não o receberam, pois caminhava para Jerusalém.* Em outras palavras, a intransigência dos samaritanos era tanta que não acolhiam qualquer pessoa que se dirigia para a o núcleo central do Judaísmo. Não havia, portanto, apenas uma divergência religiosa. Emmanuel esclarece a respeito:

Digna de nota a presente passagem de Lucas. Reparando os samaritanos que Jesus e os discípulos se dirigiam a Jerusalém, negaram-se a recebê-los.

Identificaram-nos pelo aspecto.

Se fossem viajores com destino a outros lugares, talvez lhes oferecessem hospedagem, reconforto, alegria...

Não se verifica, até hoje, o mesmo fenômeno com os verdadeiros continuadores do Mestre?

Jerusalém, para nós, simboliza aqui testemunho de fé.

E basta que alguém se encaminhe resolutamente a semelhante domínio espiritual, para que os homens comuns, desorientados e discutidores, lhe cerrem as portas do coração.⁴

Dessa forma, seguir Jesus, efetivamente, é colocar em prática a Lei de Justiça, Amor e Caridade, que jamais pode restringir-se a meras expressões verbais ou práticas ritualísticas. No mundo em que habitamos, faz-se necessário exercitar a coragem da fé, ainda que tenhamos de viver sob o peso da rejeição, do não acolhimento, ou das críticas e zombarias. A exemplo de Jesus, devemos prosseguir na Estrada que nos conduz à plenitude espiritual: *Enquanto prosseguiram viagem, alguém lhe disse na estrada: “Eu te seguirei para onde quer que vás”. Ao que Jesus respondeu: “As raposas têm tocas e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça”. Disse a outro: “Segue-me”. Este respondeu: “Permite-me ir primeiro enterrar meu pai”. Ele replicou: “Deixa que os mortos enterrem os seus mortos; quanto a ti, vai anunciar o Reino de Deus”. Outro disse-lhe ainda: “Eu te seguirei, Senhor, mas permite-me primeiro despedir-me dos que estão em minha casa”. Jesus, porém, lhe respondeu: “Quem põe a mão no arado e olha para trás não é apto para o Reino de Deus” (Lc 9:57 a 62).*

O impulso evolutivo é, portanto, seguir firmemente o apelo de Jesus, hoje e sempre: “Segue-me” (Lc 9:59).

É interessante notar que, por todos os recantos onde Jesus deixou o sinal de sua passagem, houve sempre grande movimentação no que se refere ao ato de levantar e seguir.

[...]

Numerosos discípulos do Evangelho, nos tempos apostólicos, acordaram de sua noite de ilusões terrestres, ergueram-se para o serviço da redenção e demandaram os testemunhos santificados no trabalho e no sacrifício.

Isso constitui um acervo de lições muito claras ao espírito religioso dos últimos tempos.

[...]

Pergunta a ti mesmo se estás seguindo a Jesus ou apenas às normas do culto externo do teu modo de filiação ao Evangelho. Isso é muito importante, porque levantar e renovar-se ainda é o nosso lema.⁵

19.2 MISSÃO DOS SETENTA E DOIS DISCÍPULOS. QUAL É O MOTIVO DE ALEGRIA PARA OS APÓSTOLOS (LC 10:1 A 20)⁶

¹Depois disso, o Senhor designou outros setenta e dois, e os enviou dois a dois à sua frente a toda cidade e lugar aonde ele próprio devia ir. ²E dizia-lhes: “A colheita é grande, mas os operários são poucos. Pedi, pois, ao Senhor da colheita que envie operários para sua colheita. ³Ide! Eis que eu vos envio como cordeiros entre lobos. ⁴Não leveis bolsa, nem alforje, nem sandálias, e a ninguém saudeis pelo caminho. ⁵Em qualquer casa em que entrardes, dizei primeiro: ‘Paz a esta casa!’. ⁶E se lá houver um filho de paz, a vossa paz irá repousar sobre ele; senão, voltará a vós. ⁷Permaneçei nessa casa, comei e bebei do que tiverem, pois o operário é digno do seu salário. Não passeis de casa em casa. ⁸Em qualquer cidade em que entrardes e fordes recebidos, comei o que vos servirem; ⁹curai os enfermos que nela houver e dizei ao povo: ‘O Reino de Deus está próximo de vós’. ¹⁰Mas em qualquer cidade em que entrardes e não fordes recebidos, sai para as praças e dizei: ¹¹‘Até a poeira da vossa cidade que se grudou aos nossos pés, nós a sacudimos para deixá-la para vós. Sabei, no entanto, que o Reino de Deus está próximo.’ ¹²Digo-vos que, naquele Dia, haverá menos rigor para Sodoma do que para aquela cidade.

¹³Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Pois se em Tiro e Sidônia tivessem sido realizados os milagres que em vós se realizaram, há muito teriam se convertido, vestindo-se de delírio e sentando-se sobre cinzas. ¹⁴Assim, no Julgamento, haverá menos rigor para Tiro e Sidônia do que para vós. ¹⁵E tu, Cafarnaum, *te elevarás até ao céu? Antes, até ao inferno descerás!*

¹⁶“Quem vos ouve a mim ouve, quem vos despreza a mim despreza, e quem me despreza, despreza aquele que me enviou”.

¹⁷Os setenta e dois voltaram com alegria, dizendo: “Senhor, até os demônios se nos submetem em teu nome!” ¹⁸Ele lhes disse: “Eu via Satanás cair do céu como um relâmpago! ¹⁹Eis que eu vos dei o poder de *pisar serpentes*, escorpiões e todo o poder do Inimigo, e nada poderá vos causar dano. ²⁰Contudo, não vos alegréis porque os espíritos se vos submetem; alegrai-vos, antes, porque vossos nomes estão inscritos nos céus”.

É de fundamental importância destacar que *Lucas* inseriu as orientações de Jesus em dois discursos ou textos: o primeiro discurso contém instruções dirigidas exclusivamente aos doze apóstolos (veja Tema 17, item 17.1 Missão dos Doze Lc 9:1 a 6, estudado anteriormente); o segundo discurso é dirigido

aos 72 discípulos que, ora estudamos. Entretanto, *Mateus* (10:1 a 23) e *Marcos* (6:7 a 13) redigiram apenas um único discurso, cujas instruções foram dirigidas exclusivamente aos Doze. *Lucas*, enquanto historiador, foi mais detalhista. Nesse contexto, percebe-se que Jesus manteve consigo os membros do colégio apostolar durante as suas pregações, mas também teria enviado 72 discípulos — algumas traduções neotestamentais, como a *Bíblia Sagrada*, de João Ferreira de Almeida, indicam o número de 70 discípulos —, em grupos de dois em dois, para que viajassem à sua frente, às cidades, anunciando a vinda do Reino de Deus. Não resta dúvida que, as instruções transmitidas aos 72 discípulos serviriam também para os membros do colégio apostolar.

De qualquer forma, os discípulos deveriam apresentar determinadas características pessoais para atuarem como embaixadores do Senhor, como destaca Cairbar Schutel:

Eles foram os grandes operários da Espiritualidade; cheios de coragem e de austeridade, sulcaram as estradas de vila em vila, de aldeia em aldeia, sem se preocuparem com haveres, com roupa, com bolsas, com alforjes nem com sandálias, no cumprimento das ordens que receberam, já curando enfermos e levando a paz às multidões sufocadas pelas tribulações, já anunciando à viva voz e sem desejar outros valores a chegada do Reino de Deus, que deveria dominar os corações.

[...]

Desinteresse, abnegação, sacrifício, mansidão, coragem, dignidade, humildade, amor, eis tudo o que Jesus recomendou aos novos pegureiros, para que se proovessem, em sua excursão preparatória, do “Reino de Deus”.

Nada lhes deveria embaraçar a missão de que se achavam revestidos: bolsa, alforje, sandálias deveriam ser postos à margem, porque o Céu os proveria de tudo aquilo de que viessem a necessitar, visto que é digno o operário do seu salário. Nem hospedarias, hotéis, pensões, deveriam preocupar a sua mente, visto que o Senhor Supremo, pelos seus Mensageiros, lhes prepara a pousada, o alimento nas casas de algumas daquelas “ovelhas desgarradas de Israel”, que teriam, como o Filho Pródigo da parábola, de voltar ao Redil Cristão, satisfazendo, assim, a vontade do grande Pastor de Almas.

E a divina caravana semelhante a um exército dividiu-se em trinta e cinco pelotões, atravessando morros e valados, serras e ravinas, campinas perfumadas pelos lírios e açucenas, confiantes na força indomável da sua fé, no valor insuperável da palavra imperativa que receberam e se esforçaram por desempenhar. O resultado foi de tanto sucesso que eles próprios chegaram a se maravilhar dos seus feitos!⁷

As recomendações de Jesus aos discípulos tinham o intuito de preparar-lhes o espírito para os percalços dessa e outras tarefas que lhes seriam

confiadas. Vemos, assim, que tais instruções de Jesus são atemporais, fato que deve nos conduzir a profundas reflexões. Repetimos, em seguida, as palavras simples, objetivas e prudentes do Cristo, explicáveis por si só e que, efetivamente, constituem uma regra da vida em sociedade:

- 1) A colheita é grande, mas os operários são poucos. Pedi, pois, ao Senhor da colheita que envie operários para sua colheita. (Lc 10:2);
- 2) Ide! Eis que eu vos envio como cordeiros entre lobos. (Lc 10:3);
- 3) Não leveis bolsa, nem alforje, nem sandálias, e a ninguém saudeis pelo caminho. (Lc 10:4);
- 4) Em qualquer casa em que entrardes, dizei primeiro: ‘Paz a esta casa!’ E se lá houver um filho de paz, a vossa paz irá repousar sobre ele; senão, voltará a vós. Permanecei nessa casa, comei e bebei do que tiverem, pois o operário é digno do seu salário. Não passeis de casa em casa. (Lc 10:5 a 7);
- 5) Em qualquer cidade em que entrardes e fordes recebidos, comei o que vos servirem; (Lc 10:8);
- 6) curai os enfermos que nela houver e dizei ao povo: ‘O Reino de Deus está próximo de vós.’ (Lc 10:9);
- 7) Mas em qualquer cidade em que entrardes e não fordes recebidos, saí para as praças e dizei: Até a poeira da vossa cidade que se grudou aos nossos pés, nós a sacudimos para deixá-la para vós. (Lc 10:10 e 11);
- 8) Sabei, no entanto, que o Reino de Deus está próximo. (Lc 10:11).

Obs.: Para mais esclarecimentos a respeito desse assunto, sugerimos a releitura no Livro II – *Estudo Interpretativo do Evangelho segundo Mateus*, o Tema 36, item 36.1; e também no Livro III – *Estudo Interpretativo do Evangelho segundo Marcos*, o Tema 13, item 13.2 (onde constam mais informações).

Como fechamento desse assunto, transcrevemos algumas considerações de Amélia Rodrigues:

Ele chamou outros setenta discípulos [o texto atualizado de *Lucas*, 1:1 a 12 fala em 72 discípulos] conforme narra Lucas e mandou-os adiante de si, dois a dois, a todas as cidades e lugares aonde Ele estava para ir, a fim de anunciarem o Evangelho.

Instruiu-os com amor e as Suas foram melodias incomparáveis.

Nenhuma preocupação deveriam manter, somente a entrega total e o serviço reto.

O hino de alegria foi então entoado pelos Seus lábios em recomendações ímpares.

Nunca mais seria olvidado, e suas diretrizes permaneceriam como roteiro perene.

Todos que O amam, têm insculpida na alma essa canção de alegria, de serviço e de paz.⁸

Prosseguindo, em *Lucas*, 10:17 a 20, verificamos o resultado da tarefa realizada pelos 72 discípulos e as ponderações de Jesus:

Os setenta e dois voltaram com alegria, dizendo: “Senhor, até os demônios se nos submetem em teu nome!” Ele lhes disse: “Eu via Satanás cair do céu como um relâmpago! Eis que eu vos dei o poder de *pisar serpentes*, escorpiões e todo o poder do Inimigo, e nada poderá vos causar dano. Contudo, não vos alegréis porque os espíritos se vos submetem; alegrai-vos, antes, porque vossos nomes estão inscritos nos céus”.

Amélia Rodrigues também comenta a respeito:

Eles partiram, emocionados, e, ao retomarem, narraram os sucessos, como os Espíritos infelizes se lhes submetiam; como os problemas eram solucionados, como as serpentes e os escorpiões eram pisados sem qualquer dano...

O terreno estava, pois, preparado, e, por isso, estuavam de felicidade.

Contemplando-lhes o encantamento juvenil, o Senhor completou-lhes a narrativa, asseverando que a sua alegria não deveria vincular-se às conquistas realizadas, mas antes deveriam regozijar-se por *terem os nomes escritos nos céus*. Somente a interação pensamento e atos faculty o registro do candidato do Evangelho no *livro do Reino dos Céus*.

As conquistas terrestres passam rápidas, mas as realizações de autoiluminação e fraternal auxílio permanecem inalteradas como tesouros de valor inestimável.

A Sua palavra, em si mesma, é um hino de alegria à vida e de louvor constante ao Pai. Transformada em ação, conduz à humildade, à renúncia, ao amor pleno.

Cada pensamento d’Ele é como um raio de Sol penetrante e vencedor de sombras.⁹

Em conclusão à análise espírita desse item, em *Lucas*, 10:13 a 16, veremos as lamentações e previsões de Jesus relacionadas aos destinos das cidades de Tiro e Sidônia; Corazim, Betsaida e Cafarnaum:

Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Pois se em Tiro e Sidônia tivessem sido realizados os milagres que em vós se realizaram, há muito teriam se convertido, vestindo-se de cilício e sentando-se sobre cinzas. Assim, no Julgamento, haverá menos rigor para Tiro e Sidônia do que para vós. E tu, Cafarnaum, *te elevarás até ao céu? Antes, até ao inferno descerás!* Quem vos ouve a mim ouve, quem vos despreza a mim despreza, e quem me despreza, despreza aquele que me enviou”.

Breves informações histórico-geográficas referentes às cinco cidades podem fazer-nos compreender melhor as palavras de Jesus:

- » **Tiro e Sidom (ou Sidônia):** foram importantes cidades e portos marítimos da Fenícia, na Cananea (ou Canaã), na remota Antiguidade, cujos habitantes não eram judeus, mas politeístas. Contudo, acata-ram alguns ensinamentos de Jesus.¹⁰ Canaã/Cananea, que exerceu significativa influência no Judaísmo e no cristianismo, é uma região constituída de uma faixa de terra litorânea, de aproximadamente 250 quilômetros de comprimento, à leste do Mar Mediterrâneo. Possui duas cadeias de montanhas que correm paralelas à costa, e, entre elas, situa-se o vale do Rio Jordão. Era considerada importante rota comercial, por onde passavam caravanas e militares provenientes de diferentes localidades. A Cananea não possuía uma unidade político-administrativa central, mas constituía-se de diferentes pequenos reinos. Contudo, os cananeus eram povos semitas, constituídos de diferentes etnias.¹¹
- » **Corazim:** aldeia situada às margens do mar da Galileia (Lago de Genezaré), onde Jesus pregou o Evangelho e realizou fatos considerados milagrosos, cujo povo revelou-se indiferente. Hoje é conhecida como Kerazeh, a 4 quilômetros do norte de Cafarnaum, onde se encontram as ruínas da sua sinagoga.¹²
- » **Betsaida:** uma aldeia praiana situada ao norte do mar da Galileia, no vale do alto Jordão. Foi a cidade para onde Jesus se dirigiu quando soube da morte de João Batista (Lc 9:10; Mt 14:13; Jo 6:1). Foi onde também aí, no deserto, que Jesus realizou a segunda multiplicação dos peixes e pães (a primeira multiplicação dos pães ocorrera em Magdala).¹³
- » **Cafarnaum:** também denominada “aldeia de Naum”, é uma cidade situada ao noroeste do mar da Galileia. Era uma localidade importante para o romanos, pois ali havia um centro de cobrança de impostos e posto militar. Foi aldeia onde Jesus morou, vindo de Nazaré, no início da sua pregação. Nessa localidade, foram realizadas inúmeras curas de Jesus: a do servo do centurião (Mt 8:5-13; Lc 7:1-10); a sogra de Pedro (Mt 8:14 a 17; Mc 1:29 a 31) – onde expulsou um “demônio” – ou curou o paralítico que fora levado por quatro pessoas (Mc 2:1 a 18), entre tantos outros admiráveis feitos de Jesus.¹⁴

Eliseu Rigonatti, apresenta uma ampla análise das palavras de Jesus relacionadas às cidades citadas:

Jesus exprobra a indiferença dos habitantes das cidades em que realizou a maior parte de seus atos e de suas pregações. Apesar de tantas provas que lhes foram fornecidas, continuavam na descrença e reincidiam nos erros. Por isso, sofreriam mais rigorosamente a ação da Justiça Divina, porque estavam agindo com conhecimento de causa. É o que acontece modernamente com muitos dos que são bafejados pelos ensinamentos e pelas provas que o Espiritismo lhes oferece. Quantos há que não chegam aos Centros Espíritas, tangidos pelo sofrimento e pelas decepções do mundo? E depois de aliviados, consolados, fortificados, sentindo na alma mais calma e mais coragem, em lugar de abraçarem os novos ensinamentos e trilharem com segurança o caminho que lhes é apontado, afastam-se indiferentes para reincidirem nos hábitos errôneos do passado! E outros ainda, conquanto conheçam a Verdade, não se esforçam por melhorar seu comportamento. Não resta dúvida que serão julgados com mais rigor do que aqueles aos quais não foi mostrada a luz.¹⁵

19.3 O EVANGELHO REVELADO AOS SIMPLES. O PAI E O FILHO. O PRIVILÉGIO DOS DISCÍPULOS (LC 10:21 A 24)¹⁶

²¹Naquele momento, ele exultou de alegria sob a ação do Espírito Santo e disse: “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste essas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado. ²²Tudo me foi entregue por meu Pai, e ninguém conhece quem é o Filho senão o Pai, e quem é o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar”.

²³E, voltando-se para os discípulos, disse-lhes a sós: “Felizes os olhos que veem o que vós vedes! ²⁴Pois eu vos digo que muitos profetas e reis quiseram ver o que vós vedes, mas não viram, ouvir o que ouvís, mas não ouviram”.

A simplicidade do Evangelho confunde os homens de visão espiritual míope. Por se deterem apenas nas coisas transitórias da vida, no seu utilitarismo e conforto, costumam zombar e escarnecer dos ensinamentos de Jesus, considerando-os pueris. Cedo ou tarde, porém, terão consciência de quão vazia é a sua existência, pois não encontram a tão almejada felicidade na posse de bens materiais. Aos poucos, desperta-lhes a consciência que o ser humano foi criado por Deus para usufruir de um destino maior, rico de benesses espirituais. É por isso que o Cristo conclama, segundo o registro de *Lucas* (10:21 e 22): *Naquele momento, ele exultou de alegria sob a ação do*

Espírito Santo e disse: “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste essas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai e ninguém conhece quem é o Filho senão o Pai, e quem é o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar.

Não tenhamos dúvidas: somente por intermédio do Evangelho é que conseguiremos atingir os patamares mais elevados da evolução espiritual, com o aprimoramento da inteligência e da moralidade. Assim, ante o enfrentamento das trevas da ignorância, próprias ou não, pondera Manoel Philomeno de Miranda:

A doutrina que os homens têm seguido não é a d’Ele, mas as das paixões humanas. Ele, que abençoou a cruz de vergonha, tornando-a asas angélicas de libertação, jamais concordaria com qualquer atitude que ferisse os seus postulados de amor indiscriminado, especialmente aos *gentios*, que somos nós, porque os Seus não o quiseram, não O receberam, não O aceitaram.

Demonstrando a Sua misericórdia, ofereceu as mãos à mulher equivocada, à adúltera condenada pela lei, aos leprosos do corpo e da alma, sem olvidar de atender aos representantes do Sinédrio que O buscaram no silêncio da noite, assim como aos poderosos do mundo que d’Ele necessitavam.

Sem nenhuma jactância transformou-se em caminho de redenção para todos que estejam saturados do mundo e cansados das suas ilusões, amparando-os com ternura e afeição.¹⁷

A exortação de Jesus aos discípulos sinceros, do passado, presente e futuro, permanecem nesses registros do evangelista: *E, voltando-se para os discípulos, disse-lhes a sós: “Felizes os olhos que veem o que vós vedes! Pois eu vos digo que muitos profetas e reis quiseram ver o que vós vedes, mas não viram, ouvir o que ouvir, mas não ouviram”* (Lc 10:23 e 24).

A seguinte mensagem de Cairbar Schutel, *Seja voluntário*, encontrada no livro *O espírito da verdade*, interpreta a missão dos espíritas que se encontra em *O evangelho segundo o espiritismo*, capítulo 20, item 4, que, expressa em termos práticos o que cabe a cada discípulo do Cristo realizar no posto de trabalho que a vida o situou:

Seja voluntário¹⁸

Seja voluntário na evangelização infantil.

Não aguarde convite para contribuir em favor da Boa-Nova no coração das crianças. Auxilie a plantação do futuro.

Seja voluntário no Culto do Evangelho.

Não espere a participação de todos os companheiros do lar para iniciá-lo. Se preciso, faça-o sozinho.

Seja voluntário no templo espírita.

Não aguarde ser eleito diretor para cooperar. Colabore sem impor condições, em algum setor, hoje mesmo.

Seja voluntário no estudo edificante.

Não espere que os outros lhe chamem a atenção. Estude por conta própria.

Seja voluntário na mediunidade.

Não aguarde o desenvolvimento mediúnico, sistematicamente sentado à mesa de sessões. Procure a convivência dos Espíritos Superiores, amparando os infelizes.

Seja voluntário na assistência social.

Não espere que lhe venham puxar o paletó, rogando auxílio. Busque os irmãos necessitados e ajude como puder.

Seja voluntário na propaganda libertadora.

Não aguarde riqueza para divulgar os princípios da fé. Dissemine, desde já, livros e publicações doutrinárias.

Seja voluntário na imprensa espírita.

Não espere de braços cruzados a cobrança da assinatura. Envie o seu concurso, ainda que modesto, dentro das suas possibilidades.

*

Sim, meu amigo. Não se sinta realizado.

Cultive espontaneidade nas tarefas do bem.

“A sementeira é grande e os trabalhadores são poucos”.

Vivemos os tempos da renovação fundamental.

Atravessemos, portanto, em serviço, o limiar da Era do Espírito!

Reressoam os clarins da convocação geral para as fileiras do Espiritismo.

Há mobilização de todos.

Cada qual pode servir a seu modo.

Aliste-se enquanto você se encontra válido.

Assuma iniciativa própria.

Apresente-se em alguma frente de atividade renovadora e sirva sem descansar.

Quase sempre, espírita sem serviço é alma a caminho de tenebrosos labirintos do umbral.

Seja voluntário na Seara de Jesus, Nosso Mestre e Senhor!

» **BÍBLIA DE JERUSALÉM.** *Felizes vós, que agora chorais, porque haveis de rir* (Lc 6:21)

Todos ali têm lágrimas acumuladas, e muitos as vertem sem cessar, nas rudes
provações, oculta ou publicamente.

Longa é a estrada do sofrimento; rudes e cruéis os dias em que se vive.

Espíritos ferreteados pelo desconforto e desassossego, corações despedaçados,
enfermidades e expiações...

Todos choram e experimentam a paz refazente, que advém do pranto.

[...]

A lágrima é presença divina.

Quando alguém chora, a Lei está justificando, abrindo rotas de paz nas províncias
do espírito para o futuro.

O pranto, porém, não pode desatrelar os corcéis da rebeldia para as arrancadas
da loucura, nem conduzir, em caudal, as ribanceiras do equilíbrio, qual riacho
em tumulto semeando a destruição, esgalvando (*sin. de espanar, limpar*) as
searas.

Chorar é buscar Deus nas adustas (*ardentes*) regiões da soledade.

[...] A sós e junto a Ele.

REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. cap. 10, it. b, p. 130.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Introdução aos evangelhos sinóticos*, p. 1.690 a 1.694.
- 3 _____. _____. *Evangelho segundo Lucas*, 9:51-62, p. 1.806 e 1.807.
- 4 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 16. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 175.
- 5 _____. *Segue-me....*. Pelo Espírito Emmanuel. 2. ed. Matão, SP: O Clarim, 1973. cap. *Segue-me! E ele o seguiu*, p. 1 e 2.
- 6 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 10:1-20, p. 1.807.
- 7 SCHUTEL, Cairbar. *O espírito do cristianismo*. 8. ed. Matão, SP: O Clarim, 2001. cap. 15, p. 106 e 107.
- 8 FRANCO, Divaldo Pereira. *Trigo de Deus*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 6. ed. Salvador, BA: LEAL, 2014. cap. 21, p. 134 e 135.

- 9 _____ . _____ . p. 135.
- 10 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. rev. São Paulo, SP: Vida Nova, 2006. verbetes: Tiro, p. 1.346 e 1.347, e Sidom, p. 1.264 e 1.265.
- 11 REINKE, André Daniel. *Os outros da bíblia: história, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino*. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Thomas Nelson Brasil, 2019. cap. 4, itens Geografia de Canaã e Geografia política de Canaã, p. 125 a 127.
- 12 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. rev. São Paulo, SP: Vida Nova, 2006. verbete: Corazim, p. 261.
- 13 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo, SP: Hagnos, 2005. verbete: Betsaida, p. 187.
- 14 _____ . _____ . verbete: Cafarnaum, p. 204 e 205.
- 15 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo, SP: Pensamento, 2018. cap. 11, p. 87 e 88.
- 16 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 10:21-24, p. 1.807 e 1.808.
- 17 FRANCO, Divaldo Pereira. *Amanhecer de uma nova era*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. 2. ed. 4. imp. Salvador, BA: LEAL, 2017, cap. 10, p.123 e 124.
- 18 XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *O espírito da verdade*. Por diversos Espíritos. 18. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2013. cap. 58 [mensagem de Cairbar Schutel].

O GRANDE MANDAMENTO. PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO

MARTA E MARIA (LC 10:25 A 42)

Temos aqui três passagens evangélicas que transmitem a importância da prática da Lei de Amor como princípio evolutivo, independentemente dos desafios existenciais: o Grande Mandamento resume o amor a Deus e ao próximo; a Parábola do Bom Samaritano destaca a compaixão como o sentimento necessário para a prática da caridade; e o episódio ocorrido em Betânia, na casa das irmãs Marta e Maria, destaca que a “melhor parte” é seguir Jesus, na sua legítima expressão.

Ciente de tais princípios, Bezerra de Menezes aconselha o espírita segui-los na forma de *legenda espírita*, assim resumida: *Fora da caridade não há salvação!* Entre outros esclarecimentos, orienta-nos o venerável benfeitor:

O espírita cristão é chamado aos problemas do mundo, a fim de ajudar-lhes a solução; contudo, para atender em semelhante mister, há que silenciar discórdia e censura e alongar entendimento e serviço.

É por essa razão que interpretando o conceito *salvar por livrar da ruína* ou *preservar do perigo*, colocou Allan Kardec, no luminoso portal da Doutrina Espírita, a sua legenda inesquecível: “Fora da caridade não há salvação”.¹

20.1 O GRANDE MANDAMENTO (LC 10:25 A 28)²

²⁵E eis que um legista se levantou e disse para experimentá-lo: “Mestre, que farei para herdar a vida eterna?”. ²⁶Ele disse: “Que está escrito na Lei? Como lês?”. ²⁷Ele, então, respondeu: “Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda a tua força e de todo o teu entendimento; e a teu próximo como a ti mesmo”. ²⁸Jesus disse: “Respondeste corretamente; faze isso e viverás”.

O Grande Mandamento anunciado por Jesus tem duas premissas para que o ser humano possa herdar a vida eterna: amar a Deus e amar ao próximo, como a si mesmo. São expressões que representam, sem dúvida, uma síntese do Decálogo que Moisés trouxe ao mundo por via mediúnica. Síntese que, sem dúvida, consubstancia a prática da Lei de Amor, o Princípio Divino ordenador das coisas e dos seres do Universo. Hermínio Miranda assim se pronuncia ao comparar os dois anunciados de Jesus (amar a Deus e amar ao próximo):

Ele não diz que o segundo é maior ou menor do que o outro — diz que é semelhante; igual, portanto, com a mesma força. Também este consta nos textos sagrados tradicionais (*Levítico*, 19:18). Embora emprestando-lhes novo vigor e combinando-os num só princípio diretor, Jesus não inova e, portanto, não põe em xeque a tradição, dado que citava dois autorizados trechos bíblicos [*Decálogo e Levítico*].³

Hermínio prossegue com suas análises e faz um paralelo dessa orientação de Jesus (amar a Deus e ao próximo) com registros de *Mateus*, *Marcos*, *Lucas* e *João*:

1) **Mateus:**

Desses mandamentos — acrescenta Ele [Jesus], segundo Mateus — dependem toda a Lei e os profetas. Estava tudo resumido ali. Aliás, já na Regra de Ouro (*Mateus*, 7:12) pregara Ele o mesmo princípio: “Tudo aquilo, portanto, que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles, por que isto é a Lei e os Profetas”.³

2) **Marcos:**

Em *Marcos* (12:28 a 31) o tema é mais desenvolvido, e o diálogo é com um escriba. Na resposta, Jesus cita mais extensamente o primeiro mandamento do Decálogo, como está em *Deuteronômio* (6:4 e 5): “Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Deus e amará o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento e com todas as tuas forças”. Em seguida, acrescenta o outro sobre o amor ao próximo. [...].³

3) **Lucas:**

Em *Lucas*, quem se levanta para interpelar Jesus é um legista. A pergunta é formulada diferentemente das anteriores: “Mestre, que farei para herdar a vida eterna?”. Jesus responde com outra pergunta: “Que está escrito na lei? E o próprio doutor responde com duas citações conhecidas. Jesus comenta com simplicidade: “Respondeste corretamente; faze isto viverás”.⁴

4) João:

Em João, a colocação é algo diferente na forma, mas não muito na do sentido. Jesus fala aos discípulos em tom de despedida e propõe-lhes “um novo mandamento” — “que vos ameis uns aos outros. Como vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros”.⁴

Amélia Rodrigues, por sua vez, reforça a ideia do amor como norma orientadora da vida:

Quem se ama sem egoísmo, sem o desejo de acumular, porém vive para repartir; sem a paixão da posse, mas com o sentimento de libertação, ama o seu próximo, conforme Deus nos ama.

O amor é sustento da vida, por ser de origem divina e ter finalidade humana. Subitamente, despertando da magia envolvente da Sua palavra, as pessoas entreolharam-se, sorriram, tocaram-se.

[...]

A partir daquele momento não mais sombras; eles conheciam quais eram os meios de que se deveriam utilizar em quaisquer situações.

Nunca revidar ao mal — amar.

Jamais ceder ao crime — amar.

Não desistir — amar.

Maltratados, e amando.

Incompreendidos, porém amáveis.

Estava inaugurada a Era Nova, e a transcendente sinfonia do amor iniciava o período de estabilização do bem na Terra.⁵

20.2 PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO (LC 10:29 A 37)⁶

²⁹Ele, porém, querendo se justificar, disse a Jesus: “E quem é meu próximo?”.

³⁰Jesus retomou: “Um homem descia de Jerusalém a Jericó e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram-se, deixando-o semimorto.” ³¹Casualmente, descia por esse caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante. ³²Igualmente um levita, atravessando esse lugar, viu-o e prosseguiu.

³³Certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão. ³⁴Aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho, depois colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria e dispensou-lhe cuidados. ³⁵No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: ‘Cuida dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei.’ ³⁶Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” ³⁷Ele respondeu: “Aquele que usou de misericórdia para com ele”. Jesus então lhe disse: “Vai, e também tu, faze o mesmo”.

A Parábola do Bom Samaritano é muito conhecida no meio espírita e não espírita por exprimir a essência da prática da caridade. O samaritano, considerado herege pelos membros do clero judaico, primeiro em razão de a Samaria ter se transformado na capital do reino dissidente de Israel; segundo porque os samaritanos somente “[...] admitiam o Pentateuco, que continha a lei de Moisés, e rejeitavam todos os outros livros, que a esse foram anexados. [...] Aos olhos dos judeus ortodoxos eles eram heréticos e, portanto, desprezados, anatematizados e perseguidos. [...]”⁷ Os samaritanos, por sua vez, “[...] para tornarem mais profunda a cisão e não terem de vir a Jerusalém pela celebração das festas religiosas, construíram para si um templo particular e adotaram algumas reformas. [...]”⁷

Contudo, foi o exemplo do samaritano que Jesus buscou para ilustrar a sua parábola, de onde extraímos a lição de que, em todos grupos humanos, há pessoas de bem, independentemente das suas convicções, religiosas ou não. O bem, manifestado na forma da vivência da caridade, é o percurso que a Humanidade deve seguir, cedo ou tarde. Daí os Espíritos superiores tomarem como lema esta expressão: “Fora da caridade não há salvação”. É lema que, naturalmente, faz oposição ao estabelecido pela teologia católica *de que fora da igreja não há salvação*, obviamente, em desuso, pois nenhuma instituição ou organização humana pode ser maior que a Lei de Deus. Assim, em mensagem mediúnica de Paulo, o apóstolo, transmitida em Paris, ano de 1860, extraímos essas orientações:

Meus filhos, na máxima: Fora da caridade não há salvação, estão contidos os destinos dos homens, na Terra e no Céu; na Terra, porque à sombra dessa bandeira eles viverão em paz; no Céu, porque os que a tiverem praticado acharão graça diante do Senhor. Essa divisa é o facho celeste, a coluna luminosa que guia o homem no deserto da vida para o conduzir à Terra Prometida. [...]”⁸

Na Parábola do Bom Samaritano, Jesus ensina como pôr em prática o ensinamento “amar a Deus” e “amar ao próximo”, conhecido como o Grande Mandamento. Por meio dessa parábola, Jesus esclarece que auxiliar o próximo é socorrê-lo em suas necessidades ou aflições, sem impor condições. A situação retratada no ensinamento de Jesus apresenta-nos o seguinte teor de ideias:

- a) Um homem, assaltado e espancado, encontrava-se semimorto na beira da estrada de Jerusalém para Jericó.
- b) Passou por ali, um após o outro dois religiosos: um sacerdote e um levita (religioso da tribo de Levi). Entretanto, ambos se revelaram indiferentes ao sofrimento da pessoa ferida. Prosseguiram a viagem.

- c) Mais tarde, um samaritano — desprezado e considerados pelos religiosos judeus — viu a pessoa assaltada e espancada, mas, movido pela compaixão, prestou-lhe auxílio imediato, segundo as suas possibilidades, e ainda o conduziu a uma hospedaria para abrigá-lo. Pagou os gastos iniciais ao dono da hospedaria, prometendo pagar-lhe mais quando ele retornasse da viagem.

O que diferencia o samaritano dos demais, o sacerdote e o levita — supostamente, intermediários entre Deus e os homens — foi o sentimento de compaixão pela dor do próximo. É esse sentimento, sim, que nos faz amar o próximo como a nós mesmo. Uma lição simples e profunda ao mesmo tempo, que demonstra, em poucas palavras, que vivência das leis de Deus não devem ser revestidas de simbolismo, cultos e rituais, que mais alimentam a vaidade e o orgulho, e tornam os seus sacerdotes e adeptos indiferentes às reais necessidades do próximo. Daí a grandiosa pergunta de Jesus, que repercute além dos séculos, e a resposta que foi dada pelo legalista, membro do Sinédrio: *Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?* Ele respondeu: *“Aquele que usou de misericórdia para com ele”*. Jesus então lhe disse: *“Vai, e também tu, faze o mesmo”* (Lc 10:36 e 37).

Em sentido amplo, a parábola pode apresentar outros significados, como o seguinte, proposto por Cairbar Schutel:

Finalmente, a Parábola do Bom Samaritano refere-se verdadeiramente a Jesus; o viajante ferido é a Humanidade saqueada de seus bens espirituais e de sua liberdade, pelos poderosos do mundo; o sacerdote e o levita significam os padres das religiões que, em vez de tratarem dos interesses da coletividade, tratam dos interesses dogmáticos e do culto de suas Igrejas; o samaritano que se aproximou e atou as feridas, deitando nelas azeite e vinho, é Jesus Cristo. O azeite é o símbolo da fé, o combustível que deve arder nessa lâmpada que dá claridade para a Vida Eterna — a sua Doutrina; o vinho é o suco da vida, é o espírito da sua Palavra; os dois denários dados ao hospedeiro para tratar do doente, são: a caridade e a sabedoria; o mais, que o “enfermeiro” gastar, resume-se na abnegação, nas vigílias, na paciência, na dedicação, cujos feitos serão todos recompensados. Enfim, o hospedeiro representa os que receberam os seus ensinamentos e os “denários” para cuidarem do “viajante ferido e saqueado”.⁹

20.3 MARTA E MARIA (LC 10:38 A 42)¹⁰

³⁸Estando em viagem, entrou num povoado, e certa mulher, chamada Marta, recebeu-o em sua casa. ³⁹Sua irmã, chamada Maria, ficou sentada aos pés do

Senhor, escutando-lhe a palavra. ⁴⁰Marta estava ocupada pelo muito serviço. Parando, por fim, disse: “Senhor, a ti não importa que minha irmã me deixe assim sozinha a fazer o serviço? Dize-lhe, pois, que me ajude”. ⁴¹O Senhor, porém, respondeu: “Marta, Marta, tu te inquietas e te agitas por muitas coisas; ⁴²no entanto, pouca coisa é necessária, até mesmo uma só. Maria, com efeito, escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada”.

Como fechamento do Tema 20 e do capítulo 10 do *Evangelho segundo Lucas*, temos, aqui, importante ensinamento de Jesus, transmitido durante uma visita a Marta e Maria, irmãs de Lázaro, em Betânia. Essa cidade (do *hebraico*, “casa das tâmaras”), era uma aldeia situada no monte da Oliveiras (Mc 11:1), cerca de dois quilômetros de Jerusalém, onde o Senhor hospedou-se em diferentes ocasiões. Ali viviam não só Lázaro (que foi a ressuscitado), as suas duas irmãs, mas também Simão, o leproso, em cuja casa Jesus fora ungido.¹¹

Marta, Maria e Lázaro amavam ternamente a Jesus, sendo que Marta tudo fazia para proporcionar conforto a Jesus durante as suas visitas, a ponto de pedir ao Mestre que ordenasse a Maria auxiliá-la no serviço de casa. Jesus, porém, respondeu-lhe que Maria tinha escolhido “a melhor parte, e esta não lhe seria tirada”. Querendo com isso dizer que as verdades espirituais são mais importantes que as honras exteriores, a despeito de sempre revelar-se grato pelo acolhimento que recebia. Maria, na verdade, sempre demonstrou grande interesse em conhecer os ensinamentos de Jesus, a ponto de esquecer tudo o que acontecia à sua volta.^{12,13}

A resposta de Jesus a Marta refere-se à questão das escolhas que fazemos ao longo da reencarnação, sendo que, inúmeras vezes, damos prioridade às ocorrências da vida material, em detrimento das de natureza espiritual. Efetivamente, Maria escolheu a melhor parte, como pontua Vinícius (Pedro de Camargo): E nos fornecem outros detalhes a respeito da personalidade das duas irmãs: “O mundo vê no idealismo de Maria uma espécie de desequilíbrio; e no idealista, um insano. O critério de Jesus, contrastando com o dos homens, classifica esse estado de alma como a *boa parte* que será mantida.[...]”¹⁴

Marta era sensata, laboriosa e ponderada; agia sempre com método e cálculo, de maneira que em todos os seus atos se podia descobrir o domínio de uma razão amadurecida.

Maria tinha um temperamento apaixonado; descuidada, talvez, daquilo que o mundo classifica de coisas práticas, vivia num ambiente algo místico e de puro idealismo.

Em Marta, se a razão de todo não predominava, tinha acentuada influência em sua conduta. Em Maria, o coração quase que reinava discricionariamente. Marta nos oferece o tipo da mulher exemplar, impecável, verdadeira encarnação do bom senso, Maria é um astro que resplende no além e só de longe pode ser contemplado.

Marta, recebendo Jesus, teria pensado em cercá-lo do máximo conforto em seu modesto lar. Maria, defrontando o Mestre amado, esquecia-se de tudo, embalada ao som mágico da palavra da vida. A existência terrena com seus cuidados e tribulações, o lar, o mundo mesmo se fundiam no fogo sagrado do seu ardente entusiasmo. A palavra do Senhor exercia em sua mente verdadeira fascinação: ela sorvia o divino verbo como a planta ressequida se embebe do orvalho matutino. Jesus representava para Maria o alfa e o ômega.

[...]

Resumindo, definiremos com acerto as duas irmãs, parodiando Victor Hugo: Marta está onde termina a terra; Maria, onde começa o céu.¹⁵

Vinícius conclui suas considerações com um conselho para a nossa reflexão: “Aprendamos com Maria a escolha da *boa parte* que não nos será tirada, isto é, daquela parte que transportaremos conosco além do túmulo. Sonho? Ilusão? Não importa; há sonhos que se convertem em realidade e há realidades que se transformam em sonhos e mesmo em pesadelos”.¹⁶

REFERÊNCIAS

- 1 XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *O espírito da verdade*. Por diversos Espíritos. 18. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2013. cap. 3 [mensagem de Bezerra de Menezes]..
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 10:25-28, p. 1.808.
- 3 MIRANDA, Hermínio C. *Cristianismo: a mensagem esquecida*. 1. ed. Matão, SP: O Clarim, 1988. cap.12, p. 290.
- 4 _____. _____. p. 291.
- 5 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dias venturosos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 7, p. 53.
- 6 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 10:29-37, p. 1.808.

- 7 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. *Introdução III – Notícias históricas*, it. Samaritanos.
- 8 _____. _____. cap. 15, it. 10.
- 9 SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e ensinios de Jesus*. 28. ed. Matão, SP: O Clarim, 2016. 1ª pt., cap. *Parábola do bom samaritano*, p.123.
- 10 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 10:38-42, p. 1.808.
- 11 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo, SP: Hagnos, 2005. verbete: Betânia, p.179.
- 12 _____. _____. verbete: Marta, p. 792.
- 13 _____. _____. verbete: Maria de Betânia. it. 4, p. 790.
- 14 VINÍCIUS (Pedro de Camargo). *Em torno do mestre*. 9. ed. 6. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. 1ª pt., cap. *Marta e Maria*.
- 15 _____. _____.
- 16 _____. _____.

O PAI-NOSSO

O AMIGO IMPORTUNO. A EFICÁCIA DA ORAÇÃO. JESUS E BEELZEBU. INTRANSIGÊNCIA DE JESUS (LC 11:1 A 23)

Neste estudo, temos três conjuntos relevantes de ideias que se complementam, ainda que, à primeira vista, sugiram ser independentes: o primeiro refere-se ao *Pai-Nosso*, oração proferida por Jesus que ensina como devemos orar. O segundo, exemplificado na Parábola do Amigo Importuno, indica a eficácia da oração pelo auxílio prestado ao próximo, que é o que, usualmente, suplicamos a Deus. O terceiro conjunto de ideias revela o valor da prece e da fé em Deus, fonte de todas as bênçãos que desfrutamos na vida.

Emmanuel destaca o valor da oração:

A mente que ora permanece em movimentação na esfera invisível.

As inteligências encarnadas, ainda mesmo, quando se não conheçam entre si, na pauta das convenções materiais, comunicam-se por tênues fios do desejo manifestado na oração. Em tais instantes, que devemos consagrar exclusivamente à zona mais alta de nossa individualidade, expedimos mensagens, apelos, intenções, projetos e ansiedades que procuram o objetivo adequado.¹

À oração fervorosa deve conjugar-se o próprio esforço próprio de vencer as dificuldades que surgem na existência, como esclarece Allan Kardec: “[...] *Ajuda-te que o Céu te ajudará*. É o princípio da *Lei do Trabalho* e, por conseguinte, da *Lei do Progresso*, pois o progresso é filho do trabalho, visto que o trabalho põe em ação as forças da inteligência”²

Jesus jamais deixou de orar a Deus, Fonte Suprema do Bem, nem de auxiliar o próximo em Nome do Pai e Criador supremos. O Cristo ensina, dessa forma, que o *amor a Deus e ao próximo* é a base em que o Evangelho foi construído. Nesse sentido, assinala Joanna de Ângelis, devemos aprender a conviver com Jesus para sermos felizes:

Na convivência com Ele aprenderias a ter paciência e a harmonizar-te, conseguindo tornar-te um evangelho de feitos.

Não consideres as quinquilharias que abarrotam os espaços domésticos mais importantes que os tesouros que Ele oferece e apenas ocupam a mente e o sentimento, acompanhando-te sempre.

Lê mais os Seus ensinamentos e impregna-te deles.

Conhecerás a razão do existir e trilharás a via que conduz ao pouso de segurança.

Se conseguires conduzir Jesus ao teu lar, de imediato Ele irá possuindo o teu coração, e tudo se transformará em tua vida, ensejando-te a conquista da plenitude.³

21.1 O PAI-NOSSO. O AMIGO IMPORTUNO. A EFICÁCIA DA ORAÇÃO (LC 11:1 A 13)⁴

¹Estando num certo lugar, orando, ao terminar, um de seus discípulos pediu-lhe: “Senhor, ensina-nos a orar, como João ensinou a seus discípulos”.² Respondeu-lhes: “Quando orardes, dizei:

Pai, santificado seja o teu Nome;

venha o teu Reino;

³o pão nosso cotidiano dá-nos a cada dia;

⁴perdoa-nos os nossos pecados,

pois também nós perdoamos aos nossos devedores;

e não nos deixes cair na tentação”.

⁵Disse-lhes ainda: “Quem dentre vós, se tiver um amigo e for procurá-lo no meio da noite, dizendo: ‘Meu amigo, empresta-me três pães,⁶ porque chegou de viagem um dos meus amigos e nada tenho para lhe oferecer’,⁷ e ele responder de dentro: ‘Não me importunes; a porta já está fechada, e meus filhos e eu estamos na cama; não posso me levantar para dá-los a ti’; ⁸digo-vos, mesmo que não se levante para dá-los por ser amigo, levantar-se-á ao menos por causa da sua insistência, e lhe dará tudo aquilo de que precisa.

⁹Também eu vos digo: Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e vos será aberto. ¹⁰Pois todo o que pede, recebe; o que busca, acha; e ao que bate, se abrirá.

¹¹Quem de vós, sendo pai, se o filho lhe pedir um peixe, em vez do peixe lhe dará uma serpente? ¹²Ou ainda, se pedir um ovo, lhe dará um escorpião? ¹³Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo aos que o pedirem!”.

2.1.1 O PAI-NOSSO

A oração *Pai-Nosso*, nesse texto de *Lucas*, apresenta cinco petições a Deus: *Pai, santificado seja o teu Nome; venha o teu Reino; o pão nosso cotidiano dá-nos a cada dia; perdoa-nos os nossos pecados [...] e não nos deixes cair na tentação.*” (Lc 11:2 a 4). No registro de *Mateus* (6:9 a 13), por sua

vez, constam as seis seguintes petições, sublinhadas: *Pai Nosso, que estás no Céu, santificado seja o teu nome; Venha o teu Reino, seja feita a tua vontade, na Terra, como no Céu. O pão nosso de cada dia dá-nos hoje. E perdoa-nos as nossas dívidas como também nós perdoamos aos nossos devedores. E não nos submetas à tentação, mas livra-nos do Maligno.*

A Doutrina Espírita pondera que, além das petições dirigidas a Deus, consta também um ato de louvor e de agradecimento na prece do *Pai-Nosso* — também denominada oração dominical ou *Dominicus die* (do latim, *dominus-dominicus* = senhor e *die* = dia), que significa Oração do Dia do Senhor. Allan Kardec faz as seguintes considerações a respeito dessa prece ensinada por Jesus:

[...] É o mais perfeito modelo de concisão, verdadeira obra-prima de sublimidade na simplicidade. Com efeito, sob a forma mais singela, ela resume todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo. Encerra uma profissão de fé, um ato de adoração e de submissão; o pedido das coisas necessárias à vida e o princípio da caridade. Dizê-la na intenção de uma pessoa é pedir para ela o que se pediria para si mesmo.⁵

O Codificador considera, igualmente, que “[...] em virtude mesmo da sua brevidade, o sentido profundo que encerram as poucas palavras de que ela se compõe escapa à maioria das pessoas [...]. Dizem-na como uma fórmula cuja eficácia é proporcional ao número de vezes que seja repetida”.⁵ A prece, independentemente da sua procedência, jamais deveria ser repetida mecanicamente, mas deve-se dizê-la, imprimindo a cada palavra um pensamento e um sentimento precisos: “[...] Não afeteis orar muito, pois não é pela multiplicidade das palavras que sereis escutados, mas pela sinceridade delas [...]”.⁶ Neste sentido, a prece sempre apresenta um resultado ou resposta, cedo ou tarde, segundo os desígnios de Deus:

A prece é uma invocação. Por intermédio dela o homem entra em comunicação, pelo pensamento, com o ser a quem se dirige. Pode ter por objeto um pedido, um agradecimento, ou uma glorificação. Podemos orar por nós mesmos ou por outros, pelos vivos ou pelos mortos. As preces feitas a Deus são ouvidas pelos Espíritos encarregados da execução de suas vontades; as que se dirigem aos Espíritos bons são reportadas a Deus. Quando alguém ora a outros seres que não a Deus, está recorrendo a intermediários, a intercessores, visto que nada se faz sem a vontade de Deus.⁷

Devemos orar sempre, diariamente e, sobretudo, nos momentos de provas:

Pela prece o homem atrai o concurso dos Espíritos bons, que vêm sustentá-lo em suas boas resoluções e inspirar-lhe bons pensamentos. Ele adquire, desse

modo, a força moral necessária para vencer as dificuldades e voltar ao caminho reto, se deste se afastou. Por esse meio, pode também desviar de si os males que atrairia pelas suas próprias faltas.⁸

Um ponto merece destaque no registro de *Lucas*, 11:9 a 13, porque está relacionado ao atendimento aos pedidos que endereçamos a Deus pela prece: *Também eu vos digo: Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e vos será aberto. Pois todo o que pede, recebe; o que busca, acha; e ao que bate, se abrirá. Quem de vós, sendo pai, se o filho lhe pedir um peixe, em vez do peixe lhe dará uma serpente? Ou ainda, se pedir um ovo, lhe dará um escorpião? Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo aos que o pedirem!*

A despeito dessas informações, não podemos esquecer que, encarnados, estamos submetidos a uma programação reencarnatória que prevê reparações de faltas cometidas contra a Lei de Deus e oportunidades de melhoria espiritual. Dessa forma, a resposta de Deus às nossas orações sempre considera a manifestação da lei de causa e efeito e a necessidade evolutiva do ser:

O homem sofre sempre a consequência de suas faltas; não há uma só infração à Lei de Deus que não acarrete a sua punição.

[...]

Desse modo, o Espírito culpado e infeliz pode sempre salvar-se a si mesmo: a Lei de Deus lhe diz em que condições pode fazê-lo. O que lhe falta na maioria das vezes é a vontade, a força, a coragem. Se, por nossas preces, lhe inspiramos essa vontade, se o amparamos e o encorajamos; se, pelos nossos conselhos, lhe damos as luzes que lhe faltam, em lugar de pedirmos a Deus que derogue a sua Lei, tornamo-nos instrumentos para a execução de outra lei, também sua, a de amor e caridade, da qual Ele nos permite participar, dando a nós mesmos, com isso, uma prova de caridade. [...].⁹

É muito importante desenvolvermos o hábito de orar nos momentos de alegria e nos de tristeza, para pedir auxílio, para louvar a Deus, para agradecer a Ele. Sobretudo para agradecer as inúmeras bênçãos diariamente recebidas, como ensina a benfeitora Joanna de Ângelis:

Entre os sentimentos nobres que caracterizam o ser psicológico maduro, a gratidão destaca-se como um dos mais relevantes. A vida, em si mesma, é um hino de louvor à Vida, portanto, de gratidão incontida

[...]

Buscando a perfeita identidade, na fusão equilibrada do eixo ego-*Self*, dá-se conta que viver é experienciar gratidão por tudo quanto lhe sucede e tem oportunidade de vivenciar.

A gratidão, dessa maneira, é a força que logra desintegrar os aranzéis da degradação do sentido existencial.

Filha da maturidade alcançada mediante a razão, sobrepõe-se ao instinto, é conquista de elevada magnitude pelo propiciar de equilíbrio que faculta àquele que a sabe ofertar.

[...]

Comumente, na imaturidade emocional, acredita-se que a gratidão é uma retribuição pelo bem ou pelos favores que se recebem, consistindo em uma forma de devolução, pelo menos em parte. [...]

[...]

A gratidão é um sentimento mais profundo e significativo, porque não se limita apenas ao ato da recompensa habitual. É mais grandioso, porque traz satisfação e tem caráter psicoterapêutico.¹⁰

2.1.2 O AMIGO IMPORTUNO

Jesus relata a história de um amigo considerado importuno em razão das circunstâncias de buscar auxílio em hora avançada da noite, como indica o texto evangélico: *Disse-lhes ainda: “Quem dentre vós, se tiver um amigo e for procurá-lo no meio da noite, dizendo: ‘Meu amigo, empresta-me três pães, porque chegou de viagem um dos meus amigos e nada tenho para lhe oferecer’, e ele responder de dentro: ‘Não me importunes; a porta já está fechada, e meus filhos e eu estamos na cama; não posso me levantar para dá-los a ti’; digo-vos, mesmo que não se levante para dá-los por ser amigo, levantar-se-á ao menos por causa da sua insistência, e lhe dará tudo aquilo de que precisa”* (Lc 11:5 a 8).

Importa considerar que Jesus conta essa história logo após ter ensinado a oração do *Pai-Nosso*. Não é por acaso que o Mestre Nazareno agiu assim. É para nos mostrar que, da mesma forma que muitas vezes “importunamos” a Deus com as nossas petições, muitas das quais despropositadas, nem por isso o Pai Celestial deixa de nos acolher e auxiliar. A verdadeira amizade concede liberdade de apelar para o amigo, quando a necessidade surge, independentemente do momento. Os amigos importunos nos ensinam, também, a exercitar a caridade. Ora, se os amigos nos auxiliam, a despeito dos momentos inconvenientes, o que não dizer de Deus, nosso Pai e Criador?

[...] Ora, segundo o ensino claro e insofismável da parábola, Deus é infinitamente mais solícito para com Suas criaturas do que o melhor dos amigos e o mais afeiçoado dos progenitores; assim, pois, qualquer que seja o grau de nossa imperfeição, de nossa indigência moral, se Lhe dirigirmos o nosso apelo, em prece sincera e quente, quando precisados de Seu auxílio, podemos estar certíssimos de que o socorro da Providência não nos faltará.

Não se suponha, entretanto, que basta pedir seja o que for, para que Deus aceda prontamente. Não. Ele sabe, melhor do que nós, aquilo que nos convém, o que é necessário ao nosso progresso espiritual, e é em função desse interesse mais alto que atende ou deixa de atender às nossas súplicas.¹¹

Além do mais, importa enfatizar, o amigo importuno buscou auxílio em benefício de alguém necessitado. Vendo que não tinha condições de auxiliá-lo, procurou a pessoa certa para a concessão do benefício. Na verdade, o amigo importuno é alguém que age como intercessor, enfrentando todos os obstáculos para que o necessitado seja amparado. Essa é outra grande lição da passagem evangélica.

21.2 JESUS E BEELZEBU. INTRANSIGÊNCIA DE JESUS (LC 11:14 A 23)¹²

¹⁴Ele expulsava um demônio que era mudo. Ora, quando o demônio saiu, o mudo falou, e as multidões ficaram admiradas. ¹⁵Alguns dentre eles, porém, disseram: “É por Beelzebu, o príncipe dos demônios, que ele expulsa os demônios”. ¹⁶Outros, para pô-lo à prova, pediam-lhe um sinal vindo do céu. ¹⁷Ele, porém, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: “Todo reino dividido contra si mesmo acaba em ruínas, e uma casa cai sobre outra. ¹⁸Ora, até mesmo Satanás, se estiver dividido contra si mesmo, como subsistirá seu reinado?... Vós dizeis que é por Beelzebu que eu expulso os demônios; ¹⁹ora, se é por Beelzebu que eu expulso os demônios, por quem os expulsam vossos filhos? Assim, eles mesmos serão os vossos juizes. ²⁰Contudo, se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus já chegou a vós. ²¹Quando um homem forte e bem armado guarda sua moradia, seus bens ficarão a seguro; ²² todavia, se um mais forte o assalta e vence, tira-lhe a armadura, na qual confiava, e distribui seus despojos.

²³Quem não está a meu favor está contra mim, e quem não ajunta comigo, dispersa.

Não deixa de surpreender o fato de que existam pessoas que atribuem ação maléfica à liberação do jugo obsidiante, provocada por Espírito perseguidor. Há flagrante contradição no comportamento daqueles que acusaram Jesus de agir sob o comando do Espírito do mal, de “Belzebu”, o conhecido “chefe” dos “demônios”, como ensina as tradições das igrejas cristãs. Assim, a pergunta que se faz é: o correto seria, então, manter o doente sob o doloroso jugo do Espírito? E que tipo de fé é essa que exige provas de que o Cristo não operava em nome de Deus?

As respostas a tais indagações são simples, elementares mesmo: primeiro, o então denominado “demônio”, mesmo Belzebu, o seu superior em hierarquia, de acordo com a teologia, não faz o bem, e, por definição clerical, é agente do mal. Segundo, a fé cega não consegue discernir entre o certo e o

errado, entre o falso e o verdadeiro. Já a fé raciocinada mostraria, facilmente, que libertar alguém do sofrimento, no caso, da mudez, representa um ato de misericórdia e amor.

Por esse motivo, Jesus os repreendeu, dizendo: *Todo reino dividido contra si mesmo acaba em ruínas, e uma casa cai sobre outra. Ora, até mesmo Satanás, se estiver dividido contra si mesmo, como subsistirá seu reinado?... Vós dizeis que é por Beelzebu que eu expulso os demônios; ora, se é por Beelzebu que eu expulso os demônios, por quem os expulsam vossos filhos? Assim, eles mesmos serão os vossos juízes. Contudo, se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus já chegou a vós* (Lc 11:17 a 20). Lição preciosa que Jesus nos transmite.

As críticas, quando bem embasadas, são construtivas, contudo, opiniões vazias que refletem mais desinformação e manifestações do ego podem conduzir a consequências lastimáveis, em razão dos juízos de valor que veiculam. Todo cuidado é pouco em relação às críticas:

A crítica deve ter o cuidado de contribuir em favor do aperfeiçoamento daquilo que se encontra sob observação.

É valioso contributo para a qualificação e o aprimoramento de toda a e qualquer obra colocada sob a ótica dos estudos sérios.

Desse modo, pode ser construtiva ou destrutiva.

Possivelmente, em razão dos muitos equívocos apontados no exame do que se encontrava em observação, passou a sofrer considerações maldosas e prejudiciais.¹³

As perguntas de Jesus dirigidas aos ouvintes daquela época ressoam atualmente, como a conclamarem os crentes sinceros a aprenderem a identificar as verdadeiras manifestações do bem, como as que Ele, o Messias de Deus, transmitia-nos. Estejamos atentos em discernir a que senhor estamos, efetivamente, servindo. Por último, é sempre útil lembrar deste alerta do Mestre Nazareno: *Quem não está a meu favor está contra mim, e quem não ajunta comigo, dispersa* (Lc 11:23).

A propósito, Emmanuel considera:

À maneira do trabalhador fiel que se desvela no amanho da terra, subtraindo-lhe os espinheiros e drenando-lhe os pantanais, cooperar na associação de energias da fraternidade legítima — com o Espírito do Senhor —, legislando em nosso mundo íntimo, representa obrigação de quantos se propõem a contribuir na reconstrução planetária, a caminho da Terra regenerada e feliz. Trabalhemos entrelaçando os pensamentos e ações, dentro dessas diretrizes superiores de confraternização substancial. A tarefa é complexa, bem o sabemos.

O ministério exige lealdade e decisão. Todavia, sem o suor do servo fiel, a casa pereceria sem pão.

Lembre-mos de que a vitória do Evangelho, ainda não alcançada, começou com a congregação de doze aprendizes, humildes e sinceros, em torno de um Mestre Sábio, Paciente, Generoso e Justo, e continuemos, cada qual de nós, no posto de trabalho que nos compete, atentos às determinações Divinas, da execução do próprio dever.¹⁴

REFERÊNCIAS

- 1 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 45.
- 2 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 25, it. 2.
- 3 FRANCO, Divaldo Pereira. *Luz nas trevas*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 1. ed. Salvador, BA: LEAL, 2018. cap. 23, p. 149 e 150.
- 4 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 11:1-13, p. 1.808 e 1.809.
- 5 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 28, it. 2.
- 6 _____. _____. cap. 27, it. 4.
- 7 _____. _____. it. 9.
- 8 _____. _____. it. 11.
- 9 _____. _____. it. 21.
- 10 FRANCO, Divaldo Pereira. *Psicologia da gratidão*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 1. ed. Salvador, BA: LEAL, 2011. cap. 1, p. 20 e 21.
- 11 CALLIGARIS, Rodolfo. *Parábolas evangélicas*. 11. ed. 6. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 15 – *Parábola do amigo importuno*.
- 12 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 11:14-23, p. 1.809.
- 13 FRANCO, Divaldo Pereira. *Vidas vazias*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 1. ed. 2. imp. Salvador, BA: LEAL, 2020. cap. 23, p. 161.
- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *Unificação*. Mensagem de Emmanuel, transmitida durante o 2º Congresso Espírita Mineiro, de 3 a 5 de outubro de 1952, em Belo Horizonte, MG. In: *Reformador*, out. 1977, p. 301. FEB Editora.

RETORNO OFENSIVO DO ESPÍRITO IMPURO

A VERDADEIRA BEM-AVENTURANÇA. O SINAL DE JONAS. DOIS DITOS SOBRE A LÂMPADA. CONTRA OS FARISEUS E OS LEGISTAS (LC 11:24 A 54)

Os cinco assuntos que abrangem o Tema 22 discorrem sobre as ações diretas de Jesus frente as enfermidades, físicas e psíquicas, do ser humano. O que se destaca, porém, são os Seus ensinamentos; ministrados com sabedoria, apresentados em todas as oportunidades e para diferentes tipos de ouvintes. Tal realidade vem corroborar o entendimento de que o Evangelho de Jesus é o roteiro de vida que devemos buscar como guia. Assim afirma o Espírito Vianna de Carvalho:

Nesse caldo de cultura fermentado pelos ódios e ambições terríficas, no qual a religião para os fariseus e o sacerdócio explorador e impenitente, Jesus proclamou a necessidade do respeito a Deus e o culto do Seu amor na simplicidade que reunia os infelizes nos braços da misericórdia, concedendo-lhes o retirado direito à vida.

Vivendo com as massas sofredoras, compreendendo o orgulho e o degredo dos filhos da Samaria, proclamou o amor como o libertador de consciências e o forte elã de ligação com Deus.¹

22.1 RETORNO OFENSIVO DO ESPÍRITO IMPURO (LC 11:24 A 26)²

²⁴ “Quando o espírito impuro sai do homem, perambula em lugares áridos, procurando repouso, mas não o encontrando, diz: ‘Voltarei para minha casa, de onde saí.’²⁵ Chegando lá, encontra-a varrida e arrumada.²⁶ Diante disso, vai e toma outros sete espíritos piores do que ele, os quais vêm habitar aí. E com isso a condição final daquele homem torna-se pior do que antes.”

É evidente, nessa passagem evangélica, que não basta só afastar Espíritos vinculados, entre si, por meio da obsessão. É importante oferecer a ambos,

obsessor e obsidiado, oportunidades de renovação espiritual, a fim de libertá-los dos sentimentos inferiores de mágoas, vingança, ódio, entre outros, que nutriam reciprocamente. A prática dos princípios morais, ainda que desafiantes, é a solução definitiva e libertadora para todos os males do mundo, pois está revestida de poderoso poder educativo. Assim, ante o processo obsessivo, a primeira medida é afastar o obsessor e o obsidiado. Mas, para que não se repita a ação obsidiante, é de suma importância oferecer a ambos, obsessor e obsidiado, esclarecimentos que os conduzam a reflexões mais aprofundadas a fim de que possam reajustar a própria caminhada evolutiva.

Afastar um obsessor, no caso denominado “espírito impuro”, não significa que ele compreendeu o mal que estava praticando ou que perdoou as supostas ofensas recebidas por parte daquele a quem perseguia e que justificavam a sua vingança. O obsessor que é apenas afastado, não se auto-educou, efetivamente, pois não refletiu a respeito dos seus atos, voltando a repeti-los mais tarde, até com maior gravidade, quando se alia a outros perseguidores. A desobsessão, propriamente dita, visa despertar o obsessor e o obsidiado para a prática do bem, o antídoto contra qualquer tipo de maldade. Emmanuel esclarece a respeito:

Todos os Espíritos desencarnados, que se atrasam em pesadelos da revolta, acordam, um dia.

Surge-lhes o arrependimento, no âmago do ser, em lágrimas jubilosas, quais se fossem prisioneiros repentinamente libertos.

Derruída a masmorra de trevas em que jaziam encadeados, respiram, enfim, a grande emancipação, junto dos amigos que lhes estendem os braços. Observam, porém, a sombra que ainda carregam, contrastando com a luz em que se banham, transfigurados, e que suspiram por merecer; sentem-se, aí, na condição de pássaros mutilados, a reconhecerem o valor da experiência física em que lhes cabe refazer as próprias asas, eolvem, ansiosos, à procura do antigo ninho de serviço e de amor, que os alente e restaure. Quase sempre, contudo, ensejos passaram, paisagens queridas alteraram-se totalmente, facilidades sumiram e afetos abandonados evoluíram noutros rumos...

Ainda assim, é necessário lutar na conquista do recomeço.

[...]

Mas isso não basta.

Depois do aprendizado, é preciso retomar o campo de ação, renascer e ressarcir, progredir e aprimorar, solvendo débito por débito perante a Lei.³

O obsidiado, por sua vez, que se vinculou-se ao jugo obsessivo, deve reeducar-se, igualmente, tornando-se livre, independentemente do plano de vida em que se encontre, encarnado ou desencarnado: “[...] no balanço das

responsabilidades que lhe competem, a mente, acordada perante a Lei, não se vê apenas defrontada pelos resultados das próprias culpas. Reconhece, também, o imperativo de libertar-se dos compromissos assumidos com os sindicatos das trevas”.⁴

22.2 A VERDADEIRA BEM-AVENTURANÇA (LC 11:27 A 28)⁵

²⁷Enquanto ele assim falava, certa mulher levantou a voz do meio da multidão e disse-lhe: “Felizes as entranhas que te trouxeram e os seios que te amamentaram!”. ²⁸Ele, porém, respondeu: “Felizes, antes, os que ouvem a palavra de Deus e a observam”.

Em todas as ocasiões, Jesus dispensou qualquer possibilidade que pudesse enaltecer os Seus feitos, ainda que provenientes de almas sinceras. Tudo que Ele ensinava ou fazia era em nome do Pai. Conhecedor profundo das Leis de Deus, Ele via a si mesmo como um simples servidor do Altíssimo. E, como grande educador, sabia os perigos que os elogios podiam repercutir no íntimo do Espírito imperfeito. Emmanuel nos faz ver isso, na seguinte mensagem:

Elogios⁶

Mas Ele disse: Antes, bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam. (Lucas, 11:28.)

Dirigira-se Jesus à multidão, com o enorme poder do seu amor, conquistando geral atenção. Mal terminara as observações amorosas e sábias, eis que uma senhora se levanta no seio da turba e, magnetizada pela sua expressão de espiritualidade sublime, reporta-se, em alta voz, às bem-aventuranças que deviam caber a Maria, por haver contribuído na vinda do Salvador à face da Terra. Mas, prestamente, na perfeita compreensão das conseqüências infelizes que poderiam advir da atitude impensada, responde o Mestre que, antes de tudo, serão bem-aventurados os que ouvem a revelação de Deus e lhe praticam os ensinamentos, observando-lhe os princípios.

A passagem constitui esclarecimento vivo para que não se amorteça, entre os discípulos sinceros, a campanha contra o elogio pessoal, veneno das obras mais santas a sufocar-lhes propósitos e esperanças.

Se admiras algum companheiro que se categoriza a teus olhos por trabalhador fiel do bem, não o perturbes com palavras, das quais o mundo tem abusado muitas vezes, construindo frases superficiais, no perigoso festim da lisonja. Ajuda-o, com boa vontade e entendimento, na execução do ministério que lhe compete, sem te esqueceres de que, acima de todas as bem-aventuranças, brilham os divinos dons daqueles que ouvem a Palavra do Senhor, colocando-a em prática

22.3 O SINAL DE JONAS (LC 11:29 A 32)⁷

²⁹Como as multidões se aglomerassem, começou a dizer: “Essa geração é uma geração má; procura um sinal, mas nenhum sinal lhe será dado, exceto o sinal de Jonas. ³⁰Pois, assim como Jonas foi um sinal para os ninivitas, assim também o Filho do Homem será um sinal para esta geração. ³¹A rainha do sul se levantará no Julgamento, juntamente com os homens desta geração e os condenará, porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão, mas aqui está algo mais do que Salomão! ³²Os habitantes de Nínive se levantarão no Julgamento juntamente com esta geração, e a condenarão, porque se converteram pela pregação de Jonas, e aqui está algo mais do que Jonas!

As pessoas insatisfeitas estão sempre em busca de sinais externos que, como em um passe de mágica, poderiam transformar-lhes a maneira de ser e pensar. Ignoram que as conquistas evolutivas são graduais, pautadas por aprendizados intelecto-morais que são gradativamente absorvidos. Por mais sábio que um Espírito seja, não pode transmitir aos demais a vivência das próprias lições. Tais experiências são individuais que, ao longo do tempo e do espaço, serão assimiladas de acordo com as circunstâncias e capacidade de entendimento de cada um, a rigor, variáveis de indivíduo para indivíduo.

A benfeitora Joanna de Ângelis fornece-nos bons conselhos a respeito:

No teu esforço de autoiluminação, tem em vista que a paciência é fator primordial para o êxito.

Os triunfadores sempre enfrentaram dificuldades que somente eles sabem.

Não é fácil viver-se os ideais de grandeza moral, tendo em vista a transformação da sociedade para melhor.

[...]

O Senhor da Vida acompanha a marcha das Suas criaturas e inspira os Seus representantes, deles cuidando com afeto e constância

No exercício da paciência, faz-se imprescindível o autocontrole que demonstra a eficácia da ciência da paz.

[...]

Perseveras naquilo que crês, pois sabes que o amor é a única solução para todas as dificuldades humanas. O que não consegues hoje, lograrás amanhã, se souberes permanecer firme e sem desalento.⁸

A multidão que o seguia — e entre ela encontravam fariseus e escribas, como descreve *Mateus* (12:42) —, pede a Jesus a demonstração de um prodígio ou sinal para que eles pudessem comprovar a autoridade do Mestre como Messias ou, mesmo como um profeta. Jesus recusa

fornecer-lhes qualquer sinal, e, ao se reportar ao profeta Jonas, esclarece que, por muito menos, povos gentios aceitaram os ensinamentos de Deus. Todavia, transmite aos ouvintes a informação de que, mais tarde, aquela geração receberia um sinal que a marcaria para sempre: — Ele fazia referência à sua ressurreição.

Para melhor compreender as palavras de Jesus, importa recordar que Jonas (do hebraico, *pomba*), filho de Amitai, é conhecido como um profeta hebreu que viveu durante o reinado de Jeroboão II, de Israel, no século VIII a.C. Jonas nasceu em Gate-Hefer (Rs 14:25), uma aldeia situada nas proximidades de Nazaré, na Galileia, e teve como missão pregar a Lei de Deus aos povos gentílicos do Nínive (Assíria). Apesar de serem politeístas, os niniveanos deram uma resposta favorável aos ensinamentos do profeta, sobretudo após Jonas ter sobrevivido à permanência de três dias e três noites no ventre de um grande peixe (talvez uma baleia).^{9,10,11}

Jesus associa os três dias que o profeta Jonas permaneceu no ventre de “um peixe grande” (Jn 2:1), ao período que Ele passaria entre a crucificação e a ressurreição.¹²

22.4 DOIS DITOS SOBRE A LÂMPADA (LC 11:33 A 36)¹³

³³Ninguém acende uma lâmpada para colocá-la em lugar escondido ou debaixo do alqueire, e sim sobre o candelabro, a fim de que os que entram vejam a luz.

³⁴A lâmpada do corpo é o teu olho. Se teu olho estiver são, todo o teu corpo ficará também iluminado; mas se ele for mau, teu corpo também ficará escuro.

³⁵Por isso, vê bem se a luz que há em ti não é treva. ³⁶Portanto, se todo o teu corpo está iluminado, sem parte alguma tenebrosa, estará todo iluminado como a lâmpada, quando te ilumina com seu fulgor.

A Parábola da Candeia, bem conhecida dos cristãos, inclusive dos espíritas, transmite elevados ensinamentos a respeito da força expansiva do bem que, cedo alcança a todos, como pondera Cairbar Schutel:

A recomendação feita na parábola é que a luz deve ser posta no velador a fim de que todos a vejam, por ela se iluminem, ou, então, para que essa luz seja julgada de acordo com a sua claridade.

[...]

No sentido espiritual, que é justamente aquele em que Jesus falava, todos os que receberam a luz da Sua Doutrina precisam mostrá-la, não a esconderem sob o módio (medida agrária romana usada para medir a capacidade de cereais) do interesse, nem sob o leito da hipocrisia. Quer seja fraca, média ou forte; ilumine na proporção do azeite, do petróleo, do acetileno ou da eletricidade,

o mandamento é: “Que a vossa luz brilhe diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras (que são as irradiações dessa luz) glorifiquem o vosso Pai que está nos Céus”.¹⁴

Emmanuel, em sua sabedoria, oferece-nos considerações inestimáveis a respeito dessa parábola de Jesus, na mensagem que se segue:

A candeia viva¹⁵

Ninguém acende a candeia e a coloca debaixo do módio (módio: medida utilizada pelos árabes e, depois pelos romanos, para medida de uma área de terra), mas no velador, e assim alumia a todos os que estão na casa. – JESUS (Mateus, 5:15.)

Muitos aprendizes interpretaram semelhantes palavras do Mestre como apelo à pregação sistemática e desvairaram-se através de veementes discursos em toda parte. Outros admitiram que o Senhor lhes impunha a obrigação de violentar os vizinhos, através de propaganda compulsória da crença, segundo o ponto de vista que lhes é particular.

Em verdade o sermão edificante e o auxílio fraterno são indispensáveis na extensão dos benefícios divinos da fé.

Sem a palavra, é quase impossível a distribuição do conhecimento. Sem o amparo irmão, a fraternidade não se concretizará no mundo. A assertiva de Jesus, todavia, atinge mais além.

Atentemos para o símbolo da candeia. A claridade na lâmpada consome força ou combustível.

Sem o sacrifício da energia ou do óleo não há luz.

Para nós, aqui, o material de manutenção é a possibilidade, o recurso, a vida.

Nossa existência é a candeia viva.

É um erro lamentável despender nossas forças, sem proveito para ninguém, sob a medida de nosso egoísmo, de nossa vaidade ou de nossa limitação pessoal.

Coloquemos nossas possibilidades ao dispor dos semelhantes.

Ninguém deve amealhar as vantagens da experiência terrestre somente para si. Cada espírito provisoriamente encarnado, no círculo humano, goza de imensas prerrogativas, quanto à difusão do bem, se persevera na observância do Amor universal.

Prega, pois, as revelações do Alto, fazendo-as mais formosas e brilhantes em teus lábios; insta com parentes e amigos para que aceitem as verdades imperecíveis; mas, não olvides que a candeia viva da iluminação espiritual é a perfeita imagem de ti mesmo.

Transforma as tuas energias em bondade e compreensão redentoras para toda gente, gastando, para isso, o óleo de tua boa vontade, na renúncia e no sacrifício, e a tua vida, em Cristo, passará realmente a brilhar.

22.5 CONTRA OS FARISEUS E OS LEGISTAS (LC 11:37 A 54)¹⁶

³⁷Enquanto falava, um fariseu convidou-o para almoçar em sua casa. Entrou e pôs-se à mesa. ³⁸O fariseu, vendo isso, ficou admirado de que ele não fizesse primeiro as abluções antes do almoço. ³⁹O Senhor, porém, lhe disse: “Agora vós, ó fariseus! Purificais o exterior do copo e do prato, e por dentro estais cheios de rapina e de perversidade! ⁴⁰Insensatos! Quem fez o exterior não fez também o interior? ⁴¹Antes, dai o que tendes em esmola e tudo ficará puro para vós! ⁴²Mas ai de vós, fariseus, que pagais o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as hortaliças, mas deixais de lado a justiça e o amor de Deus! Importava praticar estas coisas sem deixar de lado aquelas. ⁴³Ai de vós, fariseus, que apreciáis o primeiro lugar nas sinagogas e as saudações nas praças públicas! ⁴⁴Ai de vós, porque sois como esses túmulos disfarçados, sobre os quais se pode transitar, sem o saber!

⁴⁵Um dos legistas tomou então a palavra: “Mestre, falando assim, tu nos insultas também!” ⁴⁶Ele respondeu: “Igualmente ai de vós, legistas, porque impondes aos homens fardos insuportáveis, e vós mesmos não tocais esses fardos com um dedo sequer!

⁴⁷Ai de vós que edificais os túmulos dos profetas, enquanto foram vossos pais que os mataram! ⁴⁸Assim, vós sois testemunhas e aprovais os atos dos vossos pais: eles mataram e vós edificais!

⁴⁹Eis por que a Sabedoria de Deus disse: Eu lhes enviarei profetas e apóstolos; eles matarão e perseguirão a alguns deles, ⁵⁰a fim de que se peçam contas a esta geração do sangue de todos os profetas que foi derramado desde a criação do mundo, ⁵¹do sangue de Abel até o sangue de Zacarias, que pereceu entre o altar e o Santuário. Sim, digo-vos, serão pedidas contas a esta geração!

⁵²Ai de vós, legistas, porque tomastes a chave da ciência! Vós mesmos não entrastes e impedistes os que queriam entrar!

⁵³Quando ele saiu de lá, os escribas e os fariseus começaram a persegui-lo terrivelmente e a cercá-lo de interrogatórios a respeito de muitas coisas, ⁵⁴arrmando-lhe ciladas para surpreenderem uma palavra de sua boca.

Esse registro de *Lucas* conduz-nos, naturalmente, à reflexão relacionada às práticas religiosas de culto externo. Não que Jesus condenasse os cuidados higiênicos, pessoais, alimentares e ambientais. Nada disso. Contudo, Jesus enfatiza o zelo excessivo dos legalistas, a ponto de as práticas exteriores de devoção serem mais importantes que o conhecimento e a vivência da Lei de Deus. Assim, repetir mecanicamente uma oração, seguir rigorosamente os rituais dos sacramentos, sacrificar um animal ou fazer doações monetárias à igreja, entre outros, afasta o religioso da essência do ensinamento de Deus, relegando a planos secundários a caridade, a benevolência, o perdão etc. Ou seja, o aprimoramento de virtudes que edificam, verdadeiramente o Espírito, é obscurecido ou ignorado.

Trata-se, portanto, de uma inversão total de valores, assinala Allan Kardec na seguinte mensagem:

Verdadeira Pureza. Mãos lavadas¹⁷

Os judeus haviam desprezado os verdadeiros mandamentos de Deus para se apegarem à prática dos regulamentos estabelecidos pelos homens e da rígida observância desses regulamentos faziam casos de consciência. O fundo, muito simples, acabara por desaparecer debaixo da complicação da forma. Como era mais fácil observar atos exteriores do que se reformar moralmente, *lavar as mãos do que limpar o coração*, os homens iludiram-se a si próprios, julgando-se quites para com Deus por se conformarem com aquelas práticas, mantendo-se tais quais eram, já que lhes haviam ensinado que Deus não exigia mais do que isso. Esta a razão de haver dito o profeta: *É em vão que esse povo me honra com os lábios, ensinando máximas e ordenações humanas.*

Assim também aconteceu com a doutrina moral do Cristo, que acabou sendo relegada a segundo plano, o que tem levado muitos cristãos, a exemplo dos antigos judeus, a considerarem mais garantida a salvação por meio das práticas exteriores, do que pelas da moral. É a essas adições, feitas pelos homens à Lei de Deus, que Jesus faz alusão, quando diz: *Toda árvore que meu Pai celestial não plantou será arrancada.*

O objetivo da religião é conduzir o homem a Deus. Ora, o homem só chega a Deus quando se torna perfeito. Logo, toda religião que não torna melhor o homem, não alcança o seu objetivo. Toda aquela em que o homem julgue apoiar-se para fazer o mal, ou é falsa, ou está falseada em seu princípio. Tal é o resultado de todas as religiões em que a forma supera o fundo. A crença na eficácia dos sinais exteriores é nula, se não impede que se cometam assassinios, adultérios, espoliações, que se levantem calúnias, que se causem dano ao próximo, seja no que for. Semelhantes religiões fazem supersticiosos, hipócritas e fanáticos; nunca, porém, homens de bem.

Não basta, pois, ter as aparências da pureza; é preciso, acima de tudo, ter a pureza do coração.

REFERÊNCIAS

- 1 FRANCO, Divaldo Pereira. *Momentos de sublimação*. Pelos Espíritos Vianna de Carvalho e Joanna de Ângelis. 1. ed. Salvador, BA: LEAL, 2018. cap. 16 [mensagem de Vianna de Carvalho], p. 136 e 137.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 11:24-26, p. 1.809 e 1.810.

- 3 XAVIER, Francisco Cândido. *Justiça divina*. Pelo Espírito Emmanuel. 14. ed. 3. imp. Brasília, DF: FEB, 2013. cap. 37.
- 4 _____. _____. cap. 42.
- 5 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 11:27-28, p. 1.809 e 1.810.
- 6 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 70.
- 7 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 11:29-32, p. 1.810.
- 8 FRANCO, Divaldo Pereira. *Vidas vazias*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 1. ed. 2. imp. Salvador, BA: LEAL, 2020. cap.14, p. 109 e 110.
- 9 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. rev. São Paulo, SP: Vida Nova, 2006. verbete: Jonas, p. 711.
- 10 GARDNER, Paul. (Editor). *Quem é quem na bíblia sagrada*. Trad. Josué Ribeiro. São Paulo, SP: Editora Vida, 2005. verbete: Jonas, o profeta, p. 371.
- 11 _____. _____. p. 372.
- 12 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Mateus*, 12:38-42, nota de rodapé “e”, p. 1.726.
- 13 _____. _____. *Evangelho segundo Lucas*, 11:33-36, p. 1.810.
- 14 SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e ensinios de Jesus*. 28. ed. Matão, SP: O Clarim, 2016. 1ª pt., cap. *Parábola da candeia*, p. 108 e 109.
- 15 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 16. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 81.
- 16 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 11:37-54, p. 1.810 e 1.811.
- 17 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 8, it.10.

FALAR ABERTAMENTE E SEM TEMOR

NÃO ENTESOURAR. ABANDONAR-SE À PROVIDÊNCIA.
VENDER OS BENS E DISTRIBUIR AOS POBRES (LC 12:1 A 34)

O Tema 23 abrange, basicamente, dois assuntos: o primeiro é a importância de falar sem temor, ainda que sem grosserias ou ofensas pessoais. Jesus ensina como fazê-lo, ao alertar os discípulos a respeito da hipocrisia dos fariseus, usualmente conhecida. O segundo item envolve o seguinte conjunto de ideias: a) um alerta quanto ao perigo do apego aos bens materiais; b) a importância de confiarmos na Providência Divina, que sabe de que necessitamos ou não; c) o valor da conquista dos valores espirituais para o progresso do Espírito; e d) a necessidade da prática da caridade como impulso evolutivo.

O estudioso Russell Norman Champlin sintetiza: Todo o capítulo 12 até o texto de *Lucas*, 13:9, é uma seção que contém declarações de Jesus que indicam não só as responsabilidades e os privilégios do discipulado como também diversos avisos, encorajamentos e conselhos aos discípulos.¹

23.1 FALAR ABERTAMENTE E SEM TEMOR (LC 12:1 A 12)²

¹Neste íterim, havendo a multidão afluído aos milhares, a ponto de se esmagarem uns aos outros, ele começou a dizer, em primeiro lugar a seus discípulos: “Acautelai-vos do fermento — isto é, da hipocrisia — dos fariseus. ²Nada há de encoberto que não venha a ser revelado, nem de oculto que não venha a ser conhecido. ³Portanto, tudo o que tiverdes dito às escuras, será ouvido à luz do dia, e o que houverdes falado aos ouvidos nos quartos, será proclamado sobre os telhados.

⁴Meus amigos, eu vos digo: não tenhais medo dos que matam o corpo e depois disso nada mais podem fazer. ⁵Vou mostrar-vos a quem deveis temer: temei aquele que depois de matar tem o poder de lançar na geena; sim, eu vos digo, a este temei. ⁶Não se vendem cinco pardais por dois asses? E, no entanto, nenhum

deles é esquecido diante de Deus!⁷ Até mesmo os cabelos da vossa cabeça estão todos contados. Não tenhais medo: pois valeis mais do que muitos pardais...

⁸Eu vos digo: todo aquele que se declarar por mim diante dos homens, o Filho do Homem também se declarará por ele diante dos anjos de Deus; ⁹aquele, porém, que me houver renegado diante dos homens, será renegado diante dos anjos de Deus.

¹⁰E a todo aquele que disser uma palavra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á perdoado; mas ao que houver blasfemado contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado.

¹¹Quando vos conduzirem às sinagogas, perante os principados e perante as autoridades, não vos preocupeis como ou com o que vos defender, nem com o que dizer: ¹²pois o Espírito Santo vos ensinará naquele momento o que deveis dizer.

A fala introdutória de Jesus do capítulo 12 de *Lucas* é uma alerta aos discípulos contra “o fermento” ou hipocrisia dos fariseus. Realmente, não deixa de surpreender a existência de religiosos que, comprometidos com a edificação moral, própria e dos membros da igreja, revelem esse traço de hipocrisia no caráter. A propósito, Emmanuel transmite sábias ponderações na mensagem que se segue:

Fariseus³

Acautelai-vos, primeiramente, do fermento dos fariseus.

– JESUS (*Lucas*, 12:1.)

Fariseu ainda é todo homem presunçoso, dogmático, exclusivo, pretensão privilegiado das Forças divinas.

O orgulhoso descendente dos doutores de Jerusalém ainda vive. Atravessa todas as organizações humanas. Respira em todos os templos terrestres. Acredita-se o herdeiro único da Divina Bondade. Nada aprecia senão pelo prisma do orgulho pessoal. Traça programas caprichosos e intenta torcer as próprias leis universais, submetendo-as ao ponto de vista que esposou na sua escola ou no seu argumento sectarista.

Jamais comparece, ante a bênção do Senhor, na condição de alguém que se converteu em instrumento de seus amorosos desígnios, mas como crente orgulhoso, cheio de propósitos individualistas, declarando-se detentor de considerações especiais.

Os aprendizes fiéis necessitam acautelar-se contra o levedo de tais enfermos do espírito.

Toda ideia opera fermentações mentais.

Certamente que o Mestre não determinou a morte dos fariseus, mas recomendou cautela em se tratando da influência deles.

Exigências farisaicas constituem perigosas moléstias da alma. Urge auxiliar o doente e extinguir a enfermidade. Todavia, não conseguiremos a realização

provocando tumultos, e sim usando a cautela na antiga recomendação de vigilância.

Jesus destaca o valor da coragem moral, a força da fé raciocinada, na seguinte passagem: *Meus amigos, eu vos digo: não tendes medo dos que matam o corpo e depois disso nada mais podem fazer. Vou mostrar-vos a quem deveis temer: temei aquele que depois de matar tem o poder de lançar na geena; sim, eu vos digo, a este temei. Não se vendem cinco pardais por dois asses? E, no entanto, nenhum deles é esquecido diante de Deus! Até mesmo os cabelos da vossa cabeça estão todos contados. Não tendes medo: pois valeis mais do que muitos pardais...* (Lc 12:4 a 7).

Vinícius (Pedro de Camargo) analisa as palavras do Cristo como um estímulo ao discípulo para agir sem vacilações, pois a sua confiança em Deus confere-lhe o entendimento que, todos nós, “valem mais do que muitos pardais” (Lc 12:7): “Um dos requisitos exigidos por Jesus, como condição indispensável àqueles que pretendessem seguir-lhe as pegadas, é a coragem moral. [...]”⁴ Vinícius prossegue, com lucidez, em suas conjecturas:

A coragem moral é a primeira virtude do homem de fé. Cumpre, porém, não confundir a verdadeira coragem com as caricaturas de coragem, que se ostentam por toda a parte. Estas são burlescas e vulgares, aquela é rara e cheia de nobreza. A coragem não consiste em atitudes violentas e belicosas. Nada tem de comum com a temeridade. É serena e íntima. Não se ostenta em bracejos, ou gesticulações espetaculosas, nem em vozerios e frases ameaçadoras e ofensivas. Revela-se antes em suportar, do que em repelir a ofensa recebida. Energia não significa agressividade. Ser franco não é ser ferino, nem, sequer, contundente.

Quanto maior é a coragem, tanto mais calmo age o indivíduo. A consciência do valor próprio, aliada à fé no Supremo Poder, fez o homem tolerante e sofrido, paciente e tranquilo. Tal foi a atitude invariável de Jesus diante das conjunturas mais embaraçosas de sua vida terrena. Suportou todas as injúrias, todas as humilhações e iniquidades que lhe foram infligidas, conservando imaculada e intangível a pureza do alto ideal por que se bateu até ao extremo sacrifício.

Tal é a coragem de que precisam revestir-se os seus discípulos de hoje, como souberam fazer os discípulos do passado.⁵

O desenvolvimento da coragem moral educa a vontade e fortalece o caráter, concedendo força necessária para suportar os desafios existenciais, sem temor de se declarar cristão e de aceitar o Cristo como o Messias, Guia e Modelo da humanidade terrestre,⁶ consoante esta declaração de Jesus: *Eu vos digo: todo aquele que se declarar por mim diante dos homens, o Filho do Homem também se declarará por ele diante dos anjos de Deus; aquele, porém, que me houver renegado diante dos homens, será renegado diante dos anjos*

de Deus. E a todo aquele que disser uma palavra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á perdoado; mas ao que houver blasfemado contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado (Lc 12:8 a 10). Estejamos, contudo, atentos, pois afirmar-se cristão nem sempre é suficiente, como assinala Emmanuel:

Não é fácil confessar a Jesus entre as comunidades terrestres, quando sabemos que Ele próprio foi por elas conduzido à cruz do martírio; mas, é dessa confissão que a sua palavra persuasiva nos fala o Evangelho de Verdade e no Amor. É preciso se precate o discípulo contra o perigo de uma adesão verbal, sem a participação de suas energias interiores.

O Senhor deseja ser confessado pelos seus continuadores nas estradas do mundo; mas, esse ato não se pratica apenas por palavras, e sim por todas as demonstrações vivas do coração.⁷

23.2 NÃO ENTESOURAR. ABANDONAR-SE-À PROVIDÊNCIA. VENDER OS BENS E DISTRIBUIR AOS POBRES (LC 12:13 A 34)⁸

¹³Alguém da multidão lhe disse: “Mestre, dize a meu irmão que reparta comigo a herança”.¹⁴Ele respondeu: “Homem, quem me estabeleceu juiz ou árbitro da vossa partilha?”.¹⁵Depois lhes disse: “Precavei-vos cuidadosamente de qualquer cupidez, pois, mesmo na abundância, a vida do homem não é assegurada por seus bens”.

¹⁶E contou-lhes uma parábola: “A terra de um rico produziu muito. ¹⁷Ele, então, refletia: ‘Que hei de fazer? Não tenho onde guardar minha colheita’. ¹⁸Depois pensou: ‘Eis o que vou fazer: demolirei meus celeiros, construirei maiores, e lá recolherei todo o meu trigo e os meus bens. ¹⁹E direi à minha alma: Minha alma, tens uma quantidade de bens em reserva para muitos anos; repousa, come, bebe, regala-te’. ²⁰Mas Deus lhe diz: ‘Insensato, nessa mesma noite ser-te-á reclamada a alma. E as coisas que acumulaste, de quem serão?’. ²¹Assim acontece àquele que ajunta tesouros para si mesmo, e não é rico para Deus”.

²²Depois disse a seus discípulos: “Por isso vos digo: Não vos preocupeis com a vida, quanto ao que haveis de comer, nem com o corpo, quanto ao que haveis de vestir.

²³Pois a vida é mais do que o alimento e o corpo mais do que a roupa. ²⁴Olhai os corvos; eles não semeiam nem colhem, não têm celeiro nem depósito; mas Deus os alimenta. Quanto mais valeis vós do que as aves! ²⁵Quem dentre vós, com as suas preocupações, pode prolongar por um pouco a duração de sua vida? ²⁶Portanto, se até as coisas mínimas ultrapassam o vosso poder, por que preocupar-vos com as outras? ²⁷Considerai os lírios, como não fiam, nem tecem. Contudo, eu vos asseguro que nem Salomão, com todo o seu esplendor, se vestiu como um deles.

²⁸Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que existe hoje e amanhã será lançada no forno, quanto mais a vós, homens fracos na fé! ²⁹Não busqueis o que comer ou beber; e não vos inquieteis! ³⁰Pois são os gentios deste mundo que estão à procura

de tudo isso: vosso Pai sabe que tendes necessidade disso.³¹ Pelo contrário, buscai o seu Reino, e essas coisas vos serão acrescentadas.³² Não tenhais medo, pequenino rebanho, pois foi do agrado do vosso Pai dar-vos o Reino!

³³Vendei vossos bens e dai esmola. Fazei bolsas que não fiquem velhas, um tesouro inesgotável nos céus, onde o ladrão não chega nem a traça rói.³⁴ Pois onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.

A questão de seguir as leis morais da vida, ou Lei de Deus, e o usufruto dos bens materiais sempre esteve na raiz dos conflitos morais humanos. Não porque seja vedado adquirir e beneficiar-se dos bens existentes na reencarnação. A restrição moral está relacionada ao apego e subjugação que as posses materiais possam impor ao ser humano, que o transforma em pessoa egoísta, hedonista e despreocupada com as próprias aquisições espirituais. Daí Allan Kardec ponderar:

Se a riqueza houvesse de constituir obstáculo absoluto à salvação dos que a possuem, conforme se poderia deduzir de certas palavras de Jesus, interpretadas segundo a letra, e não conforme o espírito, Deus, que a concede, teria posto nas mãos de alguns um instrumento de perdição, sem apelação nenhuma, ideia que repugna à razão. Sem dúvida, a riqueza é uma prova muito arriscada, mais perigosa do que a miséria, em virtude dos arrastamentos a que dá causa, pelas tentações que gera e pela fascinação que exerce. É o supremo excitante do orgulho, do egoísmo e da vida sensual. É o laço mais poderoso que prende o homem à Terra e lhe desvia do Céu o pensamento. [...].⁹

Assim, cuidemos para não desbaratar as dádivas divinas, sejam elas materiais ou espirituais, concedidas por Deus para a melhoria do nosso Espírito como, acertadamente, recorda Emmanuel:

Somos todos, desse modo, convocados não apenas a empregar dinheiro, mas também saúde, condição, profissão, habilidade, entendimento, cultura, relações e possibilidades outras de que sejamos detentores, em favor dos outros, porquanto pelas nossas próprias ações somos valorizados ou depreciados, enriquecidos ou podados em nossos recursos pela Contabilidade da Eterna Justiça.¹⁰

O apego ao que se é transitório gera também avareza, restringindo ou eliminando a prática da caridade. A avareza adoece profundamente o Espírito, produzindo-lhe muito sofrimento quando, com a morte do corpo físico, passa a viver como mendigo no domicílio extrafísico para onde foi conduzido. Nessas circunstâncias, o aprendizado é, efetivamente, doloroso, esquecido que esteve deste oportuno alerta de Jesus: *“Precavei-vos cuidadosamente de qualquer cupidez, pois, mesmo na abundância, a vida do homem não é assegurada por seus bens”* (Lc 12:15).

Daí ser muito oportuna o alerta de Jesus, exemplarmente interpretado por Emmanuel na mensagem que se segue:

Bens Externos¹¹

A vida de um homem não consiste na abundância das coisas que possui. – Jesus (Lucas, 12:15.)

“A vida de um homem não consiste na abundância das coisas que possui”.

A palavra do Mestre está cheia de oportunidade para quaisquer círculos de atividade humana, em todos os tempos.

Um homem poderá reter vasta porção de dinheiro. Porém, que fará dele?

Poderá exercer extensa autoridade. Entretanto, como se comportará dentro dela? Poderá dispor de muitas propriedades. Todavia, de que modo utiliza os patrimônios provisórios?

Terá muitos projetos elevados. Quantos edificou?

Poderá guardar inúmeros ideais de perfeição. Mas estará atendendo aos nobres princípios de que é portador?

Terá escrito milhares de páginas. Qual a substância de sua obra?

Contará muitos anos de existência no corpo. No entanto, que fez do tempo?

Poderá contar com numerosos amigos. Como se conduz perante as afeições que o cercam?

Nossa vida não consiste da riqueza numérica de coisas e graças, aquisições nominais e títulos exteriores. Nossa paz e felicidade dependem do uso que fizermos, onde nos encontramos hoje, aqui e agora, das oportunidades e dons, situações e favores, recebidos do Altíssimo.

Não procure amontoar levemente o que deténs por empréstimo. Mobiliza, com critério, os recursos depositados em tuas mãos.

O Senhor não te identificará pelos tesouros que ajuntaste, pelas bênçãos que retiveste, pelos anos que viveste no corpo físico. Reconhecer-te-á pelo emprego dos teus dons, pelo valor de tuas realizações e pelas obras que deixaste, em torno dos próprios pés.

A parábola que Jesus conta aos discípulos e seguidores é mais um reforço e ilustração a respeito do excessivo apego aos bens materiais, geradores de guerras, assassinatos, traições, corrupções, inimizades, invejas etc., paixões inferiores que degradam os seres humanos, distanciando-os das aquisições espirituais. A sensatez das *palavras do* Mestre convida-nos a uma vida de prudência, perante nós e ao próximo: Depois disse a seus discípulos:

Por isso vos digo: Não vos preocupeis com a vida, quanto ao que haveis de comer, nem com o corpo, quanto ao que haveis de vestir. Pois a vida é mais do que o alimento, e o corpo mais do que a roupa. Olhai os corvos; eles não semeiam nem colhem, não têm celeiro nem depósito; mas Deus os alimenta.

Quanto mais valeis vós do que as aves! Quem dentre vós, com as suas preocupações, pode prolongar por um pouco a duração de sua vida? Portanto, se até as coisas mínimas ultrapassam o vosso poder, por que preocupar-vos com as outras? (Lc 12:22 a 26).

Ante tais orientações do Evangelho, o bom senso ensina como agir, hoje e sempre: “Recordemos a Palavra do Mestre, gravando-a no Espírito. A vida do homem não consiste na abundância daquilo que possui, mas na abundância dos benefícios que esparge e semeia, atendendo aos desígnios do Supremo Senhor”.¹²

Prosseguindo em seus sábios e atemporais ensinamentos, Jesus ensina que não devemos nos inquietar pela busca das posses, pois Deus suprirá as nossas necessidades, sempre em consonância com o nosso aperfeiçoamento espiritual:

Não busqueis o que comer ou beber; e não vos inquieteis! Pois são os gentios deste mundo que estão à procura de tudo isso: vosso Pai sabe que tendes necessidade disso. Pelo contrário, buscai o seu Reino, e essas coisas vos serão acrescentadas. Não tendais medo, pequenino rebanho, pois foi do agrado do vosso Pai dar-vos o Reino! (Lc 12:29 a 32).

Em seguida, o Senhor enfatiza a necessidade de praticar a caridade, ainda que manifestada sob a forma da filantropia: “Vendei vossos bens e dai esmola. Fazei bolsas que não fiquem velhas, um tesouro inesgotável nos céus, onde o ladrão não chega nem a traça rói. Pois onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração” (Lc 12:33 e 34). A propósito, Joanna de Ângelis aconselha-nos, com benevolência, como agir:

Investe, porém, tu, no Espírito imortal.

Sem que abandones o campo de trabalho onde foste convidado a operar, lembra-te dos tesouros inesgotáveis da vida e aplica algum capital de horas, de valores monetários, morais, intelectuais e da saúde nos sublimes comércios com a Espiritualidade Superior.

Com certeza, no jogo dos investimentos chegará a hora da prestação de contas, e então compreenderás que os investimentos imediatos ficarão retidos nas aduanas da Terra, enquanto os da vida abundante e somente estes seguirão contigo por todo o sempre.¹³

É de fundamental importância refletirmos com mais profundidade no ensinamento de Jesus *Pois onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.* (Lc 12:34), como Emmanuel analisa, com propriedade:

O tesouro maior¹⁴

Porque, onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração. – JESUS (Lucas, 12:34.)

No mundo, os templos da fé religiosa, desde que consagrados à Divindade do Pai, são departamentos da casa infinita de Deus, onde Jesus ministra os seus bens aos corações da Terra, independentemente da escola de crença a que se filiam. A essas subdivisões do eterno santuário comparecem os tutelados do Cristo, em seus diferentes graus de compreensão. Cada qual, instintivamente, revela ao Senhor onde coloca seu tesouro.

Muitas vezes, por isso mesmo, nos recintos diversos de sua casa, Jesus recebe, sem resposta, as súplicas de inúmeros crentes de mentalidade infantil, contraditórias ou contraproducentes.

O egoísta fala de seu tesouro, exaltando as posses precárias; o avarento refere-se a mesquinhas preocupações; o gozador demonstra apetites insaciáveis; o fanático repete pedidos loucos.

Cada qual apresenta seu capricho ferido como sendo a dor maior.

Cristo ouve-lhes as solicitações e espera a oportunidade de dar-lhes a conhecer o tesouro imperecível. Ouve em silêncio, porque a erva tenra pede tempo destinado ao processo evolutivo, e espera, confiante, porquanto não prescinde da colaboração dos discípulos resolutos e sinceros para a extensão do divino apostolado. No momento adequado, surgem esses, ao seu influxo sublime, e a paisagem dos templos se modifica. Não são apenas crentes que comparecem para a rogativa, são trabalhadores decididos que chegam para o trabalho. Cheios de coragem, dispostos a morrer para que outros alcancem a vida, exemplificam a renúncia e o desinteresse, revelam a Vontade do Pai em si próprios e, com isso, ampliam no mundo a compreensão do tesouro maior, sintetizado na conquista da luz eterna e do amor universal, que já lhes enriquece o espírito engrandecido.

REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. cap. 12, p. 157
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019, *Evangelho segundo Lucas*, 12:1-12, p. 1811.
- 3 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 15. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 54.
- 4 VINÍCIUS (Pedro de Camargo). *Em torno do mestre*. 9. ed. 6. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. 1ª pt., cap. *Coragem moral*.
- 5 _____.

- 6 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 9. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. q. 625.
- 7 XAVIER, Francisco Cândido. *Confessar o Mestre*. [Mensagem de Emmanuel]. *In: Reformador*, jan. 1942, p. 6. FEB Editora.
- 8 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 12:13-34, p. 1.811 e 1.812.
- 9 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 16, it. 7.
- 10 XAVIER, Francisco Cândido. *Ceifa de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 2. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 41.
- 11 _____. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 165.
- 12 _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 15. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 52.
- 13 FRANCO, Divaldo Pereira. *Florações evangélicas*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 12. ed. Salvador, DF: LEAL, 2005. cap. 6, p. 18 e 19.
- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 64.

PRONTIDÃO PARA O RETORNO DO MESTRE

JESUS DIANTE DE SUA PAIXÃO. JESUS, CAUSA DE DIVISÕES.
DISCERNIR OS SINAIS DOS TEMPOS (LC 12:35 A 59)

Três ideias fundamentais são identificadas nesse texto evangélico: a importância do discípulo manter-se preparado para vivenciar a mensagem do Evangelho, independentemente das circunstâncias e local; a compreensão de que os ensinamentos do Cristo podem ocasionar conflitos, inclusive entre os membros de uma mesma família; e o discernimento que deva existir entre o conhecimento e a verdadeira prática do Evangelho.

Ante tais entendimentos, Emmanuel orienta como o discípulo sincero deve agir para vivenciar a Lei de Amor, ensinada pelo Cristo:

À vista disso, se desatinos dessa ou daquela procedência te visitam a alma, entra em ti mesmo e acende a luz da prece, reexaminando atitudes e reconsiderando problemas, entendendo que a renovação somente será verdadeira renovação para o bem, não à custa de compressões exteriores, mas se projetarmos ao tear da vida o fio do próprio pensamento, intimamente reajustado e emendado por nós.¹

24.1 PRONTIDÃO PARA O RETORNO DO MESTRE (LC 12:35 A 48)²

³⁵Tende os rins cingidos e as lâmpadas acesas. ³⁶Sede semelhantes a homens que esperam seu senhor voltar das núpcias, a fim de lhe abrir, logo que ele vier e bater. ³⁷Felizes os servos que o senhor, à sua chegada, encontrar vigilantes. Em verdade vos digo, ele se cingirá e os colocará à mesa e, passando de um a outro, os servirá. ³⁸E caso venha pela segunda ou pela terceira vigília, felizes serão se assim os encontrar! ³⁹Compreendei isto: se o dono da casa soubesse em que hora viria o ladrão, não deixaria que sua casa fosse arrombada. ⁴⁰Vós também, ficai preparados, porque o Filho do Homem virá numa hora em que não pensais. ⁴¹Então Pedro disse: “Senhor, é para nós que estás contando essa

parábola ou para todos?”⁴²O Senhor respondeu: “Qual é, então, o administrador fiel e prudente que o senhor constituirá sobre o seu pessoal para dar em tempo oportuno a ração de trigo?”⁴³Feliz aquele servo que o senhor, ao chegar, encontrar assim ocupado! ⁴⁴Verdadeiramente, eu vos digo, ele o constituirá sobre todos os seus bens. ⁴⁵Se aquele servo, porém, disser em seu coração: ‘O meu senhor tarda a vir’, e começar a espancar servos e servas, a comer, a beber e a se embriagar, ⁴⁶o senhor daquele servo virá em dia imprevisto e em hora ignorada; ele o partirá ao meio e lhe imporá a sorte dos infiéis. ⁴⁷Aquele servo que conheceu a vontade de seu senhor, mas não se preparou e não agiu conforme sua vontade, será açoitado muitas vezes. ⁴⁸Todavia, aquele que não a conheceu e tiver feito coisas dignas de chicotadas, será açoitado poucas vezes. Àquele a quem muito se deu, muito será pedido, e a quem muito se houver confiado, mais será reclamado”.

A lição do servo vigilante ensinada nesse registro evangélico é sempre atual. Transmite-nos o alerta de que devemos nos manter sempre atentos à execução dos deveres, definidos no planejamento reencarnatório, agindo com retidão e discernimento mesmo diante dos desafios ou provações existenciais. Transparece também no texto de *Lucas* a ideia de que a pessoa que conhece as suas obrigações e as negligencia sofrerá com mais severidade as manifestações da Lei de Causa e Efeito, do que o indivíduo ignorante a respeito do que lhe compete realizar na vida. Importa destacar, ainda, que, no âmbito da vivência religiosa, é importante desenvolvermos o esforço de abandonar as manifestações de culto externo, vivenciando a mensagem cristã em Espírito e Verdade, como ensina Emmanuel:

O mundo antigo não compreendia as relações com o Altíssimo, senão através de suntuosas oferendas e pesados holocaustos.

Certos povos primitivos atingiram requintada extravagância religiosa, conduzindo sangue humano aos altares.

Tais manifestações infelizes vão-se atenuando no cadinho dos séculos; no entanto, ainda hoje se verificam lastimáveis pruridos de excentricidade, nos votos dessa natureza.

[...]

A mais elevada concepção de Deus que podemos abrigar no santuário do espírito é aquela que Jesus nos apresentou, em no-lo revelando Pai amoroso e justo, à espera dos nossos testemunhos de compreensão e de amor.

[...]

A felicidade real somente é possível no lar cristão do mundo, quando os seus componentes cumprem as obrigações que lhes competem, ainda mesmo ao preço de heroicas decisões. Com o Nosso Pai Celestial, o programa não é diferente, porque o Senhor Supremo não nos pede sacrifícios e lágrimas, e, sim, ânimo sereno para aceitar-lhe a vontade sublime, colocando-a em prática.³

24.2 JESUS DIANTE DE SUA PAIXÃO. JESUS, CAUSA DE DIVISÕES (LC 12:49 A 53)⁴

⁴⁹Eu vim trazer fogo à terra, e como desejaria que já estivesse aceso! ⁵⁰Devo receber um batismo, e como me angustio até que esteja consumado!

⁵¹Pensais que vim para estabelecer a paz sobre a terra? Não, eu vos digo, mas a divisão. ⁵²Pois doravante, numa casa com cinco pessoas, estarão divididas três contra duas e duas contra três; ⁵³ficarão divididos: pai contra filho e *filho contra pai*, mãe contra filha e filha contra mãe, sogra contra nora e *nora contra sogra*.⁴

Analisadas literalmente, essas palavras de Jesus podem provocar desentendimentos que suscitariam comportamentos radicais. Importa, pois, verificar qual foi a intenção de Jesus, Mestre sempre amoroso, ao pronunciá-las, como Allan Kardec esclarece a respeito:

[...] Tais palavras não estarão em flagrante contradição com os seus ensinamentos? Não haverá blasfêmia em lhe atribuírem a linguagem de um conquistador sanguinário e devastador? Não, não há blasfêmia nem contradição nessas palavras, pois foi Ele mesmo quem as pronunciou, e elas dão testemunho da sua alta sabedoria. Apenas a forma, um tanto equívoca, não exprime com exatidão o seu pensamento, o que fez com que muitas pessoas se enganassem quanto ao verdadeiro sentido delas. Tomadas ao pé da letra, tenderiam a transformar a sua missão, inteiramente pacífica, noutra de perturbação e discórdia, consequência absurda, que o bom senso repele, uma vez que Jesus não podia desmentir-se [...].⁵

Com o bom senso que lhe era inerente, o Codificador acrescenta:

Jesus vinha proclamar uma doutrina que solaparia pela base os abusos de que viviam os fariseus, os escribas e os sacerdotes do seu tempo. Por isso o fizeram morrer, certos de que, matando o homem, matariam a ideia. Mas a ideia sobreviveu, porque era verdadeira; engrandeceu-se, porque correspondia aos desígnios de Deus [...].⁶

Allan Kardec conclui de forma lúcida a interpretação espírita do anúncio do Cristo, registrado por *Lucas* (12:49 a 53):

Quando Jesus diz: “Não creiais que Eu tenha vindo trazer a paz, mas sim divisão”, seu pensamento era este:

“Não creiais que a minha doutrina se estabeleça pacificamente; ela trará lutas sangrentas, tendo por pretexto o meu nome, porque os homens não me terão compreendido, ou não terão querido compreender-me. Os irmãos, separados por suas respectivas crenças, desembainharão a espada um contra o outro, e a divisão reinará no seio de uma mesma família, cujos membros não partilhem da mesma crença. Vim lançar fogo à Terra para livrá-la dos erros e dos preconceitos, do mesmo modo que se põe fogo a um campo para destruir nele as

ervas más, e tenho pressa de que o fogo se acenda para que a depuração seja mais rápida, visto que do conflito a verdade sairá triunfante. À guerra sucederá a paz; ao ódio dos partidos, a fraternidade universal; às trevas do fanatismo, a luz da fé esclarecida. Então, quando o campo estiver preparado, Eu vos enviarei o *Consolador*, o *Espírito de Verdade*, que virá restabelecer todas as coisas, isto é, que dando a conhecer o sentido verdadeiro das minhas palavras, que os homens mais esclarecidos poderão enfim compreender, porá fim à luta fratricida que divide os filhos do mesmo Deus. [...]”⁷

24.3 DISCERNIR OS SINAIS DOS TEMPOS (LC 12:54 A 59)⁸

⁵⁴Dizia ainda às multidões: “Quando vedes levantar-se uma nuvem no poente, logo dizeis: ‘Vem chuva’, e assim acontece. ⁵⁵E quando sopra o vento do sul, dizeis: ‘Fará calor’, e isso sucede. ⁵⁶Hipócritas, sabeis discernir o aspecto da terra e do céu; e por que não discernis o do tempo presente? ⁵⁷Por que não julgais por vós mesmos o que é justo? ⁵⁸Com efeito, enquanto te diriges com teu adversário em busca do magistrado, esforça-te por entrar em acordo com ele no caminho, para que ele não te arraste perante o juiz, o juiz te entregue ao executor, e o executor te ponha na prisão. ⁵⁹Eu te digo, não sairás de lá antes de pagares o último centavo”.

As mudanças nos ciclos da Natureza, como a chegada de uma nova estação, são, em geral, precedidas de sinais, como os exemplificados na passagem evangélica. De forma similar, as transformações evolutivas humanas são assinaladas pela mudança de comportamentos e/ou de atitudes do indivíduo, a respeito das quais Vinícius apresenta-nos as seguintes considerações:

Esta brilhante admoestação do sapientíssimo Mestre tem por fim advertir o homem dos perigos que o ameçam. Todos os males que atingem o homem ou a coletividade humana tiveram seus prenúncios. A Natureza não age aos saltos, tanto no plano físico como no moral. Se o homem conhecesse os “sinais dos tempos”, no que respeita ao espiritual, como conhece os pródromos das tempestades observando as nuvens e a direção dos ventos, inúmeros sofrimentos seriam poupados.

Em prevenir está a sabedoria. As moléstias são mais evitáveis que curáveis; os grandes abalos e desastres, quando previstos, podem ser atenuados e até mesmo desviados do seu curso.

As enfermidades do corpo, como as da alma, são consequências de causas alimentadas por nós durante largos anos.

Essa a origem das nossas amarguras. E só depois que nos sentimos atingidos é que despertamos alarmados, bradando em vão. Sim, em vão, porque desde que se produz uma causa até que se manifestem seus efeitos, estes não de persistir até se esgotarem, a despeito de todas as nossas murmurações.

A sabedoria, repetimos, está em prevenir. É o que o Mestre figura no caso do adversário de quem o contendor não se livra em caminho. Caindo em mão do juiz, este o encerra na prisão, até pagar o último ceutil.

Constantemente somos avisados dos males que nos ameaçam, mas não sabemos conhecer os “sinais dos tempos” no terreno moral. O homem só procura entender o material. É por isso que o mundo está a braços com guerra, peste e fome. De tudo isso ele foi advertido por sinais muito característicos.

Os grandes eventos da Humanidade sempre foram previamente anunciados. Reportando-se à sua passagem pela Terra, disse Jesus aos judeus: “Como não sabeis distinguir este tempo?”. Hoje estamos também atravessando uma época cheia de sinais, que prenunciam grandes acontecimentos, grandes reformas, grandes remodelações. Busquemos, pois, conhecer os sinais dos tempos, ajuizando por nós mesmos aquilo que é justo e verdadeiro. Recolhamo-nos dentro de nós, concentremo-nos e ouçamos a revelação que Deus faz no sacrário dos nossos corações. Lembremo-nos de que em prevenir está a sabedoria. Não nos deixemos apanhar de surpresa. Sondemos os arcanos do nosso “Eu”⁹

REFERÊNCIAS

- 1 XAVIER, Francisco Cândido. *Livro da esperança*. Pelo Espírito Emmanuel. 20. ed. Uberaba, MG: CEC, 2008. cap. 57, p.157.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 12:35-48, p. 1.812 e 1.813.
- 3 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 48.
- 4 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 12:49-53, p. 1.813.
- 5 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 23, it. 11.
- 6 _____. _____. it. 12.
- 7 _____. _____. it. 16.
- 8 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 12:54-59, p. 1.813.
- 9 VINÍCIUS (Pedro de Camargo). *Nas pegadas do mestre*. 12. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2015. cap. *Os sinais dos tempos*.

CONVITES PROVIDENCIAIS À PENITÊNCIA

PARÁBOLA DA FIGUEIRA ESTÉRIL. CURA DA MULHER
ENCURVADA, EM DIA DE SÁBADO. PARÁBOLA
DO GRÃO DE MOSTARDA (LC 13:1 A 19)

O estudo desse registro de *Lucas* abrange quatro assuntos que são unidos entre si pelo entendimento de que a prática do bem é condição muito desafiante para uma Humanidade, como a da Terra, na qual predomina a inferioridade moral. A despeito dessa constatação, percebe-se que o progresso vem ocorrendo, sobretudo, no campo da ciência e da tecnologia. O progresso moral, porém, ainda é incipiente. Allan Kardec pondera a propósito:

Até aqui, a Humanidade tem realizado incontestáveis progressos. Os homens, com a sua inteligência, chegaram a resultados que jamais haviam alcançado, sob o ponto de vista das ciências, das artes e do bem-estar material. Resta-lhes, ainda, um imenso progresso a realizar: *fazerem que reinem entre si a caridade, a fraternidade e a solidariedade, que lhes assegurem o bem-estar moral*. Não poderiam consegui-lo nem com as suas crenças, nem com as suas instituições antiquadas, resquícios de outra idade, boas para certa época, suficientes para um estado transitório, mas que, havendo dado tudo que comportavam, hoje seriam um entrave. O homem já não necessita somente de desenvolver a inteligência, mas de elevar o sentimento; para isso, faz-se preciso destruir tudo o que superexcite nele o egoísmo e o orgulho.¹

25.1 CONVITES PROVIDENCIAIS À PENITÊNCIA (LC 13:1 A 5)²

¹Nesse momento, vieram algumas pessoas que lhe contaram o que acontecera com os galileus, cujo sangue Pilatos havia misturado com o das suas vítimas.
²Tomando a palavra, ele disse: “Acreditais que, por terem sofrido tal sorte, esses galileus eram mais pecadores do que todos os outros galileus?”
³Não, eu vos digo; todavia, se não vos arrependerdes, perecereis todos do mesmo modo.
⁴Ou

os dezoito que a torre de Siloé matou em sua queda, julgais que a sua culpa tenha sido maior do que a de todos os habitantes de Jerusalém? ⁵Não, eu vos digo; mas, se não vos arrependerdes, perecereis todos de modo semelhante”.

Jesus prossegue em sua pregação, advertindo-nos a respeito da prudência ao julgarmos pessoas e acontecimentos, assim como da necessidade de observar os sinais dos tempos que revelam o surgimento de uma nova ordem moral: a prática do bem. E, como medida de renovação espiritual, prescreve o arrependimento como o primeiro passo a ser dado. Condição que não era nada fácil de ser exercida, nem para os governantes, religiosos ou não — ávidos do poder, de prestígios e de todas as benesses daí decorrentes — nem para o povo, que vivia sob o jugo opressor do representante de César (Pilatos), do interventor administrativo (Herodes Antipas, filho de Herodes, o Grande) e do sinédrio judaico. Neste sentido, os chamamentos de Jesus à prática da Lei de Amor, Justiça e Caridade, os apelos ao arrependimento e à mudança de comportamentos equivocados produziam as mais diferentes reações nos ouvintes: de ódio e de amor

Pilatos, ora destacado por *Lucas*, foi um administrador imprudente, vaidoso, arrogante e de baixa conduta moral que, conforme a citação do evangelista (Lc 13:1), não hesitou em misturar o sangue dos animais sacrificados nos seus rituais politeístas com os dos galileus e de outras vítimas, cuja execução ordenara. O próprio Jesus, como veremos mais à frente, foi alvo do declarado atraso moral e da hipocrisia do interventor romano, que não hesitou em conduzi-lo, mesmo sabendo que Ele era inocente. O inglês Paul Gardner, ministro evangélico, escritor e professor do Novo Testamento em Londres, transmite aspectos do caráter e da conduta daquele que foi representante de César na Palestina:

Pôncio Pilatos foi um oficial romano (procurador ou prefeito) relativamente cruel que governou a Judeia no período de 26 a 36 d.C., inclusive no período do ministério do Cristo (Lc 3:1). *Lucas*, 13:1, diz que ele, após matar alguns galileus, misturou o sangue deles com o sangue dos sacrifícios que oferecia. Aparece com maior detalhe, entretanto, nos relatos dos quatro evangelhos sobre a crucificação de Jesus.

[...]

Lucas, 23, enfatiza ainda mais a convicção de Pilatos de que Jesus era inocente (veja vv. 4:13-16, 22). Ele tentou transferir o problema para Herodes Antipas; tal manobra não deu resultado; apenas proporcionou a reconciliação desses dois líderes (v. 6-12). [...].³

Herodes Antipas, tal como Pilatos, vivia do jogo das aparências. Entretanto, no contexto do texto evangélico, Jesus demonstra, mais uma vez,

a necessidade da prudência de não emitirmos julgamentos, especialmente por desconhecermos todas as implicações de um fato. Assim, o reconhecido estudioso estadunidense, Russell Norman Champlin, considera:

[...] Mostra o Senhor que vários desastres, que surpreendem repentinamente diversos indivíduos, não provam, necessariamente, que essas pessoas são piores pecadores do que outras; mas servem para alertar sobre o fato de que tanto os galileus, como os judeus, como qualquer outra pessoa, precisam de arrependimento. [...].⁴

Tal ordem de ideias faz correlação com o pensamento espírita, visto que, como seres imperfeitos, estamos sujeitos a cometer erros (ou “pecados” segundo a linguagem bíblica). Reconhecido, porém, o erro, o passo seguinte é não persistir nele, buscando-se uma forma de repará-lo ou amenizá-lo. Para tanto, faz-se necessário que a pessoa tenha consciência do mal que provocou, intencionalmente ou não. Somente assim surgirá o remorso que, por gerar o arrependimento, conduz o indivíduo à reparação da má ação cometida. A propósito, em *O céu e o inferno*, Allan Kardec transmite seguintes ensinamentos para a nossa reflexão:

» **O remorso:**

O remorso [...] é o precursor imediato do arrependimento, quando não é o próprio arrependimento. Dizem: “Tornados perversos, obstinam-se na perversidade e serão malvados para sempre.” Mas desde que se obstinam em ser perversos é que não têm remorsos; se tivessem o menor sentimento de pesar, renunciariam ao mal e pediriam perdão. [...].⁵

» **O arrependimento:**

[...] O Espírito só compreende a gravidade dos seus malefícios depois que se arrepende. O arrependimento acarreta o pesar, o remorso, o sentimento doloroso, que é a transição do mal para o bem, da doença moral para a saúde moral. [...].⁶

» **Expição das faltas cometidas:**

A expiação consiste nos sofrimentos físicos e morais que são a consequência da falta cometida, seja na vida atual, seja na Vida Espiritual após a morte, ou ainda em nova existência corpórea, até que os últimos vestígios da falta tenham desaparecido.⁶

» **Reparação das faltas:**

A reparação consiste em fazer o bem a quem se havia feito o mal. Quem não repara os seus erros nesta vida, por fraqueza ou má vontade, achar-se-á numa existência posterior em contato com as mesmas pessoas a quem prejudicou, e

em condições voluntariamente escolhidas, de modo a demonstrar-lhes o seu devotamento e fazer-lhes tanto bem quanto mal lhes tenha feito.⁷

25.2 PARÁBOLA DA FIGUEIRA ESTÉRIL (LC 13:6 A 9)⁸

⁶ Contou ainda esta parábola: “Um homem tinha uma figueira plantada em sua vinha. Veio a ela procurar frutos, mas não encontrou. ⁷Então disse ao vinhateiro: ‘Há três anos que venho buscar frutos nesta figueira e não encontro. Corta-a; por que há de tornar a terra infrutífera?’ ⁸Ele, porém, respondeu: ‘Senhor, deixa-a ainda este ano para que eu cave ao redor e coloque adubo. ⁹Depois, talvez, dê frutos... Caso contrário, tu a cortarás”.

O sentido espiritual do texto nos faz perceber que a Providência Divina sempre nos concede oportunidades de produzirmos bons frutos. Em termos literais, a Parábola da Figueira Estéril é um alerta aos judeus, em especial aos representantes do clero judaico que, em razão das inúmeras orientações transmitidas pelos profetas, desde Moisés, percebia-se que eles estavam perdendo inúmeras oportunidades de praticarem a Lei de Amor. Na condição de Messias, Jesus foi o adubo divino, assemelhando-se a mais uma enriquecedora oportunidade ao Judaísmo de firmar-se como religião monoteísta e de revelar à Humanidade Deus, Pai e Criador.

[...] Para a visão material, a história de Israel era uma sucessão de desastres, mas as verdadeiras bênçãos não consistem na prosperidade material — Israel tinha o pacto firmado com Deus, a linhagem dos profetas e condição de tornar conhecido em toda a terra o caminho de Deus. Isso era um privilégio, uma vinha ensolarada [...] o privilégio, porém, importava em responsabilidade, como sempre. [...]. O propósito da figueira é produzir frutos. Folhas e sombra não servem como substitutos dos figos. Todavia, Israel andava à cata de folhas — buscava riquezas e era ávida por poder com o qual pudesse confundir os seus adversários (Buttrick, *in loco*).⁹

A Parábola da Figueira Estéril indica, sem dúvida, que a missão dos israelitas estava chegando ao término de um ciclo evolutivo com a vinda do Cristo. É como se a nação judaica se encontrasse em uma encruzilhada evolutiva, abrindo mão das manifestações ritualistas de culto externo e se dobrasse à vivência plena das Leis Divinas:

A interpretação alegórica tradicional da parábola considera que a figueira é Israel, e o vinhateiro, Jesus. Seu ministério público durou cerca de três anos. O Mestre teria intercedido a Deus pelos israelitas, pedindo mais um ano, ou seja, mais um tempo, quando o Evangelho seria levado para os povos ao redor, com a ajuda de Paulo de Tarso. Entretanto, os israelitas não se convenceram, e Jerusalém foi destruída pelos romanos no ano 70.

Certamente, podemos entender os anos como eras. A primeira teve início com Moisés e os Dez Mandamentos. A segunda, iniciada com o Cristo e o Evangelho. A terceira foi o advento do Espiritismo, codificado por Allan Kardec. A partir daí, teremos mais um tempo para buscar nossa salvação e, nesse caso, podemos considerar o adubo malcheiroso como o amor que devemos levar aos mais pobres e sofredos.¹⁰

Em suma, se fizermos correlação das três eras, ou períodos evolutivos da Humanidade, “[...] poderíamos complementar que Moisés ensinou o que não devemos fazer; Jesus, o que devemos fazer; e o Espiritismo, por que devemos fazer”.¹⁰

25.3 CURA DA MULHER ENCURVADA, EM DIA DE SÁBADO (LC 13:10 A 17)¹¹

¹⁰Ora, ele estava ensinando numa das sinagogas aos sábados. ¹¹E eis que se encontrava lá uma mulher, possuída havia dezoito anos por um espírito que a tornava enferma; estava inteiramente recurvada e não podia de modo algum endireitar-se.¹²Vendo-a, Jesus chamou-a e disse: “Mulher, estás livre de tua doença”, ¹³e lhe impôs as mãos. No mesmo instante, ela se endireitou e glorificava a Deus.

¹⁴O chefe da sinagoga, porém, ficou indignado por Jesus ter feito uma cura no sábado e, tomando a palavra, disse à multidão: “Há seis dias para o trabalho; portanto, vinde nesses dias para serdes curados, e não no dia de sábado!”. ¹⁵O Senhor, porém, replicou: “Hipócritas! Cada um de vós, no sábado, não solta seu boi ou seu asno do estábulo para levá-lo a beber? ¹⁶E esta filha de Abraão que Satanás prendeu há dezoito anos, não convinha soltá-la no dia de sábado?”. ¹⁷Ao falar assim, todos os adversários ficaram envergonhados, enquanto a multidão inteira se alegrava com todas as maravilhas que ele realizava.

Jesus prossegue intemorato no cumprimento da Sua missão messiânica: orienta, apoia, levanta os caídos, trata-lhes os males do corpo e do Espírito. Emite alertas e ponderações. Convoca todos ao arrependimento e lhes disponibiliza acesso ao Reino de Deus. Oferece-se como guia e protetor dos cansados e oprimidos, porque é manso e humilde de coração, o seu fardo é leve e seu jugo é suave. (*Mateus*, 11:28 a 30).

Curar quem está doente é tarefa urgente, inadiável, independentemente de dia e hora. Não deve haver condições nem momento para fazer o bem. É a lição que o Mestre Nazareno nos transmite, ao curar uma infeliz obsidiada por um grupo de Espíritos que a atormentavam psíquica e fisicamente. Realmente, é agir com hipocrisia adiar ou impedir a manifestação do bem em razão das conveniências sociais ou religiosas, como bem afirma o Senhor:

“*Hipócritas! Cada um de vós, no sábado, não solta seu boi ou seu asno do estábulo para levá-lo a beber? E esta filha de Abraão que Satanás prendeu há dezoito anos, não convinha soltá-la no dia de sábado?*” (Lc 13:15 e 16).

A tradição do Judaísmo estava muito impregnada das manifestações de culto externo, sendo que certas prescrições desafiavam o bom senso e o espírito de caridade, bem assinala Amélia Rodrigues:

O sábado fora eleito como o dia do descanso. A Lei e a tradição haviam estabelecido com rigor o que se podia, ou não, fazer, sob rigorosa limitação. A observância, no entanto, era mais formal do que real, porquanto na dependência do interesse de cada um. [...]. Era o dia dedicado ao formalismo, ao descanso, à ociosidade, também à religião.¹²

O perigo da intransigência no cumprimento de ritualismos é que, vezes sem conta, extrapola o simples bom senso ou a mais elementar manifestação de solidariedade humana, como ilustra o registro de *Lucas* (13:11 a 13), a respeito da cura de uma mulher encurvada que vivia sob pelo peso da obsessão. Amélia Rodrigues apresenta-nos as seguintes considerações, de elevada profundidade:

Em um sábado, Jesus ensinava na sinagoga.

[...]

Nesse dia, porém, lá estava também uma mulher possessa, que um espírito tornara enferma havia dezoito anos. Andava curvada e não podia endireitar-se. A interferência das entidades perversas na vida humana é de grande intensidade. Doenças físicas, emocionais, psíquicas, multiplicam-se, aflingindo multidões que teimam em ignorar-lhes a gênese obsessiva, de natureza espiritual atormentadora.

[...]

A Sua acuidade para penetrar na causalidade das ocorrências facultava-Lhe a sabedoria para distinguir o momento quando deveria interferir a favor dos padecentes.

Ele conhecia o drama da desafortunada paciente obsessa. Vendo-a, chamou-a e disse-lhe: “*Mulher, estás livre da tua enfermidade!*”, impondo-lhe as mãos.

O momento foi grandioso, impactante. O inesperado a todos colheu de surpresa.

A enferma endireitou-se e pôs-se a *dar glória a Deus*.

O sol da saúde penetra as sombras do sofrimento e logo reina a alegria na paisagem antes triste.

A libertação rompe as algemas, e o escravo exulta.

A autoridade afasta o delinquente, facultando o equilíbrio da sua vítima.

O amor sobrepõe-se ao ódio e alivia as aflições.¹³

25.4 PARÁBOLA DO GRÃO DE MOSTARDA (LC 13:18 E 19)¹⁴

¹⁸Dizia, portanto: “A que é semelhante o Reino de Deus e a que hei de compará-lo? ¹⁹É semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e lançou em sua horta; ele cresce, torna-se árvore, e as aves do céu se abrigam em seus ramos».

Jesus compara o Reino de Deus ao pequenino grão de mostarda, algo em torno de 3 milímetros, mas que, ao ser semeado, transforma-se em planta vigorosa que, na fase adulta, atinge cerca de 3 metros de altura. As aves, inclusive, buscam refúgio em as suas folhagens. Cairbar Schutel analisa com propriedade essa parábola:

O grão de mostarda serviu duas vezes para as comparações de Jesus: uma vez comparou-o ao Reino dos Céus; em outra, à Fé.

O grão de mostarda tem substância, e uma semente faz efeito revulsivo. Essa mesma substância se transforma em árvore; dá, depois, muitas sementes e muitas árvores e até suas folhas servem de alimento. Mas é necessária a fertilidade da terra, para que trabalhe a germinação, haja transformação, crescimento e frutificação do que foi semente; e é necessário, a seu turno, o trabalho da semente e da planta no aproveitamento desse elemento que lhe foi dado.

Assim acontece com o Reino dos Céus na alma humana; sem o trabalho dessa “semente”, que é feito pelos Espíritos do Senhor; sem o concurso da boa vontade, que é a melhor fertilidade que lhe podemos proporcionar; sem o esforço da pesquisa, do estudo, não pode aumentar e engrandecer-se em nós, não se nos pode mostrar tal como é, assim como a mostarda não se transforma em hortaliça sem o emprego dos requisitos imperiosos para essa modificação.¹⁵

As lições que o texto evangélico nos traz, segundo as anotações de *Lucas*, enfatizam a urgente necessidade de nos transformarmos em pessoas melhores, uma vez que a nossa herança divina é a felicidade plena. Não se trata de tarefa fácil, pois solicita de todos nós perseverança contínua, mesmo considerando as provações existenciais, que não são poucas, e as imperfeições que nos são próprias. A respeito, Emmanuel nos transmite alguns conselhos, oriundos da sabedoria que lhe é inerente ao espírito.

Fórmula do Progresso¹⁶

As criaturas humanas autênticas que ainda não atingiram elevados graus de virtudes e nem mais se comprazem nas faixas dos sentimentos primitivistas, frequentemente esbarram com indagações complexas de si para si mesmas.

Como adquirir a tranquilidade perfeita se não são anjos e como evitar a permanência em desequilíbrio se já não querem viver sob o império dos instintos desenfreados?

Aí é forçoso entre em função o nosso próprio senso de aspirantes à Vida Superior. Não existe alma que não haja, algum dia, experimentado hesitações, deficiências, enganos ou faltas na escola.

E toda elevação do aprendiz em qualquer educandário resulta de menos erros e mais acertos nas experiências e lições que lhe cabem, a serem verificados em testes múltiplos que se sucedem uns aos outros.

Nesse critério, não há motivo para qualquer de nós cair em desânimo ou adotar desistência no trabalho da ascensão espiritual.

Hoje teremos colaborado menos no serviço do bem, no entanto, reconhecendo isso, amanhã ser-nos-á possível fazer mais.

Notei que ontem se me fez maior a intemperança mental diante dos outros, mas, observando semelhante deficiência, posso hoje retificar-me e ser menos agressivo, à frente dos meus irmãos de experiência e caminho.

Agora terá sido o momento que menos me decidi a praticar ponderação, entretanto, sabendo isso, devo na primeira oportunidade agir segundo os preceitos do equilíbrio, conforme os princípios do respeito mútuo que me compete observar.

Encerrei a semana passada em condições deficitárias na execução dos meus compromissos de ordem geral, no entanto, anotando essa falha, na semana presente posso aplicar-me muito mais atividade à desincumbência dos meus próprios encargos a meu próprio benefício.

Na senda da evolução, é preciso efetivamente aceitar-nos imperfeitos tais quais somos, mas, é igualmente necessário não parar simplesmente nisso e sim melhorar-nos constantemente, aprendendo e estudando, trabalhando e servindo, sob a fórmula do progresso: — “Errar menos para acertar sempre mais”.

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 18, it. 5.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 13:1-5, p. 1.813.
- 3 GARDNER, Paul. *Quem é quem na bíblia sagrada*. Trad. Josué Ribeiro. São Paulo, SP: Editora Vida, 2005. verbete: Pilatos, p. 532.
- 4 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. cap. 13, it. 13:1-5, p. 174.
- 5 KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. 1ª pt., cap. 9, it. 17.

- 6 _____ . _____. 2ª pt., cap. 6, it. 3 [Latour].
- 7 _____ . _____. 1ª pt., cap. 7, it. Código penal da vida futura, código 17º.
- 8 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 13:6-9, p. 1.813.
- 9 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. cap. 13, it. 13:6, p. 175.
- 10 KREMER, Frederico Guilherme da Costa. *Jesus de Nazaré: uma narrativa da vida e das parábolas*. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2016. cap. 22.
- 11 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 13:10-17, p. 1.814.
- 12 FRANCO, Divaldo Pereira. *Trigo de Deus*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 6. ed. Salvador, BA: LEAL, 2014. cap. 10, p. 66.
- 13 _____ . _____. p. 66 a 68.
- 14 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 13:18-19, p. 1.814.
- 15 SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e ensinios de Jesus*. 28. ed. Matão, SP: O Clarim, 2016. 1ª pt., cap. *Parábola do grão de mostarda*, p. 40 e 41.
- 16 XAVIER, Francisco Cândido. *Indulgência*. Pelo Espírito Emmanuel. 5. ed. Araras, SP: IDE, 2011. cap. 19, p. 83 a 85.

PARÁBOLA DO FERMENTO

A PORTA ESTREITA, A REJEIÇÃO DOS JUDEUS INFIÉIS E O CHAMADO DOS PAGÃOS. HERODES, UMA RAPOSA. PALAVRAS SOBRE JERUSALÉM (LC 13:20 A 35)

Jesus prossegue nos esclarecimentos sobre o significado e importância do Reino de Deus, que, no tema anterior, foi simbolizado como um grão de mostarda. Retoma o assunto — agora, comparando-o ao fermento levedado (ou fermentado) que deve ser usado na dosagem exata. O trecho de *Lucas* apresenta mais dois assuntos relevantes: a) o esforço da ascensão espiritual simbolizado na “porta estreita” ou o “bom combate” (2 *Timóteo*, 4:7 e 8), na feliz afirmativa de *Paulo de Tarso*; b) destaque ao infeliz apego às coisas transitórias da vida material – dinheiro, cargos, prestígio, poder político ou religioso, entre outros – em detrimento da aquisição de valores eternos ao Espírito imortal, bens que “a ferrugem e a traça não consomem, nem os ladrões roubam” (Mt 6:19 e 20).

26.1 PARÁBOLA DO FERMENTO (LC 13:20 E 21)¹

²⁰Disse ainda: “A que compararei o Reino de Deus? ²¹É semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até que tudo ficasse fermentado”.

Em outros textos neotestamentais, assim como do Antigo Testamento, é comum encontrarmos referências à palavra fermento como algo ruim ou desagradável. O que não deixa de ser uma contradição, visto que o fermento é uma substância amplamente utilizada para fermentar ou fazer crescer a massa do pão. Entretanto, há uma razão que justifica por que os judeus e alguns povos semíticos não se alimentavam do pão fermentado: na Antiguidade, os relatos bíblicos informam que o fermento era produzido a partir da mistura da massa nova com um pouco da massa velha do pão que, nesse caso, encontrava-se muitíssimo fermentada, e em processo de

apodrecimento. O novo pão era ruim mesmo, revelando sabor e cheiro desagradáveis. Eis o porquê de os judeus não comerem nem fazerem oferendas ao altar com pães fermentados.² Alimentavam-se do *pão ázimo*, isso é, um pão achatado, feito com farinha, água e sal que, depois de assado, pode ser enrolado (no Brasil, é conhecido como pão sírio).

Com o passar do tempo, o símbolo do pão fermentado, aquele que utilizava um pouco da massa velha e estava biologicamente corrompido pela degradação de microrganismos, passou a ser representativo da corrupção moral, das falsas doutrinas (Mt 16:11; Mc 8:15) e, também, da perversidade do coração (1Co 5:6 a 8).² No sentido oposto, para os judeus “a ausência do fermento, simbolizava a santidade de vida, que se requer no serviço de Deus; relembra a pressa com que abandonaram a terra do Egito, a farinha que trouxeram amassada sem tempo para colocar-lhe o fermento e a insipidez do pão. Êx 12:39; Dt 16:3; 1Co 5:7 e 8”³

Mais alguns esclarecimentos: atualmente, os processos de panificação estão bem controlados, e os pães não apresentam o sabor e aroma desagradáveis do passado. Utiliza-se o fermento biológico não metabolicamente degradado, contendo um tipo de fungo vivo, denominado *Saccharomyces cerevisiae*, que é uma levedura, útil na fermentação do pão. O fermento biológico industrial é vendido nos mercados e padarias, na forma de pequenos saquinhos ou quadrados que são mantidos sob refrigeração contínua (para que os microrganismos presentes não proliferem). Nesses fermentos a população da levedura *Saccharomyces* está concentrada, condição que irá facilitar a levedação ou crescimento da massa de pão. O processo biológico de fermentação é, na verdade, muito simples: os fungos presentes no fermento alimentam-se do açúcar (carboidratos) que há, naturalmente, na farinha de trigo: a metabolização do açúcar libera algumas substâncias, como as bolhas de gás carbônico (ou dióxido de carbono), as quais fazem a massa crescer. Há também os fermentos químicos, à base de bicarbonato de sódio, que não possuem leveduras nem microrganismos em sua fórmula. São mais usados na fabricação de bolos.

Retomando o texto evangélico, constatamos que Jesus transmite a ideia do uso do fermento como algo muito positivo, desde que usado na proporção correta, nas “três medidas de farinha”.

Essa parábola é companheira da parábola sobre o grão de mostarda. Aqui o fermento não é símbolo do mal, conforme é comum na literatura bíblica. Seu poder de “crescimento” e “expansão” é que é frisado. No dizer de Gilmour

(*In loco*): “Não se duvide de que *Lucas* e seus leitores interpretariam a mesma como uma predição acerca da propagação do Evangelho e do desenvolvimento da igreja. Em sua aplicação original, provavelmente ilustrava a mesma verdade que sua gêmea, a parábola da semente de mostarda: Deus já está impondo Seu senhorio, e as poderosíssimas consequências desse fato se tornarão evidentes”.⁴

Para o Espiritismo, a lição do fermento transmitida por Jesus é muito significativa: uma pequena quantidade de vida, presente no fermento, é capaz de levdar toda a massa, expandindo-a e a transformando em alimento básico. Em outras palavras, esclarece Amélia Rodrigues: “Também aquele que se utiliza do fermento da verdade e o coloca na sua função de levdar, vê-se abençoado pelo volume da farinha transformada em pão de vida, rejubilando-se com isso”.⁵

26.2 A PORTA ESTREITA, A REJEIÇÃO DOS JUDEUS INFIÉIS E O CHAMADO DOS PAGÃOS (LC 13:22 A 30)⁶

²²Jesus atravessava cidades e povoados, ensinando e encaminhando-se para Jerusalém. ²³E alguém lhe perguntou: “Senhor, é pequeno o número dos que se salvam?” Ele respondeu: ²⁴“Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, pois eu vos digo que muitos procurarão entrar e não conseguirão.

²⁵Uma vez que o dono da casa houver se levantado e tiver fechado a porta e vós, de fora, começardes a bater à porta, dizendo: ‘Senhor, abre-nos’, ele vos responderá: ‘Não sei de onde sois.’ ²⁶Então começareis a dizer: ‘Nós comíamos e bebíamos em tua presença, e tu ensinaste em nossas praças.’ ²⁷Ele, porém, vos responderá: ‘Não sei de onde sois; *afastai-vos de mim, vós todos, que cometeis injustiça!*’

²⁸Lá haverá choro e ranger de dentes, quando virdes Abraão, Isaac, Jacó e todos os profetas no Reino de Deus, e vós, porém, lançados fora. ²⁹Eles virão do oriente e do ocidente, do norte e do sul, e tomarão lugar à mesa no Reino de Deus.

³⁰Eis que há os últimos que serão primeiros, e os primeiros que serão últimos”.

Essa passagem evangélica, abrange dois conjuntos de ideias. No primeiro, *Lucas* (13:22 a 24), vemos que Senhor faz considerações a respeito da porta estreita que guarda oposição à vida hedonista simbolizada pela “porta larga”. O segundo conjunto, indicado em *Lucas* (13:25 a 30) é mais um apelo do Senhor à necessidade do ser humano conhecer e vivenciar a Lei de Deus. Lei essa, que fora confiada a um povo (judeus) como a sua missão divina, ora identificado como os “primeiros”. Analisaremos, em seguida, essas duas ordens de ideias.

A *porta estreita* é um ensino atemporal de Jesus que reflete os desafios dos habitantes do planeta de se transformarem em pessoas de bem. Indica também que, cedo ou tarde, o ser humano atingirá o auge da evolução

intelecto-moral, mas que esse processo evolutivo não estará isento de proações e sacrifícios, considerando-se a imperfeição moral presente na Humanidade. O futuro espiritual que nos aguarda é promissor, de conformidade com a Lei do Progresso. Podemos acelerar ou retardar o processo pelo uso do livre-arbítrio: quem vive à cata de ilusões da *porta larga*, mantendo-se fortemente engajado na vida material, retarda o seu processo evolutivo. Por outro lado, quem já desenvolveu alguma compreensão espiritual (quem sou, qual minha origem e destinação), fará opção pela *porta estreita*, libertando-se do jugo da matéria. É a orientação que Emmanuel nos transmite na mensagem:

A senda estreita⁷

*Porfiai por entrar pela porta estreita... – JESUS
(Lucas, 13:24.)*

Não te aconselhes com a facilidade humana para a solução dos problemas que te inquietam a alma.

Realização pede trabalho.

Vitória exige luta.

Muitos jornadeiam no mundo na larga avenida dos prazeres efêmeros e esbarram no cipoal do tédio ou da intemperança, quando não sucumbem sob as farpas do crime.

Muitos preferem a estrada agradável dos caprichos pessoais atendidos e caem, desavisados, nos fojos de tenebrosos enganos, quando não se despenham nos precipícios de tardio arrependimento.

Seja qual for a experiência em que te situas, na Terra, lembra-te de que ninguém recebe um berço entre homens para acomodar-se com a inércia, no desprezo deliberado às leis que regem a vida.

Nosso dever é a nossa escola.

Por isso mesmo, a senda estreita a que se refere Jesus é a fidelidade que nos cabe manter limpa e constante, no culto às obrigações assumidas diante do Bem Eterno.

Para sustentá-la, é imprescindível sacrificar no santuário do coração tudo aquilo que constitua bagagem de sombra no campo de nossas aspirações e desejos.

Adaptarmo-nos à disciplina do próprio espírito na garantia da felicidade geral é estabelecer em nós próprios o caminho para o Céu que almejamos.

Não te detenhas no círculo das vantagens que se apagam em fulguração passageira, de vez que a ociosidade compra, em desfavor de si mesma, as chagas da penúria e as trevas da ignorância.

Porfia na renúncia que eleva e edifica, enobrece e ilumina.

Não desdenhas a proação e o trabalho, a abnegação e o suor.

E, em todas as circunstâncias, recorda sempre que a “porta larga” é a paixão desregrada do “eu”, e a “porta estreita” é sempre o amor intraduzível e incommensurável de Deus.

No segundo conjunto de ensinamentos de Jesus, do texto de *Lucas* (13:25 a 30), percebe-se um tom de urgência quando o Senhor recorda que muitos foram os chamados ao Reino de Deus, ao longo dos tempos, por meio dos profetas e dos homens de bem. Contudo, absorvidos pelos interesses passageiros da vida material, a Lei de Deus transmitida foi obscurecida pelos simbolismos e rituais. Tais manifestações de culto externo, transformou a prática religiosa em algo vazio, sem essência, distanciando os crentes da Mensagem Divina. Em consequência, para que a humanidade terrestre se volte, definitivamente para Deus, faz-se necessário passar por processos educativos que não dispensam “o choro e o ranger de dentes”, manifestados em reencarnações provacionais e dolorosas.

Jesus gostava da simplicidade dos símbolos e, na sua linguagem varonil, os obreiros que chegaram na primeira hora são os profetas, Moisés e todos os iniciadores que marcaram as etapas do progresso, as quais continuaram a ser desenvolvidas através dos séculos pelos apóstolos, pelos mártires, pelos Pais da Igreja, pelos sábios, pelos filósofos e, finalmente, pelos espíritas. Estes, que vieram por último, foram anunciados e preditos desde a aurora do advento do Messias e receberão a mesma recompensa. Que digo? recompensa maior. Últimos chegados, os espíritas aproveitam-se dos labores intelectuais dos seus predecessores, porque o homem tem de herdar do homem e porque seus trabalhos e seus resultados são coletivos: Deus abençoa a solidariedade. Aliás, muitos dentre eles revivem hoje ou reviverão amanhã, para terminarem a obra que começaram outrora. [...].⁸

A rejeição aos ensinamentos do Messias Divino foi, lamentavelmente, uma oportunidade perdida. Assim, o chamamento ao Reino dos Céus já não mais está dirigido aos primeiros que, inicialmente, receberam a missão de espalhar pelo mundo a mensagem do Amor Imortal. Por se manterem na retaguarda evolutiva, estacionados no egoísmo, vaidade e orgulho, foram substituídos pelos que chegaram posteriormente (os últimos). Dessa forma, “os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos” (Lc 13:30), como esclarece a seguinte mensagem do Espírito da Verdade:

Os obreiros do Senhor⁹

Aproxima-se o tempo em que se cumprirão as coisas anunciadas para a transformação da Humanidade. Felizes os que houverem trabalhado no campo do Senhor, com desinteresse e sem outro motivo, senão a caridade! Seus dias de trabalho serão pagos pelo cêntuplo do que tiverem esperado. Felizes os que houverem dito a seus irmãos: “Irmãos, trabalhemos juntos e unamos os nossos

esforços, a fim de que o Senhor, ao chegar, encontre acabada a obra”, pois o Senhor lhes dirá: “Vinde a mim, vós que sois bons servidores, vós que soubestes impor silêncio aos vossos ciúmes e às vossas discórdias, a fim de que daí não viesse dano para a obra!”. Mas ai daqueles que, por efeito das suas dissensões, houverem retardado a hora da colheita, porque a tempestade virá e eles serão levados no turbilhão. Clamarão: “Graça! graça!”. O Senhor, porém, lhes dirá: “Por que implorais graças, vós que não tivestes piedade dos vossos irmãos e que vos negastes a estender-lhes as mãos, que esmagastes o fraco, em vez de o amparardes? Por que suplicais graças, vós que buscastes a vossa recompensa nos gozos da Terra e na satisfação do vosso orgulho? Já recebestes a vossa recompensa, tal qual a quisestes. Nada mais vos cabe pedir; as recompensas celestes são para os que não tenham buscado as recompensas da Terra”.

Deus procede, neste momento, ao censo dos seus servidores fiéis e já marcou com o dedo aqueles cujo devotamento é apenas aparente, a fim de que não usurpem o salário dos servidores corajosos, pois é aos que não recuaram diante de suas tarefas que Ele vai confiar os postos mais difíceis na grande obra da regeneração pelo Espiritismo. Cumprir-se-ão estas palavras: “Os primeiros serão os últimos, e os últimos serão os primeiros no Reino dos céus!”. – O Espírito de Verdade (Paris, 1862).

26.3 HERODES, UMA RAPOSA. PALAVRA SOBRE JERUSALÉM (LC 13:31 A 35)¹⁰

³¹Na mesma hora, aproximaram-se alguns fariseus que lhe disseram: “Parte e vai-te daqui, porque Herodes quer te matar”. ³²Ele respondeu: “Ide dizer a essa raposa: Eis que eu expulso demônios e realizo curas hoje e amanhã e no terceiro dia terei consumado! ³³Mas hoje, amanhã e depois de amanhã, devo prosseguir o meu caminho, pois não convém que um profeta pereça fora de Jerusalém.”

³⁴Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados, quantas vezes quis reunir teus filhos como a galinha recolhe seus pintainhos debaixo das asas, mas não quiseste! ³⁵Eis que vossa casa ficará abandonada. Sim, eu vos digo, não me vereis até o dia em que direis:

Bendito aquele que vem em nome do Senhor!

A passagem evangélica revela que Jesus, a despeito do seu imenso amor por todos e a incessante prática do bem, era alvo de críticas e perseguições severas por parte do invasor romano, representado por Pôncios Pilatos, as autoridades religiosas (membros do clero judaico e do sínédrio) e também administrativas, representadas por Herodes Antipas. Jesus recebia continuamente ameaças, veladas ou não, como notifica *Lucas* no seu texto. Tal situação provocava muitas inquietações aos discípulos. E, a despeito do Senhor acalmá-los, sabia que a perseguição iria exacerbar-se, culminando

com a crucificação. Por isso, em diferentes oportunidades, Jesus informa aos discípulos a respeito, quando lhes anuncia os sacrifícios da Paixão.

Jesus denominou Herodes Antipas de raposa, palavra usual na cultura hebraica, cujo significado indica: “[...] animal que habita as covas, Mt 8:20, e nas ruínas solitárias, Lm 5:18, muito hábil e artificioso na defesa e segurança de sua vida, Lc 13:32; Ez 13:4”.¹¹ Há muitas raposas na Palestina, sendo que duas espécies predominam: a *Vulpes nilotica*, oriunda do Egito, que abundam na Palestina central e meridional e, também, no leste do rio Jordão. A raposa trigueira (*Vulpes flavescens*) é a espécie encontrada na região montanhosa do país.¹¹

Realmente, os dados biográficos do administrador da Judeia informam que ele era uma pessoa esperta, inteligente e hábil político, que sabia montar armadilhas para aprisionar os ingênuos e incautos. Contudo, a sua significativa estreiteza moral o conduziu à realização de atos abomináveis. Como tetrarca da Galileia, Herodes Antipas governou de 4 a 30 d.C. Ele mandou decapitar João Batista, mas, posteriormente, teve dúvidas se Jesus não seria João que voltara à vida pela ressurreição. Unindo-se a Pilatos, em conluio com o clero, ambos condenaram e emitiram a sentença de morte de Jesus, por crucificação.¹²

Jesus sabia de tudo, não se surpreendendo com as ações dos governantes, como consta em *Lucas, 13:33: Mas hoje, amanhã e depois de amanhã, devo prosseguir o meu caminho, pois não convém que um profeta pereça fora de Jerusalém.* Após proferir tais palavras, o Mestre Nazareno anuncia qual seria a destinação de Jerusalém, e também que, dia chegará, no grande futuro que nos aguarda, em que o Judaísmo reconhecerá Jesus, como o Messias Divino: *Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados, quantas vezes quis reunir teus filhos como a galinha recolhe seus pintainhos debaixo das asas, mas não quiseste! Eis que vossa casa ficará abandonada. Sim, eu vos digo, não me vereis até o dia em que direis: Bendito aquele que vem em nome do Senhor!”* (Lc 13:34 e 35).

O que importa, hoje e sempre, é persistir no caminho, como nos encoraja Emmanuel na seguinte mensagem:

A marcha¹³

Importa, porém, caminhar hoje, amanhã e no dia seguinte. – JESUS (Lucas, 13:33.)

Importa seguir sempre em busca da edificação espiritual definitiva. Indispensável caminhar, vencendo obstáculos e sombras, transformando todas as dores e dificuldades em degraus de ascensão.

Traçando o seu programa, referia-se Jesus à marcha na direção de Jerusalém, onde o esperava a derradeira glorificação pelo martírio. Podemos aplicar, porém, o ensinamento às nossas experiências incessantes no roteiro da Jerusalém de nossos testemunhos redentores.

É imprescindível, todavia, esclarecer a característica dessa jornada para a aquisição dos bens eternos.

Acreditam muitos que caminhar é invadir as situações de evidência no mundo, conquistando posições de destaque transitório ou trazendo as mais vastas expressões financeiras ao círculo pessoal.

Entretanto, não é isso.

Nesse particular, os chamados “homens de rotina” talvez detenham maiores probabilidades a seu favor.

A personalidade dominante, em situações efêmeras, tem a marcha inçada de perigos, de responsabilidades complexas, de ameaças atrozes. A sensação de altura aumenta a sensação de queda.

É preciso caminhar sempre, mas a jornada compete ao Espírito eterno, no terreno das conquistas interiores.

Muitas vezes, certas criaturas que se presumem nos mais altos pontos da viagem, para a Sabedoria Divina se encontram apenas paralisadas na contemplação de fogos-fátuos (fosforescência produzida por gases emanados de substâncias orgânicas em estado de decomposição, geralmente observável à noite em terrenos pantanosos, sepulturas etc.).

Que ninguém se engane nas estações de falso repouso.

Importa trabalhar, conhecer-se, iluminar-se e atender ao Cristo, diariamente. Para fixarmos semelhante lição em nós, temos nascido na Terra, partilhando-lhe as lutas, gastando-lhe os corpos e nela tornaremos a renascer.

REFERÊNCIAS

- 1 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019, *Evangelho segundo Lucas*, 13:20-21, p. 1814.
- 2 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo, SP: Hagnos, 2005. verbete: Fermento, p. 477.
- 3 _____. _____. p. 478.
- 4 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. cap. 13, it. 13:21, p. 179.

- 5 FRANCO, Divaldo Pereira. *Vivendo com Jesus*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 2. ed. 2. imp. Salvador, BA: LEAL, 2017. cap. 11, p. 78.
- 6 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 13:22-30, p. 1.814.
- 7 XAVIER, Francisco Cândido. *Ceifa de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 2. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 12.
- 8 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 20, it. 3.
- 9 _____. _____. it. 5.
- 10 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 13:31-35, p. 1.814 e 1.815.
- 11 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo, SP: Hagnos, 2005. verbete: Raposa, p.1.041.
- 12 GARDNER, Paul. (Editor). *Quem é quem na bíblia sagrada*. Trad. Josué Ribeiro. São Paulo, SP: Editora Vida, 2005. verbete: Herodes, it. 2: Antipas, p. 263.
- 13 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 20.

CURA DE UM HIDRÓPICO EM DIA DE SÁBADO

A ESCOLHA DOS LUGARES. A ESCOLHA DOS CONVIDADOS.
OS CONVIDADOS QUE RECUSAM O BANQUETE. RENUNCIAR
AO QUE TEMOS DE MAIS CARO. RENUNCIAR A TODOS
OS BENS. NÃO SE TORNAR INSOSSO (LC 14:1 A 35)

O capítulo 14 do *Evangelho segundo Lucas* abrange sete assuntos que, no presente estudo, foram agrupados em três conjuntos para facilitar o aprendizado. No primeiro conjunto, Jesus retoma a questão da cura de um enfermo no dia de sábado, ação proibida pela tradição religiosa do Judaísmo; no segundo, o Mestre Nazareno destaca a importância das boas maneiras nos relacionamentos sociais, os quais devem estar vinculados à amizade desinteressada; por último, o Senhor enfatiza a necessidade do desapego aos bens transitórios da vida material e a busca pelos valores espirituais, que são verdadeiros e eternos.

27.1 CURA DE UM HIDRÓPICO EM DIA DE SÁBADO (LC 14:1 A 6)¹

¹Certo sábado, ele entrou na casa de um dos chefes dos fariseus para tomar uma refeição, e eles o espiavam. ²Eis que um hidrópico estava ali, diante d'Ele. ³Tomando a palavra, Jesus disse aos legistas e aos fariseus: "É lícito ou não curar no sábado?" ⁴Eles, porém, ficaram calados. Tomou-o então, curou-o e despediu-o. ⁵Depois perguntou-lhes: "Qual de vós, se seu filho ou seu boi cai num poço, não o retira imediatamente em dia de sábado?" ⁶Diante disso, nada lhe puderam replicar.

Jesus realiza mais uma cura no dia de sábado, contrariando as normas religiosas vigentes. E mais: demonstra, por meio de argumentos sólidos, que o socorro a uma pessoa enferma ou necessitada é prática do bem que deve ser sempre prioritária, independentemente da hora, dia, tempo ou lugar. Consta

também no relato do texto evangélico que, perante as palavras do Cristo de curar o enfermo, a resposta dada pelos ouvintes, sobretudo dos legalistas e fariseus, foi a do silêncio. Fato que revela, por si só, algum progresso, considerando a usual intransigência do clero judaico de manter as tradições e práticas religiosas, ainda que indicassem incoerências. A boa argumentação, serena e inteligente, é mais uma preciosa lição que Jesus nos transmite:

[...] A reação dos doutores da lei e dos fariseus demonstra que o Senhor tinha razão em Seu modo de proceder. Não podendo contra-argumentar, eles simplesmente *calaram-se*.

Fica claro através da narrativa que o maior pode sempre mais que o menor, e que se algumas vezes não atingirmos o objetivo proposto, é que nos faltava o argumento baseado na lógica e no bom senso.

Outras vezes a situação é oposta. Não possuindo razão diante da explanação alheia nada conseguimos fazer, nem como os fariseus, que se calaram; criamos sérias discussões baseadas em pontos de vista não seguramente alicerçados. Discussões estas que, se não contemporizadas a tempo, levam-nos a problemas de difícil solução no desenvolver dos séculos.

Portanto, lembremos sempre: silenciar quando estamos em erro é dar ouvido ao Cristo e calar-nos para experiências personalistas.²

O enfermo curado por Jesus era portador de *hidropisia*, doença decorrente do acúmulo excessivo de líquidos nas cavidades naturais do corpo e/ou dos tecidos, resultando na formação de edema (inchaço por extravasamento de líquidos orgânicos). Na hidropisia, o coração demonstra reduzida capacidade de bombear o sangue para a corrente sanguínea, caracterizando uma manifestação patológica denominada *insuficiência cardíaca congestiva*. Tal ocorrência resulta persistente falta de ar, fadiga e inchaço para o enfermo. A forma mais conhecida de hidropisia é a *ascite*, vulgarmente denominada “barriga d’água”, que apresenta o acúmulo de líquidos no abdômen, cardiopatia severa, obstrução do fluxo venoso e linfático, desequilíbrio de eletrólitos (maior retenção de sódio do que de potássio), cirrose hepática etc.³ A doença pode acometer bebês (*hidropisia fetal*), manifestada na forma de descompensação cardíaca, sofrimento respiratório e crescimento anormal do fígado e baço, entre outros.⁴

Independentemente dos tipos e graus das doenças que o Senhor curou, estejamos convictos de que todas indicam um processo de reajuste ou harmonização do Espírito:

Ninguém poderá dizer que toda enfermidade, a rigor, esteja vinculada aos processos de elaboração da vida mental, mas todos podemos garantir que os

processos de elaboração da vida mental guardam positiva influência sobre todas as doenças.

Há moléstias que têm, sem dúvida, função preponderante nos serviços de purificação do espírito, surgindo com a criatura no berço ou seguindo-a, por anos a fio, na direção do túmulo.

[...]

Guardemos, assim, compreensão e paciência, bondade infatigável e tolerância construtiva em todos os passos da senda, porque somente ao preço de nossa incessante renovação mental para o bem, com o apoio do estudo nobre e do serviço constante, é que superaremos o domínio da enfermidade, aproveitando os dons do Senhor e evitando os reflexos letais que se fazem acompanhar do suicídio indireto.⁵

27.2 A ESCOLHA DOS LUGARES. A ESCOLHA DOS CONVIDADOS. OS CONVIDADOS QUE RECUSAM O BANQUETE (LC 14:7 A 24)⁶

⁷Em seguida contou uma parábola aos convidados, ao notar como eles escolhiam os primeiros lugares. Disse-lhes: ⁸“Quando alguém te convidar para uma festa de casamento, não te ponhas no primeiro lugar; não aconteça que alguém mais importante do que tu tenha sido convidado por ele, ⁹e quem convidou a ti e a ele venha a te dizer: ‘Cede-lhe o lugar’. Deverás, então, todo envergonhado, ocupar o último lugar. ¹⁰Pelo contrário, quando fores convidado, ocupa o último lugar, de modo que, ao chegar quem te convidou, te diga: ‘Amigo, vem mais para cima’. E isso será para ti uma glória em presença de todos os convivas. ¹¹Pois todo aquele que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado”.

¹²Em seguida disse àquele que o convidara: “Ao dares um almoço ou jantar, não convides teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem os vizinhos ricos; para que não te convidem por sua vez e te retribuam do mesmo modo.

¹³Pelo contrário, quando deres uma festa, chama pobres, estropiados, coxos, cegos; ¹⁴feliz serás, então, porque eles não têm com que te retribuir. Serás, porém, recompensado na ressurreição dos justos”.

¹⁵Ouvindo isso, um dos comensais lhe disse: “Feliz aquele que tomar refeição no Reino de Deus!” ¹⁶Mas ele respondeu: “Um homem dava um grande jantar e convidou a muitos. ¹⁷À hora do jantar, enviou seu servo para dizer aos convidados: ‘Vinde, já está tudo pronto’. ¹⁸Mas todos, unânimes, começaram a se desculpar. O primeiro disse-lhe: ‘Comprei um terreno e preciso vê-lo; peço-te que me dê por escusado’. ¹⁹Outro disse: ‘Comprei cinco juntas de bois e vou experimentá-las; rogo-te que me dê por escusado’. ²⁰E outro disse: ‘Casei-me, e por essa razão não posso ir’.

²¹Voltando, o servo relatou tudo ao seu senhor. Indignado, o dono da casa disse ao seu servo: ‘Vai depressa pelas praças e ruas da cidade, e introduz aqui os

pobres, os estropiados, os cegos e os coxos'.²²Disse-lhe o servo: 'Senhor, o que mandaste já foi feito, e ainda há lugar'.²³O senhor disse então ao servo: 'Vai pelos caminhos e trilhas' e obriga as pessoas a entrarem, para que a minha casa fique repleta.²⁴Pois eu vos digo que nenhum daqueles que haviam sido convidados provará o meu jantar''.

Entre os versículos 7 e o 24 temos três grandes lições transmitidas por Jesus: a) orientações básicas de boas maneiras (Lc 14:7 a 11); b) ênfase nos aspectos espirituais dos relacionamentos sociais (Lc 14:12 a 14); e c) categoria de convidados que deverão participar do júbilo do Reino de Deus (Lc 14:15 a 24). Analisemos cada um desses itens, à luz do entendimento espírita.

27.2.1 A ESCOLHA DOS LUGARES (LC, 14:7 A 11)

A parábola da escolha dos lugares revela a orientação segura de como proceder educadamente na vida em sociedade, como destaca Emmanuel na mensagem *Boas maneiras*, da qual extraímos este trecho:

O Mestre, nesta passagem, proporciona inolvidável ensinamento de boas maneiras. Certo, a sentença revela conteúdo altamente simbólico, relativamente ao banquete paternal da Bondade Divina; todavia, convém deslocarmos o conceito a fim de aplicá-lo igualmente ao mecanismo da vida comum.

A recomendação do Salvador presta-se a todas as situações em que nos vejamos convocados a examinar algo de novo, junto aos semelhantes. Alguém que penetre uma casa ou participe de uma reunião pela primeira vez, tentando demonstrar que tudo sabe ou que é superior ao ambiente em que se encontra, torna-se intolerável aos circunstantes.

[...]

Sabemos que Jesus foi o grande reformador do mundo, entretanto, corrigindo e amando, asseverava que viera ao caminho dos homens para cumprir a Lei.

Não assaltes os lugares de evidência por onde passares. E, quando te detiveres com os nossos irmãos em alguma parte, não os ofusques com a exposição do quanto já tenhas conquistado nos domínios do amor e da sabedoria. Se te encontras decidido a cooperar pelo bem dos outros, apaga-te, de algum modo, a fim de que o próximo te possa compreender. Impondo normas ou exibindo poder, nada conseguirás senão estabelecer mais fortes perturbações.⁷

27.2.2 ÊNFASE NOS ASPECTOS ESPIRITUAIS DOS RELACIONAMENTOS SOCIAIS (LC, 14:12 A 14)

Jesus ensina como conviver pacificamente com as pessoas que fazem parte do cotidiano da existência, mesmo em situações comuns, durante um almoço ou jantar, por exemplo. Enfatiza a importância de sempre

priorizarmos os aspectos espirituais nos relacionamentos sociais, os quais extrapolam as posições, cargos, condições econômicas ou de prestígio da vida em sociedade, valores esses totalmente transitórios. O Senhor reforça a ideia de priorizarmos os valores espirituais ao convidarmos, também, para a nossa convivência os simples, os que nada possuem, em termos materiais, os que não têm sem condições de nos oferecer qualquer tipo de retribuição. Esta é a análise que Emmanuel faz ao deter-se na orientação registrada por *Lucas*, 14:12 (utilizando-se de outra tradução do texto evangélico e de uma citação de *O evangelho segundo o espiritismo*):

Eles Antes⁸

Quando deres um festim, não convides teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus vizinhos ricos, para que não suceda que também eles te tornem a convidar e te seja isso recompensado. – JESUS (Lucas, 14:12.)

Por festins deveis entender, não os repastos propriamente ditos, mas a participação na abundância de que desfrutais. (cap. 13:8.)

“Quando derdes um festim, disse Jesus, não convideis para ele os vossos amigos, mas os pobres e os estropiados.”

Decerto que o Divino Orientador não estabelecia a desistência das relações fraternais, nem o abandono do culto às afinidades do coração. Considerando, porém, a Humanidade por família única, induzia-nos a observar os irmãos menos felizes na categoria de credores principais de nossa atenção, à maneira de enfermos queridos, que esperam no lar a prioridade de assistência por parte daqueles que lhes comungam o mesmo sangue.

Nas celebrações da alegria, é inútil convocar os entes amados, de vez que todos eles se encontram automaticamente dentro delas. Recorda os que jornadeiam no mundo, sob as algemas de austeras privações e partilha com eles as vantagens que te felicitam a vida.

Se exerces autoridade, é natural te disponhas à sustentação dos companheiros honestos que te apoiam a luta. Antes deles, no entanto, pensa no amparo que deves a todos os que padecem aflição e injustiça. Obtiveste merecimentos sociais elevados pelos títulos de competência que granjeaste a preço de trabalho e de estudo, e, com semelhantes valores, é razoável te empenhes no reconforto, a benefício dos que viajam no carro de tuas facilidades terrestres. Antes deles, contudo, atende à cooperação em favor dos que jazem cansados nas provas sem remédio.

Desfrutas extensa possibilidade econômica, na qual é compreensível te devotes a obsequiar os amigos do teu nível doméstico. Antes deles, todavia, socorre os que esmorecem de fadiga e penúria, para quem, muitas vezes, a felicidade reside num sorriso amistoso ou num prato de pão.

Amealhaste conhecimento e, nos tesouros culturais que adquiriste, é justo te aprazas nos torneios verbais de salão, enriquecendo o cérebro dos ouvintes que te respiram as normas superiores. Antes deles, porém, divide a luz que te clareia o mundo mental com os irmãos do caminho, que se debatem ainda, na noite da ignorância.

Jesus não te pede a deserção dos círculos afetivos.

Ele próprio, certa feita, asseverou aos companheiros de apostolado: “Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o meu senhor; chamo-vos amigos, porque vos revelei tudo quanto ouvi de meu Pai”.

Com os amigos, entretanto, consagrou-se primeiramente a aliviar a carga de todos os sofredores, como a dizer-nos que todos podemos cultivar afeições preciosas que nos alentem as energias, mas à frente dos que choram, nos transe de dolorosas necessidades, é preciso, adotar a legenda — “eles antes”.

27.2.3 CATEGORIA DOS CONVIDADOS QUE PARTICIPARÃO DO BANQUETE NO REINO DE DEUS

A mensagem do Evangelho é um permanente convite, direto ou indireto, de a humanidade terrestre buscar o Reino de Deus. Para reforçar esse apelo, o Senhor tem enviado missionários ao longo da história humana, que atuam em diferentes áreas do conhecimento. Mesmo com o repetido convite divino, há convidados que não atendem ao chamado, a despeito das condições pessoais que possuem de poderem auxiliar o próximo. Em geral, apresentam desculpas que revelam o quanto estão envolvidos nas coisas transitórias da vida material, como bem assinala o texto de *Lucas* (14:18 a 20): um por que comprou um terreno, outro uma junta de animais, outro por que casou. E por aí vai.

Na verdade, tais recusas revelam o nível de entendimento da pessoa em relação aos valores espirituais. As informações que possuem a respeito do reino de Deus são vagas, inexpressivas, quando não são literais, simbolizadas nas manifestações de culto externos. A compreensão dos valores eternos requer tempo, a fim de que o Espírito alcance um certo nível de amadurecimento espiritual, em geral obtido por meio dos desafios das provações, como esclarece Emmanuel: “Sabia o Mestre que a vontade humana ainda é muito frágil, e que inúmeras lutas rodeiam a criatura até que aprenda a estabelecer a união com o Divino”⁹

Não foi por outro motivo que, após a recusa dos primeiros convidados, aqueles que inicialmente receberam informações a respeito da Lei de Deus, que o Senhor endereçou um chamado amplo a toda a comunidade humana

do planeta, sobretudo dirigida aos indivíduos que se encontram sob o peso de provações, como ressalta o versículo 2: [...] “*Vai depressa pelas praças e ruas da cidade e introduz aqui os pobres, os estropiados, os cegos e os coxos.*” [...] (Lc 14:21).

Vejamos o que Emmanuel tem a dizer a respeito de ambas as categorias de convidados: os que detinham a missão inicial e os sofredores de todos os tempos, independentemente do conhecimento que possuem a respeito do assunto.

- » **Lucas, 14:18 a 20:** *Mas todos, unânimes, começaram a se desculpar. O primeiro disse-lhe: “Comprei um terreno e preciso vê-lo; peço-te que me dês por escusado”. Outro disse: ‘Comprei cinco juntas de bois e vou experimentá-las; rogo-te que me dês por escusado’. E outro disse: ‘Casei-me, e por essa razão não posso ir’.*

Desculpismo sempre foi a porta de escape dos que abandonam as próprias obrigações.

[...]

Tantas são as evasivas e tão veementes aparecem que os ouvintes mais argutos terminam convencidos de que se encontram à frente de grandes sofredores ou de criaturas francamente incapazes, passando até mesmo a sustentá-los na fuga.

Os convidados para a lavoura de luz, no entanto, engodados por si próprios, acordam para a verdade no momento oportuno e, atados às ruinosas consequências da própria leviandade, não encontram outra providência restauradora senão a de esperarem por outras reencarnações.¹⁰

- » **Lucas, 14:21:** *Voltando, o servo relatou tudo ao seu senhor. Indignado, o dono da casa disse ao seu servo: “Vai depressa pelas praças e ruas da cidade e introduz aqui os pobres, os estropiados, os cegos e os coxos”.*

Muita gente alega incapacidade de colaborar nos serviços do bem, sob a égide do Cristo, relacionando impedimentos morais.

Há quem se diga errado em excesso; há quem se afirme sob fardos de remorsos e culpas; há quem se declare portador de graves defeitos, e quem assevere haver sofrido lamentáveis acidentes da alma...

Entretanto, a palavra de Jesus se dirige a todos, sem qualquer exceção. Pobres de virtude, aleijados do sentimento, coxos do raciocínio e cegos do conhecimento superior são chamados à edificação da era nova. Isso porque, em Jesus, tudo é novo para que a vida se renove.

Espíritos viciados, inibidos, desorientados e ignorantes de ontem, ao toque do Evangelho, fazem-se hoje cooperadores da Grande Causa, esquecendo ilusões, desfazendo cárceres mentais, suprimindo desequilíbrios e dissipando velhas sombras.

Se a realidade espiritual te busca, ofertando-te serviço no levantamento das boas obras, não te detenhas, apresentando deformidades e frustrações. No

clima da Boa-Nova, todos nós encontramos recursos de cura e reabilitação, reerguimento e consolo. Para isso, basta sejamos sinceros, diante da nossa própria necessidade de corrigenda, com o espírito espontaneamente consagrado ao privilégio de trabalhar e servir.¹¹

27.3 RENUNCIAR AO QUE TEMOS DE MAIS CARO. RENÚNCIA A TODOS OS BENS. NÃO SE TORNAR INSOSSO (LC 14:25 A 35)¹²

²⁵Grandes multidões o acompanhavam. Jesus voltou-se e disse-lhes: ²⁶“Se alguém vem a mim e não odeia seu próprio pai e mãe, mulher, filhos, irmãos, irmãs e até a própria vida, não pode ser meu discípulo. ²⁷Quem não carrega sua cruz e não vem após mim, não pode ser meu discípulo.

²⁸Quem de vós, com efeito, querendo construir uma torre, primeiro não se senta para calcular as despesas e ponderar se tem com que terminar? ²⁹Não aconteça que, tendo colocado o alicerce e não sendo capaz de acabar, todos os que virem comecem a caçoar dele, dizendo: ³⁰“Esse homem começou a construir e não pôde acabar!” ³¹Ou ainda, qual o rei que, partindo para guerrear com um outro rei, primeiro não se senta para examinar se, com dez mil homens, poderá confrontar-se com aquele que vem contra ele com vinte mil? ³²Do contrário, enquanto o outro ainda está longe, envia uma embaixada para perguntar as condições de paz. ³³Igualmente, portanto, qualquer de vós, que não renunciar a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo.

³⁴O sal, de fato, é bom. Porém, se até o sal se tornar inosso, com que se há de temperar? ³⁵Não presta para a terra, nem é útil para o esterco: jogam-no fora. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!”

Ainda causam significativo impacto emocional as seguintes palavras, registradas por Lucas, 14:26: “*Se alguém vem a mim e não odeia seu próprio pai e mãe, mulher, filhos, irmãos, irmãs e até a própria vida, não pode ser meu discípulo*”. Interpretadas literalmente, foram utilizadas para justificar ódios, perseguições e divisões, sobretudo por parte de religiosos que, por se revelarem fanatizados, em diferentes ocasiões e circunstâncias, cometeram sérias infrações contra a Lei de Deus.

É importante, portanto, extrair do símbolo a verdade espiritual. Trata-se de um exercício permanente, pois é inconcebível, pelo simples bom senso, que Jesus todo amor, bondade e misericórdia estimulasse a manifestação do ódio entre as pessoas. O mais importante, portanto, é que o discípulo sincero cumpra os deveres e as obrigações impostos pelo planejamento reencarnatório, oportunidade para domar as más tendências, ainda inerentes, e de investir no desenvolvimento de virtudes. Tal é o significado expresso

no versículo 27 que completa as ideias do versículo anterior, inapropriadamente utilizado ao longo da História: *Quem não carrega sua cruz e não vem após mim, não pode ser meu discípulo.* (Lc 14:27). Em um esforço de síntese, Emmanuel afirma:

Os círculos cristãos de todos os matizes permanecem repletos de estudantes que se classificam no discipulado de Jesus, com inexcedível entusiasmo verbal, como se a ligação legítima com o Mestre estivesse circunscrita a problema de palavras.

Na realidade, porém, o Evangelho não deixa dúvidas a esse respeito.

A vida de cada criatura consciente é um conjunto de deveres para consigo mesmo, para com a família de corações que se agrupam em torno dos seus sentimentos e para com a Humanidade inteira.

E não é tão fácil desempenhar todas essas obrigações com aprovação plena das diretrizes evangélicas.

Imprescindível se faz eliminar as arestas do próprio temperamento, garantindo o equilíbrio que nos é particular, contribuir com eficiência em favor de quantos nos cercam o caminho, dando a cada um o que lhe pertence, e servir à comunidade, de cujo quadro fazemos parte.

Sem que nos retifiquemos, não corrigiremos o roteiro em que marchamos.¹³

O texto de *Lucas* (14:28 a 32), em seguida reproduzido, Jesus retoma a ideia do esforço próprio no processo de melhoria espiritual e da necessidade de o discípulo adquirir uma base sólida, antes de realizar obras maior vulto, como a construção de uma torre ou na realização de proposta de paz entre adversários que estão guerreando entre si: *Quem de vós, com efeito, querendo construir uma torre, primeiro não se senta para calcular as despesas e ponderar se tem com que terminar? Não aconteça que, tendo colocado o alicerce e não sendo capaz de acabar, todos os que virem comecem a caçoar dele, dizendo: “Esse homem começou a construir e não pôde acabar!” Ou ainda, qual o rei que, partindo para guerrear com um outro rei, primeiro não se senta para examinar se, com dez mil homens, poderá confrontar-se com aquele que vem contra ele com vinte mil? Do contrário, enquanto o outro ainda está longe, envia uma embaixada para perguntar as condições de paz.*

As relações sociais, familiares, afetivas, comerciais e/ou diplomáticas devem ser edificadas sob base sólida e pacífica, ensinada pelo Cristo, caso contrário, à semelhança do sal que, usualmente utilizado para ressaltar o sabor dos alimentos, for escassamente aplicado, os alimentos ficam insossos. O mesmo princípio aplica-se nas relações humanas, que segundo Jesus, devem ser temperadas com o sal da boa vontade, da tolerância, do amor,

enfim. Assim, é importante traçar um plano básico de construção espiritual, no qual consta, no mínimo, cálculos, investimentos, possíveis riscos e resultados. Agindo em sentido contrário a essa proposição, corre-se o risco da edificação não ser erguida, parcial ou totalmente, ou mesmo ser abandonada, como usualmente temos realizado nas nossas inúmeras tentativas de melhoria espiritual nas reencarnações sucessivas.

Emmanuel transmite-nos a seguinte mensagem que fecha com chave de ouro as ideias aqui desenvolvidas:

A Torre¹⁴

“Pois qual de vós, querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a fazer as contas dos gastos para ver se tem com que a acabar?” – JESUS (Lucas, 14:28.)

Constitui objeto de observação singular as circunstâncias do Mestre se referir, a essa altura dos ensinamentos evangélicos, a uma torre, quando deseja simbolizar o esforço de elevação espiritual por parte da criatura.

A torre e a casa são construções muito diversas entre si.

A primeira é fortaleza, a segunda é habitação.

A casa proporciona aconchego, a torre dilata a visão.

Um homem de bem, integrado no conhecimento espiritual e praticando-lhe os princípios sagrados está em sua casa, edificando a torre divina da iluminação, ao mesmo tempo.

Em regra vulgar, porém, o que se observa no mundo é o número espontâneo de pessoas que nem cuidaram ainda da construção da casa interior e já falam calorosamente sobre a torre, de que se acham tão distantes.

Não é fácil o serviço profundo da elevação espiritual, nem é justo apenas pintar projetos sem intenção séria de edificação própria.

É indispensável refletir nas contas, nos dias áspersos de trabalho, de autodisciplina. Para atingir o sublime desiderato, o homem precisará gastar o patrimônio das velhas arbitrariedades e só realizará esses gastos com um desprendimento sincero da vaidade humana e com excelente disposição para o trabalho da elevação de si mesmo, a fim de chegar ao término, dignamente.

Queres construir uma torre de luz divina?

É justo. Mas não comeces o esforço, antes de haver edificado a própria casa íntima

REFERÊNCIAS

- 1 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores.

- Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 14:1-6, p. 1.815.
- 2 FAJARDO, Claudio. *Jesus terapeuta*. v. 1. 1. ed. Belo Horizonte, MG: AME-BH, 2002. cap. 14, p. 337.
- 3 THOMAS, Clayton L. (Coord.). *Dicionário médico enciclopédico Taber*. 17. ed. ilustr. Trad. Fernando Gomes do Nascimento. 1. ed. brasileira. Barueri, SP: 2000. verbete: Ascite, p.151.
- 4 _____. _____. verbete: Hidropisia fetal, p. 879.
- 5 XAVIER, Francisco Cândido. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 19. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2013. cap. 28.
- 6 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 14:7-24, p. 1.815 e 1.816.
- 7 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020, cap. 43.
- 8 _____. *Livro da esperança*. Pelo Espírito Emmanuel. 20. ed. Uberaba, MG: CEC, 2008. cap. 35, p. 102 a 104.
- 9 _____. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 59.
- 10 _____. *Palavras de vida eterna*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. e-book. Brasília, DF-Uberaba, MG: FEB-CEC, 2013. cap. 128.
- 11 _____. _____. cap. 127.
- 12 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 14:25-35, p. 1.816.
- 13 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 16. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 58.
- 14 _____. *Alma e luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 7. ed. 1. imp. Araras, SP: IDE, 2018. cap. *A torre*, p. 105 a 107.

AS TRÊS PARÁBOLAS DA MISERICÓRDIA

A OVELHA PERDIDA. A DRACMA PERDIDA. O FILHO PERDIDO
E O FILHO FIEL: O “FILHO PRÓDIGO” (LC 15:1 A 32)

As três parábolas que ilustram o estudo atual referem-se ao sentimento de perda e ao regozijo de recuperar o que se havia perdido. A Parábola da Ovelha Perdida apresenta um paralelo em *Mateus* (18:12 a 14), então denominada “a ovelha desgarrada”, mas não há referência à dracma perdida. A Parábola do Filho Perdido ou Pródigo é citada apenas por *Lucas*. Tudo isso tem um uma razão de ser quando se considera o propósito que moveu cada evangelista de registrar os ensinamentos de Jesus, como consta na *Bíblia de Jerusalém*:

Lc [*Lucas*] apresenta diversas parábolas bastante desenvolvidas, que são próprias do terceiro evangelho. As parábolas de Mc [*Marcos*] visam sobretudo à natureza e à vinda do Reino. As que são próprias de Mt [*Mateus*] se referem em grande parte ao julgamento final ou às relações fraternas na comunidade. As parábolas de Lc [*Lucas*] ocupam-se de indivíduos e da moral pessoal; em primeiro plano, encontra-se frequentemente um anti-herói, cujo solilóquio torna-se o eixo do relato. Ver [Lc] 12:17; 15:17; 16:3-24; 18:4-11.¹

28.1 AS TRÊS PARÁBOLAS DA MISERICÓRDIA. A OVELHA PERDIDA. A DRACMA PERDIDA (LC 15:1 A 10)²

¹Todos os publicanos e pecadores aproximaram-se para ouvi-lo. ²Os fariseus e os escribas, porém, murmuravam: “Esse homem recebe os pecadores e come com eles!”. ³Contou-lhes, então, esta parábola:

⁴“Qual de vós, tendo cem ovelhas e perder uma, não abandona as noventa e nove no deserto e vai em busca daquela que se perdeu, até encontrá-la? ⁵E achando-a, alegre, a coloca sobre os ombros ⁶e, de volta para casa, convoca os amigos e os vizinhos, dizendo-lhes: ‘Alegrai-vos comigo, porque encontrei a minha ovelha perdida!’ ⁷Eu vos digo que do mesmo modo haverá mais alegria

no céu por um só pecador que se arrepende, do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento.⁸ Ou qual a mulher que, tendo dez dracmas e perder uma, não acende uma lâmpada, varre a casa e procura cuidadosamente até encontrá-la? ⁹E encontrando-a, convoca as amigas e vizinhas, e diz: 'Alegrai-vos comigo, porque encontrei a dracma que havia perdido!' ¹⁰Eu vos digo que, do mesmo modo, há alegria diante dos anjos de Deus por um só pecador que se arrepende”.

Os coletores de impostos (publicanos), assim como as pessoas declaradas pecadoras pelo clero judaico, eram excluídas da comunidade religiosa, como consta da advertência no livro de *Provérbios*, 1:15; 13:20 e 14:7, que faz referência ao perigo de alguém passar algum tempo com esses pecadores.³ Contudo a ideia que se destaca no texto evangélico é a de Jesus que influencia os denominados pecadores, não o contrário.³ Mas havia outros motivos bem terra a terra e nada relacionados à Lei de Deus para a crítica dos fariseus e dos escribas: “Os fariseus e os doutores da Lei não consideravam apropriado comer na companhia das pessoas excluídas da comunidade religiosa; além do risco de comer uma refeição cujo dízimo não havia sido entregue, a comunhão à mesa implicava a aceitação mútua dos participantes.[...]”⁴

Amélia Rodrigues esclarece que, em razão da interpretação literal e rigorosa dos preceitos religiosos, os membros do clero judaico provocavam muitas desuniões: “[...] A descrença era generalizada de tal forma que os seus eram comportamentos estranhos à conduta religiosa e somente adstritos às leis severas que elaboraram para afligir-se e para perseguir aqueles que destoavam dos seus códigos, alguns deles, na sua quase maioria, absurdos”⁵

Essas normas não haviam sido feitas para dignificar ou moralizar os indivíduos, mas sim para os punir, matar-lhes os ideais e reduzi-los à condição de animais obedientes, incapazes de eleger o caminho para onde seguir. Eram antolhos que lhes aplicavam, que limitavam a visão, a fim de que os astutos administradores e intérpretes dos seus textos, conforme o eram, pudessem destacar-se na comunidade, explorando o desconhecimento por parte das vítimas, desfrutando de privilégios que aos outros negavam.

[...]

Eram perseguidores inclementes, porque perseguidos em si mesmos pela insatisfação, pelo desprezo que se permitiam, pela inferioridade de que se sentiam objeto.

Jesus não podia deixar de ser vítima da sua crueza e insistente perseguição.⁶

Jesus não se abatia, contudo, persistia firme no seu ministério de pregar o amor como Lei Divina, como assinala o espírita Frederico Kremer, “[...]”

Jesus procura destacar a misericórdia do Pai em duas pequenas histórias que nos falam da alegria que sentimos quando achamos algo que estava perdido. Imaginem a alegria do Pai quando um filho perdido recupera a sua dignidade e retorna ao caminho da salvação⁷.

Para muitos ouvintes, não eram parábolas muito acertadas. Como pode Jesus comparar Deus a um pastor, pertencente a um grupo desprezado socialmente, ou a uma pobre mulher de aldeia? No entanto, a imagem do pastor era muito estimada na tradição do povo, desde os tempos em que as tribos de Israel eram seminômades. Todos gostavam de imaginar Deus como um pastor que cuida do seu povo.

As duas parábolas irradiam esperança, pois nos falam da misericórdia do Pai para com os que estão em erro. Jesus anunciou a boa notícia de que a salvação é para todos e Ele mesmo teria vindo à Terra para os que estão doentes, e não para os saudáveis. [...].⁷

28.2 O FILHO PERDIDO E O FILHO FIEL: O “FILHO PRÓDIGO” (LC 15:11 A 32)⁸

¹¹Disse ainda: “Um homem tinha dois filhos. ¹²O mais jovem disse ao pai: ‘Pai, dá-me a parte da herança que me cabe’. E o pai dividiu os bens entre eles. ¹³Poucos dias depois, ajuntando todos os seus haveres, o filho mais jovem partiu para uma região longínqua e ali dissipou sua herança numa vida devassa. ¹⁴E gastou tudo. Sobreveio àquela região uma grande fome e ele começou a passar privações. ¹⁵Foi, então, empregar-se com um dos homens daquela região, que o mandou para seus campos cuidar dos porcos. ¹⁶Ele queria matar a fome com as bolotas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. ¹⁷E caindo em si, disse: ‘Quantos empregados de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui, morrendo de fome! ¹⁸Vou-me embora, procurar o meu pai e dizer-lhe: Pai, pequei contra o Céu e contra ti; ¹⁹já não sou digno de ser chamado teu filho. Trata-me como um dos teus empregados.’ ²⁰Partiu, então, e foi ao encontro de seu pai.

Ele estava ainda ao longe, quando seu pai viu-o, encheu-se de compaixão, correu e lançou-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos. ²¹O filho, então, disse-lhe: ‘Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho.’ ²²Mas o pai disse aos seus servos: ‘Ide depressa, trazei a melhor túnica e revesti-o com ela, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés. ²³Trazei o novilho cevado e matai-o; comamos e festejemos, ²⁴pois este meu filho estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi reencontrado!’ E começaram a festejar.

²⁵Seu filho mais velho estava no campo. Quando voltava, já perto de casa ouviu músicas e danças. ²⁶Chamando um servo, perguntou-lhe o que estava acontecendo. ²⁷Este lhe disse: ‘É teu irmão que voltou e teu pai matou o novilho cevado, porque o recuperou com saúde.’ ²⁸Então ele ficou com muita raiva e não queria entrar. Seu pai saiu para suplicar-lhe. ²⁹Ele, porém, respondeu a

seu pai: ‘Há tantos anos que eu te sirvo, e jamais transgredi um só dos teus mandamentos, e nunca me deste um cabrito para festejar com meus amigos.

³⁰Contudo, veio esse teu filho, que devorou teus bens com prostitutas, e para ele matas o novilho cevado!’

³¹Mas o pai lhe disse: ‘Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu.

³²Mas era preciso que festejássemos e nos alegrássemos, pois esse teu irmão estava morto e tornou a viver; ele estava perdido e foi reencontrado!’”

A Parábola do Filho Pródigo ou do filho perdido ou, também, parábola dos dois filhos, é bem conhecida dos cristãos, inclusive dos espíritas. Faz referências a princípios espirituais fundamentais, inerentes a Deus, Pai e Criador, como providência, liberdade, justiça e misericórdia divinas, assim como aprendizados que o homem terrestre necessita desenvolver, a partir do momento em que foi criado como Espírito simples e ignorante. Destacamos o seguinte:

» **O pai justo e amoroso que tinha dois filhos:**

Simboliza Deus, o Criador Supremo.

» **Providência divina:**

São os bens, materiais e espirituais, disponibilizados por Deus aos filhos da Criação.

» **Livre-arbítrio ou liberdade de escolha:**

Decisão, em especial, de um dos filhos de pedir a parte que lhe cabia na herança, de abandonar o regaço paterno e viajar para longe, onde, longe de casa, dissipou os bens herdados. Bens de natureza material e espiritual, como os valores morais, implantados pelo Pai na consciência dos filhos.

» **Justiça Divina:**

Acionada, naturalmente, na forma da lei de causa e efeito (ou ação e reação), que administra o bom ou mau uso do livre-arbítrio dos filhos da Criação.

» **Misericórdia Divina:**

Ante as boas ou más escolhas, aciona-se, naturalmente, a Lei de Causa e Efeito, que concede a cada indivíduo o resultado das suas ações: as boas escolhas indicam boas aquisições espirituais; as más escolhas produzem sofrimento e tristeza ao infrator, gerando provações existenciais, as quais permitem reparação dos equívocos cometidos e o devido reajuste às Leis de Deus — tal como aconteceu ao filho pródigo.

Lucas registra que o filho pródigo pegou parte da herança que lhe cabia e partiu para *região longínqua*, onde dissipou a herança recebida. Há dois significados referentes à “região longínqua”. Um óbvio e literal que indica

distância física, de quilometragem, ou, segundo alguns interpretadores, “terras estrangeiras”; o outro conceito está vinculado ao sentido espiritual, isto é, o filho pródigo optou por viver longe, à distância, da proteção paterna ou dos preceitos de boa conduta, deixando-se levar por uma vida devassa, por uso exclusivo do livre-arbítrio.

A dissipação dos bens espirituais foi consequência da vida devassa na qual se comprazia. O desregramento da conduta resultou em extrema pobreza, não somente biológica (a ponto de querer se alimentar das bolotas que eram destinadas aos porcos), mas, sobretudo, em pobreza moral. Chegado ao extremo da queda espiritual e passando por sofrimentos daí decorrentes, ele “caiu em si”. Nesse momento evolutivo, o filho imperfeito recorda a Casa do Pai e, então, decide retornar ao lar paterno. Eis aí o resumo da trajetória da humanidade imperfeita.

Vinícius (Pedro de Camargo) assinala outras ideias a respeito da parábola:

Os dois irmãos representam a Humanidade. O *Pródigo* é a fiel imagem dos pecadores cujas faltas transparecem, ressaltam logo à primeira vista. Semelhantes transviados deixam-se arrastar ao sabor das voluptuosidades, como barcos que vogam à mercê das ondas, sem leme e sem bússola. Sabem que são pecadores, estão cômnicos das imperfeições próprias e, comumente, ostentam para os que têm olhos de ver, de permeio com as graves falhas de seus caracteres, apreciáveis virtudes. E assim permanecem, até que o aguilhão da dor os desperte.

O filho mais velho, o egoísta, é a perfeita encarnação dos pecadores que se julgam isentos de culpa, protótipos de virtudes, únicos herdeiros das bem-aventuranças eternas, pelo fato de se haverem absterido do mal. São os orgulhosos, os exclusivistas, os sectários que se apartam dos demais para não se contaminarem, como faziam os fariseus. A soberba não lhes permite conceber a unidade do destino. [...] Descreem da reabilitação dos culpados. Só podem ver a sociedade sob seus aspectos de camadas diversas, camadas inconfundíveis. Imaginam-se no alto, e os demais em baixo.⁹

Do ponto de vista literal, a história mostra dois tipos de filhos, um imprudente, gastador e devasso, outro, bom e dedicado, ainda que ambos estejam em processo de aprendizado evolutivo. “À medida que nos vamos entranhando nos significados que os símbolos obscurecem, vemos que, de um lado, temos o filho pródigo, legítimo representante de uma humanidade imperfeita, governada por paixões e que, irresponsavelmente, dilapida os valores divinos concedidos pela Providência; de outro, localizamos o filho denominado fiel, mas que, apenas reflete a aparência do bem. No fundo, porém, revela-se egoísta e invejoso, quando a vida exigiu dele manifestações

de tolerância, compaixão e perdão. Naquele momento, ele demonstrou que tudo que até então realizara foi para ser gratificado pelas obras que realizara, pois, afinal, não foi para isso que ele permanecera sempre na casa paterna, seguindo seus mandamentos? A resposta do pai ao filho enraivecido é sábia: *Mas o pai lhe disse: ‘Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. Mas era preciso que festejássemos e nos alegrássemos, pois esse teu irmão estava morto e tornou a viver; ele estava perdido e foi reencontrado!’*” (Lc15:31 e 32).

Todos, cedo ou tarde, caem em si e, à semelhança do filho pródigo, retornam sobre os próprios pés para reparar os erros que lhes cabem. A reparação dos erros cometidos e a incessante prática do bem nos conduzirão, inexoravelmente, aos píncaros da evolução, entretanto importa considerarmos qual é a nossa posição atual: a de filhos pródigos ou a de filhos egoístas? A respeito, Emmanuel pondera: “Há grande massa de crentes de todos os matizes, nas mais diversas linhas da fé, todavia reinam entre eles a perturbação e a dúvida, porque vivem mergulhados nas interpretações puramente verbalistas da revelação celeste, em gozos fantasistas, em mentiras da hora carnal ou imantados à casca da vida a que se prendem desavisados. [...]”.¹⁰ Prosseguindo em suas sábias interpretações, Emmanuel destaca a importância de fazermos uma reflexão mais aprofundada a respeito do símbolo que representa o filho pródigo:

Filhos pródigos¹¹

E caindo em si, disse: Quantos jornalheiros de meu pai têm abundância de pão e eu aqui pereço de fome!
(Lucas, 15:17.)

Examinando-se a figura do filho pródigo, toda gente idealiza um homem rico, dissipando possibilidades materiais nos festins do mundo.

O quadro, todavia, deve ser ampliado, abrangendo as modalidades diferentes.

Os filhos pródigos não respiram somente onde se encontra o dinheiro em abundância. Acomodam-se em todos os campos da atividade humana, resvalando de posições diversas.

Grandes cientistas da Terra são perdulários da inteligência, destilando venenos intelectuais, indignos das concessões de que foram aquinhoados. Artistas preciosos gastam, por vezes, inutilmente, a imaginação e a sensibilidade, através de aventuras mesquinhas, caindo, afinal, nos desvãos do relaxamento e do crime.

Em toda parte vemos os dissipadores de bens, de saber, de tempo, de saúde, de oportunidades...

São eles que, contemplando os corações simples e humildes, em marcha para Deus, possuídos de verdadeira confiança, experimentam a enorme angústia da inutilidade e, distantes da paz íntima, exclamam desalentados: — “Quantos

trabalhadores pequeninos guardam o pão da tranquilidade, enquanto a fome de paz me tortura o espírito!”

O mundo permanece repleto de filhos pródigos e, de hora a hora, milhares de vozes proferem aflitivas exclamações iguais a esta.

REFERÊNCIAS

- 1 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 15: 8-10, nota de rodapé “f”, p. 1.816 e 1.817.
- 2 _____. _____. *Evangelho segundo Lucas*, 15:1-10, p. 1.816.
- 3 KEENER, Craig. S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. v. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo, SP: Vida Nova, 2017. it. 15:1 e 2, p. 258.
- 4 _____. _____. it. 15:2, p. 258.
- 5 FRANCO, Divaldo Pereira. *A mensagem do amor imortal*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 2. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 5, p. 30.
- 6 _____. _____. p. 30 e 31.
- 7 KREMER, Frederico Guilherme da Costa. *Jesus de Nazaré: uma narrativa da vida e das parábolas*. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2016. cap. 26, it. Reflexão.
- 8 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 15:11-32, p. 1.816 e 1.817.
- 9 VINÍCIUS (Pedro de Camargo). *Nas pegadas do mestre*. 12. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2015. cap. *O príndigo e o egoísta*.
- 10 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 16. imp. Brasília: FEB, 2020, cap. 88.
- 11 _____. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 24.

O ADMINISTRADOR INFIEL

O BOM EMPREGO DO DINHEIRO. CONTRA OS FARISEUS, AMIGOS DO DINHEIRO. ASSALTO AO REINO. PERENIDADE DA LEI. INDISSOLUBILIDADE DO MATRIMÔNIO. O MAU RICO E O POBRE LÁZARO (LC 16:1 A 31)

O capítulo 16 do *Evangelho segundo Lucas* é constituído de duas parábolas (O administrador infiel e O mau rico e o pobre Lázaro) e de alguns assuntos complementares a ambas as parábolas: a atração pelo dinheiro que era comum entre os fariseus; o bom e o mau uso dos bens materiais. Jesus revela também porque o Reino de Deus jamais será tomado de assalto e destaca a importância da indissolubilidade do casamento.

O conhecido estudioso das escrituras, Russell Norman Champlin, apresenta-nos algumas úteis ponderações relacionados ao uso e abuso das riquezas, que o registro evangélico traz às nossas reflexões, sobretudo no que diz respeito à Parábola do Administrador Infiel, assunto central do capítulo, para o qual convergem as demais ideias:

Trata-se de uma das parábolas mais difíceis de serem entendidas. Por isso mesmo, existem várias interpretações para ela. O administrador era quem geria os negócios da casa, distribuindo aos diversos servos os seus respectivos deveres, e agindo também como capataz. Assim, era o responsável pelas provisões entesouradas na casa, e se achava em posição de poder desperdiçar as provisões de seu senhor. [...].¹

29.1 O ADMINISTRADOR INFIEL. O BOM EMPREGO DO DINHEIRO (LC 16:1 A 13)²

¹Dizia ainda a seus discípulos: “Um homem rico tinha um administrador que foi denunciado por dissipar os seus bens. ²Mandou chamá-lo e disse-lhe: ‘Que é isso que ouço dizer de ti? Presta contas da tua administração, pois já não podes ser administrador!’ ³O administrador então refletiu: ‘Que farei, uma vez que meu senhor, me retire a administração? Cavar? Não tenho força.

Mendigar? Tenho vergonha...⁴Já sei o que farei para que, uma vez afastado da administração, tenha quem me receba na própria casa.

⁵Convocou então os devedores do seu senhor um a um, e disse ao primeiro: 'Quanto deves ao meu senhor?' ⁶'Cem barris de óleo', respondeu ele. Disse então: 'Toma tua conta, senta-te e escreve depressa cinquenta.' ⁷Depois, disse a outro: 'E tu, quanto deves?' 'Cem medidas de trigo', respondeu. Ele disse: 'Toma tua conta e escreve oitenta.'

⁸ E o senhor louvou o administrador desonesto por ter agido com prudência. Pois os filhos deste século são mais prudentes com sua geração do que os filhos da luz.

⁹E eu vos digo: fazei amigos com o Dinheiro da iniquidade, a fim de que, no dia em que faltar o dinheiro, estes vos recebam nas tendas eternas. ¹⁰Quem é fiel nas coisas mínimas, é fiel também no muito, e quem é iníquo no mínimo, é iníquo também no muito. ¹¹Portanto, se não fostes fiéis quanto ao Dinheiro iníquo, quem vos confiará o verdadeiro bem? ¹²Se não fostes fiéis em relação ao bem alheio, quem vos dará o vosso?

¹³Ninguém pode servir a dois senhores: com efeito, ou odiará um e amará o outro, ou se apegará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e ao Dinheiro”.

Temos aqui o relato da Parábola do Administrador Infiel, cuja conclusão não deixa de ser intrigante, mesmo considerando que todas as parábolas transmitidas por Jesus apresentam um caráter profundamente educativo, tradicionalmente conceituadas como *histórias exemplificadoras*, visto que aconselham um certo tipo de conduta.³ A Parábola do Administrador ou mordomo infiel não é diferente das demais. Entretanto, para entender o seu verdadeiro sentido espiritual, faz-se necessário extrapolar o literalismo que, usualmente, é aplicado nesse ensino de Jesus, como destaca Champlin:

Essa parábola [administrador infiel], porém, de certa maneira negativa, é também uma história exemplificadora, embora a conduta do administrador, sua personagem central, não seja recomendada em seu sentido literal; não obstante, podemos aprender aqui certa lição sobre nossa conduta. [...]

Aos primeiros mestres cristãos lançavam mão desta parábola para ensinar a prática da “prudência”. O administrador era homem iníquo, embora fosse absoluto; e os discípulos de Jesus são exortados a empregar a sua sabedoria para propósitos superiores. O v. 9 mostra, de maneira bem definida, que um dos principais propósitos dessa parábola é o de ensinar o uso sábio do dinheiro, ainda que os versículos seguintes façam uma aplicação mais ampla, isto é, o uso da sabedoria em todos os tipos de mordomia. [...].³

A questão que mais incomoda os discípulos é a da atitude do administrador, como destaca outro importante estudioso dos textos testamentais, Craig Keener: “Embora o senhor tenha demitido o administrador, ele lhe dá tempo para prestar contas da administração. O administrador vale-se desse tempo para conquistar a boa vontade de outras pessoas em cujas casas ele poderia trabalhar. [...]”⁴

Em outras palavras, mesmo tendo sido afastado do cargo por má conduta, o administrador infiel ainda persiste na mesma linha de comportamento, pensando, primeiramente, nos próprios interesses, ainda que, de alguma forma, beneficie outras pessoas, como consta no registro de *Lucas* (16:3 a 7): “O administrador então refletiu: ‘Que farei, uma vez que meu senhor me retire a administração? Cavar? Não tenho força. Mendigar? Tenho vergonha...’⁴ Já sei o que farei para que, uma vez afastado da administração, tenha quem me receba na própria casa’. Convocou então os devedores do seu senhor um a um, e disse ao primeiro: ‘Quanto deves ao meu senhor?’ ‘Cem barris de óleo’, respondeu ele. Disse então: ‘Toma tua conta, senta-te e escreve depressa cinquenta’.⁷ Depois, disse a outro: ‘E tu, quanto deves?’ — ‘Cem medidas de trigo’, respondeu. Ele disse: ‘Toma tua conta e escreve oitenta’”.

Na verdade, o administrador só buscou uma solução para auxiliar os devedores quitarem as suas dívidas quando ele se viu acossado, na iminência de perder o posto de trabalho e regalias. O entendimento espiritual da parábola fornece-nos outros aprendizados, alguns deles assinalados por Vinícius (Pedro de Camargo), que propõe a seguinte interpretação dos simbolismos representados pelos personagens indicados na parábola:

O amo ou proprietário: Deus.

O mordomo infiel: o homem.

Os devedores beneficiados: nosso próximo.

A propriedade agrícola: o mundo em que habitamos.

Moralidade: o homem é mordomo infiel porque se apodera dos bens que lhe são confiados para administrar, como se tais bens constituíssem propriedade sua. Acumula esses bens, visando exclusivamente a proveitos pessoais; restringe sua expansão, assenhoreia-se da terra cuja capacidade produtiva delimita e compromete. Enfim, todo o seu modo de agir com relação à propriedade, que lhe foi confiada para administrar, é no sentido de monopolizá-la, segregá-la em benefício próprio, menosprezando assim os legítimos direitos do Proprietário.⁵

Vinícius faz outras análises interessantes e conclui:

O grande ensinamento dessa importante parábola está no seguinte: Toda riqueza é íníqua. Não há nenhuma legítima no terreno das temporalidades.

Riquezas legítimas ou verdadeiras são unicamente as de ordem intelectual e moral: o saber e a virtude. Não assiste ao homem o direito de monopolizar a terra, nem de açambarcar os bens temporais que dela derivam. Seu direito não vai além do usufruto. Como, porém, todos os homens são egoístas e querem monopolizar os bens terrenos em proveito exclusivo, o Mestre aconselha com muita justiça que, ao menos, façam como o mordomo infiel: granjeiem amigos com esses bens dos quais ilegalmente se apossaram.⁶

O último versículo, e que faz o fechamento das ideias desenvolvidas na parábola, é preciosa e inesquecível lição de sabedoria do Mestre Nazareno: “Ninguém pode servir a dois senhores: com efeito, ou odiará um e amará o outro, ou se apegará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e ao Dinheiro.” (Lc 16:13).

Uma observação faz-se necessária: a palavra *Dinheiro*, registrada na *Bíblia de Jerusalém* em caixa alta, equivale a *Mamon* (do grego e do aramaico = riquezas e demais bens materiais),⁷ da tradução da *Bíblia Sagrada* de João Ferreira de Almeida: “O verdadeiro serviço requer amor do servo, a inclinação às riquezas e prazeres da carne denota falta de amor, e falta de amor dá a entender a presença de dois senhores (ICr 13:1 a 3). O uso do termo encontra-se nos escritos rabínicos, e é sempre usado na forma pejorativa.”⁷ Prestados esses breves esclarecimentos, retornemos à lição final que Jesus transmite como fechamento da parábola: não servir a dois senhores.

Refletindo a respeito, extraímos de uma mensagem do *Espírito Cheverus*, inserida em *O evangelho segundo o espiritismo*, este pequeno trecho como ilustração:

Não podeis servir a Deus e a Mamon. Guardai bem isso, vós a quem o amor do ouro domina, vós que venderíeis a alma para possuir tesouros, porque eles permitem que vos eleveis acima dos outros homens e vos proporcionam o gozo das paixões. Não; não podeis servir a Deus e a Mamon! Se, pois, sentis vossa alma dominada pelas cobiças da carne, apressai-vos em alijar o jugo que vos oprime, porque Deus, justo e severo, vos dirá: “Que fizeste, ecônomo (administrador) infiel, dos bens que te confiei? Esse poderoso móvel de boas obras o empregaste exclusivamente na tua satisfação pessoal”.

Qual, então, o melhor emprego que se pode dar à riqueza? Procurai nestas palavras: “Amái-vos uns aos outros”, a solução do problema. Aí está o segredo do bom emprego das riquezas.⁸

O certo é que, cedo ou tarde, teremos de prestar conta da administração de todos os bens que a Divina Providência nos confiou como usufrutuários e como instrumento da nossa melhoria espiritual; e o benfeitor Emmanuel analisa isso de forma clara e incisiva:

Administração⁹

Dá conta de tua administração. – Jesus (Lucas, 16:2.)

Na essência, cada homem é servidor pelo trabalho que realiza na obra do Supremo Pai e, simultaneamente, é administrador, porquanto cada criatura humana detém possibilidades enormes no plano em que moureja.

Mordomo do mundo não é somente aquele que encaneca os cabelos, à frente dos interesses coletivos, nas empresas públicas ou particulares, combatendo tricas mil, a fim de cumprir a missão a que se dedica.

Cada inteligência da Terra dará conta dos recursos que lhe foram confiados.

A fortuna e a autoridade não são valores únicos de que devemos dar conta hoje e amanhã.

O corpo é um templo sagrado.

A saúde física é um tesouro.

A oportunidade de trabalhar é uma bênção.

A possibilidade de servir é um obséquio divino.

O ensejo de aprender é uma porta libertadora.

O tempo é um patrimônio inestimável.

O lar é uma dádiva do Céu.

O amigo é um benfeitor.

A experiência benéfica é uma grande conquista.

A ocasião de viver em harmonia com o Senhor, com os semelhantes e com a Natureza é uma glória comum a todos.

A hora de ajudar os menos favorecidos de recursos ou entendimento é valiosa.

O chão para semear, a ignorância para ser instruída e a dor para ser consolada são apelos que o Céu envia sem palavras ao mundo inteiro.

Que fazes, portanto, dos talentos preciosos que repousam em teu coração, em tuas mãos e no teu caminho? Vela por tua própria tarefa no bem, diante do Eterno, porque chegará o momento em que o Poder Divino te pedirá: — “Dá conta de tua administração”.

29.2 CONTRA OS FARISEUS, AMIGOS DO DINHEIRO. ASSALTO AO REINO. PERENIDADE DA LEI. INDISSOLUBILIDADE DO MATRIMÔNIO (LC 16:14 A 18)¹⁰

¹⁴Os fariseus, amigos do dinheiro, ouviam tudo isso e zombavam dele. ¹⁵Jesus lhes disse: “Vós sois os que querem passar por justos diante dos homens, mas Deus conhece os corações; o que é elevado para os homens, é abominável diante de Deus.

¹⁶A Lei e os Profetas até João! Daí em diante, é anunciada a Boa Nova do Reino de Deus, e todos se esforçam para entrar nele, com violência.

¹⁷É mais fácil passar céu e terra do que uma só vírgula cair da Lei.

¹⁸Todo aquele que repudiar sua mulher e desposar outra comete adultério, e quem desposar uma repudiada por seu marido comete adultério.

O apego ao dinheiro e demais bens materiais, objeto da pregação e alertas de Jesus, sempre produz más repercussões espirituais, merecendo, inclusive, deboches e zombarias dos fariseus, do passado e do presente. A situação se agrava quando tais atitudes, apego ou zombarias, são praticadas por representantes do clero. É uma contradição, considerando-se que a opção pela vida sacerdotal, sobretudo atualmente, onde não há pressões familiares ou de outra natureza para a escolha. O compromisso com a Lei de Deus, porém, deve ser exemplificado pelo clero e por todos os religiosos. Não deixa de ser um contrassenso, que os membros do clero, em especial, demonstrem servidão aos bens transitórios da existência, em detrimento dos valores espirituais. Sem dúvida, é um mau exemplo que transmite aos adeptos. Daí Jesus afirmar que o Reino de Deus não é tomado de assalto, mas pela manifestação da Lei de Amor; como foi registrado por *Lucas: A Lei e os Profetas até João! Daí em diante, é anunciada a Boa Nova do Reino de Deus, e todos se esforçam para entrar nele, com violência. É mais fácil passar céu e terra do que uma só vírgula cair da Lei.* (Lc 16:16 e 17).

Jesus não condena os bens materiais nem as pessoas que os possuem. Repudia, sim, o apego à riqueza, cujas consequências alimentam injustiças sociais, estados de pobreza e de miséria que alcançam milhões de pessoas no mundo. O rico que não se compadece e nada faz para amenizar o sofrimento do próximo, torna-se prisioneiro das próprias ações infelizes, a serem reparadas em reencarnações provacionais. Este é o sentido da declaração do Senhor: *É mais fácil passar céu e terra do que uma só vírgula cair da Lei.* (Lc 6:17).

O desapego, ao contrário, conduz à vivência da fraternidade pela prática da caridade e da beneficência, instrumentos legítimos de combate ao egoísmo. Assim, a “perenidade da Lei” anotada pelo evangelista (Lc 16:18), indica qual é o caminho de combate ao egoísmo e o da prática da fraternidade. Nunca é demais recordar a importância do desapego aos bens materiais:

Mais que ninguém, o Salvador identificava-nos as imperfeições e, evidenciando imensa piedade ante as deficiências que nos assinalam o espírito, proferiu as divinas palavras que nos servem ao estudo.

Conhecendo-nos os desvios, asseverou, em síntese, que devemos aproveitar os bens transitórios, ao alcance de nossas mãos, mobilizando-os na fraternidade legítima para que, esquecendo os crimes e ódios de outro tempo, nos façamos irmãos abnegados uns dos outros.

Valorizemos, desse modo, a nossa permanência nos serviços da Terra, na condição de encarnados ou desencarnados, favorecendo, por todos os recursos ao nosso dispor, a própria melhoria e a elevação dos nossos semelhantes, agindo na direção da luz e amando sempre [...].¹¹

O último versículo dessa passagem evangélica, objeto de estudo, sugere, à primeira vista, que está fora do contexto, pois se refere às separações conjugais. Contudo, segue a linha geral dos assuntos até então analisados, considerando-se que as uniões matrimoniais, no passado (e também no presente), tinham como base os interesses das riquezas, da posição e do prestígio social dos nubentes. Traduziam-se como um negócio. Raramente o amor estava envolvido. Permanecia, e ainda permanece, o jogo dos interesses materiais, sobretudo na chamada “classe alta”. Nessas condições, as uniões conjugais tendem à dissolução, a separações judiciais ou não, algumas caracterizadas até como crimes. O desamor, em qualquer gradação, resulta em traumas psicológicos, sobretudo quando há filhos envolvidos. Por esse motivo o Mestre Nazareno afirma: *Todo aquele que repudiar sua mulher e desposar outra comete adultério, e quem desposar uma repudiada por seu marido comete adultério* (Lc 16:18).

É mais uma lição que o Senhor nos transmite a respeito das desastrosas consequências de uma vida vazia de valores espirituais, e também por subestimarmos o amor. A benfeitora Joanna de Ângelis evidência:

Desperta para o amor verdadeiro, aquele que ilumina a noite dos sentimentos, e alarga a vereda por onde seguem os aflitos.

Desce do pedestal imaginário em que te encontras e passa a caminhar com aqueles que vivem em solidão e te olham com avidez, desejando estar contigo, pelo menos, um momento.

Investe neles, esses que também anelam pelo amor e não têm tido oportunidade sequer de receber uma quota de amizade.

Os relacionamentos humanos são imperiosa necessidade de viver em harmonia consigo mesmo. O próximo somos nós do outro lado, com as mesmas carências e necessidades, aguardando a lapidação indispensável à vitória sobre as paixões amesquinhantes.

Renasceste na Terra para amar, ensinar o amor, cantar o amor e demonstrar a excelência do amor. [...].¹²

29.3 O MAU RICO E O POBRE LÁZARO (LC 16:19 A 31)¹³

¹⁹Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino e a cada dia se banqueteava com requinte. ²⁰Um pobre, chamado Lázaro, jazia à sua porta, coberto de úlceras. ²¹Desejava saciar-se do que caía da mesa do rico... E até os cães vinham lambe-lhe as úlceras. ²²Aconteceu que o pobre morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado.

²³Na mansão dos mortos, em meio a tormentos, levantou os olhos e viu ao longe Abraão e Lázaro em seu seio. ²⁴Então exclamou: ‘Pai Abraão, tem piedade de mim e manda que Lázaro molhe a ponta do dedo para me refrescar a língua, pois estou torturado nesta chama.’ ²⁵Abraão respondeu: ‘Filho, lembra-te de que recebeste teus bens durante tua vida, e Lázaro por sua vez os males; agora, porém, ele encontra aqui consolo e tu és atormentado. ²⁶E além do mais, entre nós e vós existe um grande abismo, a fim de que aqueles que quiserem passar daqui para junto de vós não o possam, nem tampouco atravessem de lá até nós.’

²⁷Ele replicou: ‘Pai, eu te suplico, envia então Lázaro até à casa de meu pai, ²⁸pois tenho cinco irmãos; que leve a eles seu testemunho, para que não venham eles também para este lugar de tormento.’

²⁹Abraão, porém, respondeu: ‘Eles têm Moisés e os Profetas; que os ouçam.’

³⁰Disse ele: ‘Não, pai Abraão, mas se alguém dentre os mortos for procurá-los, eles se arrependirão.’ ³¹Mas Abraão lhe disse: ‘Se não escutam nem a Moisés nem aos Profetas, mesmo que alguém ressuscite dos mortos, não se convencerão.’”

O capítulo 16 de *Lucas* encerra com a Parábola do Mau Rico e do Pobre Lázaro que, mais uma vez, reflete escolhas insensatas de administração dos bens materiais que a reencarnação disponibiliza. O rico da história revela-se indiferente ao sofrimento dos que não dispõem nem mesmo do mínimo para sobreviver. Ele é identificado como um mau rico no texto evangélico, pois, voltado exclusivamente para si mesmo, revela-se insensível ao sofrimento alheio, agindo com egoísmo e sem o menor espírito de fraternidade: considerando que o pobre Lázaro esperava pelos restos que sobravam da sua mesa. Até mesmo os cães revelavam um sentimento de solidariedade ao lambe as úlceras da pele do mendigo.

Recordemos, porém, que os ensinamentos de Jesus esclarecem que o auxílio ao próximo necessitado não se limita, exclusivamente, à doação de recursos amoedados:

Não é somente o rico da Parábola o grande devedor diante da vida.

A fortuna amoedada é, por vezes, simples cárcere.

Há outros avaros que devemos recordar em nossa viagem para a divina Luz.

Temos, conosco, os usurários da inteligência, que se ocultam nas floridas trincheiras da inércia; os abastados da saúde que desamparam os aflitos e os doentes; os privilegiados da alegria que cerram a porta aos tristes, isolando-se

no oásis de prazer; os felizes da fé que procuram a solidão, a pretexto de se preservarem contra o pecado; os filhos da mocidade que menosprezam a velhice; os favorecidos da família terrestre, que olvidam os peregrinos do mundo, sem carinho e sem lar.

Todos esses ricos da experiência comum contraem pesados débitos para com a humanidade.

Lembremo-nos de que o Tesouro real da vida está em nosso coração.¹⁴

Lázaro repara o seu passado de más escolhas por meio de dolorosas provações, mas, após a desencarnação, passa a viver no mundo espiritual em companhia de bons Espíritos — representados no texto evangélico por Abraão, o patriarca hebreu —, enquanto o mau rico passa por tormentos na realidade extrafísica para onde foi transportado com a morte do corpo físico. Todo relato está embasado na manifestação da Lei de Causa e Efeito. Tudo é causa e consequência na vida! Entretanto, há outros detalhes na parábola, assim destacados por Emmanuel:

Lázaro e o rico¹⁵

Recordemos a lição de Jesus na Parábola, para que não lhe percamos a bênção do conteúdo.

Não se ergueu Lázaro ao paraíso porque fosse pobre, nem desceu o Rico aos abismos da sombra, porque houvesse granjeado a fortuna entre os homens.

O primeiro elevou-se à glória de Abraão pela humildade com que se portou na provação recebida.

Arrojou-se o segundo ao seio atormentado das trevas, pela displicência com que usufruiu da posição e do dinheiro que o mundo lhe oferecia.

Enquanto o Rico se trajava de linho e púrpura, exibia Lázaro as chagas que lhe envenenavam a carne e, enquanto o afortunado companheiro se banqueteara, feliz, sem lembrar-se do irmão desditoso que lhe visitava a porta, conformava-se Lázaro, sofredor, com o espinheiro de angústia que as circunstâncias lhe impunham à sensibilidade, incapaz de amaldiçoar o vizinho gozador, indiferente e surdo aos seus rogos.

O problema, pois, do Céu para Lázaro e da expiação para o Rico, é o de simples atitude, induzindo-nos a meditar nas oportunidades de progresso e sublimação que o Senhor nos confere, para que o tempo amanhã não nos encontre categorizados à condição de réus em nós mesmos.

Não nos esqueçamos, ainda, de que os dois, embora separados por desfiladeiros intransponíveis, na alegria celeste e no sofrimento infernal, podiam comunicar-se entre si, entendendo-se um com outro.

Não olvides que na abundância ou na carência, na mordomia ou na subalternidade, sempre somos depositários da confiança de Deus e que somente a nossa atitude para com a vida, cultivando o bem onde estivermos, determinará a nossa ascensão à luz e o nosso definitivo afastamento do mal.

REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Norman Russel. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. cap. 16, it 16:1-31, p. 202.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 16:1-13, p. 1.817 e 1.818.
- 3 CHAMPLIN, Norman Russel. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. cap. 16, it. 16:1-31, p. 202.
- 4 KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. v. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo, SP: Vida Nova, 2017. cap. 16:1-13, p. 261.
- 5 VINÍCIUS (Pedro de Camargo). *Em torno do mestre*. 9. ed. 6. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. 1ª pt., cap. *O mordomo infiel*.
- 6 _____.
- 7 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo, SP: Hagnos, 2005. verbete: Mamom, p. 772.
- 8 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 16, it. 11.
- 9 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 16. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 75.
- 10 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 16:14-18, p. 1.818.
- 11 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 112.
- 12 FRANCO, Divaldo Pereira. *Vidas vazias*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 1. ed. 2. imp. Salvador, BA: LEAL, 2020. cap. 5.
- 13 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 16:19-31, p. 1.818 e 1.819.
- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *Estudando a riqueza* [mensagem de Emmanuel]. *In: Reformador*, jul. 1952, p. 158. FEB Editora.
- 15 _____. *Lázaro e o rico* [mensagem de Emmanuel]. *In: Reformador*, jul. 1958, p. 161. FEB Editora.

O ESCÂNDALO

CORREÇÃO FRATERNA. A FÉ DO SERVIDOR. SERVIR COM HUMILDADE. OS DEZ LEPROSOS. A VINDA DO REINO DE DEUS. O DIA DO FILHO DO HOMEM (LC 17:1 A 37)

As ideias que integram o capítulo 17 do registro de *Lucas* podem ser resumidas, segundo Russell Norman Champlin, em quatro palavras: o *perdão*, a *fé*, a *graça* e a *ingratidão*. Esse reconhecido estudioso estadunidense faz ainda as seguintes considerações quanto às conexões histórico-literárias utilizadas pelo evangelista:

Esse capítulo contém material heterogêneo variado, parte do qual está correlacionado, em suas sequências, tendo sido extraídos das fontes informativas “Q”, “L” e “protomarcos”. Os v.1-6 trazem três afirmações não ligadas entre si, baseadas na fonte “Q” [Fonte *Quelle*], onde o v. 5 é editorial. Os v. 7-21 são baseados na fonte informativa “L” [das pesquisas de *Lucas*], e ilustram tanto o serviço em sua forma mínima como a gratidão.

Alguns acreditam que essa história sobre os dez leprosos [Lc 17:11-19] é uma variação da narrativa que se encontra em *Marcos*, 1:40-45 (e Lc 5:12-14), com alguns pormenores alterados, e que, neste caso, a fonte informativa seria a de “protomarcos”. O v. 22 é provavelmente o editorial. Os v. 23, 24, 26 e 27 alicerçam-se também em “protomarcos”, extraídos do famoso material do “pequeno Apocalipse” [sermão profético] [...], mas *Lucas* inclui, nessa seção paralela, apenas porções de “protomarcos”.¹

30.1 O ESCÂNDALO. CORREÇÃO FRATERNA (LC 17:1 A 4)²

¹Depois, disse a seus discípulos: “É inevitável que haja escândalos, mas ai daquele que os causar! ²Melhor lhe fora ser lançado ao mar com uma pedra de moinho enfiada no pescoço do que escandalizar um só destes pequeninos.³Acautelai-vos!

Se teu irmão pecar, repreende-o, e se ele se arrepender, perdoa-lhe. ⁴E caso ele peque contra ti sete vezes por dia e sete vezes retornar, dizendo ‘Estou arrependido’, tu lhe perdoarás”.

O perdão é ideia central do relato que, simbolicamente, deve ser aplicado sete vezes por dia, mesmo perante os “escândalos” que extrapolam os agravos corriqueiros. Em outras palavras, indica que se deve perdoar infinitamente. A prática do perdão espiritualiza o ser humano porque aperfeiçoa a capacidade de tolerância, permitindo-lhe estabelecer uma relação mais harmoniosa consigo, com o próximo e com Deus. A benfeitora Joanna de Ângelis esclarece a respeito:

O perdão funciona como bálsamo sobre a ferida que foi aberta pela agressão do outro e, ao mesmo tempo, como resposta ao ódio que foi desencadeado, suavizando a dor do golpe experimentado.

Quem perdoa, conquista-se e engrandece-se, proporcionando oportunidade de arrependimento e de recuperação ao ofensor.³

A palavra escândalo, também citada no primeiro versículo da passagem evangélica (Lc 17:1), é ação grave que contraria e ofende sentimentos, crenças ou convenções morais, sociais ou religiosas estabelecidas, cujas ações podem gerar um estado de significativa perturbação e mágoa, de consequências imprevisíveis, materiais e morais, a curto, médio e longo prazos. Daí Jesus recomendar cautela em nossos comportamentos e lamentar por quem causa escândalo: *É inevitável que haja escândalos, mas ai daquele que os causar! Melhor lhe fora ser lançado ao mar com uma pedra de moinho enfiada no pescoço do que escandalizar um só destes pequeninos.*³ *Acautelai-vos!* (Lc 17:2 e 3). Assim, mesmo perante uma ofensa maior, a melhor opção ainda é o perdão, considerando-se a paz de espírito, como esclarece Joanna de Ângelis:

Inevitavelmente se tornam necessários os escândalos no mundo, porque constituem advertências para a observância dos bons princípios [...].

Para que os escândalos se tornem conhecidos, as criaturas se lhes tornam intermediárias, e é a essas que Jesus lamenta com severidade, porquanto estão escrevendo o capítulo obscuro do seu porvir, no qual defrontarão os frutos apodrecidos das atitudes anteriores que ora lhes exigem recuperação [...].

Quando o indivíduo escandaliza, prescreve para si mesmo consequências lamentáveis, sendo conduzido a percorrer o caminho de volta com aqueles a quem feriu, ou enfrentando os acidentes morais que foram deixados no transcurso dos seus atos.

É necessária, por enquanto, a ocorrência do escândalo e das suas sequelas morais e espirituais, porque, dessa maneira, as criaturas passam a considerar a profundidade do significado existencial, que é todo elaborado em compromissos de dignificação e de engrandecimento moral.⁴

30.2 A FÉ DO SERVIDOR. SERVIR COM HUMILDADE (LC 17:5 A 10)⁵

⁵Os apóstolos disseram ao Senhor: “Aumenta-nos a fé!”⁶O Senhor respondeu: “Se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a esta amoreira: ‘Arranca-te e replanta-te no mar’”, e ela vos obedeceria.

⁷Quem de vós, tendo um servo que trabalha a terra ou guarda os animais, lhe dirá quando volta do campo: ‘Tão logo chegues, vem para a mesa?’⁸Ou, ao contrário, não lhe dirá: ‘Prepara-me o jantar, cinge-te e serve-me, até que eu tenha comido e bebido; depois, comerás e beberás por tua vez?’⁹Acaso se sentirá obrigado para com esse servo por ter feito o que lhe fora mandado?

¹⁰Assim também vós, quando tiverdes cumprido todas as ordens, dizei: Somos servos inúteis, fizemos apenas o que devíamos fazer”.

Nessa outra passagem evangélica, a fé é a ideia central que, conforme nos ensina Jesus, que não precisa de grandes demonstrações para ser ativa: *O Senhor respondeu: “Se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a esta amoreira: ‘Arranca-te e replanta-te no mar’, e ela vos obedeceria”* (Lc 17:6). Essas palavras de Jesus são analisadas com muita lucidez por Allan Kardec que apresenta o verdadeiro sentido do ensinamento do Senhor:

No sentido próprio, é certo que a confiança nas suas próprias forças torna o homem capaz de executar coisas materiais, que não consegue fazer quem duvida de si, mas, aqui, é unicamente no sentido moral que se devem entender essas palavras. As montanhas que a fé transporta são as dificuldades, as resistências, a má vontade, em suma, que encontramos entre os homens, ainda quando se trate das melhores coisas. Os preconceitos da rotina, o interesse material, o egoísmo, a cegueira do fanatismo e as paixões orgulhosas são outras tantas montanhas que barram o caminho de quantos trabalham pelo progresso da Humanidade. A fé robusta dá a perseverança, a energia e os recursos que fazem vencer os obstáculos, nas pequenas como nas grandes coisas. A fé vacilante dá a incerteza e a hesitação de que se aproveitam os adversários que devemos combater; essa fé não procura os meios de vencer, porque não acredita que possa vencer.⁶

O Codificador do Espiritismo também argumenta que a fé verdadeira enfrenta todas as tempestades da vida com resolução, fazendo o que compete ser feito, perante as circunstâncias e com ilimitada confiança na Providência Divina:

Em outra acepção, entende-se como fé a confiança que se tem na realização de uma coisa, a certeza de atingir determinado fim. Ela dá uma espécie de lucidez que permite se veja, em pensamento, a meta que se quer alcançar e os meios de chegar lá, de sorte que aquele que a possui caminha, por assim dizer, com absoluta segurança. Em ambos os casos ela pode permitir que se executem grandes coisas.

A fé sincera e verdadeira é sempre calma; faculta a paciência que sabe esperar, porque, tendo seu ponto de apoio na inteligência e na compreensão das coisas, tem a certeza de alcançar a meta visada. [...] ⁷

A Parábola do Servo Inútil, que subsidia as ideias relacionadas à fé, pode parecer à primeira vista uma contradição. O Senhor esclarece, porém, que nada há de excepcional executarmos o que nos cabe como dever. Nesse contexto evangélico, a palavra *servo* apresenta significado bem mais amplo do que é comumente conhecido: indica alguém que realiza mais do que lhe cabe nas obrigações corriqueiras delineadas pelo planejamento reencarnatório. O *servo inútil* é o que executa apenas os seus deveres. Frederico Kremer esclarece melhor a respeito:

Jesus definiu como servo inútil o que faz o que se tem de fazer. Certamente, o Mestre não desmereceria quem cumpre suas responsabilidades. Bem sabemos que a maioria não cumpre seus compromissos espirituais. Assim, devemos buscar outra visão para sua lição, considerando sua própria atitude durante o seu ministério público.

[...]

Poderíamos, também, num exercício, considerar a condição do servo útil, isto é, aquele que faz algo mais é um dos que excedem as próprias expectativas. Evidentemente que este algo mais dependerá sempre do nosso livre-arbítrio. Certamente, Espíritos como Teresa de Calcutá e Francisco Cândido Xavier, para destacarmos personalidades contemporâneas, realizaram muito mais do que havia sido programado para ambos. São servos úteis.

O servo útil é pródigo nos frutos. [...] ⁸

30.3 OS DEZ LEPROSOS (LC 17:11 A 19) ⁹

¹¹Como ele se encaminhasse para Jerusalém, passava através da Samaria e da Galileia. ¹²Ao entrar num povoado, dez leprosos vieram-lhe ao encontro. Pararam à distância ¹³e clamaram: “Jesus, Mestre, tem compaixão de nós!” ¹⁴Vendo-os, ele lhes disse: “Ide mostrar-vos aos sacerdotes”. E aconteceu que, enquanto iam, ficaram purificados. ¹⁵Um dentre eles, vendo-se curado, voltou atrás, glorificando a Deus em alta voz, ¹⁶e lançou-se aos pés de Jesus com o rosto por terra, agradecendo-lhe. Pois bem, era um samaritano. ¹⁷Tomando a palavra, Jesus lhe disse: “Os dez não ficaram purificados? Onde estão os outros nove? ¹⁸Não houve, acaso, quem voltasse para dar glória a Deus senão este estrangeiro?” ¹⁹Em seguida, disse-lhe: “Levanta-te e vai; a tua fé te salvou”.

A palavra graça indica a ideia principal desse registro de *Lucas*. Não se refere, porém, ao conceito banal de graça como concessão divina dada ao homem para a sua salvação, visto que Deus não tira ao filho o valor

da vitória, adquirida por méritos próprios. A graça que a passagem evangélica assinala é a dádiva da cura que Jesus concedeu aos enfermos, mas que, efetivamente, foi realizada no samaritano que a reconheceu e voltou para agradecer a Jesus. Não sabemos dizer se a insidiosa doença voltaria a acometer os nove leprosos restantes, contudo é possível que o único a receber a cura definitiva tenha sido o samaritano. Por que motivo? A resposta é: pela bênção da gratidão manifestada! A propósito, afirma Joanna de Ângelis: “A ciência da gratidão surge como a mais elevada expressão do amadurecimento psicológico do indivíduo, que o propõe à vivência do sentimento enobrecido”.¹⁰ E acrescenta também: “A gratidão é um sentimento mais profundo e significativo, porque não se limita apenas ao ato da recompensa habitual. É mais grandioso porque traz satisfação e tem caráter psicoterapêutico”.¹¹

Entre os sentimentos nobres que caracterizam o ser psicológico maduro, a gratidão destaca-se como sendo um dos mais relevantes.

[...]

Quando o processo de crescimento emocional liberta o Espírito da sombra em que se aturde, nele se apresenta a luz da verdade, que é o discernimento em torno dos valores significativos que o integram no concerto harmônico do cosmo.¹²

A gratidão é sentimento extremamente purificador e renovador do destino. Naquele momento, quando o leproso se lançou aos pés do Senhor para agradecer-lhe o ato de misericórdia e bondade, ele manifestava também o arrependimento pelas ações geradoras da lepra e o firme propósito de não mais repeti-las. Por isso Jesus afirmou-lhe: “*Levanta-te e vai; a tua fé te salvou*” (Lc 17:19).

À medida que os sentimentos superiores da alegria e da gratidão apossam-se do indivíduo, curam-se os males que o afligem ao longo do percurso da imaturidade psicológica, libertando-o dos conflitos que deterioram o comportamento, facultando-lhe aprofundamento da perspicácia, da sabedoria, da compreensão da vida e da sua finalidade.

Tudo quanto antes se lhe afigurava desafiador, ora se transformou em continente conquistado, logo se ampliando na direção do infinito por descobrir e incorporar ao patrimônio interno.

[...]

A calma substitui a ansiedade que antes era razão de desequilíbrio emocional, a bondade expressa-se de maneira natural, à semelhança de uma luz que se irradia sem alarde, e o indivíduo torna-se centro de convergência de interesses das demais pessoas.¹³

30.4 A VINDA DO REINO DE DEUS. O DIA DO FILHO DO HOMEM (LC 17:20 A 37)¹⁴

²⁰Interrogado pelos fariseus sobre quando chegaria o Reino de Deus, respondeu-lhes: “A vinda do Reino de Deus não é observável. ²¹Não se poderá dizer: ‘Ei-lo aqui! Ei-lo ali!’ pois eis que o Reino de Deus está no meio de vós”.

²²Disse ainda a seus discípulos. “Dias virão em que desejareis ver apenas um dos dias do Filho do Homem, mas não o vereis. ²³E vos dirão: ‘Ei-lo aqui! Ei-lo ali!’ — não saiais, não sigais. ²⁴De fato, como o relâmpago relampeja de um ponto do céu e fulgura até o outro, assim acontecerá com o Filho do Homem em seu Dia. ²⁵Mas será preciso primeiro que ele sofra muito e seja rejeitado por esta geração.

²⁶Como aconteceu nos dias de Noé, assim também ocorrerá nos dias do Filho do Homem. ²⁷Comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento até o dia em que Noé entrou na arca; então veio o dilúvio, que os fez perecer a todos. ²⁸Do mesmo modo como aconteceu nos dias de Ló: comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam, construía, ²⁹mas no dia em que Ló saiu de Sodoma, caiu do céu fogo e enxofre, eliminando a todos. ³⁰Será desse modo o Dia em que o Filho do Homem for revelado.

³¹Naquele Dia, quem estiver no terraço e tiver utensílios em casa, não desça para pegá-los; igualmente quem estiver no campo, não volte atrás. ³²Lembrai-vos da mulher de Ló. ³³Quem procurar ganhar sua vida, vai perdê-la, e quem a perder vai conservá-la. ³⁴Digo-vos, naquela noite dois estarão num leito; um será tomado e o outro deixado; ³⁵duas mulheres estarão moendo juntas; uma será tomada e a outra deixada.”^[36]³⁷Tomando a palavra, perguntaram-lhe então: “Onde, Senhor?”, Jesus lhes respondeu: “Onde estiver o corpo, aí também se reunirão os abutres”.

A ingratidão dos filhos pelas dádivas recebidas diariamente do Criador Supremo é o pensamento norteador do último trecho do capítulo 17 do *Evangelho segundo Lucas*, em que se destaca a imperfeição do Espírito humano e o seu persistente apego às riquezas e a outros bens, como o de querer tomar o Reino de Deus de assalto, segundo esses valores transitórios e hedonistas informados por Jesus: *Como aconteceu nos dias de Noé, assim também ocorrerá nos dias do Filho do Homem. Comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento até o dia em que Noé entrou na arca; então veio o dilúvio, que os fez perecer a todos. Do mesmo modo como aconteceu nos dias de Ló: comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam, construía, mas no dia em que Ló saiu de Sodoma, caiu do céu fogo e enxofre, eliminando a todos.* (Lc 17:26 a 29).

Entretanto, como o Reino de Deus não vem com aparências externas, é de fundamental importância que todos nós tenhamos ciência desse fato e

busquemos modificar as nossas escolhas na vida, dedicando-nos à aquisição de valores imortais, geradores da eterna felicidade. Neste sentido, Emmanuel nos propõe, na mensagem que se segue, uma autoanálise a respeito do rumo que estamos dando à existência:

Autoentrevista¹⁵

Veza por outra convém tomar o caderno de notas e rumar para dentro de nós mesmos, efetuando uma autoentrevista, a fim de sabermos em que posição se nos situa a personalidade na soma integral de nossas tendências mais íntimas:

quem somos verdadeiramente para lá da genética humana e das documentações cartorárias do mundo, na condição real de filhos de Deus, em provisório serviço no campo da evolução terrestre;

para que objetivos nos dirigimos;

que fazemos do tempo;

se nos achamos hoje com menos débito e mais crédito do que ontem, perante as Leis eternas;

se já recolhemos dificuldades e provações por reais benefícios;

se procuramos renovar-nos constantemente, em espírito, para fazer o melhor ao nosso alcance;

o que estamos produzindo a favor do próximo, seja no trabalho remunerado ou na atividade gratuita das boas obras;

se já sabemos esquecer as ofensas alheias, tanto quanto desejamos que as nossas sejam esquecidas;

se o nosso entusiasmo é invariável na prática do bem.

Nós, que nos interessamos tão vivamente pelo noticiário de cada dia, acerca do que vai acontecendo no mundo, de quando em quando realizemos uma entrevista com o nosso próprio espírito e estejamos convencidos de que recolhemos as mais importantes informações para orientar-nos com segurança e êxito, na viagem de aperfeiçoamento em que nos encontramos, descobrindo gradativamente o reino do Senhor em nós mesmos, ante a Espiritualidade Maior.

Há outra ideia que, segundo a ingratidão da humanidade terrestre para com as bênçãos divinas, está indicada nas seguintes expressões: “Filho do Homem em seu Dia” (Lc 17:24) e “Dia em que o Filho do Homem for revelado” (Lc 17:30). São expressões referentes à segunda vinda do Cristo ou *parusia*, cujas ideias são assim analisadas pelo professor Carlos Torres Pastorino:

A interpretação literal desse trecho, dado pelas igrejas ortodoxas, não satisfaz espiritualmente: imaginam ser a volta do mesmo Jesus, o Cristo, de forma espetacular e formidanda, imenso, abarcando os céus, para o “juízo final”.

É a denominada *parusia*. O infantilismo dessa concepção pôde vicejar no analfabetismo generalizado da Idade Média. Hoje cai no ridículo absurdo.¹⁶

Pastorino não deixa de ter razão, pois, mesmo as interpretações literais, entendem hoje que os eventos que antecedem a outra vinda do Cristo entre nós, são característicos de uma época de transição moral, tal como vivemos atualmente. A vinda do Cristo indica aceitação e prática do seu evangelho. Obviamente, não podemos afirmar que o Cristo, em pessoa, não surgiria entre nós, como o fez há mais de dois mil anos. O pensamento que persiste é de uma Humanidade regenerada, à luz da Lei Moral ensinada pela Mestre Nazareno.

Importa considerar também que entre os versículos 31 e 37, em seguida inseridos, *Lucas* apresenta um resumo do chamado *Discurso Profético* ou *Escatológico* de Jesus, que *Mateus*, 24 registra de forma mais detalhada, no qual anuncia o fim de uma era e o início de outra, mais pacífica e harmoniosa.

Naquele Dia, quem estiver no terraço e tiver utensílios em casa, não desça para pegá-los; igualmente quem estiver no campo, não volte atrás. Lembrai-vos da mulher de Ló. Quem procurar ganhar sua vida, vai perdê-la, e quem a perder vai conservá-la. Digo-vos, naquela noite dois estarão num leito; um será tomado e o outro deixado; duas mulheres estarão moendo juntas; uma será tomada e a outra deixada”. Tomando a palavra, perguntaram-lhe então: “Onde, Senhor?” Jesus lhes respondeu: “Onde estiver o corpo, aí também se reunirão os abutres”.

Informações completares a respeito da *parusia*, ideia do fim do mundo, era da transição e da regeneração podem ser encontradas neste programa *O Evangelho Redivivo*, Livro II (*Estudo Interpretativo do Evangelho segundo Mateus*), Tema 54.

REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. cap. 17, p. 212.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 17:1-4, p. 1.819.
- 3 FRANCO, Divaldo Pereira. *Lições para a felicidade*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 5. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 31, p. 176.
- 4 _____. *Jesus e o evangelho à luz da psicologia profunda*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Salvador, BA: LEAL, 2000. cap. *Escândalos*, p. 65.

- 5 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 17:5-10, p. 1.819.
- 6 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 19, it. 2.
- 7 _____. _____. it. 3.
- 8 KREMER, Frederico Guilherme da Costa. *Jesus de Nazaré: uma narrativa da vida e das parábolas*. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2016. cap. 29.
- 9 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 17:11-19, p. 1.819 e 1.820.
- 10 FRANCO, Divaldo Pereira. *Psicologia da gratidão*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Salvador, BA: LEAL, 2011. cap. 1, it. O significado da gratidão, p. 25.
- 11 _____. _____. p. 21.
- 12 _____. _____. p. 20.
- 13 _____. _____. cap. 2, it. O ser maduro psicologicamente e a gratidão, p. 55 a 57.
- 14 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 17:20-37, p. 1.820.
- 15 XAVIER, Francisco Cândido. Autoentrevista [mensagem de Emmanuel]. In: *Reformador*, dez. 1967, p. 266. FEB Editora.
- 16 PASTORINO, Carlos Torres. *Sabedoria do evangelho*. v. 6. Rio de Janeiro, RJ: Sabedoria, 1964. cap. O “dia” do Filho do Homem, p. 73.

O JUIZ INÍQUO E A VIÚVA IMPORTUNA

O FARISEU E O PUBLICANO. JESUS E AS CRIANCINHAS (LC 18:1 A 17)

Essas três passagens evangélicas são, em termos histórico-culturais, da autoria exclusiva de *Lucas*, resultado de suas pesquisas e análises. As ideias e personagens dessas passagens refletem conceitos morais fundamentais da *Torah* relacionados à boa conduta, mas nem sempre seguidos pelos representantes do clero judaico: a honestidade que deveria ser inerente aos atos do magistrado ou juiz; o símbolo da opressão que a viuvez representava na sociedade da época e a supremacia do julgamento de Deus:

Conforme a Lei do Antigo Testamento, os juízes devem temer a Deus (i.e., precisam levar em conta o fato de que o Senhor julgaria os que violassem sua Lei e maltratassem o próximo) e, portanto, precisavam defender os oprimidos. Em muitas sociedades antigas, os juízes injustos recebiam punições severas, embora juízes corruptos conseguissem, muitas vezes, escapar das consequências (por meio de subornos e atos semelhantes).

Na Lei, a viúva era o exemplo supremo de pessoa oprimida, pois não tinha como se sustentar (p. ex., Êx. 22:22-24; Sl 146:9; Is 1:17, 23; Jr 7: 6-7). Uma viúva certamente não tinha dinheiro para subornar alguém; na parábola de Jesus, o oponente da viúva poderia fazer-lhe alguma ameaça, como a de tomar a terra dela por causa de dívida (cf., p. ex., 2Rs 4:1).

[...] A parábola usa o argumento judaico comum que pressupõe a ideia de “quanto mais” (*qal wahomer*): se o juiz injusto, que não se importava com as viúvas, é capaz de fazer justiça aqui, quanto mais o justo juiz de toda a terra, conhecido por ser defensor das viúvas e dos órfãos. No devido contexto, o sentido é que Deus executará a justiça, em especial, quando Jesus vier para julgar o mundo (17: 22-37).

[...].

Muitos autores judeus prediziam grande sofrimento no fim dos tempos, o que levaria as pessoas a se desviar da verdade; Jesus exorta os seus seguidores a serem perseverantes [...].¹

31.1 O JUIZ INÍQUO E A VIÚVA IMPORTUNA (LC 18:1 A 8)²

¹Contou-lhes ainda uma parábola para mostrar a necessidade de orar sempre, sem jamais esmorecer. ²“Havia numa cidade um juiz que não temia a Deus e não tinha consideração para com os homens. ³Nessa mesma cidade, existia uma viúva que vinha a ele, dizendo: ‘Faz-me justiça contra o meu adversário!’ ⁴Durante muito tempo ele se recusou. Depois pensou consigo mesmo: ‘Embora eu não tema a Deus, nem respeite os homens, ⁵contudo, já que essa viúva está me dando fastio, vou fazer-lhe justiça, para que não venha por fim esbofetear-me’”. ⁶E o Senhor acrescentou: “Escutai o que diz esse juiz iníquo. ⁷E Deus não faria justiça a seus eleitos que clamam a ele dia e noite, mesmo que os faça esperar? ⁸Digo-vos que lhes fará justiça muito em breve. Mas quando o Filho do Homem voltar, encontrará a fé sobre a terra?”.

A parábola que Jesus nos transmite a respeito do juiz iníquo mostra, logo no início, o valor da oração e da persistência. O juiz, tal como é descrito, é continuamente procurado por uma viúva que lhe pede justiça contra um adversário. Percebe-se, claramente, que a viúva era persistente em seus apelos, e, possivelmente, deveria orar a Deus, suplicando auxílio. Sendo assim, mesmo que o juiz se revelasse uma pessoa indolente, descumpridora das atribuições do seu ofício, encontrou espaço na sua mente (possivelmente sob amparo de um benfeitor espiritual), para fazer uma breve autorreflexão. Tal fato foi suficiente para ajudar a solicitante, que ele atendeu, não porque desejasse fazer justiça, o que seria a atitude correta, mas para ficar livre da presença da mulher que ele julgava importuna. A parábola transmite também outra ideia: a diferença entre a justiça dos homens e a de Deus, que jamais falha e sempre atende aos seus filhos.

Richard Simonetti recorda que Jesus sempre recomendava a oração em diferentes momentos da vida, sendo que Ele mesmo, o Cristo, tinha o hábito de orar: “O Mestre deixa bem claro, assim, que a oração deve ser parte integrante de nossas atividades. Nos trabalhos e lutas de cada dia, ela é o sagrado ensejo de comunhão com as Fontes da Vida, na preservação da paz interior”.³ Simonetti relaciona também o valor da oração com o ensinamento final da parábola ensinada por Jesus: *E o Senhor acrescentou: “Escutai o que diz esse juiz iníquo. E Deus não faria justiça a seus eleitos que clamam a ele dia e noite, mesmo que os faça esperar? Digo-vos que lhes fará justiça muito em breve. Mas quando o Filho do Homem voltar, encontrará a fé sobre a terra?”* (Lc 18:6 a 8):

A parábola é significativa. Se aquele juiz, que era injusto e indigno, houve por bem atender à mulher, porque o procurava todos os dias, com muita certeza nos atenderá Deus, não porque o importunemos, mas porque Ele é o nosso Pai.

Todavia, é preciso considerar o problema da justiça. Quando oramos, sempre pedimos a Deus o que julgamos justo para nós. Se estamos doentes, queremos saúde; se há um problema, desejamos a solução; se a dor nos procura, esperamos que seja afastada.

E muitas vezes julgamos que Deus não nos atendeu, porque a saúde não veio, o problema não foi resolvido, a dor não foi embora.

No entanto, Jesus diz que Deus bem depressa nos faz justiça, isto é, responde às nossas orações. E se nos parece que isto não ocorre, é porque Ele nos atende, não segundo nossos desejos, mas de conformidade com os nossos méritos.⁴

É importante buscarmos entender as respostas que Deus nos envia, considerando que, por estarmos muito focados na realidade atual da existência, desconhecemos as ações que cometemos nas reencarnações anteriores. Assim, a manifestação da Lei de Causa e Efeito é um dos motivos que impede o atendimento de Deus às nossas petições, ainda que a Justiça Divina seja plena de misericórdia. Allan Kardec esclarece a respeito:

Seria ilógico concluir desta máxima: “Seja o que for que peça na prece, crede que vos será concedido”, que basta pedir para obter, como seria injusto acusar a Providência se não atender a toda súplica que lhe é feita, uma vez que ela sabe, melhor do que nós, o que é para o nosso bem. É assim que procede um pai criterioso que recusa ao filho o que seja contrário aos seus interesses. O homem, em geral, só vê o presente. Ora, se o sofrimento é útil à sua felicidade futura, Deus o deixará sofrer, como o cirurgião deixa que o doente sofra as dores de uma operação que lhe trará a cura.

O que Deus concederá ao homem, se ele lhe pedir com confiança, é a coragem, a paciência e a resignação. Também lhe concederá os meios de se livrar por si mesmo das dificuldades, mediante ideias que fará que os Espíritos bons lhe sugiram, deixando-lhe dessa forma o mérito da ação. [...].⁵

31.2 O FARISEU E O PUBLICANO (LC 18:9 A 14)⁶

⁹Contou ainda esta parábola para alguns que, convencidos de serem justos, desprezavam os outros: ¹⁰“Dois homens subiram ao Templo para orar; um era fariseu e o outro publicano. ¹¹O fariseu, de pé, orava interiormente deste modo: ‘Ó Deus, eu te dou graças porque não sou como o resto dos homens, ladrões, injustos, adúlteros, nem como este publicano; ¹²jejuo duas vezes por semana, pago o dízimo de todos os meus rendimentos.’ ¹³O publicano, mantendo-se à distância, não ousava sequer levantar os olhos para o céu, mas batia no peito dizendo: ‘Meu Deus, tem piedade de mim, pecador!’ ¹⁴Eu vos digo que este último desceu para casa justificado, o outro não. Pois todo o que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado”.

A Parábola do Fariseu e do Publicano é muito conhecida, pois ensina a maneira correta de orar, destacando que o discípulo sincero deve combater em si mesmo as manifestações do orgulho e da vaidade (manifestadas pelo fariseu), em suas relações com Deus e com o próximo. Ao contrário, deve aprender a ser humilde, como exemplificou aquele publicano:

Jesus definiu claramente as qualidades da prece. Quando orardes, diz Ele, não vos ponhais em evidência, mas orai em segredo. Não afeteis orar muito, pois não é pela multiplicidade das palavras que sereis escutados, mas pela sinceridade delas. Antes de orardes, se tiverdes qualquer coisa contra alguém, perdoai-lhe, visto que a prece não pode ser agradável a Deus, se não parte de um coração purificado de todo sentimento contrário à caridade. Orai, enfim, com humildade, como o publicano, e não com orgulho, como o fariseu. Examinai os vossos defeitos, e não as vossas qualidades; se vos comparardes aos outros, procurai o que há de mau em vós.⁷

Em termos de atualização histórica, *fariseu* (no hebraico, “separado”) era o nome de uma das três principais seitas judias, com os saduceus e os essênios. Era a seita mais segura da religião judaica (At 26:5), que fora constituída com a finalidade de resistir às fortes influências helênicas nas tradições do Judaísmo, facilmente absorvidas pelo povo judeu. Os fariseus faziam feroz rejeição aos costumes gregos, considerados pagãos, observando estritamente as leis de Moisés.⁸

Os fariseus sustentavam a doutrina da predestinação, que consideravam em harmonia com o livre-arbítrio. Acreditavam na imortalidade da alma, na ressurreição do corpo e na existência do espírito, nas recompensas e castigos na vida futura, de acordo com o modo de viver neste mundo; que a alma dos ímpios eram lançadas em prisão eterna, enquanto as dos justos reviveriam. [...]. Por essas doutrinas se distinguiam eles dos saduceus, mas não constituíam a essência do farisaísmo, que é o resultado final e necessário daquela concepção religiosa, que faz consistir a religião em viver de conformidade com a lei, prometendo a graça divina somente àqueles que fazem o que a lei manda. Dessa forma, a religião consistia na prática de atos externos, em prejuízo das disposições do coração. [...].⁹

Orgulhosos e julgando-se superiores aos demais, religiosos ou não, interpretavam a Lei de Deus de forma literal, emitindo sentenças e declarações irrevogáveis relacionadas às mínimas coisas da vida.⁹ Entende-se, então, por que Jesus utilizou a figura do fariseu para demonstrar não só a vaidade e orgulho, mas como a prática da Lei de Deus, consubstanciada até então no Decálogo, que fora substituída por manifestações de culto externo e por rituais, sem o menor significado para a melhoria do ser humano. O Mestre

Nazareno, em especial, foi o alvo permanente das intrigas e perseguições dos fariseus, que culminaram com a crucificação.

O *publicano*, por sua vez, era o indivíduo que exercia o cargo, do governo romano, de cobrador de impostos. Fato suficiente para ser odiado por judeus e gentios, que os consideravam pessoas de má vida, com as quais não deveriam manter relações sociais, até porque não era incomum os publicanos adquirirem riquezas de forma ilegal e obterem lucros escandalosos em suas atividades:¹⁰ “O nome *publicano* se estendeu mais tarde a todos os que administravam o dinheiro público e aos agentes subalternos. [...]”¹⁰ Mas havia outros fatores relacionados ao cargo de publicano:

[...] Ficava entendido que os cobradores deveriam receber, em benefício de seu trabalho e em recompensa aos riscos de sua profissão, mais uma fração além do que pagavam ao governo. Não havia lei para fixar o *quantum* dessa fração, que às vezes tomava largas proporções. Com raras exceções, os publicanos de qualquer categoria, eram grandes extorquidores. [...] Todas as classes sociais os desprezavam, a não ser os governadores romanos, que às vezes participavam das extorsões, tornando-se coniventes na opressão exercida pelos publicanos sobre o povo. [...].¹¹

Devemos considerar, contudo, que toda regra tem exceções. Existiram fariseus e publicanos notáveis, que se revelaram pessoas de bem, como os fariseus Gamaliel, Nicodemos, Paulo de Tarso e, possivelmente, José de Arimateia, destacado membro do sinédrio que fez o sepultamento do corpo de Jesus. Da mesma forma, alguns publicanos foram destaques, como Mateus ou Levi, um dos doze apóstolos e Zaqueu, chefe dos cobradores de impostos. Dessa forma, o publicano da parábola demonstrou, em sua oração, uma compreensão extraordinária de si mesmo e do cargo que exercia, revelando natural e exemplar humildade, assim expressa por Amélia Rodrigues:

O orgulho cede ante a humildade, que dimensiona a pessoa com a medida exata, descobrindo-lhe o significado, a sua realidade. O indivíduo não é o que se supõe vãmente, nem o que dele se diz. Mas, sim, o valor dos seus próprios atributos, aqueles que podem ampliar a benefício próprio e do grupo social no qual se movimenta.

A humildade é virtude que faculta a compreensão das ocorrências perturbadoras, projetando luz nos intrincados problemas do comportamento humano. Sem a humildade o homem se rebela, porque não reconhece a fraqueza que lhe é peculiar, nem se dá conta, conscientemente, de que logo mais será desatrelado do carro orgânico, nivelando-se a todos os demais no vaso sepulcral...¹²

Estejamos atentos, contudo, que os tempos atuais são marcados pela presença dos fariseus e publicanos hipócritas, como afirmava Jesus

(Mt 23:23). Emmanuel, nos alerta como agir corretamente, na mensagem *Necessário acordar*, da qual extraímos o seguinte trecho:

Grande número de adventícios ou não aos círculos do Cristianismo acusa fortes dificuldades na compreensão e aplicação dos ensinamentos de Jesus. Alguns encontram obscuridades nos textos, outros perseveram nas questiúnculas literárias. Inquietam-se, protestam e rejeitam o pão divino pelo envoltório humano de que necessitou para preservar-se na Terra.

Esses amigos, entretanto, não percebem que isto ocorre, porque permanecem dormindo, vítimas de paralisia das faculdades superiores.

Na maioria das ocasiões, os convites divinos passam por eles, sugestivos e santificantes; todavia, os companheiros distraídos interpretam-nos por cenas sagradas, dignas de louvor, mas depressa relegadas ao esquecimento. O coração não adere, dormitando amortecido, incapaz de analisar e compreender.

A criatura necessita indagar de si mesma o que faz, o que deseja, a que propósitos atende e a que finalidades se destina. Faz-se indispensável examinar-se, emergir da animalidade e erguer-se para senhorear o próprio caminho. [...].¹³

31.3 JESUS E AS CRIANCINHAS (LC 18:15 A 17)¹⁴

¹⁵Traziam-lhe até mesmo as criancinhas para que as tocasse; vendo isso, os discípulos as repreendiam. ¹⁶Jesus, porém chamou-as, dizendo: “Deixai as criancinhas virem a mim e não as impeçais, pois delas é o Reino de Deus. ¹⁷Em verdade vos digo, aquele que não receber o Reino de Deus como uma criancinha, não entrará nele”.

A última citação evangélica do Tema 31 é, igualmente, muito conhecida no meio cristão, tendo sido objeto de estudos anteriores neste programa de *O Evangelho Redivivo*, Livro II (*Estudo Interpretativo do Evangelho segundo Mateus* – Tema 49, item 49-3) e Livro III (*Estudo Interpretativo do Evangelho segundo Marcos* – Tema 24, item 24-2).

Jesus destaca a simplicidade como um dos mais valiosos instrumentos de aperfeiçoamento do Espírito, atributo que, usualmente, é encontrado nas crianças. Joanna de Ângelis aconselha, a propósito:

[Resguarda-te na simplicidade.

Evita as aparências fulgurantes e malsinadas.

Reflete na lição do Senhor em torno dos lírios do campo e de sua beleza comovedora, insuperável, medrando a esmo, do lodo, exteriorizando aroma penetrante.

Ele próprio, Nosso Divino Senhor, cantando e vivendo as excelsas belezas do Reino Celeste, se utilizou da simplicidade de tal modo que o Seu Evangelho

continua como um hino de luz tecido com as melodias inspiradas no povo simples e sofredor de todos os tempos].¹⁵

Emmanuel, por sua vez, analisa a ideia de simplicidade, assinalada por Lucas no versículo 16:

Sejamos simples¹⁶

“Deixai vir a mim os meninos, e não os impeçais, porque deles é o reino de Deus.” – JESUS (Lucas, 18:16.)

Surge o progresso da sucessão constante de labores variados em todas as frentes de atividade humana.

Um esforço acompanha outro, um objeto mais aperfeiçoado modifica os movimentos da criatura. Vida após vida, geração a geração, a Humanidade caminha recebendo luz e burilamento.

Toda a vida futura, no entanto, depende inevitavelmente da vida presente, como toda colheita próxima se deriva da sementeira atual.

A infância significa, por isso, as vibrações da esperança nos dias porvindouros, muito embora a fragilidade com que se caracteriza.

A ingenuidade dos pensamentos e a meiguice dos modos dão à criança os traços da virgindade sentimental necessária ao espírito para galgar os estágios superiores da evolução.

Eis, porque, o Senhor, com muita propriedade, elegeu na infância o símbolo da pureza indispensável à sustentação do ser na Vida Maior.

No período infantil encontramos as provas irrecusáveis de que as almas possuem, no âmago de si mesmas, as condições potenciais para a angelitude.

Urge, pois, saibamos viver com a simplicidade dos pequeninos, na rota da maturidade, renunciando às expressões inferiores do egoísmo e do orgulho, da astúcia e da crueldade, que tantas vezes se nos ocultam nos gestos de fidalguia aparente.

No reino de Deus ninguém cresce para a maldade.

Sejamos simples, vivendo o bem espontâneo.

Observa, portanto, em ti, os sinais positivos que conservas da infância, com índice de valores morais para a excursão, monte acima.

Sê criança em relação ao mal que perturba e fere, realizando a maturação de teus sentimentos na criação do amor puro, porque somente no amor puro encontraremos acesso à Eterna Sublimação a que estamos destinados.

REFERÊNCIAS

- 1 KEENER, Craig. S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. v. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo, SP: Vida Nova, 2017. cap. 18:1-8 e 18:8, p. 266 e 267.

- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 18:1-8, p. 1.820 e 1.821.
- 3 SIMONETTI, Richard. *Para viver a grande mensagem*. 9. ed. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 2010. cap. *Oração*.
- 4 _____.
- 5 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 27, it. 7.
- 6 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 18:9-14, p. 1.821.
- 7 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 27, it. 4.
- 8 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo, SP: Hagnos, 2005. verbete: Fariseu, p. 472.
- 9 _____ p. 473.
- 10 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. *Introdução III – Notícias históricas*, it. Publicano.
- 11 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo, SP: Hagnos, 2005. verbete: Publicano, p. 1.015.
- 12 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dias venturosos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 14, p. 101.
- 13 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 68.
- 14 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 18:15-17, p. 1.821.
- 15 FRANCO, Divaldo Pereira. *Convites da vida*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 7. ed. Salvador, BA: LEAL, 2002. cap. 54, p. 155.
- 16 XAVIER, Francisco Cândido. *Ideal espírita*. Por diversos Espíritos. 11. ed. Uberaba, MG: CEC, 1991. cap. 30, p. 79 e 80.

O RICO NOTÁVEL

O PERIGO DAS RIQUEZAS. RECOMPENSA PROMETIDA
AO DESAPEGO. TERCEIRO ANÚNCIO DA PAIXÃO. O
CEGO NA ESTRADA DE JERICÓ (LC 18:18 A 43)

Os cinco assuntos desenvolvidos nesse tema são também relatados pelos demais autores dos evangelhos sinóticos (Evangelhos de *Mateus*, *Marcos* e *Lucas*), os quais apresentam um ou outro detalhe, sem alterar, contudo, o sentido textual. Os dois primeiros itens são referências a um diálogo ocorrido entre Jesus e um homem rico, e, as tentações ou riscos que a posse de bens materiais pode provocar ao Espírito. “O rico notável” da descrição de *Lucas*, sugere ser alguém importante, que se destacava na comunidade; *Mateus* apenas afirma que ele era um “jovem rico”, enquanto *Marcos* diz que ele era alguém que, “desde a juventude” cumpria os mandamentos.¹

A resposta que Jesus transmitiu ao ser indagado — “*Bom Mestre, que devo fazer para herdar a vida eterna?*” — contém esclarecimentos que escapam, à primeira vista, a quem desconhece certos aspectos da tradição religiosa do Judaísmo. Por exemplo: os membros do clero judaico jamais deveriam ser chamados de *bons*, fato que justifica a réplica de Jesus — “*Por que me chamas bom? Ninguém é bom, senão só Deus!*”: “Em todo *Talmude* não há um só caso de um rabino ser chamado de bom, exceto a Lei”.² Outro ponto: no diálogo com o homem rico, Jesus cita alguns mandamentos do Decálogo com o intuito de fazê-lo lembrar a tradição imposta por Moisés. Mas há também outro motivo, segundo a análise de alguns estudiosos:

[...] a declaração de Jesus visava ensinar algo prático e importante. Jesus também não estava dizendo: “Sou mau, porque sou homem; e não tens o direito de chamar-me bom”. Isso seria um absurdo. Jesus não estava querendo ensinar nada a respeito da sua natureza ou qualidade moral. Antes, ele se aproveitou da declaração do homem para ressaltar a “fonte última da bondade”, a saber, o próprio Deus, o doador da Lei, na qual aquele homem confiava.²

Os demais assuntos (*A recompensa prometida ao desapego; O terceiro anúncio da paixão e O cego na estrada de Jericó*) são temas complementares. Indicam, claramente, a necessidade da vivência da Lei de Amor, o único caminho da construção do homem de bem. Nesse sentido, Jesus anuncia, pela terceira vez, a sua Paixão (sofrimentos e crucificação), à qual seria submetido por desamor dos seus julgadores e perseguidores, especialmente por parte dos religiosos que não praticavam os mandamentos e ensinamentos dos profetas, os quais pregavam. Todos esses assuntos indicam que os desacertos humanos resultam das suas más escolhas, alimentadas pela ignorância e ausência de amor, as quais geram manifestações dolorosas da Lei de Causa e Efeito, a exemplo do Cego de Jericó.

32.1 O RICO NOTÁVEL. O PERIGO DAS RIQUEZAS. RECOMPENSA PROMETIDA AO DESAPEGO (LC 18:18 A 30)³

¹⁸Certo homem de posição lhe perguntou: “Bom Mestre, que devo fazer para herdar a vida eterna?” ¹⁹Jesus respondeu: “Por que me chamas bom? Ninguém é bom, senão só Deus! ²⁰Conheces os mandamentos: *Não cometas adultério, não mates, não roubes, não levantes falso testemunho; honra teu pai e tua mãe*”. ²¹Ele disse: “Tudo isso tenho guardado desde a minha juventude”. ²²Ouvindo, Jesus disse-lhe: “Uma coisa ainda te falta. Vende tudo o que tens, distribui aos pobres e terás um tesouro nos céus; depois vem e segue-me”. ²³Ele, porém, ouvindo isso, ficou cheio de tristeza, pois era muito rico.

²⁴Vendo-o assim, Jesus disse: “Como é difícil aos que têm riquezas entrar no Reino de Deus! ²⁵Com efeito, é mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus!” ²⁶Os ouvintes disseram: “Mas então, quem poderá salvar-se?” ²⁷Jesus respondeu: “As coisas impossíveis aos homens são possíveis a Deus”.

²⁸Disse, então, Pedro: “Eis que deixamos nossos bens e te seguimos!” ²⁹Jesus lhes disse: “Em verdade eu vos digo, não há quem tenha deixado casa, mulher, irmãos, pais ou filhos por causa do Reino de Deus, ³⁰sem que receba muito mais neste tempo e, no mundo futuro, a vida eterna”.

Irmão X (pseudônimo de Humberto de Campos) transmite importantes informações, colhidas no Plano Espiritual, relacionadas ao rico notável da citação de *Lucas* (18:18 a 23), indicadas na mensagem *O mancebo rico*, da qual extraímos alguns esclarecimentos:

1) Quem era o rico notável:

- » Efraim, filho de Bunan, era um chefe prestigioso dos fariseus, considerado cabeça dos hilelitas, que, ao tempo do Senhor, eram francamente mais liberais que os partidários do rabi Schammai, fanáticos e formalistas.⁴
- » Judeu profundamente culto, Efraim, aos 40, já se fizera autoridade máxima dos herdeiros espirituais de Hilel, o admirável doutor das Sete Regras...⁵
- » “Excessivamente rico, dispunha não somente de valiosas terras cultivadas e de formoso palácio residencial em Jericó, no qual sustentava largo prestígio, mas também de casas diversas em Jerusalém, vinhedos e campos de cevada, rebanhos e negócios importantes na Síria”.⁶
- » Efraim ouviu, com imensa simpatia, as notícias do Reino de Deus, de que Jesus se revelava portador. Assinalando o ódio gratuito com que os fariseus rigorosos investiam contra o Mestre, mais se lhe exacerbou o desejo de um contato direto. O Mestre Nazareno falava de amor, concórdia, humildade, tolerância. Operava maravilhas. Trazia sinais do Céu, no alívio ao sofrimento humano”.⁶

2) O encontro com Jesus

Após algum tempo, achou-o entre homens cansados e tristes, e, ao fitá-lo, enterneceu-se-lhe o coração... Como que tocado de luz invisível, olhou para si mesmo e envergonhou-se das joias que trazia, conquanto adotasse, naquela hora, a indumentária que lhe era comumente mais simples. Tomado de funda emotividade, receava agora a almejada entrevista. Sentia-se inibido, pequeno de espírito. Sofreava, a custo, as próprias lágrimas... Sim, concluía consigo mesmo, dirigir-se-ia ao Mestre das Boas-Novas, na feição de aprendiz, ocultaria a própria grandeza individual...⁷

Com o encontro, seguiu-se um diálogo esclarecedor entre o Mestre Nazareno e o homem rico (*Lucas*, 18:18 a 23), concluído com este conselho de Jesus: *Vende tudo o que tens, distribui aos pobres e terás um tesouro nos céus; depois vem e segue-me.* (Lc 18:22). A orientação de Jesus causou, contudo, tristeza ao bem-intencionado rico, em razão do seu apego aos bens materiais. Perante tal atitude, Irmão X registra este outro esclarecimento, útil às nossas reflexões:

— A fusão dos agrupamentos religiosos no mundo é assunto muito velho. É aconselhada com ardor, aqui e ali; entretanto, quando se fala em esvaziar a

bolsa, em favor dos necessitados, para que o amor puro garanta a construção do Reino de Deus, nas forças do espírito, quase todos os patronos da apregoada união se afastam muito tristes...⁸

A lição que se extrai diretamente da parábola, não é o fato de as pessoas possuírem bens materiais — obviamente aqueles que são adquiridos honestamente durante a experiência reencarnatória. A riqueza e a pobreza são uns dos instrumentos concedidos por Deus para a nossa evolução. Entretanto, o apego aos bens é que representa sério obstáculo de acesso ao Reino de Deus, como assinala Jesus:

Vendo-o assim, Jesus disse: “Como é difícil aos que têm riquezas entrar no Reino de Deus! Com efeito, é mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus!”. Os ouvintes disseram: “Mas então, quem poderá salvar-se?” Jesus respondeu: “As coisas impossíveis aos homens são possíveis a Deus”. (Lc 18:24 a 27).

Merece destaque o último versículo dessa passagem evangélica: *Os ouvintes disseram: “Mas então, quem poderá salvar-se?” Jesus respondeu: “As coisas impossíveis aos homens são possíveis a Deus.”* (Lc 18:26 e 27). Ou seja, Deus dá condições a todos os seus filhos para progredirem espiritualmente, como esclarece Emmanuel nesta belíssima mensagem:

Estudando a riqueza⁹

Não é somente o Rico da Parábola o grande devedor diante da vida.

A fortuna amoedada é, por vezes, simples cárcere.

Há outros avarentos que devemos recordar em nossa viagem para a Luz Maior. Temos, conosco, os sovinas da inteligência, que se ocultam nas floridas trincheiras da inércia; os abastados da saúde que desamparam os aflitos e os doentes; os privilegiados da alegria que cerram a porta aos tristes, isolando-se no oásis de prazer;

os felizes da fé que procuram a solidão, a pretexto de se preservarem contra o pecado;

os expoentes da mocidade que menosprezam a velhice; os favorecidos da família terrestre, que olvidam os andarilhos da penúria que vagueiam sem lar. Todos esses ricos da experiência comum contraem pesados débitos para com a Humanidade.

Lembre-mos de que o Tesouro Real da Vida está em nosso coração.

Quem não pode doar algo de si mesmo, na boa vontade, no sorriso fraterno ou na palavra sincera de bondade e encorajamento, debalde estenderá as mãos recheadas de ouro, porque só o amor abre as portas da plenitude espiritual e semeia na Terra a luz da verdadeira caridade, que extingue o mal e dissipa as trevas.

A pobreza é mera ficção.

Todos temos algo.

Todos podemos auxiliar.

Todos podemos servir.

E, consoante a palavra do Mestre, *“o maior na vida será sempre aquele que se fizer o devotado servidor de todos”*.

No seguinte diálogo, ocorrido entre Jesus e o apóstolo Pedro, o Senhor esclarece que qualquer manifestação de apego, material ou não, é uma falsa interpretação da Lei de Amor: *Disse, então, Pedro: “Eis que deixamos nossos bens e te seguimos!”*. Jesus lhes disse: *“Em verdade eu vos digo, não há quem tenha deixado casa, mulher, irmãos, pais ou filhos por causa do Reino de Deus, sem que receba muito mais neste tempo e, no mundo futuro, a vida eterna”* (Lc 18:28 a 30). Em outras palavras: o apego nos transforma em escravos, diferentemente do amor, que nos tornam livres. O Espírito Lacordaire, em lúcida mensagem transmitida no ano de 1863, pontua:

O amor aos bens terrenos é um dos mais fortes entraves ao vosso adiantamento moral e espiritual. Pelo apego à posse de tais bens, destruí as vossas faculdades de amar, ao aplicá-las, todas, às coisas materiais. Sede sinceros: a riqueza proporciona uma felicidade sem mescla? Quando vossos cofres estão cheios, não há sempre um vazio no vosso coração? No fundo dessa cesta de flores não há sempre um réptil a ocultar-se? Compreendo a satisfação, bem justa, aliás, que experimenta o homem que, por meio de trabalho honrado e assíduo, ganhou uma fortuna, mas, dessa satisfação, muito natural e que Deus aprova, a um apego que absorve todos os outros sentimentos e paralisa os impulsos do coração, vai grande distância, tão grande quanto a que separa a prodigalidade excessiva da sórdida avareza, dois vícios entre os quais Deus colocou a caridade, santa e salutar virtude que ensina o rico a dar sem ostentação, para que o pobre receba sem baixeza.¹⁰

32.2 TERCEIRO ANÚNCIO DA PAIXÃO. O CEGO NA ESTRADA DE JERICÓ (LC 18:31 A 43)¹¹

³¹Tomando consigo os Doze, disse-lhes: “Eis que estamos subindo a Jerusalém e se cumprirá tudo o que foi escrito pelos Profetas a respeito do Filho do Homem. ³²De fato, ele será entregue aos gentios, escarnecido, ultrajado, coberto de escarros; ³³depois de o açoitar, eles o matarão. E no terceiro dia ressuscitará”. ³⁴Mas eles não entenderam nada. Essa palavra era obscura para eles, e não compreendiam o que Ele dizia.

³⁵Quando ele se aproximava de Jericó, havia um cego, mendigando, sentado à beira do caminho. ³⁶Ouvindo os passos da multidão que transitava, perguntou

o que era. ³⁷Informaram-no que Jesus, o Nazareu, passava. ³⁸E ele pôs-se a gritar: “Jesus, filho de Davi, tem compaixão de mim!”. ³⁹Os que estavam à frente repreendiam-no, para que ficasse em silêncio; ele, porém, gritava mais ainda: “Filho de Davi, tem compaixão de mim!”. ⁴⁰Jesus se deteve e mandou que lho trouxessem. Quando chegou perto, perguntou-lhe: ⁴¹“Que queres que eu te faça?”. Ele respondeu: “Senhor, que eu possa ver novamente!”. ⁴²Jesus lhe disse: “Vê de novo; tua fé te salvou”. ⁴³No mesmo instante, ele recuperou a vista, e seguia a Jesus, glorificando a Deus. E, vendo o acontecido, todo o povo celebrou os louvores de Deus.

Esses dois assuntos fecham o Tema 32, do *Estudo Interpretativo do Evangelho segundo Lucas*, analisados em seguida.

32.2.1 TERCEIRO ANÚNCIO DA PAIXÃO (LC 18:31 A 34)

Jesus anuncia aos membros do colégio apostolar os sofrimentos que Ele passaria, conseqüentes da ignorância e imperfeição humanas, como registra *Lucas* (18:32 e 33): *será entregue aos gentios* (julgamento por Pilatos, interventor romano), *escarnecido, ultrajado, coberto de es-carros* (humilhações, e agressões verbais e físicas na chamada *via crucis*, carregando sobre os ombros uma pesadíssima cruz de madeira), *depois de o açoitar, eles o matarão* (morte por crucificação). *E no terceiro dia ressuscitará* (ressurreição após a crucificação). Entretanto, os apóstolos não conseguiram visualizar os acontecimentos futuros, como anuncia Lc 18:34: *Mas eles não entenderam nada. Essa palavra era obscura para eles e não compreendiam o que ele dizia.*

Allan Kardec pondera a respeito da capacidade de prever acontecimentos futuros: “é um dos atributos da alma e se explica pela teoria da presciência. Jesus a possuía, como todos os outros, em grau eminente. Pôde, portanto, prever os acontecimentos que se seguiriam à sua morte, sem que nesse fato haja qualquer coisa de sobrenatural [...]”.¹² Complementa o seu pensamento, ao destacar que, em Jesus, a capacidade de presciência manifestava-se, naturalmente, em grau muito superior, considerando a excelsitude do seu Espírito:

Com Jesus, esse fato havia de dar-se em mais alto grau, considerando-se que, tendo Ele conhecimento da missão que vinha desempenhar, sabia que a morte no suplício forçosamente seria a sua conseqüência. A visão espiritual, permanente nele, assim como a penetração do pensamento, haviam de mostrar-lhe as circunstâncias e a época fatal. Pela mesma razão, podia prever a ruína do Templo, a de Jerusalém, as desgraças que se iam abater sobre seus habitantes e a dispersão dos judeus.¹³

32.2.2 O CEGO NA ESTRADA DE JERICÓ (LC 18:35 A 42)

A história do cego que mendigava na estrada de Jericó é interpretada pelo Espiritismo como a manifestação da Lei de Causa e Efeito que, no caso, reflete mau uso do livre-arbítrio em existências pretéritas. Além da cegueira, uma difícil provação, o cego vivia em trágicas condições existenciais, necessitando mendigar para sobreviver. Não era fácil! Contudo, percebe-se uma característica muito positiva no caráter do referido sofredor, quando ele é informado da presença de Jesus: passa a gritar e suplicar-lhe por misericórdia, e com muita insistência, a ponto de receber reprimendas. Mesmo assim, ele não desiste: continua apelando a Jesus, que lhe curaria a cegueira. É sublime o momento de encontro do pecador arrependido com o mensageiro de Deus, que, humilde, estabelece com o enfermo o seguinte diálogo:

Jesus se deteve e mandou que lho trouxessem. Quando chegou perto, perguntou-lhe: “Que queres que eu te faça?” Ele respondeu: “Senhor, que eu possa ver novamente!” Jesus lhe disse: “Vê de novo; tua fé te salvou”. No mesmo instante, ele recuperou a vista, e seguia a Jesus, glorificando a Deus. E, vendo o acontecido, todo o povo celebrou os louvores de Deus. (Lc18:40 a 43).

“Poder ver”, esta é a grande lição que a parábola nos transmite, e que merece as seguintes reflexões de Emmanuel:

O cego de Jericó¹⁴

Dizendo: – Que queres que te faça? – E ele respondeu: – Senhor, que eu veja. (Lucas,18:41.)

O cego de Jericó é das grandes figuras dos ensinamentos evangélicos.

Informa-nos a narrativa de *Lucas* que o infeliz andava pelo caminho, mendigando... Sentindo a aproximação do Mestre, põe-se a gritar, implorando misericórdia.

Irritam-se os populares, em face de tão insistentes rogativas. Tentam impedi-lo, recomendando-lhe calar as solicitações. Jesus, contudo, ouve-lhe a súplica, aproxima-se dele e interroga com amor:

— *Que queres que te faça?*

À frente do magnânimo dispensador dos bens divinos, recebendo liberdade tão ampla, o pedinte sincero responde apenas isto:

— *Senhor, que eu veja!*

O propósito desse cego honesto e humilde deveria ser o nosso em todas as circunstâncias da vida.

Mergulhados na carne ou fora dela, somos, às vezes, esse mendigo de Jericó, esmolando às margens da estrada comum. Chama-nos a vida, o trabalho apela para nós, abençoa-nos a luz do conhecimento, mas permanecemos indecisos,

sem coragem de marchar para a realização elevada que nos compete atingir. E, quando surge a oportunidade de nosso encontro espiritual com o Cristo, além de sentirmos que o mundo se volta contra nós, induzindo-nos à indiferença, é muito raro sabermos pedir sensatamente.

Por isso mesmo, é muito valiosa a recordação do pobrezinho mencionado no versículo de *Lucas*, porquanto não é preciso compareçamos diante do Mestre com volumosa bagagem de rogativas. Basta lhe peçamos o dom de ver, com a exata compreensão das particularidades do caminho evolutivo. Que o Senhor, portanto, nos faça enxergar todos os fenômenos e situações, pessoas e coisas, com amor e justiça, e possuiremos o necessário à nossa alegria imortal.

REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas /João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. it. 18:18, p. 229.
- 2 _____. _____. it. 18:19, p. 229.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 18:18-30, p. 1.821.
- 4 XAVIER, Francisco Cândido. *Contos desta e doutra vida*. Pelo Espírito Irmão X. 14. ed. Brasília, DF: FEB: 2013. cap. 34.
- 5 _____. _____. _____.
- 6 _____. _____. _____.
- 7 _____. _____. _____.
- 8 _____. _____. _____.
- 9 XAVIER, Francisco Cândido. *Dinheiro*. Pelo Espírito Emmanuel. 12. ed. Araras, SP: IDE, 2010. cap. 3, p. 24 e 25.
- 10 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 16, it. 14.
- 11 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 18:31-43, p. 1.821 e 1.822.
- 12 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 17, it. 20.
- 13 _____. _____. it. 21.
- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 44.

ZAQUEU

A PARÁBOLA DAS MINAS (LC 19:1 A 27)

O capítulo 19 de *Lucas* possui apenas dois assuntos, respectivamente relacionados ao arrependimento de Zaqueu, um publicano ou coletor de impostos, e a Parábola das Minas, “[...] palavra muito utilizada na Antiguidade e que significa: uma mina é o equivalente ao salário de cerca de cem dias de trabalho [...]”¹

Zaqueu morava em Jericó, uma cidade de fronteira que, por isso mesmo, tinha uma alfândega de coleta de impostos, a qual era chefiada por ele. Jericó também se destacava porque era uma das cidades mais ricas da Palestina, situada em uma região muito fértil da Judeia, a ponto de ali existir um belo palácio herodiano e residências de muitas famílias sacerdotais abastadas.² Dessa forma, “o valor do recolhimento de impostos era vultoso ali. Um *chefe* de coletores de impostos seria o sujeito que controlava os impostos, vendas e taxas alfandegárias e tinha cobradores subalternos. Zaqueu poderia ter enriquecido sem cometer nenhum abuso — mas parece que não era o caso (Lc 19:8)”² O certo é que Zaqueu, homem de pequena estatura física, que precisou subir em uma árvore (sicômoro = figueira) para enxergar Jesus que passava por ali, o que serviu de exemplo ao Senhor para nos transmitir mais uma das suas sábias lições.

Em termos de contexto histórico-cultural, a Parábola das Minas, também conhecida como *parábola dos talentos* (*Mateus*, 25:14 a 30), refere-se a uma prática usual de multiplicação de dinheiro, muito utilizada à época pelas pessoas ricas ou por quem era detentor de alguma posse, como servos e escravos:

[...] Dinheiro que provavelmente era entregue aos cambistas. Por causa da exorbitante taxa de juros no mundo greco-romano [...] e pelo fato de somente algumas pessoas possuírem um capital significativo, os que faziam negócios podiam rapidamente multiplicar os investimentos.

[...]

Não era incomum investidores lucrarem tanto quanto os servos [...]; normalmente, os soberanos também recompensavam os servos que demonstrassem uma administração habilidosa. O governo romano permitia que os reis-vassalos designassem os próprios oficiais locais.³

33.1 ZAQUEU (LC 19:1 A 10)⁴

¹E, tendo entrado em Jericó, ele atravessava a cidade. ²Havia lá um homem chamado Zaqueu, que era rico e chefe dos publicanos. ³Ele procurava ver quem era Jesus, mas não o conseguia por causa da multidão, pois era de baixa estatura. ⁴Correu então à frente e subiu num sicômoro para ver Jesus que iria passar por ali. ⁵Quando Jesus chegou ao lugar, levantou os olhos e disse-lhe: “Zaqueu, desce depressa, pois hoje devo ficar em tua casa”. ⁶Ele desceu imediatamente e recebeu-o com alegria. ⁷À vista do acontecido, todos murmuravam, dizendo: “Foi hospedar-se na casa de um pecador!” ⁸Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: “Senhor, eis que eu dou a metade de meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo”. ⁹Jesus lhe disse: “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão”. ¹⁰Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido”.

No estudo anterior, o do Tema 32, há informações mais detalhadas a respeito dos coletores de impostos, quando foi estudado o item sobre a prece do fariseu e a do publicano (Lc 18:9 a 14). Por serem agentes do governo romano, os publicanos ou cobradores de impostos, eram considerados pessoas de má vida, odiados e desprezados por judeus e gentílicos. Havia a concepção geral de que eles eram pessoas que, efetivamente, enriqueciam de forma ilícita e exploravam o povo. Mas, entre eles havia honradas exceções, como *Mateus*, um dos membros do colégio apostolar. Há suposições de que Zaqueu teria enriquecido ilegalmente, mas tal fato o incomodava muito. De qualquer forma, consoante às seguintes palavras de Jesus, Zaqueu tinha remorso dos possíveis erros cometidos: *Jesus lhe disse: “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão. Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido”* (Lc 19:9 e 10).

O escritor espírita brasileiro, Rodolfo Calligaris (1913–1975), ao refletir a respeito da conversão de Zaqueu, pondera:

[...] Compreendemos que há, como sempre houve e haverá, certas almas que se entregam ao mal apenas porque não foram despertadas para o bem; almas que preservam, contudo, alguns escaninhos indenes às misérias e torpezas mundanas, constituindo-se terreno fértil onde a semente dos ideais nobres e generosos pode, a qualquer momento, germinar, florescer e frutificar abundantemente.⁵

Zaqueu seria uma dessas pessoas que seguiu os caminhos tortuosos do mundo, mas, como ele trazia dentro de si a natural propensão para o bem, compreendeu que usara incorretamente o seu livre-arbítrio, como indica Calligaris em suas análises:

Zaqueu era uma dessas almas. Arrecadador de impostos, enriquecera ilícitamente e vivia defraudando o próximo com exações e lucros escandalosos, mas, a despeito disso, a doutrina do Mestre encontrara ressonância em seu coração e por isso ardia em desejos de conhecê-lo.

Pode parecer a alguns que, subindo a uma árvore para conseguir ver as feições de Jesus, Zaqueu tenha cedido apenas à curiosidade. É evidente, porém, que o móvel de sua ação era bem mais elevado: talvez uma ânsia incontida de receber alguma bênção, ou de ouvir-lhe uma palavra que demudasse (transformasse) o rumo de sua existência. Por simples curiosidade, não iria ele expor-se ao ridículo e enfrentar os apodos e gracejos da multidão, mormente tendo-se em vista a alta posição que ocupava entre os publicanos.

Jesus, cujo olhar penetra o âmago das criaturas, percebeu o que ia pela alma de Zaqueu, notou quanto era sincero aquele arroubo, e daí o ter-lhe solicitado hospedagem, para escândalo do povo, que, como em outras ocasiões, entrou logo a murmurar, censurando-o por albergar-se em casa de pecadores.⁶

A história de Zaqueu, o arrependimento pelos erros cometidos, o desejo de se transformar em pessoa melhor atingiu o clímax quando do inesquecível encontro com o Messias de Deus. Vemos assim, que Zaqueu passa a representar um exemplo para todos nós, Espíritos imperfeitos, infratores contumazes da Lei de Deus, que, pela transformação íntima, fundamentada na vivência do Evangelho, podemos nos reajustar e ascender evolutivamente. É a ideia que Cairbar Schutel nos transmite:

Zaqueu é um astro que brilha no Evangelho. É um dos Espíritos de contato mais suave, que afaga a nossa alma quando recordamos essas figuras proeminentes da Legenda Sagrada. Basta lembrar que foi na casa deste destemido chefe dos publicanos que Jesus encontrou fino acolhimento, e tão espontânea recepção espiritual [...], aquela que Jesus sentiu, levando-O a pronunciar a nova felicitação, que se nos depara no trecho de *Lucas*: “Hoje entrou a salvação nesta casa”⁷

A presença de Jesus na casa do publicano foi motivo de muita crítica, sobretudo por parte dos religiosos, como seria o esperado. Contudo, Amélia Rodrigues nos transmite algumas importantes informações a respeito do diálogo que se seguiu entre Zaqueu e Jesus, após aquela ceia:

[...] Zaqueu, emocionado, agradeceu ao Mestre e, não podendo sopitar o que lhe estava estrangulado na garganta, expôs:

— *Todos ou quase todos me odeiam...*

Havia indecisão na voz e embargamento da emoção.

Aquele era, no entanto, o momento mais significativo da sua vida. Estimulado pela radiosa expressão do Rabi, prosseguiu:

— *A ninguém nunca prejudiquei e procuro ser justo. Sem embargo, me caluniam e agridem com palavras ásperas e olhares de reserva. Que fazer, Senhor, dize-me, Tu que tudo sabes?*

O Amigo Divino relanceou o olhar transparente pelo recinto e como que auscultasse a Natureza que cantarolava uma brisa sob o aplauso dos astros lucilantes, redarguiu:

— *Zaqueu, o dinheiro e a fortuna não são bons nem maus. O uso que deles se faz, a direção que se lhes dá é que os torna nobre ou desventurado.*

A moeda que adquire o pão é a mesma que fomenta a guerra... [...]. O dinheiro que lhe concede o amparo torna-se expressão do progresso em nome da caridade [...].

Fez-se um silêncio natural, e ante a alegria que extravasava a emoção do cobrador de impostos, continuou tranquilo:

[...]

— *Deus não colocaria na Terra o dinheiro, se ele não tivesse a missão de acompanhar o homem na sua marcha ascensional na busca da perfeição. Dia virá em que a troca de valores se dará por meio de outras técnicas e de outros recursos, dispensando o dinheiro. Por enquanto, porém, ele é veículo para o bem e a felicidade que a todos cumpre desenvolver, mediante a correta aplicação dos tesouros que chegarem a quaisquer mãos.*

Abençoada seja a riqueza que gera paz, a moeda que liberta do sofrimento, o dinheiro que impele à felicidade, o recurso que santifica no exercício do desprendimento e na ação do bem.⁸

A benfeitora também nos informa que, depois desse sublime encontro com Jesus, Zaqueu mudou radicalmente a forma da condução de sua vida:

Posteriormente, o cobrador de impostos, após cumprir a tarefa da família e distribuindo os recursos, foi viver e pregar o Evangelho noutras terras, recordando o primeiro encontro do alto do sicômoro e o inesquecível diálogo na intimidade do seu lar, que lhe deu vida.⁹

33.2 A PARÁBOLA DAS MINAS (LC 19:11 A 27)¹⁰

¹¹Como eles ouvissem isso, Jesus acrescentou uma parábola, porque estava perto de Jerusalém, e eles pensavam que o Reino de Deus ia se manifestar imediatamente. ¹²Disse então: “Um homem de nobre origem partiu para uma região longínqua a fim de ser investido na realeza e voltar. ¹³Chamando dez de seus servos, deu-lhes dez minas e disse-lhes: ‘Fazei-as render até que eu volte.’

¹⁴Ora, seus cidadãos o odiavam. E enviaram atrás dele uma embaixada para dizer: ‘Não queremos que este reine sobre nós’.

¹⁵Quando ele regressou, após ter recebido a realeza, mandou chamar aqueles servos aos quais havia confiado dinheiro, para saber o que cada um tinha feito render. ¹⁶Apresentou-se o primeiro e disse: ‘Senhor, tua mina rendeu dez minas’. ¹⁷‘Muito bem, servo bom’, disse ele, ‘uma vez que te mostraste fiel no pouco, recebe autoridade sobre dez cidades’. ¹⁸Veio o segundo e disse: ‘Senhor, tua mina produziu cinco minas’. ¹⁹Também a este ele disse: ‘Tu também, fica à frente de cinco cidades’. ²⁰Veio o outro e disse: ‘Senhor, eis aqui a tua mina, que depusitei num lenço, ²¹pois tive medo de ti, porque és um homem severo, tomas o que não depositaste e colhes o que não semeaste’. ²²Então ele disse: ‘Servo mau, eu te julgo pela tua própria boca. Sabias que eu sou um homem severo, que tomo o que não deposites e colho o que não semei’. ²³Por que, então, não confiaste o meu dinheiro ao banco? À minha volta eu o teria recuperado com juros’. ²⁴E disse aos que lá estavam: ‘Tirai-lhe a mina e dai-a ao que tem dez minas’. ²⁵Responderam-lhe: ‘Senhor, ele já tem dez minas...’ ²⁶‘Digo-vos, a quem tem, será dado; mas àquele que não tem, será tirado até mesmo o que tem.’ ²⁷Quanto a esses meus inimigos, que não queriam que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui e trucidai-os em minha presença”.

Esse registro de *Lucas* é mais conhecido como a *Parábola dos Talentos* (*Mateus*, 25:14 a 30), ainda que haja algumas diferenças entre ambos os textos. O estudioso e escritor bíblico, o estadunidense Russell Norman Champlin (1933–2018), faz as seguintes considerações:

19:11-17 — A parábola das dez minas: nesses versículos encontramos uma versão de certa parábola de Jesus; e o texto de *Mateus*, 25:14-30 nos dá a outra versão. Provavelmente, ambas as versões foram extraídas de anotações adicionais, algumas delas de natureza editorial, e outras baseadas em declarações de Jesus, que se adaptam bem ao esboço geral da parábola original.

[...]

Por outro lado, a aplicação que *Lucas* dá a esta parábola inclui todos os elementos de *Mateus*; mas a sua introdução editorial (ver o v. 11) lhe dá uma significação adicional, porque mostra que o Reino haverá de ser adiado, não aparecendo repentinamente, conforme pensavam muitos dos cristãos primitivos, bem como muitos dos judeus dos tempos de Jesus.¹¹

São esclarecimentos relevantes, sem dúvida. Entretanto, o Espiritismo procura destacar o significado ou conteúdo do ensinamento de Jesus, refletindo a respeito dele e de como aplicá-lo no cotidiano da existência. Neste sentido, em mensagem transmitida em Londres, em 1965, o Espírito Irmão X relata-nos uma paráfrase lúcida e criativa da parábola, realizada pelo “rabi Zoar ben Ozias, distinto orientador israelita, hoje consagrado às verdades

do Evangelho no Mundo Espiritual”,¹² cujas principais ideias apresentamos em seguida:

— Meus amigos, o Senhor da Terra, partindo, em caráter temporário, para fora do mundo, chamou três dos seus servos e, considerando a capacidade de cada um, confiou-lhes alguns dos seus próprios bens, a título de empréstimo, participando-lhes que os reencontraria, mais tarde, na Vida Superior...

Ao primeiro transmitiu o Dinheiro, o Poder, o Conforto, a Habilidade e o Prestígio; ao segundo concedeu a Inteligência e a Autoridade e ao terceiro entregou o Conhecimento Espírita.¹²

Chegado o momento da prestação de contas, cada servo apresenta ao Senhor os resultados de suas ações, revelando-se assustados e vacilantes:¹²

O primeiro avançou e disse:

— Senhor, cometi muitos disparates e não consegui realizar-te a vontade, que determina o bem para todos os teus súditos, mas, com os cinco talentos que me puseste nas mãos, comecei a cultivar, pelo menos com pequeninos resultados, outros cinco, que são o Trabalho, o Progresso, a Amizade, a Esperança e a Gratidão, em alguns dos companheiros que ficaram no mundo... Perdoa-me, ó Divino Amigo, se não pude fazer mais! ...

O Senhor respondeu tranquilo:

— Bem está, servo fiel, pois não erraste por intenção... Volta ao campo terrestre e reinicia a obra interrompida, renascendo sob o amparo das afeições que ajuntaste.

Veio o segundo e alegou:

— Senhor, digna-te desculpar-me a incapacidade... Não te pude compreender claramente os desígnios que preceituam a felicidade igual para todas as criaturas e perpetrei lastimáveis enganos... Ainda assim, mobilizei os dois valores que me deste e, com eles, angariei outros dois que são a Cultura e a Experiência para muitos dos irmãos que permanecem na retaguarda...

O Excelso Benfeitor replicou, satisfeito:

— Bem está, servo fiel, pois não erraste por intenção... Volta ao campo terrestre e reinicia a obra interrompida, renascendo sob o amparo das afeições que ajuntaste.

O terceiro adiantou-se e explicou:

— Senhor, devolvo-te o Conhecimento Espírita, intocado e puro, qual o recebi de tua munificência... O Conhecimento Espírita é luz, Senhor, e, com ele, aprendi que a tua Lei é dura demais, atribuindo a cada um conforme as próprias obras. De que modo usar uma lâmpada assim, brilhante e viva, se os homens na Terra estão divididos por pesadelos de inveja e ciúme, crueldade e ilusão? Como empregar o clarão de tua verdade sem ferir ou incomodar? e como incomodar ou ferir, sem trazer deploráveis consequências para mim próprio?

Sabes que a Verdade, entre os homens, cria problemas onde aparece... Em vista disso, tive medo de tua Lei e julguei como sendo a medida mais razoável para mim o acomodar-me com o sossego de minha casa... Assim pensando, ocultei o dom que me recomendaste aplicar e restituo-te semelhante riqueza, sem o mínimo toque de minha parte!...

O Sublime Credor, porém, entre austero e triste, ordenou que o tesouro do Conhecimento Espírita lhe fosse arrancado e entregue, de imediato, aos dois colaboradores diligentes que se encaminhariam para a Terra, de novo, declarando, incisivo:

— Servo infiel, não existe para a tua negligência outra alternativa senão a de recomeçares toda a tua obra pelos mais obscuros entraves do princípio...¹³

O servo displicente chora e pede equidade ao Senhor, lembrando-lhe que os demais companheiros receberam muitos bens (dinheiro, poder, conforto, habilidade, prestígio, inteligência e autoridade), enquanto ele recebeu apenas o conhecimento espírita. A resposta do Senhor merece profunda reflexão de todos nós:

O Senhor, entretanto, explicou brandamente: — Não desconheces que te atribuí a luz da Verdade como sendo o bem maior de todos. Se ambos os teus companheiros não acertaram em tudo, é que lhes faltava o discernimento que lhes podias ter ministrado, através do exemplo, de que fugiste por medo da responsabilidade de corrigir amando e trabalhar instruindo... Escondendo a riqueza que te emprestei, não só te perdeste pelo temor de sofrer e auxiliar, como também prejudicaste a obra deficitária de teus irmãos, cujos dias no mundo teriam alcançado maior rendimento no Bem Eterno, se houvessem recebido o quinhão de amor e serviço, humildade e paciência que lhes negaste!...¹⁴

Emmanuel, por sua vez, fecha o assunto, ao nos alertar sobre a importância de analisar como vivemos, como estamos conduzindo a nossa vida:

Com a precisa madureza do raciocínio, compreenderá o homem que toda a sua existência é um grande conjunto de negócios espirituais e que a vida, em si, não passa de ato religioso permanente, com vistas aos deveres divinos que nos prendem a Deus.

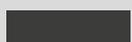
[...]

Todos os homens vivem na Obra de Deus, valendo-se dela para alcançarem, um dia, a grandeza divina. Usufrutuários de patrimônios que pertencem ao Pai, encontram-se no campo das oportunidades presentes, negociando com os valores do Senhor.

Em razão desta verdade, meu amigo, vê o que fazes e não te esqueças de subordinar teus desejos a Deus, nos negócios que por algum tempo te forem confiados no mundo.¹⁵

REFERÊNCIAS

- 1 KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. v. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo, SP: Vida Nova, 2017. it. 19:11-27, p. 270.
- 2 _____. _____. it. 19:1-10, p. 269.
- 3 _____. _____. it. 19:13; 19:15-19, p. 270.
- 4 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo São Lucas*, 19:1-10, p. 1.822.
- 5 CALLIGARIS, Rodolfo. *Páginas de espiritismo cristão*. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 2010. cap. 6.
- 6 _____. _____.
- 7 SCHUTEL, Cairbar. *O espírito do cristianismo*. 8. ed. Matão, SP: O Clarim, 2001. cap. 31, p. 171.
- 8 FRANCO, Divaldo Pereira. *Pelos caminhos de Jesus*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap.18, p. 117 a 119.
- 9 _____. _____. p. 119.
- 10 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo São Lucas*, 19:11-27, p. 1.822.
- 11 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. it. 19:11-27, p. 239.
- 12 XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Entre irmãos de outras terras*. Por diversos Espíritos. 7. ed. Brasília, DF: FEB, 1994. 1ª pt., cap. 30 [mensagem de Irmão X].
- 13 _____. _____.
- 14 _____. _____.
- 15 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 15. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 2.



PARTE V

Ministério de Jesus em Jerusalém

ENTRADA MESSIÂNICA EM JERUSALÉM

JESUS APROVA AS ACLAMAÇÕES DE SEUS
DISCÍPULOS. LAMENTAÇÃO SOBRE JERUSALÉM.
OS VENDEDORES EXPULSOS DO TEMPLO.
ENSINAMENTO NO TEMPLO (LC 19:28 A 48)

O final do capítulo 19 de *Lucas* e os capítulos subsequentes narram, sucessivamente, a chegada de Jesus a Jerusalém e todos os eventos daí decorrentes, registrados pela História, como Paixão, Crucificação e Ressurreição do Cristo.

Neste estudo, analisaremos a entrada de Jesus em Jerusalém, suas pregações e ações, o impacto que elas provocaram no povo, nos religiosos e nos discípulos. Tais acontecimentos também foram relatados por *Mateus* (21:1 a 11), *Marcos* (11:1 a 11) e *João* (12:12 a 19), que utilizaram a fonte protomarcos como referência.¹

34.1 ENTRADA MESSIÂNICA EM JERUSALÉM. JESUS APROVA AS ACLAMAÇÕES DE SEUS DISCÍPULOS (LC 19:28 A 40)²

²⁸E, dizendo tais coisas, Jesus caminhava à frente, subindo para Jerusalém. ²⁹Ao se aproximar de Betfagé e de Betânia, perto do monte chamado das Oliveiras, enviou dois discípulos, ³⁰dizendo: “Ide ao povoado da frente e, ao entrardes, encontrareis um jumentinho amarrado que ninguém ainda montou: soltando-o, trazei-o. ³¹E se alguém vos perguntar ‘Por que o soltais?’, respondereis: ‘O Senhor precisa dele’.” ³²Tendo partido, os enviados encontraram as coisas como ele lhes dissera. ³³Enquanto desamarravam o jumentinho, os donos perguntaram: ‘Por que soltais o jumentinho?’ ³⁴Responderam: ‘O Senhor precisa dele’.”

³⁵Levaram-no então a Jesus e, estendendo as suas vestes sobre o jumentinho, fizeram com que Jesus montasse. ³⁶Enquanto ele avançava, o povo estendia suas próprias vestes no caminho. ³⁷Já estava perto da descida do monte das Oliveiras,

quando toda a multidão dos discípulos começou, alegremente, a louvar a Deus com voz forte por todos os milagres que eles tinham visto.³⁸ Diziam:

*“Bendito aquele que vem,
o Rei, em nome do Senhor!*

*Paz no céu
e glória no mais alto dos céus!”*

³⁹Alguns fariseus da multidão lhe disseram: “Mestre, repreende teus discípulos”.

⁴⁰Ele, porém, respondeu: “Eu vos digo, se eles se calarem, as pedras gritarão”.

Naqueles tempos, era prática usual dos judeus e gentios enviarem mensageiros às diferentes localidades que, deslocando-se aos pares, cumpriam diversos serviços. Jesus também seguiu esse costume, enviando discípulos às aldeias e cidades com o intuito de preparar os habitantes a respeito de sua pregação.³ Um exemplo muito conhecido foi quando Jesus enviou 70 (ou 72 – conforme o relato do evangelista) discípulos a diferentes povoados para anunciarem o advento do Reino dos Céus (Lc 10:1 a 20), assertiva que seria confirmada com a posterior visita do Senhor.

A situação é, então, repetida quando o Mestre Nazareno e discípulos aproximam-se de Jerusalém: o Senhor fornece instruções específicas a dois discípulos como consta neste registro de *Lucas* (19:30 e 31): dizendo: *“Ide ao povoado da frente e, ao entrardes, encontrareis um jumentinho amarrado que ninguém ainda montou: soltando-o, trazei-o.¹ E se alguém vos perguntar ‘Por que o soltais?’, respondereis: ‘O Senhor precisa dele’”*. Em termos histórico-culturais, entrar em uma cidade montado em um animal expressava sentido régio, pois somente o próprio rei, alguém da realeza ou um mensageiro real poderiam agir dessa forma:

Soldados romanos ou emissários reais tinham o direito de se apropriar temporariamente de um animal. Os donos do jumentinho [do relato de *Lucas*] provavelmente veem o ato como parte da hospitalidade devida aos que iam à festa ou, talvez, como uma grande honra por ajudar um rabino famoso que passava por ali.

[...]

Os oficiais usavam jumentos nas procissões civis, não nas militares (1Rs 1:38). Portanto, o texto não retrata uma entrada triunfal no sentido das procissões militares romanas; trata-se, antes, da recepção em Jerusalém de um rei bondoso e pacífico. Jesus define seu papel régio conforme *Zacarias*, 9:9, e não de acordo com o Messias guerreiro esperado pelos judeus.⁴

A vinda de Jesus a Jerusalém e o final da sua estada entre nós (e todas as consequências daí decorrentes) merecem reflexões mais aprofundadas a

respeito do comportamento humano, que ainda se mantem prisioneiro das coisas transitórias da matéria. Neste sentido, reproduzimos, em seguida, o resultado de pesquisas realizadas no Plano Espiritual pelo Irmão X que, em belíssima e significativa mensagem, intitulada *Lição em Jerusalém*, fornece-nos detalhes a respeito da repercussão da chegada de Jesus a Jerusalém:

1) Considerações preliminares

- » *Muito significativa a entrada gloriosa de Jesus a Jerusalém [...]. A cidade conhecia-o, desde a sua primeira visita ao Templo, e muita gente, quando de sua passagem por ali acorria, pressurosa, a fim de ouvir as suas pregações.*⁵
- » *O povo judeu suspirava por alguém, com bastante autoridade, que o libertasse dos opressores. [...] A raça escolhida experimentava severas humilhações. O romano orgulhoso apertava a Palestina nos braços tirânicos.*⁵
- » *Quem operara prodígios iguais aos dele? Profeta algum atingira aquelas culminâncias. A ressurreição de Lázaro, enfaixado no túmulo, com sinais evidentes de decomposição cadavérica, espantava os mais ilustres descendentes de Abraão. Nem Moisés, o legislador inesquecível, conseguira realização daquela natureza.*⁶

2) Expectativas do povo em relação a Jesus

- » *Receberia o profeta com demonstrações diferentes. Mostraria aos prepostos de César que Jerusalém não renunciava aos propósitos de libertação, ciosa de sua autonomia, e, agora, mais que nunca, possuía um chefe político à altura dos acontecimentos.*⁷
- » *Jesus, certamente, não atenderia às imposições dos sacerdotes, nem se submeteria ao suborno, ante as promessas douradas dos áulicos imperiais.*⁷
- » *Em vista disso, quando o Mestre saiu de Betânia, a caminho da cidade, alinharam-se fileiras de populares, saudando-o festivamente. Anciões de barbas encanecidas acompanhavam o coro dos jovens: – “Hosanas ao filho de Davi!”. As mulheres gritavam, entusiasticamente, amparando criancinhas a sustentarem, com graça, verdes ramos de palmeira.*⁷

3) Atitude dos discípulos ante as manifestações populares

- » *Os discípulos, ladeando o Mestre, sentiam o efêmero júbilo provocado pelo mentiroso incenso da multidão. Os fiéis galileus, guindados inesperadamente ao cume da popularidade, inclinavam-se com desvanecimento, embriagados pelo triunfo.*⁷
- » *De espaço a espaço, esse ou aquele patriarca fazia sinais a Pedro, Filipe ou João, convidando-os a se pronunciarem discretamente:*
 - » – *Quando se manifestará o Messias?*⁷
- » *Os interpelados assumiam atitude de orgulhosa prudência e respondiam, quase sempre, a mesma coisa:*
 - » – *Estamos certos de que a homenagem de hoje é decisiva e o Messias dar-nos-á a conhecer o plano das nossas reivindicações.*⁷

4) A reunião de Jesus com os apóstolos

- » *Jesus agradecia aos manifestantes de Jerusalém com o olhar, mostrando, porém, melancólicos sorrisos. Demonstrando compreender a situação, logo após convocou os discípulos para uma reunião mais íntima, em que lhes diria algo de grave.*⁷
- » *Finda a reunião, e enquanto Jesus e Simão Pedro se demoravam em confidências, seis discípulos vieram, cautelosos, à via pública. A fisionomia deles denunciava preocupações e desencanto.*⁸

5) As respostas que os apóstolos transmitiram ao povo e aos religiosos, após a reunião com Jesus

Começaram os comentários, entre os intelectualistas de Jerusalém e os pescadores da Galileia.

– Que disse o profeta? – perguntou o patriarca, chefe daquele movimento de curiosidade – explicou-se, afinal?

– Sim – esclareceu Filipe com benevolência.

– E a base do programa de nossa restauração política e social?

– Recomendou o Senhor para que o maior seja servo do menor, que todos deveremos amar-nos uns aos outros.

– O sinal do movimento? – indagou o ancião de olhos lúcidos.

– Estará justamente no amor e no sacrifício de cada um de nós – replicou o apóstolo, humilde.

– Dirigir-se-á imediatamente a César, fundamentando o necessário protesto?

– Disse-nos para confiarmos no Pai e crermos também nele, nosso Mestre e Senhor – Não se fará, então, exigência alguma? – exclamou o patriarca, irritado.

– Aconselhou-nos a pedir ao Céu o que for necessário e afirmou que seremos atendidos em seu nome – explicou Filipe, sem se perturbar.

Entreolharam-se, admirados os circunstantes.

– E a nossa posição? – resmungou o velho – não somos o povo escolhido da Terra?

Muito calmo, o apóstolo esclareceu:

– Disse o Mestre que não somos do mundo, e por isso o mundo nos aborrecerá, até que o seu Reino seja estabelecido.

[...]

Dentro de alguns minutos, via-se a rua deserta.⁹

6) A missão de Jesus — a grande lição em Jerusalém

Desde essa hora, compreendendo que Jesus cumpria, acima de tudo, a Vontade de Deus, longe de qualquer disputa com os homens, a multidão abandonou-o. Os discípulos, reconhecendo também que ele desprezava todos os cálculos de probabilidade do triunfo político, retraíram-se, desapontados. E, desde esse instante, a perseguição do Sinédrio tomou vulto e o Messias, sozinho com a sua dor e com a sua lealdade, experimentou a prisão, o abandono, a injustiça, o açoite, a ironia e a crucificação.

Essa foi uma das últimas lições dele, entre as criaturas, dando-nos a conhecer que é muito fácil cantar hosanas a Deus, mas muito difícil cumprir-lhe a Divina Vontade, com o sacrifício de nós mesmos.¹⁰

34.2 LAMENTAÇÃO SOBRE JERUSALÉM. OS VENDEDORES EXPULSOS DO TEMPLO. ENSINAMENTO NO TEMPLO (LC 19:41 A 48)¹¹

⁴¹E, como estivesse perto, viu a cidade e chorou sobre ela, ⁴²dizendo: “Ah! Se neste dia também tu conhecesses a mensagem de paz! Agora, porém, isso está escondido a teus olhos. ⁴³Pois dias virão sobre ti, e os teus inimigos te cercarão com trincheiras, te rodearão e te apertarão por todos os lados. ⁴⁴Deitarão por terra a ti e a teus filhos no meio de ti, e não deixarão de ti pedra sobre pedra, porque não reconheceste o tempo em que foste visitada!”

⁴⁵E, entrando no Templo, começou a expulsar os vendedores, ⁴⁶dizendo-lhes: “Está escrito: *Minha casa será uma casa de oração*. Vós, porém, fizestes dela *um covil de ladrões!*”

⁴⁷E ensinava diariamente no Templo. Os chefes dos sacerdotes e os escribas procuravam fazê-lo perecer, bem como os chefes do povo. ⁴⁸Mas não encontravam o que fazer, pois o povo todo o ouvia, enlevado.

A passagem evangélica destaca três ações desenvolvidas por Jesus: previsão da destruição do Templo de Jerusalém; lamento pelo desprezo existente à mensagem de paz; e repúdio ao mercantilismo religioso.

A destruição total do Templo de Jerusalém — construído por Salomão em 970 a.C. e reconstruído por Herodes em 19 a.C., considerado o símbolo e o centro do poder religioso e político dos judeus — ocorreu em 8 de setembro do ano 70 d.C., pelos soldados romanos, comandados pelo general Tito. Nove anos após a destruição do Templo, Tito torna-se imperador romano, em razão da morte do imperador Vespasiano. Mais tarde, no local onde existiu o Templo, foi arguida uma construção em homenagem a Júpiter Capitolino, por Adriano, outro imperador romano, no ano 136 d.C. No ano 363, o imperador Juliano, o Apóstata, tentou reconstruir o Templo, na tentativa de provar que a profecia de Jesus estava errada, como consta em *Mateus* (24:1 e 2) ou neste registro de *Lucas* (19:43 e 44): “*Pois dias virão sobre ti, e os teus inimigos te cercarão com trincheiras, te rodearão e te apertarão por todos os lados. Deitarão por terra a ti e a teus filhos no meio de ti, e não deixarão de ti pedra sobre pedra, porque não reconheceste o tempo em que foste visitada!*”. Sabe-se, porém, que a tentativa do imperador Julião foi um fracasso total, porque, ao tentar erguer a construção, labaredas de fogo surgiam dos alicerces. Finalmente, no local foi construída uma mesquita de Omar.¹² Em 637, deu-se a conquista de Jerusalém pelos árabes muçulmanos, que, em 685, deram início à construção da mesquita. Em 690 era erigida a Cúpula do Rochedo que deu o nome depois à mesquita.¹³

Jesus lamenta sobre Jerusalém que, a despeito de expressar significativo poder religioso e político, não conseguia aprender a mensagem de paz transmitida por Ele e pelos profetas: todos eles foram perseguidos. Nesse contexto, orienta-nos como proceder em nossa incansável busca pela paz:

A exclamação de Jesus, junto de Jerusalém, aplica-se muito mais ao coração do homem — templo vivo do Senhor — que à cidade de ordem material, destinada à ruína e à desagregação nos setores da experiência.

Imaginemos o que seria o mundo, se cada criatura conhecesse o que lhe pertence à paz íntima.

[...]

Necessário é que cada um conheça o que lhe toca à tranquilidade individual. Guarde cada homem digna atitude de compreensão dos deveres próprios, e os fantasmas da inquietude estarão afastados. Cuide cada pessoa do que se lhe refira à conta particular, e dois terços dos problemas sociais do mundo surgirão naturalmente resolvidos.¹⁴

Os mercadores expulsos do Templo por Jesus reflete repúdio à prática mercantilista que ainda permanece nos dias atuais em diferentes organizações religiosas. Uma coisa é prestar assistência material aos desprovidos de recursos de subsistência; algo diferente é promover o comércio, sobretudo voltado para o enriquecimento de instituições e de líderes religiosos, como assinala Allan Kardec: “Jesus expulsou do templo os mercadores. Condenou assim o tráfico das coisas santas sob qualquer forma. Deus não vende a sua bênção, nem o seu perdão, nem a entrada no Reino dos Céus. Portanto, o homem não tem o direito de cobrá-los”.¹⁵

Em *Lucas*, 19:47 e 48, há o fechamento do capítulo que diz assim: *E ensinava diariamente no Templo. Os chefes dos sacerdotes e os escribas procuravam fazê-lo perecer, bem como os chefes do povo. Mas não encontravam o que fazer, pois o povo todo o ouvia, enlevado. Fiel ao seu compromisso com Deus, Pai e Criador, Jesus, o enviado celestial, persistia em sua missão de abrir os olhos e ouvidos dos humanos, compreendendo que, chegaria o dia em que a humanidade terrestre despertaria para os seus ensinamentos, à semelhança do povo que, sofrido e oprimido, o ouvia, enlevado (Lc 19:48), como esclarece Emmanuel:*

O povo e o Evangelho¹⁶

E não achavam meio de lhe fazerem mal, porque todo o povo pendia para ele, escutando-o. (Lucas, 19:48.)

A perseguição aos postulados do Cristianismo é de todos os tempos.

Nos próprios dias do Mestre Divino, nos círculos carnavais, já se exteriorizavam hostilidades de todos os matizes contra os movimentos da iluminação cristã. Em todas as ocasiões, no entanto, tem sido possível observar a gravitação do povo para Jesus. Entre Ele e a multidão, nunca se extinguiu o poderoso magnetismo da virtude e do amor.

Debalde surgem medidas draconianas da ignorância e da crueldade, em vão aparecem os prejuízos eclesiásticos do sacerdócio, quando sem luz na missão sublime de orientar; cientistas presunçosos, demagogos subornados por interesses mesquinhos, clamam nas praças pela consagração de fantasias brilhantes.

O povo, porém, inclina-se para o Cristo, com a mesma fascinação do primeiro dia. Indiscutivelmente, considerados num todo, achamo-nos ainda longe da união com Jesus, em sentido integral.

De quando em quando, a turba experimenta pavorosos desastres. Tormentas de sangue e lágrimas varrem-lhe os caminhos.

A claridade do Mestre, contudo, acena-lhe à distância. Velhos e crianças identificam-lhe o brilho santificado.

Os políticos do mundo formulam mil promessas ao espírito das massas; raras pessoas, entretanto, se interessam por semelhantes plataformas.

Os enunciados do Senhor, todavia, em cada século se renovam, sempre mais altos para a mente popular, traduzindo consolações e apelos imortais.

REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. it. Ministério em Jerusalém, p. 243.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 19:28-40, p. 1.823.
- 3 KEENER, Craig. S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. v. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo, SP: Vida Nova, 2017. it. 19:28-29, p. 271.
- 4 _____. _____. it. 19:30-34 e 19:35, p. 271.
- 5 XAVIER, Francisco Cândido. *Lázaro redivivo*. Pelo Espírito Irmão X. 13. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 17.
- 6 _____. _____.
- 7 _____. _____.
- 8 _____. _____.
- 9 _____. _____.
- 10 _____. _____.
- 11 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 19:41-48, p. 1.823 e 1.824.
- 12 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo, SP: Hagnos, 2005. verbete: Templo, p. 1.202.
- 13 A GRANDE MESQUITA DE JERUSALÉM: [https://www.infopedia.pt/\\$grande-mesquita-de-jerusalem](https://www.infopedia.pt/$grande-mesquita-de-jerusalem).
- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 38.
- 15 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 26, it. 6.
- 16 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 15. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 47.

QUESTÃO DOS JUDEUS SOBRE A AUTORIDADE DE JESUS

PARÁBOLA DOS VINHATEIROS HOMICIDAS. O TRIBUTO A CÉSAR. A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS. CRISTO, FILHO E SENHOR DE DAVI. JESUS JULGA OS ESCRIBAS (LC 20:1 A 47)

Os registros que integram o capítulo 20 do *Evangelho segundo Lucas*, exceto os versículos 36 e 37 — *pois nem mesmo podem morrer: são semelhantes aos anjos e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição. Ora, que os mortos ressuscitam, também Moisés o indicou na passagem da sarça, quando diz: o Senhor Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacó* —, e que devem ser, possivelmente, um acréscimo editorial, derivam da fonte protomarcos¹ e têm paralelos em *Mateus* (21:23 a 27) e *Marcos* (11:27 a 33).

35.1 QUESTÃO DOS JUDEUS SOBRE A AUTORIDADE DE JESUS (LC 20:1 A 8)²

¹Aconteceu que, certo dia, enquanto ele ensinava o povo no Templo, anunciando a Boa Nova, os chefes dos sacerdotes, os escribas e os anciãos se apresentaram, ²dizendo-lhe: “Dize-nos com que autoridade fazes estas coisas, ou quem é que te concedeu esta autoridade?” ³Ele respondeu: “Também eu vou propor-vos uma questão. Dizei-me: ⁴O batismo de João era do Céu ou dos homens?” ⁵Eles, porém, raciocinavam entre si, dizendo: “Se respondermos ‘Do Céu’, ele dirá: ‘Por que não crestes nele?’ ⁶Se respondermos ‘Dos homens’, o povo todo nos apedrejará, porque está convicto de que João é um profeta”. ⁷E responderam que não sabiam de onde era. ⁸Jesus lhes disse: “Nem eu vos digo com que autoridade faço estas coisas”.

O que se destaca, nitidamente nessa passagem evangélica, é o questionamento da autoridade de Jesus por parte dos membros do Sinédrio, como os chefes dos sacerdotes, os escribas e os anciãos. A verdade é que eles não aceitavam Jesus nem como profeta e muito menos como o Messias

aguardado, a despeito da autoridade moral do Senhor, o conhecimento que demonstrava a respeito da lei e tradições do Judaísmo, assim como a notória e crescente simpatia que recebia por parte do povo. Dessa forma, Jesus fazia suas preleções diárias no Templo, visto que as preleções da época eram dadas nos templos, então considerados lugares públicos.³

Para eles, Jesus seria um agitador perigoso da Galileia [...], um demagogo (mas que deveria merecer tratamento cortês). A elite, na Antiguidade, via com maus olhos os demagogos que arrastavam consigo as massas populares, em vez de apelar aos sentimentos aristocráticos, como se esperava de pessoas “honradas”.⁴

Jesus exercia, efetivamente, poder junto ao povo, mas, sobretudo, por operar prodígios, atraía a simpatia de diferentes representantes das classes sociais reinantes. Tudo isso causava temor à aristocracia sacerdotal, vaidosos e muito zelosos pela posição que ocupam na sociedade: “Não reconheciam como legítima qualquer outra fonte humana de autoridade, nem considerariam outros indivíduos autorizados por Deus; os sacerdotes, presumivelmente, acreditavam que Deus lhes tinha dado autoridade, e não a outros [...]”⁴

Contudo, esclarece Carlos Torres Pastorino (1910–1980), cientes do poder exercido por Jesus, os chefes dos sacerdotes, os escribas e os anciãos, resolveram interpelá-lo, depois de terem observado atentamente aquele galileu de origem social humilde, que jamais estudara em escolas, “[...] e que, não obstante, demonstrava sabedoria profunda em Suas palavras, poder mágico em Suas ações e irresistível força de liderança popular, movimentando as massas, como em tempo algum, haviam eles conseguido”.⁵

— Com que poder oculto fazes todas essas coisas? Quem te deu esse poder [...]? Quiçá tinham a esperança de ser-lhes revelado o segredo espiritual, que eles, como autoridade pretendiam ter o direito de saber, e que os animasse a estudar o caso, aceitando-o, se convencidos da proveniência Divina, ou rejeitando-o se não fosse provada essa origem com plena nitidez.

Haviam perguntado duas coisas e ansiosamente aguardavam resposta. Jesus utiliza o processo rabínico de responder com outra pergunta, mas salienta que, em vez de duas, lhes fará uma só [...].⁶

A pergunta de Jesus faz referência a João Batista: *Dizei-me: O batismo de João era do Céu ou dos homens?* (Lc 20:4). Surpreendidos com a indagação, as autoridades religiosas ficaram sem saber o que responder, como consta neste outro registro de *Lucas* (20:5 a 7): *“Eles, porém, raciocinavam entre si, dizendo: ‘Se respondermos ‘do Céu’, ele dirá: ‘Por que não crestes nele?’ ‘Se respondermos ‘dos homens’, o povo todo nos apedrejará, porque está convicto de que João é um profeta’.”* *“E responderam que não sabiam de onde era. Ao*

ouvir essa resposta evasiva, Jesus informa-lhes com convicção, colocando aqueles arrogantes religiosos no devido lugar: ⁸*Jesus lhes disse: “Nem eu vos digo com que autoridade faço estas coisas”* (Lc 20:8).

Ao leitor desatento, pode parecer sem sentido o diálogo ocorrido entre Jesus e os sacerdotes, sobretudo quando seguimos atentamente a sequência da conversa ocorrida: a) Jesus estava pregando a Boa-Nova no Templo; b) um grupo de religiosos da elite sacerdotal resolve interrogá-lo a respeito da origem do seu poder e dos prodígios operados; c) Jesus não dá uma resposta direta e os indaga se o batismo realizado por João Batista era do Céu; d) surpresos, os sacerdotes hesitam em transmitir a verdadeira resposta: a de que não aceitaram o batismo do arrependimento praticado por João Batista e que não o consideravam um profeta.

Jesus sabia perfeitamente o que se passava no íntimo daqueles religiosos que, publicamente, eram corteses e fingiam apoio, mas, de fato, rejeitava-o. Então, quando Jesus pergunta-lhes se o batismo realizado por João Batista era de inspiração divina ou não, toca em uma questão muito delicada, não resolvida pelo clero judaico. O Senhor concedeu àqueles religiosos a oportunidade de revelarem ao povo o que pensavam a respeito de João Batista (e, conseqüentemente, do próprio Jesus). Contudo, se eles optassem em por responder o que, efetivamente, o povo pensava a respeito do batismo e de João Batista, teriam de admitir, publicamente, outras questões naturalmente aceitas pela multidão, mas não por eles, os representantes da lei de Moisés: a) João Batista teria sido o precursor do Messias, como o próprio Batista afirmara; b) Jesus era o Messias Divino aguardado pelo povo judeu. João Moutinho esclarece a respeito:

O batismo de João — a voz que clama no deserto — não tinha respaldo nas leis de Moisés. Recomendado pelo seu mentor espiritual, o batismo do arrependimento consistia simbolicamente na preparação espiritual do homem ao convite de Jesus, de quem o Batista fora precursor. A finalidade principal do batismo [realizado pelo Batista], no entanto, consistia em identificar o Cristo, o Grande Esperado, apresentando-o ao público, motivo por que declara: *“Eu o vi, e testifico que Ele é o Cristo, o filho de Deus.”* (João, 1:34).⁷

35.2 PARÁBOLA DOS VINHATEIROS HOMICIDAS (LC 20:9 A 19)⁸

⁹E começou a contar ao povo esta parábola: “Um homem plantou uma vinha, depois arrendou-a a vinhateiros e partiu para o estrangeiro por muito tempo.

¹⁰No tempo oportuno, enviou um servo aos vinhateiros, para que lhe entregassem uma parte do fruto da vinha; os vinhateiros, porém, o despediram sem nada, depois de o terem espancado. ¹¹Enviou de novo outro servo; e a este também espancaram, insultaram e o despediram sem nada. ¹²Enviou ainda um terceiro; a este igualmente feriram e o lançaram fora. ¹³Disse então o dono da vinha: “Que vou fazer?... Enviarei o meu filho amado. Quem sabe vão poupá-lo” ¹⁴Ao vê-lo, porém, os vinhateiros raciocinavam: “Este é o herdeiro; matemo-lo, para que a herança fique para nós” ¹⁵E, lançando-o para fora da vinha, o mataram.

Pois bem, que lhes fará o dono da vinha? ¹⁶Virá e destruirá esses vinhateiros, e dará a vinha a outros”. Ouvindo isso, disseram: “Que isso não aconteça!” ¹⁷Jesus, porém, fixando neles o olhar, disse: “Que significa então o que está escrito:

A pedra que os edificadores tinham rejeitado tornou-se a pedra angular?

¹⁸Aquele que cair sobre essa pedra vai se quebrar todo, e aquele sobre quem ela cair, ela o esmagará”.

¹⁹Os escribas e os chefes dos sacerdotes procuravam deitar a mão sobre ele naquela hora. Tinham percebido que ele contara essa parábola a respeito deles. Mas ficaram com medo do povo.

Consta nessa passagem evangélica uma advertência de Jesus aos maus líderes, os quais não hesitam em praticar crimes, para obter vantagens pessoais: “Jesus se dirige ainda àqueles que se acham governantes de Israel, advertindo-os de que são meramente guardiães designados por Deus para cuidar de sua vinha [...]”⁹

Os donos da terra tinham sempre poder, tanto social como legal, de impor a sua vontade aos arrendatários; alguns donos, segundo fontes antigas, chegavam a dispor de bandos de capangas para lidar com os agricultores mais problemáticos. Os arrendatários, aqui, agem como se fossem os poderosos e praticam abusos de poder sem a menor misericórdia (uma cena oposta ao ideal antigo do *patrono* ou dono das terras *benevolente*). A parábola está de acordo com a tradição judaica de que Israel martirizou muitos profetas que Deus lhe enviou.¹⁰

Allan Kardec apresenta-nos a seguinte interpretação da Parábola dos Vinhateiros Homicidas:

O pai de família é Deus; a vinha que Ele plantou é a lei que estabeleceu; os vinhateiros a quem arrendou a vinha são os homens que devem ensinar e praticar a lei; os servos que enviou aos arrendatários são os profetas que estes últimos massacraram; seu filho, enviado por último, é Jesus, a quem eles igualmente mataram. Como tratará o Senhor os seus mandatários prevaricadores da lei? Tratá-los-á como seus enviados foram por eles tratados e chamará outros arrendatários que lhe prestem melhores contas da sua propriedade e do proceder do seu rebanho.¹¹

A Parábola dos Vinhateiros Homicidas é lição atemporal, cujos personagens principais — os vinhateiros homicidas — são almas infelizes que optaram por delinquirem, agindo contra os preceitos da Lei de Deus. Cedo ou tarde, a Lei de Causa e Efeito as alcançam e, sofredoras, são submetidas aos dolorosos processos do reajuste espiritual. A propósito, a benfeitora Joanna de Ângelis transmite-nos as seguintes ponderações, considerando que todos nós, Espíritos em busca de ascensão, cometemos delitos, de uma forma ou de outra:

Delinquentes — que, ou pessoa que delinuiu.

Delinquir — cometer delitos.

[...]

Não reclames da própria *sorte*.

Examina os teus débitos em começo e para nos compromissos negativos.

A escada que conduz à queda moral não tem último degrau; sempre leva para mais baixo.

A ligação com a irresponsabilidade ou a ambição não se rompe facilmente.

O primeiro engano, quando não corrigido, é convite a outro engano.

O sabor do ludíbrio (engano) ao próximo é ópio mentiroso.

O delito em planeamento mental é crime em corporificação.

Submete-te aos fatores cármicos do teu nascimento e rejubila-te com eles.¹²

35.3 O TRIBUTO A CÉSAR (LC 20:20 A 26)¹³

²⁰E ficaram de espreita. Enviaram espíões que se fingiram de justos, para surpreendê-lo em alguma palavra sua, a fim de entregá-lo ao poder e à autoridade do governador. ²¹E o interrogaram: “Mestre, sabemos que falas e ensinas com retidão, e, sem levar em conta a posição das pessoas, ensinas de fato o caminho de Deus. ²²É lícito a nós pagar o tributo a César ou não?». ²³Ele, porém, penetrando-lhes a astúcia, disse: ²⁴“Mostrai-me um denário. De quem traz a imagem e a inscrição?”. Responderam: “De César”. ²⁵Ele disse, então: “Devolvei, pois, o que é de César a César, e o que é de Deus a Deus”.

²⁶E foram incapazes de surpreendê-lo em alguma palavra diante do povo e, espantados com a sua resposta, ficaram em silêncio.

Temos aqui mais uma demonstração da superioridade moral e intelectual de Jesus que, por meio de um diálogo simples, ensina como devemos lidar com as coisas transitórias ou materiais e com as eternas ou de Deus. “Dá a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”, é o grande desafio que a Humanidade enfrenta em seu processo evolutivo. A querida benfeitora

Amélia Rodrigues transmite-nos lúcidas considerações a respeito dessa passagem do Evangelho:

Agredido pela astúcia dos fariseus, mediante as inquirições habilmente formuladas para O confundir ou comprometer, sem fugir à proposta mesmo desonesta, Ele devolvia a indagação, facultando ao interlocutor responder-se. Essa técnica revelava a Sua compaixão pelos infelizes, permitindo-os despertar para as realidades que buscavam ignorar.

— É lícito pagar-se o tributo? — inquiriram, astuciosamente.

E Ele, pulcro e honrado, redarguiu, tomando de uma moeda:

— Que vedes?

— A efígie de César — aclamaram.

— Dai, então, a César o que é de Cesar... — concluiu, fundamentado nas palavras do interrogante.

Não poucas vezes, o fato se repetiria.

Sua palavra era aragem abençoada e refrescante que perpassava, adentrando-se pelos poros do sentimento; outras vezes, alteava-se, vibrante, verberando o erro, o crime, como vento forte que afasta os miasmas da atmosfera e purifica o tempo...

[...]

Porque penetrasse o cerne das necessidades humanas, o Seu era sempre o verbo da misericórdia e da compaixão, aplicado como bálsamo nas feridas abertas das aflições prementes, facultando alegrias porvindouras.

[...]

Vestia o pensamento sem os atavios das superficialidades. Todavia, seus conceitos jamais foram superados, seja na beleza da forma e poesia ou na profundidade da ideia.¹⁴

35.4 A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS. CRISTO, FILHO E SENHOR DE DAVI. JESUS JULGA OS ESCRIBAS (LC 20:27 A 47)¹⁵

²⁷Aproximando-se alguns dos saduceus — que negam existir ressurreição — ²⁸interrogaram-no: “Mestre, Moisés deixou-nos escrito: *Se alguém tiver um irmão casado e este morrer sem filhos, tomará a viúva e suscitará descendência para seu irmão.* ²⁹Ora, havia sete irmãos. O primeiro tomou mulher e morreu sem filhos. ³⁰Também o segundo, ³¹e depois o terceiro a tomaram; e assim os sete morreram sem deixar filhos. ³²Por fim, também a mulher morreu. ³³Essa mulher, na ressurreição, de qual deles vai se tornar mulher? Pois todos os sete a tiveram por mulher”.

³⁴Jesus lhes respondeu: “Os filhos deste século casam-se e dão-se em casamento; ³⁵mas os que forem julgados dignos de ter parte no outro mundo e

na ressurreição dos mortos, não tomam nem mulher nem marido; ³⁶como também não podem morrer: são semelhantes aos anjos e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição. ³⁷Ora, que os mortos ressuscitam, também Moisés o indicou na passagem da sarça, quando diz: o Senhor *Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacó*. ³⁸Ora, ele não é Deus de mortos, mas sim de vivos; todos, com efeito, vivem para ele”.

³⁹Tomando então a palavra, alguns escribas disseram-lhe: “Mestre, falaste bem”.

⁴⁰E já ninguém ousava interrogá-lo sobre coisa alguma.

⁴¹Disse-lhes então: “Como se pode dizer que o Cristo é filho de Davi? ⁴²Se o próprio Davi diz no livro dos Salmos:

O Senhor disse ao meu Senhor:

Senta-te à minha direita,

⁴³*até que eu ponha teus inimigos*

como escabelo para teus pés.

⁴⁴Davi, portanto, o chama Senhor; então, como pode ser seu filho?”.

⁴⁵Como todo o povo o escutava, ele disse aos discípulos: ⁴⁶Cuidado com os escribas que sentem prazer em circular com togas, gostam de saudações nas praças públicas, dos primeiros lugares nas sinagogas e de lugares de honra nos banquetes, ⁴⁷que devoram as casas das viúvas e simulam fazer longas orações. Esses receberão uma sentença mais severa!”.

Nesse último trecho do capítulo 20 do *Evangelho segundo Lucas*, percebe-se, nitidamente, as dificuldades da interpretação literal de grande parte dos religiosos, do passado e do presente. Por desconhecerem a realidade espiritual do Espírito, perdem um tempo precioso da existência em questões secundárias ou terciárias, transformando a religião — que, em princípio, significa *religar a criatura a Deus*— em um conjunto de práticas ritualísticas e manifestações de culto externo, alimentadoras do orgulho e da vaidade, como se constata nos três últimos versículos do texto de *Lucas* (20:45 a 47):

⁴⁵Como todo o povo o escutava, ele disse aos discípulos: ⁴⁶“Cuidado com os escribas que sentem prazer em circular com togas, gostam de saudações nas praças públicas, dos primeiros lugares nas sinagogas e de lugares de honra nos banquetes, ⁴⁷que devoram as casas das viúvas e simulam fazer longas orações. Esses receberão uma sentença mais severa!”.

O conhecimento a respeito da ressurreição dos mortos, assunto que a maioria dos religiosos não entendia ou não aceitava (saduceus), era assinalado por ideias confusas, contraditórias, mesmo entre os judeus de origem grega. *Ressurreição e reencarnação* eram palavras consideradas sinônimas, ainda que o conceito de ambas fosse antiquíssimo, sobretudo entre filósofos ocidentais e religiosos do oriente que, em síntese, significa: *ressurreição* refere-se à

imortalidade do Espírito, que sobrevive, na realidade extrafísica, após a morte do corpo físico; *reencarnação*, é o retorno do Espírito a uma nova existência física, em outro corpo, pois, consoantes as palavras de Jesus, Deus “não é Deus de mortos, mas sim de vivos; todos, com efeito, vivem para ele” (Lc 20:38).

A respeito de ressurreição, Cairbar Schutel apresenta a seguinte ordem de ideias:

A Ressurreição dos Mortos tem servido de escândalo para os sacerdotes de todas as épocas. [...]

Se a religião é o laço que nos une a Deus, esse laço forçosamente se perpetua na Vida Eterna por inúmeros degraus ascendentes de perfeição espiritual, manifestados pela ressurreição, sem o que não teríamos conhecimento deles.

A prevalecer a morte, se extingue toda a perfeição, toda a felicidade. A não vigorar a ressurreição dos mortos, os laços que nos unem a Deus ficam destruídos, e a fé se torna vã, o amor fraterno não pode prevalecer.

Por que Cristo ressuscitou? Para demonstrar a Imortalidade. À Maria Madalena Ele diz: “Vai a meus irmãos e dize-lhes que subo ao meu Pai e vosso Pai”. A Tomé disse: “Chega aqui o teu dedo e olha as minhas mãos; chega também a tua mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente”.

No *Evangelho de Lucas*, cap. 24, v. v. 38-39: “Por que vos turbais? E por que se levantam dúvidas nos vossos corações? Olhai para as minhas mãos e meus pés, pois sou eu mesmo”.

O que quer dizer tudo isso? não é a demonstração da Imortalidade pela ressurreição?¹⁶

Ninguém morre, na verdade; somente a vestimenta física. O Espírito permanece vivo em diferentes dimensões da vida, encarnado ou desencarnado, prosseguindo em sua permanente caminhada evolutiva, ascendendo a planos cada vez mais elevados. Estamos sempre vivos, ensina o querido Emmanuel:

Considerando as convenções estabelecidas em nosso trato com os amigos encarnados, de quando em quando nos referimos à vida espiritual utilizando a palavra “morte” nessa ou naquela sentença de conversação usual. No entanto, é imprescindível entendê-la, não por cessação e sim por atividade transformadora da vida.

Espiritualmente falando, apenas conhecemos um gênero temível de morte – a da consciência denegrada no mal, torturada de remorso ou parálitica nos despenhadeiros que marginam a estrada da insensatez e do crime.

É chegada a época de reconhecermos que todos somos vivos na Criação Eterna.

Em virtude de tardar semelhante conhecimento nos homens, é que se verificam grandes erros. Em razão disso, a Igreja Católica Romana criou, em sua teologia, um céu e um inferno artificiais; diversas coletividades das organizações evangélicas protestantes apegam-se à letra, crenes de que o corpo, vestimenta

material do Espírito, ressurgirá um dia dos sepulcros, violando os princípios da Natureza, e inúmeros espiritistas nos têm como fantasmas de laboratório ou formas esvoaçantes, vagas e aéreas, errando indefinidamente.

Quem passa pela sepultura prossegue trabalhando e, aqui, quanto aí, só existe desordem para o desordeiro. Na Crosta da Terra ou além de seus círculos, permanecemos vivos invariavelmente.

[...]

Guardemos a lição do Evangelho e jamais esqueçamos que Nosso Pai é Deus dos vivos imortais.¹⁷

REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. cap. 20, it. b – Tentativas de incriminar Jesus, p. 246.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 20:1-8, p. 1.824.
- 3 KEENER, Craig. S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. v. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017. it. 20:1-8: Com que autoridade?, p. 272.
- 4 _____. _____. it. 20:1-2, p. 272.
- 5 PASTORINO, Carlos Torres. *Sabedoria do evangelho*. v. 7. Rio de Janeiro, RJ: Sabedoria, 1970. cap. *O poder de Jesus*, p. 21.
- 6 _____. _____. p. 22.
- 7 MOUTINHO, João de Jesus. *Notícias do reino*. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 2009. cap. 11.
- 8 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 20:9-19, p. 1.824.
- 9 KEENER, Craig. S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. v. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo, SP: Vida Nova, 2017. it. 20:9-18, p. 272.
- 10 _____. _____. it. 20:11-12, p. 272 e 273.
- 11 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 17, it. 30.

- 12 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dimensões da verdade*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. (Edição comemorativa de 50 anos). Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 40, p. 164 e 165.
- 13 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 20:20-26, p. 1.924 e 1.925.
- 14 FRANCO, Divaldo Pereira. *Há flores no caminho*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 9. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 12, p. 75 e 76.
- 15 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 20:20-26, p.1.925.
- 16 SCHUTEL, Cairbar. *Vida e atos dos apóstolos*. 10. ed. Matão, SP: 2006. cap. *A Defesa de Paulo — A ressurreição dos mortos*, p. 202.
- 17 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 42.

A OFERTA DA VIÚVA

DISCURSO SOBRE A RUÍNA DE JERUSALÉM. INTRODUÇÃO.
OS SINAIS PRECURSORES. O CERCO. A CATÁSTROFE E
OS TEMPOS PAGÃOS. AS CATÁSTROFES CÓSMICAS E
A MANIFESTAÇÃO GLORIOSA DO FILHO DO HOMEM.
PARÁBOLA DA FIGUEIRA. VIGIAR PARA NÃO SER
SURPREENDIDO. OS ÚLTIMOS DIAS DE JESUS (LC 21:1 A 38)

Diferentes assuntos são apresentados no capítulo 21 do *Evangelho segundo Lucas*. No entanto, percebe-se que há uma linha mestra que une as ideias entre si, à semelhança de um marco, que indica a ocorrência de mais um impulso evolutivo da humanidade terrestre. Trata-se de um período de transformação intelecto-moral, denominado no meio espírita de *Transição Espiritual* ou *Transição Planetária* que, a despeito do progresso esperado, não está isento de provações, algumas dolorosas, nem da presença de indivíduos — denominados falsos profetas ou falsos cristos — que, inescrupulosamente, aproveitam-se dos momentos desafiantes para obterem vantagens em benefício próprio.

Quase todas essas passagens foram amplamente comentadas nas referências de *O evangelho de Mateus*. As seções que não foram comentadas em *Mateus* são comentadas aqui [por *Lucas*]. Pode ser visto que esse texto de *Lucas* conta com algum deslocamento de material, isto é, *Lucas* apresenta as mesmas declarações como se tivessem sido proferidas em conexões históricas diferentes das que são dadas em outros evangelhos. [...].¹

36.1 A OFERTA DA VIÚVA. DISCURSO SOBRE A RUÍNA DE JERUSALÉM. INTRODUÇÃO (LC 21:1 A 7)²

¹Levantando os olhos, ele viu os ricos lançando ofertas no Tesouro do Templo.

²Viu também uma viúva indigente, que lançava duas moedinhas, ³e disse: “De fato, eu vos digo que esta pobre viúva lançou mais do que todos, ⁴pois todos aqueles deram do que lhes sobrava para as ofertas; esta, porém, na sua penúria, ofereceu tudo o que possuía para viver”.

⁵Como alguns dissessem a respeito do Templo que era ornado de belas pedras e de ofertas votivas [voluntárias], disse: ⁶“Contemplai essas coisas... Dias irão em que não ficará pedra sobre pedra que não seja demolida!”. ⁷Perguntaram-lhe então: “Quando será isso, Mestre, e qual o sinal de que essas coisas estarão para acontecer?”.

A pequena contribuição ou o óbolo da viúva e o *anúncio da destruição do Templo de Jerusalém* são assuntos centrais desse registro de *Lucas*. O primeiro reflete o princípio da manifestação do amor, do sacrifício e da renúncia quando, aquela viúva, compartilha com outrem o pouco do que ela possuía. Emmanuel denomina a humilde doação da viúva como uma “semente divina”:

Não menosprezes a migalha de cooperação com que possas incentivar a sustentação das boas obras.

Recorda o óbolo da viúva, destacado por Jesus como sendo a dádiva mais rica aos serviços da fé, pelo sacrifício que a oferenda representava. Não apenas isso. Rememoremos o dia em que o Senhor, abençoando cinco pães e dois peixes, alimentou extensa multidão de famintos.

Em verdade, quaisquer migalhas conosco ou simplesmente por nós serão sempre migalhas, mas se levadas ao serviço do bem, com Jesus, serão *sementes divinas* de paz e alegria, instrução e progresso, beneficência e prosperidade no mundo inteiro.³

O segundo assunto, a destruição do Templo de Jerusalém que ocorreu, efetivamente, no ano 70 da nossa era, pelos romanos sob o comando do general Tito (mais tarde imperador romano). Tal fato indica o valor absolutamente transitório das edificações materiais. Embora esse assunto tenha sido estudado no Tema 34, item 34.2 (*Lucas*, 19:41 a 48), acrescentamos que essa previsão de Jesus causou um certo impacto, pois, para a maioria dos religiosos e do povo, era difícil imaginar que o Templo de Jerusalém, uma das edificações mais suntuosas e fortes da Antiguidade, pudesse ser destruído,⁴ ainda que existissem pessoas que pensavam de forma diferente: “Outros grupos também aguardavam o juízo contra o Templo, mas a maioria dos judeus [...] via o santuário como um símbolo da unidade judaica e ficaria horrorizada com a ideia de que Deus permitisse a sua destruição. [...]”⁵

A politicagem do clero, as interpretações literais da Lei de Deus, apoiadas nas manifestações de rituais e em cultos externos, as intrigas palacianas, junto ao administrador Herodes ou ao invasor romano, demonstravam que o verdadeiro espírito religioso já não existia no Templo:

O Templo tinha sido construído sobre uma massa sólida de alvenaria quase tão alta como as mais altas espirais de um templo de hoje em dia. Não se admira que os discípulos se tivessem admirado diante das dimensões avantajadas do Templo. Jesus, porém, não estava impressionado. Ele media tudo pela percepção espiritual e, ao contemplar o Templo, via apenas ruínas, pois o Espírito do Senhor se tinha afastado dali.⁶

Inspirado, Vinícius (Pedro de Camargo) pondera com bom senso:

Geralmente, os homens enchem-se de entusiasmo diante dos grandes e custosos edifícios, e de todas as obras vultosas, que afetam os sentidos.

[...]

E, afinal, que é tudo isso senão *chapada materialidade*? De que serve todo esse progresso material, desacompanhado do respectivo progresso moral? Onde estão os grandes impérios e as grandes potências que deslumbraram o mundo com seu poderio, com suas riquezas, com suas vastas, opulentas e luxuosas capitais? Onde está a potentíssima Roma dos Césares? Onde está a Grécia, berço das artes, da filosofia e da cultura física? Onde está o Egito com suas ciências? De todas essas grandezas não existe mais pedra sobre pedra! Tudo ruiu por terra, transformou-se em ruínas, tal como sucedeu no ano 70 à famosa capital dos Judeus, cumprindo-se a profecia do Senhor

[...]

Jerusalém é um símbolo. O vaticínio que lhe foi predito estende-se ao mundo inteiro.

[...]

Hoje, mais do que nunca, cumpre despertar a Humanidade, chamando-lhe a atenção para as proféticas palavras do incomparável Vidente: Vês todas essas grandezas do século? Dias virão em que não ficará pedra sobre pedra, que não seja derribada. Os que têm olhos de ver, e ouvidos de ouvir, vejam e ouçam.⁷

36.2 OS SINAIS PRECURSORES. O CERCO. A CATÁSTROFE E OS TEMPOS PAGÃOS (LC 21:8 A 24)⁸

⁸Respondeu: “Atenção para não serdes enganados, pois muitos virão em meu nome, dizendo ‘Sou eu!’ e ainda: ‘O tempo está próximo!’ Não os sigais! ⁹Quando ouvirdes falar de guerras e subversões, não vos atemorizeis; pois é preciso que primeiro aconteça isso, mas não será logo o fim”. ¹⁰Disse-lhes então: “Levantar-se-á nação contra nação e reino contra reino. ¹¹E haverá grandes terremotos e pestes e fomes em todos os lugares; aparecerão fenômenos pavorosos e grandes sinais vindos do céu.

¹²Antes de tudo isso, porém, hão de vos prender, de vos perseguir, de vos entregar às sinagogas e às prisões, de vos conduzir a reis e governadores por causa do meu nome, ¹³e isso vos será ocasião de testemunho. ¹⁴Tende presente

em vossos corações não premeditar vossa defesa; ¹⁵pois eu vos darei eloquência e sabedoria, às quais nenhum de vossos adversários poderá resistir, nem contradizer. ¹⁶Sereis traídos até por vosso pai e mãe, irmãos, parentes, amigos, e farão morrer pessoas do vosso meio, ¹⁷e sereis odiados de todos por causa de meu nome. ¹⁸Mas nem um só cabelo de vossa cabeça se perderá. ¹⁹É pela perseverança que mantereis vossas vidas!

²⁰Quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabei que está próxima a sua devastação. ²¹Então, os que estiverem na Judéia Judeia fujam para os montes, os que estiverem dentro da cidade saiam e os que estiverem nos campos não entrem nela, ²²porque serão dias de punição, nos quais deverá cumprir-se tudo o que foi escrito”. ²³Ai daquelas que estiverem grávidas e estiverem amamentando naqueles dias!

Com efeito, haverá uma grande angústia na terra e cólera contra este povo. ²⁴E cairão ao fio da espada, levados cativos para todas as nações, e *Jerusalém será pisada por nações* até que se cumpram os tempos das nações.

Nessa passagem evangélica, Jesus alerta a respeito do perigo dos falsos profetas e anuncia os sinais que caracterizarão a era de transição planetária, marcada por diferentes tipos de sofrimentos: guerras, doenças e flagelos da Natureza (furações, tempestades, abalos sísmicos etc.). Esse texto de *Lucas* é conciso em comparação com o registro de *Mateus* (24:1 a 51), que é bem mais detalhado. Neste sentido, pedimos ao leitor que se reporte ao Livro II — *Estudo Interpretativo do Evangelho segundo Mateus* —, Tema 54, deste programa de *O Evangelho Redivivo*.

Os falsos profetas, encarnados ou desencarnados, são oportunistas que, ante uma situação problemática, muitas vezes marcada por sofrimentos, aproveitam-se para acumular benefícios em proveito próprio. São Espíritos embusteiros que agem em sentido oposto às ações dos verdadeiros profetas, assim conceituados por Allan Kardec:

No sentido evangélico, a palavra profeta tem mais ampla significação. Diz-se de todo enviado de Deus com a missão de instruir os homens e de lhes revelar as coisas ocultas e os mistérios da Vida Espiritual. Portanto, um homem pode ser profeta, sem fazer predições. [...] Entretanto, deu-se o caso de haver profetas que tiveram a presciência do futuro, quer por intuição, quer por revelação providencial, a fim de transmitirem avisos aos homens. Tendo-se realizados os acontecimentos preditos, o dom de predizer o futuro foi considerado como um dos atributos da qualidade de profeta.⁹

Lucas (21:8) inseriu, logo no início, a advertência de Jesus relacionada aos falsos profetas ou falsos cristos: *Respondeu: “Atenção para não serdes enganados, pois muitos virão em meu nome, dizendo ‘Sou eu’ e ainda: ‘O tempo está próximo!’.* Não os sigais!”. Trata-se de um assunto que deve

merecer atenção e reflexão: sabemos que há muitos Espíritos enganadores no mundo, às vezes situados muito próximos. Mas em épocas de calamidades sempre surgem aqueles que se aproveitam de uma situação dolorosa para se beneficiarem materialmente. São almas notoriamente imperfeitas, materialistas e inescrupulosas. Daí o sempre atual alerta de Jesus, a fim de que sejamos mais atentos e tenhamos mais discernimento no trato com os semelhantes. O Espírito Luís ensina como identificar um falso profeta, em mensagem transmitida em Bordeaux, em 1861, da qual retiramos este trecho:

Se vos disserem: “O Cristo está aqui”, não vades; ao contrário, mantende-vos em guarda, porque os falsos profetas serão numerosos [...]; e não vos disse o Cristo: “Conhece-se a árvore pelo seu fruto?”. Se, pois, os frutos são amargos, julgais que a árvore é má; se, porém, são doces e salutares, direis: “Nada que seja puro pode provir de fonte má”.

É assim, meus irmãos, que deveis julgar; são as obras que deveis examinar. Se os que se dizem investidos de poder divino se fazem acompanhar de todas as marcas de semelhante missão, isto é, se possuem no mais alto grau as virtudes cristãs e eternas: a caridade, o amor, a indulgência, a bondade que concilia todos os corações; se, em apoio das palavras, acrescentam os atos, podereis então dizer: “Estes são realmente os enviados de Deus”.

Desconfiai, porém, das palavras melífluas, desconfiai dos escribas e fariseus que oram nas praças públicas, vestidos de longas túnicas. Desconfiai dos que pretendem deter o monopólio exclusivo da verdade!

[...]

Ide, portanto, meus bem-amados, sem desculpas ardilosas, sem pensamentos ocultos, na rota bendita em que enveredastes. Ide, ide sempre, sem temor; afastai cuidadosamente tudo quanto vos possa enterrar a marcha para o objetivo eterno. [...].¹⁰

Em seguida ao aviso relacionados aos falsos profetas, o Cristo prevê o advento de uma Era Nova para a humanidade terrestre, anotado por *Lucas* (21:9 a 24). Neste registro evangélico, Jesus descreve uma série de sinais precursores da época de paz e renovação espirituais, conhecidos como *Sermão Profético*, *Discurso Escatológico* — de *escatologia*, que diz respeito aos acontecimentos do fim dos tempos ou do mundo — ou *Pequeno Apocalipse*. Algumas interpretações literais defendem a tese de que essas previsões são indicativas da destruição do planeta e da humanidade terrestre. Contudo, a simples leitura dos versículos que se seguem, *Lucas*, 21:25 a 28 (que estudaremos em seguida), indica, claramente, que não haverá o fim dos tempos. Ocorrerá, sim, um período marcado por significativas provações, porém necessárias à transformação espiritual dos habitantes da

Terra. Allan Kardec considera o seguinte: “Este quadro dos fins dos tempos é, sem dúvida, alegórico, como a maioria dos que Jesus compunha. Pelo seu vigor, as imagens que ele encerra são passíveis de impressionar inteligências ainda rudes. [...]”¹¹

Cairbar Schutel analisa que a materialidade e a elevação espirituais caracterizam os dois pontos principais do discurso profético: “[...] Jesus condena severamente a materialidade, porque o homem não foi feito para viver na lama, mas para elevar-se pela nobreza da alma, nas conquistas do Amor de Deus e do próximo. [...]”¹² Em seguida, acrescenta essas outras considerações:

Após essas palavras, o Nazareno prediz os sofrimentos porque teria de passar e anuncia os fins dos tempos, caracterizando magnificamente a época que atravessamos, de pura materialidade [...].

O Mestre aconselha os que querem segui-Lo a não se meterem em aventuras, mas guardarem-se dos arrebatamentos da carne e tornarem-se espirituais, porque só assim poderão contar com o auxílio do Alto e serem preservados do mal. [...].¹³

As provações previstas representam recursos de depuração espiritual, que convocam os Espíritos, encarnados e desencarnados, comprometidos com o processo de melhoria moral e intelectual, a cooperarem na construção de um mundo melhor. Na mensagem que se segue, Emmanuel orienta-nos a respeito da necessidade de prestarmos o nosso testemunho perante os desafios da Transição Planetária:

Para testemunhar¹⁴

*E vos acontecerá isto para testemunho. – JESUS
(Lucas, 21:13.)*

Naturalmente que o Mestre não folgará de ver seus discípulos mergulhados no sofrimento. Considerando, porém, as necessidades extensas dos homens da Terra, compreende o caráter indispensável das provações e dos obstáculos. A pedagogia moderna está repleta de esforços seletivos, de concursos de capacidade, de testes da inteligência.

O Evangelho oferece situações semelhantes.

O amigo do Cristo não deve ser uma criatura sombria, à espera de padecimentos; entretanto, conhecendo a sua posição de trabalho, num plano como a Terra, deve contar com dificuldades de toda sorte.

Para os gozos falsificados do mundo, o planeta está cheio de condutores enganados. Como invocar o Salvador para a continuidade de fantasias? Quando chamados para o Cristo, é para que aprendamos a executar o trabalho em favor da esfera maior, sem olvidarmos que o serviço começa em nós mesmos.

Existem muitos homens de valor cultural que se constituíram em mentores dos que desejam mentirosos regalos no plano físico.

No Evangelho, porém, não acontece assim. Quando o Mestre convida alguém ao seu trabalho, não é para que chore em desalento ou repouse em satisfação ociosa.

Se o Senhor te chamou, não te esqueças de que já te considera digno de testemunhar.

36.3 AS CATÁSTROFES CÓSMICAS E A MANIFESTAÇÃO GLORIOSA DO FILHO DO HOMEM (LC 21:25 A 28)¹⁵

²⁵Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; e na terra, as nações estarão em angústia, inquietas pelo bramido do mar e das ondas; ²⁶os homens desfalecerão de medo, na expectativa do que ameaçará o mundo habitado, pois os poderes dos céus serão abalados. ²⁷E então verá o Filho do Homem vindo numa nuvem com poder e grande glória. ²⁸Quando começarem a acontecer essas coisas, erguei-vos e levantai a cabeça, pois está próxima a vossa libertação.

Os desafiantes momentos da Transição Planetária culminam com outros, gravemente impactantes, assim expressos por Jesus, segundo o registro de Lucas (21:25 e 26): *Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; e na terra, as nações estarão em angústia, inquietas pelo bramido do mar e das ondas; os homens desfalecerão de medo, na expectativa do que ameaçará o mundo habitado, pois os poderes dos céus serão abalados.* Entretanto, passados esses episódios dolorosos, surge, finalmente, a Era da Regeneração, assim registrada pelo evangelista: *²⁷E então verá o Filho do Homem vindo numa nuvem com poder e grande glória. ²⁸Quando começarem a acontecer essas coisas, erguei-vos e levantai a cabeça, pois está próxima a vossa libertação.* (Lc 21:27 e 28).

Acontecimentos cósmicos são inúmeros e variados, e podem ser devastadores, ou não, para o nosso planeta: eclipses solares e lunares; meteoros e meteoritos; alinhamentos planetários; ondas gravitacionais de diferentes gradações, provenientes dos chamados *buracos negros*; colisões de corpos celestes etc. Na verdade, não temos condições de aquilatar o que nos aguarda no futuro, quando se pensa nessas ocorrências cósmicas anunciadas por Jesus. A única certeza que temos é a de que a Misericórdia Divina sempre nos alcançará, independentemente dos desafios presentes na existência. Não há dúvida a respeito: O amor do Pai e Criador nos acolhe sempre!

As etapas evolutivas a serem vividas pelo Espírito imortal estão claramente delineadas pelo Espiritismo e são compatíveis com a categoria de

mundo onde ele habita. A mudança de um mundo menos adiantado para outro hierarquicamente superior tem como requisito básico a melhoria evolutiva do Espírito. Contudo, a mudança de residência não é abrupta, é sempre antecedida de uma transição planetária. Veja o esquema que se segue:¹⁶

Mundos primitivos: (destinados às primeiras encarnações e à elaboração do livre-arbítrio) > *transição planetária* > mundos de expiações e provas (nos quais há desenvolvimento da inteligência, mas pouco progresso moral, pois o mal predomina) > *transição planetária* > mundos de regeneração (desenvolvimento moral e intelectual, com predominância do bem) > *transição planetária* > mundos felizes (onde o bem sobrepuja o mal) > *transição planetária* > mundos celestes ou divinos (morada dos Espíritos depurados, nos quais reinam exclusivamente o bem).

Em síntese: “[...] Nos mundos inferiores, a existência é toda material, as paixões reinam soberanas, a vida moral é quase nula. À medida que esta se desenvolve, diminui a influência da matéria, de tal maneira que, nos mundos mais adiantados, a vida é, a bem dizer, toda espiritual.”¹⁷

Nos mundos intermédios, misturam-se o bem e o mal, predominando um ou outro, conforme o grau de adiantamento das criaturas que os habitam. Embora não se possa fazer, dos diferentes mundos, uma classificação absoluta, pode-se, todavia, em virtude do estado em que se acham e da destinação que trazem, tomando por base os matizes mais salientes, dividi-los, de modo geral, como se segue: mundos primitivos, destinados às primeiras encarnações da alma humana; mundos de expiação e de provas, onde predomina o mal; mundos de regeneração, nos quais as almas que ainda têm que expiar haurem novas forças, repousando das fadigas da luta; mundos felizes, onde o bem sobrepuja o mal; mundos celestes ou divinos, morada dos Espíritos depurados, no qual reina exclusivamente o bem. [...].¹⁸

Copiamos de Manoel Philomeno de Miranda algumas informações a respeito dos acontecimentos que marcam a final transição planetária e o início da regeneração na Terra.

1) Condições gerais do final da transição planetária

- » *A civilização terrestre alcançou um nível de alto valor no que diz respeito à tecnologia de ponta, às conquistas do conhecimento, aos grandes desafios da inteligência, e vem utilizando programas para a solidariedade geral e um sentido de respeito e conformidade com as leis que fomentam o progresso exterior e as comodidades disso defluentes.*¹⁹
- » *A ânsia de domínio na política, na sociedade, na economia, infelizmente tem facultado condutas insanas e desonestas, empurrando*

as massas desventuradas sempre em volume mais expressivo para a miséria absoluta. [...].²⁰

- » *Os idosos, em quase desamparo total, exceto quando ricos, e mesmo esses, são internados em comunidades próprias e esquecidos dos familiares, ou desprezados onde se encontram na condição de peso desagradável à economia social. Tem-se pensado mesmo em eliminá-los em clínicas luxuosas ou não [...].²¹*
- » *Paradoxos morais confraternizam ou enfrentam batalhas rudes e cínicas com os cidadãos que aspiram pela dignidade e nela se comportam, parecendo que toda a existência deve parar no período jovem e maduro, para que o prazer lhes seja a única razão de viver.²¹*

2) Sinais característicos da era da regeneração

Felizmente, a Doutrina de Jesus, submetida ao cinismo cultural e comportamental, sobrevive com a sua chama do amor e do perdão, da solidariedade e do bem, sustentando os milhões de vidas que se lhe vinculam e trabalham pela ordem e pelo dever da solidariedade.

[...]

Após submetidos ao bisturi da negação, os fenômenos do Espiritismo venceram a incredulidade tradicional e histórica, ensejando a filosofia otimista pela reencarnação ao prazer sem jaça e ao aprimoramento das aspirações de alto significado.

A religião espírita, tomando as mãos do seu adepto, ajuda-o a sair do labirinto de si mesmo e aponta-lhe a imortalidade em triunfo, após a transitoriedade do corpo carnal.

Confundem-se os campos de energia onde vivem encarnados e desencarnados em intercâmbio ininterrupto, e os Espíritos retornam à Terra, a fim de ajudá-la na sua transição de mundo de provas e expiações para mundo de regeneração.

Estamos no início das grandes transformações, e fenômenos próprios demonstram chegados os tempos anunciados pelas Escrituras e confirmados pelos imortais.²²

36.4 PARÁBOLA DA FIGUEIRA. VIGIAR PARA NÃO SER SURPREENDIDO. OS ÚLTIMOS DIAS DE JESUS (LC 21:29 A 38)²³

²⁹Em seguida contou-lhes uma parábola: “Vede a figueira e as árvores todas.

³⁰Quando brotam, olhando-as, sabeis que o verão já está próximo. ³¹Da mesma forma também vós, quando virdes essas coisas acontecerem, sabeis que o Reino

de Deus está próximo. ³²Em verdade vos digo que esta geração não passará sem que tudo aconteça. ³³O céu e a terra passarão; minhas palavras, porém, não passarão.

³⁴Cuidado para que vossos corações não fiquem pesados pela devassidão, pela embriaguez, pelas preocupações da vida, e não se abata repentinamente sobre vós aquele Dia, ³⁵como um laço; pois ele sobrevirá a todos os habitantes da face de toda a terra. ³⁶Ficai acordados, portanto, orando em todo momento, para terdes a força de escapar de tudo o que deve acontecer e de ficar de pé diante do Filho do Homem”.

³⁷Durante o dia ele ensinava no Templo, mas passava as noites ao relento, no monte chamado das Oliveiras. ³⁸E todo o povo madrugava junto com ele no Templo, para ouvi-Lo.

A parábola da figueira é uma alegoria indicativa dos sinais das mudanças evolutivas, que nada tem a ver com a outra parábola da figueira que secou porque não produzia frutos (Mt 21:18 a 22. Mc 11:12 a 14; 20 a 24). Assim, a mudança evolutiva, assinalada no término da transição planetária e começo da regeneração, pede sacrifícios e renúncias: “Retire-se cada um dos excessos na satisfação egoística, fuja ao relaxamento do dever, alije as inquietações mesquinhas e estará preparado à sublime transformação”,²⁴ esclarece Emmanuel, consoante este alerta de Jesus, registrado por Lucas (21:34): “Cuidado para que vossos corações não fiquem pesados pela devassidão, pela embriaguez, pelas preocupações da vida, e não se abata repentinamente sobre vós aquele dia”.

Em relação ao término de uma era e começo de outra, Allan Kardec pondera:

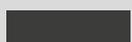
Até aqui, a Humanidade tem realizado incontestáveis progressos. Os homens, com a sua inteligência, chegaram a resultados que jamais haviam alcançado, sob o ponto de vista das ciências, das artes e do bem-estar material. Resta-lhes, ainda, um imenso progresso a realizar: *fazerem que reinem entre si a caridade, a fraternidade e a solidariedade, que lhes assegurem o bem-estar moral. [...]*.

O homem já não necessita somente de desenvolver a inteligência, mas de elevar o sentimento; para isso, faz-se preciso destruir tudo o que superexcite nele o egoísmo e o orgulho. Tal o período em que vão entrar de agora em diante e que marcará uma das fases principais da Humanidade. Esta fase, que neste momento se elabora, é o complemento indispensável do estado precedente, como a idade viril é o complemento da juventude. Ela podia, pois, ser prevista e predita com antecedência, e é por isso que se diz que os tempos marcados por Deus são chegados.²⁵

REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. cap. 21, p. 257.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 21:1-7, p. 1.825 e 1.826.
- 3 XAVIER, Francisco Cândido. *Alma e coração*. Pelo Espírito Emmanuel. São Paulo, SP: Pensamento-Cultrix, 2013. cap. 25, p. 60.
- 4 KEENER, Craig. S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. v. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo, SP: Vida Nova, 2017. cap. 21:5-7, it. 21:5, p. 275.
- 5 _____. _____. it. 21:6, p. 275.
- 6 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. it. 21:6, p. 259.
- 7 VINÍCIUS (Pedro de Camargo). *Nas pegadas do mestre*. 12. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2015. cap. *A derrocada do materialismo*.
- 8 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 21:8-24, p. 1.826.
- 9 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 21, it. 4.
- 10 _____. _____. it. 8.
- 11 _____. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 17, it. 54.
- 12 CAIBAR, Schutel. *O espírito do cristianismo*. 8. ed. Matão, SP: O Clarim, 2001. cap 28, p. 161.
- 13 _____. _____. p. 160.
- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 71.
- 15 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 21:25-28, p. 1.826.
- 16 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 3, it. 4.

-
- 17 _____. _____. it. 3.
- 18 _____. _____. it. 4.
- 19 FRANCO, Divaldo Pereira. *No rumo do mundo de regeneração*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. 1. ed. Salvador, BA: LEAL, 2020. *No rumo do mundo de regeneração* [introdução], p. 9.
- 20 _____. _____. p. 10.
- 21 _____. _____. p. 11.
- 22 _____. _____. p. 12.
- 23 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 21:29-38, p. 1.826 e 1.827.
- 24 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 15. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 23.
- 25 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 18, it. 5.



PARTE VI

A Paixão

CONSPIRAÇÃO CONTRA JESUS E TRAIÇÃO DE JUDAS

ANÚNCIO DA TRAIÇÃO DE JUDAS. PREPARATIVOS DA CEIA PASCAL. A CEIA PASCAL. INSTITUIÇÃO DA EUCARISTIA. QUEM É O MAIOR? RECOMPENSA PROMETIDA AOS APÓSTOLOS. A HORA DO COMBATE DECISIVO (LC 22:1 A 6; 21 A 23; 7 A 20; 24 A 30; 35 A 38)

O Tema 37 descreve assuntos que nos transmitem um imenso sentimento de tristeza, mesmo passados tantos séculos: os equívocos cometidos por Judas Iscariotes, cunhado pela História como traidor, cujos atos favoreceram a prisão de Jesus, mas, também, o suicídio, quando o apóstolo caiu em si, percebendo o quanto tinha se enganado. Os demais assuntos, como a despedida de Jesus na sua última ceia junto aos apóstolos e os acontecimentos que se sucederam (prisão, julgamento e crucificação) trazem também um profundo tom de melancolia. Ciente das dores a que se iria submeter, o Senhor faz o fechamento de sua missão na ceia pascoal e transmite orientações fundamentais, uma espécie de síntese de sua missão.

O escocês F. F. Bruce (Frederick Fyvie Bruce, 1910–1990), erudito estudioso, professor, escritor e um dos fundadores da moderna compreensão evangélica da *Bíblia*, emite alguns comentários pertinentes relacionados aos tópicos a conspiração dos sacerdotes e de Judas, e a última ceia:

Os mestres da lei não ficaram ociosos desde que abandonaram o conflito de palavras no templo, e, na aproximação de Judas com os *chefes dos sacerdotes* e [...] *oficiais da guarda do templo*, eles tiveram, do seu ponto de vista, um raro momento de sorte. Como um dos Doze, ele está em condições de ajudá-los a prender Jesus em algum lugar sossegado, sem publicidade e possíveis demonstrações públicas. As multidões que saudaram sua entrada triunfal e aqueles que se ajuntaram em grandes grupos diariamente para ouvi-lo no templo mostram que ele desfruta de considerável apoio popular.

A traição realizada por Judas é ato definitivo do próprio satanás (v. 3), [segundo o simbolismo do texto evangélico]. Mas como é possível que alguém que desfrutou do companheirismo diário de Jesus possa cometer tal ultraje? Será que ele percebeu que o barco estava afundando e ele foi depor contra um cúmplice para salvar a própria pele? Ele ficou desiludido quando Jesus não tomou a liderança de alguma insurreição nacionalista, como os messias da imaginação popular? Ou ele simplesmente era um mau-caráter? [...]. Não importa o que aconteceu, a razão última de um ato tão sombrio continua sendo um mistério insolúvel e horrível.¹

Em relação à última ceia de Jesus com os apóstolos, Bruce também registra:

[...] Os preparativos foram feitos, então *chegou a hora*, não somente para festa (da Páscoa), mas também “o tempo em que deixaria este mundo” (Jo 13:1); Jesus senta com os Doze e lhes diz claramente que é a última vez antes do sofrimento. Ele lhes dá vinho e pão, advertindo-os de que um deles é o traidor. [...].²

37.1 CONSPIRAÇÃO CONTRA JESUS E TRAIÇÃO DE JUDAS. ANÚNCIO DA TRAIÇÃO DE JUDAS (LC 22:1 A 6; 21 A 23)³

¹Aproximava-se a festa dos Ázimos, chamada Páscoa. ²E os chefes dos sacerdotes e os escribas procuravam de que modo eliminá-lo, pois temiam o povo.

³Satanás entrou em Judas, chamado Iscariotes, do número dos Doze. ⁴Ele foi conferenciar com os chefes dos sacerdotes e com os chefes da guarda sobre o modo de lho entregar. ⁵Alegraram-se e combinaram dar-lhe dinheiro. ⁶Ele aceitou, e procurava uma oportunidade para entregá-lo a eles, escondido da multidão. [...]

²¹Eis, porém, que a mão do que me trai está comigo, sobre a mesa. ²²O Filho do Homem vai, segundo o que foi determinado, mas ai daquele homem por quem ele for entregue!²³Começaram então a indagar entre si qual deles iria fazer tal coisa.

O relato de *Lucas* quanto ao comportamento de Judas nos faz perceber que o apóstolo agiu por livre e espontânea vontade, não sendo pressionado em momento algum, ainda que pese a notória habilidade de manipulação que alguns sacerdotes exerceram sobre ele. Independentemente das suas motivações íntimas, o fato que se destaca é que Judas entregou Jesus ao clero, que o conduziu à prisão. Mesmo assim, ensina-nos o Espiritismo, devemos evitar qualquer tipo de julgamento a respeito do comportamento de Judas Iscariotes que, efetivamente, amava Judas. Nesse sentido, o Espírito Irmão X transmite-nos algumas informações, colhidas em suas pesquisas no Plano

Espiritual, indicativas de que o comportamento de Judas foi diretamente alimentado por certas características peculiares à personalidade do apóstolo:

Não obstante amoroso, Judas era, muita vez, estouvado e inquieto. Apaixonara-se pelos ideais do Messias e, embora esposasse os novos princípios, em muitas ocasiões, surpreendia-se em choque contra ele. Sentia-se dono da Boa-Nova e, pelo desvairado apego a Jesus, quase sempre lhe tomava a dianteira nas deliberações importantes. Foi assim que organizou a primeira bolsa de fundos da comunhão apostólica e, obediente aos mesmos impulsos, julgou servir à grande causa que abraçara, aceitando a perigosa cilada que redundou na prisão do Mestre.

Apesar dos estudos renovadores a que sinceramente se entregara, preso aos conflitos íntimos que lhe caracterizavam o modo de ser, ignorava o processo de conquistar simpatias.

Trazia constantemente nos lábios uma referência amarga, um conceito infeliz.

Quando Levi se reportava a alguns funcionários de Herodes, simpáticos ao Evangelho, dizia, mordaz: – São víboras disfarçadas. Sugam o erário público, bajulam sacerdotes e deixam-se pisar pelo romano dominador... A meu parecer, não passam de espiões...

O companheiro ouvia tais afirmativas, com natural desencanto, e os novos colaboradores dele se distanciavam menos entusiasmados.

[...]

A verdade, porém, é que as circunstâncias, pouco a pouco, obrigaram-no a insular-se. Os próprios companheiros andavam arredios; ninguém lhe aprovava as acusações impulsivas e as lamentações sem propósito. Apenas o Cristo não perdia a paciência. Gastava longas horas, encorajando-o e esclarecendo-o afetuosamente...⁴

Em outro relato, Humberto de Campos transcreve parte de um diálogo que ele teve com o próprio Judas Iscariotes, em um encontro ocorrido entre ambos no Plano Espiritual, na cidade de Jerusalém. Registramos, em seguida, alguns trechos desse diálogo, iniciado com esta pergunta de Humberto de Campos: “*É uma verdade tudo quanto reza o Novo Testamento com respeito à sua personalidade na tragédia da condenação de Jesus?*”⁵

A resposta de Judas revela que, nas reencarnações que se seguiram, ele passou por dolorosas provações, consequentes da traição e do suicídio cometidos. É algo que merece reflexão e compaixão:

— Em parte — Os escribas que redigiram os evangelhos não atenderam às circunstâncias e às tricas políticas que acima dos meus atos predominaram na nefanda crucificação. Pôncio Pilatos e o tetrarca da Galileia, além dos seus interesses individuais na questão, tinham ainda a seu cargo salvar o Estado romano, empenhado em satisfazer as aspirações

religiosas dos anciãos judeus. Sempre a mesma história. O Sinédrio desejava o reino do céu pelejando por Jeová, a ferro e fogo; Roma queria o reino da Terra. Jesus estava entre essas forças antagônicas com a sua pureza imaculada. Ora, eu era um dos apaixonados pelas ideias socialistas do Mestre, porém o meu excessivo zelo pela doutrina me fez sacrificar o seu fundador. Acima dos corações, eu via a política, única arma com a qual poderia triunfar, e Jesus não obteria nenhuma vitória com o desprendimento das riquezas. Com as suas teorias nunca poderia conquistar as rédeas do poder já que, em seu manto de pobre, se sentia possuído de um santo horror à propriedade. Planejei então uma revolta surda como se projeta hoje em dia na Terra a queda de um chefe de Estado. O Mestre passaria a um plano secundário, e eu arranjaría colaboradores para uma obra vasta e enérgica como a que fez mais tarde Constantino I, o Grande, depois de vencer Maxêncio às portas de Roma, o que aliás apenas serviu para desvirtuar o Cristianismo. Entregando, pois, o Mestre, a Caifás, não julguei que as coisas atingissem um fim tão lamentável e, ralado de remorsos, presumi que o suicídio era a única maneira de me redimir aos seus olhos.⁵

Passamos a ter melhor percepção dos acontecimentos pela resposta que Iscariotes dá a outra pergunta de Humberto de Campos — conjuntura que nos faz calar qualquer tipo de julgamento:

— E chegou a salvar-se pelo arrependimento?

— Não. Não consegui. O remorso é uma força preliminar para os trabalhos reparadores. Depois da minha morte trágica, submergi-me em séculos de sofrimento expiatório da minha falta. Sofri horrores nas perseguições infligidas em Roma aos adeptos da doutrina de Jesus, e as minhas provas culminaram em uma fogueira inquisitorial, onde imitando o Mestre, fui traído, vendido e usurpado. Vítima da felonía e da traição, deixei na Terra os derradeiros resquícios do meu crime, na Europa do século XV. Desde esse dia, em que me entreguei por amor do Cristo a todos os tormentos e infâmias que me aviltavam, com resignação e piedade pelos meus verdugos, fechei o ciclo das minhas dolorosas reencarnações na Terra, sentindo na frente o ósculo de perdão da minha própria consciência...⁶

Emmanuel enfatiza que o ensejo do bem, ensinado e praticado por Jesus, é a melhor atitude a ser tomada, sob quaisquer circunstâncias, por mais desafiantes sejam as lutas da existência. Perante o grande equívoco cometido por um dos membros do seu colégio apostolar, falou-lhe com ternura, envolvendo-o em vibrações de amor: “Nesse gesto de inolvidável beleza espiritual, ensinou-nos Jesus que é preciso oferecer portas ao bem, até à última hora das experiências terrestres, ainda que, ao término da derradeira oportunidade, nada mais reste além do caminho para o martírio ou para a cruz dos supremos testemunhos”.⁷

37.2 PREPARATIVOS PARA A CEIA PASCAL. A CEIA PASCAL. INSTITUIÇÃO DA EUCARISTIA (LC 22:7 A 20)⁸

⁷Veio o dia dos Ázimos, quando devia ser imolada a páscoa. ⁸Jesus então enviou Pedro e João, dizendo: “Ide preparar-nos a Páscoa para comermos”. ⁹Perguntaram-lhe: “Onde queres que a preparemos?” ¹⁰Respondeu-lhes: “Logo que entrardes na cidade, encontrareis um homem levando uma bilha de água. Segui-o até à casa em que ele entrar. ¹¹Direis ao dono da casa: ‘O Mestre te pergunta: onde está a sala em que comerei a páscoa com os meus discípulos?’ ¹²E ele vos mostrará, no andar superior, uma grande sala, provida de almofadas; preparai ali”. ¹³Eles foram, acharam tudo como dissera Jesus, e prepararam a Páscoa. ¹⁴Quando chegou a hora, ele se pôs à mesa com seus apóstolos ¹⁵e disse lhes: “Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco antes de sofrer; ¹⁶pois eu vos digo que já não a comerei até que ela se cumpra no Reino de Deus”. ¹⁷Então, tomando uma taça deu graças e disse: “Tomai isto e reparti entre vós; ¹⁸pois eu vos digo que doravante não beberei do fruto da videira, até que venha o Reino de Deus”. ¹⁹E tomou um pão, deu graças, partiu e distribuiu-o a eles, dizendo. “Isto é o meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em minha memória”. ²⁰E, depois de comer, fez o mesmo com a taça, dizendo: “Essa taça é a Nova Aliança em meu sangue, que é derramado por vós.”

A cultura judaica é marcada por inúmeras comemorações, sendo que algumas festividades se prolongavam por dias, algo em torno de uma semana, oferecendo oportunidade para os judeus extravasarem os seus sentimentos mais profundos.⁹

Essas festas tinham diversos propósitos. Alguns eram mais uma espécie de culto ou adoração a Deus. Nessas ocasiões, o povo, arrependido de seus pecados, buscava o perdão e a bênção de Deus; era o momento de purificar a alma e marcar um novo começo. Outras festas eram ocasiões de adoração também, mas se manifestavam em alegres ações de graça. Sempre que as colheitas eram abundantes, e os rebanhos se multiplicavam bem, o povo expressava grande gratidão a Deus, e o fazia dançando pelas ruas. Cantavam e tocavam instrumentos musicais em louvor a Deus que tanto os abençoara. Em algumas festas havia oração e meditação. Contudo, sua forma mais comum era o regozijo, com muita música, alegria e banquetes.

Todos esses festivais tinham cunho educativo. Cada uma de suas sete festas anuais mantinha em si uma lição sobre a história da nação, sobre suas vitórias, sua esperança, e também sobre suas derrotas e desespero.

[...]

Na igreja cristã também essas festas tiveram efeito didático. A ceia do Senhor, por exemplo, é baseada na Páscoa. [...].⁹

Em todos os seus atos, Jesus guardava respeito às tradições culturais e históricas do Judaísmo, ainda que procurasse destacar os ensinamentos da Lei de Deus, dando oportunidade aos discípulos de se libertarem das simples manifestações de culto externo. Procedeu assim também em relação à festa da Páscoa, considerada de grande importância pelo povo judeu, pois estava relacionada à própria história dos israelitas:⁹ “Era uma festa anual, no dia 14 do mês nisã. Em nosso calendário, isso corresponde a um período nos meses de março e abril”.¹⁰ A Páscoa é comemoração de grande relevância histórica para os judeus porque eles recordam a libertação do cativeiro em que viviam no Egito, a forma como foram poupados e libertados por Deus, como está descrito no livro *Êxodo*. A Páscoa está relacionada à *festa dos pães ázimos*, pois, durante a libertação do cativeiro do Egito, o povo recebeu instruções específicas quanto à alimentação.¹⁰

[...] A festa dos pães asmos [ou ázimos] é uma parte da Páscoa. Trata-se de uma comemoração de natureza agrícola, que talvez já existisse antes mesmo da instituição da Páscoa. Devia ter duração de uma semana a começar no dia 14 do mês nisã. A Páscoa era comemorada no primeiro dia da festa dos pães asmos.

A festa da Páscoa, alegre e solene ao mesmo tempo, era celebrada simultaneamente por todos, mas cada um em sua própria casa, enquanto a festa dos pães asmos era uma festividade comunitária.¹¹

Pão ázimo ou asmo, do hebraico *matstsah* ou *matzah*, é um tipo de pão assado sem fermento, contendo somente farinha de trigo (ou outros cereais, como aveia, cevada e centeio) e água. A preparação da massa não deve exceder 18 minutos para garantir que a massa não fermente.

O texto de *Lucas* (22:7 a 20), aqui estudado, refere-se aos preparativos que antecederam à Páscoa, propriamente dita, que deveria acontecer no andar superior de uma grande sala, provida de almofadas (Lc 22:12). O local fisicamente constituído apresenta relevância secundária que, segundo Emmanuel, deve simbolizar o local interno na intimidade do Espírito, consoante os eventos que se sucederam naquela Páscoa e que marcariam, para sempre, a vida dos envolvidos, na ocasião, e de todos nós quando meditamos a respeito:

Aquele cenáculo mobilado, a que se referiu Jesus, é perfeito símbolo do aposento interno da alma.

[...]

O homem consciencioso reconhecerá que a maioria das ações, na experiência física, encerra-se em preparação incessante para a vida com que será defrontado, além da morte do corpo.

Se isto ocorre com a feição material da vida terrena, que não dizer do esforço propriamente espiritual para o caminho eterno?

[...]

O aprendiz sincero, todavia, sabe que atingiu o cenáculo simbólico do coração. Embora não possa mudar de ideias diariamente, qual acontece aos móveis da residência, dá-lhes novo brilho a cada instante, sublimando os impulsos, renovando concepções, elevando desejos e melhorando sempre as qualidades estimáveis que já possui.

O homem simplesmente terrestre mantém-se na expectativa da morte orgânica; o homem espiritual espera o Mestre Divino, para consolidar a redenção própria.

Não abandoneis, portanto, o cenáculo da fé e, aí dentro, fazei preparativos em constante ascensão.¹²

Durante a ceia pascal, Jesus abençoou a alimentação e a bebida, o que, no futuro, por constituição da igreja católica passou a ser considerado como um ritual denominado *eucaristia*. Essa palavra significa, simplesmente, *ação de graças*. O ato, contudo, foi incorporado à tradição católica “[...] como um sacramento central da Igreja, consoante o qual, por meio das palavras proferidas pelo padre, pão e vinho se transubstanciam, respectivamente, no corpo e sangue do Cristo. [...]”¹³ O símbolo da eucaristia, em si, nada tem de prejudicial e faz recordar um momento específico da última ceia. A dificuldade é quando o religioso pouco ou nada reflete a respeito dos acontecimentos, a exemplo do gesto de Jesus em relação ao vinho e ao pão — que, na verdade, Jesus estava apenas reproduzindo mais uma tradição da cultura judaica. O simples gesto histórico-cultural transformou-se em um símbolo teológico (a eucaristia), enquanto as questões do advento do Reino de Deus e a constituição da nova aliança que o Mestre propunha, com a Boa-Nova, não foram consideradas. É importante pensar a respeito, como o faz Hermínio Miranda:

Quanto à eucaristia, embora tenha merecido o tema de bibliotecas inteiras de obras especulativas, o problema não oferece grandes complexidades.

A refeição comum era prática antiga, não apenas no contexto em que viveu Jesus, mas difundida alhures, entre essênios, por exemplo, como nos asseguram autores bem-informados. O judeu mantém até hoje o gesto ritual de partir o pão e distribuir os pedaços por todos os presentes, a fim de que todos partilhem as bênçãos invocadas pela prece antes de dar início ao repasto propriamente dito.

Como a ceia com os apóstolos foi a última reunião íntima, é natural que os presentes desejassem, após a sua morte, rememorar o Mestre durante as refeições que tomavam juntos. Ninguém estava cogitando de comer um pedaço do corpo de Deus e nem de beber um pouco do seu sangue, ainda que simbolicamente [...].¹⁴

37.3 QUEM É O MAIOR? RECOMPENSA PROMETIDA AOS APÓSTOLOS. A HORA DO COMBATE DECISIVO (LC 22:24 A 30; 35 A 38)¹⁵

²⁴Houve também uma discussão entre eles: qual seria o maior? ²⁵Jesus lhes disse: “Os reis das nações as dominam, e os que as tiranizam são chamados Benfeitores. ²⁶Quanto a vós, não deverá ser assim; pelo contrário, o maior dentre vós torne-se como o mais jovem, e o que governa como aquele que serve. ²⁷Pois, qual é o maior: o que está à mesa, ou aquele que serve? Não é aquele que está à mesa? Eu, porém, estou no meio de vós como aquele que serve!

²⁸Vós sois os que permanecestes constantemente comigo em minhas tentações; ²⁹também eu disponho para vós o Reino, como o meu Pai o dispôs para mim, ³⁰a fim de que comais e bebais à minha mesa em meu Reino, e vos senteis em tronos para julgar as doze tribos de Israel.

[...]

³⁵E disse-lhes: “Quando eu vos enviei sem bolsa, nem alforje, nem sandálias, faltou-vos alguma coisa?” — “Nada”, responderam. ³⁶Ele continuou: “Agora, porém, aquele que tem uma bolsa tome-a, como também aquele que tem um alforje; e quem não tiver uma espada, venda a veste para comprar uma. ³⁷Pois eu vos digo, é preciso que se cumpra em mim o que está escrito: *Ele foi contado entre os iníquos*. Pois também o que me diz respeito tem um fim”. ³⁸Disseram eles: “Senhor, eis aqui duas espadas”. Ele respondeu. “É suficiente!”.

Independentemente do grau de entendimento que os apóstolos tivessem a respeito dos dolorosos acontecimentos que iriam ocorrer com Jesus, anunciados em diferentes oportunidades pelo Mestre Nazareno, ainda que tivessem sido informados pelo Senhor que um dos Doze o trairia, não deixa de causar perplexidade o fato de os membros do colégio apostolar discutirem entre si qual deles era o maior ou o mais importante. Jesus lhes informara, claramente, que era a última vez que estariam juntos. Não teriam mais oportunidade de cearem em conjunto. Era o momento do adeus. Jesus estava se despedindo. Os discípulos sabiam disso, mas, possivelmente envolvidos nas comemorações da Páscoa, não conseguiram perceber a extensão das palavras do Senhor. Só mais tarde cairiam em si!

Ante tal alheamento e ouvindo-os discutir quem seria o maior, o Mestre apenas destaca: *Eu, porém, estou no meio de vós como aquele que serve!* (Lc 22:27), que merece de Emmanuel esta sábia interpretação:

O grande servidor¹⁶

Eu, porém, estou entre vós, sou como aquele que serve
– JESUS (*Lucas, 22:27.*)

Sim, o Cristo não passou entre os homens como quem impõe.

Nem como quem determina.

Nem como quem governa.

Nem como quem manda.

Caminhou na Terra à feição do servidor.

Legou-nos o Evangelho da vida, escrevendo-lhe a epopeia no coração das criaturas.

Mestre, tomou o próprio coração para sua cátedra.

Enviado Celestial, não se detém num trono terrestre e aproxima-se da multidão para auxiliá-la.

Fundador da Boa-Nova, não se limita a tecer-lhe a coroa com palavras estudadas, mas estende-a e consolida-lhe os valores com as próprias mãos.

A prática é o seu modo de convencer.

O próprio sacrifício é o seu método de transformar.

Aprendamos com o Divino Mestre a ciência da renovação pelo bem. E modificar a nós mesmos, para a vitória do bem, elevando pessoas e melhorando situações, é servir sempre, como quem sabe que fazer é o melhor processo de aconselhar.

Importa considerar, por último, que a recompensa prometida aos apóstolos (e a todos os discípulos sinceros, acrescentamos) não são as vantagens da vida material, de caráter sempre transitório, mas a busca incessante pelo Reino de Deus, cujas benesses são verdadeiras e eternas, consoante o registro do evangelista: *também eu disponho para vós o Reino, como o meu Pai o dispôs para mim, a fim de que comais e bebais à minha mesa em meu Reino, e vos senteis em tronos para julgar as doze tribos de Israel.* (Lc 22:29 e 30). Nessa citação, o versículo “*e vos senteis em tronos para julgar as doze tribos de Israel*” não deve ser interpretado literalmente, visto que Israel (ou as doze tribos de Israel) constitui a humanidade terrestre, simbolizada por Israel, que é representada por diferentes povos (ou tribos) e que tem o Cristo como seu Guia e Modelo (*O livro dos espíritos*, q. 625).

A necessidade essencial dos verdadeiros discípulos do Cristo não é quanto ao que beber, comer, ter no alforje etc., segundo expressões presentes na passagem evangélica. São preocupações úteis durante os breves estágios das reencarnações, mas não fundamentais à melhoria do Espírito imortal que, para ascender a planos elevados da vida (Reino de Deus), precisa

adquirir conhecimento e moralidade. Tais aquisições serão obtidas por meio da persistência de propósitos ante os inúmeros obstáculos que surgirão no caminho. Somente uma fé vigorosa em Deus, em seu Amor e Providência, permite superá-los. Emmanuel esclarece a respeito:

Salientou, assim, o Cristo, a necessidade essencial da criatura humana, no que se refere à confiança em Deus, num círculo de lutas onde todos os benefícios visíveis estão sujeitos à transformação e à morte.

Testemunhava que, de todas as realizações sublimes do homem atual, a fé viva e ativa é das mais difíceis de serem consolidadas. Reconhecia que a segurança espiritual dos companheiros terrestres não é obra de alguns dias, porque pequeninos acontecimentos podem interrompê-la, feri-la, adiá-la. A ingratidão de um amigo, um gesto impensado, a incompreensão de alguém, uma insignificante dificuldade, podem prejudicar-lhe o desenvolvimento.

Em plena oficina humana, portanto, é imprescindível reconheças a transitoriedade de todos os bens transferíveis que te cercam. Mobiliza-os sempre, atendendo aos superiores desígnios da fraternidade que nos ensinam a amar-nos uns aos outros com fidelidade e devotamento. Convence-te, porém, de que a fé viva na vitória final do espírito eterno é o óleo divino que nos sustenta a luz interior para a divina ascensão.¹⁷

REFERÊNCIAS

- 1 BRUCE, Frederick Fyvie. *Comentário bíblico NVI: antigo e novo testamentos*. Trad. Valdemar Kroker. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Vida, 2012. it. 7 A semana da Paixão, n. 8, p. 1.166 e 1.167.
- 2 _____. _____. it. 8 As últimas horas, n. 1, p. 1.167.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 22:1-6 e 22: 21-23, p. 1.827 e 1.828.
- 4 XAVIER, Francisco Cândido. *Luz acima*. Pelo Espírito Irmão X. 11. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2013. cap. 44.
- 5 _____. *Crônicas de além-túmulo*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 17. ed. Brasília: FEB: 2016. cap. 5.
- 6 _____. _____.
- 7 _____. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 90.
- 8 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores.

- Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 22:7-20, p.1.827 e 1.828.
- 9 COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Trad. Miriam Talitha Lins. 2. ed. Curitiba, PR: Editora Betânia, 2017. cap. 20, p. 277.
- 10 _____. _____. p. 278.
- 11 _____. _____. p. 279.
- 12 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 144.
- 13 HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2009. verbete: Eucaristia, p. 848.
- 14 MIRANDA, Hermínio C. *Cristianismo: a mensagem esquecida*. 1. ed. Matão, SP: O Clarim, 1988. cap. 10, p. 208.
- 15 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 22:24-30; 35-38, p.1.828.
- 16 XAVIER, Francisco Cândido. *O grande servidor*. [Mensagem de Emmanuel]. *In: Reformador*, dez. 1955, p. 266. FEB Editora.
- 17 _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 15. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 45.

ANÚNCIO DA NEGAÇÃO E DA CONVERSÃO DE PEDRO

NEGAÇÕES DE PEDRO. NO MONTE DAS OLIVEIRAS. PRISÃO DE JESUS. PRIMEIROS ULTRAJES. JESUS PERANTE O SINÉDRIO (LC 22:31 A 34; 54 A 62; 39 A 53; 63 A 71)

Neste tema, não seguiremos a ordem que se encontra na *Bíblia de Jerusalém*. Para uma melhor interpretação da sequência dos acontecimentos, preferimos unir assuntos similares. O registro de *Lucas*, objeto do nosso estudo, tem início com a afirmação de Jesus a Simão Pedro, dizendo que tinha orado a Deus para que a fé do apóstolo não desfalecesse, pois antes que o galo cantasse ele, Pedro, o negaria por três vezes. Na sequência do nosso estudo, o Senhor é preso no Monte das Oliveiras, onde estava orando; Ele é alvo de zombarias, insultos e ultrajes por parte dos guardas; no dia seguinte, é julgado perante o Sinédrio.

O manuseio lucano da profecia de Jesus sobre a negação de Pedro visa a tornar mais enfática a declaração de lealdade feita por Pedro, mas também salienta o terno cuidado de Jesus por Pedro. Isso não aparece nas outras narrativas [dos demais evangelistas].

[...]

Ao afirmar que a luta de Pedro estava envolvida em uma luta cósmica, Jesus, o Messias, mostra de novo seu “conhecimento especial” (uma das provas de seu caráter messiânico). [...]. O conhecimento especial de Jesus também “vê a vitória” que se seguiria à derrota, um item de grande conforto, que *Mateus* e *Marcos* não incluem em seu relato.¹

Quanto à prisão de Jesus, e posterior julgamento, o estudioso Champlin pondera:

Os evangelhos sinópticos dão a impressão de que a detenção de Jesus foi obra de uma multidão mais ou menos desorganizada. Com toda probabilidade, foi efetuada por um destacamento da polícia do Templo, que agiu sob instruções do Sinédrio. No relato de *Marcos*, Judas osculou Jesus para o identificá-lo

como quem deveria ser detido. De acordo com *Lucas*, suas intenções foram antecipadas e frustradas pela pergunta de Jesus. [Jesus lhe disse: “Judas, com um beijo entregas o Filho do Homem?” Lc 22:48]. [...]

O episódio ensina que Jesus entregou-se voluntariamente. Ele sabia que era muito difícil ocultar-se, e, afinal, seu tempo havia chegado. [...].²

38.1 ANÚNCIO DA NEGAÇÃO E DA CONVERSÃO DE PEDRO. NEGAÇÕES DE PEDRO (LC 22:31 A 34; 54 A 62)³

³¹“Simão, Simão, eis que Satanás pediu insistentemente para vos peneirar como trigo; ³²eu, porém, orei por ti, a fim de que tua fé não desfaleça. Quando, porém, te converteres, confirma teus irmãos”. ³³Disse ele: “Senhor, estou pronto a ir contigo à prisão e à morte”. ³⁴Ele, porém, replicou: “Pedro, eu te digo: o galo não cantará hoje sem que por três vezes tenhas negado conhecer-me”.

[...]

⁵⁴Prenderam-no e levaram-no, introduzindo-o na casa do Sumo Sacerdote. Pedro seguia de longe. ⁵⁵Tendo eles acendido uma fogueira no meio do pátio, sentaram-se ao redor, e Pedro sentou-se no meio deles. ⁵⁶Ora, uma criada viu-o sentado perto do fogo e, encarando-o, disse: “Este também estava em companhia dele!”. ⁵⁷Ele, porém, negou: “Mulher, eu não o conheço”. ⁵⁸Pouco depois, um outro, tendo-o visto, afirmou: “Tu também és um deles!” Mas Pedro declarou: “Homem, não sou”. ⁵⁹Decorrida mais ou menos uma hora, outro insistia: “Certamente, este também estava com ele, pois é galileu!” ⁶⁰Pedro disse: “Homem, não sei o que dizes”. Imediatamente, enquanto ele ainda falava, o galo cantou, ⁶¹e o Senhor, voltando-se, fixou o olhar em Pedro. Pedro então lembrou-se da palavra que o Senhor lhe dissera: “Antes que o galo cante hoje, tu me terás negado três vezes”. ⁶²E saindo para fora, chorou amargamente.

Nos quatro primeiros versículos desse registo de *Lucas* (Lc 22:31 a 34) há duas ordens de ideias: a primeira, envolve um alerta de Jesus a Simão Pedro quanto as influências do mal, aqui simbolizado pela palavra *satanás*, mesmo estando ele convertido à causa do Cristo. Entre a conversão e a vivência dos princípios esposados há uma longa estrada, permeada de diferentes obstáculos, a ser percorrida; a segunda, Jesus anuncia que, a despeito da devoção do apóstolo, ele iria negá-lo por três vezes.

À primeira vista, parece sem sentido as informações contidas nos versículos 31 e 32: “*Simão, Simão, eis que Satanás pediu insistentemente para vos peneirar como trigo; eu, porém, orei por ti, a fim de que tua fé não desfaleça. Quando, porém, te converteres, confirma teus irmãos*”. Trata-se, na verdade, de uma imagem extraída de uma citação do profeta *Amós* (9:9),

que ensina como separar o trigo da casca ou palha que o reveste: “[...] O processo de joeirar o trigo era conhecido por todos os judeus da Palestina, especialmente pelos lavradores; eles jogavam o trigo colhido para o alto, e o vento separava a palha (leve) do grão (pesado). A palha não podia ser consumida e costumava ser queimada. [...]”⁴ Com essa lembrança, Jesus enfatiza que o fato de Pedro ter-se convertido à causa cristã, não significa que ele estava transformado moralmente, disposto a se sacrificar por ela e, assim, servir de exemplo aos irmãos em Humanidade. Emmanuel esclarece a respeito na seguinte mensagem:

Conversão⁵

*E tu, quando te converteres, confirma teus irmãos. –
JESUS (Lucas, 22:32.)*

Não é tão fácil a conversão do homem, quanto afirmam os portadores de convicções apressadas.

Muitos dizem “eu creio”, mas poucos podem declarar “estou transformado”.

As palavras do Mestre a Simão Pedro são muito simbólicas. Jesus proferiu-as, na véspera do Calvário, na hora grave da última reunião com os discípulos. Recomendava ao pescador de Cafarnaum confirmasse os irmãos na fé, quando se convertesse.

Acresce notar que Pedro sempre foi o seu mais ativo companheiro de apostolado. O Mestre preferia sempre a sua casa singela para exercer o divino ministério do amor. Durante três anos sucessivos, Simão presenciou acontecimentos assombrosos. Viu leprosos limpos, cegos que voltavam a ver, loucos que recuperavam a razão; deslumbrara-se com a visão do Messias transfigurado no Tabor, assistira a saída de Lázaro da escuridão do sepulcro, e, no entanto, ainda não estava convertido.

Seriam necessários os trabalhos imensos de Jerusalém, os sacrifícios pessoais, as lutas enormes consigo mesmo, para que pudesse converter-se ao Evangelho e dar testemunho do Cristo aos seus irmãos.

Não será por se maravilhar tua alma, ante as revelações espirituais, que estarás convertido e transformado para Jesus. Simão Pedro presenciou essas revelações com o próprio Messias e custou muito a obter esses títulos. Trabalhem, portanto, por nos convertermos. Somente nessas condições, estaremos habilitados para o testemunho.

Em outras palavras, Jesus estava alertando a Simão Pedro contra as tentações, artimanhas do mal (“satanás” ou do adversário, os obstáculos que ele encontraria pela frente, entre outros). O apóstolo deveria permanecer, então, vigilante, saber peneirar ou separar o bem do mal, o correto do incorreto, caso contrário, a sua fé seria desfalecida. Contudo, a despeito da extrema dedicação do apóstolo a Jesus, e dos seus incontáveis testemunhos

registrados pela História, sabemos que Pedro negou o Senhor por três vezes, pouco tempo depois desse alerta, antes mesmo do novo dia raiar. Seria uma lição dolorosa que ele arrastaria por toda a sua existência.

A confeitira Denise Lino tece algumas considerações a respeito dessa negação do apóstolo em sua obra *Humano, demasiadamente humano: a transformação moral de Pedro*, na qual analisa aspectos da vida e atos do admirável Apóstolo Simão Pedro, fundamentando-se em relatos do Espírito Amélia Rodrigues, psicografados por Divaldo Pereira Franco: “A descrição do evento inicia-se ainda no jantar de despedidas com a predição da referida negação por parte de Jesus, prevendo inclusive o marco decisivo da negação, que seria o canto do galo. [...]”⁶

De fato, ainda naquela noite, após a ceia pascal, Jesus foi preso no Monte das Oliveiras enquanto orava, e no momento em que era conduzido ao pátio da casa do sumo sacerdote, Pedro o acompanhava de longe (Lc 22:54 e 55).

Esse é o palco da ação. [...] Em resumo, o que se passa é que Pedro é reconhecido como um dos discípulos que ainda há pouco seguia o prisioneiro. Inquirido três vezes sobre a veracidade desse fato, três vezes o nega, mesmo assim, isto de nada vale, porque é reconhecido como galileu em duas versões, na de *Marcos* e na de *Lucas*. Na de *Mateus* (26:73), diz-se inclusive que o seu sotaque o denuncia, ou seja, ele não era mesmo de Jerusalém. De acordo com *Lucas* (22:61), o detalhe que dá mais dramaticidade ao fato é que nesse instante Jesus o fitou de longe.

Ante o clima geral de expectativa e em conflito íntimo, Pedro evadiu-se do local. O que se passou consigo não sabemos, talvez nunca venhamos saber, todavia os próprios evangelistas dão-nos a indicação. Os três primeiros biógrafos são unânimes em afirmar que, depois de o galo ter cantado e, portanto, o pescador ser reconhecido que a predição do Mestre se confirmara, ele chorou. *Mateus* (26:75) e *Lucas* (22:62) dizem mais, dizem que ele “chorou amargamente”.⁷

38.2 NO MONTE DAS OLIVEIRAS. PRISÃO DE JESUS (LC 22:39 A 53)⁸

³⁹Ele saiu e, como de costume, dirigiu-se ao monte das Oliveiras. Os discípulos o acompanharam. ⁴⁰Chegando ao lugar, disse-lhes: “Orai para não entrardes em tentação”. ⁴¹E afastou-se deles mais ou menos a um tiro de pedra, e, dobrando os joelhos, orava: ⁴²“Pai, se queres, afasta de mim este cálice! Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita!”. ⁴³Apareceu-lhe um anjo do céu, que o confortava. ⁴⁴E, cheio de angústia, orava com mais insistência ainda, e o suor se lhe tornou semelhante a espessas gotas de sangue que caíam por terra.

⁴⁵Erguendo-se após a oração, veio para junto dos discípulos e encontrou-os adormecidos de tristeza. ⁴⁶E disse-lhes: “Por que estais dormindo? Levantai-vos e orai, para que não entreis em tentação!”

⁴⁷Enquanto ainda falava, eis que chegou uma multidão. À frente estava o chamado Judas, um dos Doze, que se aproximou de Jesus para beijá-lo. ⁴⁸Jesus lhe disse: “Judas, com um beijo entregas o Filho do Homem?”. ⁴⁹Vendo o que estava para acontecer, os que se achavam com ele disseram-lhe: “Senhor, e se ferirmos à espada?”. ⁵⁰E um deles feriu o servo do Sumo Sacerdote, decepando-lhe a orelha direita. ⁵¹Jesus, porém, tomou a palavra e disse: “Deixai! Basta!” E tocando-lhe a orelha, curou-o.

⁵²Depois, Jesus dirigiu-se àqueles que vieram de encontro a ele, chefes dos sacerdotes, chefes da guarda do Templo e anciãos: “Como a um ladrão saístes com espadas e paus? ⁵³Eu estava convosco no Templo todos os dias e não pusestes a mão sobre mim. Mas é a vossa hora, e o poder das Trevas”.

Após a última ceia, Jesus dirige-se ao Monte das Oliveiras para orar, em companhia de alguns discípulos, em um espaço denominado *Getsêmani*, conforme relato de *Mateus* (26:36) e *Marcos* (14:32). A palavra *Getsêmani* significa “prensa de azeite” (do hebraico, *gat shmanê*), um local onde ocorria o esmagamento das azeitonas para extração do óleo. Ainda como lembrete, o Monte das Oliveiras é uma colina rochosa situada “do outro lado da torrente do Cedron” (*João*, 18:1), a leste da cidade de Jerusalém, no caminho para Betânia, e que separa Jerusalém do deserto da Judeia. *Getsêmani*, ou *Jardim do Getsêmani*, por sua vez, localiza-se no sopé do Monte das Oliveiras.

Jesus recomenda a prece em todos os momentos da vida, inclusive como medida de segurança e prudência contra as tentações. A respeito, assevera Honório Abreu que a prece tem grande poder, sendo “[...] valioso instrumento de relação direta com as fontes sublimadas do Universo, a oração evidencia-se na mente do discípulo como atitude indispensável ao reajuste e crescimento”⁹ E conclui:

O ato de “não entrar em tentação” toca, sem dúvida, os terrenos da vigilância. No entanto, insinuações rondam os campos da segurança ameaçando sistemas e estratégias de defesa. Nesta hora, à cautela, une-se o ato da oração a favorecer a identificação de recursos que, extrapolando os limites das mais nítidas concepções, poderá assegurar o êxito da determinação de vencer a si próprio, conquistando estabilidade e paz.

Orando, a criatura movimenta os mais recônditos valores. Quando a sua prece é realimentada por ações compatíveis com o conteúdo que direciona, entra em relação direta com as sinceras manifestações da fé consciente. Suas vibrações avançam para o infinito na busca da Fonte Suprema do Amor [...].¹⁰

Nos momentos que antecederam à prisão, julgamento, condenação e morte por crucificação, Jesus ora e pede a Deus afastar o cálice das dolorosas provações pelas quais iria passar; e assim, foi confortado por um Espírito puro, um anjo que veio ao seu encontro; como consta no texto de *Lucas* (43 e 44): *Apareceu-lhe um anjo do céu, que o confortava. E, cheio de angústia, orava com mais insistência ainda, e o suor se lhe tornou semelhante a espessas gotas de sangue que caíam por terra.*

Sob o peso de atordoante angústia, o Senhor volta-se para os discípulos e alerta-os, uma vez mais, para se manterem vigilantes e em oração. Pede-lhes para não dormir, mas ficarem atentos! Aliás, essa recomendação do Cristo de “não dormir” reveste-se de poderoso significado, assim considerado por Emmanuel:

Nos ensinamentos fundamentais de Jesus, é imperioso evitar as situações acomodaticias, em detrimento das atividades do bem.

O *Evangelho de Lucas*, nesta passagem, conta que os discípulos “dormiam de tristeza”, enquanto o Mestre orava fervorosamente no Horto. Vê-se, pois, que o Senhor não justificou nem mesmo a inatividade oriunda do choque ante as grandes dores.

[...]

Recordando a prece em *Getsêmani*, somos obrigados a lembrar que inúmeras comunidades de alicerces cristãos permanecem dormindo nas convivências pessoais, nos mesquinhos interesses, nas vaidades efêmeras. Falam do Cristo, referem-se à sua imperecível exemplificação, como se fossem sonâmbulos, inconscientes do que dizem e do que fazem, para despertarem tão só no instante da morte corporal, em soluços tardios.

[...]

Quanto a ti, que ainda te encontras na carne, não durmas em espírito, desatendendo aos interesses do Redentor. Levanta-te e esforça-te, porque é no sono da alma que se encontram as mais perigosas tentações, através de pesadelos ou fantasias.¹¹

Entretanto, pouco tempo depois, invigilantes, o Senhor os encontra dormindo! Joanna de Ângelis preveni-nos a respeito das ciladas da invigilância, que podem nos assaltar quando menos esperarmos:

No acendrado (puro) labor pela integração definitiva no espírito do Cristianismo, não descures a vigilância que preserva a paz e favorece o equilíbrio das atitudes.

Pululam estratégias sutis quão perniciosos de fácil aceitação.

Se abraças a tarefa da exposição evangélica pelo verbo ou através da escrita, penetra-te da responsabilidade a respeito das lições explicadas e não cedas terreno à insensatez sob qualquer aspecto que se apresente.

[...]

Ultrapado na praça pública e vilmente condenado, manteve-se meditativo ante o mesmo poviléu vencido por hedionda obsessão generalizada, que assim compactuava com o nefando crime.

As ciladas, todavia, que reiteradas vezes foram colocadas no Seu caminho, venceu-as todas, pulcro, infenso à sordidez dos satanazes das Trevas...

Acautela-te, a teu turno!

Como recebes suprimento de forças oriundas das Regiões Felizes para o teu êxito, também procedem de outras fontes investidas graves e malsinantes a que estás exposto pelo passado delituoso que ora reparas.

Refugia-te, assim, na humildade legítima, outorgando para o teu espírito apenas deveres e deveres, pois o direito do cristão é servir sempre e mais como discípulo fiel do Trabalhador Incessante que tomou por modelo e guia.¹²

Ato contínuo à reprimenda de Jesus aos discípulos, vendo-os dormindo em momento tão grave, ocorrem três ações simultâneas:

- 1) Judas, acompanhado de uma multidão, entrega Jesus aos guardas, identificando-o com um beijo: *Jesus lhe disse: “Judas, com um beijo entregas o Filho do Homem?”* (Lc 22:48).
- 2) Um servo do sumo sacerdote tem a orelha decepada por um dos discípulos, revelando contradição com a mensagem de não violência que o Cristo lhes ensinava, conforme o registro de *Lucas* (22:49 a 51): *Vendo o que estava para acontecer, os que se achavam com ele disseram-lhe: “Senhor, e se ferirmos à espada?” E um deles feriu o servo do Sumo Sacerdote, decepando-lhe a orelha direita. Jesus, porém, tomou a palavra e disse: “Deixai! Basta!” E tocando-lhe a orelha, curou-o.*
- 3) Jesus cai prisioneiro. Antes, porém, expõe a falsidade do clero: *Depois, Jesus dirigiu-se àqueles que vieram de encontro a ele, chefes dos sacerdotes, chefes da guarda do Templo e anciãos: “Como a um ladrão saístes com espadas e paus? Eu estava convosco no Templo todos os dias e não pusestes a mão sobre mim. Mas é a vossa hora, e o poder das Trevas”* (Lc 22:52 e 53).

São ações características da imperfeição humana que, entre outras, destacamos: insensatez, invigilância, hipocrisia, traição, apego às coisas materiais, passageiras e perecíveis.

38.3 PRIMEIROS ULTRAJES. JESUS PERANTE O SINÉDRIO (LC 22:63 A 71)¹³

⁶³Os guardas açoavam de Jesus, espancavam-no, ⁶⁴cobriam-lhe o rosto e o interrogavam: “Faz uma profecia: quem é que te bateu?” ⁶⁵E proferiam contra ele muitos outros insultos.

⁶⁶Quando se fez dia, reuniu-se o conselho dos anciãos do povo, chefes dos sacerdotes e escribas, e levaram-no para o Sinédrio, ⁶⁷dizendo: “Se tu és o Cristo, dize-nos!” Ele respondeu: “Se eu vos disser, não acreditareis, ⁶⁸e se eu vos interrogar, não respondereis. ⁶⁹Mas, doravante, o *Filho do Homem estará sentado à direita do Poder de Deus!*” ⁷⁰Todos então disseram: “És, portanto, o Filho de Deus?”. Ele lhes declarou: “Vós dizeis que eu sou!” ⁷¹Replicaram: “Que necessidade temos ainda de testemunho? Ouvimo-lo de sua própria boca!”.

Com a prisão, inicia-se o sofrimento de Jesus, que foi submetido a todo tipo de humilhação e zombaria por parte dos guardas e dos membros do Sinédrio. Os apóstolos e demais discípulos, por sua vez, revelam-se apreensivos, temerosos que algo semelhante pudesse acontecer com eles. Mas a excelsitude de Jesus se revela em todos os momentos, especialmente perante a traição de Judas, a negação de Pedro, a sua prisão e posterior condenação. O amor e a renúncia são exemplificados com muita clareza, como recorda Humberto de Campos ao transcrever uma conversa ocorrida entre Jesus e Simão Pedro, da qual extraímos este pequeno trecho para a nossa meditação:

[...] O Reino do Céu no coração deve ser o tema central de nossa vida. Tudo mais é acessório. A família, no mundo, está igualmente subordinada aos imperativos dessa edificação. Já pensaste, Pedro, no supremo sacrifício de renunciar? Todos os homens sabem conservar, são raros os que sabem privar-se. Na construção do Reino de Deus, chega um instante de separação, que é necessário se saiba suportar com sincero desprendimento. E essa separação não é apenas a que se verifica pela morte do corpo, muitas vezes proveitosa e providencial, mas também a das posições estimáveis no mundo, a da família terrestre, a do viver nas paisagens queridas, ou, então, a de uma alma bem-amada que preferiu ficar, a distância, entre as flores venenosas de um dia!...

“Ah! Simão, quão poucos sabem partir, por algum tempo, do lar tranquilo, ou dos braços adorados de uma afeição, por amor ao Reino que é o tabernáculo da vida eterna! Quão poucos saberão suportar a calúnia, o apodo, a indiferença, por desejarem permanecer dentro de suas criações individuais, cerrando ouvidos à advertência do Céu para que se afastem tranquilamente!... Como são raros os que sabem ceder e partir em silêncio, por amor ao Reino, esperando o instante em que Deus se pronuncia! Entretanto, Pedro, ninguém se edificará, sem conhecer essa virtude de saber renunciar com alegria, em obediência à vontade de Deus, no momento oportuno, compreendendo a sublimidade de seus desígnios. Por essa razão, os discípulos necessitam aprender a partir e a

esperar aonde as determinações de Deus os conduzam, porque a edificação do Reino do Céu no coração dos homens deve constituir a preocupação primeira, a aspiração mais nobre da alma, as esperanças centrais do Espírito!...¹⁴

Obs.: Outras informações a respeito dos assuntos analisados aqui, no Tema 38, são encontradas no Livro II (*Estudo Interpretativo do Evangelho segundo Mateus*), Tema 56; e no Livro III (*Estudo Interpretativo do Evangelho segundo Marcos*), Temas 34, 35 e 36.

REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v.2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. its. 22:31; 22:32; 22:33; e 22:34, p. 277.
- 2 _____. _____. it. 22:48, p. 282.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 22:31-34; 22:54-62, p. 1.828 e 1.829.
- 4 KEENER, Craig. S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. v. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas de Lima. São Paulo, SP: Vida Nova, 2017. cap. *Lucas*, it. 22:31-32, p. 279.
- 5 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 15.
- 6 FRANCO, Divaldo Pereira; ARAÚJO, Denise Lino. *Humano, demasiadamente humano*: a transformação moral de Pedro. Leitura de contos do Espírito Amélia Rodrigues pela psicografia de Divaldo Pereira Franco por Denise Lino. cap. *A negação*, p. 102.
- 7 _____. _____. p. 103.
- 8 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 22:39-53, p. 1.829.
- 9 ABREU, Honório. (Coord.). *Luz imperecível*: estudo interpretativo do evangelho à luz da doutrina espírita. Belo Horizonte, MG: Grupo Espírita Emmanuel, 1997. cap. 172, p. 470 e 471.
- 10 _____. _____. p. 471.
- 11 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 87.

- 12 FRANCO, Divaldo Pereira. *Celeiro de bênçãos*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 5. ed. Salvador, BA: LEAL, 1984. cap. 12, p. 41 e 43.
- 13 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 22:63-71, p. 1.829 e 1.830.
- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília, DF: FEB: 2020. cap. 12.

JESUS PERANTE PILATOS

JESUS PERANTE HERODES. JESUS NOVAMENTE DIANTE DE PILATOS. A CAMINHO DO CALVÁRIO (LC 23:1 A 32)

O estudo desse Tema 39 apresenta uma sequência de eventos conhecidos como a *Paixão do Cristo*. Tais eventos podem ser subdivididos em duas partes: a primeira indica os *juízos* aos quais Jesus foi submetido nas diferentes instâncias do poder existente na sociedade Judaica da época: 1) pelo sumo sacerdote e alguns membros do clero, imediatamente após a sua prisão, ocorrida no Monte das Oliveiras quando orava, à noite; 2) pelos demais membros do Sinédrio, na manhã do dia seguinte à prisão; 3) por Pilatos, cônsul e interventor romano; 4) por Herodes, o governador da Palestina; 5) novamente, e por último, por Pilatos. A segunda parte dos eventos da Paixão está consubstanciada nas *sentenças de condenação*: morte por crucificação, antecedida por peregrinação ofensiva pelas ruas de Jerusalém.

Após julgamento final, Pilatos decretou a morte de Jesus por crucificação, porém, antes dessa ocorrência, o Senhor Jesus deveria percorrer um trajeto específico, do *Pretório* (residência de Pilatos e que também funcionava como tribunal) ao *Calvário* ou *Gólgota* (colina onde seria crucificado), carregando uma pesada cruz, e sendo objeto de humilhações e de outros inúmeros sofrimentos, físicos e morais. Esse doloroso percurso passou à História com o nome de *Via crucis* (em português, *Caminho da cruz*) ou *Via Sacra* (*Caminho Sagrado*).

Humberto de Campos destaca que, somava-se aos sofrimentos impostos pela sentença, o doloroso distanciamento dos discípulos que, amedrontados, temiam que semelhante situação pudesse também ocorrer com eles:

Depois das cenas descritas com fidelidade nos Evangelhos, observamos as disposições psicológicas dos discípulos, no momento doloroso. Pedro e João foram os últimos a se separarem do Mestre bem-amado, depois de tentarem fracos esforços pela sua libertação.

[...] As penas impostas a Jesus eram excessivamente severas para que fossem tentados a segui-lo. Da Corte Provincial ao palácio de Antipas, viu-se o condenado exposto ao insulto, à zombaria. Com exceção do filho de Zebedeu, que se conservou ao lado de Maria até ao instante derradeiro, todos os que integravam o reduzido colégio do Senhor debandaram. Receosos da perseguição, alguns se ocultaram nos sítios próximos, enquanto outros, trocando as túnicas habituais, seguiam, de longe, o inesquecível cortejo, vacilando entre a dedicação e o temor.

O Messias, no entanto, coroando a sua obra com o sacrifício máximo, tomou a cruz sem uma queixa, deixando-se imolar, sem qualquer reprovação aos que o haviam abandonado na hora última. Conhecendo que cada criatura tem o seu instante de testemunho, no caminho de redenção da existência, observou às piedosas mulheres que o cercavam, banhadas em lágrimas:

— “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai por vós mesmas e por vossos filhos!”...¹

39.1 JESUS PERANTE PILATOS. JESUS PERANTE HERODES (LC 23:1 A 12)²

¹Toda a multidão se levantou; e conduziram-no a Pilatos. ²Começaram então a acusá-lo, dizendo: “Encontramos este homem subvertendo nossa nação, impedindo que se paguem os impostos a César e pretendendo ser Cristo Rei”. ³Pilatos o interrogou: “És tu o rei dos judeus?”. Respondendo, ele declarou: “Tu o dizes”. ⁴Pilatos disse, então, aos chefes dos sacerdotes e às multidões: “Não encontro nesse homem motivo algum de condenação”. ⁵Eles, porém, insistiam: “Ele subleva o povo, ensinando por toda a Judeia, desde a Galileia, onde começou, até aqui”. ⁶A essas palavras, Pilatos perguntou se ele era galileu. ⁷E certificando-se de que pertencia à jurisdição de Herodes, transferiu-o a Herodes que, naqueles dias, também se encontrava em Jerusalém.

⁸Vendo a Jesus, Herodes ficou muito contente; havia muito tempo que queria vê-lo, pelo que ouvia dizer dele; e esperava ver algum milagre feito por ele. ⁹Interrogou-o com muitas perguntas; ele, porém, nada lhe respondeu. ¹⁰Entretanto, os chefes dos sacerdotes e os escribas lá se achavam, e acusavam-no com veemência. ¹¹Herodes, juntamente com a sua escolta, tratou-o com desprezo e escárnio; e, vestindo-o com uma veste brilhante, remeteu-o a Pilatos. ¹²E, nesse mesmo dia, Herodes e Pilatos ficaram amigos entre si, pois antes eram inimigos.

Na verdade, Jesus já estava condenado à morte antes mesmo de ser encaminhado a Pilatos e a Herodes, assunto que *Mateus* (26:47 a 68) e *Marcos* (14:53 a 72) registram com mais detalhes. Desde o início, a prisão, julgamento e morte do Mestre Nazareno foi uma farsa, urdida habilmente com apoio de religiosos, representantes do clero, de autoridades político-religiosas e,

também, por um dos membros do colégio apostolar. Cada etapa, da prisão à morte, foi planejada para que não ocorressem erros: inicia-se com a prisão no Getsêmani (Horto das Oliveiras), quando Jesus orava na companhia de Pedro, João, e seu irmão Tiago (Lc 22:39; Mt 26:36 a 41; Jo 18:1 a 11). Em seguida, religiosos ligados ao sumo sacerdote chegam acompanhados de soldados de Herodes e de oficiais romanos, assim como do apóstolo Judas Iscariotes, e declaram a prisão de Jesus: “[...] os mensageiros dos sacerdotes prenderam-no e lhe manietaram as mãos, como se o fizessem a um salteador vulgar”.³ Na mesma noite, ocorre uma reunião na casa do sumo sacerdote, em que este e alguns auxiliares realizam um julgamento e, já naquele momento, decretaram a morte de Jesus.

Ora, os membros do Sinédrio, mesmo o sumo sacerdote e auxiliares diretos, não tinham autoridade legal nem moral para realizarem uma reunião noturna de julgamento e, muito menos, para emitir sentença de morte. De acordo com as leis judaicas, as reuniões desse teor só poderiam ocorrer durante o dia, contando-se com a maioria dos membros do Sinédrio: “[...] uma pena de morte não podia ser imposta nem oficialmente decidida num tribunal que funcionasse à noite. É óbvio que essa reunião matutina do sinédrio teve como finalidade ratificar a decisão ilegal de condenar Jesus, o que evidentemente ficara resolvido na noite anterior”.⁴ Emmanuel também considera que o Sinédrio não tinha autoridade moral para julgar Jesus: “[...] Os juízes do Sinédrio, pessoalmente, não se achavam habilitados a movimentar o sinistro assunto, nem os acusadores gratuitos do Mestre poderiam, por si mesmos, efetuar o processo infamante. [...]”.⁵

A condenação de alguém à morte, segundo a tradição normativa do Judaísmo, seguia um processo de análise mais detalhada e responsável:

[...] O processo para esse tipo de condenação exigia respaldo do testemunho de duas pessoas; eram ouvidos primeiro os defensores do acusado. A sentença para absolvição poderia ser pronunciada no mesmo dia do processo, mas a de condenação somente no dia seguinte. A votação era simples; o membro ficava de pé, começando sempre pelo mais novo membro. A condenação exigia a maioria acima de dois votos, ou seja, mais de 51% dos votos.⁶

Inquieta e desinformada, a multidão aceita as mentiras e outras influências perniciosas dos religiosos. Unem-se e pedem a condenação do Cristo, como consta na passagem evangélica: *Começaram então a acusá-lo, dizendo: “Encontramos este homem subvertendo nossa nação, impedindo que se paguem os impostos a César e pretendendo ser Cristo Rei”.* (Lc 23:2).

A verdade é que o povo, propriamente dito, vivia em um estado de degradante subserviência, sendo continuamente manipulado pelos “donos do poder”:

A administração geral era conduzida pelos filhos de Herodes, o Grande, em diferentes regiões. O poder político era exercido pelo imperador romano, garantido pela ação de interventores que subjogava, com tacão de ferro, o povo judeu e gentílicos. Por último havia o poder religioso, centralizado nos membros do Sinédrio. Cada uma dessas “fatias de poder” imprimia ação de domínio no campo em que atuavam diretamente.⁷

Nesse contexto, qualquer migalha de possíveis benefícios advinda das autoridades, religiosas ou não, fazia o povo mudar de posição. Destaca-se, assim, o o grande poder de manipulação exercido pelo clero junto ao invasor romano, às autoridades administrativas (Herodes) e ao povo, fato que revelava notório afastamento da Lei de Deus: “O poder religioso, confundindo-se com o civil e militar, criava no país uma rede infundável de intrigas, suspeitas e perseguições que tornavam insuportáveis as vidas brilhantes. [...] É neste cenário de conturbação e paixões que se encontra Jesus”⁸.

O primeiro contato de Jesus com Pilatos, na sessão de julgamentos do tribunal, expressa desinteresse e displicência por parte da autoridade romana. Afinal, ali ele atuava em nome do imperador romano, como cônsul do Império Romano e interventor da Palestina; revelou-se superficial, mesmo não tendo encontrado algo que pudesse conduzir o Senhor a uma condenação. Possivelmente enfadado, nada analisa, encaminhando Jesus para Herodes, ao constatar que estava diante de um galileu. A respeito registra *Lucas (23:3 a 7)*: *Pilatos o interrogou: “És tu o rei dos judeus?”. Respondendo, ele declarou: “Tu o dizes”. Pilatos disse, então, aos chefes dos sacerdotes e às multidões: “Não encontro nesse homem motivo algum de condenação”. Eles, porém, insistiam: “Ele subleva o povo, ensinando por toda a Judeia, desde a Galileia, onde começou, até aqui”. A essas palavras, Pilatos perguntou se ele era galileu. E certificando-se de que pertencia à jurisdição de Herodes, transferiu-o a Herodes que, naqueles dias, também se encontrava em Jerusalém.*

No tribunal de Herodes, a cena anterior foi repetida. Sob a influência dos chefes dos sacerdotes e dos escribas, Herodes nada faz. Influenciado, trata Jesus com desprezo e o devolve a Pilatos. Vemos assim que não existiu, efetivamente, um julgamento: nem por Pilatos nem por Herodes. O que aconteceu foi um jogo de “empurra-empurra”, muito bem orquestrado pelas autoridades religiosas que se aproveitaram da vaidade e descompromisso de ambos, o dirigente romano e o administrador da Palestina, como consta no relato de *Lucas (23:10 a 12)*. Ante tal cenário de acumpliciamento, intrigas,

infâmias, apego ao poder, a posições e bens transitórios, percebemos como a injustiça é facilmente lavrada entre nós. Amélia Rodrigues pondera a respeito:

Era o Príncipe da Paz, mas trouxe a divisão...

[...]

Os desprezados e malvistas, por também serem filhos de Deus, ao invés do repúdio necessitam de oportunidade para refazimento interior. Essa proposta, a da divisão, da renúncia, choca os puritanos e presunçosos, mais preocupados com o exterior do que com a realidade que são, mais atentos aos cuidados da indumentária, do que com o conteúdo moral, a sua essência... Preferem a hipocrisia bem urdida, enganosa, com que disfarçam os sentimentos afligentes, dando a impressão de uma felicidade de que não desfrutam e de um poder que não possuem. Para segui-lo, conforme o propunha, é claro que se faz necessária uma divisão radical, que nem todos compreendem, e isso separa os membros da família, divide as pessoas, gera lutas e conflitos, porquanto uns permanecem buscando os mesquinhos interesses, enquanto os convidados para o Reino anelam pelo tesouro maior, embora noutra dimensão. Ante os jogos do imediatismo e das possibilidades das conquistas mediatas, a eleição dos últimos produz choque, em face dos apegos terrestres, das ilusões... Foi o que aconteceu com Ele antes como depois do Seu suplício e ressurreição. Aqueles que o amaram e optaram por segui-lo experimentaram o opróbrio, a perseguição, o exílio, a morte infamante, porque se tornaram ameaça ao poder temporal dos Césares e dos vendilhões das divinas mercês.⁹

39.2 JESUS NOVAMENTE DIANTE DE PILATOS. CAMINHO DO CALVÁRIO (LC 23: 13 A 32)¹⁰

¹³Depois de convocar os chefes dos sacerdotes, os chefes e o povo, Pilatos ¹⁴disse-lhes: “Vós me apresentastes este homem como um agitador do povo; ora, eu o interroguei diante de vós e não encontrei neste homem motivo algum de condenação, como o acusais. ¹⁵Tampouco Herodes, uma vez que ele o enviou novamente a nós. Como vedes, este homem nada fez que mereça a morte. ¹⁶Por isso eu vou soltá-lo, depois de o castigar”. ¹⁷¹⁸ Eles, porém, vociferaram todos juntos: “Morra esse homem! Solta-nos Barrabás!”. ¹⁹Este último havia sido preso por um motim na cidade e por homicídio.

²⁰Pilatos, querendo soltar Jesus, dirigiu-lhes de novo a palavra. ²¹Mas eles gritavam: “Crucifica-o! Crucifica-o!”. ²²Pela terceira vez, disse-lhes: “Que mal fez este homem? Nenhum motivo de morte encontrei nele! Por isso vou soltá-lo depois de o castigar”. ²³Eles, porém, insistiam com grandes gritos, pedindo que fosse crucificado; e seus clamores aumentavam.

²⁴Então Pilatos sentenciou que se atendesse ao pedido deles. ²⁵Soltou aquele que fora posto na prisão por motim e homicídio, e que eles reclamavam. Quanto a Jesus, entregou-o ao arbítrio deles.

²⁶Enquanto o levavam, tomaram certo Simão de Cirene, que vinha do campo, e impuseram-lhe a cruz para levá-la atrás de Jesus. ²⁷Grande multidão do povo o seguia, como também mulheres que batiam no peito e se lamentavam por causa dele. ²⁸Jesus, porém, voltou-se para elas e disse: “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai, antes, por vós mesmas e por vossos filhos! ²⁹Pois, eis que virão dias em que se dirá: Felizes as estérteis; as entranhas que não conceberam e os seios que não amamentaram! ³⁰Então começarão a dizer às montanhas: *Cai sobre nós!* e às colinas: *Cobri-nos!* ³¹Porque se fazem assim com o lenho verde, o que acontecerá com o seco?” ³²Eram conduzidos também dois malfeitores para serem executados com ele.

Reconduzido a Pilatos, a farsa do julgamento prossegue. O interventor romano revela debilidade administrativa e fraqueza de caráter ao condenar Jesus à morte, mesmo quando, pela segunda vez, reconhece publicamente que nada havia encontrado no Senhor que justificasse um julgamento e possível condenação, como registrou *Lucas* (23:13 a 16).

Com essa declaração, tudo poderia ser encerrado naquele momento, e Jesus seria libertado. Afinal, Pilatos era, ali, a autoridade máxima, com poder de fazer o que quisesse, independentemente das simpatias ou antipatias que seus atos produzissem, como acontecera inúmeras vezes. Envolvido, porém, pelo jogo político e por outros interesses escusos, a justiça não foi feita. Pilatos teve uma imensa oportunidade de mostrar autoridade e respeito. Infelizmente, optou pela covardia de condenar e sentenciar um inocente à pena capital — inocente que ele mesmo declara por três vezes, como consta no texto de *Lucas* (23:18 a 25).

Com a condenação, Jesus foi conduzido, sob escolta dos soldados de Herodes, pelas ruas de Jerusalém a caminho da crucificação no Gólgota, carregando pesada cruz. A soldadesca colocou sobre a cabeça dele uma coroa de espinhos e um manto escarlate para o ridicularizar e humilhar, em alusão a ser Ele o “rei dos judeus”. Ao longo do percurso ou *via crucis*, Ele foi continuamente espancado e humilhado, a ponto de, em determinado momento, muito ferido e enfraquecido, caiu ao solo. Nesse instante, foi auxiliado por um judeu de origem grega, que o ajudou carregar a cruz: “Enquanto o levavam, tomaram certo Simão de Cirene, que vinha do campo, e impuseram-lhe a cruz para levá-la atrás de Jesus” (Lc 23:26).

Na mensagem *Pilatos*, em seguida inserida, o benfeitor Emmanuel pondera a respeito da dualidade da personalidade de Pilatos que, mesmo reconhecendo ausência de culpa em Jesus, condena-o à morte, a despeito de ele possuir o poder de decisão, independentemente da vontade do povo

ou das demais autoridades. Ali, ele era, por si mesmo, o tribunal de César, a última instância de poder!

Pilatos¹¹

Mas entregou Jesus à vontade deles. (Lucas, 23:25.)

Pilatos hesitava. Seu coração era um pêndulo entre duas forças poderosas...

De um lado, era a consciência transmitindo-lhe a vontade superior dos Planos Divinos, de outro, era a imposição da turba ameaçadora, encaminhando-lhe a vontade inferior das esferas baixas do mundo.

O infortúnio do juiz romano foi entregar o Senhor aos desígnios da multidão mesquinha.

Na qualidade de homem, Pôncio Pilatos era portador de defeitos naturais que nos caracterizam a quase todos na experiência em que o nobre patrício se encontrava, mas como juiz, naquele instante, seu imenso desejo era o de acertar.

Queria ser justo e ser bom no processo do Messias Nazareno, entretanto, fraquejou pela vontade enfermiça, cedendo à zona contrária ao bem.

Examinando o fenômeno, todavia, não nos move outro desejo senão o de analisar nossa própria fragilidade.

Quantas vezes agimos até ontem, ao modo de Pilatos, nas estradas da vida? Imaginemos o tribunal de Jerusalém transportado ao nosso foro íntimo.

Jesus não se punha contra o nosso exame, mas, esperando pela nossa decisão, aí permanece conosco a Sua ideia Divina e Salvadora.

Qual aconteceu ao juiz, nosso coração transforma-se em pêndulo, entre as exortações da consciência eterna e as requisições dos desejos inferiores.

Quase que invariavelmente, entregamos o pensamento de Jesus às zonas baixas, onde sofre a mesma crucificação do Mestre.

Vemos assim que Pilatos converteu-se em profundo símbolo para a caminhada humana.

Obs.: Outros detalhes a respeito dos assuntos analisados aqui, no Tema 39, são encontradas no Livro II (*Estudo Interpretativo do Evangelho segundo Mateus*), Tema 56; e no Livro III (*Estudo Interpretativo do Evangelho segundo Marcos*), Temas 35, 36 e 37.

REFERÊNCIAS

- 1 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15 imp. Brasília, DF: FEB: 2020. cap. 27.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores.

- Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 23:1-12, p. 1.830.
- 3 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15 imp. Brasília, DF: FEB: 2020. cap. 27.
- 4 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 1 (Mateus/Marcos). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. it. Mateus, 27:1, p. 706.
- 5 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 15. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 104.
- 6 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo, SP: Hagnos, 2005. verbete: Sinédrio, p. 1.163.
- 7 MOURA, Marta Antunes de O. (Org. e coord.). *Estudo interpretativo do evangelho segundo Marcos*. 1. ed. Brasília, DF: FEB, 2021. Tema 36, it. 36.1.2.
- 8 FRANCO, Divaldo Pereira. *Trigo de Deus*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 6. ed. Salvador, BA: LEAL, 2014. cap. 22, p. 139.
- 9 _____. *A mensagem do amor imortal*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 2. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 16, p. 90 a 92.
- 10 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 23:13-32, p. 1.830 e 1.831.
- 11 XAVIER, Francisco Cândido. *Alma e luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 7. ed. 1. imp. Araras, SP: IDE, 2018. cap. *Pilatos*, p. 79 a 83.

A CRUCIFICAÇÃO

JESUS NA CRUZ, SUJEITO A ZOMBARIA E A ULTRAJES.
O “BOM LADRÃO”. A MORTE DE JESUS. APÓS A MORTE
DE JESUS. O SEPULTAMENTO (LC 23:33 A 56)

Após a farsa do julgamento junto ao Sinédrio, a Herodes e duas vezes perante Pilatos, Jesus é submetido a dolorosas e humilhantes agressões físicas e morais, no trajeto conhecido como *via crucis*, entre o *Pretório* (residência de Pilatos que também funcionava como tribunal) e o *Gólgota* ou Monte da *Caveira* (local onde seria crucificado). Esse “lugar da crucificação” talvez se chamasse “Lugar da Caveira”, porque muitas mortes ocorriam ali. O tradicional termo “Calvário” [...] deriva do latim *calvarius*, “caveira”.¹

40.1 A CRUCIFICAÇÃO. JESUS NA CRUZ, SUJEITO A ZOMBARIA E A ULTRAJES (LC 23:33 A 38)²

³³Chegando ao lugar chamado Caveira, lá o crucificaram, bem como aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda. ³⁴Jesus dizia: “Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem”. Depois, repartindo suas vestes, sorteavam-nas.

³⁵O povo permanecia lá, olhando. Os chefes, porém, zombavam e diziam: “A outros salvou, que salve a si mesmo, se é o Cristo de Deus, o Eleito!” ³⁶Os soldados também caçoavam dele; aproximando-se, traziam-lhe vinagre, ³⁷e diziam: “Se és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo”. ³⁸E havia uma inscrição acima dele: “Este é o Rei dos judeus”.

A crucificação, entre dois condenados, foi a culminância de todos os sofrimentos e humilhações impostos ao Cristo. Antes de ser preso à cruz, as suas vestes foram retiradas e sorteadas; os chefes dos soldados e do clero prosseguiram em suas zombarias, falando para Ele salvar a si mesmo, se, efetivamente, fosse o Cristo de Deus, o Eleito (Lc 23:35); os soldados, por sua vez, ofereceram-lhe vinagre, em vez de água, e, entre risadas cruéis, diziam: “Se és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo” (Lc 23:36 e 37); também colocaram no alto da cruz uma inscrição com a frase, acima dele: “*Este é*

o Rei dos judeus” (Lc 23:38). Contudo, até o último suspiro, Ele manteve a postura de Messias Celestial, anunciado pelos profetas, por João Batista, e amplamente aguardado pelo povo judeu, e rogou a Deus pelos seus algozes. *Jesus dizia: “Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem”* (Lc 23:34).

A zombaria é prática usual dos Espíritos fracos, utilizada para agredir e magoar. Revela um comportamento doentio e viciante, gerador das mais variadas perturbações. Assim, ante pessoas que assim procedem, sigamos o oportuno conselho da benfeitora Joanna de Ângelis: “[...] cuida-te, por sua vez, a fim de evitares a obsessão da zombaria, já que não faltarão mentes levianas desatreladas do corpo físico, que sincronizarão com a tua, lançando-te dúvidas soezes, tormentos e desconfianças cruéis, vencendo-te e arrastando-te, por fim, a penosas conjunturas sob sarcasmos que não podes prever”.³

Em relação aos acontecimentos ocorridos durante a crucificação, o estadunidense, teólogo e professor do Novo Testamento, Craig Keener (nascido em 4 julho de 1960), apresenta algumas interessantes considerações, com base em suas pesquisas acadêmicas:

[...] De acordo com o costume romano, os soldados recebiam como prêmio as vestes da vítima. Na Antiguidade, as pessoas lançavam sortes antes de tomar uma decisão (veja comentário de *Atos*, 1:20).

[...]

Ser ridicularizado era um dos sofrimentos infligidos ao homem nu pendurado na cruz. Com frequência, os autores da Antiguidade gostavam de recorrer à ironia. [...].

[...]

A oferta do vinagre ou vinho amargo tinha efeito analgésico e também costumava saciar a sede; *Lucas*, no entanto, declara que o ato é apenas parte da zombaria que fazem de Jesus. Não surpreende a disponibilidade desse tipo de vinho ali; os soldados e outras pessoas o usavam porque saciava a sede melhor que a água e era mais barato que o vinho natural.

A provocação dos soldados talvez tenha um toque do cinismo com que os *gentios* tratavam os judeus, um cinismo que era muito comum, apesar (ou, em parte, por causa) das conversões romanas ao judaísmo.⁴

Merece destaque o fato de Jesus pedir a Deus perdão para os seus ofensores e perseguidores. O perdão é a luz que dissolve as trevas reinantes. E Jesus tinha perfeita compreensão de que somente o Bem neutraliza ou apaga os efeitos do mal. Ele sabia que aquelas almas se encontravam prisioneiras de ignorância espiritual, pois ignoravam que, cedo ou tarde, iriam passar por desafiantes provações nas reencarnações futuras, consoante os imperativos da Lei de Causa e Efeito. Emmanuel, esclarece melhor:

As palavras do Mestre, na cruz, oferecem um roteiro de pensamentos profundos, nesse sentido:

— “Perdoa-lhes, meu Pai, porque não sabem o que fazem”, representa uma sentença básica da responsabilidade que o assunto envolve em si mesmo.

Num momento, qual o do Calvário, em que a dor se lhe impunha ao Espírito Divino, Jesus roga o perdão de Deus para as criaturas, mas não esquece de assinalar o porquê de Sua solicitação.

Seu motivo profundo era o da ignorância em que os homens se mergulhavam. O Mestre compreendia que não se deve invocar a tolerância de Deus sem razão justa, como nunca se abusa de um Pai abnegado e carinhoso.

Tornava-se preciso explicar que o drama do Gólgota era forma de animalidade de quantos o rodeavam.

E a expressão do Cristo foi guardada no Evangelho, a fim de que todos os aprendizes venham a compreender que tolerância e perdão de Deus não são forças que se reclamam a esmo.⁵

40.2 O “BOM LADRÃO”. A MORTE DE JESUS (LC 23:39 A 49)⁶

³⁹Um dos malfeitores suspensos à cruz o insultava, dizendo: “Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós”. ⁴⁰Mas o outro, tomando a palavra, o repreendia: “Nem sequer temes a Deus, estando na mesma condenação?” ⁴¹Quanto a nós, é de justiça; estamos pagando por nossos atos; mas ele não fez nenhum mal”. ⁴²E acrescentou: “Jesus, lembra-te de mim, quando vieres com teu reino”. ⁴³Ele respondeu: “Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no Paraíso”.

⁴⁴Era já mais ou menos a hora sexta, e houve treva sobre a terra inteira até à hora nona, ⁴⁵tendo desaparecido o sol. O véu do Santuário rasgou-se ao meio, ⁴⁶e Jesus deu um forte grito: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito”. Dizendo isso, expirou.

Esse trecho de *Lucas* indica que a oportunidade de aceitarmos o *Evangelho* surge nos momentos mais inusitados da caminhada evolutiva. Para um dos crucificados ao lado do Cristo foi aquele momento o final da sua existência. É óbvio que daí em diante, nas feiras das reencarnações, ele receberia as oportunidades para acesso ao Paraíso, ou ao Reino dos Céus. Ele converteu-se ao amor do Senhor, mas não estava ainda transformado moralmente: isto demandaria algum tempo.

A propósito, acredita-se que o nome dos dois malfeitores, expressão utilizada por *Lucas* (23:39 a 42), ou dois ladrões, ou assaltantes pelos demais evangelistas, era, respectivamente, *Gestas ou Giestas* (o “mau ladrão”) e *Dimas* ou *Dismas* (o “bom ladrão”), conforme *Marcos* (15:27). O nome de ambos aparece também em um livro apócrifo, denominado *O evangelho de*

Nicodemos, surgido no século IV da nossa era, na versão grega. No século VI, o mesmo livro foi escrito em latim, mas o título *Evangelho de Nicodemos* foi substituído por *Atos de Pilatos*.⁷ Da mesma forma, o nome dos dois condenados crucificados junto com Jesus é citado em outro livro apócrifo: *Evangelho árabe da infância*. Trata-se de uma obra escrita por Ahmad Ibn Idris Al-Fasi (1760–1837), um reformador neo-surfista do Islamismo, atuante no Marrocos, Norte da África e Iêmen. Nesse livro, o autor nomeia Gestas como *Dumachus* e Dimas como *Tito*.⁸ Acredita-se que o texto de Al-Fasi teve como referência outra obra apócrifa, denominada *Quinto Evangelho*, que, supostamente, é atribuída ao Apóstolo Pedro.⁸ Finalmente, e apenas como curiosidade, há uma informação descrita no conto *Lenda Dourada* do estadunidense Henry Wadsworth Longfellow (1807–1882), de que *Dumachus* seria um dos ladrões do bando que atacou a *Família Sagrada* (José, Maria e Jesus) durante a fuga para o Egito.^{8,9}

Para a nossa reflexão, é válido enfatizar o momento final da morte de Jesus, segundo *Lucas* (23:44 a 46): “Era já mais ou menos a hora sexta, e houve treva sobre a terra inteira até à hora nona, tendo desaparecido o sol. O véu do Santuário rasgou-se ao meio, e Jesus deu um forte grito: Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito”. Dizendo isso, expirou. Allan Kardec apresenta-nos as seguintes considerações:

É estranho que tais prodígios, operando-se no próprio momento em que a atenção da cidade se concentrava no suplício de Jesus, que era o acontecimento do dia, não tenham sido notados, já que nenhum historiador os menciona. Parece impossível que um tremor de terra e o fato de ficar toda a Terra envolta em trevas durante três horas, num país onde o céu é sempre de perfeita limpidez, tenham passado despercebidos. A duração de tal obscuridade teria sido quase a de um eclipse do Sol, mas os eclipses dessa espécie só se produzem na lua nova, e a morte de Jesus ocorreu em fase de lua cheia, a 14 de nissan, dia da Páscoa dos judeus. O obscurecimento do Sol também pode ser produzido pelas manchas que se observam na sua superfície. Em tal caso, o brilho da luz se enfraquece sensivelmente, porém nunca a ponto de produzir obscuridade e trevas. Supondo que um fenômeno desse gênero tivesse ocorrido, ele resultaria de uma causa perfeitamente natural.¹⁰

Emmanuel analisa a citação *lucana* a respeito da promessa do Cristo ao “bom ladrão”: *Ele respondeu: “Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no Paraíso”*. *Lucas* (23:43):

No paraíso¹¹

Ele respondeu-lhe: “Em verdade, te digo que hoje estarás comigo no Paraíso”. (Lucas, 23:43.)

À primeira vista, parece que Jesus se inclinou para o chamado bom ladrão, através da simpatia particular.

Mas, não é assim.

O Mestre, nessa lição do Calvário, renovou a definição de paraíso.

Noutra passagem, Ele mesmo asseverou que o Reino Divino não surge com aparências exteriores. Inicia-se, desenvolve-se e consolida-se, em resplendores eternos, no imo do coração.

Naquela hora de sacrifício culminante, o bom ladrão rendeu-se incondicionalmente a Jesus Cristo. O leitor do Evangelho não se informa, com respeito aos porfiados trabalhos e às responsabilidades novas que lhe pesariam nos ombros, de modo a cimentar a união com o Salvador, todavia, convence-se de que daquele momento em diante o ex-malfeitor penetrará o Céu.

O símbolo é formoso e profundo e dá ideia da infinita extensão da Divina Misericórdia.

Podemos apresentar-nos com volumosa bagagem de débitos do passado escuro ante a verdade, mas desde o instante em que nos rendemos aos desígnios do Senhor, aceitando sinceramente o dever da própria regeneração, avançamos para região espiritual diferente, onde todo jugo é suave e todo fardo é leve. Chegado a essa altura, o espírito endividado não permanecerá em falsa atitude beatífica, reconhecendo, acima de tudo, que, com Jesus, o sofrimento é retificação, e as cruzes são claridades imortais.

Eis o motivo pelo qual o bom ladrão, naquela mesma hora, ingressou nas excelsitudes do paraíso.

40.3 APÓS A MORTE DE JESUS. O SEPULTAMENTO (LC 23:50 A 56)¹²

⁴⁷O centurião, vendo o que acontecera, glorificava a Deus, dizendo: “Realmente, este homem era justo!” ⁴⁸E toda a multidão que havia acorrido para o espetáculo, vendo o que havia acontecido, voltou, batendo no peito.

⁴⁹Todos os seus amigos, bem como as mulheres que o haviam acompanhado desde a Galileia, permaneciam a distância, observando essas coisas.

⁵⁰Eis que havia um homem chamado José, membro do Conselho, homem bom e justo, ⁵¹que não concordara nem com o desígnio, nem com a ação deles. Era de Arimateia, cidade dos judeus, e esperava o Reino de Deus. ⁵²Indo procurar Pilatos, pediu o corpo de Jesus. ⁵³E, descendo-o, envolveu-o num lençol e colocou-o numa tumba talhada na pedra, onde ninguém ainda havia sido posto.

⁵⁴Era o dia da Preparação, e o sábado começava a luzir.

⁵⁵As mulheres, porém, que vieram da Galileia com Jesus, haviam seguido a José; observaram o túmulo e como o corpo de Jesus fora ali depositado.

⁵⁶Em seguida, voltaram e prepararam aromas e perfumes. E, no sábado, observaram o repouso prescrito.

O Evangelista *Lucas* faz alguns acréscimos relativos à morte e ao sepultamento de Jesus (em todo o capítulo 23), não encontrados nos demais evangelhos sinóticos, como informa o estudioso Russell Norman Champlin:

Este capítulo 23 do evangelho de *Lucas* segue, em termos bem gerais, o esboço da história da crucificação, apresentado em *Marcos* (o que Mateus também segue, embora mais de perto); todavia, há cerca de 40% de material diferente neste evangelho de *Lucas*. Parte dessa diferença deve-se a motivos editoriais. [...] Todavia, a maior parte dessa diferença, deve-se a outras fontes informativas, material esse que, de modo geral, tem-se designado pela sigla “L” [=Lucas].¹³

Destacamos em *Lucas*, 23:50 a 56, três ideias principais: a constatação do centurião e da multidão a respeito de Jesus; a presença das mulheres e de alguns amigos nos momentos finais; o sepultamento de Jesus por José de Arimateia, sendo auxiliado pelas mulheres que vieram da Galileia. Voltemos, então, aos comentários de Champlin a respeito dos acréscimos de *Lucas* que, como historiador notável, recorria a outras fontes na escritura do seu texto evangélico:

Lucas apresenta alguns pequenos pormenores sobre as atitudes da multidão, o que não é oferecido pelos demais evangelistas. Foi um espetáculo de aturdimentos, acompanhado de trevas estranhas, do desprazer da natureza, dos clamores de Jesus; e tudo isso exercia um estranho efeito sobre aquela multidão que ali chegara por mera curiosidade. Essa curiosidade transformou em horror, quando começaram a perceber algo do horrendo crime do qual haviam sido participantes. Por alguns momentos, seus pensamentos transcenderam sua sede de sangue; em sua mente passaram da zombaria para o horror, para o temor; e eles começaram a bater no próprio peito, assustados. Agora encontram-se em atitude inteiramente diferente daquela com que haviam ali chegado. Ouviam a própria consciência, que os acusava de um crime sem paralelo na história humana, e até mesmo o espírito humano mais forte necessariamente sente a vergonha e o ultraje de um feito perpetrado na paixão e no ódio mais desabrido. O assassinio do Messias fora um feito de intoxicação e aturdimento nacionais, após o que teria de seguir-se uma hora de despertamento. Lembavam-se de todo o bem que ele fizera, dos milagres que operara, das palavras grandiosas que proferira, e agora expressavam uma tristeza que só surgira tarde demais. [...].¹⁴

Infelizmente, o arrependimento é sempre tardio. É mais uma lição que aprendemos, sobretudo quando as nossas ações produzem infelicidade ao próximo.

Lucas não identifica as mulheres que ficaram próximas ao Cristo nos seus momentos finais e que auxiliaram José de Arimateia na preparação do corpo de Jesus para o sepultamento. *Mateus* (27:56), no entanto, cita o nome de algumas delas: “Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago [filho de Alfeu] e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu”. A presença feminina, ainda que discreta, é relatada pelos quatro evangelistas: elas eram seguidoras fieis do Cristo que acompanhavam e serviam ao Senhor desde a Galileia. Representaram o apoio silencioso, mas firme a Jesus, e, também, representaram as testemunhas oculares das tristes ocorrências.

No texto evangélico em estudo, *Lucas* (50 a 53) faz referência a um homem, bom e justo, chamado José que era da cidade de Arimateia e pede autorização a Pilatos para sepultar Jesus: *Eis que havia um homem chamado José, membro do Conselho, homem bom e justo, que não concordara nem com o desígnio, nem com a ação deles. Era de Arimateia, cidade dos judeus, e esperava o Reino de Deus. Indo procurar Pilatos, pediu o corpo de Jesus. E, descendo-o, envolveu-o num lençol e colocou-o numa tumba talhada na pedra, onde ninguém ainda havia sido posto.* Vemos, assim, que a bondade de José de Arimateia permitiu que, logo após a morte, o corpo de Jesus não ficasse exposto, mas que merecesse um sepulcro digno. Com a autorização de Pilatos, realizou-se o sepultamento, sob o testemunho e cuidados das mulheres seguidoras de Jesus:

José de Arimateia era um dos membros do Sinédrio que se tornou discípulo de Jesus. Depois que o Cristo foi crucificado, ajudou a tirar o seu corpo da cruz e permitiu que fosse sepultado num túmulo de sua propriedade. Todos os evangelhos mencionam o seu nome apenas uma vez, nas passagens referentes ao sepultamento de Jesus.

Ele era da cidade de Arimateia, na Judeia (Lc 23:51). Além de ser rico (Mt 27:57), era um membro influente do concílio de líderes judaicos (Mc 15:43); entretanto, desejava o Reino de Deus (Lc 23:43) e se opôs ao veredicto do Sinédrio contra Jesus. (Lc 23:51).¹⁵

Como os judeus devotavam muito respeito aos mortos, os funerais eram cercados de certos cuidados, rejeitando os dois extremos adotados por algumas culturas: repudiavam o indiferentismo dos gregos quanto ao destino e cuidados com o corpo do morto e adoração prevalente no Egito.¹⁶ Assim, “a lavagem e a preparação do corpo para o sepultamento era muito importante; consideravam-na uma demonstração de amor”.¹⁶ Contudo, com o passar dos séculos, os métodos de sepultamento foram sendo alterados, decorrentes de práticas culturais que foram sendo absorvidas, do que de uma legislação propriamente dita.¹⁶

Em termos do contexto histórico e considerando que algumas dessas práticas foram, posteriormente, incorporadas à cultura ocidental, destacamos os seguintes cerimoniais adotados nos funerais. Na era patriarcal, acredita-se que a caverna ou gruta de *Macpela* foi o túmulo do povo de Israel da Antiguidade, desde Abraão. Essa imensa gruta estaria localizada, hoje, em Hebron, onde se encontra construída a mesquita de *Haram-el-Khalil*. A tradição judaica aceita que Abraão e todos seus descendentes (Sara, Isaque, Rebeca, Lia entre outros) até Jacó foram sepultados ali.¹⁷

» **O embalsamamento**

A regra determinava que os mortos fossem enterrados em menor espaço de tempo possível (Dt 21:22-23). Contudo, houve exceções, como no caso de Jacó e José (Gn 50:26). Como os israelitas entendiam que o corpo tinha de seguir o curso natural das coisas e voltar ao pó, não achavam necessário embalsamá-lo. Essa prática não foi muito comum entre eles; a grande maioria dos corpos que foram exumados não tinha sido embalsamada. A causa mais provável deve ser o fato de a lei de Moisés os proibir de tocar em cadáveres (Nm 5:1-4). [...].¹⁸

» **Panos de linho e especiarias**

Quando os israelitas preparavam um corpo para o sepultamento, não tinham em mente a preservação dele. Mas desejavam que decompusse o mais lentamente possível. Envolviam-no em panos e colocavam junto grandes quantidades de perfumes e especiarias, para neutralizar os odores da decomposição. Além disso, ainda depositavam especiarias ao lado do corpo. Na antiguidade, era costume fazerem-se visitas periódicas ao túmulo, no primeiro ano após a morte. Talvez fosse por isso que colocavam tantos perfumes. A qualidade desses perfumes variava muito com as posses da família. O tipo de féretro [caixa ou caixão que enterram o morto], da caixa ossuária do túmulo, dos panos de linho, bem como o número de carpideiras [mulher contratada para chorar para um defunto alheio] e de músicos dependiam muito das condições financeiras. [...].¹⁹

» **O caixão**

Nos tempos antigos, não se empregavam caixões como os que conhecemos hoje. Eles utilizavam apenas caixas ossuárias, onde guardavam os ossos depois que o corpo se decompunha. Inicialmente colocavam o cadáver sobre uma laje, deixando ao lado dele muitos perfumes para neutralizar o mau cheiro. Depois que se encerrava o processo de decomposição, eles recolhiam os ossos e os guardavam em caixas, que então eram colocadas em um túmulo ou caverna. Muitos desses túmulos continham cada um diversas caixas. As caixas eram feitas de cerâmica [...].²⁰

Era costume, conforme a importância do morto, ocorrerem procissões ou féretro antes do sepultamento do morto. Neste caso, o defunto era conduzido em um andor ou plataforma de tábuas. As procissões eram barulhentas: as pessoas extravasavam as emoções, chorando alto, batendo no peito e até rasgavam as próprias roupas. Havia os pranteadores, as carpideiras e os músicos (que ficavam na retaguarda da procissão), inclusive cantores (que cantavam hinos e salmos religiosos).²¹

Jesus só mereceu um túmulo e um sepultamento dignos devido a atenção e bondade de dois membros do Sinédrio, José de Arimateia e de Nicodemos, além dos cuidados das mulheres, que jamais o abandonaram:

José de Arimateia e Nicodemos, os homens que se encarregaram do sepultamento de Jesus, eram abastados e providenciaram um sepultamento caro para o Messias. Eles colocaram junto ao seu corpo cerca de 35kg de mirra e aloés. Essa prática já vinha desde muito tempo. O rei Asa, por exemplo, ao ser sepultado, foi cercado de grande quantidade de perfumes e especiarias. (2Cr 16:14).²²

A despeito de Jesus ter sido tratado com desprezo pelo clero e autoridades político-administrativas, Amélia Rodrigues nos ensina, com bondade e sabedoria, quem é Jesus, o Guia e Modelo da humanidade terrestre:

Com Jesus, no entanto, uma singela estrebaria foi elevada a berço de luz para o seu primeiro contato com os homens.

Aguardado carinhosamente para a salvação de todos, deu a vida sem a tirar de qualquer daqueles que O esperavam.

Utilizando-se do incomparável espetáculo da Natureza em festa, iniciou o ministério acolitado por anjos, cercado por animais e pastores.

Voz alguma que à Sua jamais se equiparasse.

Amor nenhum igual ao Seu amor.

Rei da Terra, cujas fronteiras se perdem no sistema que a sustenta, foi o servo dos mais infelizes.

Em ocasião alguma acusou, perseguiu, gerou vítima...

Sem qualquer título de ostentação. Somente aceitou o de Mestre por ser, em verdade, Aquele que ultrapassou as dimensões do pensamento humano.

O único a saber a destinação que Lhe estava reservada em duas traves de madeira, até então símbolos da suprema humilhação, em forma de hediondo suplício.

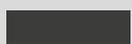
“Filho do Homem”, alçou todos os homens a Deus.

Transformou os abjetos madeiros da cruz na horizontalidade que recebe e afaga a Humanidade toda e na verticalidade com que a levanta na direção de Deus. [...].²³

REFERÊNCIAS

- 1 KEENER, Craig. *S. Comentário histórico-cultural da bíblia*. v. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo, SP: Vida Nova, 2017. it. 23:33, p. 284.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 23:33-38, p. 1.831.
- 3 FRANCO, Divaldo Pereira. *Celeiro de bênçãos*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 5. ed. Salvador, BA: LEAL, 1984. cap. 38, p. 120 e 121.
- 4 KEENER, Craig. *S. Comentário histórico-cultural da bíblia*. v. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo, SP: Vida Nova, 2017. it. 23:34, 23:35, 23:36 e 23:37, p. 284 e 285.
- 5 XAVIER, Francisco Cândido. *Alma e luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 7. ed. 1. imp. Araras, SP: IDE, 2018. cap. 19, p.130.
- 6 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 23:39-49, p. 1.831 e 1.832.
- 7 MAU LADRÃO. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mau_ladr%C3%A3o. Acesso em: 28 set. 2021.
- 8 Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Evangelho_%C3%81rabe_da_Inf%C3%A2ncia_de_Jesus
- 9 Disponível em: https://www.wikiwand.com/pt/Mau_ladr%C3%A3o
- 10 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 15, it. 15.
- 11 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 81.
- 12 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e ampl. 13. imp. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 23:50-56, p.1.832.
- 13 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. cap. 23, p. 286.
- 14 _____. _____. it. 23:48, p. 301.
- 15 GARDNER, Paul. (Editor). *Quem é quem na bíblia sagrada*. Trad. Josué Ribeiro. São Paulo, SP: Editora Vida, 2005. it.10, verbete: José de Arimateia, p. 384.

-
- 16 COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Trad. Miriam Talitha Lins. 2. ed. Curitiba, PR: Editora Betânia, 2017. cap. 23, it. Os funerais, p. 306.
- 17 _____. _____. it. O sepultamento na era patriarcal, p. 306.
- 18 _____. _____. it. O embalsamamento, p. 307.
- 19 _____. _____. it. Panos de linho e especiarias, p. 307 e 308.
- 20 _____. _____. it. O caixão, p. 308.
- 21 _____. _____. it. O Féretro e a Procissão, p. 309 e 310.
- 22 _____. _____. it. Panos de linho e especiarias, p. 308.
- 23 FRANCO, Divaldo Pereira. *Quando voltar a primavera*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. *Ante Jesus*, p. 21 e 22.



PARTE VII

Após a Ressurreição

O SEPULCRO VAZIO

A MENSAGEM DOS ANJOS. OS APÓSTOLOS RECUSAM O TESTEMUNHO DAS MULHERES. PEDRO JUNTO AO TÚMULO. OS DOIS DISCÍPULOS DE EMAÚS (LC 24:1 A 35)

O conhecido estudioso Russell Norman Champlin analisa o capítulo 24 de *Lucas*, transmitindo-nos algumas importantes informações, assim resumidas:

A maior parte do capítulo 24 do *Evangelho de Lucas* não tem paralelos nos demais evangelhos, pois parte do mesmo é de natureza editorial, enquanto outra parte depende de pequenas informações recolhidas por Lucas, durante as suas investigações sobre as questões que circundaram a vida, a morte e a ressurreição de Jesus; e outra parte, ainda, se deriva de uma tradição distinta da igreja primitiva, ou mesmo, de alguns indivíduos que, porventura, tenham sido testemunhas oculares desses acontecimentos. [...].¹

41.1 O SEPULCRO VAZIO. A MENSAGEM DOS ANJOS. OS APÓSTOLOS RECUSAM O TESTEMUNHO DAS MULHERES. PEDRO JUNTO AO TÚMULO (LC 24:1 A 12)

¹No primeiro dia da semana, muito cedo ainda, elas foram ao sepulcro, levando os aromas que tinham preparado. ²Encontraram a pedra do túmulo removida, ³mas, ao entrar, não encontraram o corpo do Senhor Jesus. ⁴E aconteceu que, estando perplexas com isso, dois homens se postaram diante delas, com veste fulgurante. ⁵Cheias de medo, inclinaram o rosto para o chão; eles, porém, disseram: “Por que procurais entre os mortos aquele que vive? ⁶Ele não está aqui; ressuscitou. Lembrai-vos de como vos falou, quando ainda estava na Galileia: ⁷É preciso que o Filho do Homem seja entregue às mãos dos pecadores, seja crucificado, e ressuscite ao terceiro dia”. ⁸E elas se lembraram de suas palavras. ⁹Ao voltarem do túmulo, anunciaram tudo isso aos Onze, bem como a todos os outros. ¹⁰Eram Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago. As outras mulheres que estavam com elas disseram-no também aos apóstolos; ¹¹essas palavras, porém, lhes pareceram desvario, e não lhes deram crédito.

¹²Pedro, contudo, levantou-se e correu ao túmulo. Inclinando-se, porém, viu apenas os lençóis. E voltou para casa, muito surpreso com o que acontecera.

Marcos e Lucas relatam de forma sucinta os acontecimentos do desaparecimento do corpo de Jesus do sepulcro, assim como a presença de Espíritos Superiores no local — assim entendido em razão das irradiações luminosas ou fulgurantes que eles emanavam de suas vestes. Na verdade, o sepulcro vazio é o primeiro sinal indicativo da ressurreição do Cristo, anunciada anteriormente por Ele em diferentes oportunidades, como registra *Lucas* (24:5 a 8): “Por que procurais entre os mortos aquele que vive? Ele não está aqui; ressuscitou. Lembrai-vos de como vos falou, quando ainda estava na Galileia: ‘É preciso que o Filho do *Homem* seja entregue às mãos dos pecadores, seja crucificado, e ressuscite ao terceiro dia.’ E elas se lembraram de suas palavras”.²

A partir daquele momento, Jesus iria aparecer aos discípulos, em diferentes circunstâncias, até o momento da despedida final, quando ascenderia aos Céus. Allan Kardec faz as seguintes considerações a respeito das aparições de Jesus:

Todos os evangelistas narram as aparições de Jesus, após sua morte, com detalhes circunstanciados que não permitem se duvide da sua realidade. Elas, aliás, se explicam perfeitamente pelas leis fluídicas e pelas propriedades do perispírito e não apresentam nada de anômalo em face do fenômeno do mesmo gênero, de que a História, antiga e moderna, oferece numerosos exemplos, sem lhes faltar sequer a tangibilidade. [...] Aparece inopinadamente e do mesmo modo desaparece; uns o veem, outros não, sob aparências que nem mesmo os seus discípulos o reconhecem; mostra-se em recintos fechados, onde um corpo carnal não poderia penetrar; sua própria linguagem não tem a vivacidade da de um ser corpóreo [...]. Sua presença causa simultaneamente surpresa e medo; ao vê-lo, seus discípulos não lhe falam com a mesma liberdade de antes; sentem que já não é um homem [corporal].

Jesus, portanto, se mostrou com o seu corpo perispírico, o que explica que só tenha sido visto pelos que Ele quis que o vissem. Se estivesse com o seu corpo carnal, todos o veriam, como quando estava vivo. Ignorando a causa primeira do fenômeno das aparições, seus discípulos não se davam conta dessas particularidades que, provavelmente, não lhes mereciam qualquer atenção. Já que viam o Mestre e o tocavam, para eles aquele era o corpo ressuscitado de Jesus. [...]³

Não resta dúvida de que o desaparecimento do corpo de Jesus do sepulcro surpreendeu os apóstolos e demais discípulos, sobretudo as mulheres — entre elas Maria Madalena, Joana (de Cusa, possivelmente) e Maria, mãe de Tiago (filho de Alfeu) — que prepararam o corpo de Jesus, após a

crucificação, e estiveram presentes no sepultamento. Se tal acontecimento ocorresse atualmente, também ficaríamos surpresos, mesmo dispondo do conhecimento espírita a respeito da vida após a morte do corpo físico. De qualquer forma, passada a surpresa e os temores iniciais, as comportas do coração daqueles devotados servidores abriram-se em manifestações de pura alegria ao rever o Mestre amado. Humberto de Campos comenta a respeito:

Foi então, quando, na manhã do terceiro dia, a ex-pecadora de Magdala se acercou do sepulcro com perfumes e flores. Queria, ainda uma vez, aromatizar aquelas mãos inertes e frias; queria, uma vez mais, contemplar o Mestre adorado, para cobri-lo com o pranto do seu amor purificado e ardoroso [...] [...]

Estupefata, por não encontrar o corpo, já se retirava entristecida, para dar ciência do que verificara aos companheiros, quando uma voz carinhosa e meiga exclamou brandamente aos seus ouvidos:

— Maria!...

Ela se supôs admoestada pelo jardineiro; mas, em breves instantes, reconhecia a voz inesquecível do Mestre e lhe contemplava o inolvidável sorriso. Quis atirar-se-lhe aos pés, beijar-lhe as mãos num suave transporte de afetos, como faziam nas pregações do Tiberíades; porém, com um gesto de soberana ternura, Jesus a afastou, esclarecendo:

— Não me toques, pois ainda não fui a meu Pai que está nos céus!...

Instintivamente, Madalena se ajoelhou e recebeu o olhar do Mestre, num transbordamento de lágrimas de inexcedível ventura. Era a promessa de Jesus que se cumpria. A realidade da ressurreição era a essência divina, que daria eternidade ao Cristianismo.

A mensagem da alegria ressoou, então, na comunidade inteira. Jesus ressuscitara! O Evangelho era a verdade imutável. Em todos os corações pairava uma divina embriaguez de luz e júbilos celestiais. Levantava-se a fé, renovava-se o amor, morrera a dúvida e reerguera-se o ânimo em todos os espíritos. Na amplitude da vibração amorosa, outros olhos puderam vê-lo e outros ouvidos lhe escutaram a voz dulçorosa e persuasiva, como nos dias gloriosos de Jerusalém ou de Cafarnaum. Desde essa hora, a família cristã se movimentou no mundo, para nunca mais esquecer o exemplo do Messias. A luz da ressurreição, através da fé ardente e do ardente amor de Maria Madalena, havia banhado de claridade imensa a estrada cristã, para todos os séculos terrestres.⁴

41.2 OS DOIS DISCÍPULOS DE EMAÚS (LC 24:13 A 35)⁵

¹³Eis que dois deles viajavam nesse mesmo dia para um povoado chamado Emaús, a sessenta estádios de Jerusalém; ¹⁴e conversavam sobre todos esses acontecimentos. ¹⁵Ora, enquanto conversavam e discutiam entre si,

o próprio Jesus aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles; ¹⁶seus olhos, porém, estavam impedidos de reconhecê-lo. ¹⁷Ele lhes disse: “Que palavras são essas que trocáis enquanto ides caminhando?” E eles pararam, com o rosto sombrio.

¹⁸Um deles, chamado Cléofas, lhe perguntou: “Tu és o único forasteiro em Jerusalém que ignora os fatos que nela aconteceram nestes dias?”

— ¹⁹“Quais?”, disse-lhes ele. Responderam: “O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obra e em palavra, diante de Deus e diante de todo o povo: ²⁰como nossos Sumos Sacerdotes e nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. ²¹Nós esperávamos que fosse ele quem redimiria Israel; mas, com tudo isso, faz três dias que todas essas coisas aconteceram! ²²É verdade que algumas mulheres, que são dos nossos, nos assustaram. Tendo ido muito cedo ao túmulo ²³e não tendo encontrado o corpo, voltaram dizendo que tinham tido uma visão de anjos a declararem que ele está vivo. ²⁴Alguns dos nossos foram ao túmulo e encontraram as coisas tais como as mulheres haviam dito; mas não o viram!”

²⁵Ele, então, lhes disse: “Insensatos e lentos de coração para crer em tudo o que os profetas anunciaram! ²⁶Não era preciso que o Cristo sofresse tudo isso e entrasse em sua glória?” ²⁷E, começando por Moisés e percorrendo todos os Profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito.

²⁸Aproximando-se do povoado para onde iam, Jesus simulou que ia mais adiante. ²⁹Eles, porém, insistiram, dizendo: “Permanece conosco, pois cai a tarde e o dia já declina.” Entrou então para ficar com eles. ³⁰E, uma vez à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, depois partiu-o e deu-o a eles. ³¹Então seus olhos se abriram e o reconheceram; ele, porém, ficou invisível diante deles. ³²E disseram um ao outro: “Não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?”

³³Naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram para Jerusalém. Acharam aí reunidos os Onze e seus companheiros, ³⁴que disseram: “É verdade! O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!” ³⁵E eles narraram os acontecimentos do caminho e como o haviam reconhecido na fração do pão.

O aparecimento de Jesus a dois discípulos na estrada de Emaús, após a ressurreição, não se resume a mais uma simples aparição do Cristo. O relato evangélico é portador de vários aprendizados, sobretudo o relacionado ao amor irrestrito de Jesus, como esclarece Amélia Rodrigues: “[...] Depois da crucificação, ressurrecto, por quarenta dias, Ele se demorou entre os companheiros, oferecendo Sua presença amorosa, a fim de que confiassem no ministério abraçado. A ausência O faz ressurgir em fulgurante presença”.⁶ A benfeitora complementa as suas ideias: “A presença de Jesus permanece na Terra, não obstante a onda avassaladora do materialismo e do utilitarismo humano, penetrando os corações e fortalecendo aqueles que se Lhe

vinculam, tornando os pigmeus, gigantes, e os escravos, homens livres interiormente”⁶

Segundo o registro de *Lucas*, dois discípulos, Cléopas (*Kleopatros*, do grego: “pai famoso”) e outro desconhecido, caminhavam de Jerusalém para Emaús (nome que literalmente significa “águas quentes”), uma cidade situada a 12 km para o norte. O estado de ânimo de ambos era péssimo: estavam tristes, amargurados, sempre recordando os acontecimentos da crucificação. Trazendo a alma em frangalhos, prestavam pouca atenção à realidade que os cercava, a ponto de não reconhecerem Jesus que deles se aproximou: “*seus olhos, porém, estavam impedidos de reconhecê-lo*” (Lc 24: 16), assinala o texto evangélico.

Emmanuel recorda e analisa o acontecimento, assim se expressando na mensagem que se segue:

O amigo oculto⁷

Mas os olhos deles estavam como que fechados, para que o não conhecessem. (Lucas, 24:16.)

Os discípulos, a caminho de Emaús, comentavam, amargurados, os acontecimentos terríveis do Calvário.

Permaneciam sob a tormenta da angústia. A dúvida penetrava-lhes a alma, levando-os ao abatimento, à negação.

Um homem desconhecido, porém, alcançou-os na estrada. Oferecia o aspecto de mísero peregrino. Sem identificar-se, esclareceu as verdades da Escritura, exaltou a cruz e o sofrimento.

Ambos os companheiros, que se haviam emaranhado no cipoal de contradições ingratas, experimentaram agradável bem-estar, ouvindo a argumentação confortadora.

Somente ao termo da viagem, em se sentindo fortalecidos no tépido ambiente da hospedaria, perceberam que o desconhecido era o Mestre.

Ainda existem aprendizes na “estrada simbólica de Emaús”, todos os dias. Atingem o Evangelho e espantam-se em face dos sacrifícios necessários à eterna iluminação espiritual. Não entendem o ambiente divino da cruz e procuram “paisagens mentais” distantes... Entretanto, chega sempre um desconhecido que caminha ao lado dos que vacilam e fogem. Tem a forma de um viandante incompreendido, de um companheiro inesperado, de um velho generoso, de uma criança tímida. Sua voz é diferente das outras, seus esclarecimentos mais firmes, seus apelos mais doces. Quem partilha, por um momento, do banquete da cruz, jamais poderá olvidá-lo. Muitas vezes, partirá mundo a fora, demorando-se nos trilhos escuros; no entanto, minuto virá em que Jesus, de maneira imprevista, busca esses viajores transviados e não os desampara enquanto não os contempla, seguros e livres, na hospedaria da confiança.

A Estrada de Emaús é um texto evangélico que merece reflexão aprofundada, sobretudo quando nos encontramos sob os açoites das provações existenciais: é especialmente nesses momentos que o Senhor mais se aproxima de todos nós, amparando-nos e fortalecendo a nossa alma sofredora.

Assim, após ouvi-los e captar-lhes as incertezas, Jesus restaurou-lhes o bom ânimo, elevou-os a outra posição emocional e vibracional ao esclarecer-lhes as dúvidas, consoante este alerta registrado por *Lucas* (24:25 a 27): *Ele, então, lhes disse: “Insensatos e lentos de coração para crer tudo o que os profetas anunciaram! Não era preciso que o Cristo sofresse tudo isso e entrasse em sua glória?”. E, começando por Moisés e percorrendo todos os Profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito.*

Após Jesus ter-lhes falado de forma incisiva, convocando os discípulos ao entendimento, a paz foi restabelecida, as nuvens de tristeza e amargura se dissiparam. A jornada terminara e, com ela, a certeza de que Jesus estivera com eles o dia inteiro, como relata *Lucas* (24:28 a 32): *Aproximando-se do povoado para onde iam, Jesus simulou que ia mais adiante. Eles, porém, insistiram, dizendo: “Permanece conosco, pois cai a tarde e o dia já declina”. Entrou então para ficar com eles. E, uma vez à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, depois partiu-o e deu-o a eles. Então seus olhos se abriram e o reconheceram; ele, porém, ficou invisível diante deles. E disseram um ao outro: “Não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?”.*

Somente quando Jesus abençoa o pão é que “os olhos dos discípulos se abriram”. Nesse momento, porém, Jesus desaparece, ficando invisível, fato que não deixa de ser surpreendente. É possível que o Mestre Nazareno tenha agido assim porque o seu trabalho de auxílio junto aos dois peregrinos da estrada de Emaús tinha sido concluído. Os discípulos, por sua vez, perplexos e felizes, retornam a Jerusalém, de imediato, a fim de anunciar aos demais o feliz encontro que tiveram com o Senhor: *Naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram para Jerusalém. Acharam aí reunidos os Onze e seus companheiros, que disseram: “É verdade! O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!” E eles narraram os acontecimentos do caminho e como o haviam reconhecido na fração do pão.* (Lc 24:33 a 35).

O reconhecimento da presença do Cristo é algo que precisamos aprender, pois o Senhor nos envia, continuamente, sinais. No caso dos dois peregrinos da estrada de Emaús, o reconhecimento chegou com o repartir do pão. Emmanuel destaca o significado do simbolismo que esse gesto de Jesus transmite:

Ao partir do pão⁸

E eles lhes contaram o que lhes acontecera no caminho, e como deles foi conhecido ao partir do pão.
(Lucas, 24:35.)

Muito importante o episódio em que o Mestre é reconhecido pelos discípulos que se dirigiam para Emaús, em desesperação.

Jesus seguira-os, qual amigo oculto, fixando-lhes a verdade no coração com as fórmulas verbais, carinhosas e doces.

Grande parte do caminho foi atravessada em companhia daquele homem, amoroso e sábio, que ambos interpretaram por generoso e simpático desconhecido e, somente ao partir do pão, reconhecem o Mestre muito amado.

Os dois aprendizes não conseguiram a identificação nem pelas palavras, nem pelo gesto afetuosos; contudo, tão logo surgiu o pão materializado, dissiparam todas as dúvidas e creram.

Não será o mesmo que vem ocorrendo no mundo há milênios? Compactas multidões de candidatos à fé se afastam do serviço divino, por não atingirem, depois de certa expectativa, as vantagens que aguardavam no imediatismo da luta humana.

Sem garantia financeira, sem caprichos satisfeitos, não comungam na crença renovadora, respeitável e fiel.

É necessário combater semelhante miopia da alma.

Louvado seja o Senhor por todas as lições e testemunhos que nos confere, mas continuarás muito longe da verdade se o procuras apenas na divisão dos bens fragmentários e perecíveis.

REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. O novo testamento interpretado versículo por versículo. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. cap. 24, p. 303.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed. rev. e ampl. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas, 24:1-12*, p.1.832.
- 3 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 15, it. 61.
- 4 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília, DF: FEB: 2020. cap. 22.
- 5 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores.

1. ed. 13. imp. Nova ed. rev. e ampl. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 24:13-35, p.1.833.
- 6 FRANCO, Divaldo Pereira. *Quando voltar a primavera*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 5, p. 39.
- 7 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 95.
- 8 _____. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 129.

JESUS APARECE AOS APÓSTOLOS

ÚLTIMAS INSTRUÇÕES AOS APÓSTOLOS. A ASCENSÃO (LC 24:36 A 53)

A conclusão do estudo do *Evangelho de Lucas*, consubstanciado em 24 capítulos, traz as seguintes informações, registradas pelo evangelista: a) aparecimento de Jesus aos apóstolos que lhes transmite as últimas instruções; b) as despedidas finais do Senhor e a sua Ascensão aos Céus. As aparições de Jesus, denominadas na história do Cristianismo como *Ressureição*, foram consideradas milagres pelas igrejas cristãs, uma vez que os seus dirigentes não sabiam explicar como Jesus, estando morto, apareceu de forma tão nítida aos discípulos, participou de reuniões e de refeições com eles — como consta no episódio da aparição a dois discípulos na estrada de Emaús.

O estudioso protestante, Russell Norman Champlin, defende a tese do corpo espiritual de Jesus, assim se expressando: “[...] A ressurreição restaura à personalidade humana um corpo espiritualizado, não material, provavelmente atômico em sua totalidade, embora perfeitamente real. Este corpo será o veículo da alma nas esferas espirituais”.¹ São ideias que fazem correlações com os princípios espíritas, como assinala Allan Kardec:

Jesus, portanto, se mostrou com o seu corpo perispírico, o que explica que só tenha sido visto pelos que Ele quis que o vissem. Se estivesse com o seu corpo carnal, todos o veriam, como quando estava vivo. Ignorando a causa primeira do fenómeno das aparições, seus discípulos não se davam conta dessas particularidades que, provavelmente, não lhes mereciam qualquer atenção. Já que viam o Mestre e o tocavam, para eles aquele era o corpo ressuscitado de Jesus.²

42.1 JESUS APARECE AOS APÓSTOLOS (LC 24:36 A 43)³

³⁶Falavam ainda, quando ele próprio se apresentou no meio deles e disse: “A paz esteja convosco!”³⁷Tomados de espanto e temor, imaginavam ver um espírito.

³⁸Mas ele disse: “Por que estais perturbados e por que surgem tais dúvidas em vossos corações? ³⁹Vede minhas mãos e meus pés: sou eu! Apalpai-me e

entendei que um espírito não tem carne, nem ossos, como estais vendo que eu tenho”.⁴⁰ Dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e os pés.⁴¹ E como, por causa da alegria, não podiam acreditar ainda e permaneciam surpresos, disse-lhes: “Tendes o que comer?”.⁴² Apresentaram-lhe um pedaço de peixe assado.⁴³ Tomou-o, então, e comeu-o diante deles.

Para a Doutrina Espírita, os aparecimentos de Jesus aos discípulos e apóstolos, em diferentes circunstâncias, após a morte e o sepultamento, são ocorrências naturais:

Ao passo que a incredulidade rejeita todos os fatos que Jesus produziu, por terem uma aparência sobrenatural, e os considera, sem exceção, lendários, o Espiritismo dá explicação natural à maior parte desses fatos. Prova a possibilidade deles, não só pela teoria das leis fluídicas, como pela identidade que apresentam com fatos análogos produzidos por uma multidão de pessoas, nas mais vulgares condições. Por serem, de certo modo, do domínio público, tais fatos nada provam, em princípio, com relação à natureza excepcional de Jesus.⁴

Ao refletir a respeito do assunto, Kardec pondera com muita sabedoria:

O maior milagre que Jesus operou, o que verdadeiramente atesta a sua superioridade, foi a revolução que seus ensinamentos produziram no mundo, apesar da exiguidade dos seus meios de ação. Com efeito, Jesus, obscuro, pobre, nascido na mais humilde condição, no seio de um povo pequenino, quase ignorado e sem preponderância política, artística ou literária, prega a sua doutrina apenas durante três anos; em todo esse curto espaço de tempo é desprezado e perseguido pelos seus concidadãos, caluniado, tratado de impostor; vê-se obrigado a fugir para não ser lapidado; é traído por um de seus apóstolos, renegado por outro, abandonado por todos no momento em que cai nas mãos de seus inimigos. Só fazia o bem, mas isso não o impedia de ser alvo da malevolência, que dos próprios serviços que Ele prestava tirava motivos para o acusar. Condenado ao suplício reservado aos criminosos, morre ignorado do mundo, visto que a História daquela época nada diz a seu respeito. [...] Nada escreveu; entretanto, ajudado por alguns homens tão obscuros quanto Ele, sua palavra bastou para regenerar o mundo; sua doutrina matou o paganismo onipotente e se tornou o farol da civilização. Tinha contra si tudo o que causa o malogro das obras dos homens, razão por que dizemos que o triunfo alcançado pela sua doutrina foi o maior dos seus milagres, provando, ao mesmo tempo, ser divina a sua missão. Se, em vez de princípios sociais e regeneradores, fundados sobre o futuro espiritual do homem, Ele só tivesse a oferecer à posteridade alguns fatos maravilhosos, talvez hoje mal o conhecêssemos de nome.⁵

O súbito aparecimento de Jesus aos apóstolos, quando eles se encontravam reunidos às portas fechadas, causou surpresa e apreensão, como consta em *Lucas* (24:36 a 42). Emmanuel esclarece a respeito:

Fé e paz⁶

E ele lhes disse: por que estais perturbados, e por que sobem tais pensamentos ao vosso coração? – JESUS (Lucas, 24:38.)

Para a inquirição do Senhor aos discípulos a quem demonstrava a sobrevivência, não encontraríamos realmente uma resposta aceitável, porque o abatimento e a perturbação quase sempre resultam da inconstância na fé.

O objetivo que atingiremos na senda evolutiva inclui, hoje ou amanhã, o domínio de nós mesmos, guardando-nos o coração tranquilo e imperturbável.

E, enquanto experimentamos o suor das tarefas que nos honram o “hoje”, é preciso aceitar de frente todas as circunstâncias, para que não desmereçamos o ideal superior que nos alimenta os sonhos.

Fenômenos infelizes ou sucessos amargos não nos devem toldar o clima de esperança.

Resguardados na fé que nos emoldura os passos, estejamos desassombrados e valorosos perante todas as ocorrências que nos envolvem as horas.

Perturbar-se é render-se à névoa da invigilância. Apavorar-se é cair sob o domínio das sombras.

Mantenhamos o coração sereno, firme e forte, em qualquer emergência escura, pois os minutos próximos são incógnitas constantes para o nosso raciocínio humilde e fragmentário.

Não nos deixemos abater ante as lutas da marcha.

Se trazemos conosco a fé, a paz ser-nos-á o escudo amigo e invulnerável.

Assim, que as aflições jamais nos amedrontem, porquanto, muitas vezes, qual sucedeu um dia aos amigos do Mestre, a surpresa que surge, a trazer-nos espanto, é somente a visita da mensagem do Céu em talentos de amor e tesouros de luz.

42.2 ÚLTIMAS INSTRUÇÕES AOS APÓSTOLOS (LC 24:44 A 49)⁷

⁴⁴Depois disse-lhes: “São estas as palavras que eu vos falei, quando ainda estava convosco: era preciso que se cumprisse tudo o que está escrito sobre mim na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos”. ⁴⁵Então abriu-lhes a mente para que entendessem as Escrituras, ⁴⁶e disse-lhes: “Assim está escrito que o Cristo devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, ⁴⁷e que, em seu Nome, fosse proclamado o arrependimento para a remissão dos pecados a todas as nações, a começar por Jerusalém. ⁴⁸Vós sois testemunhas disso. ⁴⁹Eis que eu vos enviarei sobre vós o que meu Pai prometeu. Por isso, permanecei na cidade até serdes revestidos da força do Alto”.

Nessa passagem evangélica, *Lucas* informa que depois de Jesus aparecer aos apóstolos e explicar-lhes por que foi necessário ter-se submetido a todos

os sofrimentos do Calvário e do Gólgota (crucificação) — cita, inclusive, algumas profecias das Escrituras —, Ele transmite-lhes as últimas instruções, relacionadas à importância do arrependimento na reparação dos erros (“pecados”) cometidos. As orientações finais de Jesus encontram nítidas explicações na Doutrina Espírita. Assim, recorremos a Kardec que, no livro *O céu e o inferno*, item Código penal da vida futura, explica claramente como reparar um erro cometido contra a Lei de Deus. O seguinte resumo apresenta as principais ideias a respeito do assunto:

- » **Item 4:** *Em virtude da lei do progresso que dá a toda alma a possibilidade de adquirir o bem que lhe falta, como de despojar-se do que tem de mau, conforme sua vontade e seus esforços, resulta que o futuro é aberto a todas as criaturas. [...].⁸*
- » **Item 6:** *O bem e o mal que fazemos resultam das qualidades que possuímos. [...] Se toda imperfeição é fonte de sofrimento, o Espírito deve sofrer não somente pelo mal que fez, como por todo o bem que poderia ter feito, mas não o fez na vida terrena.⁹*
- » **Item 7:** *O Espírito sofre pelo mal que fez, de maneira que, sendo a sua atenção constantemente dirigida para as consequências desse mal, melhor compreende os seus inconvenientes e trata de corrigir-se.¹⁰*
- » **Item 9:** *Toda falta cometida, todo mal realizado é uma dívida contraída que deverá ser paga; se não o for em uma existência, sê-lo-á na seguinte ou seguintes, porque todas as existências são solidárias entre si. [...].¹¹*
- » **Item 11:** *A expiação varia segundo a natureza e gravidade da falta, podendo, portanto, a mesma falta determinar expiações diversas, conforme as circunstâncias, atenuantes ou agravantes, nas quais foi cometida.¹²*
- » **Item 13:** *A duração do castigo está subordinada à melhoria do Espírito culpado. Nenhuma condenação por tempo determinado lhe é prescrita. O que Deus exige para pôr termo aos sofrimentos é um melhoramento sério, efetivo, sincero, de volta ao bem. Deste modo, o Espírito é sempre o árbitro da própria sorte, podendo prolongar os sofrimentos pela persistência no mal, ou suavizá-los e abreviá-los pela prática do bem. [...].¹³*
- » **Item 16:** *O arrependimento é o primeiro passo para a regeneração, mas não é suficiente, sendo necessárias ainda a expiação e a*

*reparação. Arrependimento, expiação e reparação são as três condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas consequências. O arrependimento suaviza as dores da expiação, abrindo pela esperança o caminho da reabilitação; só a reparação, contudo, pode anular o efeito destruindo-lhe a causa. Do contrário, o perdão seria uma graça, e não uma anulação das faltas cometidas.*¹⁴

- » **Item 17:** *O arrependimento pode dar-se por toda parte e em qualquer tempo; se for tardio, o culpado sofrerá por muito mais tempo.*

A expiação consiste nos sofrimentos físicos e morais que são a consequência da falta cometida, seja na vida atual, seja na Vida Espiritual após a morte, ou ainda em nova existência corpórea, até que os últimos vestígios da falta tenham desaparecido.

*A reparação consiste em fazer o bem a quem se havia feito o mal. Quem não repara os seus erros nesta vida, por fraqueza ou má vontade, achar-se-á numa existência posterior em contato com as mesmas pessoas a quem prejudicou, e em condições voluntariamente escolhidas, de modo a demonstrar-lhes o seu devotamento e fazer-lhes tanto bem quanto mal lhes tenha feito. Nem todas as faltas acarretam prejuízo direto e efetivo. Em tais casos a reparação se opera fazendo-se o que se deveria fazer e não foi feito; cumprindo os deveres desprezados, as missões não executadas; praticando o bem em compensação ao mal praticado, isto é, tornando-se humilde se foi orgulhoso, amável se foi austero, caridoso se foi egoísta, benevolente se foi perverso, laborioso se foi ocioso, útil se foi inútil, moderado se foi dissoluto, exemplar se foi mau etc. É assim que o Espírito progride, aproveitando-se do próprio passado.*¹⁵

É evidente de que Jesus, enquanto Emissário Divino, poderia ter impedido todos os acontecimentos do Julgamento, Calvário e Crucificação. Quis demonstrar dessa forma que a vivência do Bem deve ser exemplificada por meio de sacrifícios e renúncias, como ensinou no seu Evangelho. Porém, a prática das orientações evangélicas é significativo desafio existencial para a maioria dos habitantes do planeta, como explica Joanna de Ângelis: “A problemática da vivência evangélica dia a dia se nos afigura de profunda magnitude, exigindo de todos nós os mais acendrados esforços para materializar, através dos atos, as legítimas aspirações do nosso mundo mental”.¹⁶

A partir daquele inesquecível encontro com Jesus e as explicações transmitidas pelo Senhor, surgiu na mente dos apóstolos e discípulos sinceros o

entendimento espiritual a respeito do trabalho e propósitos do *Evangelho*. Fortificados e amparados pelo Senhor, perceberam que a vida prosseguiria, porém, sob novas diretrizes que, efetivamente, os transformariam em pessoas melhores. Mais tarde, perante os inúmeros testemunhos a que foram submetidos, puderam compreender, integralmente, o significado das palavras Mestre Nazareno, assim registradas por *Lucas* (24:48 e 49): “*Vós sois testemunhas disso. Eis que eu vos enviarei sobre vós o que meu Pai prometeu. Por isso, permanecei na cidade até serdes revestidos da força do Alto*”.

Emmanuel analisa com propriedade o verdadeiro significado da expressão: *Vós sois testemunhas disso*:

Aproveitemos¹⁷

E destas coisas sois vós testemunhas.” (Lucas,24:48.)

Jesus sempre aproveitou o mínimo para produzir o máximo.

Com três anos de apostolado acendeu luzes para milênios.

Congregando pequena assembleia de doze companheiros, renovou o mundo.

Com uma pregação na montanha inspirou milhões de almas para a vida eterna.

Converte a esmola de uma viúva em lição imperecível de solidariedade.

Corrigindo alguns espíritos perturbados, transforma o sistema judiciário da Terra, erigindo o “amai-vos uns aos outros” para a felicidade humana.

De cinco pães e dois peixes, retira o alimento para milhares de famintos.

Da ação de um Zaqueu bem-intencionado, traça programa edificante para os mordomos da fortuna material.

Da atitude de um fariseu orgulhoso, extrai a verdade que confunde os crentes menos sinceros.

Curando alguns doentes, institui a medicina espiritual para todos os centros da Terra. Faz dum grão de mostarda maravilhoso símbolo do Reino de Deus.

De uma dracma perdida, forma ensinamento inesquecível sobre o amor espiritual. De uma cruz grosseira, grava a maior lição de Divindade na História.

De tudo isso somos testemunhas em nossa condição de beneficiários. Em razão de nosso conhecimento, convém ouvirmos a própria consciência. Que fazemos das bagatelas de nosso caminho? Estaremos aproveitando nossas oportunidades para fazer algo de bom?

42.3 A ASCENSÃO (LC 24:50 A 53)¹⁸

⁵⁰Depois, levou-os até Betânia e, erguendo as mãos, abençoou-os. ⁵¹E enquanto os abençoava, distanciou-se deles e era elevado ao céu. ⁵²Eles ficaram prostrados diante dele, e depois voltaram a Jerusalém com grande alegria, ⁵³e estavam continuamente no Templo, louvando a Deus.

No texto de *Lucas*, Jesus subiu aos Céus em Betânia, uma cidade da Judeia (hoje pertencente à Cisjordânia ocupada), situada no Monte das Oliveiras, a três quilômetros de Jerusalém. Em *Mateus* (28:16), consta que Jesus, os apóstolos e discípulos encontravam-se em uma montanha da Galileia quando Ele ascendeu ao Céu. *Marcos* (16:16 a 19), por sua vez, informa que, após a reunião com os onze apóstolos, Jesus *foi arrebatado ao Céu* (Mc 16:19). *João* (21:1 a 23) relata que a última aparição de Jesus ocorreu às margens do lago de Tiberíades (Mar da Galileia), mas nada diz a respeito da Ascensão. De qualquer forma, fica a certeza de que Ele apareceu aos discípulos e aos apóstolos após a morte e, posteriormente, retornou à Casa do Pai, nos altiplanos Divinos, de onde protege a humanidade terrestre.

Ao encerramos os estudos do *Evangelho de Lucas*, endereçamos ao Mestre amado a nossa gratidão eterna, fazendo nossas as seguintes palavras de Joanna de Ângelis, que, para a nossa reflexão, recorda quem é Jesus, nosso Guia e Modelo. O nosso Messias Divino!

Jesus, o Homem excelente, chegou à Terra e defrontou a ignorância em domínio, trazendo a mensagem de amor que jamais fora apresentada antes na formulação de que Ele se fazia portador.

[...]

Jesus não foi o biótipo do legislador convencional. Ele não veio submeter a Humanidade nem se submeter às leis vigentes. Era portador de uma revolução que tem por base o amor na sua essencialidade mais excelente e sutil, e que adotado transforma os alicerces morais do indivíduo e da sociedade.

As do Seu tempo eram leis injustas e condenatórias, punitivas e impiedosas [...]. Mormente que as paixões da *sombra*, envolvente dos legisladores e seus tribunais, sempre preponderavam nas decisões criminosas, não merecedoras de reparação do que aquelas que pretendiam justificar.

A superioridade espiritual e moral de Jesus entendeu a necessidade, não a primazia desse código perverso, e submeteu-se, pois, que Ele viera também para dar exemplo dos postulados que recomendava, considerando respeitáveis os profetas e legisladores que estabeleceram nos seus respectivos períodos. Ele trazia uma nova versão da realidade, centrada no ser imortal, procedente do mundo espiritual e a ele volvendo, o que alterava a estrutura da justiça, que não mais deveria ser punitiva-destrutiva, mas educativa-reabilitadora.¹⁹

REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Norman Russel. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2014. cap. 24, it. 24:34, p. 316.

- 2 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 15, it. 61.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed. rev. e ampl. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 24:36:43, p. 1.833 e 1.834.
- 4 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 15. it. 62.
- 5 _____. _____. it. 63.
- 6 XAVIER, Francisco Cândido. *Fé e paz* [mensagem de Emmanuel]. *In: Reformador*. fev. 1958, p. 43. FEB Editora.
- 7 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed. rev. e ampl. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 24:44-49, p.1.834.
- 8 KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. 1ª pt., cap. 7, it. Código penal da vida futura, 4º código.
- 9 _____. _____. 6º código.
- 10 _____. _____. 7º código.
- 11 _____. _____. 9º código.
- 12 _____. _____. 11º código.
- 13 _____. _____. 13º código.
- 14 _____. _____. 16º código.
- 15 _____. _____. 17º código.
- 16 FRANCO, Divaldo Pereira. *Lampadário espírita*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 9. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 51.
- 17 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 161.
- 18 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed. rev. e ampl. São Paulo, SP: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Lucas*, 24:50-53, p.1.834.
- 19 FRANCO, Divaldo Pereira. *Jesus e o Evangelho: à luz da psicologia profunda*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 1. ed. Salvador, BA: LEAL, 2000. cap. *Soberanas leis*, p. 17 e 18.



www.febeditora.com.br

© /febeditora f /febeditoraoficial ✉ /febeditora

Conselho Editorial:

Jorge Godinho Barreto Nery – Presidente
Geraldo Campetti Sobrinho – Coord. Editorial
Cirne Ferreira de Araújo
Evandro Noletto Bezerra
Maria de Lourdes Pereira de Oliveira
Marta Antunes de Oliveira de Moura
Miriam Lúcia Herrera Masotti Dusi

Produção Editorial:

Elizabete de Jesus Moreira

Revisão:

Jorge Leite de Oliveira
Manoel Craveiro
Mônica Santos

Capa:

Thiago Pereira Campos

Projeto gráfico e diagramação:

Rones José Silvano de Lima – instagram.com/bookebooks_designer

Normalização técnica

Biblioteca de Obras Raras e Documentos Patrimoniais do Livro

Esta edição foi impressa pela Cidade Gráfica e Editora Ltda., Brasília, DF, com tiragem de 1,5 mil exemplares, todos em formato fechado de 170x250 mm e com mancha de 124x204 mm. Os papéis utilizados foram o Offset 75 g/m² para o miolo e o Cartão 250 g/m² para a capa. O texto principal foi composto em Minion Pro 12/15 e os títulos em Zurich Lt BT Light 22/26,4. Impresso no Brasil. *Presita en Brazilo.*